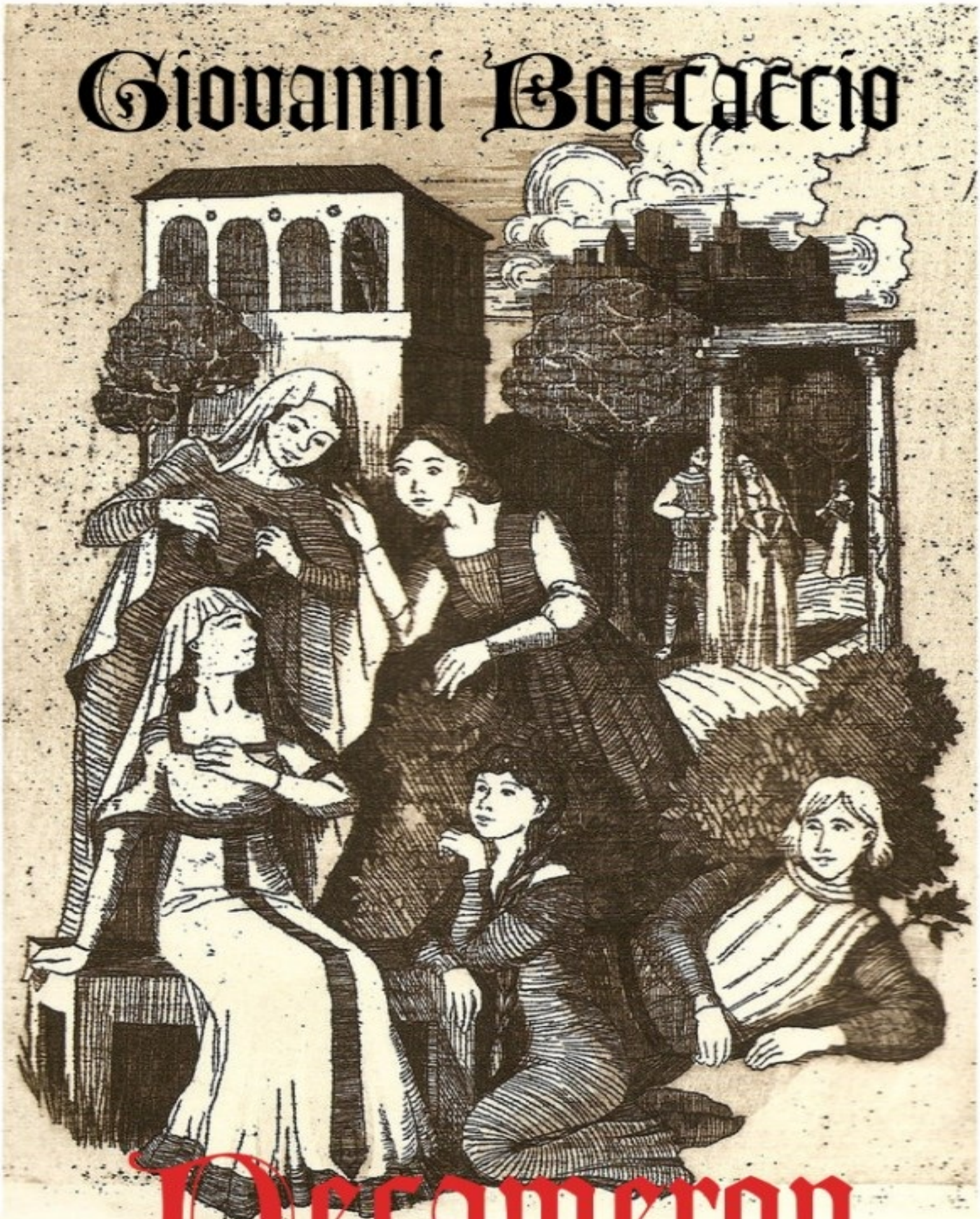
Giovanni Boccaccio



Decameron

GIOVANNI BOCCACCIO

DECAMERON

Tradução de IVONE C. BENEDETTI

Introdução de CARLOS BERRIEL

L&PM EDITORES

INTRODUÇÃO

Carlos Berriel[1]

Enquanto a cidade de Florença explode em degradação física e moral causada pela peste negra, dez jovens retiram-se para uma vila distante onde, entre prazeres amenos e poesia, praticam a alta moralidade. Como centro de suas atividades, contam dez histórias diariamente, durante dez dias. Toda a vida humana, com seus desencontros, sentimentos, morte e superação, é ali narrada, como num afresco. Vai-se da degradação à elevação. Nada do que é humano lhe é estranho. Um novo mundo nasce, e uma nova vida. Este é o *Decameron*, o livro que você vai ler.

***

Seu autor é Giovanni Boccaccio, que formou, ao lado de Dante Alighieri e Francesco Petrarca, o maior terceto da literatura italiana. Durante o período chamado *Trecento* florentino (o século XIV literário), esse grupo tão reduzido numericamente colocou a literatura italiana numa posição dominante sobre todas as demais, e criou as letras modernas. Mais ainda, ele criou as bases intelectuais do mundo moderno. Coube a Giovanni Boccaccio, entre eles, ser o iniciador da moderna prosa de ficção.

COMEÇOS DE VIDA

Quando Boccaccio nasceu, em 1313, Dante Alighieri, apesar de exilado desde 1300, já dominava a cultura de Florença, a cidade que foi o berço do Renascimento. Dedicando-se à composição da *Divina Comédia*, Dante só a terminaria no ano de sua morte (1321).

O local de nascimento de Boccaccio já foi envolto em dúvida, pois uma lenda dizia que nascera em Paris, filho de uma alta dama, ou mesmo da filha de um rei. Hoje se sabe com segurança que nasceu em Certaldo, pequena cidade toscana próxima a Florença. Essa lendária origem parisiense talvez se deva ao grande prestígio da literatura francesa na época, antes da ascensão da própria corrente florentina, o *dolce stil nuovo*, cujo maior nome foi o de Dante. O *dolce stil nuovo* foi na verdade o sucessor da poesia trovadoresca, e deriva dessa. A principal diferença entre os períodos reside na concepção de amor, regida na escola florentina por princípios de gentileza burguesa, uma qualidade do espírito não

transmissível pela linhagem nobre, mas sim pela virtude individual.

Sabe-se que Giovanni nasceu fora do matrimônio, e que seu pai, Boccaccio di Chellino, era um abastado mercador; já a identidade de sua mãe permanece desconhecida. Boccaccio portanto pertenceu por origem àquela notável burguesia mercantil e manufatureira que pioneiramente implantou as normas plebeias e capitalistas tanto no governo de sua pólis quanto nas relações humanas. Foi ela que criou o Renascimento enquanto cultura, sensibilidade e visão de mundo, mundo este que moldou à sua imagem e semelhança. A origem de Boccaccio está nos mercadores florentinos, e seu primeiro idioma é o *volgare* toscano.

Seu pai, após casar-se em 1319 com uma parenta da família Portinari (a Beatriz de Dante era casada com um Portinari), reconheceu oficialmente o filho e o levou para casa. Giovanni nunca se deu bem com o pai, pois era avesso às suas atitudes mesquinhas típicas de mercador. Sua inclinação para a poesia apareceu desde muito cedo, e já aos seis anos de idade o menino possuía algum domínio da leitura e da escrita. Na adolescência voltou-se para o estudo do latim, que veio a dominar como mestre.

O pai queria colocá-lo em uma posição dentro do mundo do comércio e das finanças – pelo qual o jovem Giovanni tinha aversão –, e para isso o envia a Nápoles quando apenas completa doze anos. Nessa cidade a burguesia florentina havia implantado uma grande praça bancária e mercantil, e o Banco Bardi, do qual seu pai era funcionário, praticamente controlava os negócios desse reino.[2] Lá, o adolescente Giovanni desperdiça seis de seus melhores anos na vã tentativa de servir ao dinheiro. Aos dezoito anos, em 1331, começa a estudar direito canônico, mas igualmente despido de entusiasmo.

A CORTE DE NÁPOLES

Esses, porém, não lhe foram anos desperdiçados para as coisas do espírito, pois foi assíduo frequentador da corte de Nápoles, nessa época uma das mais brilhantes de toda a Europa. Nápoles era a síntese do mundo mediterrânico, e sua corte, onde reinava a dinastia d'Anjou, um ponto de encontro único da alta civilização ítalo-francesa com a cultura árabe e bizantina. Giovanni estava favorecido pela fortuna, pois nesse ambiente encontrou tudo de mais favorável às suas inclinações espirituais, e uma experiência humana e social sensível à herança cultural da Antiguidade greco-latina. Sua natural inclinação pela poesia e pela antiga sapiência é atendida, e pode ler os poetas desse mundo submerso

cuja lembrança renascia: Virgílio, Ovídio e Estácio.

Reinava Roberto d'Anjou, um grande mecenas. Essa corte do Mediterrâneo, ensolarada, alegre, culta, refinada, era um ambiente aristocrático que amava a arte e a beleza e que revelou ao jovem florentino um ideal de vida que ele manteria para sempre. Sob essa influência dedica todas as suas energias ao estudo das Letras, orientado e guiado pelos maiores eruditos desse círculo.

Foi lá que conheceu uma personalidade intelectual que exerceu uma influência marcante sobre seu espírito: Barlaam de Seminara, com quem inicia seus estudos de grego. Nascido Bernardo Massari (Seminara, 1290-Avignon, 1348), Barlaam foi um monge bizantino, matemático, filósofo, teólogo e estudioso da música.

Lembremos o momento histórico: esses acontecimentos se davam durante o declínio agônico do Império Bizantino, o sistema político que substituiu o Império Romano do Oriente. Cristão ortodoxo, tendo o grego como língua comum, esse Império, que fora grandioso no passado, estava no seu fim, assediado pelo avanço dos turcos otomanos. Uma aliança política e militar com o Ocidente – leia-se a reunificação da Igreja Bizantina com a Igreja Católica – era a última alternativa de resistência.

Em 1333, quando Boccaccio tinha vinte anos, essa questão aparece com grande força justamente em Nápoles, ponto de encontro dessas civilizações. Sobre Barlaam, um dos mais convictos defensores da unidade entre as igrejas do Oriente e do Ocidente, recaiu a função de defender os interesses e razões dos orientais junto aos católicos. Foi quando, para melhor defender a proposta dessa fusão, apresentou duras críticas a uma prática ascética muito difundida em Constantinopla no século XIV, o hesicasmo, que exercia forte influência sobre o trono de Bizâncio. Pior, os hesicastas eram contrários à aliança com os católicos, e mesmo indiferentes às coisas do mundo. A palavra vem do grego e significa paz interior e ausência de preocupações, e seus adeptos praticavam a *onfaloscopia*, ou seja, a observação do umbigo enquanto recitavam uma mesma oração. Tal tendência dividia os chefes religiosos desse império teocrático, contribuindo para enfraquecê-lo na luta contra os turcos.

Em 1339 Barlaam fora enviado pelo imperador Andrônico III em missão diplomática a Nápoles, Avignon (sede da Igreja Católica na época) e Paris para uma cruzada contra os turcos quando tal debate, sempre violento, culminou em um concílio geral em 1341 no qual Barlaam, que estava em Nápoles, foi derrotado e condenado a desistir de suas posições. A ideia de fusão entre as igrejas naufraga, e os otomanos saberão se aproveitar do fato, tomando

Constantinopla um século mais tarde.

Barlaam havia construído relações e uma rede de amizades que o acolheu no momento em que, depois daquela decisão conciliar, ele decidiu abandonar Bizâncio e aderir à igreja do Ocidente. Foi quando Boccaccio o conheceu. Desse contato Boccaccio guardou, indelével, a marca do idioma e da cultura clássica grega, além de um sentimento de profunda aversão pelas formas de religiosidade que são nocivas à vida e ao espírito, e de como o poder clerical pode ser estúpido. Tal sentimento está presente na composição do *Decameron*, e é parte de seus motivos.

Em 1342 Barlaam deixa Nápoles em direção a Avignon, onde conhece Petrarca, que ensinou-lhe grego e filosofia e foi uma grande influência sobre seu espírito, sendo, portanto, um decisivo personagem do início do Renascimento.

FIAMMETTA

Estando em Nápoles havia oito anos, numa manhã em 1331, na igreja de San Lorenzo, Boccaccio encontra uma dama que invadirá seu coração e sua mente, e será a sublimação das suas experiências de amor juvenil. Esse encontro, descrito no *Filocolo* (obra que contém as numerosas e intensas aventuras amorosas da sua primeira juventude), guarda muita semelhança com o encontro de Dante com Beatriz narrado em *Vita nuova*. Ela é a mulher que será imortalizada sob o nome fictício de Fiammetta, por quem ele se apaixona perdidamente, de quem louva a beleza com sonetos e canções, e ela, ao contrário de Beatriz e de Laura (a musa de Petrarca), lhe concede seus favores. O jovem de modesta origem orgulha-se da conquista, pois Fiammetta era Maria di Aquino, uma dama de alta linhagem, filha natural (ela também!) do rei Roberto, que no entanto já era casada com um nobre napolitano. Restam muitas dúvidas sobre a real identidade dessa dama, pois inexistem provas documentais de sua existência. Fiammetta, seja quem for, abre-lhe as portas da corte de Nápoles, onde ele obtém admiração e atenção para sua poesia. Entusiasmado e apoiado, Boccaccio compõe as suas primeiras obras literárias: *Filocolo* (1338), *Filostrato* (1335), *Teseida* (1341), *Caccia di Diana* (1338) e *Rime*.

O seu amor será correspondido nos primeiros tempos, tornando-o muito feliz, mas chegará ao fim por iniciativa dela. Essa ruptura foi para ele fonte de perpétua angústia. A razão não é bem conhecida: ela talvez tenha cedido à dissolução dos costumes e da moral daquele momento, ou, ao contrário, tenha sido obrigada a uma atitude mais decorosa com o jovem poeta. De qualquer

forma Fiammetta estará sempre nas obras e no espírito de Boccaccio, inclusive na forma de uma reconhecida influência literária dos seus dois grandes mestres, todos florentinos, Dante e Petrarca.

Podemos dizer que o período napolitano de Boccaccio na corte d'Anjou, entre os anos de 1331 e 1340, foi decisivo para a sua formação cultural, social e espiritual. Mas tal período dourado chegou ao fim. O Banco Bardi, ao qual seu pai era vinculado, entra em grave crise e é obrigado a se retirar de Nápoles. Caído na pobreza, seu pai o chama de volta a Florença. Em 1340, com grande dor, Giovanni deve abandonar Nápoles.

Essa situação não lhe aparece como um retorno às origens, mas sim como um exílio, um abandono do lugar onde cresceu e encontrou o seu destino na vida, como uma perda dos afetos construídos. Tentará o retorno algumas vezes, mas a terra de sua nostalgia nunca mais será sua.

Retorno a Florença

Em 1341, depois de dezesseis anos da rica experiência em Nápoles, ei-lo novamente em Florença. Nesse novo ambiente continua a sua trajetória literária, compondo em *volgare*, isto é, na rica linguagem do povo que Dante empregara na *Divina Comédia*, obras como *Ninfale d'Ameto* ou *Commedia delle Ninfe fiorentine* (1342), *Elegia di madonna Fiammetta* (1344), *Amorosa Visione*, *Ninfale Fiesolano* (1346) e a *Commedia delle Ninfe*.

Sua fama de literato começa a ganhar vulto, e ele, agora integrado, se afeiçoa cada vez mais à sua cidade natal. Realiza algumas viagens, quando conhece vários latinistas e humanistas. Em 1347 faz seu primeiro retorno a Nápoles, mas não encontra Fiammetta, e a cidade já não o acolhe como antes.

Voltando a Florença em 1348, encontra o mundo desabando: é o ano da peste negra.

Na sua fúria, o flagelo, originário do Oriente, matou um terço da população da Europa, e talvez um quinto dos habitantes de Florença. Muitos dos parentes e amigos de Boccaccio são colhidos pela doença, entre os quais o seu pai.

Boccaccio será o mais importante cronista da terrível pestilência, descrita de forma contundente justamente nas páginas do *Decameron*:

"Maior era o espetáculo da miséria da gente miúda e, talvez, em grande parte da mediana; pois essas pessoas, retidas em casa pela esperança ou pela pobreza, permanecendo na vizinhança, adoeciam aos milhares; e, não sendo servidas nem ajudadas por coisa alguma, morriam todas quase sem nenhuma redenção. Várias

expiravam na via pública, de dia ou de noite; muitas outras, que expiravam em casa, os vizinhos percebiam que estavam mortas mais pelo fedor do corpo em decomposição do que por outros meios; e tudo se enchia destes e de outros que morriam por toda parte. Os vizinhos, em geral, movidos tanto pelo temor de que a decomposição dos corpos os afetasse quanto pela caridade que tinham pelos falecidos, observavam um mesmo costume. Sozinhos ou com a ajuda de carregadores, quando podiam contar com estes, tiravam os finados de suas respectivas casas e os punham diante da porta, onde, sobretudo pelas manhãs, um sem-número deles podia ser visto por quem quer que passasse; então, providenciavam ataúdes e os carregavam (alguns corpos, por falta de ataúdes, foram carregados sobre tábuas). Um mesmo ataúde podia carregar dois ou três mortos juntos, e isso não ocorreu só uma vez, mas seria possível enumerar vários que continham marido e mulher, dois ou três irmãos, pai e filho, e assim por diante. E foram inúmeras as vezes em que, indo dois padres com uma cruz para alguém, três ou quatro ataúdes, levados por carregadores, se puseram atrás dela: e os padres, acreditando que tinham um morto para sepultar, na verdade tinham seis, oito e às vezes mais. E tampouco eram estes honrados por lágrimas, círios ou séquito; ao contrário, a coisa chegara a tal ponto que quem morria não recebia cuidados diferentes dos que hoje seriam dispensados às cabras; porque ficou bastante claro que, se o curso natural das coisas, com pequenos e raros danos, não pudera mostrar aos sábios o que devia ser suportado com paciência, a enormidade dos males conseguiu tornar mais sagazes e resignados até mesmo os ignorantes. Não sendo bastante o solo sagrado para sepultar a grande quantidade de corpos que chegavam carregados às igrejas a cada dia e quase a cada hora [...], abriam-se nos cemitérios das igrejas, depois que todos os lugares ficassem ocupados, enormes valas nas quais os corpos que chegavam eram postos às centenas: eram eles empilhados em camadas, tal como a mercadoria na estiva dos navios, e cada camada era coberta com pouca terra até que a vala se enchesse até a borda.”

“[...] foi tamanha a crueldade do céu, e talvez em parte dos homens, que se tem por certo que do mês de março a julho [...] mais de cem mil criaturas humanas perderam a vida dentro dos muros da cidade de Florença, e que talvez, antes dessa mortandade, não se imaginasse que lá haveria tanta gente assim? Oh, quantos grandes palácios, quantas belas casas, quantas nobres moradas, antes cheios de criados, senhores e senhoras, esvaziaram-se de todos, até o mais ínfimo serviçal! Oh, quantas memoráveis linhagens, quantas grandes heranças, quantas famosas riquezas ficaram sem seus devidos sucessores! Quantos homens

valorosos, quantas belas mulheres, quantos jovens airosos, que ninguém mais que Galeno, Hipócrates ou Esculápio teriam considerado saudabilíssimos, pela manhã comeram com familiares, companheiros e amigos, e à noite cearam no outro mundo com seus antepassados!”

Mas tudo passa sobre a Terra, mesmo a peste negra, e a vida deve continuar o seu rumo.

Florença luta para reerguer-se, e Boccaccio a abraça e passa a amá-la como sua pátria. Reconhecido, recebe frequentes encargos diplomáticos, que cumpre com grande honra. Alguns desses trabalhos permitem-lhe enfrentar a sua difícil situação econômica, enquanto outros lhe são extremamente gratos, como ir a Ravena entregar dez florins de ouro a Beatriz, filha já órfã de Dante Alighieri, doados pelos mercadores florentinos como sinal de reconciliação com a sombra do sumo poeta a quem haviam exilado.

Enquanto isso, desde 1348 Boccaccio estava escrevendo *Decameron,* e suas primeiras três jornadas foram divulgadas antes mesmo da conclusão final.

Em 1353 finalmente, aos quarenta anos, alcança com a sua obra-prima a maturidade artística e a culminância da carreira literária.

O *DECAMERON*: ESTRUTURA E SIGNIFICADO

Decamerone é uma palavra que tem origem no grego: *deca* = dez, e *emerai* = dias. Há nele também uma referência ao *Heptameron*, obra de Santo Ambrósio que conta a criação do mundo em sete dias. Assim como a *Divina Comédia* é composta por cem cantos, o *Decameron* possui cem novelas, unidas por um sistema de molduras literárias e escritas em dialeto toscano. Já foi dito que essa obra é uma épica dos mercadores.

Eis o plano arquitetônico da obra: em Florença, durante a peste negra de 1348, dez jovens se encontram – um encontro governado pelo acaso – na igreja de Santa Maria Novella. São sete moças e três rapazes que, para fugir da pestilência e do embrutecimento decorrente na vida na cidade, decidem retirar-se para uma *villa* nas vizinhas montanhas de Fiésole, para lá então, em amena convivência, num jardim que remete à filosofia de Epicuro, passar os dias entre cantos e danças, e a contar histórias: as *novelas*.

A cada dia é eleito o rei ou rainha da jornada, a quem cabe indicar o tema que deve ser tratado nas narrativas. Também a cada dia há a permissão para que uma das novelas cumpra um assunto livre. Em dois dias da semana a atividade é suspensa por respeito à religião: a sexta-feira, dia da paixão de Cristo, e o

sábado. Além disso, a primeira e a nona jornadas não estão ligadas a um tema, e Dioneo, um dos três rapazes, pode escolher livremente o tema de sua novela. A estação em Fiésole dura duas semanas, e são dez os dias dedicados às narrativas. Boccaccio constrói um microcosmo, refletindo no âmbito das cem novelas todos os aspectos da vida humana, em todos os níveis sociais.

A narrativa é dedicada à doçura e ao prazer, mas tem um "*orrido cominciamento*", isto é, principia com a descrição do horror da peste negra devorando a cidade de Florença. A doença subverte a ordem moral e civil, anula a autoridade da lei, quebra todas as barreiras e defesas, invadindo e dissolvendo todos os ambientes sociais; os sobreviventes são vítimas do "pavor e imaginação" que arruínam todos os costumes e todos os hábitos. Não se respeitam mais as diferenças de classes sociais, e explodem todas as reservas ditadas comumente pelo pudor e pela conveniência.

Boccaccio classifica com método as principais formas de conduta que se estabelecem na crise: alguns escolhiam a luxúria desenfreada, entregando-se sem reservas à bebida e aos prazeres elementares; outros se recolhiam em grupos de oração, com práticas igualmente extremadas de autopunição; muitos ainda ficavam entre estes extremos. Outros, como os narradores da obra, rompem os vínculos com este mundo já perdido.

Não há uma escatologia intrínseca ao texto, mas, ao contrário, a peste é descrita com objetividade e racionalidade, indicando que o fato pertence mais ao mundo do homem e da natureza do que à esfera do pecado e do castigo divino. Em Boccaccio a peste e a iminência da morte não levam à contrição medieval, mas conduzem a uma concepção inteiramente laica da vida, em que o sagrado, embora existindo, não se preocupa com as vicissitudes humanas, tal como nas filosofias éticas antigas, como o epicurismo e o estoicismo. Isto é o Renascimento.

O modo como a narrativa se estrutura conduz à restauração da ordem em novos termos: é, em si, uma resposta ao caos que a peste trouxe para a cidade. A vida do grupo dos narradores, por ser voltada para o prazer elevado ou, o que dá no mesmo, à privação da dor, torna-se uma coexistência conveniente e honesta, a imagem ideal de uma renovada forma de vida civil. As relações no interior do grupo são radicalmente decorosas, apesar da matéria erótica presente em muitas novelas. O mundo deles não está em ruínas, não é um carnaval macabro, mas um conjunto estilizado e bem composto.

Alguém poderia censurar nas personagens a indiferença pelo sofrimento dos que permanecem na cidade. No entanto, pelo que a narrativa nos diz, a

moralidade dos que lá ficavam e morriam estava dissolvida pelo modo como abandonavam parentes e amigos à morte e, desesperados de salvação, se entregavam à dissolução dos prazeres mundanos.

As duas molduras

Seria errôneo ver esta obra como um feixe aleatório de dez dezenas de histórias. A organizá-las dentro de uma estrutura unitária existem duas *molduras* que criam e lhe dão um sentido rigoroso.

Tais molduras são:

1) *As mulheres que amam*, a quem Boccaccio dedica a obra, sendo o símbolo de uma nova visão da vida.

2) *A peste*, que funciona como o enquadramento apocalíptico de duas realidades:

a) aquela das dez personagens bocaccianas;

b) aquela das novelas por eles narradas.

A peste negra, usada como moldura, indiretamente explica e justifica o conteúdo e dá a forma naturalística das novelas, absolvendo protagonistas e narradores de qualquer suspeita de obscenidade. Mostra também um momento no qual as diferenças sociais, os vínculos mais sagrados, o sentido daquela moralidade que haviam sido o suporte da moralidade medieval estão se dissolvendo para dar lugar a um significado novo da vida.

As histórias não estão dispostas de forma casual, mas há um sentido profundo atribuído pelas molduras. O conjunto principia num mundo em caos, e gradativamente eleva-se a um domínio da vida com sabedoria e serenidade.

A coerência da estrutura literária

O *Decameron* se caracteriza, sobretudo com relação à produção anterior, pela disposição narrativa: a matéria amorosa está largamente presente, mas representa um entre tantos outros temas dentro da obra. O conjunto aparece como um grandioso afresco, no qual há lugar para os personagens das extrações sociais mais variadas, num quadro geográfico muito largo, para os acontecimentos trágicos e para a comédia, e tudo através dos mais diferentes registros estilísticos. Com a novela toscana, criada por Boccaccio, surge um novo gênero literário, cuja codificação concreta está no *Decameron*, e no qual o autor unificou uma extraordinária gama de gêneros narrativos ou didáticos mais antigos, como o *fabliau* medieval, a lenda, o milagre, a casuística de amor dos

tratados e da lírica cortesã, as crônicas e as anedotas florentinas. A novela boccacciana criou algo literariamente novo com relação a essas formas anteriores, estabelecendo uma estrutura temporal realista no quadro das ações. Além disso, as situações narradas passaram a contar com uma norma de comportamento não mais fixo como antes, mas problemático como os novos tempos. Anteriormente unidimensionais, as personagens passaram a ser pluridimensionais. Se antes as ações eram apresentadas como típicas, agora passaram a ser representadas como caso único, fixado com precisão quanto ao tempo e ao lugar. Se as situações antes apareciam como determinadas por uma fatalidade transcendente, em que os homens sucumbiam aos desígnios divinos, surge agora a afirmação da autonomia do homem como autor de si mesmo. Há a aceitação da vida como sujeita ao acaso repentino, à circunstância inesperada, e não como algo cujo fim já está predeterminado por uma lógica eterna e imutável.

Boccaccio aplicou à obra um registro realista na forma da ausência de finalidades morais ou edificantes, rompendo assim com a tradição narrativa do *exemplum*, ou mesmo da poesia de Dante; o *Decameron* é um exame livre e leigo do jogo de forças que preside as ações humanas. Nele, o amor, visto como uma das forças que governam a vida dos homens, aparece na mais completa gama de gradações, seja como sentimento elevado ou como simples e elementar atração sexual. A Fortuna, outra potência que incide sobre a condição dos homens, aparece como um conjunto ativo de dados humanos e naturais, e não como uma entidade metafísica ou manifestação da providência divina: os homens são autores de seus atos, para o bem ou para o mal.

Existe, portanto, uma nova finalidade da narrativa, um novo mito humano em cena, próprio de uma sociedade mercantil e dinâmica. Também nova é a complexidade do dispositivo narrativo, rico de acontecimentos secundários, de confluências, de complicações, de relações do protagonista com o ambiente social à sua volta.

A estrutura do *Decameron* mostra, em suma, uma coerência, uma sutileza, uma rede de equilíbrios surpreendente. Por todos esses elementos, o *Decameron* se desliga da tradição medieval, mesmo se o uso de “molduras” em torno das novelas possa ser encontrada também nas culturas mais diversas, bastando lembrar-se de idêntico enquadramento em *As mil e uma noites*, em que as muitas histórias estão condicionadas por uma mesma premissa – a necessidade de afastar a morte.

Vittore Branca, um dos maiores conhecedores do *Decameron*, viu no organismo da obra o esquema medieval da “comédia”, isto é, um percurso

ascensional que vai do *vício* dominante da primeira novela à *virtude* dominante da última. Segundo esta interpretação, a própria sucessão de temas nas várias jornadas mostraria a ação das três grandes forças que regem o mundo: a Fortuna (segunda e terceira jornadas), o Amor (quarta e quinta jornadas) e o Engenho (sexta, sétima e oitava jornadas).

A narração coloca ordem e interpreta um mundo completamente mutável e aleatório, que mostra personagens e comportamentos contrastantes, em contínuo conflito. Mas isso está inteiramente contido no interior do quadro, feito de ecos e simetrias, de contínua sobreposição de modelos de comportamento representado pelos narradores e pelos personagens das novelas. O mundo do *Decameron* não está organizado de fora, nem é dirigido para pontos de chegada predeterminados, como nas ficções religiosas. Os seus significados mais importantes nascem da textura concreta das narrativas, muito livres e abertas para a variedade da realidade da vida. Muito daquilo que será o romance enquanto gênero já está nessas novelas.

O FIM DA VIDA

Terminada sua obra-prima, em 1354, Boccaccio se dedicou intensamente aos estudos humanísticos, escrevendo diversas obras em latim. Nesse período sua amizade com Petrarca, o "glorioso maestro", iniciada em 1350, foi-lhe extremamente importante. Esteve ainda em Nápoles, em 1362, na esperança de encontrar uma posição junto à corte, mas em vão. Retornando a Florença, viveu seus últimos anos em Certaldo, perseguido pela pobreza econômica, em estado de verdadeira penúria. Para ajudá-lo, o governo de Florença lhe incumbiu de comentar publicamente a *Commedia* na igreja de Santo Stefano di Badia. Foi dele a iniciativa de chamar a essa obra de "*Divina*". Boccaccio chegou a ministrar uma centena de palestras, mas, doente, foi obrigado a retornar a Certaldo, onde morreu em 21 de dezembro de 1375.

A RELAÇÃO ENTRE AS JORNADAS E O TEMA NARRATIVO

Jornada	Regente	Tema
1ª	Pampineia	Tema livre
2ª	Filomena	Trata daqueles que, apesar de atribulados por diferentes coisas, chegam a um final feliz, contrariando todas as expectativas.
		Trata de quem com engenho conquistou alguma

3ª	Neífile	coisa muito desejada ou recuperou algo perdido.
4ª	Filóstrato	Trata sobre aqueles cujos amores tiveram fim infeliz.
5ª	Fiammetta	Trata de algo feliz que tenha acontecido a algum amante, depois de vicissitudes tristes e cruéis.
6ª	Elissa	Trata de alguém que, tendo sido provocado, defendeu-se com palavras espirituosas ou escapou de perdas, perigos ou vexames valendo-se de pronta resposta ou de muito engenho.
7ª	Dioneu	Trata do modo como, por amor ou para salvar-se, as mulheres burlaram seus maridos, tendo eles percebido ou não.
8ª	Lauretta	Trata das burlas praticadas todos os dias por mulheres contra homens, por homens contra mulheres, ou por um homem contra outro.
9ª	Emília	Cada um fala daquilo que mais lhe agrada, da maneira que bem quiser.
10ª	Pânfilo	Trata sobre alguém que tenha obrado de modo generoso ou mesmo magnífico em torno dos fatos do amor ou de outros.

---

1 Carlos Eduardo Berriel é professor de literatura na Unicamp, editor da *Revista Morus – Utopia e Renascimento* e da coleção “Mundus alter”, da Editora da Unicamp. Coordena grupos de pesquisa sobre utopias e sobre o Renascimento.

2 Nessa época a Itália não constituía um único estado – o que só ocorrerá a partir de 1868, com a Unificação –, sendo dividida em numerosas unidades políticas, como repúblicas, grão-ducados, reinos e principados. O Reino de Nápoles estava entre as mais importantes unidades políticas da península italiana, assim como Veneza, Florença e Milão.

DECAMERON[3]

Tem início o livro intitulado Decameron, *cognominado príncipe Galehaut*[4], *no qual estão contidas cem novelas narradas em dez dias por sete mulheres e três homens.*

---

3 *Deca* + *meron* = dez dias. Esse título foi calcado em *Hexameron*, nome da obra de Santo Ambrósio e de outros tratados patrísticos sobre os seis dias da criação do mundo. (N.T.)

4 Em italiano, Galeotto. Referência ao melhor amigo de Lancelote, nas novelas do ciclo bretão. (N.T.)

PREFÁCIO

É humano ter compaixão dos aflitos: e, embora em todos ela caia bem, espera-se compaixão máxima daqueles que já precisaram de conforto e o encontraram; entre estes, se alguém há que já precisou dele, que o prezou ou já sentiu a alegria de tê-lo, esse sou eu. Pois, tendo sido sobremaneira inflamado desde a primeira juventude até o presente por elevadíssimo e nobre amor (talvez, pelo modo como falo, bem mais do que pareceria conveniente à minha baixa condição), ainda que para os atilados que dele tiveram notícia eu fosse louvado e muito mais reputado por tal fato, nem por isso deixou de me ser penoso suportá-lo, não decerto pela crueldade da mulher amada, mas pelo excessivo ardor concebido na mente por um desejo pouco temperado: e este, não me permitindo outrora ficar dentro de limites convenientes, com frequência me fazia penar mais do que seria necessário. E a tais penas deram tanto refrigério os agradáveis colóquios com alguns amigos e suas louváveis consolações que acredito firmemente dever a isso o fato de não estar morto.

Mas, como quis Aquele que, sendo infinito, ditou a lei imutável de que todas as coisas do mundo devem ter fim, meu amor, que era mais fervoroso que qualquer outro e não pudera ser destruído nem vergado por nenhuma força de vontade, sensatez, vergonha evidente ou perigo que dele pudesse decorrer, com o passar do tempo diminuiu sozinho, a tal ponto que em minha mente deixou de si apenas o prazer que de hábito ele concede a quem não tenha navegado por seus mais tenebrosos pélagos; porque, embora costumasse ser tão penoso, eliminadas as suas inquietudes, sinto que permaneceu o seu deleite.

Contudo, embora as penas tenham cessado, nem por isso me fugiu a lembrança dos benefícios recebidos daqueles que, tratando-me com benevolência, ficavam pesarosos com minhas atribulações: tal lembrança nunca desaparecerá, a não ser com a morte, disso estou certo. E como, segundo creio, de todas as virtudes a gratidão é a mais recomendável, sendo condenável o seu contrário, para não parecer ingrato decidi propor-me, dentro de minhas pequenas possibilidades, oferecer algum alívio (agora que posso dizer-me livre) em troca do que recebi, se não àqueles que me ajudaram e, por serem sensatos e venturosos, talvez não precisem dele, pelo menos àqueles aos quais ele venha a caber. E, embora o meu apoio ou conforto (se quisermos assim dizer) possa ser, como de fato é, pouca coisa para os necessitados, parece-me bom oferecê-lo onde a necessidade se mostrar maior, seja porque então será mais útil, seja

porque lhe será dado mais apreço.

E quem negará que, seja ele quanto for, convirá dá-lo muito mais às amáveis senhoras do que aos homens? Porque elas, temerosas e envergonhadas, guardam as chamas amorosas escondidas dentro do peito delicado, e, como bem sabe quem as sentiu, têm estas muito mais força que as chamas declaradas: além disso, coagidas por vontades, gostos e ordens de pai, mãe, irmãos e marido, ficam a maior parte do tempo encerradas no pequeno circuito de seus aposentos, permanecendo quase ociosas e, querendo e não, revolvendo num mesmo instante diversos pensamentos que não podem ser todos sempre alegres. E, se, em decorrência de tais pensamentos, nascer em sua mente alguma melancolia trazida por ardente desejo, esta ali haverá de ficar, para seu grande pesar, caso não seja afastada por novas conversações: sem contar que as mulheres são muito menos fortes que os homens para opor resistência; coisa que não ocorre com os homens enamorados, como podemos ver claramente. Estes, se afligidos por alguma melancolia ou por pensamentos pesarosos, têm muitos modos de encontrar alívio ou esquecimento, pois, desde que queiram, não lhes falta a possibilidade de passear, ouvir e ver muitas coisas, praticar cetraria, caça e pesca, cavalgar, jogar ou comerciar: desses modos cada um encontra forças para recobrar o ânimo, no todo ou em parte, e para afastar-se do pensamento pesaroso pelo menos por algum tempo, após o que, de um modo ou de outro, ou se alcança o consolo ou o pesar diminui.

Portanto, para que por meu intermédio seja corrigido o pecado da fortuna, que, onde menos devia, mais avara de amparo foi, tal como vemos nas mulheres delicadas, pretendo prestar socorro e refúgio àquelas que amam – pois às outras bastam a agulha, o fuso e a dobadoura –, contando cem novelas ou fábulas ou parábolas ou histórias, como se queira chamar, narradas em dez dias por um honesto grupo de sete senhoras e três rapazes, formado nos tempos mortíferos da peste que passou, bem como algumas canções, cantadas pelas senhoras acima referidas, para seu deleite. Em tais novelas haverá casos de amor agradáveis e pungentes, bem como outras aventuras ocorridas nos tempos atuais e nos antigos; e das coisas divertidas que nelas são mostradas as senhoras que as lerem poderão extrair não só prazer como também orientações úteis, pois reconhecerão aquilo de que se deve fugir e aquilo que deve ser seguido: coisas que não podem ocorrer sem que se livrem de seu pesar. Queira Deus que isso ocorra; e caberá agradecer ao Amor, que, libertando-me de suas cadeias, concedeu-me o poder de dar atenção aos prazeres delas.

Começa a primeira jornada do Decameron*, na qual, depois que o autor expõe a razão pela qual as pessoas, a seguir apresentadas, tiveram de reunir-se para conversar, sob a direção de Pampineia fala-se daquilo que mais agrada a cada um.*

PRIMEIRA JORNADA

Graciosas senhoras, quanto mais penso cá comigo e contemplo como são as senhoras naturalmente piedosas, mais concluo que esta obra lhes parecerá austera e pesada no princípio, assim como o é a dolorosa lembrança da última peste, com que ela se inicia, para todos os que a viram ou que de algum outro modo souberam de seus estragos. Mas não quero que isso as assuste e impeça de prosseguir, como se, lendo, houvessem de estar sempre entre suspiros e lágrimas. Este horripilante início não deve ser diferente do que é para o caminhante a montanha acidentada e íngreme, atrás da qual se encontre uma planície belíssima e amena, que lhe parecerá tanto mais agradável quanto maior tiver sido o padecimento da subida e da descida. E, assim como os confins da alegria são ocupados pela dor, as misérias têm seus limites no contentamento que sobrevém.

A este breve aborrecimento (digo breve porque contido em poucas linhas) seguem-se logo o deleite e o prazer já prometidos, que talvez não fossem esperados de tal início, caso isto não fosse dito. Na verdade, se me tivesse sido possível levá-las convenientemente àquilo que desejo por outro caminho, e não por esta senda tão árdua, eu o teria feito de bom grado: mas como, sem esta rememoração, não seria possível explicar por qual razão ocorreram as coisas que a seguir serão lidas, disponho-me a descrevê-las como que impelido pela necessidade.

Digo, pois, que os anos da frutífera encarnação do Filho de Deus já haviam chegado ao número 1348 quando, na insigne cidade de Florença, a mais bela de todas as da Itália, ocorreu uma peste mortífera, que – fosse ela fruto da ação dos corpos celestes, fosse ela enviada aos mortais pela justa ira de Deus para correção de nossas obras iníquas – começara alguns anos antes no lado oriental, ceifando a vida de incontável número de pessoas, e, sem se deter, continuou avançando de um lugar a outro até se estender desgraçadamente em direção ao ocidente.

E, de nada havendo servido os saberes e as providências humanas, como a limpeza das imundícies da cidade por funcionários encarregados de tais coisas, a proibição de entrada dos doentes e os muitos conselhos dados para a conservação da salubridade, e tampouco encontrando efeito as humildes súplicas feitas a Deus pelos devotos, não uma vez, mas muitas, em procissões e de outros modos, era já quase início da primavera do ano acima quando começaram a manifestar-se de maneira prodigiosa seus horríveis e dolorosos efeitos. Não se

manifestavam como na parte oriental, onde expelir sangue pelo nariz era sinal manifesto de morte inevitável, mas começavam com o surgimento de certas tumefações na virilha ou nas axilas de homens e mulheres, algumas das quais atingiam o tamanho de uma maçã comum e outras o de um ovo, umas mais e outras menos, e a elas o povo dava o nome de bubões. E os referidos bubões mortíferos, não se limitando às duas citadas partes do corpo, em breve espaço de tempo começaram a nascer e a surgir indiferentemente em todas as outras partes, após o que a qualidade da enfermidade começou a mudar, passando a manchas negras ou lívidas, que em muitos surgiam nos braços, nas coxas e em qualquer outra parte do corpo, umas grandes e ralas, outras diminutas e espessas. E, tal como ocorrera e ainda ocorria com o bubão, tais manchas eram indício inegável de morte próxima para todos aqueles em quem aparecessem.

Para tratar tais enfermidades não pareciam ter préstimo nem proveito a sabedoria dos médicos e as virtudes da medicina: ao contrário, seja porque a natureza do mal não admitisse tratamento, seja porque a ignorância dos que o tratavam (cujo número era enorme, havendo, além dos cientistas, também mulheres e homens que jamais haviam feito estudo algum de medicina) não permitisse conhecer a sua causa, nem portanto usar o devido remédio, não só eram poucos os que se curavam, como também quase todos morriam nos três dias seguintes ao aparecimento dos sinais acima referidos, uns mais cedo, outros mais tarde, a maioria sem febre alguma ou qualquer outra complicação.

E a peste ganhou maior força porque dos doentes passava aos sãos que com eles conviviam, de modo nada diferente do que faz o fogo com as coisas secas ou engorduradas que lhe estejam muito próximas. E mais ainda avançou o mal: pois não só falar e conviver com os doentes causava a doença nos sãos ou os levava igualmente à morte, como também as roupas ou quaisquer outras coisas que tivessem sido tocadas ou usadas pelos doentes pareciam transmitir a referida enfermidade a quem as tocasse.

É espantoso ouvir aquilo que devo dizer: se tais coisas não tivessem sido vistas pelos olhos de muitos e também pelos meus, eu mal ousaria acreditar nelas, muito menos descrevê-las, por mais fidedigna que fosse a pessoa de quem as ouvisse. Digo que era tamanha a eficácia de tal peste em passar de um ser a outro, que ela não o fazia apenas de homem para homem, mas fazia muito mais (coisa que indubitavelmente ocorreu várias vezes), ou seja, o animal não pertencente à espécie do homem que tocasse as coisas do homem que adoecera ou morrera dessa doença não só adoecia também como morria em brevíssimo espaço de tempo. Tive, entre outras, a seguinte experiência, coisa vista com

meus próprios olhos, como há pouco disse: um dia tendo os farrapos de um pobre homem morto da doença sido jogados na via pública, dois porcos se aproximaram deles e, conforme é seu costume, primeiro os fuçaram e depois os tomaram entre os dentes para sacudi-los; em pouco tempo, como se tivessem tomado veneno, após algumas contorções ambos caíram mortos sobre os trapos que em má hora haviam puxado.

De tais coisas e de muitas outras semelhantes ou piores originaram-se diferentes medos e imaginações nos que continuavam vivos, e quase todos tendiam a um extremo de crueldade, que era esquivar-se e fugir aos doentes e às suas coisas; e, assim agindo, todos acreditavam obter saúde. Alguns, considerando que viver com temperança e abster-se de qualquer superfluidade ajudaria muito a resistir à doença, reuniam-se e passavam a viver separados dos outros, recolhendo-se e encerrando-se em casas onde não houvesse nenhum enfermo e fosse possível viver melhor, usando com frugalidade alimentos delicadíssimos e ótimos vinhos, fugindo a toda e qualquer luxúria, sem dar ouvidos a ninguém e sem querer ouvir notícia alguma de fora, sobre mortes ou doentes, entretendo-se com música e com os prazeres que pudessem ter. Outros, dados a opinião contrária, afirmavam que o remédio infalível para tanto mal era beber bastante, gozar, sair cantando, divertir-se, satisfazer todos os desejos possíveis, rir e zombar do que estava acontecendo; e punham em prática tudo o que diziam sempre que podiam, passando dia e noite ora nesta taverna, ora naquela, bebendo sem regra nem medida, fazendo tais coisas muito mais nas casas alheias, apenas por sentirem gosto ou prazer em fazê-las. E podiam assim agir estouvadamente porque os outros, como se já não precisassem viver, tinham abandonado suas coisas e a si mesmos; de modo que as casas, em sua maioria, tinham se tornado comuns e eram usadas pelos estranhos que porventura chegassem, tal como teriam sido usadas por seus próprios donos; e, apesar desse comportamento animalesco, fugiam dos doentes sempre que podiam. E, em meio a tanta aflição e miséria da nossa cidade, a veneranda autoridade das leis divinas e humanas estava quase totalmente decaída e extinta porque seus ministros e executores, assim como os outros homens, estavam mortos ou doentes, ou então se encontravam tão carentes de servidores que não conseguiam cumprir função alguma; por esse motivo, era lícito a cada um fazer aquilo que bem entendesse. Muitos outros observavam uma via intermediária entre as duas descritas acima, não se restringindo na alimentação, como os primeiros, nem se entregando à bebida e a outras dissipações como os segundos, mas usavam as coisas na quantidade suficiente para atender às necessidades, não se encerravam em casa,

iam a toda parte, alguns com flores nas mãos, outros com ervas aromáticas, outros ainda com diferentes tipos de especiaria, que levavam com frequência ao nariz, pois consideravam ótimo aliviar o cérebro com tais odores, visto que o ar todo parecia estar impregnado do fedor dos cadáveres, da doença e dos remédios. Outros tinham sentimento mais cruel (se bem que talvez fosse a atitude mais segura) e diziam que contra a peste não havia remédio melhor nem tão bom como fugir; e, convencidos disso, não se preocupando com nada a não ser consigo, vários homens e mulheres abandonaram sua cidade, suas casas, suas propriedades, seus parentes e suas coisas, buscando os campos da sua região ou das alheias, como se com aquela peste a ira de Deus não tencionasse punir as iniquidades dos homens onde quer que eles estivessem, mas só afligisse aqueles que ficassem dentro dos muros de sua cidade, ou como se achassem que ninguém deveria ficar nela, chegada que era a sua hora derradeira.

E, dentre esses que tinham tão variadas opiniões, embora não morressem todos, também nem todos se salvavam: ao contrário, adoeciam muitos que pensavam de modos diversos, em todos os lugares; e esses doentes, que, quando estavam sãos, tinham dado exemplo àqueles que agora continuavam sãos, definhavam quase abandonados por todas as partes. E, sem contar que um cidadão evitava o outro, que quase nenhum vizinho cuidava do outro e que os parentes raramente ou nunca se visitavam, e só o faziam à distância, era tamanho o pavor que essa tribulação pusera no coração de homens e mulheres, que um irmão abandonava o outro, o tio ao sobrinho, a irmã ao irmão e muitas vezes a mulher ao marido; mas (o que é pior e quase incrível) os pais e as mães evitavam visitar e servir os filhos, como se seus não fossem. Por todas essas coisas, para a multidão incalculável de homens e mulheres que adoeciam não restava outro socorro senão a caridade dos amigos (e destes houve poucos) ou a ganância dos serviçais, que trabalhavam em troca de gordos salários e acordos abusivos, se bem que com tudo aquilo não restassem muitos: e os que havia eram homens ou mulheres de tosco engenho, a maioria não acostumada a tais serviços, que só serviam para pôr nas mãos dos doentes algumas coisas que estes pedissem ou para velar a sua morte; e, cumprindo tal serviço, muitas vezes pereciam junto com seus ganhos. E, do fato de estarem os doentes abandonados por vizinhos, parentes e amigos e de serem poucos os serviçais, decorreu um costume quase desconhecido antes: nenhuma mulher que adoecesse, por mais graciosa, bela ou fidalga que fosse, se importava de ter um homem a seu serviço, fosse ele jovem ou não, e de lhe expor todas as partes do corpo sem nenhum pudor, tal qual teria exposto a uma mulher, desde que a doença impusesse essa necessidade; e, nos

tempos que se sucederam, isso talvez tenha sido razão de menor honestidade daquelas que se curaram. Além disso, morreram muitos que, se porventura ajudados, teriam escapado; assim, tanto por falta do devido atendimento, que os doentes não podiam ter, quanto pela força da peste, era tamanha a multidão de gente a morrer noite e dia na cidade que causava espanto ouvir dizer, quanto mais presenciar. Desse modo, como que por necessidade, entre os que sobreviveram, surgiram usos contrários aos primitivos costumes dos cidadãos.

Era uso (tal como ainda hoje se vê) as parentes e vizinhas do morto se reunirem em casa deste para chorar com as mulheres que lhe fossem mais chegadas; por outro lado, em frente à casa do morto, os vizinhos e muitos outros cidadãos reuniam-se com seus parentes, e o clero comparecia em conformidade com a posição social do morto; e, sobre os ombros de seus pares, com pompa fúnebre, círios e cantos, este era levado à igreja escolhida por ele mesmo antes da morte. Essas coisas, depois do aumento da ferocidade da peste, acabaram-se de todo ou na maior parte, surgindo outras em seu lugar. Por isso, não só as pessoas morriam sem muitas mulheres ao redor, como também havia muitos que saíam desta vida sem testemunho de ninguém; e a pouquíssimos foram concedidos o pranto piedoso e as lágrimas amargas dos cônjuges; em vez disso, na maioria dos casos era costume rir, gracejar e festejar entre amigos; e as mulheres, abandonando em grande parte a piedade feminina, aprenderam muitíssimo bem esses usos em nome de sua própria saúde. E eram raros aqueles cujos corpos fossem acompanhados à igreja por mais de dez ou doze vizinhos; seu ataúde não era levado sobre os ombros de honrados e prezados cidadãos, mas alçado aos ombros de uma espécie de sepultureiros surgidos na arraia miúda, que eram chamados coveiros e prestavam serviços mediante pagamento; estes, com passos apressados, na maioria das vezes não o levavam à igreja escolhida antes da morte, e sim à mais próxima, atrás de quatro ou seis clérigos com pouco lume, e em certas ocasiões até sem nenhum; e estes, com a ajuda dos referidos coveiros, sem se afadigarem em ofícios longos ou solenes, metiam o corpo na primeira sepultura que encontrassem vaga. Maior era o espetáculo da miséria da gente miúda e, talvez, em grande parte da mediana; pois essas pessoas, retidas em casa pela esperança ou pela pobreza, permanecendo na vizinhança, adoeciam aos milhares; e, não sendo servidas nem ajudadas por coisa alguma, morriam todas quase sem nenhuma redenção. Várias expiravam na via pública, de dia ou de noite; muitas outras, que expiravam em casa, os vizinhos percebiam que estavam mortas mais pelo fedor do corpo em decomposição do que por outros meios; e tudo se enchia destes e de outros que

morriam por toda parte. Os vizinhos, em geral, movidos tanto pelo temor de que a decomposição dos corpos os afetasse quanto pela caridade que tinham pelos falecidos, observavam um mesmo costume. Sozinhos ou com a ajuda de carregadores, quando podiam contar com estes, tiravam os finados de suas respectivas casas e os punham diante da porta, onde, sobretudo pelas manhãs, um sem-número deles podia ser visto por quem quer que passasse; então, providenciavam ataúdes e os carregavam (alguns corpos, por falta de ataúdes, foram carregados sobre tábuas). Um mesmo ataúde podia carregar dois ou três mortos juntos, e isso não ocorreu só uma vez, mas seria possível enumerar vários que continham marido e mulher, dois ou três irmãos, pai e filho, e assim por diante. E foram inúmeras as vezes em que, indo dois padres com uma cruz para alguém, três ou quatro ataúdes, levados por carregadores, se puseram atrás dela: e os padres, acreditando que tinham um morto para sepultar, na verdade tinham seis, oito e às vezes mais. E tampouco eram estes honrados por lágrimas, círios ou séquito; ao contrário, a coisa chegara a tal ponto, que quem morria não recebia cuidados diferentes dos que hoje seriam dispensados às cabras; porque ficou bastante claro que, se o curso natural das coisas, com pequenos e raros danos, não pudera mostrar aos sábios o que devia ser suportado com paciência, a enormidade dos males conseguiu tornar mais sagazes e resignados até mesmo os ignorantes. Não sendo bastante o solo sagrado para sepultar a grande quantidade de corpos que chegavam carregados às igrejas a cada dia e quase a cada hora (principalmente se se quisesse dar a cada um seu lugar próprio, segundo o antigo costume), abriam-se nos cemitérios das igrejas, depois que todos os lugares ficassem ocupados, enormes valas nas quais os corpos que chegavam eram postos às centenas: eram eles empilhados em camadas, tal como a mercadoria na estiva dos navios, e cada camada era coberta com pouca terra até que a vala se enchesse até a borda.

E, deixando de lado todas as particularidades das passadas misérias sofridas pela cidade, direi que aqueles tempos tão adversos que a devastavam nem por isso pouparam os campos circundantes, onde (sem mencionarmos os castelos, que eram cidades em miniatura), nas aldeias esparsas e nas plantações, os lavradores miseráveis e pobres e suas famílias, sem nenhum socorro de médicos nem ajuda de serviçais, morriam nas ruas, nas lavouras e nas casas, de dia e de noite, indiferentemente, não como homens, mas quase como animais. Em vista disso, tornando-se dissolutos como os citadinos em seus costumes, eles não cuidavam de suas coisas nem de seus afazeres; ao contrário, como se esperassem a chegada da morte para aquele mesmo dia, não se preocupavam com os futuros

frutos da criação, das terras e do trabalho já realizado, e esforçavam-se com todo o empenho em consumir tudo o que tivessem no presente. Com isso, bois, asnos, ovelhas, cabras, porcos, frangos e até os fidelíssimos cães, expulsos de suas próprias casas, saíam andando a esmo pelos campos (onde a messe ainda estava abandonada, sem ser ceifada, para não dizer colhida). E muitos, como se fossem racionais, depois de terem se apascentado bem durante o dia, voltavam saciados à noite para casa, sem serem tangidos por pastores.

Que mais se pode dizer (deixando os campos e voltando à cidade), senão que foi tamanha a crueldade do céu, e talvez em parte dos homens, que se tem por certo que do mês de março a julho (por força da doença pestífera e porque muitos doentes foram mal atendidos ou abandonados em suas necessidades, devido ao medo que os sãos sentiam) mais de cem mil criaturas humanas perderam a vida dentro dos muros da cidade de Florença, e que talvez, antes dessa mortandade, não se imaginasse que lá haveria tanta gente assim? Oh, quantos grandes palácios, quantas belas casas, quantas nobres moradas, antes cheios de criados, senhores e senhoras, esvaziaram-se de todos, até o mais ínfimo serviçal! Oh, quantas memoráveis linhagens, quantas grandes heranças, quantas famosas riquezas ficaram sem seus devidos sucessores! Quantos homens valorosos, quantas belas mulheres, quantos jovens airosos, que ninguém mais que Galeno, Hipócrates ou Esculápio teriam considerado saudabilíssimos, pela manhã comeram com familiares, companheiros e amigos, e à noite cearam no outro mundo com seus antepassados!

A mim mesmo desagrada ficar ruminando demoradamente tais misérias: por isso, desejando agora deixar de lado aquelas que posso oportunamente evitar, direi que, estando nossa cidade em tal situação, quase vazia de habitantes, certa terça-feira pela manhã, conforme fiquei sabendo por pessoa digna de fé, na venerável igreja de Santa Maria Novella, onde não havia quase mais ninguém, sete donzelas assistiam aos divinos ofícios em trajes lutuosos, como a tal momento convinha; eram elas unidas entre si por amizade, vizinhança ou parentesco, nenhuma delas passara dos vinte e oito anos nem estava abaixo dos dezoito, sendo todas sérias, de sangue nobre, formosas e dotadas de bons costumes e elevada dignidade. Seus nomes eu declararia na forma devida, caso não tivesse boas razões para deixar de fazê-lo, e as razões são as seguintes: não quero que, ouvindo no futuro as coisas que narraram (e que seguem adiante), alguma delas venha a sentir-se envergonhada, visto que hoje são um tanto estritas as leis que regem o divertimento, ao passo que então, pelos motivos acima descritos, eram relaxadas, não só para a idade delas, como também para

idades muito mais maduras; também não quero dar ocasião para que os invejosos, sempre prontos a criticar toda e qualquer vida louvável, deslustrem de algum modo a honra das valorosas senhoras com palavras indecorosas. No entanto, para que adiante seja possível entender sem confusão aquilo que cada uma disse, pretendo designá-las com nomes ajustados no todo ou em parte às suas respectivas qualidades: a primeira, que era a mais velha, será chamada Pampineia; a segunda, Fiammetta; Filomena será a terceira; e a quarta, Emília; Lauretta será o nome da quinta; e o da sexta, Neifile, sendo a última chamada Elissa, não sem razão.[5]

Estas, sem serem levadas por propósito algum, mas sim pelo acaso, reuniram-se numa das partes da igreja e, sentadas quase em círculo, depois de vários suspiros, deixaram de rezar pais-nossos e começaram a conversar sobre as condições da época e de muitas e várias coisas.

Depois de algum tempo, como as outras se calassem, Pampineia começou a falar da seguinte maneira:

– Minhas caras senhoras já terão muitas vezes ouvido dizer, assim como eu, que quem usa honestamente sua razão não comete injúria contra ninguém. Dita a razão natural que todos os que aqui nascem podem manter, conservar e defender sua própria vida na medida do possível: e é isso autorizado a tal ponto, que algumas vezes, para defendê-la, houve quem matasse outras pessoas, sem por isso incorrer em culpa. E, se as leis, cuja preocupação é o bem-estar de todos os mortais, fazem tais concessões, muito mais honesto é para nós e para qualquer outro, sem ofender ninguém, adotar as medidas possíveis para conservar a própria vida! Observando bem, como venho, os nossos comportamentos nesta manhã e ainda mais o de outras manhãs passadas, e pensando em quais são as nossas conversas, compreendo, e as senhoras também poderão compreender, que cada uma de nós teme por si mesma: eis aí algo que não me surpreende nem um pouco, mas me surpreende muito que, tendo todas nós sentimentos de mulher, não se tome medida nenhuma para remediar aquilo que cada uma teme fundamentadamente. Permanecemos aqui, segundo penso, como se quiséssemos ou devêssemos ser testemunhas de quantos cadáveres são trazidos à sepultura ou para ouvirmos se os frades daqui, cujo número está quase reduzido a nada, cantam seus ofícios nas horas devidas, ou para demonstrar a quem quer que apareça, em nossos trajes, a qualidade e a quantidade de nossas misérias. E, se saímos daqui, vemos mortos ou doentes transportados por todos os lados, ou então vemos aqueles que, já condenados ao exílio pela autoridade pública, em decorrência de seus malfeitos, agora escarnecem dessas mesmas leis, ao saberem

que seus executores estão mortos ou doentes, e percorrem a região com ímpeto desagradável; ou então vemos o poviléu de nossa cidade, aquecido com nosso sangue, autodenominando-se coveiro, cavalgar e percorrer todos os lugares, zombar de nós e jogar-nos ao rosto os nossos males com canções indecorosas. E não ouvimos outra coisa senão: “Fulanos estão mortos” e “Sicranos estão para morrer”; e, se houvesse gente para chorar, ouviríamos prantos dolorosos por toda parte. E, se voltamos para casa, não sei se com as senhoras ocorre o mesmo que a mim: eu, que tinha grande número de serviçais, encontrando lá agora apenas minha criada, fico apavorada e tenho arrepios por quase todo o corpo; e, seja qual for a parte da casa aonde vá ou permaneça, parece que vejo as sombras daqueles que se foram, mas não com as expressões que costumavam ter, e sim assombrando-me com uma aparência horrível, que não sei de onde lhes veio depois que morreram. Por todas essas coisas, aqui, fora daqui e em casa eu me sinto mal; principalmente porque também me parece que ninguém que tenha alguma energia e lugar aonde ir, como nós, continua aqui, exceto nós mesmas. E não só ouvi dizer como também vi várias vezes que esses tais (se é que alguns há), sem fazerem distinção alguma entre coisas honestas e desonestas, movidos somente pelo apetite, sozinhos ou acompanhados, de dia e de noite, fazem tudo o que lhes dê na telha. E não só o fazem as pessoas sem vínculos religiosos, mas também as enclausuradas dos mosteiros, que, convencidas de que aquilo lhes convém e só é proibido às outras, transgredindo as leis da obediência, entregam-se aos prazeres carnais e, imaginando assim salvar-se, tornam-se lascivas e dissolutas. E se assim é (como se vê claramente que é), que fazemos aqui? Que esperamos? Que sonhamos? Por que somos mais preguiçosas e lerdas com nossa saúde do que todo o restante dos cidadãos? Acaso nos consideramos menos importantes que todas as outras? Ou acreditamos que nossa vida está ligada ao corpo com cadeias mais fortes do que as dos outros, de modo que não precisamos nos preocupar com nada que seja capaz de prejudicá-la? Estamos erradas, enganadas; que estupidez a nossa, se acreditarmos nisso! Sempre que nos lembrarmos de quantos e quais homens e mulheres foram vencidos por essa cruel pestilência, encontraremos fortíssimo argumento. Por isso, para não incidirmos, por renitência ou desleixo, naquilo de que podemos escapar de alguma maneira, desde que queiramos (não sei se as senhoras pensarão como eu), creio que seria ótimo se, tal como estamos, tal como muitos antes de nós fizeram e fazem, saíssemos desta cidade; e, fugindo como da morte aos exemplos indecorosos dos outros, fôssemos decorosamente para as propriedades do campo que cada uma de nós tem em grande quantidade; e ali gozássemos da

festa, da alegria e do prazer que pudéssemos, sem ultrapassar de modo algum os limites da razão. Ali se ouvem pássaros cantar, veem-se colinas e planícies verdejantes, e os campos cobertos de trigo não ondeiam menos que o mar; árvores há de muitos tipos, e o céu, principalmente, por mais tormentoso que esteja, não nos nega suas belezas eternas, muito mais dignas de admirar do que as muralhas vazias de nossa cidade. Além disso, o ar ali é bem mais fresco, e das coisas todas de que a vida carece nestes tempos a quantidade lá é maior, sendo menor o número de contrariedades. E, embora os lavradores morram tanto quanto aqui os cidadãos, ali a tristeza é menor porque as casas são mais esparsas e há menos habitantes que na cidade. Aqui, por outro lado, se bem percebo, não abandonaremos ninguém; aliás, sem fugir à verdade, podemos dizer que abandonadas fomos nós; porque os nossos, ou por morrerem ou por fugirem da morte, deixaram-nos sozinhas nesta aflição, como se não lhes fôssemos tão próximas. Portanto, nenhuma repreensão caberá se tomarmos tal decisão; dor, desgosto e talvez morte poderão advir, se não o fizermos. Para tanto, quando lhes parecesse melhor, creio que faríamos bem em tomar nossas serviçais e, fazendo-nos acompanhar por todas as coisas necessárias, passarmos um dia num lugar e outro dia em outro, entregues à alegria e à festa que estes tempos podem nos propiciar; e assim permaneceríamos até percebermos (se antes a morte não nos surpreender) que fim o céu destina a estas coisas. E lembrem-se de que é mais conveniente ir embora com decência do que, como ocorre a grande número das outras, ficar sem decência.

As outras senhoras, depois de ouvirem Pampineia, não só louvaram sua sugestão como também desejavam segui-la e já tinham começado a tratar entre si do modo de fazê-lo, como se, levantando-se de seus assentos, quisessem ir já se pondo a caminho. Mas Filomena, que era sensatíssima, disse:

– Senhoras, embora as palavras de Pampineia tenham sido bem pensadas, não será por isso que havemos de fazer tudo correndo, como parece que querem. É bom lembrar que somos todas mulheres, e não há aqui nenhuma que seja tão nova para não saber como as mulheres convivem e se governam sem a previdência de algum homem. Somos volúveis, briguentas, desconfiadas, pusilânimes e medrosas; por isso, duvido muito que este grupo não se dissolva bem mais cedo do que seria necessário e com menos honra para nós, caso não busquemos orientação diferente da nossa; por isso, é bom tomar providências antes de começarmos.

Então Elissa disse:

– Realmente, os homens são cabeças das mulheres, e sem a ordem deles

raramente alguma obra nossa chega a bom termo; mas como podemos obter esses homens? Cada uma de nós sabe que a maior parte dos seus morreu, e dos outros que ficaram vivos, uns aqui, outros acolá, sabe-se lá onde, em diferentes companhias vão todos fugindo daquilo de que estamos procurando fugir; e aceitar estranhos não seria conveniente; por isso, se quisermos cuidar de nossa saúde, será bom encontrarmos um modo de nos organizarmos de tal sorte que ao lugar aonde formos em busca de deleite e repouso não sejamos seguidas por contrariedades e escândalos.

Enquanto as mulheres assim conversavam, eis que três rapazes entravam na igreja, mas não eram tão jovens que o mais novo tivesse menos de vinte e cinco anos; neles nem a perversidade dos tempos nem a perda de amigos ou parentes nem o temor por si mesmos tinham conseguido arrefecer o amor, que dirá extingui-lo. Um se chamava Pânfilo, o segundo, Filostrato, e o terceiro, Dioneu[6], sendo todos bastante agradáveis e de bons costumes; e, para se consolarem em meio a tanta perturbação das coisas, iam em busca de ver suas amadas, que por acaso estavam, as três, entre as referidas sete; das outras, algumas eram parentes deles. Assim que o olhar deles caiu sobre elas, foram eles também vistos por elas; então Pampineia começou, sorrindo:

– Vejam que a sorte é propícia à nossa iniciativa e pôs diante de nós jovens discretos e valorosos que de bom grado serão nossos guias e servidores, se não nos furtarmos a lhes dar essa incumbência.

Neifile então, com o rosto totalmente enrubescido pelo pudor, pois era uma das amadas dos jovens, disse:

– Pampineia, por Deus, veja o que está dizendo; sei perfeitamente que de qualquer um deles só é possível falar bem, e creio que eles sejam aptos a feitos muito maiores que esse; também acho que podem oferecer companhia boa e honesta não só a nós, como também a mulheres muito mais belas e prezadas que nós. Mas, visto que é bem conhecido o fato de estarem enamorados de algumas de nós, temo que, levando-os conosco, possamos incorrer em infâmia e desaprovação, sem culpa nossa ou deles.

Filomena disse então:

– Isso não importa: desde que eu viva com decência e a consciência não me acuse de nada, que fale quem quiser o contrário; Deus e a verdade empunharão armas por mim. Ora, se eles estiverem dispostos a ir conosco, realmente, como disse Pampineia, poderíamos dizer que a sorte é favorável à nossa partida.

As outras, ouvindo-a falar desse modo, não só não discordaram como também disseram unanimemente que deveriam chamá-los, dizer-lhes qual era a

intenção delas e solicitar que lhes dessem o prazer de sua companhia naquela viagem. Assim, sem mais palavras, Pampineia, que tinha laços de consanguinidade com um deles, levantou-se e, dirigindo-se a eles, que estavam parados a olhá-las, cumprimentou-os com um sorriso alegre, comunicou-lhes suas intenções e pediu-lhes em nome de todas que se dispusessem a fazer-lhes companhia com ânimo puro e fraterno. De início, os jovens acharam que estavam sendo burlados, mas depois, vendo que aquela dama falava seriamente, responderam com alegria que estavam prontos para atendê-las; e, passando à ação sem mais delongas, antes de partirem dispuseram tudo o que deveria ser feito para a viagem. E, depois de arrumarem ordenadamente todas as coisas necessárias e de enviarem um mensageiro ao lugar aonde pretendiam ir, na manhã seguinte, ou seja, na quarta-feira ao romper do dia, as mulheres com algumas serviçais e os três jovens com três criados saíram da cidade e puseram-se a caminho; não tinham se afastado mais de duas pequenas milhas quando chegaram ao lugar que haviam determinado como primeiro.

O referido lugar ficava numa pequena montanha, um tanto distante das nossas estradas por todos os lados, era coberto por vários arbustos e plantas com verdes frondes, de aspecto muito agradável; no ponto mais alto ficava um palácio com um pátio bonito e espaçoso no meio, galerias, salas e quartos, tudo belíssimo e ornado com pinturas alegres e notáveis, tendo prados ao redor, jardins maravilhosos, poços de água fresquíssima e adegas cheias de vinhos preciosos: coisas mais adequadas a curiosos bebedores do que a mulheres sóbrias e recatadas. E, para seu grande prazer, o grupo que chegava encontrou tudo varrido, leitos arrumados nos quartos, estando todas as coisas cheias das flores que era possível encontrar na estação, assim como cobertas de junco.

E, ao se sentarem assim que chegaram, disse Dioneu, que mais que qualquer outro era encantado e cheio de argúcia:

– Foi a sensatez das senhoras, mais que nossa astúcia, que nos trouxe aqui. Não sei o que pretendem fazer de seus cuidados; os meus eu deixei atrás das portas da cidade quando há pouco saí de lá; por isso, ou se dispõem a divertir-se, rir e cantar comigo (quero dizer, tanto quanto convier à dignidade das senhoras), ou me dão permissão para voltar aos meus cuidados e ficar na cidade atribulada.

Pampineia então respondeu alegre, como alguém que de si também tivesse expulsado todos os cuidados:

– Dioneu, são acertadas as suas palavras: convém viver festivamente, e não foi outra a razão que nos fez fugir das tristezas. Mas, visto que as coisas desregradas não podem durar muito, eu, que fui iniciadora das conversações que

resultaram nesta linda companhia, pensando na continuação de nossa alegria, considero necessário escolhermos entre nós alguém que seja principal, que respeitemos e obedeçamos como mandante, cujo único pensamento seja dispor-nos a viver com alegria. E, para que cada um de nós possa sentir o fardo da preocupação que acompanha o prazer do mando, e para que, sendo o mandante escolhido de ambas as partes, não haja inveja de quem não experimente o mando, sugiro que esse fardo e essa honra sejam atribuídos a um de nós por dia; e que o primeiro seja escolhido por todos nós; quanto aos seguintes, a cada entardecer será apontado aquele ou aquela que mais agradar a quem naquele dia tiver tido o mando; e este, segundo seu arbítrio e no tempo que durar seu mando, deverá dispor e ordenar o lugar e o modo como viveremos.

Essas palavras agradaram sumamente, e por unanimidade ela foi escolhida rainha do primeiro dia; e Filomena, correndo para um loureiro (pois várias vezes ouvira dizer que seus galhos eram dignos de honra e tornavam digno de honra quem com eles fosse meritoriamente coroado), colheu alguns de seus ramos e com eles fez uma guirlanda honrosa e vistosa, que foi posta na cabeça de Pampineia; a partir daí, enquanto durou aquele grupo, essa guirlanda foi sinal manifesto para os outros do real mando e senhoria.

Pampineia, coroada rainha, ordenou que todos se calassem e, mandando chamar os criados dos três jovens e suas criadas, que eram quatro, quando todos se calaram, disse:

– Para ser a primeira a lhes dar o exemplo que sirva ao nosso grupo de constante melhoria, de modo que sem nenhuma desonra ele viva e dure com ordem e prazer enquanto assim quisermos, constituo Pármeno, criado de Dioneu, meu senescal e o incumbo dos cuidados e do atendimento de toda a nossa criadagem, bem como de tudo o que diga respeito ao serviço do salão. Sirisco, criado de Pânfilo, deverá ser nosso despenseiro e tesoureiro, obedecendo às ordens de Pármeno. Tíndaro deve ficar a serviço de Filostrato e dos outros dois, cuidando de seus aposentos, caso os outros, impedidos por suas incumbências, não possam cuidar disso. Mísia minha criada, e Licisca, a de Filomena, ficarão o tempo todo na cozinha e deverão preparar diligentemente os pratos que Pármeno lhes ordenar. Desejamos que Quimera, criada de Lauretta, e Estratília, a de Fiammetta, cuidem atentamente dos quartos das mulheres e da limpeza dos lugares onde estivermos; e de todos em geral, na medida em que lhes for importante a nossa estima, esperamos e exigimos que, para onde quer que se dirijam e de onde quer que retornem, se abstenham de nos dar notícias do que ouvirem ou virem lá fora, a não ser que sejam boas.

Dadas essas ordens sumárias, que foram aprovadas por todos, ela ficou de pé e disse alegremente:

– Aqui há jardins, aqui há prados, aqui há outros locais aprazíveis, que cada um pode percorrer, divertindo-se à vontade; quando soar a terceira hora[7], que cada um esteja aqui, para comermos com a fresca.

Dispensado o alegre grupo pela nova rainha, os jovens e as beldades saíram a passos lentos pelo jardim, falando de coisas prazerosas, fazendo belas guirlandas de vários tipos de ramos e cantando canções de amor.

E, depois de assim terem passado o tempo que lhes fora dado pela rainha, voltaram à casa e viram que Pármeno já começara a cumprir suas funções com diligência, pois, assim que entraram na sala do térreo, viram as mesas postas com toalhas alvíssimas e taças que pareciam de prata, tudo coberto com flores de giesta; e, lavadas as mãos, como quis a rainha, todos tomaram seus lugares, segundo as disposições de Pármeno.

Trazidas as delicadas iguarias, foram providenciados vinhos finíssimos; e sem mais tardar os três criados serviram as mesas em silêncio. E todos, alegrados por tais coisas, que eram belas e organizadas, comeram festivamente em meio a agradáveis colóquios. Depois de tiradas as mesas, visto que as mulheres e os jovens sabiam dançar a carola e alguns dos jovens sabiam tocar e cantar muito bem, a rainha mandou trazer os instrumentos; e, por ordem dela, Dioneu pegou um alaúde, Fiammetta pegou uma viola[8], e começaram a tocar delicadamente uma dança. Assim a rainha, depois de mandar os criados comer, fez uma roda com as outras mulheres e dois rapazes e, com passo lento, começaram a dançar; terminada a carola, cantaram canções graciosas e alegres.

E dessa maneira passaram o tempo até que a rainha houve por bem que deviam fazer a sesta: assim, dispensados todos, os três rapazes foram para seus aposentos, separados dos das mulheres, encontrando-os com as camas arrumadas e cheios de flores, tal qual a sala; o mesmo ocorreu com as mulheres; desse modo, despindo-se, todos se deitaram.

Não fazia muito tempo que soara a nona hora quando a rainha se levantou e fez todas as outras mulheres e os jovens levantar-se, afirmando que é nocivo dormir demais durante o dia; assim, todos foram para um prado onde a relva era verde e alta, e o sol não batia de nenhum dos lados; ali, sentindo a chegada de uma brisa suave, de acordo com o desejo da rainha, todos se sentaram em círculo sobre a relva verde e ouviram-na dizer o seguinte:

– Como estão vendo, o sol está alto, e o calor, forte; nada mais se ouve além das cigarras nas oliveiras; por isso, ir agora a qualquer lugar sem dúvida seria

asneira. Aqui é bom e fresco, e, como veem, há tabuleiros e peças de xadrez, podendo todos divertir-se com o que lhes der mais prazer. Contudo, se nisso fosse acatada a minha opinião, não passaríamos esta parte quente do dia jogando, pois no jogo o espírito de um dos jogadores se perturba sem que haja prazer para o outro ou para quem esteja assistindo, mas passaríamos contando histórias, de modo que um de nós pode dar prazer a todos os outros que o ouvem. Assim que todos tiverem acabado de contar cada um a sua pequena história, o sol já terá declinado, o calor terá acabado, e poderemos ir aonde bem quisermos; por isso, se gostarem disto que estou propondo (pois estou disposta a acatar o que for do gosto de todos), assim faremos; e, se não gostarem, cada um poderá fazer o que quiser até o cair da tarde.

As mulheres e os homens todos aplaudiram a ideia de contar histórias.

– Então – disse a rainha –, se gostam disso, neste primeiro dia quero que cada um se sinta livre para falar do assunto que for mais de seu agrado.

E, voltando-se para Pânfilo, que estava sentado à sua direita, disse-lhe amavelmente que desse início com uma de suas histórias. Pânfilo, ouvindo a ordem, imediatamente começou da seguinte maneira, sendo ouvido por todos.

PRIMEIRA NOVELA

Cepperello, com falsa confissão, engana um santo frade e morre; e, tendo sido péssimo homem em vida, depois de morto tem reputação de santo e é chamado São Ciappelletto.

– Caríssimas senhoras, todas as coisas que o homem fizer, é conveniente que ele as principie com o santo nome d'Aquele que as fez todas. Por isso, devendo eu dar início às nossas narrativas, pretendo, em sendo o primeiro, começar por uma das suas maravilhas, para que, ouvindo-a, nossa esperança n'Ele se afirme como algo imutável, e seu nome sempre seja louvado por nós.

Como todos sabem, por serem todas transitórias e mortais, as coisas temporais trazem em si e fora de si contrariedades, angústias e agruras, dando ensejo a infinitos perigos; e é infalível que nós, passando a vida envolvidos nelas e fazendo parte delas, não possamos sobreviver nem nos defender sem que a especial graça de Deus nos dê forças e esclarecimento. E não devemos crer que tal graça desça sobre nós por mérito nosso, mas sim movida pela Sua bondade e pelas preces daqueles que, assim como nós, já foram mortais e, atendendo às Suas vontades enquanto estavam vivos, agora estão com Ele, eternos e beatos; é a estes que nós, talvez não ousando fazer súplicas a tão augusto juiz, suplicamos as coisas que consideramos necessárias, tal como a procuradores que, por experiência, conhecessem nossa fragilidade.

E também nisso percebemos que ele usa de piedosa liberalidade para conosco, pois, não podendo o gume do olho mortal penetrar no segredo da mente divina, às vezes somos enganados por nossos julgamentos e tomamos como procurador perante Sua Majestade alguém que foi por ela lançado ao exílio eterno; no entanto, Ele, de quem nada se oculta, considerando mais a pureza do que a ignorância do suplicante ou o exílio do suplicado, atende ao pedido que fazemos como se aquele a quem suplicamos fosse bem-aventurado em Sua presença. É o que se verá claramente na novela que pretendo contar; claramente, quero dizer, não pensando no juízo de Deus, mas no dos homens.

Conta-se que Musciatto Franzesi, grande e riquíssimo mercador que vivia na França e se tornou cavaleiro, precisando vir à Toscana com Carlos Sem Terra[9], irmão do rei da França, que o papa Bonifácio[10] solicitava e trazia, percebendo que seus negócios estavam atravancados aqui e lá, tal como na maioria das vezes ocorre com os negócios dos mercadores, e que não poderia desatravancá-los com

facilidade e rapidez, pensou em confiá-los a várias pessoas; e para todos encontrou modo de fazê-lo; no entanto, restava uma dúvida: quem seria mais apto para arrecadar seus créditos junto a vários borguinhões?

O motivo da dúvida era ter ele ouvido dizer que os borguinhões eram gente briguenta, de má índole e desleal; e não lhe vinha à lembrança ninguém em quem pudesse ter alguma confiança e que fosse tão malvado que pudesse opor-se à malvadeza dos outros.

Pensando demoradamente nessa questão, veio-lhe à lembrança certo Cepperello da Prato, que frequentemente se hospedava em sua casa de Paris, homem baixinho e almofadinha. Por isso os franceses, não sabendo o que queria dizer Cepperello e achando que fosse capela, ou seja, guirlanda, em vista do pequeno que era, como dissemos, em sua língua não o chamavam propriamente Ciappello, e sim Ciappelletto[11]; e por Ciappelletto passou a ser conhecido em todos os lugares, de modo que poucos o conheciam por Cepperello.

Vivia o tal Ciappelletto do seguinte modo: sendo notário, sentia muita vergonha caso se descobrisse que um dos seus instrumentos não era falso (embora poucos fizesse que não fossem falsos); pois dos falsos teria feito tantos quantos lhe pedissem, e preferia fazê-los de graça a fazer qualquer dos outros mediante elevado pagamento. Era com extrema alegria que dava falsos testemunhos, solicitados ou não; como naqueles tempos em França fosse enorme a confiança nos juramentos, ele, que não se importava de jurar em falso, vencia de má-fé todas as causas nas quais fosse exortado a dar fé de dizer a verdade. Sentia muito prazer e punha grande empenho em provocar maldades, inimizades e escândalos entre amigos, parentes e quaisquer outras pessoas, e, quanto maiores fossem os males daí decorrentes, maior sua alegria. Se convidado para algum homicídio ou qualquer outro delito, nunca recusava e comparecia de muito bom grado; e várias vezes sentiu gosto em ferir e matar gente com as próprias mãos. Blasfemador de Deus e dos santos é o que ele era em alto grau e por qualquer coisinha, porque irascível como ninguém mais no mundo. À igreja não ia nunca; e de todos os seus sacramentos ele escarnecia, como coisas sem valor, usando palavras abomináveis; em compensação, era useiro e vezeiro de tavernas e outros locais de dissolução.

De mulheres gostava tanto quanto os cães gostam de pauladas; com o contrário deliciava-se mais que qualquer outro homem depravado. Teria furtado e roubado com a mesma boa consciência com que um santo homem daria óbolos. Era tão guloso e beberrão que às vezes sofria de náuseas constrangedoras. Era arrematado jogador e apostador de dados trapaceados. Por

que me estendo em tantas palavras? Era talvez o pior homem que já nasceu. Durante muito tempo sua maldade teve o respaldo do poder e da posição de *messer* Musciatto, que várias vezes o defendeu dos particulares, que ele injuriava amiúde, e dos tribunais, que ele injuriava sem parar.

Quando Cepperello acudiu à memória de *messer* Musciatto, que conhecia muitíssimo bem sua vida, o referido *messer* Musciatto concluiu que a malvadeza dele seria exatamente a necessária aos borguinhões; assim, mandando chamá-lo, disse-lhe o seguinte:

– Ciappelletto, como sabe, estou para me retirar totalmente daqui e, tendo entre outras coisas algumas pendências com os borguinhões, gente cheia de trapaças, não sei de ninguém melhor que você para reaver o que é meu junto a eles; como não anda fazendo nada atualmente, se quiser cuidar disso, pretendo obter-lhe os favores da corte e dar-lhe a justa parte daquilo que for arrecadado.

Ciappelletto, que andava desocupado e pouco enfronhado nas coisas mundanas, vendo que estava de partida aquele que lhe dera sustento e acolhimento durante tanto tempo, decidiu-se sem tardar e quase que coagido pela necessidade, dizendo que, sim, aceitava.

Assim foi que, feitos os acertos entre os dois e indo-se *messer* Musciatto, depois de receber a procuração e as cartas favoráveis do rei, Ciappelletto foi para Borgonha, onde quase ninguém o conhecia; ali, contrariando sua natureza, começou a tentar fazer com bondade e mansidão as cobranças e as outras coisas para as quais tinha ido, como se estivesse reservando a ira para o último caso.

E, enquanto fazia tais coisas, hospedado em casa de dois irmãos florentinos, que ali emprestavam a juros e o respeitavam muito por estima a *messer* Musciatto, Ciappelletto ficou doente; os dois irmãos imediatamente chamaram médicos e criados para servi-lo, providenciando tudo o que fosse necessário à recuperação de sua saúde.

Mas qualquer socorro era inútil, porque o bom homem, que já estava velho e tinha vivido desregradamente, segundo diziam os médicos, piorava dia a dia, como quem tivesse um mal mortal; e com isso os dois irmãos se condoíam muito.

Um dia, estando bem próximos do quarto no qual Ciappelletto jazia doente, começaram assim a conversar:

– Que vamos fazer com esse aí? – dizia um ao outro. Por causa dele estamos em maus lençóis, porque mandá-lo embora desta casa assim doente seria vergonhoso, claro sinal de pouco juízo, porque as pessoas vão ver que primeiro nós o recebemos, mandamos servi-lo e medicá-lo com solicitude, mas agora,

sem que ele tenha feito nada que nos desagrade, de repente o mandamos embora doente, às portas da morte. Por outro lado, ele foi tão malvado, que não irá querer se confessar nem receber nenhum sacramento da Igreja; e, se morrer sem confissão, nenhuma igreja vai querer receber seu corpo; ao contrário, será atirado junto aos fossos como um cão.[12] E, mesmo que se confesse, seus pecados são tantos e tão horríveis que vai dar na mesma, porque não há de haver frade nem pároco que queira ou possa absolvê-lo; e assim, sem absolvição, também será atirado aos fossos. E, se isso ocorrer, vai se erguer um grande tumulto entre o povo daqui da cidade, tanto por nosso ofício, que eles amaldiçoam e lhes parece iníquo, quanto pela vontade que têm de nos roubar; e dirão: "Não queremos tolerar mais esses cães lombardos que a igreja não quis receber"; e virão correndo à nossa casa e não só vão roubar o que temos como talvez até nos tirem a vida; e por isso, aconteça o que acontecer, estamos em má situação se esse aí morrer.

Ciappelletto, como dissemos, estava deitado perto de onde os dois assim conjecturavam e, tendo bons ouvidos, como têm os doentes na maioria das vezes, ouviu o que diziam dele; então mandou chamá-los e disse:

– Não quero que temam por mim nem que tenham medo de sofrer prejuízos por minha causa. Ouvi o que diziam de mim e tenho absoluta certeza de que tudo ocorreria como disseram, caso as coisas corressem como imaginam; mas vão correr de outro modo. Em vida cometi tantas injúrias contra Nosso Senhor, que cometer mais uma agora às portas da morte não vai fazer a menor diferença. Por isso, providenciem a vinda do frade mais santo e virtuoso que encontrarem, se é que isso existe, e deixem tudo comigo, que vou acertar de uma vez por todas os seus assuntos e os meus, de modo que tudo vai acabar bem e vocês ficarão contentes.

Os dois irmãos, apesar de não depositarem muita esperança nisso, foram a um convento de frades e solicitaram algum homem santo e sábio para ouvir a confissão de um lombardo que estava doente em casa deles; e foi-lhes dado um frade idoso, de santa e devota vida, grande mestre das Escrituras e homem venerabilíssimo, por quem todos os cidadãos tinham grande e especial devoção; levaram-no consigo.

O frade, chegando ao quarto onde Ciappelletto jazia e sentando-se ao seu lado, primeiramente começou a confortá-lo com benevolência e depois lhe perguntou quanto tempo fazia que não se confessava. A isso Ciappelletto, que nunca se confessara, respondeu:

– Padre, meu costume é confessar-me pelo menos uma vez por semana, sem

contar que muitas vezes há semanas em que me confesso mais; a verdade é que desde que fiquei doente, faz quase oito dias, não me confessei, tantos são os transtornos que essa doença me causou.

O frade então disse:

– Meu filho, fez muito bem, e assim deve ser daqui por diante; estou vendo que, se suas confissões são tão frequentes, terei pouco trabalho ouvindo ou perguntando.

Disse Ciappelletto:

– Senhor frade, não diga isso; nunca me confessei tantas vezes nem com tanta frequência que deixasse de querer me confessar em geral de todos os pecados de que me lembrasse desde o dia em que nasci até o dia em que me confessava; por isso lhe peço, meu bom pai, que me pergunte tudo ponto por ponto, como se eu nunca tivesse me confessado. E não tenha contemplação só porque estou doente, pois prefiro mortificar a carne a poupá-la e fazer alguma coisa que possa servir à perdição de minha alma, que meu Salvador redimiu com seu precioso sangue.

Essas palavras agradaram muito ao santo homem e pareceram-lhe depor a favor de uma mente bem disposta; e, depois de ter elogiado muito esse costume de Ciappelletto, começou por perguntar se ele tinha cometido o pecado da luxúria com alguma mulher. A isso Ciappelletto respondeu suspirando:

– Padre, nessa parte me envergonho de dizer a verdade, por temer cometer o pecado da vanglória.

Então o santo frade disse:

– Diga sem medo, porque quem diz a verdade nunca peca, nem em confissão nem em nenhum outro ato.

Então Ciappelletto disse:

– Já que o senhor me dá certeza disso, vou dizer: sou tão virgem como quando saí do corpo da minha mãe.

– Oh, bendito seja, por Deus! – disse o frade. – Como fez bem! E, fazendo isso, tem ainda mais mérito porque, se quisesse, teria mais arbítrio de fazer o contrário do que nós e qualquer outro submetido a alguma regra.

E depois perguntou se ele entristecera Deus com o pecado da gula; a isso, suspirando profundamente, Ciappelletto respondeu que sim, e muitas vezes; isto porque, além dos jejuns da quaresma que as pessoas devotas fazem todo ano, pelo menos três dias por semana ele costumava passar a pão e água, e bebera a água com o mesmo prazer e apetite (principalmente se tivesse ficado muito cansado, adorando ou peregrinando) com que os beberrões tomam vinho; e

muitas vezes tinha desejado comer umas saladinhas de ervas, como aquelas que as mulheres fazem quando vão ao campo; e de vez em quando comer lhe parecera coisa melhor do que lhe parecia que deveria parecer a quem jejua por devoção, como ele.

Então o frade disse:

– Meu filho, esses pecados são naturais e bastante leves; por isso não quero que eles lhe pesem mais na consciência do que é necessário. Para todo e qualquer homem, por mais santo que seja, parece bom comer depois de longo jejum, e beber depois da canseira.

– Oh, padre – disse Ciappelletto –, não diga isso para me consolar; o senhor bem sabe que eu sei que as coisas feitas a serviço de Deus devem ser feitas todas com pureza, sem pensamentos espúrios; e quem as faz de outro modo peca.

O frade, contentíssimo, disse:

– Fico contente de saber que esse é seu entendimento e gosto muito de sua consciência pura e boa. Mas, diga, cometeu o pecado da ganância, desejando mais que o conveniente ou tendo o que não deveria ter?

Ciappelletto respondeu:

– Padre, não gostaria que o senhor nutrisse desconfianças por eu estar em casa desses usurários: não tenho nada com eles; aliás, vim aqui para adverti-los, admoestá-los, afastá-los desse abominável ganho; e creio que teria conseguido, se Deus não tivesse me visitado dessa maneira. Mas o senhor precisa saber que meu pai me deixou rica herança, cuja maior parte, tão logo ele morreu, eu dei a Deus; depois, para ganhar a vida e poder ajudar os pobres de Cristo, dediquei-me ao pequeno comércio e com isso desejei obter ganhos, mas sempre dividi o que ganhei com os pobres de Deus, destinando metade às minhas necessidades e dando-lhes a outra metade; com isso o Criador me ajudou tanto, que meus negócios sempre andaram de bem a melhor.

– Fez bem – disse o frade –, mas quantas vezes se deixou levar pela ira?

– Oh! – disse Ciappelletto. – Isso sim, digo que me aconteceu muitas vezes. Mas como pode conter-se quem todos os dias vê gente fazer coisas erradas, não observar os mandamentos de Deus, não temer os Seus julgamentos? Várias vezes por dia senti que preferia estar morto, quando via os jovens correndo atrás das vaidades, jurar e perjurar, frequentar tavernas, não ir a igrejas e seguir de preferência os caminhos do mundo, e não os de Deus.

O frade disse então:

– Meu filho, essa ira é boa, e eu nem saberia lhe impor penitência por isso. Mas, por acaso, a ira teria conseguido induzi-lo a cometer algum homicídio, a

dizer impropérios a alguém ou a cometer alguma outra injúria?

A isso sior Ciappelletto respondeu:

– Ai, o senhor, que me parece ser homem de Deus, como diz essas palavras? Se me tivesse passado pela cabeça nem que fosse uma ideiazinha de fazer uma dessas coisas que o senhor diz, acha que eu acreditaria que Deus ia me dar amparo? Essas coisas quem faz são bandidos e criminosos, e desses, quando por acaso vi algum, sempre disse: “Vai, e que Deus te converta”.

Então o frade disse:

– Agora diga, meu filho, e que Deus o abençoe: acaso deu falso testemunho contra alguém ou falou mal de alguém ou subtraiu coisas de alguém sem o consentimento daquele a quem pertenciam?

– Já sim, senhor – respondeu Ciappelletto –, falei mal de alguém; porque eu tinha um vizinho que fazia a coisa mais errada do mundo, que era bater na mulher, de maneira que uma vez falei mal dele aos parentes da mulher, de tanta pena que eu sentia daquela coitadinha, que ele, cada vez que bebia demais, espancava que só Deus sabe.

Então o frade disse:

– Bom, você me disse que foi mercador: por acaso enganou os outros como todos os mercadores?

– Por minha fé – disse Ciappelletto –, sim, senhor; mas não sei quem era, só sei que alguém me deu o dinheiro que me devia pelo pano que lhe vendi, e eu o pus na caixa sem contar, mas depois de bem um mês descobri que havia quatro *piccioli*13 a mais do que deveria haver; então, como não voltei a ver essa pessoa, depois de guardar o dinheiro bem um ano para devolver, eu o dei de esmola em nome de Deus.

Disse o frade:

– Foi coisa pequena; e fez bem em fazer o que fez.

E, além dessas, o santo frade fez muitas outras perguntas, às quais ele respondeu sempre desse modo. Como ele já quisesse proceder à absolvição, disse Ciappelletto:

– Meu senhor, tenho mais um pecado que não contei.

O frade perguntou qual era, e ele disse:

– Lembro que obriguei meu criado a varrer a casa num sábado depois da nona hora e no santo domingo não fui reverente como devia.

– Oh, meu filho – disse o frade –, é coisa leve.

– Não – disse Ciappelletto, – não diga que é coisa leve, porque o domingo deve ser venerado, pois foi num dia assim que Nosso Senhor ressuscitou da

morte para a vida.

O frade disse:

– Fez mais alguma coisa?

– Sim, senhor – respondeu Ciappelletto –, uma vez, distraído, cuspi no templo de Deus.

O frade começou a sorrir e disse:

– Meu filho, não é coisa para se preocupar: nós, que somos religiosos, cuspimos lá todos os dias.

Então Ciappelletto disse:

– Fazem coisa bem feia, porque não se deve manter nada tão limpo como o santo templo, onde se oferece sacrifício a Deus.

E em pouco tempo contou muitos fatos assim, até que por fim começou a suspirar e a chorar muito, como sabia fazer perfeitamente bem quando queria.

O santo frade:

– Meu filho, que está acontecendo?

Ciappelletto respondeu:

– Ai de mim, meu senhor, sobrou um pecado que eu nunca confessei, tamanha é a vergonha que sinto ao dizer; e, toda vez que me lembro dele, choro como está vendo, pois dou por mais que certo que Deus nunca não vai ter misericórdia de mim por causa desse pecado.

Então o santo frade disse:

– Que é isso, meu filho? O que está dizendo? Se todos os pecados já cometidos por todos os homens, ou que ainda venham a ser cometidos por todos os homens enquanto o mundo existir, estivessem todos num homem só, e ele estivesse arrependido e contrito como o vejo agora, é tanta a bondade e misericórdia de Deus que, se esse homem se confessasse, seus pecados seriam perdoados liberalmente; por isso, diga o que é, sem medo.

Então sior Ciappelletto disse, sempre chorando muito:

– Ai, padre, meu pecado é grande demais, e, se suas súplicas não se empenharem muito, mal posso acreditar que ele algum dia ele seja perdoado por Deus.

Então o frade disse:

– Diga sem medo, eu prometo que rogarei a Deus por você.

Mesmo assim Ciappelletto chorava e não dizia, enquanto o frade o incentivava a dizer. Até que, depois de alimentar durante muito tempo a curiosidade do frade, chorando suspirou profundamente e disse:

– Padre, como o senhor promete rogar a Deus por mim, vou dizer. Fique

sabendo que uma vez, quando eu era pequeno, amaldiçoei a minha mãe.

E, dizendo isso, recomeçou a chorar alto.

O frade disse:

– Oh, meu filho, e isso lhe parece um pecado tão grande? Oh! Os homens blasfemam todos os dias contra Deus, e ele costuma perdoar aqueles que se arrependem de terem blasfemado; e você acha que Ele não vai perdoar isso? Não chore, console-se, pois não há dúvida, se você fosse um daqueles que o puseram na cruz e tivesse a contrição que estou vendo, Ele perdoaria.

Então Ciappelletto disse:

– Ai, padre, o que está dizendo? Minha mãe era tão boa, carregou-me no ventre nove meses, dia e noite, deu-me o seio mais de cem vezes! Fiz muito mal em amaldiçoá-la, e esse é um pecado enorme; se o senhor não rogar a Deus por mim, esse pecado não será perdoado.

O frade, vendo que Ciappelletto nada mais tinha para dizer, deu-lhe a absolvição e a bênção, considerando-o um santo homem, por acreditar plenamente na veracidade de tudo o que ele dissera.

E quem não acreditaria, vendo alguém falar daquele modo em artigo de morte? Depois de tudo isso, disse-lhe:

– Ciappelletto, com a ajuda de Deus logo ficará bom; mas, se por acaso Deus chamasse a si a sua alma bendita e bem disposta, gostaria de ser sepultado em nosso convento?

A isso Ciappelletto respondeu:

– Sim, senhor; aliás, não gostaria de estar em outro lugar, já que o senhor prometeu rogar a Deus por mim; sem contar que sempre tive especial devoção por sua ordem. Por isso lhe peço que, quando o senhor estiver no seu convento, faça que venha a mim aquele veracíssimo corpo de Cristo que pela manhã é consagrado sobre o altar; porque (embora não seja digno) pretendo comungar com sua licença e depois receber a santa e última unção, para que eu, apesar de ter vivido como pecador, pelo menos morra como cristão.

O santo homem disse que tinha muito gosto, que ele estava certo e que o mandaria imediatamente; e assim foi.

Os dois irmãos, temendo muito que Ciappelletto os enganasse, tinham-se posto junto a um tabique que separava o quarto onde ele estava de um outro e, atentando, conseguiam ouvir com facilidade o que ele dizia ao frade; ao ouvirem as coisas confessadas, às vezes sentiam tanta vontade de rir que quase gargalhavam, e diziam entre si:

– Que homem é esse que nem a velhice, nem a doença, nem o medo da

morte, de que está próximo, nem mesmo de Deus, diante de cujo julgamento deverá estar daqui a pouco, conseguiram demover da maldade ou levar a desejar não morrer como viveu?

Mas, ouvindo que, de fato, ele receberia sepultura na igreja, não se preocupavam com nada mais.

Ciappelletto comungou logo em seguida e, piorando irremediavelmente, recebeu a última unção; pouco depois do entardecer daquele mesmo dia em que se confessara, morreu. Os dois irmãos, dispondo dos haveres dele para providenciarem sepultamento decente e mandando avisar os frades no convento, para que lá fossem à noite fazer velório, segundo o costume, e pela manhã cuidar do corpo, arranjaram tudo do modo mais conveniente.

O santo frade que o confessara, ao saber que ele falecera, foi ter com o prior do convento e, convocado o capítulo, disse aos frades ali reunidos que Ciappelletto fora um santo homem, conforme percebera por sua confissão; e, prevendo que por ele Nosso Senhor deveria realizar muitos milagres, convenceu-os de que seu corpo deveria ser recebido com grande reverência e devoção. Com isso concordaram o prior e os outros frades, convencidos que estavam; e à noite, indo todos ao lugar onde jazia o corpo de Ciappelletto, fizeram-lhe grande e solene velório; pela manhã, todos vestidos de alva e pluvial, com livros nas mãos e cruzes à frente, cantando, foram buscar o corpo e em meio a muita festa e solenidade o levaram à igreja, seguidos por quase todo o povo da cidade, homens e mulheres. Estava já o corpo na igreja quando o santo frade que o confessara subiu ao púlpito e começou a pregar, dizendo coisas maravilhosas sobre a vida, os jejuns, a virgindade, a simplicidade, a inocência e a santidade daquele homem, contando entre outras coisas aquilo que Ciappelletto, chorando, confessara ser seu maior pecado, e como ele mal e mal pudera meter-lhe na cabeça que Deus o perdoaria; e, com isso, passou a repreender o povo que o ouvia, dizendo:

– E vocês, malditos, por dá cá aquela palha blasfemam contra Deus, Nossa Senhora e toda a corte celestial.

E além dessas coisas disse muitas outras sobre sua lealdade e pureza; e em pouco tempo, com suas palavras, às quais a gente do campo dava inteira fé, pôs aquilo na cabeça e na devoção de todos os que ali estavam, de tal modo que, terminado o ofício, todos, em meio ao maior tropel do mundo, foram beijar os pés e as mãos de Ciappelletto, rasgando todas as roupas que o cobriam, de modo que se tinha por feliz quem conseguisse pelo menos um pedacinho; e decidiu-se deixá-lo daquele modo durante todo o dia, para que pudesse ser visto e visitado

por todos. Ao cair da noite, seu corpo foi posto numa urna de mármore e sepultado com honras numa capela; e, pouco a pouco, no dia seguinte as pessoas começaram a ir lá, acender velas, adorá-lo e, consequentemente, fazer pedidos e levar ex-votos de cera, dependendo da promessa feita.

E cresceram tanto a fama da sua santidade e a devoção que lhe tinham que quase não havia ninguém que, em alguma adversidade, fizesse promessa a outro santo; chamavam-no e chamam-no São Ciappelletto e afirmam que por seu intermédio Deus manifestou e manifesta todos os dias muitos milagres a quem se recomende a ele com fé.

Assim, pois, viveu e morreu Cepperello da Prato, tornando-se santo como ouviram. Não quero negar ser possível que ele seja bem-aventurado na presença de Deus, pois, embora sua vida tenha sido ímpia e malvada, na hora extrema ele pode ter feito um ato de tamanha contrição, que Deus talvez tenha tido misericórdia dele e o tenha recebido em seu reino; mas, como isso permanece oculto, raciocino pelo que se vê e digo ser mais provável que ele esteja em danação nas mãos do diabo do que no paraíso. E, se assim é, pode-se ver como é grande a bondade de Deus para conosco, pois, considerando a pureza de nossa fé, e não nossos erros, mesmo quando tomamos por intercessor um inimigo d’Ele, acreditando ser amigo, somos atendidos como se recorrêssemos a um verdadeiro santo para interceder na obtenção de sua graça. Por isso, nas atuais adversidades, para continuarmos sãos e salvos, por sua graça, nesta agradável companhia, louvando Seu nome com o qual começamos e reverenciando-O, recomendamo-nos a Ele em nossas necessidades, seguros de que seremos ouvidos.

E aqui se calou.

SEGUNDA NOVELA

O judeu Abraam, incentivado por Jeannot de Chevigny14, vai à corte de Roma e, vendo a iniquidade dos clérigos, volta a Paris e torna-se cristão.

A novela de Pânfilo foi em parte acolhida com risos e no todo elogiada pelas mulheres; foi atentamente ouvida e, quando chegou ao fim, a rainha ordenou a Neifile, sentada ao lado dele, que contasse uma, para que o divertimento iniciado prosseguisse em ordem. Ela, que não era menos ornada de costumes corteses do que o era de beleza, respondeu alegremente que o faria de bom grado e começou da seguinte maneira:

– Com sua história, Pânfilo mostrou que a bondade de Deus não leva em conta nossos erros quando eles decorrem de coisas que não podemos ver; eu, na minha, pretendo provar que essa mesma bondade dá mostras de sua infalível verdade quando, suportando pacientemente os defeitos daqueles que com obras e palavras deveriam dar verdadeiro testemunho dela, mas fazem o contrário, leva-nos a seguir com mais firmeza de ânimo aquilo em que acreditamos.

Conforme me contaram, gentis senhoras, havia em Paris um grande mercador, homem bondoso, leal e correto, chamado Jeannot de Chevigny, que tinha um grande negócio de tecidos; era singular sua amizade com um judeu riquíssimo, chamado Abraam, que, tal como ele, era mercador, correto e leal. Vendo sua correção e lealdade, Jeannot começou a lamentar que a alma de homem tão valoroso, sábio e bondoso se danasse por falta de fé. Por isso, passou a pedir-lhe amistosamente que abandonasse os erros da fé judaica e se convertesse à verdade cristã, que, como ele podia ver, por ser santa e boa, continuava a prosperar e aumentar, ao passo que a sua, como podia ver, diminuía e se reduzia a nada.

O judeu respondia que não achava nenhuma outra religião santa e boa, a não ser a judaica, na qual nascera e na qual pretendia viver e morrer; e não haveria nada que jamais o afastasse dela. Nem por isso, depois de alguns dias, Jeannot deixou de lhe dizer palavras semelhantes, mostrando-lhe, de maneira tosca, como sabe fazer a maioria dos mercadores, por quais razões a nossa é melhor que a judaica. E, apesar de o judeu ser grande mestre na lei judaica, talvez movido pela grande amizade que tinha por Jeannot, ou talvez por obra das palavras que o Espírito Santo punha na língua daquele homem simplório, o judeu começou a gostar muito das demonstrações do amigo; mas, obstinado em

sua crença, não se deixava modificar.

Tão pertinaz quanto ele era Jeannot, que não parava de instá-lo, a tal ponto que o judeu, vencido pela contínua insistência, disse:

– Pois bem, Jeannot, você quer que eu me torne cristão, e eu estou disposto a fazê-lo; tanto é verdade, que antes quero ir a Roma para ali ver aquele que, como diz, é vigário de Deus na terra, e estudar os modos e os costumes dele e dos seus irmãos cardeais; e se, observando-os, eu entender que, por essas suas palavras e pelo que eles fazem, a sua fé é melhor que a minha, como você se empenhou em demonstrar, farei o que lhe disse; e, se não for assim, continuo judeu como sou agora.

Ao ouvir isso, Jeannot ficou muito consternado, dizendo intimamente:

"De nada adiantou a trabalheira que eu achava tão bem empregada, acreditando ter convertido esse aí; porque, se ele vai a Roma e vê a vida infame e dissoluta dos clérigos, não só não vai deixar de ser judeu e virar cristão, como também, se já tivesse virado cristão, sem falta voltaria a ser judeu."

E, voltando-se para Abraam, disse:

– Ah, meu amigo, por que vai se meter em tanta canseira e tanto gasto, indo daqui a Roma? Sem contar que, por mar e por terra, um homem rico como você corre muitos perigos. Acha que não encontra aqui mesmo quem lhe dê o batismo? E, se por acaso ainda tiver alguma dúvida quanto à fé que lhe mostro, onde encontrará maiores mestres e sábios nessa religião do que aqui, homens capazes de esclarecê-lo em tudo o que quiser ou precisar? Por isso, na minha opinião, essa sua ida é inútil. Pense que os prelados que há lá são iguaizinhos aos que você já viu e vê aqui, e estes são até melhores, considerando que aqueles estão mais próximos do pastor principal. Portanto, na minha opinião, você poderia deixar essa trabalheira toda para outra vez, para alguma peregrinação de indulgência, e aí quem sabe posso até lhe fazer companhia.

A isso o judeu respondeu:

– Jeannot, acredito no que está dizendo, mas, para resumir muitas palavras em uma, digo que estou totalmente disposto a ir, se é que você quer que eu faça aquilo que tanto me pediu, caso contrário não faço nada.

Jeannot, percebendo sua vontade, disse:

– Então vá e boa sorte.

E pensou lá consigo que ele nunca se tornaria cristão quando visse a corte de Roma; mas, como não tinha nada para perder, conteve-se.

O judeu montou no cavalo e, assim que pôde, partiu para a corte de Roma; lá chegando, foi honrosamente recebido por outros judeus. E, em sua permanência,

não dizendo a ninguém por que tinha ido, começou a observar atentamente as maneiras do papa, dos cardeais, dos outros prelados e de todos os da corte; e desse modo ele, por ser homem muito sagaz e também por informações recebidas de alguém, percebeu que do mais graúdo ao mais miúdo em geral todos pecavam indecorosamente por luxúria, e não só pela natural, como também pela sodômica, sem freio algum de remorso ou vergonha, a tal ponto que o poder das meretrizes e dos rapazinhos na obtenção de qualquer grande coisa não era nada pequeno. Além disso, viu claramente que eram todos glutões, beberrões e bêbados, e que, depois da luxúria, serviam mais ao ventre como animais brutos do que a qualquer outra coisa. E, observando melhor, viu que eram todos tão gananciosos e desejosos de dinheiro que vendiam e compravam igualmente o sangue humano, ou melhor, cristão, e as coisas divinas, quaisquer que fossem, pertencentes aos sacrifícios do altar ou aos benefícios eclesiásticos, havendo mais comércio e intermediários destas do que em Paris os havia para tecidos ou qualquer outra coisa; viu que à manifesta simonia tinham dado o nome de “procuradoria”, e à gula, o nome de “sustento”, como se Deus não conhecesse as intenções daquelas péssimas almas, quanto mais do significado dos vocábulos, e, tal como os homens, se deixasse enganar pelos nomes das coisas.

O judeu, que era homem sóbrio e reservado, desagradando-se sumamente de tudo isso e de muitas outras coisas sobre as quais é melhor calar, achando que já tinha visto o bastante, propôs-se voltar a Paris, e assim fez. Jeannot, tão logo soube que ele chegara, esperando tudo, menos que se tivesse tornado cristão, foi ter com ele e fizeram muitas festas um ao outro; e, depois do descanso de alguns dias, Jeannot lhe perguntou o que tinha achado do santo padre, dos cardeais e dos outros prelados da corte.

A isso o judeu respondeu prontamente:

– Achei ruim, que Deus lhes dê o que merecem; por isso lhe digo que, se é que eu soube observar direito, ali não me pareceu haver santidade, devoção nem boa obra ou exemplo de vida ou do que quer que seja em clérigo nenhum; no entanto, acredito ter visto que a luxúria, a ganância, a gula, a fraude, a inveja, a soberba e coisas semelhantes e piores (se é que pode haver algo pior) são tão apreciadas por todos que considero ser aquilo uma forja de operações diabólicas, e não divinas. E, pelo que posso avaliar, o seu pastor e, portanto, todos os outros, empenham-se com afinco, engenho e arte em aniquilar e excluir do mundo a religião cristã, quando seria de se esperar que fossem fundamento e sustentação dela. E, como vejo que não ocorre aquilo em que eles se empenham, mas que sua

religião cresce continuamente e ganha maior esplendor e brilho, parece-me justo discernir que o Espírito Santo é seu fundamento e sustentação, sendo ela uma religião verdadeira e santa, mais que qualquer outra. Por isso, eu, que me mostrava renitente e duro diante de suas exortações e não queria ser cristão, agora digo com toda a franqueza que por nada no mundo deixaria de me tornar cristão. Vamos então à igreja e ali, de acordo com os devidos costumes de sua santa fé, trate de meu batismo.

Jeannot, que esperava conclusão exatamente contrária, ao ouvir essas palavras sentiu o maior contentamento do mundo. E, indo à igreja de Nossa Senhora de Paris com ele, pediu aos clérigos de lá que batizassem Abraam.

Estes, ouvindo o que ele pedia, logo o fizeram: e Jeannot, erguendo-o da pia batismal, chamou-o Jean[15]; depois, pediu a homens de grande valor que o iniciassem adequadamente em nossa fé, que ele aprendeu com rapidez, sendo para sempre homem de valor e de vida santa.

TERCEIRA NOVELA

O judeu Melquisedec, com uma história de três anéis, escapa de uma grande cilada armada por Saladino.

Depois que a história de Neifile foi elogiada por todos, esta se calou, e, como quis a rainha, Filomena começou a falar como segue.

– A história que Neifile contou me traz à memória o arriscado caso outrora ocorrido com um judeu. Como já se falou com tanta propriedade de Deus e da verdade de nossa fé, não será inconveniente descer agora aos acontecimentos e aos atos dos homens; e narrarei essa história para que, ouvindo-a, as senhoras talvez se tornem mais cautelosas nas respostas que deem às perguntas que lhes forem feitas. As amorosas companheiras deverão saber que, assim como a parvoíce muitas vezes afasta alguém da felicidade e o leva à enorme miséria, também o discernimento afasta o sábio de enormes perigos e lhe proporciona grande e seguro repouso. E a veracidade de que a parvoíce leva da boa situação à miséria é coisa que se vê em muitos exemplos que não nos compete descrever no momento, considerando-se que todos os dias surgem exemplos manifestos disso. No entanto, como prometi, mostrarei em breve que o discernimento dá ocasião a consolo, com uma historieta.

Saladino, cujo valor foi tão grande que não só o fez passar de homem humilde a sultão de Babilônia, como também lhe possibilitou muitas vitórias sobre os reis sarracenos e cristãos, depois de ter despendido todo o seu tesouro em diversas guerras e grandes magnificências, precisando por algum motivo de boa quantidade de dinheiro e não vendo onde o obter com a pressa necessária, lembrou-se de um rico judeu, cujo nome era Melquisedec, que emprestava a juros em Alexandria. E acreditou que este poderia fazer-lhe um empréstimo, caso quisesse, mas, avaro como era, não o faria espontaneamente, e Saladino não queria forçá-lo; por isso, premido pela necessidade, empenhando-se em encontrar um modo de obter um empréstimo do judeu, ocorreu-lhe usar alguma força com aparência de razão.

Mandando chamá-lo e recebendo-o com familiaridade, convidou-o a sentar-se ao seu lado e disse:

– Homem honrado, ouvi de várias pessoas que você é muito sensato e muito enfronhado nas coisas de Deus; por isso, gostaria de saber qual das três leis considera a verdadeira: a judaica, a sarracena ou a cristã.

O judeu, que de fato era homem sensato, percebeu muito bem que Saladino tinha em mira pilhá-lo por alguma de suas palavras e mover-lhe algum processo, e concluiu que não podia louvar nenhuma das três mais que as outras duas, sem que Saladino atingisse seu objetivo. Por isso, achando que precisava de uma resposta pela qual não fosse apanhado, aguçando o engenho, logo lhe ocorreu aquilo que deveria dizer, e disse:

– Senhor, a pergunta que me faz é bonita, e, para dizer aquilo que sinto a respeito, devo contar-lhe a historieta que ouvirá a seguir. Se não me engano, lembro-me de ter ouvido dizer várias vezes que houve no passado um homem poderoso e rico que possuía, entre as joias mais caras de seu tesouro, um belíssimo e precioso anel; querendo fazer jus a seu valor e à sua beleza e deixá-lo perpetuamente para seus descendentes, ele ordenou que o filho com o qual o anel fosse encontrado depois de sua morte, legado por ele, deveria considerar-se seu herdeiro e ser respeitado e reverenciado por todos os outros como irmão maior. E aquele a quem este legou o anel dispôs as coisas de modo semelhante com seus descendentes, fazendo o que fizera o seu predecessor; em suma, esse anel passou de mão em mão por muitos sucessores, até que finalmente chegou às mãos de alguém que tinha três filhos belos e virtuosos, muito obedientes ao pai, e este, por essa razão, amava os três de modo idêntico. Os jovens conheciam a tradição do anel, e cada um deles, desejando ser o mais respeitado, usava de seus melhores argumentos e pedia ao pai, já velho, que lhe legasse o anel quando a morte sobreviesse. O valoroso homem, que amava a todos de modo idêntico, não sabia escolher o filho ao qual deixaria o anel e, prometendo-o a cada um dos três, tencionou satisfazer os três; secretamente pediu a um bom mestre que fizesse outros dois anéis, tão semelhantes ao primeiro, que ele mesmo, que os mandara fazer, mal distinguia qual era o verdadeiro. Chegada a hora da morte, deu secretamente um anel a cada um dos filhos. E cada um deles, depois da morte do pai, querendo receber a herança e ocupar posição de honra, negava tais coisas aos outros e para provar seus direitos mostrava o seu anel. E, percebendo-se que os anéis eram tão iguais um ao outro que não se sabia distinguir qual era o verdadeiro, ficou pendente a questão de saber quem era o verdadeiro herdeiro, e a questão continua pendente. Por isso, meu senhor, das três leis dadas por Deus pai aos três povos, sobre as quais a pergunta foi feita, eu lhe digo: cada um acredita ter recebido diretamente e constituir a herança, a verdadeira lei e seus mandamentos; mas quem os tem ainda é uma questão pendente, tal como a dos anéis.

Saladino percebeu que o judeu se safara otimamente da cilada por ele armada

diante de seus pés; por isso se dispôs a confessar a sua necessidade e ver se ele estava disposto a emprestar-lhe dinheiro; foi o que fez, confessando aquilo que tinha em mente realizar contra ele, caso não tivesse respondido com tanta sabedoria como respondeu. O judeu emprestou a Saladino a quantidade de dinheiro solicitada, e Saladino depois honrou inteiramente a dívida; além disso, deu-lhe muitos presentes e sempre o teve como amigo, mantendo-o junto a si em posição elevada e honrosa.

QUARTA NOVELA

Um monge, incidindo num pecado digno de severíssima punição, repreende o seu abade pela mesma culpa e livra-se da pena.

Filomena já se calava, depois de cumprida a tarefa de contar sua história, quando Dioneu, que estava sentado ao lado dela, sem esperar comando da rainha, por saber que, seguindo a ordem já iniciada, tocava-lhe contar a sua, começou a falar do modo como segue:

– Amorosas senhoras, se bem entendi a intenção de todas, estamos aqui para nos comprazermos a contar histórias; por isso, desde que não se deixe de fazer isso, considero que a cada um deve ser lícito (como disse nossa rainha, há pouco) contar a história que acredita ser mais capaz de agradar; então, depois de ouvir que Jeannot de Chevigny salvou a alma de Abraam com seus bons conselhos, e que Melquisedec, usando sensatez, defendeu suas riquezas das insídias de Saladino, esperando não ser repreendido pelas senhoras, pretendo relatar em breve a perspicácia com que um monge livrou o próprio corpo de severíssima pena.

Havia em Lunigiana, povoado não muito distante daqui, um mosteiro que no passado andava mais cheio de santidades e monges do que hoje, havendo entre eles um monge novo, cujo vigor e viço não havia jejuns e vigílias que pudessem mortificar. Certa feita, era meio-dia, estavam todos os outros monges fazendo a sesta, quando ele, a andar sozinho ao redor da igreja, que ficava em local bastante ermo, deparou por acaso com uma jovenzinha bem bonita, talvez filha de algum dos lavradores da região, que ia pelo campo colhendo ervas; ele, tão logo a viu, foi ferozmente assaltado pela concupiscência carnal. Assim, aproximando-se dela, puxou conversa e avançou tanto de um assunto ao outro que entraram num acordo, e ele a levou à sua cela, sem que ninguém percebesse.

Num momento em que, movido pelo excesso de desejo, divertia-se com ela sem muito cuidado, um abade que acordara, passando silenciosamente diante da cela, ouviu o burburinho que os dois faziam lá dentro; para reconhecer as vozes, encostou-se furtivamente à porta da cela, tentando ouvir melhor e, percebendo claramente que lá dentro havia mulher, ficou muito tentado a mandar abri-la; depois resolveu valer-se de outro estratagema e, voltando a seus aposentos, ficou esperando que o monge saísse. O monge, apesar do grande prazer e deleite que sentia em ocupar-se com a moça, não deixava de estar sempre vigilante e,

achando que ouvira certo arrastar de pés pelo dormitório, olhou por um buraquinho e viu perfeitamente que o abade os escutava, compreendendo que ele poderia ter percebido a presença da jovem em sua cela. O monge, sabendo que aquilo lhe acarretaria grave punição, ficou muitíssimo pesaroso; mas, sem deixar que a jovem percebesse a sua preocupação, matutou depressa várias coisas, procurando descobrir alguma que o salvasse; e ocorreu-lhe um novo ardil, que vinha diretamente ao encontro do objetivo buscado; assim, fingindo achar que já estivera tempo bastante com ela, disse o monge:

– Vou tentar descobrir uma maneira de você sair daqui sem ser vista; por isso, fique aí quieta até eu voltar.

Depois de sair e fechar a cela à chave, foi diretamente para os aposentos do abade e, entregando-lhe a chave, como faziam todos os monges ao saírem, disse com expressão serena:

– Senhor, hoje de manhã não consegui trazer toda a lenha que mandei cortar, por isso, com sua permissão, quero ir ao bosque buscá-la.

O abade, querendo ficar mais informado da falta cometida pelo monge e achando que este não percebera que tinha sido visto, ficou contente com o incidente e de bom grado pegou a chave e lhe deu permissão de sair. Vendo que tinha ido embora, começou a pensar no que seria preferível fazer: ou abrir a cela dele na presença de todos os monges e mostrar-lhes o seu delito, para que depois não houvesse motivos de murmúrios contra ele quando punisse o monge, ou primeiramente ouvir da moça o que de fato havia acontecido. E, pensando consigo que ela poderia ser mulher ou filha de algum homem de alta condição a quem ele não gostaria de envergonhar expondo-a aos monges todos, tomou a decisão de vê-la antes, para depois resolver o que faria; e, indo silenciosamente até a cela, abriu-a, entrou e fechou a porta.

A moça, vendo o abade chegar, ficou toda perturbada e, temendo a vergonha, começou a chorar. O senhor abade, pondo-lhe os olhos em cima e vendo que ela era bonita e viçosa, mesmo sendo velho sentiu subitamente na carne estímulos não menos fogosos que os experimentados por seu jovem monge; então começou a dizer com seus botões: “Ah, por que não terei um pouco de prazer quando posso, mesmo porque o desprazer e as contrariedades sempre estarão à minha disposição, quando eu quiser? Essa moça é bonita, está aí e ninguém no mundo sabe; se posso levá-la a fazer o que desejo, não sei por que não o faria. Quem vai saber? Ninguém nunca vai saber; e pecado ocultado já está meio perdoado. Um acaso desses talvez nunca mais ocorra: na minha opinião quem é sensato não deixa de apanhar uma coisa boa que Deus lhe mande”.

Assim pensando e deixando totalmente de lado o propósito com o qual fora até ali, aproximou-se mais da jovem e, com gentileza, começou a consolá-la e a pedir-lhe que não chorasse; e, uma coisa puxa a outra, conseguiu manifestar-lhe o seu desejo. A moça, que não era de ferro nem de diamante, bem depressa se dobrou aos prazeres do abade que, depois de abraçá-la e beijá-la muitas vezes, acomodou-se na cama do monge e, pensando talvez no grande peso de sua dignidade e na tenra idade da jovem, ou temendo, quem sabe, machucá-la com demasiada carga, não montou sobre ela, mas, ao contrário, colocou-a sobre seu próprio peito e durante muito tempo divertiu-se com ela.

O monge, que tinha feito de conta que ia ao bosque, mas se escondera no dormitório, quando viu o abade entrar sozinho na cela teve certeza absoluta de que seu plano daria certo; e, vendo-o fechar-se lá dentro, deu por certíssimo o sucesso. Saindo então do lugar onde estava, foi em silêncio até um buraquinho pelo qual ouviu e viu o que o abade fez e disse. O abade, achando que já tinha ficado tempo suficiente com a mocinha, deixou-a fechada na cela e voltou para seus aposentos; depois de algum tempo, ouvindo o monge e acreditando que ele tivesse voltado do bosque, tomou a decisão de repreendê-lo severamente e mandá-lo ao aljube16, para poder possuir sozinho a presa que ganhara: assim, mandando chamá-lo, repreendeu-o com severidade e cara feia, ordenando que fosse posto na prisão.

O monge respondeu imediatamente:

– Senhor, ainda não fiquei muito tempo na ordem de São Bento para ter aprendido todas as suas particularidades; e o senhor ainda não tinha me mostrado que os monges devem se deixar esmagar pelo peso das mulheres como o são por jejuns e vigílias; mas agora que me mostrou, prometo que, se me perdoar desta vez, nunca mais cometerei esse pecado; ao contrário, vou sempre fazer do modo como vi o senhor fazer.

O abade, que era esperto, imediatamente percebeu que o outro não só fora mais astuto que ele, como também vira o que ele havia feito. Assim, arrependido de sua própria culpa, envergonhou-se de infligir ao monge aquilo que ele também mereceria. Perdoando-o e impondo-lhe silêncio sobre aquilo que vira, os dois puseram discretamente a mocinha para fora, e é de se crer que depois a fizeram voltar diversas vezes.

QUINTA NOVELA

A marquesa de Monferrato, com um banquete de galinhas e algumas palavrinhas elegantes, reprime o insensato amor do rei da França.

A história de Dioneu de início infundiu no coração das mulheres presentes certo pudor, que foi denunciado pelo recatado rubor que lhes subiu ao rosto; depois, entreolhando-se e mal conseguindo deixar de rir, ouviram tudo sorrindo maliciosamente. Mas, quando o conto terminou, depois de repreendê-lo com palavrinhas brandas para lhe mostrarem que semelhantes histórias não deviam ser contadas entre senhoras, a rainha voltou-se para Fiammetta, que estava sentada na relva perto dele, e lhe ordenou que seguisse a ordem. E ela, com graça e alegria, começou:

– Seja porque me agrada termos entrado a demonstrar com histórias a grande força que têm as respostas boas e prontas, seja porque, ao contrário do que ocorre com os homens, em quem é sensato procurar amar mulher de mais alta linhagem, nas mulheres a sagacidade está em saber abster-se de se apaixonar por homem mais elevado, por tudo isso, belas senhoras, tive a ideia de lhes mostrar na história que me compete narrar como uma fidalga se absteve disso e demoveu a outra pessoa de seu intento, valendo-se de obras e palavras.

O marquês de Monferrato era homem de grande valor, gonfaloneiro da Igreja, que fora para além-mar numa cruzada promovida pelos cristãos com homens armados. Certa vez em que se falava do seu valor na corte de Felipe, o Zarolho, que se preparava para sair da França e ir para aquela mesma cruzada, um cavaleiro disse que não havia sob as estrelas casal igual ao marquês e sua esposa: por isso, tal como entre os cavaleiros o marquês era famoso por todas as virtudes, sua esposa entre todas a outras mulheres do mundo era a mais bela e valorosa. Essas palavras entraram de tal maneira no espírito do rei da França que este, mesmo sem tê-la jamais visto, começou de imediato a amá-la com fervor; e decidiu que, a caminho da cruzada, só se faria ao mar por Gênova e por nenhum outro lugar, porque, indo para lá por terra, teria um pretexto decente para conhecer a marquesa, acreditando que, como o marquês não estava em casa, ele talvez tivesse oportunidade de pôr em prática o que desejava. E tratou de executar aquilo que havia planejado: por isso, mandando todos os homens à sua frente, pôs-se a caminho com uma pequena comitiva de fidalgos; aproximando-se das terras da marquesa, mandou dizer-lhe com um dia de antecipação que na

manhã seguinte devia esperá-lo para almoçar.

A mulher, sensata e prudente, respondeu com alegria que ele lhe concedia uma graça superior a qualquer outra, e que era bem-vindo. Depois começou a refletir no que poderia significar a visita de tão alto rei na ausência de seu marido; e não se enganou na conjectura, qual seja, a de que ele era ali levado pela fama de sua beleza. No entanto, como mulher de valor que era, disposta a obsequiá-lo, mandou chamar alguns daqueles homens de confiança que tinham ficado e, deliberando com eles, dispôs tudo o que de oportuno deveria ser feito, mas do banquete e dos pratos quis cuidar sozinha. E, reunindo sem demora todas as galinhas que pôde encontrar na região, ordenou aos seus cozinheiros que só com elas fizessem vários pratos para o banquete real.

Chegou, portanto, o rei no dia marcado e foi recebido com muita festa e honra pela mulher. Vendo-a, o rei a achou mais bonita, valorosa e cortês do que lhe haviam dado a imaginar as palavras do cavaleiro, e com isso ficou sumamente maravilhado e bem impressionado, acendendo-se mais e mais o seu desejo à medida que achava aquela senhora superior a tudo o que antes havia avaliado. E, depois de algum descanso em quartos muito bem ornados com tudo o que compete à recepção de tão elevado rei, chegando a hora de comer, o rei e a marquesa se sentaram a uma mesa, e os outros foram honrados com outras mesas, segundo a qualidade de cada um.

O rei, a quem eram servidas sucessivamente muitas iguarias, vinhos ótimos e preciosos, olhando também com deleite, vez por outra, para a belíssima marquesa, estava achando tudo extremamente prazeroso. No entanto, à medida que os pratos chegavam um após outro, o rei começou a ficar um tanto espantado, por perceber que as iguarias, embora diferentes, não eram feitas de coisas diferentes, mas só de galinhas. Como sabia que no lugar onde estava deveria haver grande número de animais diversos, e que o fato de ter comunicado com antecipação sua visita à mulher lhe teria dado tempo de mandar caçá-los, crescia a tal ponto seu espanto que o rei não quis perder a ocasião de fazê-la falar de suas galinhas, e com expressão alegre voltou-se para ela e disse:

– Minha senhora, neste lugar nascem só galinhas, sem galo nenhum?

A marquesa, que tinha entendido a pergunta muito bem, achando que Deus Nosso Senhor atendia ao seu desejo, dando-lhe o ensejo oportuno de demonstrar as suas intenções, voltou-se com desenvoltura para o rei e respondeu:

– Não, Majestade, mas as mulheres daqui, embora se diferenciem um pouco das outras nas roupas e nas dignidades, são todas feitas como as dos outros lugares.

O rei, ouvindo essa resposta, entendeu bem a razão do banquete de galinhas e a virtude oculta nas palavras; percebeu também que com semelhante mulher gastaria palavras em vão, e que ali não havia lugar para o uso da força; pois uma vez que ele se inflamara irrefletidamente por ela, agora era mais prudente, para sua própria honra, apagar a chama concebida de modo tão indevido. E, sem outros gracejos, temendo as respostas dela, almoçou sem nutrir mais esperanças; terminado o almoço, para encobrir com rápida partida a desonestidade da ida, depois de lhe agradecer a honra recebida, recomendou-a a Deus e partiu para Gênova.

SEXTA NOVELA

Um homem honesto, com palavras engenhosas, embaraça a maldosa hipocrisia dos religiosos.

Depois que todas elogiaram o valor da marquesa e o gracioso castigo por ela imposto ao rei da França, Emília, que estava sentada ao lado de Fiammetta, acatando sua rainha, começou a contar corajosamente:

– Não vou deixar de falar de uma alfinetada que um secular de valor infligiu a um religioso ganancioso, com uma frase não só engraçada, mas também louvável.

Caros jovens, não faz muito tempo, em nossa cidade havia um frade menor, inquisidor da perversidade herética, que, embora se empenhasse em parecer santo e fervoroso amante da fé cristã (como fazem todos), na verdade era tão bom investigador de quem tinha a bolsa recheada quanto de quem era vazio de fé. Nesse afã, topou por acaso com um bom homem, mais rico de dinheiro que de juízo, que, não por ser falto de fé, mas por ser simplório, aquecido talvez pelo vinho ou por excessiva alegria, dissera um dia a certo grupo de pessoas que tinha um vinho tão bom que até Cristo o beberia.

O inquisidor, ao ser disso informado e ao ficar sabendo que o homem tinha grandes propriedades e bolsa bem inflada, correu impetuosissimamente *cum gladiis et fustibus*[17] a impetrar-lhe pesadíssimo processo, não por ter em vista a diminuição da descrença no impetrado, mas sim a resultante acumulação de florins nas suas mãos, como de fato ocorreu. E, intimando-o, perguntou se era verdade o que fora dito contra ele. O bom homem respondeu que sim e contou o modo como o dissera. Então o inquisidor santíssimo e devoto de São João Boca de Ouro disse:

– Quer dizer que transformou Cristo em beberrão e amante de vinhos preciosos, como se ele fosse Cinciglione[18] ou qualquer outro beberrão, bêbado e frequentador de tavernas? E agora, com essa fala humilde, quer mostrar que se trata de coisa sem importância. Mas a coisa não é como lhe parece; por causa disso merece a fogueira, se formos agir com você como é de nosso dever.

E usando essas e outras palavras, falava com expressão ameaçadora, como se o outro fosse algum Epicuro a negar a eternidade das almas. Em suma, deixou tão apavorado o bom homem que este incumbiu alguns intermediários de lubrificar as mãos do frade com boa quantidade de unguento de São João Boca

de Ouro (muito bom para o mal pestilencioso da ganância dos clérigos, especialmente dos frades menores, que não ousam tocar em dinheiro), para que ele o tratasse com misericórdia.

O tal unguento que, apesar de virtuoso, não é citado por Galeno[19] em nenhuma parte de sua Medicina, atuou tanto e tão bem que o fogo ameaçador foi permutado graciosamente por uma cruz[20]; e, como se o homem tivesse de ir a alguma cruzada de além-mar, o frade, querendo uma bandeira mais bonita, impôs uma cruz amarela sobre preto. Além disso, recebido já o dinheiro, o frade o manteve vários dias perto de si, dando-lhe a penitência de assistir à missa todas as manhãs na igreja de Santa Croce e de comparecer perante ele na hora de comer, podendo fazer no restante do dia o que bem quisesse.

Cumprindo conscienciosamente todas essas coisas, certa manhã o homem ouviu na missa um trecho do Evangelho no qual eram cantadas estas palavras: "Receberá cem vezes por um e herdará a vida eterna".[21] Guardou bem na memória essas palavras e, obedecendo à ordem que lhe fora dada, na hora do almoço apresentou-se ao inquisidor e o encontrou comendo. Este lhe perguntou se ele tinha assistido à missa naquela manhã. A isso ele respondeu imediatamente:

– Sim senhor.

Então o inquisidor disse:

– Ouviu ali alguma coisa sobre a qual tenha dúvida e queira perguntar?

– Na verdade – respondeu o bom homem –, não duvido de nada do que ouvi; ao contrário, dou todas as coisas por certas e creio serem verdadeiras. Ouvi muito bem algo que me fez e faz ter muita compaixão do senhor e dos outros frades de sua ordem, pensando na má situação em que se encontrarão na outra vida.

O inquisidor disse então:

– E quais foram as palavras que o levaram a sentir essa compaixão de nós?

O bom homem respondeu:

– Foram aquelas palavras do Evangelho que dizem: "Receberá cem vezes por um".

O inquisidor disse:

– E é verdade; mas por que essas palavras o comoveram?

– Senhor – respondeu o bom homem –, vou dizer: no tempo em que estive por aqui, vi todos os dias darem ali fora aos muitos pobres um ou dois enormes caldeirões de sopa, que são as sobras retiradas da frente do senhor e dos outros frades deste convento; então, se no além para cada coisa são restituídas cem, os

senhores vão ter tanta sopa que se afogarão dentro dela.

Como todos os outros que estavam à mesa começaram a rir, o inquisidor, sentindo espicaçar-se a sua sopeiresca hipocrisia, ficou muito perturbado, e, não fosse o fato de ser censurado pelo que já fizera, teria impetrado outro processo contra aquele que com palavras risíveis o alfinetava, bem como aos outros preguiçosos; e com raiva lhe ordenou que fosse fazer o que bem entendesse, e não lhe aparecesse mais pela frente.

SÉTIMA NOVELA

Bergamino, com uma história sobre Primas[22] e o abade de Cluny, espicaça com dignidade uma insólita avareza que acometeu messer *Cane della Scala.*[23]

A espirituosidade de Emília e de sua novela provocaram riso na rainha e em todos os presentes, que elogiaram a insólita percepção do cruzado. Mas, depois que as risadas silenciaram e todos se aquietaram, Filostrato, a quem competia agora narrar uma história, começou a falar do seguinte modo:

– Nobres senhoras, é muito bonito atingir um alvo que não se mova, mas é quase prodigioso um arqueiro acertar alguma coisa inesperada que apareça de repente. A vida viciosa e dissoluta dos clérigos, por ser em muitos aspectos uma espécie de alvo imóvel, expõe-se sem dificuldade aos comentários, às alfinetadas e à censura de qualquer um; por isso, embora tenha feito muito bem o homem honesto que lançou ao rosto do inquisidor a hipócrita caridade dos frades que dão aos pobres o que conviria dar aos porcos ou jogar fora, considero mais digno de louvor aquele do qual devo falar agora, inspirado pela história anterior. Este, com um conto gracioso, representando em outrem aquilo que pretendia dizer sobre si mesmo e sobre *messer* Cane della Scala, magnífico senhor, criticou uma súbita e inusitada avareza que nele se manifestou. E a história é esta.

Tal como ecoa conhecidíssima fama em todo o mundo, *messer* Cane della Scala, que em muitas coisas foi favorecido pela Fortuna, era um dos mais notáveis e magnificentes senhores que a Itália conheceu desde os tempos do imperador Frederico II até agora.

Esse senhor, que se dispusera a dar uma festa notável e admirável em Verona, para a qual haviam chegado muitas pessoas de vários lugares, sobretudo dedicadas aos diversos tipos de entretenimento, de repente desistiu (por uma razão qualquer) e, depois de remunerar em parte aqueles que tinham ido, dispensou-os. Só ficou um, chamado Bergamino, falador pronto e talentoso (muito mais do que pode imaginar quem não o tenha ouvido), que não recebera nenhuma remuneração nem fora dispensado; ficou, na esperança de que tal fato não deixaria de lhe trazer alguma futura utilidade. Mas, na opinião de *messer* Cane, qualquer coisa que lhe dessem estaria mais perdida do que se fosse lançada ao fogo; contudo, não lhe dizia nada disso nem mandava ninguém dizer.

Bergamino, depois de alguns dias, vendo que não o chamavam nem

solicitavam as coisas relativas ao seu ofício, e que, além disso, consumia na hospedaria tudo o que tinha com seus cavalos e criados, começou a ser tomado pela melancolia; mesmo assim, esperava, achando que não ficaria bem ir embora. Levara consigo três trajes belos e ricos que lhe haviam sido dados por outros fidalgos, para comparecer com dignidade à festa, e, como seu hospedeiro quisesse ser pago, ele primeiramente lhe deu um dos trajes e depois, permanecendo ali muito mais tempo, precisou dar-lhe o segundo, para poder continuar hospedado; e passou a comer por conta do terceiro, disposto a observar duramente o tempo que durasse aquele traje, para depois ir embora.

Já estava vivendo à custa do terceiro traje quando, um dia, estando *messer* Cane a comer, Bergamino se pôs diante dele com ar muito tristonho. Ao vê-lo, *messer* Cane disse, mais para escarnecê-lo que para se deleitar com as palavras do outro:

– Bergamino, o que tem? Está tão melancólico! Diga alguma coisa.

Bergamino então, sem pensar muito, como se muito já tivesse pensado, de repente começou a contar a seguinte história, que adaptou à sua situação:

– Meu senhor deve saber que Primas foi um homem versado em gramática e, além disso, grande e pronto versificador, como nenhum outro, coisas que o tornaram tão respeitável e famoso que, mesmo não sendo conhecido de vista em todos os lugares, quase não havia quem não soubesse quem era Primas pelo nome e pela reputação.

“Uma vez, estava ele em Paris vivendo na pobreza, que era como vivia na maior parte do tempo, por serem suas virtudes pouco apreciadas por aqueles que têm grande poder, quando ouviu falar de certo abade de Cluny que, segundo se acredita, é o prelado mais rico em rendimentos na Igreja de Deus, com exceção do papa; dele ouviu dizer coisas maravilhosas e magníficas, como por exemplo que mantinha uma corte e nunca negara comida nem bebida a ninguém que se dirigisse ao local onde ele ficava, bastando para isso fazer o pedido enquanto o abade estivesse comendo. Ouvindo tais coisas, Primas, que gostava de conhecer homens valorosos e nobres, decidiu ir ver a magnificência daquele abade e perguntou a que distância ficava ele de Paris. Responderam-lhe que talvez houvesse umas seis milhas até o lugar onde ele ficava, e Primas acreditou que, partindo de manhã bem cedo, poderia chegar lá na hora do almoço.

“Pedindo que lhe ensinassem o caminho e não encontrando ninguém que para lá fosse, ficou com medo de, por alguma infelicidade, perder-se e ir dar em lugar onde não encontrasse tão depressa o que comer; e assim, para não passar dificuldades com comida, teve a ideia de levar três pães, imaginando que água

(de que não gostava muito) ele poderia encontrar em qualquer lugar. Guardando os pães junto ao peito, pôs-se a caminho, e tudo correu tão bem que antes da hora de comer chegou ao local onde ficava o abade. Entrou, foi olhando para todos os cantos e, vendo a grande quantidade de mesas postas, o grande aparato da cozinha e as outras coisas prontas para o almoço, disse de si para si: ‘De fato, ele é tão magnificente quanto se diz’. Estava atento a todas essas coisas quando o senescal do abade (pois já estava na hora de comer) ordenou que as mãos fossem lavadas; lavadas as mãos, cada um se sentou à mesa. Por acaso, mandaram que Primas se sentasse bem em frente à porta do quarto de onde o abade deveria sair para ir à sala comer.

“Havia naquela corte o uso de nunca pôr nas mesas vinho, pão nem quaisquer outras coisas de comer ou beber antes que o abade se sentasse. Por isso, quando o senescal viu que as mesas estavam preparadas, mandou dizer ao abade que, caso lhe agradasse, a comida estava pronta.

“O abade mandou abrir a porta do quarto para ir à sala e, a caminho, olhando para a frente, quem viu por acaso em primeiro lugar foi Primas, que estava com péssima aparência e que ele não conhecia de vista; assim que o viu, imediatamente lhe veio à mente um mau pensamento que nunca tivera, e ele disse consigo: ‘Veja a quem dou de comer!’. E, retornando, ordenou que o quarto fosse fechado e perguntou àqueles que estavam por perto se alguém conhecia aquele malfeitor que estava sentado à mesa bem em frente à porta do seu quarto. Todos responderam que não.

“Primas, que tinha vontade de comer, por ter andado muito e não estar acostumado a jejuar, depois de esperar um pouco e ver que o abade não chegava, tirou do peito um dos três pães que havia levado e começou a comer. O abade, depois de algum tempo, ordenou a um dos seus empregados que fosse olhar se Primas tinha ido embora.

“O empregado respondeu:

“– Não, senhor; ao contrário, está comendo um pão, que ele decerto deve ter trazido.

“O abade disse:

“– Então que coma do seu, se tem, porque do que é nosso não vai comer hoje.

“O abade gostaria que Primas saísse espontaneamente, pois achava que não ficava bem mandá-lo embora. Primas, depois de comer um pão, vendo que o abade não chegava, começou a comer o segundo; e isso também foi dito ao abade, que mandara alguém ver se ele tinha ido embora.

“Finalmente, como o abade não chegasse mesmo, Primas, que já tinha comido o segundo pão, começou a comer o terceiro; e isso também foi relatado ao abade, que começou a pensar e a dizer de si para si: ‘Ora, que coisa nova é essa que hoje me entrou na alma? Que avareza! Que despeito! E por quem? Dei de comer, durante tantos anos, a quem quer que quisesse comer, sem olhar se era fidalgo ou camponês, pobre ou rico, mercador ou bufarinheiro, e com meus próprios olhos vi minha comida sendo estragada por inúmeros malfeitores, e nem por isso em minha alma se insinuou o pensamento que tive hoje por esse aí. Sem dúvida não devo ter sido dominado pela avareza por causa de uma pessoa insignificante, e esse que me parece um malfeitor deve ser homem de importância, para que meu espírito tenha se negado de tal modo a dar-lhe hospitalidade’.

“Assim pensando, quis saber quem era ele e, descobrindo que era Primas, ali presente para verificar o que ouvira falar sobre sua magnificência, o abade, que de muito tempo já ouvia falar de Primas como homem talentoso, sentiu-se envergonhado; e, ansioso por reparar o erro, empenhou-se em obsequiá-lo de muitas maneiras. Depois de lhe dar comida, de acordo com o que convinha à qualidade de Primas, ordenou que o vestissem com nobreza e, ofertando-lhe dinheiro e um palafrém, deixou-o à vontade para ir ou ficar. Primas, contente, demonstrando a maior gratidão que podia, voltou cavalgando a Paris, de onde tinha saído a pé.”

Messer Cane, que era bom entendedor, sem precisar de outra demonstração compreendeu o que Bergamino queria dizer e disse sorrindo:

– Bergamino, você mostrou adequadamente os seus prejuízos, o seu valor, a minha avareza e aquilo que espera de mim; e, de fato, nunca, senão agora com você, fui dominado pela avareza; mas vou expulsá-la com o porrete que você mesmo me indicou.

E, depois de mandar pagar o hospedeiro de Bergamino, de vesti-lo nobremente com um de seus trajes, de lhe dar dinheiro e um palafrém, daquela vez o deixou à vontade para ir ou ficar.

OITAVA NOVELA

Guglielmo Borsiere, com palavras graciosas, castiga a avareza de messer *Ermino dei Grimaldi.*

Ao lado de Filostrato estava Lauretta, que, depois de ouvir loas ao estratagema de Bergamino, percebendo que lhe convinha dizer alguma coisa, sem esperar que mandassem, começou a falar agradavelmente da seguinte maneira:

– A história anterior, queridas companheiras, me induz a contar como um talentoso menestrel espicaçou de modo semelhante e não sem resultados a cupidez de um riquíssimo mercador; e não é por ter efeitos semelhantes aos da anterior que os senhores deverão apreciar menos esta história, sabendo que ela vai acabar bem.

Existiu em Gênova, já faz bom tempo, um fidalgo chamado *messer* Ermino dei Grimaldi, que (conforme todos acreditavam) superava de longe, em propriedades e dinheiro, a riqueza de qualquer outro riquíssimo cidadão que então se conhecesse na Itália. E, assim como vencia qualquer italiano em riqueza, em matéria de avareza e sovinice sobrepujava em muito qualquer outro sovina e avaro que existisse no mundo; por isso, mantinha a bolsa fechada não só quando se tratava de dar hospitalidade aos outros como também para as coisas necessárias à sua própria pessoa, pois, contrariando o costume geral dos genoveses, que têm o hábito de vestir-se com nobreza, ele passava enormes privações para não gastar, fazendo o mesmo com a comida e a bebida. Por esse motivo, o sobrenome Grimaldi havia merecidamente desaparecido de seu nome, e era ele chamado por todos unicamente de *messer* Ermino Avareza.

Naqueles tempos em que, à força de não gastar, ele multiplicava o que tinha, chegou a Gênova um talentoso menestrel, polido e bem falante, que se chamava Guiglielmo Borsiere e em nada se assemelhava aos de hoje; estes, para grande vergonha dos costumes depravados e vituperáveis de quem agora quer ser chamado e considerado fidalgo e nobre, deveriam ser vistos mais como asnos, criados na fealdade de toda a maldade dos homens mais baixos que existem, e não nas cortes. E, enquanto naqueles tempos o ofício deles consistia em trabalhar para obter a paz sempre que surgissem guerras ou conflitos entre fidalgos, em tratar matrimônios, parentelas e amizades, em recobrar o ânimo dos exaustos e divertir as cortes com palavras belas e graciosas, bem como em castigar os erros

dos malvados com ásperas repreensões, tal como fazem os pais, tudo em troca de recompensas bastante pequenas, os de hoje em dia se empenham em passar o tempo levando a maledicência de uma pessoa a outra, semeando a discórdia, dizendo coisas ruins e tristes e, o que é pior, cometendo-as em presença de todos, criticando males, vergonhas e tristezas verdadeiras e não verdadeiras uns dos outros e atraindo com falsas lisonjas as almas gentis para as coisas vis e iníquas; e será mais prezado, honrado e glorificado com elevadas recompensas por parte de senhores sórdidos e depravados aquele que disser palavras ou cometer atos mais abomináveis: enorme e condenável vergonha do mundo atual, prova bem evidente de que as virtudes, desaparecendo daqui, deixaram os míseros mortais imersos na borra dos vícios.

Mas, voltando àquilo que eu começava a dizer e do que me distanciei um pouco mais do que imaginava, movida por justa indignação, digo que o mencionado Guiglielmo foi acolhido e visitado com gosto por todos os fidalgos de Gênova. Depois de ficar alguns dias na cidade e de ouvir muitas coisas sobre a sovinice e a avareza de *messer* Ermino, quis conhecê-lo.

Messer Ermino já tinha ouvido dizer que Guiglielmo Borsiere era talentoso, e como tinha alguma pequena centelha de gentileza, apesar de avarento, recebeu-o com palavras amistosas e cara alegre, conversando com ele sobre assuntos vários e diversos; e, entre uma conversa e outra, levou Guiglielmo e os outros genoveses que estavam com ele a uma casa nova e muito bonita que mandara construir; depois de tê-la mostrado por inteiro, disse:

– *Messer* Guiglielmo, o senhor, que viu e ouviu tantas coisas, poderia indicar-me alguma que nunca tenha sido vista para que eu possa mandar pintá-la no salão desta minha casa?

Guiglielmo, ouvindo seu inoportuno modo de falar, respondeu:

– Senhor, não creio que possa lhe indicar nada que nunca tenha sido visto, exceto espirros e coisas semelhantes; mas, se lhe agradar, posso indicar uma coisa que, acredito, o senhor nunca viu.

Messer Ermino disse:

– Ah, por favor, diga que coisa é essa – não imaginando que ele responderia o que respondeu.

E Guiglielmo disse imediatamente:

– Mande pintar a Cortesia.

Quando ouviu essa palavra, *messer* Ermino foi tomado por uma vergonha tão súbita que teve o poder de mudar suas disposições e torná-las quase totalmente contrárias ao que tinham sido até então, e ele disse:

– *Messer* Guiglielmo, vou mandar pintá-la de tal maneira que nunca mais o senhor nem os outros poderão me dizer com razão que nunca a vi nem conheci.

E foi tamanha a força das palavras de Guiglielmo que daquele dia em diante ele foi o fidalgo mais liberal e gentil da cidade, mais hospitaleiro para cidadãos e forasteiros que qualquer outro existente em Gênova naquele tempo.

NONA NOVELA

O rei de Chipre, fustigado por uma mulher da Gasconha, deixou de ser medroso e tornou-se valoroso.

A Elissa restava a última ordem da rainha; e ela, sem esperar, começou toda alegre:

– Jovens senhoras, frequentemente aquilo que várias repreensões e punições impostas a alguém não conseguem resolver, uma única palavra, muitas vezes dita por acaso, e não de propósito, consegue. É o que se percebe na história contada por Lauretta, coisa que também pretendo demonstrar com outra bastante breve; porque as coisas boas, que podem ser úteis, sempre devem ser ouvidas com atenção, venham elas de quem vierem.

Digo, então, que nos tempos do primeiro rei de Chipre[24], depois da conquista da Terra Santa por Godofredo de Bulhões, uma fidalga de Gasconha foi em peregrinação ao Sepulcro e, na volta, ao chegar a Chipre, foi vilmente ultrajada por alguns malfeitores. Sofrendo com isso de um pesar sem consolo, pensou em ir queixar-se ao rei; mas alguém lhe disse que não valeria a pena, porque ele era de índole tão pusilânime e de tão pouco valor que, além de não vingar os ultrajes alheios com justiça, aguentava os que lhe eram feitos com infinita e condenável covardia; de modo que quem tivesse algum ressentimento desabafava cometendo algum ultraje ou ofensa contra ele.

Ao ouvir isso, a mulher desesperou de obter vingança e, para consolar-se de algum modo, propôs-se castigar a inépcia do referido rei; chorando, apresentou-se diante dele e disse:

– Senhor, não venho à sua presença esperando vingança pela injúria que sofri, mas como compensação peço-lhe que me diga de que modo aguenta as que lhe são feitas, conforme ouvi dizer, porque aprendendo poderei suportar a minha com paciência; pois bem sabe Deus que, se eu pudesse, lhe daria essa injúria que sofri, já que o senhor as sabe suportar tão bem.

O rei, que até então fora lerdo e preguiçoso, como se acordasse do sono começou por vingar severamente a injúria cometida contra aquela mulher e a partir daí se tornou rígido punidor de quem quer que cometesse algo contra a honra de sua coroa.

DÉCIMA NOVELA

Mestre Alberto de Bolonha, cortesmente, faz sentir-se envergonhada a mulher que queria envergonhá-lo por estar apaixonado por ela.

Elissa já se calara, e a última tarefa de narrar cabia à rainha, que começou a dizer com graça feminil:

– Valorosas jovens, assim como nas noites claras e serenas as estrelas são ornamento do céu, e na primavera o são as flores dos verdes prados, também os costumes louváveis e as conversações agradáveis são ornamentados por ditos espirituosos. Que, sendo breves, caem muito melhor às mulheres que aos homens, porque é mais inconveniente às mulheres que aos homens o costume de falar muito e demoradamente, sempre que seja possível abster-se disso, se bem que hoje poucas mulheres há, ou nenhuma, que entendam ditos espirituosos ou que, mesmo entendendo, saibam como responder, e isso é uma vergonha para nós e para todas as que estão vivas agora. Porque a virtude que já existiu na alma das antepassadas foi transformada pelas mulheres modernas em ornamentos do corpo; e aquela que se veste com roupas mais variegadas, listradas e ornamentadas acredita que deve ser muito mais considerada e homenageada que as outras, sem pensar que, se a questão é de quem se veste ou se cobre com tais roupas, um asno seria capaz de usá-las em muito maior quantidade que qualquer mulher; e nem por isso seria mais digno de honra que um asno.

"Sinto-me envergonhada, porque tudo o que disser sobre as outras estarei dizendo sobre mim: essas mulheres tão ornamentadas, pintadas e variegadas, quando precisam responder a alguma pergunta, ou ficam mudas e insensíveis como estátuas de mármore, ou dão tais respostas que seria muito melhor se tivessem ficado caladas; e querem acreditar que é por pureza de espírito que não sabem conversar entre mulheres e homens inteligentes, dando à sua futilidade o nome de honestidade, como se mulher honesta fosse só aquela que conversasse com a criada, a lavadeira ou a cozinheira. Porque, se a natureza tivesse desejado isso, como elas querem levar a crer, de algum modo teria limitado sua capacidade de tagarelar.

"E a verdade é que, assim como nas outras coisas, nesta devem ser considerados o tempo, o lugar e a pessoa com quem se fala; porque às vezes uma mulher ou um homem, acreditando que fará a outra pessoa enrubescer com alguma palavrinha espirituosa, se não tiver medido bem suas forças com as dessa

pessoa, sentirá em si aquele mesmo rubor que acreditava provocar nela. E, para que as senhoras saibam resguardar-se e não lhes caiba aquele provérbio que se costuma citar em todo lugar, ou seja, que as mulheres em tudo sempre levam a pior, quero que esta última história de hoje, que me compete narrar, lhes sirva de lição; então, assim como se distinguiram das outras pela nobreza de espírito, também se mostrarão diferentes delas na excelência de costumes."

Havia na Bolonha, não muitos anos atrás, e talvez ainda exista um grande médico que gozava de excelente fama em quase todo o mundo; seu nome era mestre Alberto. Estava já velho, com quase setenta anos, e tanta era a nobreza de seu espírito que, embora de seu corpo já se tivesse ido quase todo o calor natural, ele não se esquivou de abrigar em si a chama do amor; pois, vendo numa festa uma belíssima viúva, que, segundo dizem alguns, se chamava *madonna* Malgherida dei Ghisolieri, gostou muitíssimo dela e abrigou o amor no peito maduro de um modo nada diferente ao de um jovenzinho, a ponto de ter a impressão de que não descansava bem à noite quando durante o dia anterior não visse o encantador e delicado rosto da bela mulher.

E por isso começou a percorrer com frequência, ora a pé, ora a cavalo, conforme lhe parecesse mais cômodo, a rua diante da casa daquela mulher. Foi assim que ela e várias outras se aperceberam da razão do seu trânsito por ali e muitas vezes escarneceram juntas, ao verem apaixonado um homem tão rico em anos e tino, como se acreditassem que a agradabilíssima paixão amorosa só entra e permanece na tola alma dos jovens, e em nenhum outro lugar.

Assim, continuava mestre Alberto a passar por lá quando, em certo dia de festa, estando a mulher sentada com várias outras diante da porta, avistou de longe mestre Alberto a caminhar em sua direção; todas então combinaram recebê-lo hospitaleiramente e depois fazer alusões espirituosas àquela sua paixão; e foi o que fizeram. Desse modo, levantando-se todas, convidaram-no a entrar e o conduziram a um pátio fresco, onde mandaram servir-lhe vinhos e doces finíssimos; por fim, com palavras bonitas e espirituosas, perguntaram-lhe como podia ser aquilo, de estar apaixonado por aquela bela mulher, sabendo-se que ela era amada por muitos jovens bonitos, corteses e elegantes.

O mestre, percebendo-se cortesmente fustigado, pôs um sorriso no rosto e respondeu:

– Senhora, o fato de eu amar não deve ser causa de espanto a ninguém que tenha discernimento, muito menos à senhora, que merece esse amor. E, embora aos homens de idade faltem naturalmente as forças necessárias aos exercícios amorosos, nem por isso lhes faltam vontade e percepção daquilo que deve ser

amado, coisas que, pela própria natureza, conhecem bem, porque têm mais conhecimentos que os jovens. A esperança que me move, a mim que sou velho e amo a senhora, que é amada por muitos jovens, é a seguinte: já estive várias vezes em lugares onde vi mulheres que, merendando, comem tremoços e alho-porro; mas no alho-porro, apesar de nada ser bom, menos ruim e mais agradável ao paladar é a cabeça, que, motivadas por apetite pervertido, as senhoras em geral seguram na mão, enquanto mastigam as folhas, que não só não valem coisa alguma, como também têm gosto ruim. E como posso saber se, ao escolher amantes, a senhora não faz coisa semelhante? E, se assim fizesse, eu seria o escolhido, e os outros, rejeitados.

A nobre senhora, ao lado das outras, disse, um tanto envergonhada:

– Mestre, o senhor repreendeu com propriedade e cortesia a nossa atitude presunçosa; prezo muito o seu amor, como se deve prezar o amor de um homem sábio e talentoso; por isso, resguardando-se o meu recato, disponha de mim em tudo o que lhe for de mais agrado.

O mestre, levantando-se com seus companheiros, agradeceu e despediu-se risonho da mulher que o cercava de festas. Foi assim que ela, não atentando para a pessoa que era alvo de seus motejos, acreditou vencer e foi vencida: coisa de que as senhoras, se forem inteligentes, deverão se resguardar muito bem.

O sol já se inclinava para o poente, e o calor diminuíra parcialmente, quando as novelas das moças e dos rapazes chegaram ao fim. Por isso a rainha disse com satisfação:

– Agora, caras companheiras, nada mais resta ao meu governo deste dia senão escolher uma nova rainha, que deverá dispor, como bem entender, sua vida e a nossa para o honrado divertimento do dia vindouro; e, embora este dia pareça durar ainda até a noite, como é indubitável que não conseguirá prover-se devidamente para o futuro quem não tirar antecipadamente um pouco de tempo para preparar-se, se quisermos que seja oportunamente disposto para amanhã cedo tudo aquilo que for deliberado pela nova rainha, julgo necessário já neste momento dar início às jornadas seguintes. Por isso, reverenciando Aquele por quem todas as coisas vivem e que é nossa consolação, na segunda jornada nosso reino terá como rainha Filomena, jovem discretíssima.

E, dizendo isso, levantou-se, retirou da cabeça a guirlanda de louro e entregou-a reverentemente a Filomena; enquanto isso, todas as outras moças e os rapazes a saudavam como rainha, submetendo-se graciosamente à sua senhoria.

Filomena, um tanto enrubescida pelo acanhamento de ver-se coroada rainha, lembrou-se das palavras ditas por Pampineia pouco antes e, não querendo

parecer tola, cobrou coragem e, primeiramente, confirmou as incumbências distribuídas por Pampineia e depois dispôs tudo o que deveria ser feito para a manhã seguinte e para a futura ceia. Ficando todos onde estavam, a seguir ela começou a falar do seguinte modo:

– Caríssimas companheiras, embora Pampineia me tenha escolhido rainha, mais por cortesia dela que por minhas qualidades, quanto à maneira como viveremos não estou disposta a seguir apenas as minhas decisões, mas as minhas e as das senhoras em conjunto; e para que fiquem a par do que pretendo fazer e possam, portanto, acrescentar ou retirar o que houverem por bem, direi com poucas palavras como será. Se bem observei as medidas hoje tomadas por Pampineia, posso dizer que me pareceram louváveis e agradáveis; por isso, enquanto elas não se tornarem aborrecidas pela excessiva repetição ou por outra razão, não julgo necessário modificá-las. Portanto, iniciadas as disposições de tudo o que haveremos de fazer, podemos levantar-nos daqui e entreter-nos ainda mais um pouco; quando o sol estiver se pondo, cearemos com a fresca e, depois de algumas canções e outros entretenimentos, será bom irmos dormir. Amanhã cedo nos levantamos com a fresca e cada um também se entreterá no lugar que achar melhor; e, tal como fizemos hoje, na hora devida voltaremos para comer, dançar e, depois da sesta, como hoje, retornaremos aqui para contar histórias, pois a mim também parece nisso haver enorme prazer e utilidade. É verdade que o que Pampineia não pôde fazer, por ter sido eleita tarde para o governo, quero eu começar a fazer, ou seja, limitar as histórias que haveremos de contar a algum tema que será exposto de antemão, para que cada um tenha tempo de pensar em alguma bela história para narrar sobre o assunto proposto; e, se lhes agradar, proponho o seguinte: visto que desde o princípio do mundo os homens foram levados pela Fortuna a enfrentar adversidades, e assim será até o fim, cada um deverá contar algo sobre alguém que, apesar de atribulado por diferentes coisas, conseguiu chegar a um final feliz, contrariando todas as expectativas.

Tanto as mulheres quanto os homens aprovaram essa medida e disseram que a acatariam. Quando todos já se calavam, somente Dioneu disse:

– Senhora, conforme todos os outros disseram, também digo que essa disposição é extremamente agradável e elogiável; mas como graça especial peço-lhe um privilégio, e que ele me seja garantido por todo o tempo que durar este nosso grupo, qual seja, que essa lei não me obrigue a contar uma história restrita à proposta apresentada, caso eu não queira, mas possa contar a que mais me agradar. E, para que ninguém acredite que peço esse favor por não ter histórias à mão, a partir de agora ficarei contente se for sempre o último a falar.

A rainha, que o conhecia como homem divertido e festivo, percebeu claramente que ele só fazia aquele pedido para poder alegrar o grupo com alguma história engraçada, caso todos estivessem cansados das narrativas; e, com o consentimento dos demais, concedeu-lhe a graça com satisfação.

E, levantando-se, foram caminhando a passos lentos em direção a um riacho de águas límpidas, que descia de um outeiro para um vale ensombrecido por muitas árvores entre pedras vistosas e relva verde. Ali, descalças e de braços nus, caminhando pela água, começaram a fazer várias brincadeiras umas com as outras. Chegando a hora da ceia, dirigiram-se ao palácio e comeram alegremente.

Depois de comerem, mandaram buscar os instrumentos, e a rainha ordenou que se desse início a uma dança conduzida por Lauretta, e que Emília cantasse uma canção, acompanhada pelo alaúde de Dioneu. Obedecendo à ordem, Lauretta iniciou prontamente a dança e a conduziu, enquanto Emília cantava sentimentalmente a seguinte canção:

Encanta-me a beleza minha tanto,
que um outro amor jamais
vou querer e não creio ter encanto.

E vejo nela, sempre que me espelho,
um bem que tanto agrada ao intelecto:
um acidente novo ou fato velho
nunca me roubará o prazer dileto.
E qual outro atraente e belo objeto
poderei ver jamais
que no meu peito ponha novo encanto?

Não me foge esse bem, sempre que quero
mirá-lo p’ra poder me consolar,
mas me traz o prazer, tal como espero,
tão doce de se ouvir, que linguajar
não há para o entender ou expressar
de algum mortal jamais,
que não sinta o ardor de tal encanto.

E eu, que cada vez mais vou me inflamando,
quanto mais meu olhar nele está posto,
mais me rendendo vou, mais me entregando,

sentindo da promessa o antegosto,
esperando depois bem maior gosto,
tão grande que jamais
foi sentido no mundo tal encanto.

Terminada essa pequena balada – que todos acompanharam cantando o refrão com alegria, ainda que sua letra fizesse alguns pensar –, visto que uma pequena parte da breve noite já se passara, depois de outras pequenas carolas quis a rainha dar fim à primeira jornada; e, acesas as tochas, ordenou que cada um fosse repousar até a manhã seguinte; e assim se fez, voltando cada um a seu aposento.

Termina a primeira jornada do *Decameron*.

---

5 Uma questão que atrai a crítica é a dos nomes dos dez jovens narradores. Segundo uma tradição retórica clássica e medieval, havia entre coisas e nomes uma estreita relação de significados. Boccaccio segue esse preceito, e seus personagens são impregnados de alusões literárias, eruditas e autobiográficas. Assim, Elissa é uma alusão ao outro nome da rainha Dido da *Eneida* de Virgílio; Lauretta ("Laurinha") aponta para a dama celebrada por Petrarca; o nome de Pampineia ("a exuberante") já havia aparecido em duas obras de Boccaccio; Neifile ("a amante do novo amor") é uma figura que alude à poesia do *dolce stil nuovo*, e mesmo de Dante; Fiammetta (que em italiano significa "pequena chama") já havia aparecido em duas obras anteriores; Filomena (forma italiana de *philomela*, "rouxinol", "a amada" ou "a amante do canto") era a dedicatária do *Filostrato*; Emília ("a lisonjeira") poderia ser uma referência a uma experiência amorosa de Boccaccio.(N.T.)

6 Entre os rapazes: Pânfilo ("todo amor") era o nome do amante infiel na *Elegia de Madonna Fiammetta*; Filostrato (o "vencido pelo amor"); Dioneo ("luxurioso", "venéreo", pois Vênus era filha da ninfa Dione) era um pseudônimo já usado por Boccaccio. Esses três personagens masculinos apresentam três imagens distintas e somadas do próprio Boccaccio. Alguns críticos creem que as sete moças representam as Quatro Virtudes Cardeais (Prudência, Justiça e Fortaleza, Temperança) e as Três Virtudes Teologais (Fé, Esperança e Caridade), enquanto os três rapazes representam as três partes da divisão da alma segundo uma tradição grega (Razão, Ira e Luxúria). (N.T.)

7 Considera-se o horário do nascimento do sol às 6h, portanto, a terceira hora é às 9h, a sexta hora é ao meio-dia, a nona hora é às 15h, a meia terça é metade de três horas depois do amanhecer, portanto, às 7h30, e assim por diante. (N.T.)

8 Instrumento de arco, ancestral da viola clássica que conhecemos hoje. (N.T.)

9 Carlos, conde de Valois e Alençon, irmão de Felipe IV, o Belo. (N.T.)

10 Bonifácio VIII. (N.T.)

11 *Cepperello, ceppatello* = estaca, tanchão; *ciappello* e *ciappelletto* parecem ser transliterações italianas das palavras francesas *chapel* e *chapelet*, respectivamente (o *ci* italiano soa *tchi*). *Chapel* é a forma antiga de *chapeau*, chapéu; para *chapelet* (que seria um diminutivo de *chapel*) registra-se o significado antigo de "chapéu de flores", "guirlanda"; seu significado moderno é "rosário". (N.T.)

12 Junto aos fossos que rodeavam as muralhas da cidade. (N.T.)

13 Moeda florentina equivalente a um quarto de florim. (N.T.)

14 No original, italianizado, Giannotto di Civignì. Observe-se que Jeannot/Giannotto é o diminutivo de

Jean/Gian. (N.T.)
15 No original, Giovanni. (N.T.)
16 Todos os conventos tinham uma prisão destinada a padres. (N.T.)
17 “Com espadas e paus.” Expressão encontrada em *Mateus* 26, 47. (N.T.)
18 Ao que tudo indica, algum beberrão da época. (N.T.)
19 Famoso médico grego. (N.T.)
20 Tratava-se de uma cruz de pano que devia ser usada sobre a roupa, como penitência. (N.T.)
21 *Mateus* 19, 29. (N.T.)
22 Hugo Primas (Primasso, em italiano), autor de vários cantos goliardos e poemas em latim. (N.T.)
23 Cangrande della Scala (1291-1329), nobre de Verona. (N.T.)
24 Guido (Guy) de Lusignan, de 1192 a 1194. (N.T.)

Começa a segunda jornada, na qual, sob o comando de Filomena, fala-se daqueles que, apesar de atribulados por diferentes coisas, chegam a um final feliz, contrariando todas as expectativas.

SEGUNDA JORNADA

Com sua luz, o sol já trouxera o novo dia a todos os lugares, e os pássaros, gorjeando agradavelmente nos verdes ramos, davam disso testemunho aos ouvidos, quando todas as mulheres e os três jovens se levantaram, foram para os jardins e, caminhando com passos lentos sobre a relva orvalhada, entretiveram-se de um lugar a outro durante bom tempo, a fazerem belas guirlandas. E fizeram nesse dia o mesmo que haviam feito no anterior: após comerem em lugar fresco, dançaram um pouco e foram descansar; a seguir, levantando-se ao soar a nona hora, como desejou a rainha, foram até o prado fresco e se sentaram ao redor dela.

Ela, que era formosa e de agradável aspecto, coroada com sua guirlanda de louro, depois de passar algum tempo a olhar para o rosto de todos, ordenou a Neifile que desse início às próximas histórias; e esta, sem opor obstáculo, começou a falar com alegria.

PRIMEIRA NOVELA

Martellino, fingindo-se aleijado, simula uma cura sobre o corpo de Santo Henrique[25]; quando sua trapaça é descoberta, ele leva uma surra, é preso e, correndo o risco de ser enforcado, acaba por escapar.

– Frequentemente, caríssimas senhoras, quem se empenha em burlar os outros, sobretudo com coisas que devem ser reverenciadas, acaba só com as burlas, às vezes para grande prejuízo seu. Assim, para obedecer à ordem da rainha e dar início ao tema proposto com uma história minha, pretendo contar o que ocorreu a um concidadão nosso, caso que começou de maneira desastrada e terminou bem, ao contrário do que ele imaginava.

Não faz muito tempo, vivia em Treviso um alemão chamado Henrique, homem pobre que em troca de pagamento carregava coisas pesadas para quem o solicitasse; e, com isso, era visto por todos como pessoa de vida santa e boa. Assim, seja verdade ou não, afirmam os trevisanos que, bem na hora da sua morte, todos os sinos da igreja matriz de Treviso começaram a soar, sem que ninguém os movimentasse. Considerando tratar-se de milagre, todos diziam que aquele Henrique era santo, e o povo todo da cidade acorreu à casa onde jazia seu corpo, que, na qualidade de corpo santo, foi levado à igreja matriz, atraindo para lá coxos, aleijados, cegos e outras pessoas afetadas por quaisquer enfermidades ou defeitos, como se, tocando aquele corpo, todos houvessem de curar-se.

Em meio a tanto tumulto e vaivém, chegaram a Treviso três concidadãos nossos, um dos quais se chamava Stecchi, o outro, Martellino, e o terceiro, Marchese; esses três, que viviam de visitar as cortes dos senhores, divertiam os espectadores disfarçando-se e imitando qualquer outra pessoa com gestos insólitos. Nunca tinham ido lá e ficaram admirados quando viram tanta gente correr, e ao saberem por quê, sentiram vontade de ir ver. Assim, depois de acomodarem as coisas numa hospedaria, Marchese disse:

– Queremos ir ver esse santo, mas, quanto a mim, não imagino como chegar lá, porque ouvi dizer que a praça está cheia de alemães e de outros homens armados, que o senhor desta terra mantém lá para evitar tumultos; além disso, a igreja, pelo que estão dizendo, está tão cheia de gente que quase ninguém mais pode entrar.

Martellino, que queria muito ver aquilo, disse:

– Não seja por isso; eu vou encontrar um jeito de chegar até o corpo santo.

Marchese perguntou:

– Como?

Martellino respondeu:

– Vou dizer. Eu me finjo de aleijado, e, como se não pudesse andar, você vai me amparando de um lado e Stecchi do outro, fazendo de conta que querem me levar lá para ser curado pelo santo; não haverá ninguém que nos veja e não dê passagem para chegarmos lá.

Marchese e Stecchi gostaram da ideia; e sem demora alguma saíram da hospedaria e foram para um lugar ermo, onde Martellino entortou de tal maneira mãos, dedos, braços e pernas, bem como boca, olhos e todo o rosto, que era uma coisa horrível de se ver; e qualquer um que o visse não deixaria de dizer que ele realmente estava de todo inválido e paralítico. E assim, com esse aspecto, ele, Marchese e Stecchi, que o amparavam, dirigiram-se para a igreja, com ar de piedade, pedindo humildemente e pelo amor de Deus passagem a quem quer que aparecesse à sua frente, no que eram atendidos com facilidade; e rapidamente, tratados com consideração por todos, pois em quase toda parte se gritava “dê passagem, dê passagem”, eles chegaram onde ficava o corpo de Santo Henrique; e alguns fidalgos, que estavam ao redor, logo pegaram Martellino e o puseram sobre o corpo, para que ele adquirisse o benefício da saúde.

Martellino, depois de um tempinho, sob os olhares atentos de todos, que queriam ver o que aconteceria com ele, começou – coisa que sabia fazer otimamente bem – a fingir que desentortava um dedo, depois a mão, depois o braço, até que desentortou tudo. As pessoas, vendo aquilo, louvavam Santo Henrique tão ruidosamente que não teria sido possível ouvir trovões.

Ali por perto estava por acaso um florentino que, apesar de conhecer Martellino muito bem, não o havia reconhecido, por ter ele lá chegado desfigurado demais; esse florentino, quando o viu desentortado, reconheceu-o e subitamente começou a rir e a dizer:

– Raios o partam! Quem diria, ao vê-lo chegar, que não era aleijado de verdade?

Essas palavras foram ouvidas por alguns trevisanos que imediatamente lhe perguntaram:

– Como! Ele não era aleijado?

E o florentino respondeu:

– Deus livre e guarde! Ele sempre foi tão perfeito como qualquer um de nós, mas sabe melhor que ninguém fazer essas brincadeiras de se transformar e assumir a forma que quiser, como os senhores viram.

Assim que ouviram isso, não foi preciso mais; avançaram abrindo caminho à força e começaram a gritar:

– Prendam esse traidor e escarnecedor de Deus e dos santos, que, não sendo aleijado, se apresentou aqui como aleijado para zombar do nosso santo e de nós.

E assim dizendo o apanharam e, puxando-o do lugar onde estava, agarraram-no pelos cabelos, rasgaram todas as suas roupas e começaram a lhe dar socos e pontapés; e não achava que era homem quem não corresse a fazer o mesmo. Martellino gritava "piedade pelo amor de Deus" e se defendia como podia; mas de nada adiantava: a multidão que caía sobre ele multiplicava a cada momento.

Stecchi e Marchese, vendo aquilo, começaram a achar que a coisa ia mal e, temendo por si mesmos, não ousavam ajudá-lo; ao contrário, gritavam com os outros que ele devia morrer, embora cogitando um modo de arrancá-lo das mãos do povo. E o povo sem dúvida o teria matado, não fosse o estratagema de que Marchese subitamente se valeu; pois, estando lá fora toda a guarda do podestade, Marchese correu o mais depressa que pôde até o representante do podestade e disse:

– Piedade pelo amor de Deus! Há aí um malfeitor que me roubou a bolsa com bem cem florins de ouro; por favor, vão lá pegá-lo, para eu recuperar o que era meu.

Logo que ouviram isso, uma dúzia daqueles guardas correram para onde o coitado do Martellino estava sendo escovado sem escova e, depois de abrirem a muito custo caminho na multidão, o arrancaram das mãos do povo, todo machucado e rasgado, e o levaram ao palácio. A caminho foram seguidos por muitos que, sentindo-se ridicularizados por ele e ouvindo dizer que o levavam preso por roubo, como não achavam nenhum outro motivo mais justo para desgraçá-lo, também começaram a dizer que ele lhes tinha roubado a bolsa.

O juiz do podestade, que era um homem ríspido, ao ouvir tais coisas logo o chamou à parte e começou a interrogá-lo. Mas Martellino respondia gracejando, como se não desse importância àquela prisão; o juiz, enraivecido, mandou amarrá-lo à corda e dar várias estrapadas[26] das boas com a intenção de levá-lo a confessar o que os outros diziam, para depois mandar enforcá-lo. Mas, ao ser posto no chão, quando o juiz lhe perguntou se era verdade o que diziam contra ele, de nada adiantando responder que não, Martellino disse:

– Senhor, estou disposto a confessar a verdade, mas mande cada um que me acusa dizer quando e onde lhe roubei a bolsa, e eu lhe direi o que fiz e o que não fiz.

Disse o juiz:

– Gosto disso.

E mandou chamar vários deles: um dizia que tinha sido roubada oito dias antes, outro, seis, outro, quatro, e alguns, que naquele mesmo dia. Martellino, ao ouvir, disse:

– Senhor, todos estão mentindo descaradamente; e posso provar que estou dizendo a verdade, pois não só nunca antes estive neste lugar, como também só estou aqui há pouco tempo; e, assim que cheguei, para minha infelicidade, fui ver aquele corpo santo, onde levei uma surra, como o senhor pode ver; e prova de que estou dizendo a verdade pode ser dada pelo oficial do senhor que está no posto das apresentações[27], pelo livro dele e também pelo meu hospedeiro. E, se o senhor descobrir que as coisas são como estou dizendo, não queira me torturar e matar em atendimento a esses malvados.

Enquanto as coisas estavam nesses termos, Marchese e Stecchi, que tinham ouvido dizer que o juiz do podestade o tratava com severidade e já tinha usado a estrapada, ficaram muito temerosos, dizendo um ao outro: “Fizemos tudo errado; nós o tiramos da frigideira para jogá-lo no fogo”. Então, agindo com a maior presteza possível, encontraram o hospedeiro e lhe contaram o que de fato havia acontecido. Ele, rindo, levou-os a certo Sandro Agolanti[28], que morava em Treviso e tinha muito poder junto ao senhor, e, depois de lhe descrever tudo com minúcias, pediu-lhe, com os outros dois, que cuidasse de Martellino.

Sandro, depois de muita risada, foi ter com o senhor e pediu que ele mandasse chamar Martellino, e assim se fez. Os que foram buscá-lo ainda o encontraram diante do juiz em mangas de camisa, desnorteado e apavorado, pois o juiz não queria ouvir nada que servisse para inocentá-lo; aliás, nutrindo talvez algum ódio contra os florentinos, estava totalmente disposto a mandá-lo para a forca, não querendo de modo algum entregá-lo ao senhor, até que foi obrigado a fazê-lo contra a vontade. E, ao comparecer perante o senhor e contar-lhe tudo com minúcias, Martellino suplicou que, como suprema graça, ele o deixasse partir, pois, enquanto não estivesse em Florença, sempre teria a impressão de estar com o baraço na garganta. O senhor riu muito daquele incidente e ordenou que dessem um traje para cada um; os três voltaram para casa sãos e salvos depois de escaparem a tão grande perigo, quando já quase não tinham esperanças.

SEGUNDA NOVELA

Rinaldo de Asti é roubado e vai parar em Castel Guiglielmo, onde é hospedado por uma viúva; depois, ressarcido de seus prejuízos, volta para casa são e salvo.

As aventuras de Martellino, contadas por Neifile, provocaram muitas risadas entre as senhoras e entre os rapazes, principalmente em Filostrato; este, que estava sentado ao lado de Neifile, recebeu ordem da rainha de contar a próxima história. E começou sem demora.

– Belas senhoras, há uma história que está me tentando; gira em torno de um misto de coisas sagradas, desventuras e amor, e talvez seja útil ouvi-la, especialmente para aqueles que caminham pelos perigosos territórios do amor, nos quais quem não rezar o pai-nosso a São Julião29, mesmo tendo boa cama, estará muito mal hospedado.

No tempo do marquês Azzo de Ferrara havia um mercador chamado Rinaldo de Asti30, que fora a Bolonha tratar de negócios; depois de fazer o que devia, na volta para casa, saiu de Ferrara e, cavalgando rumo a Verona, topou com alguns homens que pareciam mercadores, mas na realidade eram bandoleiros, gente de vida criminosa e vil, cuja companhia ele aceitou e com os quais seguiu conversando despreocupadamente. Eles, vendo que tratavam com um mercador e imaginando que ele levava dinheiro, combinaram que o roubariam assim que se apresentasse a ocasião: por isso, para que ele não desconfiasse de nada, iam conversando como pessoas sóbrias e de boa condição, acerca de honestidade e lealdade, mostrando-se humildes e benévolos naquilo que podiam e sabiam: motivo pelo qual ele considerava que tivera muita sorte em encontrá-los, pois estava sozinho com um criado a cavalo.

Caminhando e passando de um assunto a outro, como ocorre nas conversas, começaram a falar das orações que as pessoas fazem a Deus; e um dos bandoleiros (pois eram três) disse a Rinaldo:

– E o senhor, que oração costuma fazer em viagem?

A isso Rinaldo respondeu:

– Na verdade, para essas coisas eu sou grosseiro e ignorante, e tenho poucas orações à mão, pois vivo à moda antiga e aceito seis por meia dúzia; no entanto, sempre tive o costume de, em viagem, pela manhã, ao sair da hospedaria, rezar um pai-nosso e uma ave-maria pela alma do pai e da mãe31 de São Julião e

depois pedir a Deus e ao Santo que naquela noite me deem boa hospedagem. E muitas vezes já, em viagem, enfrentei grandes perigos, escapei de todos e à noite encontrei um bom lugar e fui bem hospedado; por isso, creio firmemente que São Julião – e digo isso em sua honra – obteve para mim essa graça de Deus; e, se de manhã não faço essa oração, tenho a impressão de que o dia não vai ser bom, e de que a noite não vai chegar bem.

Ouvindo isso, aquele que fizera a pergunta disse:

– E hoje de manhã o senhor fez a oração?

Rinaldo respondeu:

– Sim, claro.

Então o homem, que já sabia o que ia acontecer, disse de si para si: "Que faça bom proveito, porque, se não falharmos, tenho a impressão de que você vai ter péssima hospedagem"; depois lhe disse:

– Eu também já viajei muito e nunca fiz essa oração, embora já tenha ouvido muita gente recomendá-la, mas nem por isso deixei de ter boa hospedagem; e esta noite, por acaso, o senhor poderá ver quem vai se hospedar melhor: o senhor, que fez a oração, ou eu, que não a fiz. É bem verdade que, em lugar dela, eu rezo o *Dirupisti* ou a *'Ntemerata* ou o *Deprofundi*, que, como costumava dizer uma minha avó, têm enorme virtude.

E assim, falando de várias coisas, avançando pelo caminho e esperando lugar e momento certo para concretizarem suas más intenções, já era tarde quando ultrapassaram Castel Guiglielmo e, ao atravessarem um rio, os três, vendo que a hora já era avançada, e o lugar, ermo e escondido, assaltaram e roubaram Rinaldo, deixando-o a pé e em mangas de camisa; depois, partindo, disseram:

– Vai ver se o teu São Julião te dá boa hospedagem esta noite; o nosso eu sei que vai dar.

E, atravessando o rio, foram embora.

O criado de Rinaldo, que era medroso, ao vê-lo assaltado não lhe prestou ajuda nenhuma, mas, dando meia-volta ao cavalo que montava, não parou de correr até chegar a Castel Guiglielmo, onde, já noite, entrou e hospedou-se sem maiores preocupações.

Rinaldo, em mangas de camisa e descalço, sob intenso frio e neve ininterrupta, não sabendo o que fazer, vendo que já anoitecia, tremendo e batendo os dentes, começou a olhar ao redor, tentando achar algum refúgio onde pudesse pernoitar e não morrer de frio; mas, não vendo nenhum, porque pouco tempo antes houvera guerra na região e tudo se incendiara, impelido pela friagem dirigiu-se correndo para Castel Guiglielmo, sem saber se seu criado

tinha fugido para lá ou para qualquer outro lugar, acreditando que, se conseguisse entrar, receberia algum socorro de Deus. Mas a noite densa o surpreendeu a cerca de uma milha do castelo, e ele chegou lá tão tarde, que, encontrando as portas fechadas e as pontes levantadas, não conseguiu entrar. Então, chorando de pesar e desconsolo, olhava ao redor em busca de um lugar onde pudesse ficar e onde pelo menos não lhe nevasse em cima; então, viu uma casa que formava certa saliência sobre a muralha do castelo e debaixo dela decidiu ficar até que surgisse o dia; foi para lá e, sob a tal saliência, encontrou uma porta, mas fechada; então, juntando ao pé dela um pouco de palha, ele ali se pôs e ficou, triste e pesaroso, queixando-se frequentemente a São Julião, dizendo que aquilo não era digno da fé que lhe dedicava. Mas São Julião, que tinha estima por ele, sem muita demora lhe preparou uma boa hospedagem.

Havia naquele castelo uma viúva, dona de corpo belíssimo, como nenhuma outra, que o marquês Azzo amava como a própria vida e lá mantinha à sua disposição: a referida mulher morava naquela casa, sob cuja saliência Rinaldo tinha ido se abrigar. Por acaso, durante o dia, o marquês lá estivera com a intenção de dormir à noite com ela e, discretamente, a mandara preparar um banho e uma ceia requintada. Quando estava tudo pronto (e ela só esperava a vinda do marquês), um criado chegara à porta trazendo ao marquês notícias que o obrigaram a partir de repente a cavalo: por isso, depois de mandar dizer à mulher que não o esperasse, ele foi embora rapidamente. Então a mulher, um pouco desconsolada, não sabendo o que fazer, decidiu entrar no banho preparado para o marquês, para depois cear e dormir; e foi assim que entrou no banho.

Ficava o tal banho próximo à porta onde o pobre Rinaldo se encostara, do lado de fora do burgo; por isso, a mulher, do banho, ouviu o choro e o tiritar de Rinaldo, que parecia uma cegonha batendo o bico. Então, chamando a criada, disse-lhe:

– Vá lá para cima e olhe para o lado de fora do muro ao pé desta porta para ver quem está lá e o que está fazendo.

A criada foi e, ajudada pela claridade do ar, viu Rinaldo em mangas de camisa e descalço, sentado ali, como se disse, tremendo muito; então ela lhe perguntou quem era. Rinaldo, tremendo tanto que mal conseguia pronunciar as palavras, disse-lhe com a maior brevidade possível quem era e como e por que estava lá: e depois começou a rogar-lhe que, se fosse possível, não o deixasse morrer de frio ali, durante a noite. A criada, compadecida, voltou até sua senhora e contou tudo. Esta, também compadecida, lembrando-se de que tinha a chave daquela porta, que às vezes servia para as entradas furtivas do marquês, disse:

– Vá lá e abra a porta devagarinho; aqui há este jantar, sem ninguém para comer, e também muito espaço para abrigá-lo.

A criada, depois de louvar a senhora por esse gesto de humanidade, foi até lá e abriu a porta; estava ele já dentro, quando a senhora, vendo-o quase congelado, disse:

– Depressa, bom homem, entre naquele banho, que ainda está quente.

Coisa que ele fez de bom grado, sem esperar mais convite, de tal modo que, reconfortado pelo calor, teve a impressão de que estivera morto e voltava à vida. A mulher mandou trazer-lhe algumas roupas que tinham sido de seu marido pouco antes da morte; vestidas, elas pareciam ter sido feitas sob medida para ele; e, enquanto aguardava as ordens da mulher, ele começou a agradecer a Deus e a São Julião que o haviam livrado de noite tão ruim, como ele previa, e conduzido a uma boa hospedagem, pelo que parecia. Depois disso, a senhora, tendo descansado um pouco e mandado fazer uma enorme fogueira na lareira de uma de suas salas, foi para lá e perguntou o que era feito do bom homem. A isso a criada respondeu:

– Senhora, ele se vestiu e ficou muito bonito; parece gente direita e de bons costumes.

– Então vá até lá – disse a senhora –, chame-o, diga que venha aqui: vamos cear junto ao fogo, porque sei que ele não jantou.

Rinaldo entrou no salão e, vendo a mulher, que lhe pareceu importante, cumprimentou-a com reverência e agradeceu-lhe o benefício recebido da melhor maneira que sabia. A mulher, vendo-o, ouvindo-o e concordando com o que a criada dissera, recebeu-o alegremente e, com familiaridade, convidou-o a sentar-se junto ao fogo e perguntou-lhe do incidente que o levara até lá; Rinaldo contou tudo com minúcias. A mulher, que tinha ouvido alguma coisa sobre a chegada do criado de Rinaldo ao castelo, ao ouvir o que ele disse acreditou inteiramente e contou-lhe o que sabia sobre o seu criado, dizendo que na manhã seguinte seria fácil encontrá-lo. Posta a mesa, como quis a mulher, Rinaldo se sentou com ela e começou a jantar, depois de lavar as mãos. Era ele homem de grande estatura, bonito, de rosto agradável, tinha maneiras admiráveis e elegantes e era jovem de meia-idade; a mulher, deitando-lhe o olhar por diversas vezes, louvava-o cada vez mais; além disso, o marquês, que deveria ter vindo para dormir com ela, já lhe despertara na mente o apetite concupiscente. Depois do jantar, retirada a mesa, ela se aconselhou com a criada, perguntando se, em vista do pouco caso que o marquês fizera dela, conviria aproveitar aquele bem que a Fortuna lhe punha à frente.

A criada, conhecendo o desejo da patroa, encorajou-a como pôde e soube. Assim a mulher, voltando para junto do fogo, onde deixara Rinaldo sozinho, começou a olhar para ele amorosamente e disse:

– Ah, senhor Rinaldo, por que está assim pensativo? Acha que não vai poder ser compensado por um cavalo e algumas roupas que perdeu? Console-se, fique alegre, sinta-se em casa; aliás, gostaria de dizer mais uma coisa: vendo-o com essas roupas, que foram do meu finado marido, tive a impressão de estar diante dele, e devo ter sentido umas cem vezes esta noite vontade de abraçar e beijar o senhor, e sem dúvida o teria feito, não tivesse eu receio de lhe causar desagrado.

Rinaldo, ouvindo essas palavras e vendo o brilho dos olhos da mulher, não sendo nenhum mentecapto, foi ao encontro dela com os braços abertos e disse:

– Quando penso que só por sua causa posso dizer que estou vivo ainda e quando considero o lugar de onde a senhora me tirou, seria muita descortesia de minha parte não me empenhar em fazer tudo o que fosse de seu agrado; por isso, satisfaça sua vontade de me abraçar e beijar, que eu também a abraçarei e beijarei com enorme prazer.

Depois disso não precisaram de palavras. A mulher, que ardia de desejo amoroso, logo se atirou nos braços dele; e, depois de abraçá-lo e beijá-lo mil vezes com desejo e de ser do mesmo modo beijada por ele, os dois se levantaram e foram para o quarto, onde, sem mais delongas, se deitaram realmente e, até o raiar do dia, saciaram seu desejo várias vezes. Mas, quando a aurora começou a surgir, quis a mulher que eles se levantassem, para que ninguém suspeitasse e, depois de lhe dar alguns trajes ordinários e de lhe encher a bolsa de dinheiro, pediu-lhe que mantivesse tudo em segredo, não sem antes lhe mostrar que caminho deveria pegar para entrar no castelo e encontrar seu criado, fazendo-o finalmente sair por aquela pequena porta pela qual ele tinha entrado.

Quando o dia já estava claro, ele, fazendo de conta que chegava de mais longe, entrou no castelo, cujas portas já estavam abertas, e encontrou seu criado. Depois, quando já envergava seus próprios trajes, que estavam na valise, e pensava em montar no cavalo do criado, eis que quase por milagre divino os três bandoleiros que o tinham roubado na noite anterior, presos por motivo de outro delito praticado pouco depois, foram levados àquele castelo. E, graças à confissão deles mesmos, o cavalo, as roupas e o dinheiro foram restituídos a Rinaldo, que não perdeu nada mais que um par de ligas com as quais os bandoleiros não sabiam o que tinham feito. Desse modo, Rinaldo, agradecendo a Deus e a São Julião, montou a cavalo e voltou para casa são e salvo; e os três bandoleiros no dia seguinte foram dar pontapés no vento.[32]

TERCEIRA NOVELA

Três jovens, dissipando tudo o que têm, empobrecem; um sobrinho deles, conhecendo um abade quando volta para casa sem esperanças, descobre que o abade é a filha do rei da Inglaterra, que o toma por marido e ressarce os prejuízos dos tios, pondo-o em ótima situação.

O caso de Rinaldo de Asti foi ouvido com admiração pelas mulheres e pelos rapazes, que elogiaram sua devoção e agradeceram a Deus e a São Julião por lhe terem dado socorro na hora de maior necessidade; e considerou-se que a mulher, que soubera aproveitar o que de bom Deus mandava à sua casa, não fora nada tola (embora isso fosse dito meio às escondidas). E, enquanto se falava sorrindo maliciosamente da ótima noite que ela passara, Pampineia, sentada ao lado de Filostrato, percebendo que chegara a sua vez, como de fato chegara, refletindo, começou a pensar no que deveria dizer; e, depois da ordem da rainha, passou a falar com audácia e alegria:

– Valorosas senhoras, quanto mais se fala dos feitos da Fortuna, tanto mais resta a dizer por parte de quem queira olhar bem as coisas; e a ninguém isso deve causar admiração, se tivermos a sensatez de pensar que todas as coisas que tolamente chamamos nossas estão nas mãos dela e, por conseguinte, vão sendo por ela incessantemente permutadas, segundo um julgamento oculto, deste àquele e daquele a este, e assim por diante, sem nenhum critério que possamos conhecer. Embora isso se verifique em tudo, fielmente e todos os dias, e embora tenha sido mostrado em algumas histórias aqui narradas, visto que à nossa rainha apraz que se fale do assunto, acrescentarei às histórias já contadas uma que talvez não deixe de ter utilidade para os ouvintes e que, acredito, poderá ser de seu agrado.

Houve outrora em nossa cidade um cavaleiro conhecido como *messer* Tebaldo, que, segundo alguns, era da família dos Lamberti, enquanto outros afirmam que ele era da família dos Agolanti; estes outros talvez se baseassem mais no ofício que seus filhos depois exerceram do que em qualquer outra coisa, ofício que era o exercido desde sempre e ainda é pelos Agolanti. Mas, deixando de lado a questão de saber a qual das duas famílias ele pertencia, digo que na época ele era um cavaleiro riquíssimo e tinha três filhos, o primeiro dos quais se chamava Lamberto, o segundo Tedaldo, e o terceiro Agolante, jovens belos e amáveis; não tinha ainda o maior dezoito anos quando o riquíssimo *messer*

Tebaldo morreu, deixando-lhes todos os seus bens móveis e imóveis, como legítimos herdeiros. Estes, vendo que tinham ficado riquíssimos em dinheiro e propriedades, começaram a gastar sem outro governo que não fosse o próprio prazer, sem nenhum freio ou controle, mantendo enorme criadagem, numerosos e excelentes cavalos, cães e aves, oferecendo recepções esplêndidas, promovendo torneios e fazendo não só coisas compatíveis com a fidalguia, mas também tudo o que o seu apetite juvenil lhes inspirasse. Não fazia muito tempo que levavam tal vida, quando o tesouro deixado pelo pai começou a minguar; e, como aos gastos com que estavam comprometidos não bastassem apenas os seus rendimentos, começaram a empenhar e a vender propriedades. E, vendendo uma hoje e outra amanhã, mal perceberam que tinham chegado a quase nada, até que lhes foram abertos pela pobreza os olhos que a riqueza mantivera fechados.

Diante disso, Lamberto um dia chamou os outros dois e lhes falou da magnificência em que o pai vivera e que fora deles também, da riqueza que tinham e da pobreza a que haviam sido levados pelo desregramento de seus gastos; e, da melhor maneira que soube, convenceu os irmãos a venderem juntos o pouco que restava e irem embora, antes que sua miséria se tornasse notória; foi o que fizeram. E, sem despedidas nem pompa, saíram de Florença e não pararam enquanto não chegaram à Inglaterra; ali, alugando uma casinha em Londres e gastando pouquíssimo, começaram a emprestar a juros com avidez; e a fortuna lhes foi tão favorável, que em poucos anos eles já tinham acumulado grande quantidade de dinheiro.

Com esse dinheiro, voltando a Florença ora um, ora outro, recuperaram grande parte de suas propriedades, compraram muitas outras além dessas e casaram-se. Como continuassem emprestando dinheiro na Inglaterra, mandaram para lá um jovem sobrinho de nome Alessandro, que cuidaria daquele negócio, enquanto os três, em Florença, esquecidos da situação a que tinham sido reduzidos pelos excessivos gastos, apesar de estarem com as respectivas família, gastavam desmesuradamente, tirando proveito do alto crédito que tinham junto a todos os mercadores, para qualquer grande soma de dinheiro. Esses gastos foram sustentados durante alguns anos pelo dinheiro que Alessandro lhes mandava, pois ele passara a fazer empréstimos a barões contra castelos e outras rendas, o que lhe propiciava bons lucros.

E, enquanto os três irmãos gastavam prodigamente, pedindo dinheiro emprestado quando este lhes faltava, sempre contando firmemente com a Inglaterra, ocorreu que, contrariando todas as expectativas, desencadeou-se lá, entre o rei e seu filho33, uma guerra que dividiu a ilha entre os que apoiavam um

e os que apoiavam o outro; por essa razão, Alessandro ficou sem os castelos todos dos barões, não sobrando nada mais que lhe rendesse dinheiro. E, dia após dia, esperando que houvesse paz entre o filho e o pai, e que, por conseguinte, fosse possível recuperar capital e juros, Alessandro não saía da ilha, e os três irmãos, em Florença, não limitavam em nada seus enormes gastos, pedindo todos os dias mais dinheiro emprestado. No entanto, passados alguns anos, não se concretizando essas expectativas, os três irmãos não só perderam o crédito como também foram subitamente presos, visto que os credores queriam receber o que lhes era devido; e, não bastando para o pagamento as suas propriedades, eles continuaram presos por conta do remanescente, enquanto respectivas esposas e filhos pequenos foram para o campo, passando a viver na pobreza, uns aqui, outros acolá, sem saberem se podiam esperar algo que não fosse uma vida miserável.

Alessandro, que durante vários anos esperara a paz na Inglaterra, vendo que ela não vinha e achando que ficar ali era não só perigoso como também inútil, decidiu voltar para a Itália e pôs-se a caminho totalmente só. Ao sair de Bruges, viu por acaso que de lá também saía um abade branco acompanhado por muitos monges e criados, todos precedidos de muita bagagem; atrás iam dois cavaleiros idosos e parentes do rei; como eram conhecidos seus, Alessandro juntou-se a eles e foi recebido de bom grado em sua companhia.

Caminhando, portanto, Alessandro perguntou polidamente quem eram os monges que cavalgavam à frente com tantos criados e para onde iam. A isso um dos cavaleiros respondeu:

– Esse que vai cavalgando à frente é um jovem parente nosso, recentemente eleito abade de uma das maiores abadias da Inglaterra; como tem menos idade do que as leis concedem a tanta dignidade, estamos indo com ele a Roma solicitar do santo padre que lhe dê dispensa da exigência de idade e o confirme na dignidade: sobre isso não se deve falar com ninguém.

Caminhando, portanto, o abade novato ia ora à frente, ora atrás do seu séquito, tal como vemos todos os dias que os nobres fazem em viagem, e sucedeu-lhe deparar com Alessandro a caminhar ao seu lado; este era bastante jovem, belíssimo de corpo e semblante, educado, agradável e de bons modos, como ninguém mais poderia ser; à primeira vista o abade ficou maravilhado e gostou dele mais do que já gostara de qualquer outra coisa; e, chamando-o para junto de si, travou com ele agradável conversação, perguntando-lhe quem era, de onde vinha e para onde ia. Alessandro então expôs sinceramente a sua condição e respondeu à sua pergunta, oferecendo-se a prestar-lhe qualquer serviço que

estivesse ao seu alcance. O abade, ouvindo sua conversação bonita e bem articulada, considerando os seus costumes com mais detalhes e pensando consigo que, apesar do ofício servil, ele devia ser fidalgo, foi se agradando cada vez mais da sua boa aparência; e, enchendo-se de compaixão pelas suas desgraças, confortou-o com familiaridade e disse-lhe que não deixasse de ter esperanças porque, se era homem de bem, Deus ainda o recolocaria ali de onde a fortuna o tirara, e até mais acima: e solicitou-lhe que, como estava indo para a Toscana, lhe fizesse o favor de permanecer em sua companhia, visto que também ele ia para lá. Alessandro agradeceu-lhe o conforto e disse estar a seu dispor para qualquer coisa que ele ordenasse.

Caminhando, portanto, ia o abade sentindo que, ao ver Alessandro, tantas coisas novas se revolviam em seu peito, até que após vários dias chegaram a uma aldeia que não tinha hospedarias em abundância; e, como o abade precisasse hospedar-se, Alessandro o fez alojar-se em casa de um hospedeiro com quem tinha muita amizade, pedindo a este que aprontasse um quarto no lugar menos incômodo da casa. Tinha ele já quase virado mordomo do abade, por ser muito prático, e, depois de alojar na aldeia todos os criados da melhor maneira possível, uns aqui, outros ali, havendo já o abade ceado, ia já adiantada a noite e estavam todos adormecidos, quando Alessandro perguntou ao hospedeiro onde ele mesmo dormiria.

A isso o hospedeiro respondeu:

– Na verdade, não sei; como você vê, está tudo lotado, e eu e minha família vamos dormir nos bancos; no entanto, no quarto do abade há algumas arcas de guardar grãos, posso levá-lo até lá e armar uma caminha em cima; lá, se quiser, pode dormir muito bem esta noite.

Alessandro respondeu:

– E como é que eu vou caber no quarto do abade? Como você sabe, ele é tão estreito que lá não foi possível instalar nenhum dos seus monges. Se eu tivesse percebido quando as cortinas da cama do abade foram fechadas, eu teria posto os monges para dormir em cima das arcas, e teria ficado onde os monges agora estão dormindo.

O hospedeiro disse:

– Agora a coisa já está feita e, se quiser, pode se acomodar lá da melhor maneira do mundo. O abade está dormindo com seis cortinas[34] pela frente: ponho ali bem quieto um colchãozinho e você dorme.

Alessandro, percebendo que aquilo podia ser feito sem nenhum incômodo para o abade, concordou e acomodou-se lá no maior silêncio possível. O abade,

que não estava dormindo, mas, ao contrário, estava pensando muito nos seus desejos insólitos, ouvira o que diziam o hospedeiro e Alessandro e também percebera o lugar onde Alessandro tinha ido dormir; assim, muito contente, começou a pensar: “Deus mandou a ocasião para os meus desejos: se eu não aproveitar, vai demorar muito para aparecer outra igual.

E, decidindo-se a aproveitá-la, percebendo que tudo estava quieto na hospedaria, chamou Alessandro baixinho e convidou-o a deitar-se ao seu lado; ele, depois de várias recusas, despiu-se e deitou-se ao seu lado. O abade pôs a mão sobre o peito dele e começou a tocá-lo de um modo nada diferente dos usados pelas jovens enamoradas com seus amantes: Alessandro, muito admirado, receou que o abade, talvez tomado por um amor indecoroso, fosse incitado a tocá-lo daquela maneira. E esse receio, quer por conjectura, quer por algum ato de Alessandro, foi subitamente percebido pelo abade, que sorriu e, tirando rapidamente a camisa que vestia, tomou a mão de Alessandro e a pôs sobre seu peito, dizendo:

– Alessandro, deixe-se de pensamento tão tolo e tateie aqui para saber o que estou escondendo.

Alessandro, pondo a mão sobre o peito do abade, encontrou dois pequenos seios redondos, firmes e delicados, como se fossem feitos de marfim; descobrindo-os e percebendo logo que se tratava de mulher, sem esperar outro convite quis imediatamente abraçá-la e beijá-la; foi quando ela disse:

– Antes que se aproxime mais, espere para ouvir o que quero dizer. Como pode perceber, sou mulher, e não homem; saí de casa donzela e estava indo ao papa pedir-lhe que me desse marido: para sua felicidade ou minha desgraça, que seja, quando o vi no outro dia o amor me inflamou de tal modo que nunca houve mulher que amasse tanto um homem; por isso decidi que quero me casar com você e com nenhum outro; se não me quiser por mulher, saia logo daqui e volte para o seu lugar.

Alessandro, embora não a conhecesse, considerando o séquito que tinha, imaginou que ela seria nobre e rica; ademais, achava-a linda: por isso, sem pensar muito, respondeu que, se aquilo era do seu agrado, a ele dava muito gosto. Ela então, levantando-se, sentou-se na cama, diante de uma mesinha onde havia uma imagem de Nosso Senhor, e, pondo-lhe um anel na mão o fez desposá-la; depois, abraçados, para grande prazer de ambas as partes, os dois se divertiram durante todo o restante noite. E, combinando entre si o modo como organizariam as coisas, quando o dia surgiu Alessandro se levantou e saiu do quarto por onde entrara, sem que ninguém soubesse onde tinha dormido, e,

felicíssimo, retomou o caminho com o abade e seu séquito; após muitos dias chegaram a Roma.

Ali, depois de terem passado alguns dias, o abade, os dois cavaleiros e Alessandro, sem mais ninguém, foram recebidos pelo papa; feita a devida reverência, assim começou o abade a falar:

– Santo padre, como o senhor deve saber melhor do que qualquer outra pessoa, todos aqueles que queiram viver bem e honestamente devem, na medida do possível, fugir de qualquer ocasião que os faça comportar-se de outro modo; e eu, que desejo viver honestamente, para poder fazê-lo, me pus a caminho envergando o hábito em que agora me vê, fugindo secretamente com grande parte dos tesouros de meu pai, o rei da Inglaterra (que queria me dar por esposa ao rei da Escócia, senhor muito velho, sendo eu jovem como vê), para vir aqui pedir a Vossa Santidade que me desse marido. E não foi tanto a velhice do rei da Escócia que me fez fugir, e sim o medo de fazer coisas que contrariassem as leis divinas e a honra do sangue real de meu pai, caso me casasse com ele, em vista da fragilidade da minha juventude. E, vindo a tanto disposta, Deus – pois só Ele sabe realmente aquilo que cabe a cada um –, creio que por misericórdia, pôs diante de meus olhos aquele que lhe aprazia que fosse meu marido: e era este jovem – e apontou Alessandro –, que o senhor está vendo ao meu lado, cujos costumes e cujo valor são dignos de qualquer grande dama, embora a nobreza de seu sangue talvez não seja tão límpida como a régia. É esse o homem que escolhi e quero, e não aceitarei nenhum outro, seja lá o que meu pai ou qualquer outra pessoa pense a respeito; e, embora houvesse desaparecido a principal razão que me trazia aqui, quis chegar ao fim do caminho, tanto para visitar os lugares santos e venerandos, de que esta cidade está cheia, e também Vossa Santidade, quanto para que o matrimônio contraído entre mim e Alessandro apenas na presença de Deus se torne público na sua presença e, por conseguinte, na dos outros homens. Por isso, finalmente, lhe rogo com humildade que lhe seja grato aquilo que Deus quis e foi do meu agrado, e que dê a sua bênção para que com ela, confirmando o que é do gosto daquele cujo vigário o senhor é, possamos viver e morrer juntos para a honra de Deus e de Vossa Santidade.

Admirado de ouvir que a mulher era filha do rei da Inglaterra, Alessandro encheu-se de singular e oculta alegria: porém muito mais admirados ficaram os dois cavaleiros, perturbando-se tanto que, se estivessem em outro lugar, e não diante do papa, teriam cometido alguma descortesia com Alessandro e talvez com a mulher. Por outro lado, o papa também se admirou bastante com o hábito que a mulher envergava e com a sua escolha; mas, sabendo que não podia voltar

atrás, decidiu atender ao seu pedido. E, depois de consolar os cavaleiros, que sabia estarem perturbados, e de reconciliá-los com a dama e com Alessandro, deu ordens para que se fizesse o que era preciso. Chegado o dia por ele marcado, diante de todos os cardeais e de muitos outros homens nobres e valorosos, convidados para uma grande festa que ele preparara, mandou chamar a dama, que veio vestida em trajes régios e tinha uma aparência tão bela e agradável, que todos a elogiavam merecidamente; também Alessandro apareceu esplendidamente vestido, não com a aparência e os trajes de um jovem que tivesse emprestado dinheiro a juros, e sim de alguém que tivesse sangue real, sendo muito bem recebido pelos dois cavaleiros; então o papa, solenemente, realizou novos esponsais e, realizadas as bodas com beleza e magnificência, dispensou-os com sua bênção.

Alessandro e a mulher quiseram sair de Roma, vir a Florença, onde a notícia já chegara; e aqui foram recebidos com muitas honras pelos cidadãos; a dama mandou soltar os três irmãos, depois de pagar todos os credores, e restituiu as propriedades deles e de suas mulheres. Assim, com a boa graça de todos, Alessandro e esposa, levando consigo Agolante, partiram de Florença e foram para Paris, onde o rei os recebeu com hospitalidade. Depois os dois cavaleiros foram para a Inglaterra e tanto se empenharam junto ao rei, que ele lhes concedeu a sua graça e recebeu a filha e o genro com enorme festa; pouco depois, com muita honra, armou o genro cavaleiro e deu-lhe o condado de Cornualha. Foi ele tão capaz e soube agir tão bem, que reconciliou o filho com o pai, o que acarretou grande bem para a ilha e lhe possibilitou conquistar o amor e o favorecimento de todos os compatriotas; Agolante arrecadou inteiramente tudo o que lhe deviam e voltou riquíssimo para Florença, não sem antes armar cavaleiro o conde Alessandro. Depois, o conde viveu gloriosamente com a esposa; e, segundo querem alguns, com sua sensatez e valor, mais a ajuda do sogro, conquistou a Escócia e foi coroado seu rei.

QUARTA NOVELA

Landolfo Rufolo, empobrecido, torna-se corsário, é preso pelos genoveses, naufraga e escapa sobre um cofre cheio de joias valiosíssimas; em Corfu é acolhido por uma mulher, volta rico para casa.

Lauretta estava sentada perto de Pampineia; vendo o fim glorioso de sua história, sem mais esperar começou a falar da seguinte maneira:

– Graciosíssimas senhoras, segundo me parece, não pode haver ação maior da Fortuna do que ver alguém ser elevado da miséria mais profunda à posição de rei, como ocorreu com Alessandro, conforme mostrou a história de Pampineia. E, visto que quem contar histórias sobre esse assunto daqui por diante só poderá ficar dentro desse limite, não me envergonho de contar uma história que, embora contenha misérias maiores, nem por isso tem conclusão tão magnífica. Bem sei que, em vista daquela história, a minha será ouvida com menor interesse: mas, não podendo fazer outra coisa, escusada estou.

Acredita-se que a costa que vai de Reggio a Gaeta seja a parte mais agradável da Itália; ali, bem perto de Salerno, há uma encosta que avança sobre o mar, chamada pelos habitantes de costa de Amalfi, cheia de cidadezinhas, jardins, fontes, homens ricos e hábeis no comércio como outros não há. Entre tais cidadezinhas encontra-se uma que se chama Ravello, onde, tal como ainda hoje existem homens ricos, houve no passado um que foi riquíssimo e se chamava Landolfo Rufolo; este, não satisfeito com sua riqueza, desejando duplicá-la, por pouco não a perdeu por inteiro, com a própria vida.

Portanto, como é hábito entre os mercadores, depois de fazer seus planos, ele comprou um grande navio e, às suas próprias expensas, carregou-o com várias mercadorias e partiu com elas para Chipre. Ali, descobriu que vários outros navios tinham chegado com mercadorias da mesma qualidade, razão pela qual ele não só precisou vender mais barato o que levava, como também, querendo comerciar suas coisas, quase as deu de graça: por isso, chegou à beira da ruína. Sentindo-se muito desgostoso com tudo aquilo, não sabendo o que fazer e vendo que deixara de ser riquíssimo para em breve tempo tornar-se quase pobre, pensou em morrer ou em recuperar os prejuízos na vida de corso, para não voltar pobre ao lugar de onde tinha saído rico. E, encontrando comprador para seu grande navio, com o dinheiro assim obtido e com o que obtivera no comércio, comprou uma embarcação leve de corso, que equipou e muniu muito bem com

todas as coisas necessárias a tal atividade, e dedicou-se a apropriar-se das coisas alheias, sobretudo dos turcos.

E nessa atividade a fortuna lhe foi muito mais benévola do que fora no comércio. Em um ano, roubou e tomou tantos navios de turcos, que não só recuperou o que perdera no comércio como também multiplicou em muito aquilo que tinha. Assim, escarmentado pela primeira dor da perda e reconhecendo que já tinha o suficiente, para não incidir na segunda convenceu-se de que o que tinha deveria bastar, sem querer mais: por isso, preparou-se para voltar com aquilo para casa. E, temendo o comércio, não se preocupou em investir o dinheiro, mas resolveu retornar com aquele mesmo pequeno navio com o qual o ganhara; assim, aferrando remos, começou a voltar. Tinha já chegado ao Arquipélago[35] quando, durante certa noite, levantando-se um vento siroco que não só lhe era contrário como também encapelava muitíssimo o mar – coisa que seu pequeno navio não suportaria –, Landolfo abrigou-se do vento numa enseada formada por uma ilhota, com a intenção de lá esperar a melhoria do tempo. Estava fazia pouco naquela enseada quando com muito esforço chegaram duas grandes cocas[36] genovesas que, vindo de Constantinopla, fugiam daquilo mesmo de que Landolfo fugira; os homens que as tripulavam, vendo a pequena embarcação e fechando-lhe as vias de saída, ao saberem a quem pertencia e estando já a par da grande riqueza de seu proprietário, como eram naturalmente rapaces e cobiçosos de dinheiro, decidiram tomá-la. E, pondo em terra parte de seus homens, bem armados com balestras, ordenaram-lhes que ficassem numa posição tal que impedisse de sair da pequena embarcação quem não quisesse ser flechado; depois, usando suas chalupas e ajudados pelo mar, abordaram o naviozinho de Landolfo e, com pouco trabalho, em breve tempo e com toda a churma, tomaram tudo sem luta sem perderem nenhum homem: e, levando Landolfo e tudo o que haviam tirado de seu navio para uma das cocas, puseram a embarcação a pique e deixaram Landolfo vestido com um mísero gibão.

No dia seguinte, com a mudança do vento, as cocas rumaram para o poente a todo pano e durante o dia inteiro avançaram muito em sua viagem; mas, ao cair da noite, ergueu-se um vento tempestuoso que, formando altíssimas vagas, separou uma coca da outra. E, por força desse vento, a embarcação na qual estava o mísero e pobre Landolfo foi dar com muito ímpeto num baixio da ilha de Cefalônia, fendendo-se e despedaçando-se de um modo não muito diferente do vidro quando se choca contra um muro: e assim, com o mar já cheio de mercadorias, caixões e tábuas flutuando, como nesses casos costuma acontecer,

embora a noite estivesse escuríssima, e o mar, encapelado e revoltoso, os pobres infelizes que estavam a bordo começaram a agarrar-se às coisas que por acaso lhes apareciam pela frente, nadando aqueles que sabiam nadar.

Entre eles estava o pobre Landolfo que, embora um dia antes tivesse clamado tantas vezes pela morte, achando melhor morrer que voltar pobre como estava para casa, ao vê-la chegar sentiu medo, e, tal como os outros, caindo-lhe sob as mãos uma tábua, agarrou-se a ela, esperando que, caso ele demorasse a se afogar, Deus lhe mandasse alguma ajuda para a salvação; e, pondo-se a cavalo sobre a tábua, viu-se impelido pelo mar e pelo vento ora para cá, ora para lá e, da melhor maneira que pôde, assim se manteve até que o dia clareou. Vendo que o dia chegara, olhou ao redor e nada viu além de nuvens, mar e um cofre que, flutuando, às vezes se aproximava, o que o deixava apavorado, por temer que se chocasse com ele e talvez o machucasse; por isso, sempre que o cofre chegava perto, Landolfo o empurrava com a mão, como podia, embora tivesse poucas forças. Mas, seja lá como for, o fato é que subitamente correu um pé de vento correu e pelos ares e caiu sobre o mar com tanta força, que bateu no cofre, e o cofre bateu na tábua sobre a qual estava Landolfo, tábua que virou, obrigando Landolfo a largá-la, submergindo; voltou depois à tona, mais ajudado pelo medo que pela força, e então viu que a tábua estava muito longe; assim, temendo não conseguir chegar até ela, dirigiu-se para o cofre, que estava bem próximo, e, com o peito apoiado na tampa, manteve-o reto com a ajuda dos braços da melhor maneira que conseguiu. Desse modo, jogado de um lado para o outro pelas ondas, sem comer (pois não havia o quê), bebendo mais do que desejaria, sem saber onde estava e não vendo nada senão mar, permaneceu todo aquele dia e a noite seguinte.

No outro dia, fosse por vontade de Deus ou pela força do vento, quase transformado em esponja, fortemente agarrado com ambas as mãos às bordas do cofre, tal como fazem aqueles que, estando para se afogar, seguram-se a alguma coisa, Landolfo chegou à praia da ilha de Corfu, onde por acaso uma mulher pobre areava e embelezava sua louça na água salgada. Esta, ao vê-lo aproximar-se, não reconhecendo nele forma humana, sentiu medo e recuou gritando. Ele, que não conseguia falar e pouco enxergava, nada disse; no entanto, à medida que o mar o impelia para a terra, ela foi percebendo o formato do cofre e, olhando com mais atenção, avistou primeiramente os braços estendidos sobre o cofre, depois identificou o rosto e imaginou que aquilo fosse o que de fato era. Então, compadecida, entrou um pouco no mar, que já estava tranquilo, agarrou-o pelos cabelos, puxou-o para a terra com cofre e tudo e lá, desvencilhando com

dificuldade as mãos dele da tampa e pondo o cofre sobre a cabeça de uma filha que estava com ela, levou-o para a aldeia como se ele fosse uma criancinha: e, pondo-o no banho quente, tanto o esfregou e lavou com água quente, que ele recuperou o calor dissipado e um pouco das forças perdidas. Tratou-o pelo tempo que achou preciso, revigorou-o com um pouco de bom vinho e de doces, manteve-o da melhor maneira durante alguns dias, até que, recuperando as forças, ele percebeu onde estava. Então a boa mulher achou que já era hora de lhe devolver o cofre, que resgatara para ele, e de lhe dizer que fosse cuidar da vida; e assim fez.

Ele, que não se lembrava de cofre algum, assim mesmo o pegou quando trazido pela boa mulher, imaginando que não poderia valer tão pouco que algum dia não lhe pagasse as despesas; e, achando-o muito leve, quase perdeu as esperanças. No entanto, quando a boa mulher se ausentou da casa, ele despregou a tampa para ver o havia dentro, e encontrou muitas pedras preciosas engastadas e avulsas, coisa de que entendia um pouco; ao vê-las, percebendo que eram de grande valor e louvando a Deus, que ainda não quisera abandoná-lo, sentiu-se aliviado. Mas, por ter sido duramente golpeado pela fortuna duas vezes em pouco tempo, temendo a terceira, achou que convinha tomar muito cuidado se quisesse levar aquelas coisas para casa: assim, embrulhando-as em alguns panos da melhor maneira que pôde, disse à boa mulher que já não precisava do cofre e que, se lhe fizesse o favor, poderia dar-lhe um saco e ficar com ele.

A boa mulher concordou, e ele, demonstrando a maior gratidão de que era capaz pelo benefício recebido, pôs o saco a tiracolo e partiu; e, embarcando num navio, foi para Brindisi e, de lá, de uma costa a outra, chegou a Trani, onde encontrou alguns concidadãos que negociavam com tecidos e, quase pelo amor de Deus, o vestiram, depois que ele lhes contou todos os incidentes, com exceção do cofre; além disso, emprestaram-lhe um cavalo e, dando-lhe uma comitiva, mandaram-no para Ravello, aonde ele dizia que queria absolutamente voltar.

Chegando lá, quando achou que estava seguro, agradecendo a Deus que o conduzira, desfez o saquinho e, depois de olhar tudo com mais atenção do que fizera antes, descobriu que tinha tantas pedras e de tal qualidade que, se vendidas pelo preço devido ou até menos, ele ficaria duas vezes mais rico do que quando partira. E, depois de encontrar um meio de vender suas pedras, mandou boa quantidade de dinheiro a Corfu, para a boa mulher que o tirara do mar, como recompensa pelos serviços recebidos; mandou dinheiro também a Trani, para aqueles que o haviam vestido; com o restante ficou, pois não queria mais

comerciar, e viveu decentemente até o fim.

QUINTA NOVELA

Andreuccio de Perúsia, indo a Nápoles comprar cavalos, numa só noite é surpreendido por três graves incidentes, escapa de todos e volta para casa com um rubi.

– As pedras que Landolfo encontrou – começou Fiammetta, a quem cabia agora contar uma história – trouxeram-me à memória uma história não menos cheia de perigos do que a narrada por Lauretta, mas diferente porque naquela os fatos se passaram talvez em vários anos, ao passo que nesta, em uma noite apenas, como ouvirão.

Segundo fiquei sabendo, havia em Perúsia um jovem cujo nome era Andreuccio di Pietro, corretor de cavalos; ouvindo dizer que em Nápoles havia cavalos baratos, pôs na bolsa quinhentos florins de ouro e, apesar de nunca ter saído de casa, foi para lá com outros mercadores. Chegando num domingo ao entardecer, tomou informações com o hospedeiro e na manhã seguinte foi para a praça do Mercado, onde viu vários cavalos de que gostou; interessou-se por vários deles, mas, não conseguindo chegar a um acordo acerca de nenhum, para mostrar que tinha ido lá comprar, sendo rústico e pouco cauteloso, tirou várias vezes na frente de quem ia e vinha aquela bolsa de florins que carregava.

Estava ele numa daquelas negociações, a mostrar a bolsa, quando uma jovem siciliana, belíssima mas disposta a agradar qualquer homem por preço módico, passou perto dele sem ser vista, viu a bolsa e pensou imediatamente: “Quem estaria melhor que eu se aquele dinheiro fosse meu?”, e continuou andando. Com esta jovem estava uma velha também siciliana, que, ao ver Andreuccio, deixando a jovem seguir adiante, correu a abraçá-lo afetuosamente: a jovem, vendo aquilo, sem nada dizer, começou a observá-la à distância. Andreuccio, voltando-se para a velha e reconhecendo-a, fez-lhe muita festa, e ela, depois de lhe prometer ir falar com ele na hospedaria, sem conversar mais muito tempo, foi embora. Andreuccio voltou a negociar, mas nada comprou naquela manhã. A jovem, que antes vira a bolsa de Andreuccio e depois a familiaridade entre a velha e ele, para tentar descobrir algum modo de conseguir aquele dinheiro, no todo ou em parte, começou a perguntar com cuidado à velha quem era ele, de onde vinha, o que fazia ali e como o conhecia. E a velha lhe contou tudo sobre Andreuccio, com muitas particularidades, quase como se ele mesmo tivesse contado, disse como morara durante tanto tempo em casa do pai dele na Sicília e

depois em Perúsia, bem como onde ele estava hospedado e por que tinha ido lá.

A jovem, plenamente informada da parentela e dos nomes, para satisfazer sua ganância com sutil malícia, usou essas informações para traçar seus planos; e, de volta a casa, ocupou a velha durante o dia inteiro, para que ela não pudesse voltar a falar com Andreuccio; e, valendo-se de uma criadinha, que ela tinha adestrado muito bem para tais serviços, ao cair da tarde mandou-a à hospedaria onde Andreuccio estava.

Esta, ali chegando, encontrou-o por acaso sozinho à porta da hospedaria e perguntou a ele por ele mesmo. Ao ouvi-lo dizer que era o próprio, chamou-o à parte e disse:

– Senhor, uma nobre dama desta cidade, se fizer a gentileza, gostaria muito de lhe falar.

Ele, vendo-a e considerando sua própria figura, achou-se moço de muito boa aparência e imaginou que aquela mulher estaria apaixonada por ele, como se em Nápoles então não houvesse nenhum outro rapaz bonito, e respondeu imediatamente que estava pronto, perguntando onde e quando aquela mulher gostaria de falar com ele.

Então a criadinha respondeu:

– Senhor, quando quiser ir, ela o está esperando em casa.

Andreuccio, sem nada avisar na hospedaria, logo disse:

– Então vá adiante, que eu sigo atrás.

E a criadinha o conduziu à casa da mulher, que morava num bairro chamado Malpertugio[37], que, pelo nome, já se pode ver como era honesto. Mas ele, que de nada sabia nem desconfiava, achando que estava indo sem perigo a um lugar honestíssimo, falar com uma mulher honrada, seguia atrás da criadinha, que entrou numa casa e, subindo pelas escadas, chamou a patroa e disse:

– Andreuccio está aí.

E ele viu a mulher aparecer no alto da escada para esperá-lo. Era ainda bastante jovem, alta, formosíssima de rosto, vestida e ataviada com muito decoro; quando Andreuccio se aproximou, ela desceu três degraus para ir a seu encontro com os braços abertos e, enlaçando seu pescoço, ficou algum tempo sem dizer nada, como que impedida pelo excesso de emoção; depois, chorando, beijou-lhe a testa e com voz um tanto embargada disse:

– Ó Andreuccio, seja bem-vindo!

Ele, admirado com tanto e tão emocionado carinho, respondeu estupefato:

– Senhora, bons olhos a vejam!

Depois, ela lhe tomou a mão e subiu com ele para a sala, de onde, sem dizer

mais nada, entrou com ele no quarto, que recendia a rosas, flores de laranjeira e outros aromas, onde ele viu um belíssimo leito baldaquinado e muitas roupas dependuradas em travessas, como era costume ali, bem como outros belos e ricos objetos; vendo tais coisas e sendo ingênuo, acreditou piamente que ela não seria nada menos que uma grande dama.

Sentaram-se sobre uma arca que havia ao pé do leito, e ela começou a falar do seguinte modo:

– Andreuccio, tenho certeza de que você está espantado com o carinho que demonstro e com minhas lágrimas, pois não me conhece e talvez nunca tenha ouvido falar de mim. Mas logo vai ouvir uma coisa que lhe causará talvez mais admiração, ou seja, que sou sua irmã; e digo-lhe que, agora que Deus me fez a graça de ver um de meus irmãos antes de morrer, e eu desejo ver todos vocês, só poderei morrer consolada, seja qual for a hora de minha morte. E, se por acaso nunca ouviu falar disso, vou contar. Pietro, que era meu pai e seu, como acredito que ficou sabendo, morou durante muito tempo em Palermo, onde, por sua bondade e amabilidade, foi e ainda é muito amado pelos que o conheceram. Mas, entre todos os que muito o amaram, minha mãe, que era uma dama de classe, viúva na época, foi quem mais o amou, a tal ponto que, desprezando o medo que tinha do pai e dos irmãos e a própria honra, teve tanta proximidade com ele, que eu nasci e aqui estou, como vê. Depois, como surgissem razões para que Pietro saísse de Palermo e voltasse a Perúsia, deixou-me ainda pequena com minha mãe, e nunca mais, pelo que fiquei sabendo, se lembrou de mim nem dela: coisa que eu, não fosse ele meu pai, reprovaria muito, em vista da ingratidão que demonstrou para com minha mãe (sem falar do amor que deveria ter por mim, como filha, que não tinha nascido de nenhuma criada nem de mulher de baixa condição), que se pusera em suas mãos entregando-lhe todas as suas coisas, sem saber quem ele era, apenas movida por fidelíssimo amor. Mas que fazer? Coisa malfeita e muito antiga é mais fácil reprovar que emendar: afinal os fatos foram esses. Ele me deixou pequena em Palermo, onde cresci até quase ficar como sou agora, e minha mãe, que era rica, casou-me com um homem de Agrigento, fidalgo e honrado, que, por amor à minha mãe e a mim, voltou a morar em Palermo; ali, sendo ele ferrenhamente guelfo38, começou a conjurar com o nosso rei Carlos.39 Chegando isso ao conhecimento do rei Frederico40, antes que os planos se realizassem precisamos fugir da Sicília, quando eu esperava vir a ser esposa de cavaleiro, a maior dama que jamais houvera naquela ilha; assim, pegamos aquelas poucas coisas que podíamos (poucas, digo, em relação às muitas que tínhamos), deixamos lá terras e palácios e nos refugiamos nesta

cidade, onde o rei Carlos nos foi tão grato que ressarciu em parte os prejuízos que tivéramos por causa dele, deu-nos propriedades e casas e continua dando bons proventos ao meu marido, que é seu cunhado, como você ainda poderá ver. E é desse modo que estou aqui, onde o encontro, meu doce irmão, graças a Deus e não a você.

Dizendo isso, abraçou-o de novo e, chorando, beijou-lhe afetuosamente a testa.

Andreuccio, ouvindo aquela fábula contada de modo tão ordenado e articulado por alguém cujas palavras não morriam entre os dentes e cuja língua não gaguejava, lembrando que de fato o pai estivera em Palermo, conhecendo por experiência própria os costumes dos jovens, que são muito inclinados a amar na juventude, vendo as comovidas lágrimas, os abraços e os beijos honestos, deu por mais que certo aquilo que ela dizia. E, depois que ela se calou, disse-lhe:

– Senhora, não deve lhe parecer estranho se me admiro: na verdade, ou porque meu pai nunca falou da senhora e de sua mãe, por qualquer razão, ou porque, se falou, não chegou ao meu conhecimento, eu da senhora não sabia nada, a não ser que não existia; e para mim foi muito grato encontrar aqui uma irmã, quando estou sozinho e esperando tudo, menos isso. Na verdade, não conheço nenhum homem de altos negócios que não prezaria a senhora, que dizer de mim, que sou um pequeno comerciante. Mas gostaria que me esclarecesse uma coisa: como ficou sabendo que eu estava aqui?

A isso ela respondeu:

– Fiquei sabendo esta manhã por uma pobre mulher muito ligada a mim, que, segundo me disse, esteve durante muito tempo com o nosso pai em Palermo e em Perúsia; e, se não fosse por achar mais decente você vir a esta sua casa do que eu ir a casa alheia, já há muito tempo eu teria ido falar com você.

Depois dessas palavras, ela começou a perguntar de todos os parentes, um a um e por nome, e Andreuccio deu respostas sobre todos, acreditando desse modo mais ainda naquilo que não lhe convinha acreditar.

Como a conversa fora longa, e o calor, forte, ela mandou trazer vinho branco e doces e serviu Andreuccio; depois disso, querendo ele partir, pois era hora do jantar, ela não o permitiu de modo algum e, dando mostras de grande comoção, disse a abraçá-lo:

– Ai, que triste, percebo muito bem como você gosta pouco de mim! Como é possível que esteja com uma irmã que nunca viu, em casa dela, onde deveria estar hospedado, e quer sair para ir jantar na hospedaria? Pois você vai é jantar comigo; como meu marido não está, o que muito me aborrece, eu saberei fazer

as honras da casa na condição de mulher.

A isso, Andreuccio, não sabendo o que responder, disse:

– Gosto de você como se deve gostar de uma irmã, mas, se eu não for, vão me esperar a noite inteira e cometerei uma descortesia.

Ela então disse:

– Graças a Deus tenho aqui em casa alguém para mandar dizer que você não deve ser esperado! Se bem que seria maior cortesia de sua parte, e um dever até, mandar convidar os seus companheiros a jantarem aqui; depois, se fizer mesmo questão de ir embora, poderiam ir todos juntos.

Andreuccio respondeu que não queria saber dos companheiros naquela noite, mas, já que era de seu agrado, que dispusesse dele a seu bel-prazer. Ela então fez de conta que mandava dizer na hospedaria que ele não deveria ser esperado para o jantar; e, depois de muitas outras conversas, sentaram-se para jantar e, enquanto lhes eram esplendidamente servidas várias iguarias, ela, usando de astúcia, demorou-se à mesa até que escurecesse por inteiro; quando se levantaram e Andreuccio quis partir, ela disse que não permitiria de maneira nenhuma, pois Nápoles não era cidade onde se pudesse andar à noite, sobretudo se estrangeiro; e, assim como mandara dizer que ele não deveria ser esperado para o jantar, fizera o mesmo em relação à hospedagem. Ele, acreditando e sentindo prazer em estar com ela, enganado pela falsa crença, ficou. Depois do jantar, foram muitas e longas as conversas, não sem razão; e, passada já uma parte da noite, ela deixou Andreuccio, que dormiria num quarto em companhia de um menino para ajudá-lo em caso de necessidade, e foi para outro quarto com as suas mulheres.

Fazia muito calor: por isso, Andreuccio, vendo-se sozinho, logo tirou a roupa, menos o gibão e, despindo os calções, depositou tudo na cabeceira da cama; e, exigindo a natureza que ele se desfizesse do que de supérfluo havia no ventre, ele perguntou ao menino onde poderia fazê-lo, e este lhe mostrou uma porta em um dos cantos do quarto, dizendo:

– Lá dentro.

Andreuccio, entrando confiante, por azar pisou numa tábua que no lado oposto ao que ele pisava estava despregada da trave à qual se apoiava; assim, a tal tábua acabou por virar e cair, carregando-o consigo lá para baixo. E tamanho era o amor que Deus lhe tinha que ele não se machucou na queda, mesmo caindo de tão alto, mas ficou todo lambuzado daquela imundície que enchia o local. E, para que compreendam melhor o que será dito a seguir, descreverei como era o tal local. Ficava numa betesga estreita, como frequentemente se vê entre duas

casas: sobre duas traves, postas entre uma casa e outra, eram pregadas algumas tábuas e colocado o lugar para sentar; uma daquelas tábuas era a que caiu com ele.

Andreuccio, portanto, no fundo da betesga, lamentando o azar, começou a chamar o menino; mas o menino, ao ouvi-lo cair, tinha ido correndo contar à patroa. Esta, correndo para o quarto, logo procurou ver se lá estavam as roupas dele e, encontrando as roupas e com elas o dinheiro (que ele, confiante, sempre carregava consigo insanamente), vendo que obtivera aquilo pelo que tinha armado a cilada, de fingir ser Palermo e irmãzinha de um perusino, deixou de se preocupar com ele e imediatamente foi fechar a porta pela qual ele saíra antes de cair.

Andreuccio, vendo que o menino não respondia, começou a chamar mais alto, mas não adiantava. Assim, já desconfiado e começando a perceber tarde o embuste, subiu numa mureta que separava a betesga da rua e, descendo para a via pública, foi até a porta da casa que ele reconheceu muito bem e lá chamou, sacudiu e bateu durante muito tempo em vão. Chorando, ao perceber a sua desventura, começou a dizer:

– Pobre de mim, em tão pouco tempo perdi cinquenta florins e uma irmã!

E, depois de dizer muitas outras coisas, voltou a bater à porta e a gritar; e tanto fez, que muitos dos vizinhos mais próximos acordaram e, não conseguindo suportar a amolação, levantaram-se; uma das serviçais da mulher, fazendo-se de sonolenta, apareceu à janela e disse desabridamente:

– Quem está batendo aí embaixo?

– Oh! – disse Andreuccio. – Não está me conhecendo? Sou Andreuccio, irmão de dona Fiordaliso.

Então ela respondeu:

– Moço, se bebeu demais, vá dormir e volte amanhã; eu não sei de nenhum Andreuccio nem dessas lorotas que está contando; vá em paz e me deixe dormir, faça-me o favor.

– Como – disse Andreuccio –, não sabe do que estou falando? Claro que sabe; mas se na Sicília parentesco é coisa que se esquece em tão pouco tempo, pelo menos me devolva minhas roupas, que deixei aí, e com muito gosto vou embora com Deus.

Então ela disse rindo:

– Moço, acho que está sonhando – e, dizendo isso, já foi voltando para dentro e fechando a janela.

Vendo isso, Andreuccio, já mais do que certo dos prejuízos, como se por

aflição se dispusesse a transformar em furor a grande raiva que sentia, decidiu reaver por meio da injúria aquilo que não conseguira com palavras; assim, pegando uma pedra bem grande, começou a bater ferozmente à porta, com golpes muito mais fortes do que antes. Com isso, muitos daqueles vizinhos que já tinham acordado e levantado, acreditando que ele fosse algum importuno que estivesse inventando aquilo para incomodar a boa mulher, aborrecidos com as batidas que ele dava, apareceram nas janelas e começaram a dizer de um modo que não diferia muito da maneira como os cães de um lugar ladram para um cão forasteiro:

– É muita falta de educação vir a essa hora bater à casa de boas mulheres para dizer essas bobagens; vá com Deus, moço; deixe-nos dormir, por favor; e se tiver alguma coisa para tratar com ela, volte amanhã, e pare com essa amolação de noite.

Sentindo-se apoiado por tais palavras, alguém que estava dentro da casa, rufião da boa mulher, que ele não tinha visto nem ouvido, apareceu na janela e disse com um vozeirão terrível e feroz:

– Quem está aí embaixo?

Andreuccio, levantando a cabeça ao ouvir aquela voz, viu alguém que, pelo pouco que podia perceber, demonstrava ser ali o maioral, com basta barba negra no rosto, bocejando e esfregando os olhos como se tivesse saído da cama ou acordado de sono profundo. E Andreuccio, não sem medo, respondeu:

– Sou um irmão da senhora daí de dentro.

Mas, sem esperar que Andreuccio acabasse de responder, o homem disse com mais rispidez ainda que antes:

– Não sei por que é que não vou aí embaixo e não lhe dou tanta paulada que você caia duro no chão, burro impertinente e bêbado, é o que você deve ser, que esta noite não vai deixar ninguém dormir.

E, voltando para dentro, fechou a janela.

Alguns dos vizinhos, que conheciam melhor a condição do sujeito, disseram baixinho a Andreuccio:

– Pelo amor de Deus, moço, vá com Deus, não vá querer ser morto por esse aí esta noite: vá embora pelo seu próprio bem.

Então Andreuccio, assustado com a voz e a aparência do sujeito e incentivado pelos conselhos daquelas pessoas que pareciam movidas pela caridade, pesaroso como ninguém no mundo e desesperando de rever o dinheiro, pôs-se a caminho para voltar à hospedaria, indo para a direção que a criadinha seguira durante o dia, sem saber para onde estava indo. E, com o nojo que lhe

causava o fedor que lhe chegava de si mesmo, desejando pegar a direção do mar para se lavar, virou à esquerda e enveredou por uma rua chamada Ruga Catalana. Andando em direção ao alto da cidade, viu à sua frente dois homens que caminhavam em sua direção com uma lanterna na mão, e, temendo que fossem da polícia ou outros predispostos ao mal, quis fugir e refugiou-se num casebre que viu ao lado. Mas eles, como se fossem enviados exatamente para aquele lugar, entraram no mesmo casebre; e ali, um deles, descarregando algumas ferramentas que trazia a tiracolo, começou a falar com o outro, a olhá-las e a dizer várias coisas a respeito delas. E, enquanto falavam, um deles disse:

– Mas o que é isso? Estou sentindo o maior fedor da minha vida.

E, ao dizê-lo, levantou um pouco a lanterna e viu o coitado do Andreuccio, a quem perguntaram estupefatos:

– Quem está aí?

Andreuccio não respondia, mas eles, aproximando a luz, perguntaram o que estava fazendo ali tão emporcalhado: e então Andreuccio lhes contou tudo o que havia ocorrido. Eles, imaginando onde aquilo poderia ter acontecido, disseram entre si:

– Só pode ter sido em casa do quadrilheiro Buttafuoco.41

E, voltando-se para ele, um deles disse:

– Moço, apesar de ter perdido o dinheiro, deve dar graças a Deus pelo azar que teve de cair e de não conseguir depois voltar a entrar, porque, se não tivesse caído, pode ter certeza de que, assim que pegasse no sono, teria sido morto, perdendo não só o dinheiro como também a vida. Mas de que adianta agora chorar? Recuperar um tostão daquele dinheiro seria o mesmo que querer ter uma estrela do céu, e você poderá muito bem cair morto se ele ouvir dizer que está falando do assunto por aí.

Depois dessas palavras, conversaram um pouco e lhe disseram:

– Olhe, nós ficamos com pena de você: por isso, se quiser ir conosco fazer uma coisa que vamos fazer, temos certeza de que a parte que lhe caberá vai valer muito mais do que aquilo que perdeu.

Andreuccio, desesperado, respondeu que estava à disposição.

Naquele dia um arcebispo de Nápoles, chamado Filippo Minutolo, fora sepultado com riquíssimos ornamentos e com um rubi no dedo que valia mais de quinhentos florins de ouro; era isso o que eles queriam ir roubar; e foi o que disseram a Andreuccio.

Andreuccio, mais cobiçoso que ajuizado, pôs-se a caminho com eles; e, enquanto iam para a igreja matriz, era tanto o seu fedor que um dos homens

disse:

– Será que não haveria um jeito de esse sujeito se lavar um pouco seja lá onde for, para não feder tanto?

O outro disse:

– Sim, estamos perto de um poço onde sempre há um sarilho e um balde bem grandão; vamos até lá e ele se lava depressinha.

Chegando ao poço, viram que a corda estava lá, mas o balde tinha sido levado; por isso, combinaram que o amarrariam na corda e o desceriam pelo poço; lá embaixo, ele se lavaria e, quando estivesse limpo, sacudiria a corda, e eles o puxariam para cima; foi o que fizeram.

Ocorre que, estando ele já no fundo do poço, apareceram para beber água alguns guardas da senhoria, decerto com calor ou sede por terem corrido atrás de alguém; os dois homens, quando os avistaram, fugiram sem serem vistos por eles. Andreuccio, quando acabou de se lavar no fundo do poço, balançou a corda. Os guardas que tinham sede, depois de depositarem no chão escudos, armas e túnicas, começaram a puxar a corda, acreditando que a ela estivesse dependurado o balde cheio de água. Andreuccio, assim que se viu próximo à beira do poço, largou a corda e com as duas mãos se atirou sobre a beirada. Os dois, ao verem aquilo, tomados por medo súbito, largaram imediatamente a corda e começaram a correr o mais que podiam: coisa de que Andreuccio muito se admirou e, se não estivesse bem agarrado, teria caído até o fundo do poço, machucando-se muito talvez ou mesmo morrendo; mas, ao sair e encontrar aquelas armas que, sabia, seus companheiros não tinham levado, começou a ficar muito mais admirado.

Mas, com medo e sem saber o que pensar, queixando-se da sorte, decidiu ir embora dali sem tocar nada: e saiu andando sem saber para onde. E assim caminhando topou com aqueles seus dois companheiros, que iam lá tirá-lo do poço; quando o viram, muito admirados, perguntaram-lhe quem o tirara do poço. Andreuccio respondeu que não sabia e contou-lhes pormenorizadamente o que acontecera e o que ele encontrara fora do poço. Então os dois, percebendo o que acontecera, explicaram rindo por que tinham fugido e quem eram aqueles que o haviam puxado. E, sem mais conversas, como já era meia-noite, foram para a igreja matriz e lá entraram com facilidade, encaminhando-se para o sarcófago, que era de mármore e muito grande; com a ferramenta, levantaram a pesadíssima lousa, o suficiente para que um homem pudesse entrar, e deixaram-na escorada.

Feito isto, um deles disse:

– Quem entra lá?

E o outro respondeu:

– Eu é que não.

– Nem eu – disse o primeiro. – O Andreuccio entra.

– Eu é que não vou fazer isso – disse Andreuccio.

Então os dois se viraram para ele e disseram:

– Como não vai entrar? Deus é testemunha de que, se não entrar, vai levar tanta pancada na cabeça com essas barras de ferro que vai cair morto.

Com medo, Andreuccio entrou e, lá dentro, pensou: “Esses dois me mandaram entrar aqui para me enganar, porque depois que eu lhes der tudo, enquanto estiver penando para sair do sarcófago, eles vão embora cuidar da vida e eu vou ficar sem nada”. Por isso, decidiu pegar primeiro a sua parte; e, lembrando-se do precioso anel de que os ouvira falar, assim que desceu tirou-o do dedo do arcebispo e o pôs no seu; e, depois de lhes dar o báculo, a mitra e as luvas e de deixar o arcebispo só de camisa, entregou tudo dizendo que já não havia mais nada. Estes, afirmando que deveria haver o anel, mandaram-no procurar em todos os lugares: mas ele, respondendo que não o encontrava e fazendo de conta que procurava, deixou-os esperando mais um pouco. Eles, que também eram maliciosos, dizendo-lhe que procurasse bem, no instante que melhor lhes pareceu tiraram a escora que apoiava a lousa e, fugindo, deixaram-no lá dentro, trancado. Qualquer um pode imaginar o que Andreuccio sentiu quando ouviu isso.

Tentou várias vezes levantar a tampa com a cabeça ou com as costas, mas o esforço era em vão: assim, vencido pela dor, desmaiou e caiu sobre o corpo morto do arcebispo; e quem o visse ali dificilmente saberia dizer quem estava mais morto, o arcebispo ou ele. Mas depois que voltou a si começou a chorar copiosamente, vendo que ali sem dúvida lhe ocorreria de duas uma: se ninguém aparecesse para abrir o sarcófago, morreria de fome e fedor entre os vermes do cadáver, ou, se alguém abrisse e o encontrasse lá dentro, morreria enforcado como ladrão.

E estava ele em meio a tais pensamentos, sentindo-se muito pesaroso, quando ouviu na igreja passos e conversas de várias pessoas que, conforme imaginava, estavam indo lá fazer aquilo que ele e seus companheiros já tinham feito: assim sentiu mais medo ainda. Mas, aberto o sarcófago e escorada a lousa, começaram os outros a discutir quem entraria, e ninguém queria entrar; depois de longa discussão, um padre disse:

– Estão com medo do quê? Acham que ele morde? Morto não come gente viva: entro eu aí.

E assim dizendo, apoiou o peito na beirada do sarcófago, virou-se com a cabeça para fora e mandou para dentro as pernas, a fim de descer. Andreuccio, vendo aquilo, ficou de pé, segurou uma das pernas do padre e fez de conta que o puxava para baixo. Sentindo o puxão, o padre soltou um tremendo berro e imediatamente se jogou para fora do sarcófago; os outros todos, assustados, puseram-se em fuga como se perseguidos por cem mil diabos, deixando o sarcófago aberto.

Percebendo, Andreuccio, muito mais feliz do que previa, logo pulou para fora e saiu da igreja pelo mesmo caminho por onde entrara; o dia já estava para raiar quando, andando a esmo com aquele anel no dedo, acabou chegando à costa e topando com sua hospedaria; ali, ficou sabendo que seus companheiros e o hospedeiro tinham passado a noite inteira preocupados com ele. Depois de ouvirem o que lhes foi contado, acatando o conselho do hospedeiro, todos acharam que ele deveria sair de Nápoles o mais depressa possível; coisa que ele fez prontamente e voltou a Perúsia, depois de investir tudo num anel onde a comprar cavalos tinha ido.

SEXTA NOVELA

Madama *Beritol é encontrada numa ilha com dois filhotes de corça, tendo perdido dois filhos, e de lá vai para Lunigiana; ali, um dos filhos vai servir o senhor dela, deita-se com a filha dele e é posto na prisão. A Sicília rebela-se contra o rei Carlos, e o filho, reconhecido pela mãe, casa-se com a filha de seu senhor, reencontra o irmão e voltam a ocupar alta posição.*

As mulheres e os rapazes tinham rido muito dos casos de Andreuccio, contados por Fiammetta, quando Emília, percebendo que a história acabara e acatando ordem da rainha, assim começou:

– Graves e dolorosas são as várias mudanças da Fortuna, mas tudo o que sobre elas se disser servirá para despertar nossa mente, que adormece ligeiramente quando embalada por suas lisonjas; por isso, acredito que nunca devemos sentir desagrado ao ouvirmos falar delas, tanto das venturosas quanto das desventuradas, pois ouvir as primeiras nos torna prudentes e ouvir as segundas nos consola. Portanto, por mais que se tenha falado a respeito anteriormente, pretendo contar uma história que é não só verdadeira como também comovente. E, embora tenha um final feliz, foi tanto e tão prolongado o amargor, que mal posso acreditar que a felicidade que se seguiu o tenha adoçado.

Caríssimas senhoras, como devem saber, depois da morte do imperador Frederico II, Manfredi foi coroado rei da Sicília, e junto a ele gozou de posição privilegiada um fidalgo de Nápoles chamado Arrighetto Capece, que era casado com uma mulher bela e nobre, também napolitana, chamada *madama* Beritola Caracciola. O referido Arrighetto, que tinha o governo da ilha nas mãos, ao ouvir dizer que o rei Carlos I vencera e matara Manfredi em Benevento, e que todo o reino passava às suas mãos, preparou-se para fugir, pois tinha pouca confiança na escassa fidelidade dos sicilianos e não queria tornar-se súdito do inimigo de seu senhor. Mas, quando isso chegou ao conhecimento dos sicilianos, ele e muitos outros amigos e defensores do rei Manfredi foram subitamente entregues como prisioneiros ao rei Carlos, assim como a posse da ilha. *Madama* Beritola, em meio a tantas mudanças, não sabendo o que era feito de Arrighetto e ainda amedrontada com que acontecera, temendo a desonra, deixou todas as suas coisas e, grávida e empobrecida, com um filho de cerca de oito anos chamado Giusfredi, embarcou num pequeno navio e fugiu para Lipari, onde deu à luz

outro filho varão, ao qual deu o nome de Scacciato42; e, tomando os serviços de uma aia, pôs tudo num pequeno navio para voltar a Nápoles e a seus parentes.

Mas os acontecimentos contrariaram seus planos: por força do vento, o navio, que deveria ir para Nápoles, foi empurrado para a ilha de Ponza, onde aportaram numa pequena enseada e começaram a esperar tempo propício para a viagem. *Madama* Beritola, que, como os outros, desembarcara na ilha, encontrara um local ermo e remoto onde ficava sozinha a chorar o seu Arrighetto. E, enquanto assim passava todos os seus dias, ocorreu que, estando ela ocupada com seu pesar, surgiu uma galera de corsários sem que ninguém, marinheiro ou não, percebesse e, não encontrando resistência, tomou tudo e foi embora.

Madama Beritola, terminando o seu lamento diário, voltou à costa para rever os filhos, como costumava fazer, e não encontrou ninguém; de início ficou admirada, mas depois, desconfiando do que acontecera, espichou o olhar para o mar e viu a galera, ainda não muito distante, rebocando a pequena embarcação: e desse modo percebeu claramente que, tal como ocorrera com o marido, perdera também os filhos; então, vendo-se pobre, sozinha e abandonada, sem saber onde poderia encontrar alguém, chamando o marido e os filhos, caiu desmaiada na praia. Não havendo ali ninguém que pudesse fazê-la recobrar as forças com água fria ou outro remédio, os espíritos43 puderam sair a vagando por onde bem quisessem; mas, depois que ao pobre corpo retornaram as forças perdidas, também retornaram as lágrimas e o pranto, e ela passou muito tempo a chamar os filhos e a procurar por todas as cavernas. Percebendo, porém, que seus esforços eram inúteis e vendo que a noite estava chegando, não sabendo mais o que esperar, começou a preocupar-se consigo mesma e, deixando a praia, foi para aquela caverna onde costumava chorar e lamentar-se.

Depois de passar a noite com muito medo e uma dor inimaginável, raiara já o novo dia e passava da terceira hora, quando ela, que na noite anterior não jantara, foi obrigada pela fome a pastar a relva do chão; depois de pastar como pôde, começou a chorar ao pensar na sua vida futura. E enquanto assim estava viu uma corça chegar, entrar numa caverna ali perto e, depois de algum tempo, sair e ir para o bosque: ela então se levantou e entrou no local de onde a corça saíra, vendo ali dois filhotes de corça nascidos talvez naquele mesmo dia, que lhe pareceram a coisa mais delicada e graciosa do mundo; e, como ainda não lhe secara o leite do parto recente, pegou-os com ternura e os pôs junto ao peito. Eles, não recusando a oferta, mamaram nela como na própria mãe; e a partir daí não faziam mais nenhuma distinção entre ela e a mãe. E assim, parecendo à

fidalga que naquele lugar ermo não encontraria nenhuma companhia, comendo a relva do chão, bebendo água e chorando tantas vezes quantas se lembrasse do marido, dos filhos e da vida passada, estava disposta a viver e morrer ali, tendo criado com a corça a mesma familiaridade que tinha com os filhotes dela.

E assim asselvajada vivia a fidalga quando, depois de vários meses, também por motivo de tempestade do mar, um naviozinho de pisanos arribou onde ela antes estivera, ficando ali vários dias. Naquele navio estava um fidalgo chamado Corrado, da família dos marqueses Malespina, com sua valorosa e santa esposa; vinham de uma peregrinação a todos os lugares santos do reino de Apúlia e voltavam para casa. Para matar o tédio, um dia ele começou a andar pela ilha com a mulher, alguns empregados e seus cães; e, não muito longe do local onde estava *madama* Beritola, os cães de Corrado começaram a perseguir os dois filhotes de corça, que, já grandinhos, estavam pastando; os tais filhotes, caçados pelos cães, não tendo para onde fugir, foram para a caverna onde estava *madama* Beritola. Ela, diante disso, levantou-se, pegou um pau e enxotou os cães: então, Corrado e a mulher chegaram seguindo os cães e, vendo aquela mulher que se tornara morena, magra e cabeluda, ficaram muito admirados, e ela muito mais admirada do que eles ficou. Mas Corrado, depois de enxotar os cães a seu pedido, insistiu e convenceu-a a dizer quem era e o que estava fazendo ali; e ela revelou plenamente a sua condição, os acontecimentos e sua resolução de asselvajar-se. Ouvindo isso, Corrado, que conhecera muito bem Arrighetto Capece, chorou de compaixão e com muitas palavras empenhou-se em demovê-la daquela resolução, oferecendo-se para levá-la à sua casa e deixá-la ali morando como se fosse sua irmã, permanecendo o tempo que precisasse até que Deus lhe mandasse um destino mais feliz. Como ela não aceitasse aquelas ofertas, Corrado deixou com ela a sua mulher, dizendo-lhe que lhe desse de comer, que a vestisse, pois estava com as roupas rasgadas, e que fizesse de tudo para trazê-la consigo. A fidalga, que ali ficou, depois de chorar muito com *madama* Beritola pelos seus infortúnios, mandou buscar roupas e comida, e, com a maior dificuldade do mundo, induziu-a a aceitar e comer: finalmente, depois de muitas súplicas, como ela afirmasse que não queria ir para nenhum lugar onde fosse conhecida, a senhora a convenceu a ir consigo para Lunigiana, levando a corça e os dois filhotes, que, naquele ínterim, já tinham voltado e lhe feito muitas festas, para grande espanto da fidalga.

E assim, quando o tempo melhorou, *madama* Beritola embarcou no navio com Corrado e a esposa, mais a corça e os dois filhotes; e como ninguém soubesse o nome dela, passaram a chamá-la de Cavriuola44. Com os bons

ventos, logo chegaram à foz do rio Magra, onde desembarcaram e foram para seus castelos. Ali, *madama* Beritola permaneceu junto à esposa de Corrado, em hábitos de viúva, como uma dama de companhia, honesta, humilde e obediente, sempre com muito amor pelas suas corças e cuidando da alimentação delas.

Os corsários que em Ponza tinham roubado o navio no qual *madama* Beritola viajava, deixando-a lá por não a terem visto, tinham ido para Gênova com todas as outras pessoas; ali, ao dividirem o butim com os donos da galera, a aia e os dois filhos de *madama* Beritola couberam por sorte, entre outras coisas, a certo *messer* Guasparrin Doria; este mandou os três para sua casa, pois queria tê-los como criados, atendendo aos serviços domésticos. A aia, muito pesarosa com a perda da patroa e com o triste destino em que se via com as duas crianças, chorou durante muito tempo. Mas, vendo que as lágrimas de nada adiantavam e que era uma serviçal ao lado deles, por ser sábia e prudente, apesar de pobre, primeiramente se consolou como pôde e depois, observando o lugar onde tinham ido parar, percebeu que as duas crianças, se fossem conhecidas, poderiam facilmente enfrentar dificuldades: além disso, tendo a esperança de que, a qualquer momento, sua sorte pudesse mudar, e eles, se ainda vivos, pudessem voltar a ter a condição perdida, concluiu que não deveria revelar a ninguém quem eles eram, a não ser que percebesse ser o momento propício; e, a quem lhe perguntasse, ela dizia que eram seus filhos. Não chamava o maior de Giusfredi, e sim de Giannotto di Procida; mas não se preocupou em mudar o nome do menor; e com todo o empenho demonstrou a Giusfredi por que tinha mudado o nome dele e a que perigos ele se exporia se fosse conhecido, lembrando-lhe disso não só uma vez, porém muitas e com muita frequência: e o menino, que era inteligente, fazia tudo muito bem segundo lhe tinha ensinado a sábia aia. Portanto, malvestidos e mal calçados, empregados em todos os serviços mais humildes, os dois meninos ficaram pacientemente durante vários anos em casa de *messer* Guasparrino junto com a aia.

Mas Giannotto, aos dezesseis anos, tendo mais brio do que convinha a um serviçal e desdenhando a vileza da condição servil, embarcou nas galeras que partiam para Alexandria e, demitindo-se do serviço de *messer* Guasparrino, percorreu vários lugares, mas não conseguiu progredir em nada. Finalmente, três ou quatro anos depois de ter saído da casa de *messer* Guasparrino, tendo-se tornado um belo rapagão e ouvindo dizer que o pai, que ele acreditava estar morto, na verdade ainda estava vivo, mas na prisão, mantido no cativeiro pelo rei Carlos, chegou a Lunigiana quando já quase desesperava de mudar seu destino e se tornava errante: ali, por acaso começou a trabalhar para Corrado Malespina,

servindo-o muito bem e de bom grado. E nas raras vezes em que viu a mãe, que estava com a mulher de Corrado, não a reconheceu, nem ela a ele: a tal ponto o tempo já os havia modificado quando finalmente se encontraram.

Estando, pois, Giannotto a serviço de Corrado, uma filha deste, cujo nome era Spina, ficando viúva de certo Niccolò da Grignano, voltou à casa do pai; era ela bastante bonita, simpática e jovem, tinha pouco mais de dezesseis anos e, por acaso, reparou em Giannotto, ele nela, e ambos se apaixonaram loucamente. Tal amor não passou muito tempo sem efeitos práticos e durou vários meses sem que ninguém o percebesse: por isso, confiantes demais, eles começaram a ter um comportamento menos discreto do que convinha àquele tipo de coisas. E, indo certo dia por um bosque bonito e denso, a jovem e Giannotto embrenharam-se, deixando para trás as pessoas que os acompanhavam; e, achando que era bem grande a distância de quem vinha atrás, parando num lugar agradável, cheio de relva e flores e cercado de árvores, começaram a trocar carícias amorosas. Estavam juntos já de longo tempo, que o grande deleite fizera parecer breve, quando foram surpreendidos primeiramente pela mãe da jovem e depois por Corrado. Este, extremamente pesaroso com o que viu, sem dizer nada, mandou três de seus criados pegá-los e levá-los amarrados para um de seus castelos; e foi indo, fremindo de ira e ressentimento, disposto a fazê-los morrer desonrosamente.

A mãe da jovem, embora estivesse muito perturbada e achasse que a filha era digna de qualquer penitência cruel pelo erro cometido, tendo compreendido por alguma palavra de Corrado qual eram as suas intenções em relação aos culpados, não podendo suportá-las, apressou-se a alcançar o irado marido e começou a pedir-lhe que tivesse a gentileza de não se precipitar tão furiosamente, a ponto de tornar-se na velhice o assassino da própria filha, sujando-se as mãos com o sangue de um criado, mas que tentasse encontrar outra maneira de satisfazer sua ira, tal como prender os dois e deixá-los sofrer na prisão a chorarem pelo pecado cometido. E foram tantas essas e outras palavras que a santa mulher lhe foi lhe dizendo que conseguiu dissuadi-lo da intenção de matá-los; ele então ordenou que cada um dos dois fosse aprisionado em lugares diferentes, onde deveriam ser muito bem vigiados e mantidos com pouca comida e muito desconforto, até que ele deliberasse algo diferente a respeito; e assim foi feito.

É fácil imaginar que vida levavam os dois no cativeiro, em meio a contínuas lágrimas e jejuns muito mais longos do que seriam necessários. Estavam portanto Giannotto e Spina a viver tão dolorosamente já havia um ano, esquecidos por Corrado, quando o rei Pedro de Aragão, por meio de pacto com

messer Gian di Procida, sublevou a ilha de Sicília e derrubou o rei Carlos; Corrado, que era gibelino, fez uma grande festa.

Giannotto, sabendo disso por algum dos que o vigiavam, suspirou profundamente e disse:

– Ai de mim! Faz quatorze anos que ando mendigando pelo mundo, esperando só esse acontecimento e, agora que ele chegou, não devo esperar mais nenhum bem na vida, pois que me encontra na prisão, da qual só devo sair morto!

– Como? – perguntou o carcereiro. – O que você tem a ver com aquilo que os poderosos fazem? O que você tem a ver com a Sicília?

Giannotto respondeu:

– Parece que meu coração vai explodir quando lembro daquilo que meu pai significou para a Sicília: porque, embora fosse pequeno quando fugi de lá, lembro que o via poderoso quando o rei Manfredi estava vivo.

O carcereiro prosseguiu:

– E o que o seu pai era lá?

– Meu pai – disse Giannotto –, agora posso dizer sem medo, já que me vejo na situação que mais temia, caso o revelasse, meu pai se chamava ou se chama ainda, se vivo estiver, Arrighetto Capece, e meu nome não é Giannotto, mas Giusfredi; e não duvido de que, se estivesse lá fora e voltasse à Sicília, teria de novo um altíssimo posto.

O bom homem, sem mais dizer, assim que teve tempo foi contar tudo a Corrado. Este, ao ouvir tais coisas, embora desse mostras de não se preocupar com o prisioneiro, foi procurar *madama* Beritola e com gentileza perguntou-lhe se tivera algum filho de Arrighetto que se chamasse Giusfredi. A mulher, chorando, respondeu que o maior dos seus dois filhos, se estivesse vivo, assim se chamaria e teria vinte e dois anos de idade.

Ao ouvir isso, Corrado imaginou que deveria ser ele mesmo e ocorreu-lhe que, se assim fosse, poderia ao mesmo tempo fazer uma grande misericórdia e lavar sua própria honra e a da filha, dando-a por esposa ao rapaz. Por isso, mandando chamar secretamente Giannotto, inquiriu com pormenores a sua vida passada e, em vista dos claros indícios, achando que realmente era Giusfredi, filho de Arrighetto Capece, disse-lhe:

– Giannotto, você sabe qual foi a grande injúria que cometeu contra mim por meio de minha própria filha, quando, sendo tratado muito bem e amistosamente por mim, tal como servidor deveria ter procurado promover minha honra e a dos meus; muitos outros, tivesse você feito o mesmo que me fez, teriam mandado

matá-lo desonrosamente, coisa que a piedade não me permitiu. Agora, que vejo ser verdade o que você diz, que é filho de um fidalgo e de uma fidalga, quero pôr fim às suas angústias, tanto quanto você quer, tirando-o da miséria e do cativeiro em que se encontra, e ao mesmo tempo reabilitar devidamente a sua honra e a minha. Como você sabe, Spina (com quem entabulou uma ligação amorosa inconveniente para os dois) é viúva e tem bom e grande dote; os costumes dela e do pai e da mãe dela você conhece bem; sobre a atual situação dela nada digo. Por isso, quando quiser, se tomar honestamente por esposa aquela que desonestamente foi sua amante, estou disposto a recebê-lo como meu filho, e, quando quiser, poderá morar aqui como ela.

A prisão havia macerado as carnes de Giannotto, mas não tinha diminuído a generosidade de espírito que provinha de suas origens nem o amor íntegro que dedicava à mulher. E, embora ele desejasse ardentemente o que Corrado lhe oferecia e o visse a seu alcance, em nada atenuou aquilo que sua grandeza de espírito lhe mostrava ser seu dever dizer, e respondeu:

– Corrado[45], não fui levado por avidez de poder nem por desejo de dinheiro ou qualquer outra razão a atentar contra a sua vida nem a conspirar como traidor contra os seus. Amei, amo e amarei sempre sua filha porque a considero digna do meu amor; e, se com ela agi menos honestamente, segundo opinião comum, cometi o pecado que a juventude traz sempre consigo, e quem quisesse eliminá-lo precisaria eliminar a juventude, e, se os velhos fizessem o favor de lembrar que já foram jovens e comparassem seus defeitos com os dos outros e os dos outros com os seus, esse pecado não seria tão grave como você e muitos outros acreditam: e, se o cometi, foi como amigo, e não como inimigo. Aquilo que você me oferece eu sempre desejei, e, se tivesse acreditado que me seria concedido, há muito tempo eu o teria solicitado; e mais ainda o prezarei neste momento em que a esperança é menor. Se não for sua intenção fazer aquilo que suas palavras demonstram, não me alimente com vãs esperanças; deixe-me voltar à prisão e ali me atormente quanto quiser, pois, seja lá o que você me faça ou me venha a fazer, assim como amarei Spina, pelo amor dela eu o amarei também e sempre o respeitarei.

Corrado, ouvindo isso, admirou-se, julgou-o magnânimo, considerou que seu amor era ardente e prezou-o ainda mais; por isso, pondo-se de pé, abraçou-o e beijou-o e, sem mais delongas, ordenou que Spina fosse lá levada secretamente. Esta tinha ficado magra, pálida e fraca na prisão, parecendo ser uma mulher bem diferente do que era, tal como Giannotto parecia outro homem: e os dois, diante de Corrado, com mútuo consentimento, contraíram o noivado segundo os nossos

usos.

E, passados vários dias sem que ninguém soubesse de nada daquilo, durante os quais Corrado deu com largueza aos dois tudo aquilo de que precisavam ou que queriam, acreditando ter chegado a hora de alegrar as duas mães, chamou sua mulher e a Cavriuola e lhes disse:

– O que a senhora diria se eu lhe devolvesse o filho mais velho como marido de uma de minhas filhas?

E Cavriuola respondeu:

– Eu só poderia dizer que lhe seria ainda mais agradecida do que já sou, se isso fosse possível, porque o senhor estaria me restituindo algo que eu prezo mais do que a mim mesma; e, restituindo do modo como está dizendo, faria renascer em mim um pouco da esperança perdida.

E, chorando, calou-se.

Então Corrado disse à sua mulher:

– E você, mulher, o que acharia se eu lhe desse um genro assim?

– Nem seria preciso que fosse um deles, assim fidalgos, mas até um pobretão, se fosse do seu gosto, também seria do meu.

Então Corrado disse:

– Espero em pouco tempo alegrá-las com isso.

E, percebendo que os dois jovens já tinham readquirido o aspecto anterior, vestiu-os honrosamente e perguntou a Giusfredi:

– Acha que ficaria mais alegre do que está se visse sua mãe aqui?

Giusfredi respondeu:

– Acho muito difícil acreditar que as dores das suas desventuras a tenham deixado viva; mas, se isso acontecesse, eu ficaria muito alegre, principalmente porque, com o amparo dela, acredito que recuperaria grande parte de minha posição na Sicília.

Então Corrado mandou chamar as duas mulheres. Ambas fizeram muitas festas à noiva, e não era pequena a admiração das duas quanto ao que poderia ter inspirado Corrado a uni-la tão bondosamente a Giannotto. *Madama* Beritola, lembrando-se das palavras ouvidas de Corrado, começou a olhá-lo e, como alguma oculta virtude despertasse nela lembranças dos traços do rosto do filho em criança, sem esperar outra demonstração, correu até ele de braços abertos; e o excesso de amor e alegria materna não lhe possibilitaram dizer nenhuma palavra, ao contrário, bloquearam todos os seus sentidos, e ela caiu quase morta nos braços do filho. Este, muito admirado, relembrando que a vira tantas vezes antes naquele mesmo castelo e nunca a reconhecera, mesmo assim reconheceu

imediatamente o odor materno; e, recriminando-se por sua negligência passada, recebeu-a nos braços com lágrimas nos olhos e a beijou com ternura. Mas depois de ser piedosamente ajudada pela mulher de Corrado e por Spina, voltando a si e recobrando as forças dos membros com ajuda de água fria, *madama* Beritola voltou a abraçar o filho, a chorar muito e a dizer muitas palavras doces; e, cheia de amor materno, beijou-o mil vezes ou mais, e ele a contemplou e acolheu reverentemente.

Mas, repetidas três ou quatro vezes as puras e felizes efusões[46] não sem muita alegria e prazer dos circundantes, depois de todos narrarem suas atribulações, de Corrado participar aos amigos, para grande prazer de todos, a nova união por ele promovida e de ordenar uma bela e magnífica festa, Giusfredi lhe disse:

– O senhor[47] me fez feliz de muitas maneiras e durante muito tempo hospedou minha mãe: agora, para que das coisas que estão em seu poder nada fique por fazer, peço-lhe que alegre minha mãe, a mim mesmo e a esta festa com a presença de meu irmão, que é mantido em casa de *messer* Guasparrin Doria na qualidade de criado, pois, como já lhe disse, ele foi levado, junto comigo, num assalto de corsário; e, depois, que mande à Sicília alguém para se informar plenamente das condições e do estado da região, pondo-se a ouvir o que é feito de Arrighetto, meu pai, se vivo está ou se morto, e, se vivo estiver, qual seu estado, e que, sabendo tudo, a nós retorne.

Corrado gostou do pedido de Giusfredi e, sem demora, mandou pessoas muito perspicazes a Gênova e à Sicília. Aquele que foi a Gênova, encontrando *messer* Guasparrino, solicitou-lhe diligentemente por parte de Corrado que lhe enviasse Scacciato e a aia, contando-lhe pormenorizadamente o que Corrado fizera por Giusfredi e sua mãe. *Messer* Guasparrin admirou-se muito quando ouviu isso e disse:

– Sem dúvida, faria por Corrado tudo o que eu pudesse e ele quisesse; e de fato tenho em casa, há já quatorze anos, o rapaz que você está pedindo e a mãe dele, que mandarei de bom grado; mas diga-lhe de minha parte que se abstenha de acreditar demais ou que até deixe de acreditar nas histórias de Giannotto, aquele que hoje atende pelo nome de Giusfredi, por ser ele muito mais malvado do que parece.

Dito isso, depois de hospedar honrosamente o honesto homem, mandou chamar em segredo a aia e, com cautela, inquiriu-a sobre esse fato. Ela, que ouvira falar da rebelião da Sicília e soubera que Arrighetto estava vivo, livrando-se do medo que já sentira, contou-lhe tudo pormenorizadamente e explicou por

quais razões se comportara como o fizera. *Messer* Guasparrino, vendo que as palavras da aia combinavam muitíssimo bem com o que o embaixador de Corrado lhe dissera, começou a dar fé às palavras; e, de um modo ou de outro, como homem astuto que era, inquirindo ainda mais sobre os fatos e descobrindo coisas que lhe davam mais razões para acreditar, sentiu-se envergonhado pelo vil tratamento dado ao rapaz e, para reparar, como tinha uma bela filha de onze anos e já sabia quem fora e quem era Arrighetto, deu a filha por esposa ao rapaz com um grande dote. E, depois de uma grande festa dada pelo casamento, com o rapaz e a mocinha, mais o embaixador de Corrado e a aia, embarcou numa galeota bem equipada e foi para Lerici; lá, recebido por Corrado, foi com todo o seu séquito a um castelo deste último, não muito distante dali, onde estava preparada uma grande festa.

E não há palavras para explicar as demonstrações de alegria da mãe ao rever o filho, a alegria dos dois irmãos, a dos três ao reverem a fiel aia, a de todos ao receberem *messer* Guasparrino e sua filha, a dele para com todos e a de todos juntos para com Corrado, sua mulher, seus filhos, seus amigos; por isso, deixo que as senhoras imaginem. E para que essa alegria fosse completa, quis Deus, que doa generosamente quando começa a doar, acrescentar a isso a feliz notícia da vida e da boa saúde de Arrighetto Capece.

Estava a festa muito animada e os convidados (mulheres e homens) encontravam-se ainda à mesa no primeiro prato quando chegou aquele que fora à Sicília: entre outras coisas, contou que Arrighetto estava sendo mantido em cativeiro pelo rei Carlos quando na ilha se ergueu a revolta contra o rei; o povo então, em fúria, correu para a prisão, matou os guardas, levou Arrighetto para fora e fez dele o seu capitão, por ser ele o principal inimigo do rei Carlos; depois seguiu na expulsão e na matança dos franceses. Por esse motivo, ele caíra nas graças do rei Pedro48, que lhe restituiu todos os bens e honrarias, motivo pelo qual estava ele em ótima situação; acrescentou que ele o recebera com muita hospitalidade e demonstrara indescritível alegria ao saber da mulher e do filho, dos quais não tinha nenhuma notícia desde que fora preso; além disso, mandava-lhes uma setia com alguns fidalgos, que depois chegaram. O enviado foi recebido e ouvido com muita alegria e júbilo; e imediatamente Corrado foi com alguns amigos ao encontro dos fidalgos que tinham ido atender *madama* Beritola e Giusfredi, recebendo-os com alegria e introduzindo-os no banquete que ainda não chegara à metade.

Ali, foram recebidos com tanta alegria pela mulher, por Giusfredi e por todos os outros, que nunca se viu nada igual; e, antes de começarem a comer, fizeram

saudações e agradeceram da melhor maneira que souberam e puderam, em nome de Arrighetto, a Corrado e à sua mulher pela hospitalidade dada à esposa e ao filho de Arrighetto, que punha à sua disposição tudo o que estivesse ao seu alcance. Depois, voltando-se para *messer* Guasparrino, cujos benefícios eram inesperados para eles, disseram que não tinham dúvidas de que, assim que ficasse sabendo do que ele fizera por Scacciato, Arrighetto daria semelhantes e maiores demonstrações de gratidão. Depois disso, comeram alegremente na festa das duas noivas com seus noivos.

Não foi só naquele dia que Corrado ofereceu festa ao genro e aos outros parentes e amigos, mas em muitos outros. Terminada a festa, *madama* Beritola, Giusfredi e os outros acharam que deveriam partir e, com muitas lágrimas de Corrado, de sua mulher e de *messer* Guasparrino, embarcaram na setia e se foram, levando Spina consigo. E, como o vento era propício, logo chegaram à Sicília e, em Palermo, Arrighetto recebeu a todos, filhos e mulheres, com tanta festa que jamais seria possível descrever. Acredita-se que ali viveram todos muito felizes e, reconhecidos pelos benefícios recebidos, em harmonia com Deus Nosso Senhor.

SÉTIMA NOVELA

O sultão da Babilônia manda uma de suas filhas ao rei de Algarve para casar-se com ele, e ela, passando por diversas atribulações, no período de quatro anos cai nas mãos de nove homens em diversos lugares; por fim, devolvida ao pai como donzela, é novamente enviada ao rei de Algarve, como antes, para ser sua mulher.

Se a história de Emília se tivesse prolongado um pouco mais, a compaixão das jovens senhoras pelas situações enfrentadas por *madama* Beritola as teria levado às lágrimas. Mas, depois que a história chegou ao fim, quis a rainha que Pânfilo continuasse, contando a sua; ele, que era obedientíssimo, começou:

– Amáveis senhoras, dificilmente podemos saber o que nos convém; assim, muita gente, considerando que com a obtenção de riquezas poderá viver em segurança e sem preocupações, não só reza a Deus pedindo riquezas como também não se abstém de trabalhos ou perigos na busca de obtê-las; mas sempre há os que, depois de obterem o que queriam, encontram alguém que, mesmo prezando sua vida antes do enriquecimento, acaba por matá-los em razão da cobiça de tão grande legado. Outros, de baixa condição social, atingindo as alturas do poder graças ao sangue de irmãos e amigos, derramado em mil batalhas perigosas, acreditando que naqueles píncaros encontrariam a suprema felicidade, sem contar com as infinitas preocupações e os medos que lá acabaram vendo e sentindo, descobriram, muitas vezes com a própria morte, que no ouro das mesas reais se bebe veneno. Muitos houve que desejaram ardorosamente força física, beleza e certos ornamentos, só percebendo que tinham desejado o que não deviam quando essas mesmas coisas lhes acarretaram a morte ou uma vida dolorosa. E, para não falar separadamente de cada desejo humano, afirmarei que nenhum há que, imune aos revezes da Fortuna, possa ser escolhido com pleno discernimento pelos mortais: por isso, se quiséssemos agir corretamente, deveríamos tomar e possuir aquilo que nos fosse dado por Aquele que, só ele, conhece o que nos faz falta e o que nos pode ser dado. Mas, enquanto os homens pecam por desejarem várias coisas, as graciosas senhoras pecam numa só, que é o desejo da formosura, a ponto de, não lhes bastando os encantos concedidos pela natureza, também procurarem aumentá-los por meio do maravilhoso artifício; em vista disso, gostaria de lhes contar uma história sobre a desventurada beleza de uma sarracena que em quatro anos talvez, em

virtude de sua beleza, teve de contrair novas bodas nove vezes.

Já faz um bom tempo que houve na Babilônia um sultão chamado Beminedab, em cuja época ocorreram coisas muito propícias, segundo era de seu gosto. Entre seus muitos filhos, varões e mulheres, tinha ele uma, chamada Alatiel, que, pelo que diziam todos os que a viam, era a mais bela mulher existente então no mundo; por ocasião de uma grande derrota imposta pelo sultão a uma multidão de árabes pelos quais fora atacado, o rei de Algarve, que lhe prestara maravilhosa ajuda nessa façanha, pediu-lhe essa filha como graça especial, e ele lha deu por esposa; assim, com honroso séquito de varões e damas, vestidos e ataviados com nobreza e suntuosidade, ele a embarcou numa nau bem armada e equipada e, ao despachá-la, encomendou-a a Deus.

Os marinheiros, vendo que o tempo era propício, despregaram as velas e, zarpando do porto de Alexandria, navegaram bem por vários dias; já haviam ultrapassado a Sardenha quando, certo dia em que se acreditavam próximos do fim do percurso, diversos ventos puseram-se a soprar, um mais impetuoso que o outro, fustigando tanto a nau em que estavam a mulher e os marinheiros que várias vezes todos se acreditaram perdidos. Mesmo assim, como valorosos varões que eram, lançando mão de toda a sua arte e força, apesar de combatidos pelo mar infinito, aguentaram-se dois dias. No início da terceira noite de uma tempestade que não cessava, mas, ao contrário, engrossava, não sabendo onde estavam e não podendo sabê-lo nem por estimativa marinheiresca nem a olho nu, porque o céu estava escuríssimo de nuvens e trevas noturnas, quando já se encontravam a não grande distância da costa de Maiorca sentiram que a nau se fendia.

Assim, não vendo nenhuma saída salvadora, pensando cada um em si e em mais nada, foi lançada ao mar uma chalupa sobre a qual se lançaram os capitães, dispostos estes a confiar mais na pequena embarcação do que na despedaçada nau; e, depois destes, os varões todos que estavam naquela nau foram, um a um, lançando-se também, mesmo enfrentando os que antes tinham baixado a chalupa e, de facas em punho, tentavam impedi-los; mas, acreditando que fugiam da morte, na verdade com ela toparam, pois a chalupa, não conseguindo enfrentar a adversidade do tempo com tanta gente em cima, soçobrou, e todos pereceram. A nau, por sua vez, impelida pelo vento impetuoso, embora fendida e quase cheia de água, como não carregava mais ninguém senão a dama e suas companheiras (que, vencidas pelo medo da tempestade do mar, jaziam como mortas), navegou velocíssima e foi chocar-se com uma praia da ilha de Maiorca; e foi tanto e tamanho o seu ímpeto que ela se meteu quase inteiramente na areia, mais ou

menos a um tiro de pedra da água, e ali ficou toda a noite, combatida pelo mar, sem poder ser movida pelo vento.

Quando o dia clareou e a tempestade amainou um pouco, a mulher, que estava semimorta, levantou a cabeça e, fraca como se encontrava, começou a chamar ora um, ora outro dos seus serviçais; mas chamava à toa, pois os que eram chamados estavam longe demais. Por isso, não ouvindo resposta de ninguém e não vendo ninguém, admirou-se muito e começou a ficar amedrontadíssima; e, levantando-se como pôde, viu as damas de seu séquito e as outras mulheres todas deitadas e, apalpando ora uma, ora outra, depois de muito chamar, poucas encontrou que dessem sinal de vida, porque muitas haviam morrido quer de males do estômago, quer de medo; e com isso o medo da dama se fez maior. No entanto, premida pela necessidade de solução, pois se via totalmente só, sem reconhecer nem saber onde estava, estimulou tanto as que estavam vivas que as fez levantar-se; e, descobrindo que elas não sabiam para onde tinham ido os varões e vendo a embarcação em seco, destroçada e cheia de água, começou a chorar dolorosamente com elas. Já chegava a nona hora, e nem na praia nem em parte alguma se via ninguém que pudesse apiedar-se delas a dar-lhes ajuda.

Soara a nona hora quando, por acaso, de volta de uma propriedade sua, passou por ali um fidalgo chamado Pericón de Visalgo[49], com vários criados a cavalo, e, vendo a embarcação, logo imaginou o que acontecera e ordenou a um dos criados que sem demora desse um jeito de lá subir e lhe contar o que havia. O criado, mesmo com dificuldade, subiu e encontrou a jovem fidalga com o pouco séquito que lhe restava sob o bico de proa, muito tímida e escondida. Elas, assim que o viram, em pranto pediram misericórdia várias vezes; mas, percebendo que não eram entendidas e que também não o entendiam, tentaram com gestos mostrar sua desventura. O criado, depois de olhar tudo o melhor que pôde, contou a Pericón o que lá havia; e este, mandando trazer imediatamente para baixo as mulheres e as coisas mais valiosas que lá houvesse e que se pudesse carregar, foi com elas para um de seus castelos; ali as mulheres foram reconfortadas com comida e repouso, e ele, em vista dos ricos atavios, percebeu que devia ter encontrado uma grande fidalga e prontamente percebeu qual delas era a fidalga pelo modo reverente com que as outras a tratavam. E a dama, mesmo pálida e desalinhada em virtude das fadigas do mar, afigurou-se formosíssima a Pericón, que, por isso, deliberou de imediato que a tomaria por mulher, caso ela não tivesse marido, e que, se não pudesse tê-la por mulher, a teria como amante.

Pericón era homem de aspecto altivo e grande robustez. Depois de mandar servir a mulher muito bem durante alguns dias, motivo pelo qual ela se revigorara totalmente, começou a considerar que sua beleza estava acima de qualquer comparação. Muitíssimo pesaroso por não poder entendê-la, nem ela a ele, e por não conseguir saber portanto quem era ela, estando contudo desmesuradamente apaixonado por sua beleza, tentou com atos agradáveis e amorosos induzi-la a aquiescer a suas vontades sem constrangimento. Mas de nada adiantou: ela se recusava terminantemente a ter intimidade com ele; e assim mais se inflamava o ardor de Pericón. A mulher percebeu, e, depois de ter lá passado já alguns dias e de ver, pelos costumes, que estava entre cristãos num lugar onde dizer quem era (caso soubesse fazê-lo) seria de pouco proveito, concluiu que, com o correr do tempo, precisaria aquiescer por bem ou por mal às vontades de Pericón; assim, decidindo com grandeza de ânimo que venceria as misérias de seu destino, ordenou às mulheres de seu séquito (das quais não restavam mais que três) que nunca dessem a entender a ninguém quem eram, salvo se estivessem em algum lugar onde percebessem haver indubitável ajuda para recobrarem a liberdade; além disso, exortou-as veementemente a conservar a castidade, afirmando-se determinada a nunca permitir que ninguém usufruísse dela, senão seu marido. As mulheres a louvaram por isso e disseram que observariam o quanto pudessem as suas ordens.

Pericón, cada dia mais apaixonado, e tanto mais quanto mais próxima e mais negada via a coisa desejada, percebendo que seus agrados de nada adiantavam, resolveu empregar engenho e arte, reservando a força para o fim. E, certa vez, observando que a mulher gostava de vinho e que não estava acostumada a beber, pois a tanto era vedada por sua religião, imaginou que poderia pilhá-la com a ajuda deste, como se de um ministro de Vênus se tratasse; e, dando demonstrações de não se preocupar com a esquivança dela, certa noite ofereceu uma bela ceia à guisa de festa solene, à qual a dama compareceu; e durante a ceia, que era alegrada por muitas coisas, entrou em entendimento com a pessoa que atendia a dama, para que lhe servisse uma mistura de vários vinhos. Coisa que foi muito bem feita; e ela, que disso não se acautelava, atraída pelo bom paladar da bebida, bebeu mais do que conviria ao seu recato; e assim, esquecida de todas as adversidades, alegrou-se e, ao ver algumas mulheres dançar à moda de Maiorca, dançou à maneira alexandrina. Vendo aquilo, Pericón acreditou estar próximo de obter o que desejava; e, dando continuidade à ceia com mais abundância de alimentos e bebidas, prolongou-a por grande parte da noite.

Por fim, quando os convidados se foram, entrou sozinho com a dama no

quarto; e ela, mais aquecida pelo vinho do que arrefecida pelo recato, como se fosse uma das mulheres de Pericón, despiu-se diante dele sem nenhum freio de pudor e meteu-se na cama. Pericón não tardou a segui-la: apagando todas as luzes, logo se deitou do outro lado, tomou-a nos braços e, sem encontrar resistência, começou a divertir-se amorosamente com ela; a dama, que nunca antes soubera com que chifre os homens marram, ao senti-lo pareceu arrepender-se de não ter cedido antes aos agrados de Pericón, de modo que a partir daí, sem esperar convites para noites tão agradáveis, diversas vezes convidou-se a si mesma, não com palavras, com as quais não sabia fazer-se entender, mas com ações.

A Fortuna, porém, não contente por tê-la feito passar de mulher de rei a amante de um castelhano, pôs o grande prazer dos dois em confronto com uma aliança mais cruel. Pericón tinha um irmão de vinte e cinco anos, belo e viçoso como uma rosa, cujo nome era Marato; este, quando a viu, gostou muitíssimo dela e, achando que caíra também em suas graças, pelo que lhe davam a entender os atos dela, avaliou que aquilo que desejava só lhe era obstado pela severa vigilância de Pericón; assim, foi tentado por um pensamento cruel, pensamento ao qual se seguiu sem tardança a criminosa execução.

Encontrava-se então por acaso no porto da cidade um navio carregado de mercadorias a caminho de Glarentza[50], na Romênia, já de velas despregadas para partir, havendo bom vento; Marato fez um acordo com seus patrões, que eram dois jovens genoveses, combinando que seria por eles recebido com a mulher naquela noite. Feito isto, ao anoitecer, tendo já planejado o que deveria fazer, Marato entrou secretamente em casa de Pericón, que dele não desconfiava, e, com alguns fidelíssimos companheiros cuja ajuda pedira para aquilo que pretendia fazer, escondeu-se na casa, conforme fora planejado. Passada uma parte da noite, seus companheiros (a quem ele revelara onde Pericón dormia com a mulher e para quem abrira as portas) mataram Pericón adormecido e, agarrando a mulher que, acordada, chorava, ameaçaram-na de morte caso fizesse algum barulho; e com grande parte das coisas mais valiosas de Pericón, sem serem ouvidos, logo foram para a costa, onde Marato e a mulher embarcaram sem demora, enquanto seus companheiros retornavam.

Os marinheiros, havendo vento bom e fresco, zarparam para a viagem. A dama lamentava-se amargamente da primeira e da segunda desventura; mas Marato, com São Crescêncio na mão[51], que Deus nos deu, começou a consolá-la de tal maneira que ela, já íntima dele, esquecera Pericón; e achava-se bem quando a Fortuna lhe preparou nova tristeza, como se não estivesse contente

com as passadas. Pois eis que, sendo a dama formosíssima, como tantas vezes já dissemos, e sendo suas maneiras muito louváveis, os dois jovens patrões do navio se enamoraram tanto dela que, esquecidos de qualquer outra coisa, só tinham em mente servi-la e agradá-la, sempre com cuidado, para que Marato não se apercebesse da razão.

E, quando um se deu conta do amor do outro, ambos tiveram uma conversa particular e combinaram que conquistariam aquele amor em comum, como se o amor se submetesse a esse tipo de coisa, a exemplo das mercadorias ou dos ganhos. Mas viam que Marato a vigiava muito, o que lhes impedia os propósitos, e um dia, em que a nau ia a todo pano em altíssima velocidade, estando Marato na popa a olhar para o mar, sem desconfiar de nada, os dois foram até ele de comum acordo, pegaram-no depressa por trás e o jogaram ao mar; e só quando estavam afastados mais de uma milha alguém percebeu que Marato tinha caído no mar; a dama, ao saber disso, não vendo possibilidade de recuperá-lo, deu início a uma nova choradeira a bordo.

Os dois enamorados vieram correndo lhe dar consolo e com doces palavras e grandes promessas, embora ela pouco entendesse, empenharam-se em acalmar a moça, que chorava não tanto a perda de Marato quanto a própria desventura. E, depois de longas argumentações vez por outra mantidas com a dama, os dois, achando-a quase consolada, foram conversar entre si para saber qual deles iria se deitar primeiro com ela. E, como cada um quisesse ser o primeiro, não conseguindo chegar a nenhum acordo, começaram com palavras um grave e duro desentendimento até que, tomados de ira, passaram a atracar-se furiosamente de facas em punho; e, desferindo-se mútuos golpes (sem que os de bordo conseguissem separá-los), um caiu morto na hora, enquanto o outro, gravemente ferido em muitas partes do corpo, continuou vivo. Muito se aborreceu a dama com aquilo, pois se via sozinha e sem ajuda nem apoio de ninguém, temendo muito que contra ela se voltasse a ira de parentes e amigos dos dois patrões; mas as súplicas do ferido e a rápida chegada a Glarentza livraram-na do perigo de morte. Lá, assim que desembarcou com o ferido e se alojou com ele numa hospedaria, a fama da sua grande beleza começou a correr pela cidade e chegou aos ouvidos do príncipe de Moreia, que estava então em Glarentza; este quis vê-la e, vendo-a, achou que sua beleza superava em muito a fama, apaixonando-se tanto e tão subitamente que não conseguia pensar em outra coisa. Então, ao ficar sabendo de que modo ela chegara ali, concluiu que a conseguiria para si. E, enquanto procurava descobrir como, os parentes do ferido ficaram sabendo de suas intenções e, sem mais delongas, logo lhe enviaram a

moça; ao príncipe isso foi sumamente grato, mas também a ela, que assim se via livre de um grande perigo.

O príncipe, vendo que aos adornos da beleza se somavam os dos trajes régios, não podendo de outro modo saber quem ela era, concluiu que se tratava de nobre dama, e assim seu amor reduplicou; e, mantendo-a honrosamente, não a tratava como amante, e sim como sua própria mulher. Ela, considerando os males passados e achando-se então a viver muito bem, recobrou consolo e alegria, e sua formosura floresceu tanto que toda a Romênia parecia não ter outra coisa de que falar.

Por esse motivo o duque de Atenas, jovem, belo e brioso, amigo e parente do príncipe, sentiu desejos de vê-la; e, dando a impressão de que fazia uma visita ao príncipe, como tinha o costume de às vezes fazer, rumou com belo e prestigioso séquito para Glarentza, onde foi recebido com todas as honras e grande festa. Depois de alguns dias, como entrassem no assunto da beleza daquela dama, o duque perguntou se a coisa era tão admirável como se dizia. A isso o príncipe respondeu:

– Muito mais; mas disso não quero que lhe deem fé as minhas palavras, e sim os seus próprios olhos.

Para tanto, em vista da solicitação do duque ao príncipe, ambos rumaram para o local onde ela estava; e foram recebidos com muita gentileza e demonstrações de alegria, sabendo ela já da ida deles; mas, ficando a dama sentada entre os dois, não foi possível conversarem os três prazerosamente, pois ela pouco ou nada entendia daquela língua. Por isso ambos a olhavam como coisa maravilhosa, sobretudo o duque, que mal podia acreditar que ela fosse mortal; e não se apercebendo, a olhá-la, do veneno de amor que com os olhos sorvia, acreditando saciar suas vontades apenas admirando, enredava-se miseramente, pois era tomado por ardente paixão. E, depois de sair de lá com o príncipe e de ter tempo de pensar e refletir, reputou ser o príncipe o mais feliz dos homens, por ter coisa tão bela a seu dispor; e, após muitos e vários pensamentos, pesando mais o fogoso amor que a própria honestidade, decidiu que, houvesse o que houvesse, ele haveria de privar o príncipe daquela felicidade e fazer-se a si mesmo feliz.

E, tendo em mente que devia apressar-se, deixou de lado a razão e a justiça, voltou todos os seus pensamentos para a traição; e um dia, de acordo com os malvados planos que traçou, determinou a um camareiro pessoal do príncipe, de nome Ciuriaci, que em segredo preparasse todos os seus cavalos e suas coisas para a partida; e, chegada a noite, foi sorrateiramente introduzido com um

companheiro (estando ambos armados) nos aposentos do príncipe pelo referido Ciuriaci, e lá dentro viu que, estando a mulher adormecida, por causa do forte calor que fazia o príncipe encontrava-se nu junto a uma janela a olhar para o mar e a receber uma brisa que chegava daquele lado. Assim, como tivesse antes informado o companheiro do que deveria fazer, percorreu o quarto em silêncio até a janela e ali feriu o príncipe pelas costas e o transpassou até o outro lado com uma faca, pegou-o com rapidez e o jogou pela janela. O palácio ficava à beira-mar e era muito alto, e aquela janela junto à qual estava o príncipe se situava acima de algumas casas que haviam sido derrubadas pelo ímpeto do mar e nas quais raras vezes ou nenhuma ia alguém; por isso, tal como previra o duque, a queda do corpo do príncipe não foi nem poderia ter sido ouvida por ninguém.

O companheiro do duque, vendo o que fora feito, logo pegou uma corda que levara a propósito e, fingindo fazer agrados a Ciuriaci, laçou-lhe a garganta e puxou, de tal modo que Ciuriaci não pôde fazer nenhum barulho; e, chegando o duque, ambos o estrangularam e o jogaram onde haviam jogado o príncipe. Feito isso, certificando-se perfeitamente de que não haviam sido ouvidos pela mulher nem por ninguém, o duque pegou uma lamparina, levou-a até o leito e, devagar, descobriu inteiramente a mulher, que dormia a sono solto; e olhando-a por inteiro, gabou-a sumamente, pois, se vestida ela lhe agradara, nua agradou incomparavelmente mais. Por isso, inflamado por um desejo mais ardente, sem que o assombrasse o pecado recém-cometido, com as mãos ainda ensanguentadas deitou-se ao lado e dormiu com ela, que, sonolenta, acreditava estar dormindo com o príncipe.

Mas, depois de passar algum tempo com imenso prazer ao lado dela, levantou-se e, chamando alguns companheiros, mandou-os pegar a mulher de tal modo que não houvesse ruídos e, levando-a por uma porta secreta pela qual entrara, montou-a num cavalo e, pondo-se a caminho com todos os seus da maneira mais discreta que pôde, dirigiu-se de volta a Atenas. No entanto (como tinha mulher), não a levou para Atenas, e sim para uma belíssima propriedade sua nos arredores da cidade, à beira-mar, e lá instalou a mais dolorosa das damas, onde ela ficou escondida, sendo honrosamente servida em tudo o que precisasse.

Na manhã seguinte os cortesãos do príncipe esperaram até a nona hora que ele se levantasse; mas, nada ouvindo, empurraram as portas dos seus aposentos, que estavam só encostadas, e, não encontrando ninguém, imaginaram que ele tivesse ido furtivamente para algum lugar, passar alguns dias à vontade com

aquela sua bela mulher; e deixaram de preocupar-se. Estavam assim as coisas quando, no dia seguinte, um louco entrou nas ruínas onde estavam o corpo do príncipe e o de Ciuriaci e pela corda puxou este último para fora, saindo a arrastá-lo atrás de si. Não sem grande espanto, o corpo foi reconhecido por muitos que, valendo-se de agrados para fazer o louco levá-los ao lugar de onde o tirara, para enorme dor de toda a cidade ali encontraram o corpo do príncipe e o sepultaram com todas as honras; e, investigando quem poderia ter cometido tão grave crime, vendo que o duque de Atenas não se encontrava e que partira furtivamente, concluíram – o que era verdade – que ele devia ter feito aquilo e levado consigo a mulher. Assim, pondo imediatamente no lugar do príncipe morto um irmão dele, incitaram-no com veemência à vingança; e ele, depois de verificar por meio de várias outras coisas que tudo tinha ocorrido como imaginavam, requisitou amigos, parentes e servidores de diferentes lugares e, reunindo rapidamente um belo, grande e poderoso exército, foi fazer guerra ao duque de Atenas.

O duque, ao saber dessas coisas, também preparou reforços para a defesa, e em sua ajuda vieram muitos grandes senhores, entre os quais, mandados pelo imperador de Constantinopla, seu filho Constâncio e seu sobrinho Manuel, com bela e numerosa tropa; foram estes honrosamente recebidos pelo duque e mais ainda pela duquesa, que era parente[52] deles.

Como dia a dia os fatos aproximassem mais da guerra, a duquesa, aproveitando uma ocasião, chamou os dois aos seus aposentos e lá, com abundantes lágrimas e muitas palavras, narrou toda a história, mostrando as razões da guerra e o desprezo que recebia do duque por causa da mulher que, conforme se acreditava, ele mantinha em segredo; e, queixando-se muito, rogou que, para honra do duque e consolo dela, dessem a solução que achassem melhor. Os jovens, que sabiam como tudo acontecera, sem fazerem muitas perguntas, confortaram a duquesa o melhor que puderam e encheram-na de esperanças; e, informados por ela onde ficava a mulher, partiram.

Como tinham tantas vezes ouvido elogios à mulher de maravilhosa beleza, quiseram vê-la e pediram ao duque que a mostrasse. Ele, mal lembrando o que ocorrera ao príncipe por tê-la mostrado a ele mesmo, prometeu fazê-lo; e, mandando preparar um magnífico almoço em belíssimo jardim (que havia na propriedade onde a mulher ficava), levou-os na manhã seguinte com uns poucos companheiros para almoçar. Constâncio, sentando-se ao lado dela, começou a olhá-la cheio de admiração, dizendo de si para si que nunca vira nada tão belo, e que sem dúvida era de se escusar o duque ou qualquer outro que, para ter algo

tão belo, cometesse uma traição ou outro ato desonesto; e, olhando-a vezes seguidas e a cada vez achando-a mais digna de louvor, com ele não ocorreu nada diferente do que ocorrera ao duque. Pois, saindo de lá apaixonado, esquecido de quaisquer preocupações com a guerra, dedicou-se a pensar num modo de roubá-la ao duque, escondendo muito bem o seu amor de todas as pessoas.

Mas queimando estava ele nesse fogo quando chegou o momento de marchar contra o príncipe, que já se aproximava das terras do duque; por isso, o duque, Constâncio e todos os outros, segundo os planos traçados, saíram de Atenas e foram lutar em certas fronteiras, para que o príncipe não avançasse mais. Ali, depois de ficarem vários dias, Constâncio, que não tirava aquela mulher da alma e do pensamento, imaginando que, sem o duque perto dela, conseguiria satisfazer muito bem suas vontades, deu mostras de estar muito indisposto para ter motivo de voltar a Atenas; assim, com licença dada pelo duque, depois de delegar todos os seus poderes a Manuel, foi ter com a irmã em Atenas, onde, alguns dias depois, fazendo-a falar do desprezo que achava receber do duque por causa da mulher que ele mantinha, disse-lhe que, caso ela quisesse, poderia ajudá-la, mandando tirar a mulher de onde estava e levando-a embora. A duquesa, achando que Constâncio fazia aquilo por amor a ela, e não à mulher, disse que gostava da ideia, desde que as coisas fossem feitas de tal modo que o duque nunca ficasse sabendo que ela havia consentido naquilo; coisa que Constâncio prometeu cumprir fielmente. E assim a duquesa consentiu que ele o fizesse como melhor achasse.

Constâncio mandou armar uma embarcação ligeira e, certa noite, mandou-a para as proximidades do jardim onde morava a mulher, instruindo os seus homens de bordo do que deveriam fazer; depois, dirigiu-se com outros ao palácio onde estava a mulher e lá foi alegremente recebido pelos serviçais e também por ela, que, com ele, mais os criados e os companheiros de Constâncio, foi para o jardim, tal como quis ele.

E, como se quisesse dizer algo à mulher por parte do duque, ele se encaminhou sozinho com ela em direção a uma porta que dava para o mar e já tinha sido aberta por um de seus companheiros; ali, chamando a embarcação com um sinal, depois de mandar pegar a mulher rapidamente e levá-la a bordo, voltou-se para os criados dela e disse:

– Ninguém se mova nem dê um pio, se não quiser morrer; minha intenção não é roubar a fêmea do duque, mas livrar minha irmã da vergonha que ele lhe causa.

Como ninguém ousou responder, Constâncio, embarcando e pondo-se ao

lado da mulher chorosa, ordenou que aferrassem remos e zarpassem. Assim, não vogando mas voando, chegaram a Egina quando o dia raiava.

Ali, depois de desembarcarem e descansarem, Constâncio desfrutou a mulher, que chorava sua desventurada beleza; depois, voltando à embarcação, em poucos dias chegaram a Quios, onde Constâncio achou mais seguro ficar, tanto por temer as repreensões do pai quanto por medo de que lhe roubassem a mulher. Lá, a bela mulher chorou sua desventura mais alguns dias, mas, depois de ser reconfortada por Constâncio, tal como das outras vezes começou a sentir gosto por aquilo que a Fortuna lhe destinara.

E estavam assim as coisas quando Osbech, então rei dos turcos, que estava continuamente em guerra com o imperador, foi por acaso a Esmirna; ali, ouvindo dizer que Constâncio estava em Quios sem precauções defensivas, a levar vida lasciva com uma mulher que roubara, armou alguns pequenos navios e se dirigiu certa noite para Quios, onde, desembarcando em silêncio com seus homens, surpreendeu muita gente na cama, antes que alguém se desse conta de que os inimigos tinham chegado; e os que acabaram por ouvir e correram às armas foram mortos. Depois, incendiando a cidade e levando a bordo o butim e os prisioneiros, rumaram de volta a Esmirna. Lá chegando, Osbech, que era jovem, ao passar em revista o butim, encontrou a bela dama e, sabendo ser ela aquela que fora presa a dormir na cama com Constâncio, ficou contentíssimo; sem tardar, tomou-a por mulher, celebrou as bodas e com ela se deitou contente vários meses.

O imperador, que, antes desses acontecimentos, combinara com Basano, rei da Capadócia, que arremeteria contra Osbech de um lado enquanto ele, com suas forças, o atacaria pelo outro, e ainda não pudera cumprir plenamente o trato por não ter desejado realizar algumas coisas que Basano pedira e não lhe eram muito convenientes, ao saber do que ocorrera ao filho ficou sobremaneira pesaroso e fez sem demora o que o rei da Capadócia pedia, solicitando-lhe por sua vez, insistentemente, que arremetesse contra Osbech, preparando-se também para atacá-lo. Osbech, ao saber disso, reuniu seu exército e, antes de se ver colhido entre os dois poderosíssimos senhores, avançou contra o rei da Capadócia, deixando sua bela dama em Esmirna sob a guarda de um servidor fiel e amigo; e, depois de lutar algum tempo contra o rei da Capadócia, foi morto na batalha, e seu exército, derrotado e desbaratado. Basano, vitorioso, começou a dirigir-se sem resistência para Esmirna, e pelo caminho todos lhe obedeciam como a um vencedor.

O servidor de Osbech, chamado Antíoco, que ficara guardando a bela

mulher, vendo-a tão formosa, embora avançado em anos, enamorou-se dela sem guardar lealdade ao amigo e senhor; incitado pelo amor e sabendo a sua língua (para grande agrado dela, que decidira viver vários anos quase como surda e muda, por não ter entendido ninguém nem ter sido entendida por ninguém), começou em poucos dias a ter tanta familiaridade com ela, que depois de não muito tempo, sem consideração pelo senhor que estava em campo guerreando, os dois transformaram a intimidade amistosa em amorosa, passando a dar ao outro um prazer maravilhoso debaixo dos lençóis.

Mas, quando ouviram dizer que Osbech estava derrotado e morto, e que Basano vinha pilhando tudo pelo caminho, tomaram juntos a decisão de não o esperar ali; assim, pegando grande parte das coisas mais valiosas de Osbech, foram juntos, em segredo, para Rodes; e, não fazia muito tempo que lá estavam, Antíoco adoeceu mortalmente. Alojava-se com ele, por acaso, um mercador cipriota que gozava de sua grande estima e amizade; ao perceber que chegava ao fim, Antíoco planejou deixar para ele suas coisas e sua querida mulher. Quando já estava próximo da morte, chamou os dois e disse:

– Vejo que estou indo irremediavelmente, e isso me dói, pois nunca tive tanto prazer em viver como agora. É verdade que uma coisa me deixa contentíssimo nesta hora: é que, mesmo precisando morrer, me vejo morrer nos braços das duas pessoas que amo acima de quaisquer outras no mundo, ou seja, nos seus braços, caríssimo amigo, e nos desta mulher, que amei mais que a mim mesmo desde que a conheci. É verdade que me causa pesar saber que, morrendo eu, ela fica aqui, estrangeira, sem ajuda nem amparo; mais pesar me causaria se aqui não visse você, que, creio, pela nossa amizade vai cuidar dela do mesmo modo que cuidaria de mim; por isso, peço-lhe encarecidamente que, se eu vier a morrer, minhas coisas e ela fiquem sob seus cuidados, e faça com elas o que achar que servirá de consolação à minha alma. E a você, queridíssima mulher, peço que não me esqueça depois que eu morrer, para que no além eu possa me gabar de ter sido amado pela mais linda mulher que natureza jamais fez. Se me derem inteira garantia dessas duas coisas, sem nenhuma dúvida eu me vou consolado.

Ouvindo essas palavras, o amigo mercador e a mulher também choravam; quando acabou de dizê-las, eles o confortaram e lhe prometeram solenemente que fariam o que lhes pedia, caso acontecesse de ele morrer. E, não demorou muito, morreu, sendo por ambos enterrado com todas as honras.

Então, poucos dias depois, o mercador cipriota, tendo resolvido todos os seus negócios em Rodes e querendo voltar a Chipre numa coca de catalães que estava lá, perguntou à bela mulher o que queria fazer, visto que lhe convinha voltar a

Chipre. A mulher respondeu que iria com ele de bom grado, caso isso lhe agradasse, esperando que, pelo amor de Antíoco, fosse tratada e respeitada por ele como irmã. O mercador respondeu que todas as vontades dela o deixavam contente; e, para poder defendê-la de quaisquer ofensas que sobreviessem antes de chegarem a Chipre, disse a todos que ela era sua mulher. E, a bordo, como lhes tivessem dado um camarote na popa, para que os fatos não parecessem contrários às palavras, ele dormia com ela numa caminha bem pequena. E assim ocorreu aquilo que na partida de Rodes não era intenção de nenhum dos dois, ou seja, ocorreu que, incitados pelo escuro, pela comodidade e pelo calor da cama, cujas forças não são nada pequenas, esquecidos da amizade e do amor pelo finado Antíoco, como que atraídos por igual apetite, começaram a atiçar-se mutuamente e, antes de chegarem a Pafos, terra do cipriota, já eram parentes; e em Pafos ficou ela bastante tempo com o mercador.

Ocorre que, por acaso, foi a Pafos tratar de algum negócio um fidalgo chamado Antígono, de elevada idade e mais alta sensatez, porém de baixa riqueza, pois nos serviços de mediador prestados ao rei de Chipre a Fortuna lhe fora contrária. Passando ele diante da casa onde morava a beldade num dia em que o mercador cipriota partira com suas mercadorias para a Armênia, ocorreu-lhe ver a mulher a uma janela da casa e, por achá-la belíssima, começou a olhar fixamente e a lembrar que já devia tê-la visto de outra vez, mas de maneira nenhuma conseguia atinar onde. A beldade, que durante tanto tempo fora joguete da Fortuna, não estava distante do dia em que seus males deveriam ter fim; assim, tão logo viu Antígono, lembrou que o vira em Alexandria, a serviço do pai, em posição nada baixa; nascendo-lhe então súbita esperança de poder ainda voltar a ocupar posição régia com a ajuda dele, sabendo que seu mercador não estava, assim que pôde mandou chamar Antígono. Quando ele veio, ela lhe perguntou timidamente se ele era Antígono de Famagusta, como ela acreditava. Antígono respondeu que sim e disse também:

– Senhora, tenho a impressão de que a conheço, mas não consigo lembrar de onde, por isso, se não lhe importar, peço que me avive a memória dizendo quem é.

A mulher, ao saber que era ele, enlaçou-lhe o pescoço a chorar profusamente, o que o deixou muito admirado, e depois de certo tempo perguntou-lhe se nunca a tinha visto em Alexandria. Antígono, ouvindo essa pergunta, imediatamente a reconheceu como Alatiel, filha do sultão, que todos acreditavam morta no mar, e quis fazer-lhe a devida reverência; mas ela não permitiu e pediu-lhe que se sentasse um pouco ao seu lado. Depois de sentar-se, Antígono perguntou

reverentemente como, quando e de onde ali chegara, uma vez que em todo o Egito se tinha por certo que ela se afogara no mar, muitos anos atrás.

A isso a mulher respondeu:

– Eu preferia que assim tivesse sido a ter vivido como vivi, e acredito que meu pai iria preferir também, se um dia viesse a saber.

E assim dizendo recomeçou a chorar copiosamente.

Então Antígono disse:

– Senhora, não se aflija antes da hora; por favor, conte-me suas atribulações e diga como foi sua vida; talvez as coisas tenham ocorrido de tal modo que, com a ajuda de Deus, possamos encontrar algum bom remédio.

– Antígono – disse a bela mulher –, quando o vi, era como se visse meu pai, e movida pelo amor e pela ternura que dedico a ele, mostrei-me a você quando podia ter-me escondido. E poucas pessoas que eu visse me deixariam tão contente como fiquei contente quanto o vi e reconheci antes de qualquer outra; por isso, todos os reveses que sempre escondi dos outros eu revelarei a você, como se fosse um pai. Se, depois de ouvi-los, achar que pode de algum modo levar-me de volta à minha antiga posição, peço que o empregue; se não achar, peço que nunca diga a ninguém que me viu ou que ouviu dizer alguma coisa sobre mim.

Dito isso, sempre chorando, contou-lhe o que lhe ocorrera desde o dia em que naufragou em Maiorca até aquele momento. Antígono, apiedado, começou a chorar e, depois de pensar um pouco, disse:

– Visto que em seus infortúnios nunca ninguém soube quem era a senhora, eu a devolverei sem falta a seu pai, mais amada que nunca, e depois ao rei de Algarve, como esposa.

Perguntando-lhe ela como, ele a instruiu em tudo o que deveria fazer; e, para que não ocorresse outra coisa devido à demora nas providências, Antígono voltou imediatamente para Famagusta e foi falar ao rei, dizendo:

– Senhor, se lhe aprouver, sem muitos custos poderá obter altíssima honra para si e, ao mesmo tempo, grande vantagem para mim, que estou pobre por sua causa.

O rei perguntou como. Antígono então disse:

– Chegou a Pafos a bela filha do sultão, sobre quem correu o boato de que se afogara, e que, para conservar a honra, vem há muito tempo enfrentando dificuldades; atualmente está em situação de pobreza, desejando voltar ao pai. Se lhe aprouver mandá-la ao sultão sob a minha guarda, seria uma grande honra para Sua Majestade e um grande benefício para mim; e creio que tal serviço

nunca se apagaria da memória do sultão.

O rei, movido por real magnanimidade, logo respondeu que lhe aprazia; e, mandando chamá-la dignamente, trouxe-a para Famagusta, onde ela foi recebida por ele e pela rainha com festa extraordinária e honras magníficas. E, quando indagada pelo rei e pela rainha o que lhe acontecera, respondeu de acordo com as instruções dadas por Antígono e contou-lhes tudo. Poucos dias depois, a pedido dela, o rei a mandou ao sultão, com belo e digno séquito de homens e mulheres, sob a responsabilidade de Antígono. Ninguém imagina com que festa ela foi recebida pelo sultão, e o mesmo se diga de Antígono e todo o seu séquito. Depois de algum repouso, quis o sultão saber como ainda estava viva e onde tinha ficado tanto tempo, sem nunca lhe ter mandado notícias de sua situação.

A dama, que tinha gravado muitíssimo bem as instruções de Antígono, começou assim a falar:

– Meu pai, uns vinte dias depois de minha partida, nossa nave, destroçada por cruel tempestade, uma noite foi bater em certa praia lá no Poente, perto de um lugar chamado Águas Mortas[53]; o que aconteceu com os homens que estavam a bordo não sei nem nunca soube; só me lembro que, ao nascer o dia, estando eu como que saindo da morte para a vida, o navio já destruído foi visto pelos camponeses que chegaram correndo de todos os lados para saqueá-lo; então fui posta na praia com duas das minhas damas e imediatamente fomos agarradas por uns jovens que começaram a fugir, estes com uma, aqueles com a outra. O que aconteceu com elas eu nunca soube; mas eu, que resistia, fui agarrada por dois jovens e, chorando alto e sem parar, fui sendo arrastada pelas tranças até que aqueles que me puxavam pegaram uma estrada para entrar num bosque enorme e depararam com quatro homens que iam passando a cavalo na mesma hora; quando viram esses quatro, os que me puxavam logo me largaram e fugiram. Os quatro homens, que pelo semblante me pareciam bastante respeitáveis, ao verem aquilo, correram até onde eu estava e me perguntaram muitas coisas, e muitas coisas eu disse, mas não fui entendida por eles nem os entendi. Eles, depois de muito deliberarem, puseram-me num dos seus cavalos, levaram-me a um mosteiro de mulheres religiosas que seguem as suas leis, e ali não sei o que disseram, mas fui sempre acolhida e hospedada por todas com muita benevolência, e junto a elas, com grande devoção, servi a São Crescêncio em Valcava[54], a quem as mulheres do lugar querem muito bem. Mas, depois de ficar algum tempo com elas e de já ter aprendido um pouco de sua língua, quando me perguntaram quem eu era e de onde vinha, como eu soubesse onde estava e temesse ser expulsa como inimiga de sua religião caso dissesse a verdade,

respondi que era filha de um grande fidalgo de Chipre que me mandava a Creta para casar quando uma tempestade nos lançou àquela costa, fazendo-nos soçobrar. E várias vezes em várias coisas, por temor do pior, observei seus costumes; e, perguntando-me a maioral daquelas mulheres, a quem chamam abadessa, se eu queria voltar para Chipre, respondi que era o que mais desejava; mas ela, preocupada com minha honra, nunca quis me confiar a ninguém que viesse para Chipre, a não ser há cerca de dois meses, quando, vindo para Chipre vários homens bons da França com suas esposas, dos quais alguns eram parentes da abadessa, sabendo ela que iam a Jerusalém visitar o Sepulcro onde aquele que eles têm por Deus foi enterrado depois que os judeus o mataram, recomendou-me a eles e rogou-lhes que me entregassem a meu pai em Chipre. Quanto aqueles fidalgos me respeitaram e me receberam com gosto ao lado das esposas seria uma história muito longa para contar. Então embarcamos e, depois de vários dias chegamos a Pafos; quando me vi chegar ali, onde ninguém me conhecia, sem saber o que dizer aos fidalgos que queriam entregar-me a meu pai, conforme lhes fora imposto pela veneranda senhora, Deus, que talvez se compadecesse de mim, trouxe Antígono para a praia bem na hora em que desembarcávamos; então o chamei imediatamente e, em nossa língua, para não ser entendida pelos fidalgos nem por suas esposas, disse-lhe que me acolhesse como filha. Ele logo me entendeu; e, demonstrando muita alegria, homenageou aqueles fidalgos e suas esposas dentro de suas pequenas possibilidades e me levou ao rei de Chipre, que me recebeu e me devolveu ao senhor com tanta cortesia que nunca se poderia dizer. E, se faltar dizer mais alguma coisa, que Antígono conte, ele que tantas vezes me ouviu relatar esses reveses.

Antígono então se voltou para o sultão e disse:

– Senhor, ela contou tudo com os mínimos pormenores, tal como me relatou várias vezes e como me relataram aqueles fidalgos e fidalgas com os quais chegou. Só deixou de dizer algumas coisas, e, conforme estimo, deixou de fazê-lo porque não lhe fica bem dizê-las; é o que foi dito por tais fidalgos e fidalgas, com os quais chegou, sobre a vida honesta que levou com as religiosas, a sua virtude e os seus louváveis costumes; tampouco falou das lágrimas e do pranto das mulheres e dos homens quando se separaram dela depois de a restituírem a mim. São tantas coisas que, se quisesse dizer plenamente tudo o que me disseram, não me bastariam o dia de hoje e a próxima noite; por isso espero que seja suficiente dizer-lhe que (pelo que mostraram as palavras deles e também pelo que pude ver) o senhor pode gabar-se de, entre todos os que hoje usam coroa, ter a filha mais bela, mais honesta e mais valorosa.

O sultão rejubilou-se muitíssimo com tudo isso e várias vezes rogou a Deus que lhe concedesse a graça de poder recompensar dignamente a todos os que tivessem honrado sua filha, sobretudo o rei de Chipre, que tão honrosamente a mandara de volta; e, depois de alguns dias, tendo mandado preparar valiosíssimos presentes para Antígono, deu-lhe licença para voltar a Chipre e, por carta enviada e por embaixadores especiais, agradeceu penhoradamente ao rei tudo o que ele fizera por sua filha. Em seguida, querendo levar a efeito aquilo que fora começado, ou seja, que ela fosse mulher do rei de Algarve, comunicou-lhe na íntegra tudo o que ocorrera, escrevendo-lhe também que, se ainda fosse de seu gosto tê-la por esposa, mandasse chamá-la. Com isso o rei de Algarve muito se rejubilou e, mandando buscá-la com todas as honras, recebeu-a com alegria. E ela, que com oito homens dormira talvez dez mil vezes, ao lado dele se deitou como donzela e o levou a crer que assim fosse; e com ele viveu feliz como rainha durante muito tempo. E por esse motivo se diz: “Boca beijada não perde ventura; antes, renova como faz a lua”.

OITAVA NOVELA

O conde de Antuérpia, sob falsa acusação, vai para o exílio e deixa dois filhos seus em diferentes lugares da Inglaterra; voltando incógnito da Escócia, encontra-os em bom estado; vai trabalhar como cavalariço no exército do rei da França, sua inocência é reconhecida e ele recupera sua antiga posição.

Muitos suspiros foram dados pelas senhoras diante das várias vicissitudes daquela beldade: mas quem saberá que razões inspiravam tais suspiros? Talvez houvesse quem suspirava tanto por inveja de tão frequentes bodas quanto por piedade pela mulher. Mas, deixando de lado tais coisas agora, depois que todos riram com as últimas palavras de Pânfilo, a rainha, vendo que com elas terminava a história dele, voltou-se para Elissa e impôs que ela continuasse na ordem com uma das suas histórias. E ela, obedecendo com alegria, começou.

– É vastíssimo o campo que perlustramos hoje, e não há ninguém que nele deixe de competir em pelo menos dez arenas, e não só numa, tanto o encheu a Fortuna de acontecimentos insólitos e graves; por isso, para contar algum, entre os infinitos que existem, digo que:

Quando o império de Roma passou dos franceses aos alemães[55], surgiu entre as duas nações intensa inimizade com acerba e contínua guerra, e tanto para a defesa de seu país quanto para a ofensa do alheio, o rei da França e um de seus filhos, valendo-se das forças de seu reino e de amigos e parentes que tivessem poder para tanto, organizaram um enorme exército para atacarem os inimigos; e, antes de avançarem, não querendo deixar o reino sem governo e sabendo que Gautier, conde de Antuérpia, era homem cortês e sábio, além de fiel amigo e servidor, e achando que ele, embora bastante adestrado na arte da guerra, era mais apto a coisas delicadas que a pesadas, deixaram-no como representante geral para todo o governo do reino de França e puseram-se a caminho. Então, com sensatez e ordem, Gautier deu início aos encargos confiados, sempre conferenciando sobre todas as coisas com a rainha e a nora; e, embora elas tivessem ficado sob sua custódia e jurisdição, não deixava de respeitá-las como suas senhoras e superiores. Muito bem-feito de corpo, com cerca de quarenta anos de idade, era o referido Gautier agradável e cortês como nenhum outro fidalgo; e, além de tudo isso, o mais galante e delicado cavaleiro que se conhecia naqueles tempos, e o que mais andava adornado.

Ocorre que, estando o rei de França e seu filho na citada guerra, morreu a mulher de Gautier, deixando-o com um filho e uma filha ainda pequeninos, e nada mais; e, como ele frequentasse a corte das referidas senhoras e com elas tratasse amiúde dos negócios do reino, a mulher do filho do rei começou a reparar nele e, observando com muita afeição sua pessoa e seus costumes, sentiu-se inflamada por oculto e ardente amor; e, percebendo-se jovem e viçosa, enquanto ele não tinha mulher, achou que satisfaria facilmente seus desejos e, acreditando que nada se oporia a isso, a não ser o pudor, decidiu desfazer-se deste e manifestar-lhe totalmente seus desejos. E, num dia em que estava sozinha, achando ser aquela a ocasião propícia, mandou chamá-lo a pretexto de falar de outras coisas.

O conde, cujos pensamentos estavam muito distantes dos da mulher, compareceu sem demora; e sentando-se – como quis ela – ao seu lado num divã de um aposento onde estavam sozinhos, perguntou-lhe duas vezes a razão pela qual o chamara, e ela ficou calada, até que, por fim, incitada pelo amor, enrubescida de vergonha, quase chorando e toda trêmula, com a voz embargada começou a dizer:

– Caríssimo e doce amigo e senhor, homem judicioso que é, deve saber perfeitamente como é grande a fragilidade dos homens e das mulheres, e, por diferentes razões, mais numa que noutra; por isso, perante um juiz justo, um mesmo pecado em diferentes qualidades[56] de pessoas não deve receber a mesma pena. E quem negaria que seriam muito mais repreensíveis o homem e a mulher pobres que, precisando ganhar com o trabalho o que lhes fosse necessário para viver, cedessem às incitações do amor, do que a mulher rica e ociosa, a quem não faltasse coisa alguma para satisfazer seus desejos? Acredito que ninguém. Por essa razão considero que as referidas coisas devem servir para escusar em grande parte aquela que as possui, se ela porventura se deixar arrastar para o amor; e de resto deve escusá-la o fato de ter escolhido amante prudente e valoroso, se é que o fez. Essas coisas que, a meu ver, estão ambas presentes em mim, bem como outras mais que me induzem a amar, tais como minha juventude e a distância de meu marido, devem agora socorrer-me, vindo em defesa de meu ardente amor pelo senhor; e se elas tiverem perante o senhor a força que perante os judiciosos devem ter, rogo-lhe que me dê amparo e ajuda naquilo que vou lhe pedir. É verdade que, em virtude da distância de meu marido, não podendo eu resistir aos aguilhões da carne nem à força do amor (tão poderosos que já tantas vezes venceram e vencem todos os dias os homens fortes, quanto mais as mulheres frágeis), vivendo eu no conforto e no ócio nos quais me vê, deixei-me

levar a desejar os prazeres do amor e a apaixonar-me. Sei que tal coisa, se conhecida, não seria decorosa, mas que, se fosse e permanecesse oculta, não seria indecorosa em quase nada, segundo julgo; de qualquer modo, foi-me o Amor tão complacente que não só não me privou do devido discernimento na escolha do amante como também me esclareceu, mostrando que o senhor é digno de ser amado por uma mulher como eu; pois, se meu juízo não me engana, considero ser o senhor o mais belo, o mais agradável, o mais gentil e o mais judicioso cavaleiro que no reino de França se possa achar; e, assim como posso dizer que me encontro sem marido, também se pode dizer que o senhor está sem mulher. Por isso lhe rogo, em nome do imenso amor que lhe dedico, que não me negue o seu e que tenha piedade da minha juventude, que, tal como gelo no fogo, se consome pelo senhor.

Tais palavras foram seguidas por grande abundância de lágrimas, e ela, que ainda pretendia fazer mais súplicas, não conseguiu continuar falando, mas, chorando, abaixou o rosto e, como que capitulando, deixou a cabeça pender sobre o peito do conde. Este, que era lealíssimo cavaleiro, começou a repreender acerbamente um amor tão insano e a rechaçá-la quando ela já queria lançar-se ao seu colo; e com juramentos pôs-se a afirmar que preferiria ser esquartejado a consentir que tal coisa fosse cometida contra a honra de seu senhor por ele mesmo ou por qualquer outro.

A mulher, ao ouvir isso, subitamente se esqueceu do amor e disse com extremo furor:

– Acaso serei eu, vil cavaleiro, escarnecida desse modo por meu desejo? E, se quer levar-me à morte, que Deus não me impeça de fazê-lo morrer ou expulsar do mundo.

E, assim dizendo, levou as mãos aos cabelos e, depois de despenteá-los e emaranhá-los, rasgou as roupas no peito e começou a gritar:

– Socorro, socorro, o conde de Antuérpia quer me violentar.

O conde, ao ver aquilo, temendo muito mais a inveja dos cortesãos que sua própria consciência, receando que, por essa mesma inveja, se desse mais fé à malvadez da mulher do que à sua inocência, levantou-se e saiu o mais depressa que pôde do aposento e do palácio e fugiu para casa, onde, sem pensar duas vezes, montou os filhos a cavalo e, montando também, rumou para Calais o mais depressa que pôde.

Com o barulho da mulher, acudiram várias pessoas que, ao vê-la e ouvir as razões de seus gritos, não só deram fé às suas palavras como também acreditaram que o conde se valera durante muito tempo do garbo e das maneiras

requintadas para poder chegar àquilo. Enfurecidos, portanto, correram à casa dele para prendê-lo, mas, não o encontrando, depois de roubarem as coisas todas, arrasaram-na até os alicerces. A notícia, contada de maneira abjeta, chegou às hostes do rei e do filho, e eles, muito perturbados, condenaram o conde e seus descendentes ao exílio perpétuo, oferecendo enorme recompensa a quem o trouxesse vivo ou morto.

O conde, lamentando o fato de, com a fuga, ter passado de inocente a culpado, chegou com os filhos a Calais sem se dar a conhecer ou reconhecer, logo atravessou para a Inglaterra e vestido com roupas pobres rumou para Londres; lá chegando, antes de entrar na cidade, instruiu longamente os dois filhos pequenos sobretudo em duas coisas: a primeira era que eles deviam suportar pacientemente o estado de pobreza no qual a Fortuna os pusera com o pai, sem que tivessem culpa alguma; a segunda era que, se tinham amor à vida, deviam usar de toda a sagacidade para se absterem de dizer a quem quer que fosse de onde eram e de quem eram filhos. O menino, que se chamava Luís, tinha cerca de nove anos, e a filha, cujo nome era Violante, cerca de sete; estes, no que lhes permitia a tenra idade, entenderam bem as instruções do pai e o demonstraram depois nas ações. E, para que tudo corresse de melhor maneira, achou ele por bem mudar seus nomes, e assim o fez; ao menino deu o nome de Perrot, e à menina, o de Jeannette[57]; e, entrando em Londres pobremente vestidos, tal como vemos que fazem os mendigos franceses, começaram a pedir esmolas.

Estavam eles em tal ocupação certa manhã numa igreja quando por acaso uma grande dama, mulher de um dos marechais do rei da Inglaterra, ao sair viu o conde e os seus dois filhinhos pedindo esmolas; perguntou-lhe então de onde era e se aqueles eram seus filhos. Ele respondeu que era da Picardia e que, por causa de um delito cometido por um filho mais velho, que era desonesto, precisara partir com aqueles dois, que também eram seus. A dama, que era piedosa, olhou bem para a menina, que lhe agradou muito, pois era bonita, gentil e cativante, e disse:

– Bom homem, se lhe agradar deixar essa sua filhinha comigo, que tem tão bom aspecto, eu teria muito prazer em ficar com ela; e, se for uma boa mulher, eu a casarei no momento propício, de tal maneira que ficará muito bem.

O conde gostou muito do pedido, logo respondeu que sim e, com lágrimas nos olhos, entregou-lhe a menina, recomendando-a muito. E assim, tendo alojado a filha e sabendo bem com quem, decidiu não ficar mais ali; e, pedindo esmolas, atravessou a ilha e foi para Gales com Perrot, não sem muita canseira,

visto ser alguém que não estava acostumado a andar a pé. Ali havia outro marechal do rei, que ocupava elevada posição e tinha grande número de servidores, a cuja corte o conde e o filho às vezes recorriam para terem o que comer. E, estando ali algum filho do referido marechal, bem como outros meninos fidalgos, exercitando-se em competições infantis, como correr e pular, Perrot começou a ambientar-se com eles e a competir com a mesma destreza de alguns dos outros ou até mais. O marechal, vendo aquilo certa vez e gostando muito das maneiras e dos modos do menino, perguntou quem era ele. Disseram-lhe que era filho de um pobre que às vezes ia lá pedir esmolas. O marechal mandou pedir o menino, e o conde, que mais nada pedia a Deus, concedeu-o sem objeção, por mais custoso que lhe fosse separar-se dele. O conde, portanto, depois de acomodar bem o filho e a filha, decidiu não ficar mais tempo na Inglaterra e, da melhor forma que pôde, foi para a Irlanda; chegando a Stanford, pôs-se a trabalhar como lacaio de um vassalo de um conde do interior, fazendo todas aquelas coisas que competem a um lacaio ou cavalariço; e ali ficou muito tempo, sem nunca ser conhecido por ninguém, suportando muita incomodidade e cansaço.

Violante, chamada de Jeannette, ao lado da fidalga em Londres foi crescendo em idade, corpo e beleza, gozando de tanta simpatia da mulher, do marido, de todos da casa e de quem quer que a conhecesse, que era coisa linda de se ver; e não havia quem, observando seus costumes e suas maneiras, não dissesse que ela era digna de elevadíssimos bens e muita honra. Por essa razão, a fidalga, que a recebera do pai sem nunca ter conseguido saber quem ele era, a não ser aquilo que lhe fora dito por ele mesmo, propusera-se casá-la honrosamente, segundo a condição que lhe atribuía. Mas Deus, justo protetor dos méritos, sabendo ser ela uma mulher nobre que, sem culpa, penitenciava os pecados alheios, dispôs as coisas de modo diferente; e, para que a jovem fidalga não caísse nas mãos de um homem de baixa condição, é de se crer que aquilo que ocorreu tenha sido permitido pela bondade d’Ele.

A fidalga com quem Jeannette morava tinha um único filho de seu marido, que ela e o pai amavam extremadamente, tanto por ser seu filho quanto porque ele bem o merecia, pelas virtudes e qualidades que possuía, pois mais que qualquer outro tinha ótimos costumes, era valoroso, virtuoso e formoso. Esse filho, cerca de seis anos mais velho que Jeannette, vendo-a belíssima e graciosa, enamorou-se dela a tal ponto que nada mais existia para ele além dela. Mas, imaginando-a de baixa extração, não só não ousava pedi-la em casamento ao pai e à mãe, como também, temendo repreensão por se ter permitido amar alguém

daquela posição, mantinha como podia o seu amor em segredo: motivo pelo qual ele o estimulava muito mais do que se fosse manifesto. Foi assim que, por excesso de sofrimento, adoeceu gravemente. Os vários médicos chamados para cuidar dele, depois de observarem um sintoma ou outro e não conseguirem saber qual era sua enfermidade, de comum acordo desesperavam de lhe restituir a saúde. Por isso, o pai e a mãe do jovem demonstravam tal dor e tal melancolia que maior seria impossível suportar: e várias vezes perguntavam apiedados qual era a razão de seu mal, e ele ou respondia com suspiros ou dizia que se sentia consumir por inteiro.

Certo dia, estava ao lado dele sentado um médico bastante jovem, mas profundo conhecedor de sua ciência, a segurar-lhe o braço naquela região onde eles sentem o pulso, quando Jeannette, que, em respeito à mãe dele, o atendia com solicitude, entrou por alguma razão no quarto. O enfermo, assim que viu a jovem, sem dizer palavra nem fazer gesto algum, sentiu mais forte no coração o ardor amoroso, e o pulso começou a bater-lhe com mais vigor que o usual; o médico, percebendo imediatamente, admirou-se e ficou quieto, para ver quanto tempo aquele batimento duraria. Assim que Jeannette saiu do quarto, o batimento acalmou-se, e o médico, portanto, achou que havia entendido parte da razão da enfermidade do jovem; pouco depois, como se quisesse pedir alguma coisa a Jeannette, sempre segurando o braço do doente, mandou chamá-la. E ela veio imediatamente; nem bem entrara no quarto, voltaram os batimentos do pulso; e, saindo ela, cessaram estes.

Então o médico, achando ter certeza suficiente, levantou-se, chamou à parte o pai e a mãe do jovem e disse-lhes:

– A saúde de seu filho não está nos remédios dos médicos, mas nas mãos de Jeannette, que, conforme percebi claramente por certos sinais, esse jovem ama compaixão, coisa de que ela não se apercebe, pelo que pude ver. Agora sabem o que fazer, se é que prezam a vida dele.

O fidalgo e sua mulher, ao ouvirem isso, ficaram contentes por terem encontrado algum modo de salvá-lo, embora lhes pesasse muito que esse modo fosse o que mais temiam, ou seja, ter de dar Jeannette por esposa ao filho.

Portanto, depois que o médico partiu, eles foram ter com o doente, e a dama assim falou:

– Meu filho, eu nunca imaginaria que me ocultasse algum desejo, principalmente ao vê-lo definhar por não obter o que quer; por isso, você deveria e deve estar seguro de que, para contentá-lo, eu não deixaria de fazer coisa alguma, ainda que não totalmente decorosa, que não faria a mim mesma; mas,

visto que escondeu, Deus se mostrou mais misericordioso com sua pessoa do que você mesmo e, para impedir que morra dessa enfermidade, mostrou-me a razão do seu mal, que nada mais é que o excesso de amor que nutre por alguma jovem, seja ela quem for. Na verdade, não deveria envergonhar-se de manifestar esse sentimento, pois sua idade assim o exige, e, se não estivesse apaixonado, eu o teria em bem pouca conta. Portanto, meu filho, não esconda nada de mim; ao contrário, revele com confiança todos os seus desejos; desfaça-se da melancolia e dos pensamentos dos quais essa sua doença provém, console-se e tenha a certeza de que nada deixarei de fazer do que você me impuser para a sua satisfação e que esteja em meu poder, pois o amo mais que à minha própria vida. Livre-se da vergonha e do medo e diga se posso fazer alguma coisa pelo seu amor; e, se achar que não me empenharei nisso e não levarei a efeito o prometido, pode considerar-me a mãe mais cruel que jamais pariu um filho.

O jovem, ouvindo as palavras da mãe, primeiro se encabulou, mas depois, pensando de si para si que ninguém melhor que ela poderia atender ao seu desejo, livrou-se da timidez e disse:

– Minha senhora, nada me fez ocultar o meu amor senão o fato de ter percebido que as pessoas, depois que amadurecem, no mais das vezes preferem não se lembrar de que foram jovens. Mas, como a vejo compreensiva, não só não negarei que é verdade aquilo que a senhora percebeu como também lhe revelarei de quem se trata, com a condição de que sua promessa venha a ser cumprida na medida do possível, e assim me terá curado.

A isso a dama (confiando demais naquilo que não deveria fazer, da forma como já pensava) respondeu que ele deveria revelar-lhe com confiança o que queria; que ela sem demora se poria em ação para que ele satisfizesse o seu desejo.

– Senhora – disse então o jovem –, a grande beleza e as louváveis maneiras de nossa Jeannette, a impossibilidade de levá-la a perceber meu amor, nem digo apiedar-se dele, e o fato de não ter ousado nunca revelá-lo a ninguém conduziram-me ao estado em que me vê; e, se aquilo que me prometeu não ocorrer de um modo ou de outro, pode estar certa de que minha vida será breve.

A dama, que achava ser aquele um momento de conforto, mais que de repreensões, disse sorrindo:

– Ai, meu filho, então foi por isso que se deixou adoecer? Console-se e deixe tudo comigo, pois ficará curado.

O jovem, cheio de esperança, em curtíssimo tempo deu mostras de grande melhora, e a dama, muito contente, dispôs-se a tentar cumprir a promessa que

fizera. E, chamando um dia Jeannette, em tom de brincadeira perguntou-lhe gentilmente se ela tinha algum pretendente.

A isso Jeannette, muito vermelha, respondeu:

– Senhora, a uma pobre donzela expulsa de casa, como eu, que está a serviço em casa alheia, como estou, não cabe nem fica bem dar atenção ao amor.

A isso a dama respondeu:

– Pois, se não tem, queremos dar-lhe um que a faça viver feliz e tirar mais deleite de sua beleza; pois não é conveniente que uma donzela assim tão formosa fique sem pretendente.

A isso Jeannette respondeu:

– A senhora me subtraiu à pobreza de meu pai e criou-me como filha; por isso, eu deveria atendê-la em todos os seus desejos; mas nesse não atenderei e creio fazer bem. Se for de sua vontade dar-me marido, entendo que deverei amá-lo, e não a outro; por isso, como da herança de meus antepassados nada me restou, a não ser a honestidade, pretendo mantê-la e conservá-la enquanto durar minha vida.

Essas palavras pareceram totalmente contrárias àquilo que a dama pretendia, para cumprir a promessa feita ao filho, embora, sendo mulher sensata, no íntimo apreciasse muito a donzela. Então disse:

– Como, Jeannette? Se Sua Majestade, o rei, que é jovem cavaleiro (sendo você linda donzela), quisesse usufruir o prazer do seu amor, você se negaria?

A isso ela respondeu imediatamente:

– O rei poderia impor-me o que quisesse, mas meu consentimento ele nunca poderia ter, a não ser para o que fosse decoroso.

A mulher, compreendendo o que ela sentia, deixou-se de palavras e pensou em colocá-la à prova; assim, disse ao filho que, tão logo se curasse, deveria levá-la para um quarto e tentar obter prazer com ela, afirmando que lhe parecia indecoroso interceder por ele, fazendo súplicas à donzela, como se fosse uma rufiona. Muito descontente com isso, o jovem piorou de repente; a dama então manifestou suas intenções a Jeannette. Encontrando-a mais obstinada do que nunca, contou ao marido o que fizera e, ainda que a contragosto, decidiram em comum acordo dar a moça por esposa ao filho, preferindo que ele continuasse vivo, com mulher não adequada, a vê-lo morto sem nenhuma; foi o que fizeram, depois de muitos rodeios. Jeannette ficou contentíssima e do fundo do coração agradeceu a Deus, que não se esquecera dela; apesar de tudo isso, jamais confessou que não era filha de um picardo. O jovem sarou, casou-se mais feliz que qualquer outro homem e começou a viver muito bem com ela.

Perrot, que ficara em Gales com o marechal do rei da Inglaterra, crescendo também, caiu nas graças do seu senhor e tornou-se formoso e virtuoso como nenhum outro na ilha, de tal modo que em torneios, justas ou qualquer outra ação de armas ninguém no país era igual a ele; pois era conhecido e famoso, e todos chamavam Perrot, o Picardo. E Deus, que não se esquecera de sua irmã, demonstrou que também o tinha em vista; pois que chegou à região uma epidemia de peste que matou quase metade da sua população e fez grande parte das pessoas restantes fugir de medo para outras regiões, de modo que tudo parecia abandonado. Em tal peste o marechal, sua mulher, um de seus filhos e muitos outros irmãos, sobrinhos e parentes, todos morreram, ficando apenas uma sua filha donzela, já núbil, além de alguns servidores, entre os quais Perrot. Amainada a peste, a donzela, por gosto próprio e acatando conselho de alguns compatriotas que haviam sobrevivido, aceitou casar-se com Perrot, por ser ele um homem bravo e virtuoso, de modo que o fez senhor de tudo o que lhe cabia por herança. Não se passara muito tempo quando o rei da Inglaterra, sabendo da morte do marechal e conhecendo o valor de Perrot, o Picardo, nomeou-o para o posto daquele que morrera, tornando-o seu marechal. E foi isso, em suma, o que ocorreu com os dois filhos inocentes que o conde de Antuérpia deixara, dando-os por perdidos.

Já se haviam passado dezoito anos desde que o conde de Antuérpia saíra fugido de Paris; ainda morava ele na Irlanda, tinha levado vida miserável e sofrido muitas coisas, quando, sentindo-se velho, teve vontade de saber, se possível, o que acontecera com seus filhos. Percebendo que seu antigo aspecto se transformara totalmente e sentindo-se, graças ao longo exercício, mais vigoroso do que quando era jovem e vivia no ócio, partiu bastante pobre e malvestido, deixando aquele com quem ficara durante muito tempo; indo para a Inglaterra, dirigiu-se ao lugar onde deixara Perrot; lá foi informado de que ele se tornara marechal e grande senhor e viu-o sadio, vigoroso e bonito; com isso ficou muito contente, mas não quis se dar a conhecer enquanto não tivesse notícias de Jeannette. Assim, pondo-se a caminho, não parou enquanto não chegou a Londres; ali, perguntando cautelosamente sobre a mulher com a qual deixara a filha e sobre a sua situação, descobriu que Jeannette era mulher do filho dela, o que muito lhe agradou, considerando pequenas todas as adversidades passadas, já que encontrara os filhos vivos e em boa situação. E, desejando vê-la, começou a abrigar-se como pobre perto da casa dela. Assim é que um dia foi visto por Jamy[58] Lamiens, como era chamado o marido de Jeannette, que teve compaixão dele, por considerá-lo pobre e velho, e ordenou a um de seus criados que o

levasse à sua casa e lhe desse comida por Deus, o que o criado fez de bom grado.

Jeannette já tivera vários filhos de Jamy; o maior deles não tinha mais de oito anos, e eram as crianças mais lindas e graciosas do mundo. Estas, assim que viram o conde comer, puseram-se ao redor dele e começaram a fazer-lhe festa, como se, movidas por alguma oculta virtude, tivessem sentido que ele era seu avô. O conde, sabendo que eram seus netos, começou a demonstrar afeição e carinho, motivo pelo qual as crianças não queriam separar-se dele, por mais que fossem chamadas pela pessoa encarregada de cuidar delas. Jeannette, ao saber disso, saiu de um quarto, foi até onde estava o conde e ameaçou bater nos filhos, caso não fizessem o que era ordenado por seu preceptor. As crianças começaram a chorar e a dizer que queriam ficar perto daquele homem, que gostava delas mais que o preceptor, o que provocou riso na mulher e no conde. O conde se erguera para prestar homenagem à filha, não na qualidade de pai, mas na de homem pobre a uma dama, e sentira na alma um prazer maravilhoso ao vê-la. Mas ela não o conheceu então nem depois, por estar ele demasiadamente diferente do que era, pois se encontrava envelhecido, encanecido e barbudo, tendo emagrecido e se amorenado, parecendo outro homem, e não o conde. A dama, vendo que as crianças não queriam afastar-se dele, mas choravam quando alguém quisesse separá-los, disse ao preceptor que as deixasse ficar mais um pouco.

Enquanto as crianças estavam com o bom homem, o pai de Jamy voltou e foi informado daquele fato pelo preceptor; ele, que desprezava Jeannette, disse:

– Deixe-os estar com a desventura que Deus lhes der; pois eles estão assim retratando suas origens. Descendem de mendigos por parte de mãe, por isso não é de admirar que gostem de ficar com mendigos.

O conde ouviu essas palavras e sofreu muito com elas, mas deu de ombros, suportando aquela injúria como aguentara muitas outras. Jamy, que ouvira a festa que os filhos faziam ao bom homem, ou seja, ao conde, mesmo desagradado, gostava tanto deles que, para não os ver chorar, ordenou que, se o bom homem quisesse ficar lá executando algum serviço, deveria ser acolhido. E ele respondeu que ficaria de bom grado, mas que não sabia fazer outra coisa senão tratar de cavalos, coisa a que se acostumara a vida inteira. Incumbiram-no de um cavalo, e ele, depois de tratá-lo, ia brincar com as crianças.

Enquanto a Fortuna ia conduzindo o conde de Antuérpia e seus filhos da maneira como descrevemos, o rei da França, depois de muitas tréguas com os alemães, morreu, e em seu lugar foi coroado o filho cuja mulher era aquela pela qual o conde fora expulso. Terminada a última trégua com os alemães, esse filho

recomeçou ferocíssima guerra; para ajudá-lo, na qualidade de parente recente, o rei da Inglaterra mandou muitos homens sob o comando de seu marechal Perrot e de Jamy Lamiens, filho do outro marechal; e com este foi o bom homem, ou seja, o conde, que, sem ser reconhecido por ninguém, ficou no exército durante um bom tempo como cavalariço; ali, por ser valoroso, fez ótimas coisas, mais do que se esperava dele, tanto com orientações quanto com ações.

Ocorre que durante a guerra a rainha da França adoeceu gravemente; e, sabendo que estava para morrer, arrependida de todos os pecados, confessou-se devotamente com o arcebispo de Rouen, considerado por todos um homem santíssimo e bondoso, e, entre outros pecados, contou-lhe a grande injustiça que fizera ao conde de Antuérpia. Não satisfeita em dizer-lhe isso, também relatou diante de muitos outros homens virtuosos tudo como de fato acontecera, suplicando-lhes que intercedessem junto ao rei para que ao conde fossem restituídos os antigos direitos, caso estivesse vivo, e, se não, que isso fosse feito aos seus filhos; não demorou muito, deixando esta vida, foi honrosamente sepultada.

Essa confissão foi relatada ao rei, que, depois de alguns dolorosos suspiros pelas injúrias infligidas injustamente àquele homem virtuoso, mandou proclamar por todo o exército e também por muitos outros lugares que quem desse informações sobre o conde de Antuérpia ou de algum de seus filhos seria maravilhosamente recompensado por cada um deles, pois era ele agora considerado inocente daquilo que o levara ao exílio, em vista da confissão feita pela rainha, sendo intenção do rei restituir-lhes os antigos títulos e conceder-lhes outros ainda mais elevados. Ouvindo tais coisas e percebendo que eram verazes, o conde, na qualidade de cavalariço, logo foi procurar Jamy e lhe pediu que fosse com ele falar com Perrot, pois queria mostrar-lhes o que o rei estava procurando.

Reunidos os três, disse o conde a Perrot, que já estava pensando em apresentar-se:

– Perrot, Jamy, que está aqui, é casado com sua irmã, e nunca recebeu nenhum dote; por isso, para que sua irmã não fique sem dote, creio que ele, e nenhum outro, deve receber esse benefício tão grande que o rei está prometendo, apontando-o como filho do conde de Antuérpia, apresentando Violante como sua irmã e esposa dele e a mim como o conde de Antuérpia e pai dos dois.

Perrot, ouvindo isso, olhou fixo para ele e imediatamente o reconheceu; então, chorando, atirou-se aos seus pés e abraçou-o dizendo:

– Meu pai, seja muito bem-vindo.

Jamy, ouvindo o que o conde dissera e vendo o que Perrot fazia, foi tomado por tanto espanto e alegria que mal sabia o que fazer; mas, dando fé ao que era dito e envergonhando-se muito de palavras injuriosas que dissera ao conde enquanto ele trabalhava como cavalariço, deixou-se cair aos pés dele chorando e, humildemente, pediu perdão por todos os ultrajes passados; o conde o pôs de pé com muita bondade e o perdoou. E, depois que os três contaram vários casos e muito choraram e se alegraram juntos, Perrot e Jamy quiseram vestir devidamente o conde, que não concordou de maneira nenhuma, mas, ao contrário, quis que Jamy antes tivesse certeza de que receberia a recompensa prometida e só depois o apresentasse naquelas roupas de cavalariço, para fazer o rei envergonhar-se mais.

Jamy, portanto, seguido pelo conde e por Perrot, compareceu diante do rei e ofereceu-se para apresentar-lhe o conde e os filhos, desde que, segundo a proclamação, ele fosse recompensado. O rei logo mandou trazer a recompensa, que pareceu maravilhosa aos olhos de Jamy, e ordenou que ele a levasse caso demonstrasse com veracidade onde estavam o conde e os filhos, como prometia. Jamy então, voltando-se para trás e fazendo avançar o conde, seu cavalariço, e Perrot, disse:

– Majestade, aqui estão o pai e o filho; a filha, que é minha mulher e não está aqui, com a ajuda de Deus, Vossa Majestade logo verá.

O rei, ouvindo isso, olhou o conde e, embora este estivesse muito mudado, depois de algum tempo o reconheceu; e quase com lágrimas nos olhos fez que ele, que estava de joelhos, se levantasse, beijou-o e abraçou-o; e, acolhendo Perrot com amizade, ordenou que o conde fosse devidamente provido de roupas, servidores, cavalos e arreios, segundo convinha à sua nobreza, o que foi feito em seguida. Além disso, o rei concedeu muitas honrarias a Perrot e quis saber tudo sobre os acontecimentos passados. E, quando Jamy recebeu as altas recompensas por ter apresentado o conde e os filhos, o conde lhe disse:

– Tome estes presentes dados pela magnificência de Sua Majestade, o rei, e lembre-se de dizer a seu pai que seus filhos, netos dele e meus, não nasceram de mãe mendiga.

Jamy pegou os presentes e chamou a mulher e a mãe a Paris, vindo também a mulher de Perrot; ali, com muita alegria, ficaram todos com o conde, a quem o rei restituíra todos os bens e concedera títulos maiores do que ele jamais tivera. Depois, com sua licença, cada um voltou para casa, e ele viveu em Paris até morrer, mais gloriosamente que nunca.

NONA NOVELA

Bernabò de Gênova, enganado por Ambrogiuolo, perde o que tem e manda matar a mulher inocente. Ela escapa e serve o sultão vestida de homem; encontra o embusteiro e conduz Bernabò a Alexandria, onde o embusteiro é punido, ela retoma os trajes femininos e volta com o marido a Gênova, ricos agora.

Depois que Elissa cumpriu seu dever narrando uma história capaz de suscitar compaixão, a rainha Filomena, que era bela e alta, de rosto agradável e sorridente como nenhuma outra, recolhendo-se em si mesma, disse:

– É preciso cumprir o acordo feito com Dioneu; por isso, como restamos só nós, ele e eu, para contar histórias, contarei primeiro a minha, e ele, conforme pediu, será o último a contar.

E, dito isso, assim começou.

– É frequente ouvir-se o povo citar certo provérbio, segundo o qual o enganador fica aos pés do enganado; não parece possível mostrar sua veracidade por meio de razões, mas apenas por meio dos casos que ocorrem. Por isso, observando o tema proposto, veio-me à ideia demonstrar ao mesmo tempo, caríssimas senhoras, que o provérbio é verdadeiro como se diz; e não lhes deverá causar desagrado ouvir-me para aprenderem a defender-se dos enganadores.

Numa hospedaria de Paris encontravam-se alguns grandes mercadores italianos, uns por um negócio, outros por outro, como é de seu costume; certa noite, depois de terem todos jantado alegremente, começaram a conversar sobre diferentes coisas e, passando de um assunto a outro, acabaram falando de suas mulheres, que tinham deixado em casa. E, brincando, um deles começou a dizer:

– Eu não sei como a minha se comporta, mas sei muito bem que, quando aqui me cai nas mãos uma mocinha que me agrade, deixo de lado o amor que tenho por minha mulher e me divirto com a daqui o máximo que posso.

Outro respondeu:

– Eu faço o mesmo, porque, se acreditar que minha mulher tem alguma aventura, ela terá, e, se não acreditar, terá também; então, fica elas por elas; o burro que bate na parede recebe de volta.

O terceiro, ao falar, quase chegou à mesma sentença; em suma, parecia que todos concordavam nisso, que as mulheres deixadas em casa não queriam perder tempo.

Só um, que se chamava Bernabò Lomellin de Gênova, disse o contrário, afirmando que, por especial graça de Deus, tinha uma dama por esposa, a mais dotada de todas as virtudes que uma mulher, um cavaleiro ou em grande parte um donzel devem ter, não havendo talvez outra igual na Itália; pois ela era bela de corpo, bastante jovem ainda, prendada e vigorosa, e não havia atividade de mulher, tal como os lavores de seda e coisas semelhantes, que ela não executasse melhor que qualquer outra. Além disso, dizia não ser possível encontrar serviçal ou criado, fosse qual fosse, que servisse melhor nem mais atentamente a mesa de um senhor, por ser ela muito bem educada, sensata e discreta. Depois disso, elogiou-a por saber cavalgar, cuidar de um falcão, ler, escrever e contar melhor que um mercador; e, depois de muitos outros louvores, chegou àquilo de que se falava ali, afirmando e jurando que não era possível encontrar nenhuma outra mais honesta e séria que ela; e que, por tais motivos, ele acreditava que, se ficasse fora de casa dez anos ou para sempre, ela nunca seria atraída por algum caso com outro homem.

Havia, entre os que assim conversavam, um jovem mercador chamado Ambrogiuolo de Piacenza, que, ouvindo este último louvor de Bernabò à sua mulher, começou a dar a maior risada do mundo e, zombando, perguntou se o imperador lhe havia concedido aquele privilégio mais do que a todos os outros homens. Bernabò, um tanto irritadinho, disse que aquela graça não lhe fora concedida pelo imperador, e sim por Deus, que tinha um pouco mais de poder que o imperador.

Então Ambrogiuolo disse:

– Bernabò, não duvido que você acredite estar dizendo a verdade; mas, pelo que me parece, atentou pouco para a natureza das coisas; porque, se tivesse atentado, não creio que seu engenho seja tão curto que o impeça de perceber coisas que o levariam a falar com mais comedimento sobre esse assunto. E, para que não creia que nós, que falamos tão livremente de nossas mulheres, achamos ter mulher diferente ou de índole distinta da sua, mas que dissemos tudo movidos por natural percepção, quero conversar um pouco sobre o assunto com você. Sempre julguei o homem o animal mais nobre que Deus criou entre os mortais, vindo depois dele a mulher; mas o homem, tal como em geral se crê e se vê por suas obras, é mais perfeito; e, tendo mais perfeição, sem dúvida alguma deve ter mais firmeza e de fato tem, motivo pelo qual as mulheres são sempre mais volúveis; por que isso ocorre é coisa que poderia ser demonstrada com muitas razões naturais, que no momento pretendo deixar de lado. Portanto, se o homem, mesmo tendo mais firmeza, não pode aguentar-se e deixar de

condescender, nem digo com alguma mulher que o solicite, mas deixar de desejar alguma que lhe agrade e, além de desejar, fazer de tudo o que puder para estar com ela, e isso não uma vez por mês, mas mil vezes por dia, o que espera você que uma mulher naturalmente volúvel possa fazer diante de pedidos, lisonjas, presentes e mil outros estratagemas que venham a ser usados por algum homem sagaz que a ame? Acha que ela pode aguentar-se? Por mais que você afirme, não creio que acredite nisso; e você mesmo diz que sua esposa é mulher, e que é de carne e osso como as outras. Por isso, se assim é, ela deve ter os mesmos desejos e as mesmas forças que as outras têm para resistir a esses apetites naturais; portanto é possível que, embora sendo honestíssima, faça o que as outras fazem; e nada do que é possível deve ser assim veementemente negado nem o seu contrário pode ser afirmado, como você faz.

A isso Bernabò respondeu dizendo:

– Sou mercador, e não fisófolo[59], e como mercador responderei. E digo que sei que o que você está dizendo pode acontecer com as desajuizadas, que não têm recato nenhum; mas as que são ajuizadas preocupam-se tanto com a própria honra que a defendem com mais força que os homens, que não se preocupam com isso; e das mulheres desse tipo é a minha.

Ambrogiuolo disse:

– De fato, se, para cada caso desses que elas tivessem, lhes nascesse um chifre na testa como testemunho do que foi feito, acho que poucas teriam casos; mas, além de não nascerem chifres, as ajuizadas não deixam pegadas nem marcas; e a vergonha e a desonra consistem apenas em coisas que aparecem; por isso, quando podem, fazem às escondidas ou deixam de fazer por burrice. E você pode estar certo de que só é séria aquela que nunca foi cortejada por nenhum homem ou, se foi ela que cortejou, não foi correspondida. E, mesmo sabendo por razões naturais e verdadeiras que as coisas só podem ser assim, eu não falaria de modo tão absoluto, como falo, se não tivesse comprovado muitas vezes e com muitas delas. Por isso lhe digo que, se eu chegasse perto dessa sua tão santíssima mulher, acho que bem depressa conseguiria levá-la a fazer aquilo que já levei outras a fazer.

Bernabò respondeu, irritado:

– Ficar batendo boca é coisa que poderia se prolongar demais; você diria uma coisa, eu diria outra, e no fim não se chegaria a nada. Mas, como está dizendo que todas são tão fáceis, e que você tem tanto engenho, para ter certeza da honestidade da minha mulher estou disposto a permitir que me cortem a cabeça se por acaso você conseguir levá-la a fazer o que quiser; e, se não conseguir, só

quero que me pague mil florins de ouro.

Ambrogiuolo, já acalorado com a discussão, respondeu:

– Bernabò, não sei o que faria com o seu sangue, caso ganhasse; mas, se quiser ter a prova daquilo que eu já disse, aposte cinco mil florins de ouro, que devem custar menos que sua cabeça, contra mil dos meus; e, mesmo que você não imponha nenhum prazo, eu me comprometo a ir a Gênova e, dentro de três meses a partir do dia de minha partida daqui, conseguir que sua mulher faça a minha vontade, e como sinal disso, trazer comigo algumas das coisas que ela mais preza, além de indícios tão fortes e tais que você mesmo admitiria ser verdade, mas desde que você dê sua palavra de que nesse período não irá a Gênova nem escreverá nada a ela sobre o assunto.

Bernabò disse que estava de pleno acordo; e, embora os outros mercadores presentes fizessem de tudo para impedir o ato, por saberem que daquilo poderia advir um grande mal, os dois estavam com os ânimos tão acirrados que, contrariando os outros, comprometeram-se mutuamente por meio de um acordo escrito de próprio punho.

Assinado o acordo, Bernabò ficou, e Ambrogiuolo foi para Gênova o mais depressa que pôde. Permanecendo lá alguns dias, durante os quais se informou com muita cautela do nome, do lugar e dos costumes da mulher, ficou sabendo aquilo que Bernabò lhe dissera e até mais, concluindo que fora loucura o que fizera. Mesmo assim, travando conhecimento com uma mulher pobre que frequentava muito a casa e de quem a senhora gostava muito, não podendo induzi-la a outra coisa, corrompeu-a com dinheiro e se fez carregar numa arca construída segundo o seu tamanho não só para dentro da casa, como também para dentro do quarto da gentil senhora; ali a boa velha a confiou à senhora por alguns dias, como se tivesse de ir a algum lugar, tudo seguindo as instruções dadas por Ambrogiuolo.

Portanto, a arca ficou no quarto, e ao cair a noite Ambrogiuolo, percebendo que a mulher estava dormindo, abriu-a por meio de certos mecanismos e saiu em silêncio para o aposento, onde havia uma lamparina acesa. Assim, começou a observar e fixar na memória a disposição do cômodo, as pinturas e tudo o que fosse notável. Então, aproximando-se da cama e percebendo que a mulher e uma menininha que estava com ela dormiam profundamente, descobriu-a por inteiro e viu que era tão bela nua quanto vestida, mas não enxergou nenhum sinal que pudesse descrever, a não ser um que ela tinha debaixo da mama esquerda, ou seja, uma pinta ao redor da qual havia um pouco de penugem loura como ouro; depois disso, voltou a cobri-la em silêncio, se bem que, vendo-a tão bonita, teve

vontade de arriscar a vida e deitar-se ao lado dela. No entanto, como ouvira dizer que ela era tão rigorosa e severa com aquelas coisas, não se arriscou; e, ficando a maior parte da noite à vontade no quarto, pegou uma bolsa e um casaco de um cofre dela, além de alguns anéis e cintos, e, pondo tudo na arca, voltou a enfiar-se nela e a fechou tal como antes estava; e dessa maneira agiu duas noites, sem que a mulher desconfiasse de nada. Ao chegar o terceiro dia, segundo planejado, a boa velha voltou para buscar a arca e a levou de volta ao lugar onde a pegara; Ambrogiuolo saiu dela e, depois de pagar a velha conforme prometido, voltou a Paris o mais depressa possível, antes do fim do prazo combinado.

Ali, chamando os mercadores que estavam presentes à discussão e à aposta, diante de Bernabò ele disse que ganhara a aposta feita entre eles, pois realizara aquilo de que se gabara; e, para provar que era verdade, primeiro descreveu a forma do quarto e as pinturas que nele havia e depois mostrou as coisas da mulher que trouxera consigo, afirmando que as recebera dela. Bernabò admitiu que o quarto tinha a forma que ele descrevera e, além disso, que reconhecia aquelas coisas como pertencentes de fato à sua mulher; mas disse que ele poderia ter sabido por algum dos criados da casa as características do quarto e, de maneira semelhante, ter obtido as coisas; por isso, se não dissesse mais nada, achava que aquilo não era suficiente para fazê-lo vencer a aposta.

Então Ambrogiuolo disse:

– Na verdade isso deveria bastar; mas, visto que você quer que eu diga mais, direi. E digo que dona Zinevra, sua esposa, tem debaixo da mama esquerda uma pinta bem grandinha, e em torno dela há uns seis pelinhos loiros como ouro.

Quando Bernabò ouviu isso, teve a impressão de que levara uma punhalada no coração, tamanha foi a dor que sentiu; sua expressão mudou tanto que, mesmo não dizendo palavra, deu indícios manifestos de que era verdade o que Ambrogiuolo dizia; e depois de certo tempo disse:

– Senhores, o que Ambrogiuolo diz é verdade; por isso, como venceu, pode vir quando quiser e será pago.

Assim, no dia seguinte Ambrogiuolo foi inteiramente pago. E Bernabò, saindo de Paris, foi para Gênova com cruéis intenções em relação à mulher. Chegando às cercanias da cidade, não quis entrar, e, ficando a cerca de vinte milhas de distância, numa de suas propriedades, mandou a Gênova um criado seu, em quem muito confiava, com dois cavalos e cartas, nas quais dizia à mulher que voltara, e que ela viesse com o criado até onde ele estava; e ordenou ao criado, secretamente, que, chegando com a mulher a algum lugar que lhe parecesse mais apropriado, a matasse sem nenhuma misericórdia e voltasse para

lá. O criado, chegando a Gênova, entregou as cartas e fez sua embaixada, sendo recebido pela mulher com muita alegria; no seguinte pela manhã, ela montou a cavalo e, com ele, pôs-se a caminho rumo à propriedade.

Caminhando juntos e falando de várias coisas, chegaram a um valão muito profundo e ermo, cercado de altas grotas e de árvores, que o criado achou ser o lugar onde poderia executar com segurança as ordens do patrão; então puxou o punhal, segurou a mulher pelo braço e disse:

– Recomende a alma a Deus, porque a senhora daqui não deve passar, e sim morrer.

A mulher, vendo o punhal e ouvindo as palavras, disse assustadíssima:

– Piedade, pelo amor de Deus! Mas, antes de me matar, diga que ofensa lhe fiz para querer me matar.

O criado respondeu:

– Não me ofendeu em nada; mas de que modo ofendeu seu marido não sei, só sei que ele me mandou matá-la no caminho, sem nenhuma misericórdia; e, se eu não fizer isso, ele me ameaçou, dizendo que me pendura pela garganta. A senhora sabe que devo muito a ele e que não posso dizer não a nada que ele mande; só Deus sabe como tenho pena da senhora, mas não posso fazer outra coisa.

Então a mulher disse, chorando:

– Ai, piedade, pelo amor de Deus! Não queira tornar-se assassino de quem nunca o ofendeu, só para servir outra pessoa. Deus, que tudo conhece, sabe que nunca fiz nada que merecesse essa recompensa do meu marido. Mas vamos deixar isso de lado agora; se você quiser, poderá ao mesmo tempo agradar a Deus, ao seu senhor e a mim da seguinte maneira: pegue estas minhas roupas e me dê somente o seu gibão e um capuz; volte com minhas roupas àquele que é seu senhor e meu e diga que me matou; e juro, pela vida que você me dará, que me afasto e vou para algum lugar tão distante que nunca chegará notícia minha nem a ele, nem a você nem a este lugar.

O criado, que a matava bem a contragosto, facilmente se apiedou; por isso, pegou as roupas dela, deu-lhe um gibão ordinário e um capuz e, deixando-a com algum dinheiro que ela tinha, pediu-lhe que se afastasse da região e a deixou no valão a pé, indo ter com seu o senhor, a quem disse que não só tinha cumprido sua ordem, como também deixara o corpo dela entre vários lobos. Bernabò depois de algum tempo voltou para Gênova e lá, quando o fato ficou conhecido, foi veementemente recriminado.

A mulher ficou sozinha e desconsolada e, caindo a noite, disfarçou-se o mais

que pôde e foi até uma aldeia próxima; ali, conseguindo com uma velha aquilo de que precisava, ajustou o gibão às suas medidas, encurtou-o, fez calções com a blusa, cortou os cabelos e, transformada em marinheiro, foi em direção ao mar; lá, por acaso, encontrou um fidalgo catalão chamado En Cararch, que descera de uma nau sua que estava não muito longe dali para refrescar-se numa nascente de Alba.[60] Puxando conversa, acertou que trabalharia para ele e embarcou, fazendo-se chamar Sicuran de Finale. Ali, vestido com roupas melhores pelo fidalgo, começou a servir tão bem e tão adequadamente, que lhe agradou sobremaneira. Ocorre que, depois de não muito tempo, aquele catalão aportou com carga em Alexandria e levou alguns falcões-peregrinos ao sultão, para presenteá-lo. O sultão, ao convidá-lo para comer algumas vezes, vendo os costumes de Sicurano, que sempre o servia, gostou dele e o pediu ao catalão; este, apesar de sentir muito, deixou-o com o sultão.

Em pouco tempo, com seu bom trabalho, Sicurano conquistou a simpatia e a estima do sultão, tal como conquistara as do catalão. Com o passar do tempo ocorreu que, havendo em certa época do ano uma espécie de feira na qual se reunia grande número de mercadores cristãos e sarracenos em Acre[61], cidade que estava sob o poder do sultão, este, para segurança dos mercadores e das mercadorias, tinha por hábito sempre mandar ali, além de vários funcionários, alguns dos seus comandantes com homens que ficassem de guarda. Para essa tarefa, chegado o momento, o sultão decidiu mandar Sicurano, que já sabia otimamente a língua; e assim fez.

Sicurano, indo a Acre como senhor e capitão da guarda dos mercadores e das mercadorias, executava muito bem e com eficiência o que cabia ao seu cargo e ia circulando por lá a ver muitos mercadores sicilianos, pisanos, genoveses, venezianos e outros italianos, com os quais lhe agradava fazer amizade porque lhe traziam lembranças de sua terra. Ocorre que, de uma das vezes, ao descer do cavalo junto a um armazém de mercadores venezianos, deparou, entre outras joias, com uma bolsa e um cinto que ele imediatamente reconheceu como seus, o que lhe causou admiração; mas, sem mudar de expressão, perguntou gentilmente de quem eram e se queriam vender.

Estava ali Ambrogiuolo de Piacenza, chegado com muita mercadoria numa nau de venezianos, e, ao ouvir que o capitão da guarda perguntava de quem eram, adiantou-se e disse rindo:

– Essas coisas são minhas e não as vendo; mas se gostam delas, posso dá-las de bom grado ao senhor.

Sicurano, ao vê-lo rir, desconfiou que ele o tivesse reconhecido por algum

gesto; mas disse, impassível:

– Deve estar rindo por ver um soldado como eu perguntar sobre essas coisas de mulheres.

Ambrogiuolo disse:

– Não estou rindo disso, mas do modo como as ganhei.

Então Sicurano disse:

– Ah, que Deus lhe dê boa sorte, e, se não lhe for inconveniente, diga lá como as ganhou.

– Senhor – disse Ambrogiuolo –, estas coisas quem me deu, junto com algumas outras, foi uma gentil senhora de Gênova chamada Zinevra, mulher de Bernabò Lomellin, numa noite em que me deitei com ela, pedindo-me que por seu amor eu ficasse com elas. Dei risada agora porque me lembrei da parvoíce de Bernabò, que teve a insensatez de apostar cinco mil florins de ouro contra mil, achando que eu não submeteria a mulher dele aos meus desejos; pois eu fiz isso e ganhei a aposta; e ele, que deveria punir a sua própria estupidez, e não sua mulher, por ter feito o que fazem todas, ao voltar de Paris a Gênova, pelo que ouvi dizer, mandou matá-la.

Sicurano, ouvindo aquilo, logo entendeu qual fora a razão da ira de Bernabò e percebeu claramente que aquele ali era a causa de todo o seu mal; e no íntimo decidiu que não o deixaria sair impune. Por isso, demonstrou ter gostado muito da história e astutamente travou com ele estreitos laços de amizade, a tal ponto que, terminada a feira, Ambrogiuolo, seguindo seus conselhos, foi com ele e com todas as suas coisas para Alexandria, onde Sicurano o ajudou a montar um armazém e lhe pôs nas mãos muito dinheiro seu. Ambrogiuolo, vendo que estava tirando grande proveito, ali ficava de bom grado. Sicurano, empenhado em demonstrar sua inocência a Bernabò, não descansou enquanto não conseguiu trazer este último até ali, com a ajuda de alguns grandes mercadores genoveses que estavam em Alexandria, aduzindo várias razões; e Bernabò, que estava bastante pobre, foi recebido secretamente por um amigo de Sicurano, até o momento em que este achasse oportuno fazer o que pretendia.

Sicurano já fizera Ambrogiuolo contar a história diante do sultão, com o que este se divertira; mas, vendo que ali se encontrava Bernabò e que a questão não deveria ser retardada, chegado o momento oportuno, pediu ao sultão que chamasse Ambrogiuolo e Bernabò, e que, na presença de Bernabò, caso não fosse possível obter por bem de Ambrogiuolo a verdade dos fatos de que ele se gabava em relação à mulher de Bernabò, que por mal ela fosse obtida. Desse modo, quando Ambrogiuolo e Bernabò compareceram diante do sultão, este, em

presença de muitas pessoas e com expressão severa, ordenou a Ambrogiuolo que dissesse a verdade sobre o modo como ganhara de Bernabò cinco mil florins de ouro; e ali estava presente Sicurano, em quem Ambrogiuolo mais tinha confiança e que, com expressão muito mais irada, o ameaçava com terríveis tormentos caso não dissesse a verdade. Ambrogiuolo, intimidado pelos dois lados e um tanto constrangido em presença de Bernabò e de muitos outros, não esperando nenhuma outra pena além da restituição dos cinco mil florins de ouro e das coisas, contou tudo claramente, como acontecera.

E, depois que Ambrogiuolo contou, Sicurano, como representante do sultão, voltando-se para Bernabò, disse:

– E você, por causa dessa mentira, o que fez à sua mulher?

Bernabò respondeu:

– Vencido pela ira da perda do dinheiro e pela vergonha da desonra que achava ter recebido de minha mulher, ordenei a um criado meu que a matasse; e, segundo ele me contou, ela foi imediatamente devorada por muitos lobos.

Essas coisas foram assim ditas na presença do sultão, que as ouviu e entendeu todas, não sabendo ainda aonde queria chegar Sicurano, que dispusera e solicitara tudo aquilo. Então este lhe disse:

– Meu senhor pode ver claramente se essa boa mulher tem por que se gabar do amante e do marido; pois o amante ao mesmo tempo a priva da honra, mancha sua fama com mentiras e arruína-lhe o marido; e o marido, acreditando mais nas falsidades alheias do que na verdade que pudera conhecer de longa experiência, manda matá-la para que sirva de pasto a lobos; e, além disso, são tão grandes a estima e o amor que o amigo e o marido sentem por ela, que, a despeito do longo tempo passado ao lado dela, nenhum dos dois a reconhece. Mas o senhor, que sabe muito bem o que cada um deles mereceu, se tiver a bondade de me fazer uma graça especial, peço que puna o enganador e perdoe o enganado, e eu trarei essa mulher à sua presença e à deles.

O sultão, disposto a satisfazer Sicurano em tudo, disse que concordava, e que trouxesse a mulher. Com isso muito admirado ficou Bernabò, para quem era mais que certa a morte dela; e Ambrogiuolo, já adivinhando seu mal, temia algo pior do que perder dinheiro, e não sabia o que esperar ou o que mais temer da vinda da mulher, porém era maior o espanto com que esperava sua chegada.

Feita a concessão a Sicurano, este, chorando e ajoelhando-se diante do sultão, desfez-se quase ao mesmo tempo da voz masculina e do desejo de parecer homem e disse:

– Senhor, eu sou a mísera e desventurada Zinevra, que passou seis anos

vagando como homem pelo mundo, vituperada de maneira falsa e criminosa por esse traidor de Ambrogiuolo e destinada a morrer nas mãos de um criado e a ser devorada pelos lobos por ordem deste homem cruel e iníquo.

E, abrindo a parte da frente da roupa e mostrando o peito, revelou ao sultão e a todos os outros que era mulher; depois, dirigindo-se a Ambrogiuolo, perguntou-lhe colérica quando se deitara com ela, conforme ele antes se gabava. Ele, reconhecendo-a, como se tivesse emudecido de vergonha, nada dizia.

O sultão, que sempre a tivera por homem, ao ver e ouvir aquilo ficou tão admirado que várias vezes achou que o que via e ouvia era sonho, e não realidade. Mesmo assim, passado o espanto e reconhecendo a realidade, exaltou com grande louvor a vida, a constância, os costumes e a virtude de Zinevra, que até então se chamara Sicurano. E, ordenando que lhe trouxessem honrosos trajes femininos e mulheres que lhe fizessem companhia, atendendo ao pedido dela perdoou a Bernabò a merecida morte. E este, reconhecendo-a, lançou-se a seus pés chorando e pedindo perdão, e ela o perdoou bondosamente, embora ele não fosse digno, fazendo-o levantar-se e abraçando-o com ternura, como seu marido.

O sultão depois ordenou que Ambrogiuolo fosse imediatamente amarrado a um poste em algum lugar alto da cidade, exposto ao sol e lambuzado de mel, e que nunca fosse tirado de lá, até que caísse por si mesmo; e assim foi feito. Depois disso, ordenou que à mulher fosse dado tudo o que era de Ambrogiuolo, o que não era tão pouco que não valesse mais de dez mil dobrões; e, mandando preparar uma belíssima festa, homenageou Bernabò como marido da senhora Zinevra e a senhora Zinevra como valorosíssima mulher, dando-lhe em joias, em vasilhas de ouro e prata e em dinheiro o equivalente a mais de outros dez mil dobrões. E, mandando equipar uma nau, terminada a festa a eles dedicada, deu-lhes licença de voltar a Gênova quando quisessem; e para lá voltaram riquíssimos e muito alegres, sendo recebidos com muita honra, especialmente a senhora Zinevra, que todos acreditavam morta; e enquanto viveu ela foi sempre considerada mulher de grande virtude e valor.

Ambrogiuolo, no mesmo dia em que, lambuzado de mel, foi amarrado ao poste, não só morreu em meio a grande angústia pela ação de moscas, vespas e moscardos, que abundam naquelas terras, como também foi por estes devorado até os ossos, que ficaram brancos e presos aos nervos por muito tempo, sem serem retirados, como testemunhos da malvadeza daquele homem para quem quer que os visse. E foi assim que o enganador ficou aos pés do enganado.

DÉCIMA NOVELA

Paganino de Mônaco rouba a mulher de messer *Ricciardo de Chinzica, que, sabendo onde ela está, vai lá e se torna amigo de Paganino. Pede a mulher de volta, e este concorda, desde que ela queira voltar. Ela não quer voltar e, depois que* messer *Ricciardo morre, torna-se mulher de Paganino.*

Todos da leal companhia elogiaram sumamente a bela história contada pela rainha, sobretudo Dioneu, único que faltava contar sua história naquele dia. Este, depois de muitos elogios à outra, disse.

– Belas senhoras, uma parte da história contada pela rainha me fez mudar de ideia e, em vez de contar uma que eu tinha em mente, decidi contar outra; e essa parte diz respeito à imbecilidade de Bernabò (embora ele tenha se dado bem) e de todos os outros que querem acreditar naquilo em que ele mostrava crer, ou seja, que, enquanto andam pelo mundo a divertir-se com esta e com aquela, ora uma vez, ora outra, as mulheres em casa ficam com as mãos na cintura, como se nós, que nascemos, crescemos e vivemos entre elas, não soubéssemos do que gostam. E, contando essa história, mostrarei como é grande a tolice desses tais e como é ainda maior a daqueles que, achando-se mais poderosos que a natureza, com exibições fabulosas acreditam poder o que na verdade não podem e esforçam-se por arrastar os outros a ser o que eles são, embora isso não seja admitido pela natureza de quem é arrastado.

Houve, pois, em Pisa um juiz que era mais dotado de força física que de engenho, cujo nome era *messer* Ricciardo de Chinzica; este, acreditando talvez que satisfaria a mulher com os mesmos meios que usava nos estudos, como era muito rico, procurou, com não pouco empenho, uma mulher bela e jovem por esposa; coisas estas das quais, se usasse para si os conselhos que dava aos outros, deveria ter fugido. E o que quis foi feito, pois *messer* Lotto Gualandi lhe deu por esposa uma de suas filhas, chamada Bartolomea, que estava entre as mais belas e graciosas jovens de Pisa, se bem que ali poucas há que não pareçam lagartixas sarapintadas. O tal juiz levou-a para sua casa em meio a grandiosa festa e, após realizar belas e magníficas bodas, para pelo menos consumar o casamento na primeira noite conseguiu tocá-la uma só vez e pouco faltou para que nessa única vez negasse fogo; de tal modo que, pela manhã, por ser pessoa magra, seca e de pouca vitalidade, precisou de *vernaccia*[62], doces revigorantes e

outros recursos para voltar ao mundo.

Ora, esse senhor juiz, passando a avaliar suas próprias forças melhor do que fizera antes, começou a instruí-la num calendário bom para crianças de escola, que talvez tivesse sido feito em Ravena.63 Assim, segundo ele lhe ensinava, não se passava um dia que não fosse de um santo, quando não de muitos, e para reverenciá-los ele mostrava que, por diferentes razões, o homem e a mulher deveriam abster-se de certas conjunções, acrescentando a isso jejuns, quatro têmporas, vigílias de apóstolos e de mil outros santos, mais sextas-feiras, sábados e o domingo do Senhor, como também a quaresma inteira, certas posições da lua e outras muitas exceções, julgando, talvez, que convinha tirar férias de mulheres na cama, tal como às vezes fazia no ajuizamento de causas. E desse modo agiu durante longo tempo (para grande pesar da mulher, que ele tocava talvez uma vez por mês, se muito), sempre tomando conta dela, para que não acontecesse de algum outro lhe ensinar a conhecer os dias úteis, tal como ele lhe ensinara os feriados.

Um dia, fazia muito calor, *messer* Ricciardo sentiu vontade de ir passar uma temporada numa linda propriedade que tinha perto de Monte Negro e, para tomar ar fresco durante alguns dias, levou consigo sua bela mulher. Lá, para lhe proporcionar alguma recreação, ele certo dia organizou uma pescaria, a que os dois foram assistir em duas barcas: ele numa com os pescadores, e ela noutra com algumas mulheres. E, sentindo prazer naquilo, avançaram sem perceber várias milhas mar adentro. Quando estavam mais atentos a observar, apareceu uma galeota de Paganino da Mare, então famosíssimo corsário, que, ao ver as barcas, dirigiu-se até elas; mas estas não puderam fugir com rapidez e evitar que a das mulheres fosse por ele alcançada. Ao ver a bela senhora, Paganino não quis outra coisa e, ao alcance da vista de *messer* Ricciardo, que já estava em terra, ele a embarcou em sua galeota e se foi. Nem é preciso dizer como o senhor juiz, tão ciumento que tinha medo do próprio ar, ficou sentido ao ver aquilo. E em Pisa e outros lugares, queixou-se sem resultado da malvadeza dos corsários, sem saber quem lhe roubara a mulher nem para onde ela fora levada.

Paganino, vendo-a tão bela, achou tudo muito bom; e, não tendo mulher, resolveu ficar para sempre com aquela, e, como ela chorava muito, ele começou a consolá-la carinhosamente. E, chegando a noite, visto que o calendário lhe caíra do cinto e lhe escapara da memória todo e qualquer dia santo ou feriado, ele começou a consolá-la com atos, por lhe parecer que as palavras ditas durante o dia de pouco tinham adiantado; e consolou-a de tal maneira, que, antes de chegarem a Mônaco, o juiz e suas leis já tinham escapado à memória da mulher,

que começou a viver a vida mais feliz do mundo com Paganino. Este, levando-a para Mônaco, além dos consolos que lhe dava de dia e de noite, mantinha-a honrosamente como sua mulher.

Depois de certo tempo, chegando ao conhecimento de *messer* Ricciardo o lugar onde estava sua esposa, ele, ardendo de desejo e crente de que ninguém saberia fazer direito o que cabia no caso, resolveu ir pessoalmente procurá-la, disposto a gastar qualquer quantia de dinheiro em seu resgate; e, fazendo-se ao mar, foi para Mônaco, onde a viu, e ela a ele; à noite, ela o disse a Paganino, e este a informou de sua intenção. Na manhã seguinte, *messer* Ricciardo, vendo Paganino, aproximou-se e em poucas horas travou grande familiaridade e amizade com ele, ao mesmo tempo que Paganino fingia não o conhecer e esperava para ver o que ele queria. Assim, quando *messer* Ricciardo achou oportuno, revelou da melhor maneira e com a maior gentileza que pôde a razão pela qual fora ali, pedindo-lhe que ficasse com o que bem quisesse e lhe devolvesse a esposa.

A isso Paganino respondeu com expressão alegre:

– Seja bem-vindo; respondendo rapidamente, digo-lhe o seguinte: é verdade que tenho em casa uma jovem que não sei se é sua mulher ou de outro, pois não conheço o senhor e só a conheço pelo pouco tempo em que está comigo. Como o senhor me parece um homem gentil e simpático, posso levá-lo até ela, e, se for marido dela, conforme diz, tenho certeza de que o reconhecerá. Se ela disser que as coisas são como o senhor diz e se quiser ir embora com o senhor, em homenagem à sua simpatia aceitarei o que o senhor mesmo quiser me dar para o seu resgate; mas, se as coisas não forem assim, seria descortesia sua querer tirá-la de mim, pois sou jovem e posso como qualquer outro manter uma mulher, especialmente essa, que é a mais agradável das que jamais conheci.

Messer Ricciardo disse então:

– Claro que é minha mulher, e se me levar até onde ela está vai logo ver que é; ela se jogará imediatamente nos meus braços; por isso, não peço outra coisa senão isso que você mesmo propôs.

– Então vamos – disse Paganino.

Foram, portanto, à casa de Paganino; quando se encontravam em uma de suas salas, Paganino mandou chamá-la, e ela saiu vestida e arrumada de um dos quartos e foi até onde estavam Ricciardo e Paganino, mas não se dirigiu a *messer* Ricciardo de modo diferente do que teria feito a qualquer outro estranho que chegasse com Paganino. Ao ver isso, o juiz, que esperava ser recebido com muitas festas, ficou admiradíssimo e começou a dizer de si para si: “A

melancolia e o prolongada dor que senti depois que a perdi talvez tenha me transfigurado tanto que ela não me reconhece". Por isso, disse:

– Senhora, foi alto o preço daquela pescaria, pois ninguém jamais sentiu dor igual à que sinto desde que a perdi, e tenho a impressão de que não me reconhece, pois se dirige a mim com aspereza. Não está vendo que eu sou o seu *messer* Ricciardo, que aqui veio para pagar o que for solicitado por este fidalgo, em cuja casa estamos, para reavê-la e levá-la comigo; e que ele, por sua mercê, concorda em devolvê-la pelo preço que eu quiser?

A mulher, voltando-se para ele a sorrir um bocadinho, disse:

– Está falando comigo, senhor? Olhe bem se não está me confundindo, porque, quanto a mim, não me lembro de nunca o ter visto.

Ricciardo disse:

– Veja o que diz, repare bem em mim; se fizer o favor de relembrar, vai ver que eu sou o seu Ricciardo de Chinzica.

A mulher disse:

– Meu senhor, me perdoe, acho que não fica bem olhá-lo muito, como quer, já olhei bastante e sei que nunca jamais o vi.

Messer Ricciardo imaginou que ela estivesse fazendo aquilo por medo de Paganino, por não querer confessar diante dele que o conhecia; por isso, depois de algum tempo, pediu a Paganino o favor de deixá-la conversar a sós com ele no quarto. Paganino disse que concordava, desde que ele não tentasse beijá-la à força; e ordenou à mulher que fosse com ele ao quarto, ouvisse o que ele tinha para dizer e respondesse o que quisesse.

A mulher e *messer* Ricciardo foram portanto ao quarto, onde ficaram a sós, e, assim que se sentaram, *messer* Ricciardo começou a dizer:

– Ah, coração do meu corpo, doce alma minha, esperança minha, então não reconhece o seu Ricciardo que a ama mais que a si mesmo? Como pode ser isso? Estou tão desfigurado assim? Ah, meus lindos olhos, reparem pelo menos um pouco em mim.

A mulher começou a rir e, sem deixar que ele prosseguisse, disse:

– O senhor bem sabe que eu não sou assim tão desmemoriada para não lembrar que é *messer* Ricciardo de Chinzica, meu marido; mas, enquanto nós estivemos juntos, o senhor mostrou que me conhecia mal, porque, se era esperto ou é, como quer que achem, devia ter tantos conhecimentos que perceberia que eu era nova, lépida e fagueira, e portanto saberia do que as mulheres novas precisam, além de vestir e comer, mesmo que elas não digam, por vergonha; e o que é que o senhor fazia? Bem sabe. E, se gostava mais de estudo de leis que de

mulher, não devia ter uma; se bem que eu tinha a impressão de que o senhor nunca foi juiz, pois mais me parecia um pregoeiro de festas e feriados, a tal ponto conhecia essas coisas, de jejuns e vigílias. E digo que, se tivesse dado aos trabalhadores que lavraram as suas terras os mesmos feriados que impunha àquele que devia lavrar a minha rocinha, o senhor nunca teria colhido nem um só grão de trigo. Topei com esse aí, como quis Deus, piedoso defensor da minha juventude, com quem fico neste quarto, onde não se sabe o que é festa (estou falando daquelas festas que o senhor, mais devoto a Deus que a servir às mulheres, celebrava), e por essa porta também nunca passou sábado, sexta-feira ou vigília, nem quatro têmporas ou quaresma, que é tão comprida; ao contrário, de dia e de noite aqui se lavra e bate lã; e nesta mesma noite, desde que soaram as matinas[64], bem sei eu como foram as coisas, e para mais de uma vez. Por isso, pretendo ficar com ele e lavrar bastante enquanto for nova, reservando dias santos, indulgências e jejuns para a velhice; e o senhor vá-se embora em paz o mais depressa que puder e guarde quantos dias santos quiser, sem mim.

Messer Ricciardo, ouvindo essas palavras, amargava uma dor insuportável; disse, assim que ela se calou:

– Ah, doce alma minha, que palavras são essas que está dizendo? Então não tem consideração pela honra, a sua e a de sua família? Prefere ficar aqui como vadia desse aí, em pecado mortal, a estar em Pisa como minha esposa? Esse aí, quando ficar farto de você, vai expulsá-la, para sua grande vergonha; eu sempre lhe terei apreço, e, queira ou não queira, você vai ser sempre a dona da minha casa. Será que por apetite devasso e indecoroso vai deixar de lado a própria honra e me abandonar, a mim que a amo mais que minha própria vida? Ah, esperança minha querida, não fale mais assim, venha embora comigo; daqui por diante, agora que sei dos seus desejos, vou me esforçar; por isso, meu bem, mude de ideia e venha comigo, pois nunca mais senti alegria desde que você me foi roubada.

A isso a mulher respondeu:

– Da minha honra não conheço ninguém que cuide mais que eu, agora que ninguém pode fazer mais nada; antes tivesse minha família cuidado quando me deu ao senhor! E se naquele tempo não cuidou, não vou eu agora cuidar da dela; e se agora estou em pecado mortal, ou se um dia estarei em picudo morteiro, não se preocupe com isso mais que eu. E digo mais: aqui me sinto mulher de Paganino, em Pisa me sentia sua vadia, pensando se por posições da lua e esquadros de geometria devíamos nós dois fazer a conjunção dos planetas, ao passo que aqui todas as noites Paganino me abraça, me aperta e me morde, e

como ele me sova só Deus sabe. O senhor também está dizendo que vai se esforçar: para quê? Para terminar tudo empatado e levantar na marra? Sei que o senhor se tornou um bravo cavaleiro durante o tempo em que não nos vimos. Pois vá e se esforce para viver; pois dá a impressão de estar no mundo de favor, tão mirradinho e tão tristinho parece. E digo mais, que, mesmo que esse aí me largue (coisa que não parece disposto a fazer, se eu quiser ficar), não pretendo voltar nunca para o senhor, que, bem espremido não dá nem uma tigelinha de molho; e como já estive lá uma vez, amargando perdas e danos, agora vou procurar meus lucros em outras paragens. Então digo e repito que aqui não há feriado nem vigília; e aqui pretendo ficar; por isso, o mais cedo que puder, vá com Deus, se não eu grito que o senhor quer me agarrar à força.

Messer Ricciardo, vendo-se em maus lençóis e só então percebendo a loucura de ter casado com mulher jovem sendo desvigorado, saiu pesaroso e triste do quarto e disse a Paganino um monte de coisas que não valeram coisa nenhuma. Por fim, sem fazer nada, deixou a mulher e voltou a Pisa, e deu em tamanha sandice por causa da dor que, andando por Pisa, a quem quer que o cumprimentasse ou perguntasse alguma coisa nada mais respondia se não que: “O furo malvado não quer feriado”; e depois de não muito tempo morreu. Paganino, ao ser informado, sabendo do amor que a mulher tinha por ele, fez dela sua legítima esposa e, sem nunca guardarem dias santos, vigílias ou quaresma, lavraram e gozaram enquanto se aguentaram em cima das pernas. Por isso, minhas caras senhoras, a minha impressão é de que Bernabò, quando discutiu com Ambrogiuolo, estava cavalgando uma cabra ladeira abaixo.

Essa história fez o grupo rir tanto que não houve quem não ficasse com dor nos maxilares, e por unanimidade as mulheres disseram que Dioneu tinha razão, que Bernabò fora um asno. Mas, terminada a história e cessado o riso, a rainha viu que a hora já era avançada, que todos tinham contado histórias, e que chegara o fim de seu reinado; então, seguindo a ordem, tirou a guirlanda da cabeça e a pôs na de Neifile, dizendo a sorrir:

– Agora, cara companheira, seja seu o governo deste pequeno povo.

E sentou-se de novo.

Neifile enrubesceu um pouco com a honra recebida, e seu rosto parecia uma rosa viçosa de abril ou maio, tal como se mostra ao alvorecer, com os olhos bonitos e cintilantes, nada diferentes de uma estrela matutina, e um pouco abaixados. Mas, terminado o rumor cortês dos presentes, em sua alegre demonstração de aprovação à rainha, ela recobrou o ânimo e, sentando-se um pouco mais elevada que de costume, disse:

– Visto que sou rainha dos senhores, não me afastando dos costumes seguidos por aquelas que me antecederam, cujo governo todos elogiaram e obedeceram, direi em poucas palavras a minha opinião, que, se for do agrado de todos, será observada. Como sabem, amanhã é sexta-feira e, depois, sábado, dias que parecem enfadonhos a muita gente, pela comida que neles se costuma servir; ademais, a sexta-feira, por ser o dia da paixão d'Aquele que morreu por nossa vida, é digna de reverência; por isso, eu diria ser justo e decoroso que, em honra de Deus, nos dedicássemos a fazer orações, e não a contar histórias. No sábado as mulheres têm o hábito de lavar a cabeça e de tirar a poeira e a sujeira que adquiriram com o trabalho da semana que passou; muitas também costumam jejuar para reverenciar a Virgem Mãe do Filho de Deus e, daí em diante, descansar de quaisquer trabalhos para celebrar o domingo que está chegando; por isso, como nesse dia não poderemos seguir plenamente os planos que adotamos para a nossa vida, também considero que seja bom dispensar as histórias. Depois, quando já tivermos passado quatro dias aqui, se quisermos evitar o aparecimento de gente nova, considero oportuno sairmos daqui e irmos para outro lugar, que eu já pensei e providenciei. Como hoje passamos longo tempo a discorrer sobre um tema, para que tenham mais tempo de pensar e porque é melhor restringir um pouco a liberdade das histórias e falar sobre um dos muitos feitos da Fortuna, acredito que domingo, quando nos reunirmos depois da sesta, poderemos contar histórias sobre pessoas que com muito engenho tenham conquistado alguma coisa muito desejada ou recuperado algo perdido. Que sobre esse tema cada um pense em contar algo que possa ser útil ou pelo menos agradável ao grupo, sempre ressalvado o privilégio de Dioneu.

Todos elogiaram o modo de falar e a proposta da rainha, e assim ficou estatuído. Depois disso, mandou chamar seu senescal e lhe disse onde devia pôr as mesas à noite, expondo-lhe com minúcias tudo o que deveria fazer durante todo o tempo de seu reinado; feito isso, pôs-se em pé com todo o grupo e deu licença para que cada um fizesse o que mais lhe agradasse.

Assim, as mulheres e os homens tomaram o rumo de um jardinzinho e, depois de terem lá se divertido, chegando a hora do jantar, todos comeram com júbilo e prazer; quando acabaram, conforme aprouve à rainha, Emília conduziu a carola e Pampineia cantou a seguinte canção, que as outras acompanharam no refrão:

Que mulher cantará, a não ser eu,
se satisfeito está o desejo meu?

Vem, pois, Amor, razão desta alegria,
de tantas esperanças, da ventura;
que cante toda a gente,
não com suspiros, com melancolia,
pois teu prazer me dá tão só doçura,
e sim co'o fogo ardente
no qual vivo a queimar alegremente,
e a te adorar, Amor, como o meu deus.

Ante meus olhos tu puseste, Amor,
quando em teu fogo ardi por vez primeira,
um jovem sem igual,
que em galhardia, audácia e em valor
melhor não achará quem quer que queira,
nem ele tem rival:
dele me enamorei de forma tal,
que contigo ora canto, senhor meu.

E o que nisso me dá maior prazer
é querer-me ele bem como lhe quero,
Amor, graças a ti;
porque, se neste mundo o meu querer
eu tenho, no outro mundo paz espero,
pela fé que nutri
sempre por ele. Deus, que vê-me aqui
Generoso há de ser do reino seu.

Depois desta, cantaram-se outras canções, dançou-se mais e foram tocadas diversas peças. Mas, como a rainha considerasse que já era hora de ir dormir, cada um foi para seu quarto levando tochas; e, dedicando-se nos dois dias seguintes àquelas coisas que haviam sido decididas pela rainha, esperaram ansiosamente pelo domingo.

---

25 Trata-se de Henrique de Bolzano (Heinrich von Bozen), Arrigo no texto de Boccaccio. Morreu em 10 de junho de 1315. Vários cronistas contemporâneos narram os prodígios aqui mencionados por Boccaccio. (N.T.)

26 Trata-se de um instrumento de tortura, que consistia em amarrar as mãos do torturado pelas costas e atá-las a uma corda presa a um aparelho que o suspendia e soltava com violência. (N.T.)

27 Local onde os forasteiros deviam apresentar-se quando chegavam à cidade. (N.T.)
28 Que era florentino, mas tinha sido expulso de Florença. (N.T.)
29 Costumava-se rezar um pai-nosso em intenção de São Julião para obter hospitalidade e proteção nas longas viagens. (N.T.)
30 Asti era importante centro comercial da época. (N.T.)
31 Segundo a lenda, tinham sido mortos por erro do santo, que, para resgatar o crime, se tornara hospitaleiro. (N.T.)
32 Ou seja, foram enforcados. (N.T.)
33 Seria a luta entre Henrique II (1133-1189) e seu primogênito Henrique. (N.T.)
34 Provavelmente por ser habitual na época colocar duas cortinas em cada um dos três lados da cama. (N.T.)
35 Egeu. (N.T.)
36 Embarcação ligeira muito comum no tempo das cruzadas. (N.T.)
37 *Mal* + *pertugio* (*pertugio* = furo, buraco). (N.T.)
38 Partidários do poder papal, em oposição aos gibelinos, partidários da supremacia imperial germânica. (N.T.)
39 Carlos II, rei de 1285 a 1309. (N.T.)
40 Frederico II de Aragão, que reinou até 1337. (N.T.)
41 Bota-fogo. (N.T.)
42 Expulso, banido. (N.T.)
43 Aqui há referência aos espíritos da vida vegetativa, animal e racional, que, conforme se acreditava, quando a pessoa desmaiava se separavam do corpo, como ocorreria na própria morte. (N.T.)
44 Corça. (N.T.)
45 Neste parágrafo, o rapaz trata Corrado de igual para igual. Note-se pelo uso do pronome. (N.T.)
46 Boccacio repete aqui dois versos de Dante no *Purgatório* VII, 1-2: “Ma poi che l’accoglienze oneste e liete furo iterate ter e quatro volte...” *Cf.* Vittore Branca, *Giovanni Boccacio*, *Decameron* Einaudi, Turim, 1980, vol. I, p. 219, nota 2. (N.T.)
47 Aqui o tratamento volta a ser respeitoso. (N.T.)
48 Pedro de Aragão. (N.T.)
49 A forma italianizada usada por Boccaccio é Pericon da Visalgo. (N.T.)
50 Um porto do Peloponeso. Romênia indicava em geral o império do Oriente. (N.T.)
51 O original diz San Cresci, em que *cresci* é a abreviatura de Crescenzo, Crescêncio, e também a segunda pessoa do indicativo de *crescere*, portanto *cresces*, com evidente alusão fálica. (N.T.)
52 A palavra usada por Boccaccio é *sirocchia*, que a rigor significa irmã. Como ela era irmã de um deles apenas, ou seja, de Constâncio, e não de Manuel, sugere-se que o sentido da palavra aí seja de parente, opção que me pareceu mais justa. (N.T.)
53 Aigues Mortes, na Provença. (N.T.)
54 Para São Crescêncio, ver segunda nota da p. 123. A localidade de Valcava realmente existe, mas convém lembrar que a palavra significa “vale cavo”. (N.T.)
55 Com a morte do último príncipe carolíngio, em 912, Conrado, duque de Francônia, foi eleito imperador, e o império, que até então havia sido hereditário, passou a ser eletivo, ficando em mãos alemãs. (N.T.)
56 No sentido de classe. O que vem a seguir é um cânone corrente no amor cortês medieval. (N.T.)
57 Em italiano, no original: Perotto e Giannetta. (N.T.)
58 Em italiano, no original: Giachetto. (N.T.)
59 Forma popular usada propositadamente por Boccaccio. (N.T.)
60 Atual Albisola. (N.T.)
61 São João de Acre. (N.T.)
62 Um tipo de vinho branco. (N.T.)
63 Segundo consta, em Ravena havia uma igreja para cada dia do ano, e cada dia tinha um santo; as crianças consultariam com frequência o calendário para saberem se por acaso não seria feriado. (N.T.)

64 As horas canônicas do catolicismo marcavam as antigas horas de oração. São elas: matinas (antes do nascer do sol, a partir da meia-noite até as 6h), laudes (ao nascer do sol), terça (na terceira hora, às 9h), sexta (na sexta hora, às 12h), nona (na nona hora, às 15h), vésperas (ao cair da tarde, antes do anoitecer, às 18h) e completas (antes de dormir, por volta das 21h). (N.T.)

Termina a segunda jornada do Decameron. *Começa a terceira jornada, na qual, sob o governo de Neifile, se fala de quem com engenho conquistou alguma coisa muito desejada ou recuperou algo perdido.*

TERCEIRA JORNADA

A aurora já deixava de ser vermelha e começava a tornar-se laranja, com a chegada do sol, quando a rainha se levantou no domingo e fez todo o grupo levantar-se. O senescal mandara à frente, já fazia bom tempo, para o lugar de destino muitas das coisas necessárias e as pessoas que deveriam preparar o que fosse preciso e, vendo a rainha já a caminho, rapidamente mandou carregar todas as demais coisas, como se dali levantassem acampamento, e com a bagagem e o restante dos criados foi atrás das senhoras e dos senhores.

A rainha, pois, com passo lento, acompanhada e seguida pelas suas damas e pelos três rapazes, guiados pelo trinar de uns vinte rouxinóis e outras aves, tomou o rumo do ocidente por uma viela não muito palmilhada, mas cheia de relva verde e de flores, que com o surgimento do sol começavam a abrir-se; e, palrando e gracejando e rindo com o seu grupo, não tinha andado mais de dois mil passos quando, bem antes de meia terça, conduziu-os a um belíssimo e rico palácio, que ficava um tanto elevado em relação ao plano, num outeiro. Ali entrando e visitando tudo, vendo as suas grandes salas, os quartos limpos, ornados e repletos daquilo que um quarto requer, todos o louvaram sumamente e consideraram magnífico o seu proprietário. Depois, descendo e vendo seu pátio amplo e alegre, os porões cheios de ótimos vinhos e a água fresquíssima e abundante que ali brotava, elogiaram mais ainda. Depois, como que ávidos por repouso, ao se sentarem numa galeria que dominava todo o pátio, estando tudo cheio das flores que a estação oferecia e de folhagens, chegou o discreto senescal, que os recebeu e as revigorou com doces preciosos e vinhos excelentes.

Depois disso, foi aberto um jardim todo murado que ficava ao lado do palácio, e todos entraram; logo à primeira vista, acharam todo o conjunto dotado de maravilhosa beleza, para logo depois começarem a observar as suas partes mais atentamente. O jardim tinha ao redor, no meio e em vários lugares amplas alamedas, todas retas como flechas e cobertas de parreiras que davam sinais de que produziriam muita uva naquele ano; e, estando todas então floridas, espargiam pelo jardim um forte aroma que, mesclado ao aroma de muitas outras coisas que por lá recendiam, dava-lhes a impressão de estarem em meio a todas as especiarias que já nasceram no oriente; as laterais das alamedas estavam quase fechadas por jasmineiros e roseiras brancas e vermelhas; graças a isso, não só pela manhã, mas a qualquer hora em que o sol estivesse mais alto, sem ser incomodado por este, qualquer um podia andar por toda parte sob a sombra

perfumada e agradável. Seria demorado relatar quantas e quais plantas havia naquele lugar e em que ordem estavam postas, mas não havia planta louvável e adaptada aos nossos climas que ali não se achasse em abundância. No meio de tudo – coisa não menos admirável que qualquer outra que ali houvesse, aliás muito mais – havia um prado de relva miudíssima e tão verde que parecia negra, todo salpicado de mil variedades de flores e cercado por laranjeiras e limoeiros verdes e luxuriantes, que, carregados dos frutos velhos, dos novos e também das flores, não só ofertavam agradável sombra aos olhos como também prazer ao olfato. No meio do referido prado havia uma fonte de mármore alvíssimo com maravilhosas esculturas. De dentro dela, não sei se de veio natural ou artificial, através de uma estátua que ficava sobre uma coluna que se erguia no meio da fonte, brotava em direção ao céu, voltando depois a cair na límpida fonte com mavioso som, uma água tão abundante e alta que com menos água se teria girado um moinho. A água que extravasava da fonte já cheia saía do pequeno prado por um caminho oculto e, por belos regos artificiais, aparecia fora do prado e o contornava por inteiro; dali, por regos semelhantes que percorriam quase todas as partes do jardim, convergindo finalmente para um lugar no qual havia a saída do belo jardim, de lá descia límpida para a planície, mas antes de a esta chegar, com imensa força e não pequena utilidade para o proprietário, movimentava dois moinhos.

Ao verem aquele jardim, sua bela ordem, as plantas e a fonte com os regatinhos que dela saíam, foi tanto o gosto das damas e dos três jovens que todos começaram a afirmar que, se fosse possível fazer um Paraíso na terra, não saberiam dizer que forma lhe poderia ser dada senão a daquele jardim, nem conseguiam imaginar que beleza lhe acrescentar senão aquela. Percorrendo-o então, contentíssimos, fazendo lindas guirlandas com vários ramos de árvores e ouvindo bem uns vinte tipos de canto de pássaros, como se eles competissem entre si no cantar, aperceberam-se de uma beleza deleitosa que antes não tinham visto, surpreendidos que estavam pelas outras coisas: estava o jardim cheio de umas cem variedades de belos animais, e, mostrando-os uns aos outros, viram de um lado aparecerem coelhos, de outro correrem lebres, daqui surgirem corças, ali enhos pastando, e havia, além desses, mais outros vários tipos de animais inofensivos, todos à vontade, quase domesticados, a divertir-se; essas coisas somaram ainda maior prazer a todos os outros que havia.

Mas, depois de andarem bastante, ora vendo isto, ora aquilo, mandaram pôr as mesas ao redor da bela fonte e ali, depois de cantarem seis cançõezinhas e de dançarem um pouco, conforme aprouve à rainha, foram comer, quando lhes

foram servidas boas e delicadas iguarias de maneira suntuosa, bela e bem-composta, o que os deixou ainda mais alegres; então se levantaram e entregaram-se de novo ao som de cantos e danças, até que, em vista do grande calor que passou a fazer, a rainha dispôs que quem quisesse podia ir fazer a sesta. E houve os que foram e os que, vencidos pela beleza do lugar, não quiseram ir e, enquanto os outros dormiam, ali ficaram, uns a ler romances, outros a jogar xadrez ou gamão.

Mas, passada a nona hora, todos se levantaram, lavaram o rosto com água fresca e, indo para o prado, como quis a rainha, sentaram-se perto da fonte segundo o modo costumeiro e passaram a esperar a hora de contar histórias sobre o assunto proposto pela rainha. O primeiro a quem esta impôs a incumbência foi Filostrato, que começou do modo seguinte.

PRIMEIRA NOVELA

Masetto de Lamporecchio se faz de mudo e torna-se hortelão de um convento de mulheres, e estas competem para dormir com ele.

– Belíssimas senhoras, há muitos homens e muitas mulheres suficientemente tolos para acreditar que, pondo-se uma touca branca na cabeça de uma jovem e uma cogula preta em suas costas, ela deixa de ser mulher e de sentir os desejos femininos, como se, ao torná-la freira, a fizessem tornar-se de pedra; e, se por acaso ouvem algo contra essa crença, irritam-se como se tivesse sido cometido algum mal enorme e criminoso contra a natureza, não considerando nem levando em conta a si mesmos – que a plena liberdade de fazer o que querem não consegue saciar –, nem a grande força do ócio e da solidão. E também há muitos que acreditam firmemente que a enxada, a pá, a comida pesada e o desconforto privam totalmente os lavradores dos apetites concupiscíveis e os tornam grosseirões de intelecto e percepção. Mas, obedecendo à ordem da rainha e não fugindo ao tema por ela proposto, quero elucidá-los ainda mais, com uma historieta, sobre o engano das pessoas todas que têm essas crenças.

Nesta nossa região houve e ainda há um convento de mulheres com grande fama de santidade (o nome não direi, para não diminuir em nada a sua fama), onde, não faz muito tempo, não havia mais de oito mulheres e uma abadessa, todas jovens; era hortelão de sua belíssima plantação um bom homenzinho que, não se contentando com o salário, acertou as contas com o abegão das freiras e voltou para Lamporecchio, de onde era. Ali, entre outros que o acolheram alegremente, um jovem lavrador forte e robusto, chamado Masetto – que, para os moldes de um camponês, era bem-apessoado e tinha rosto bem agradável –, perguntou-lhe onde passara tanto tempo. O bom homem, cujo nome era Nuto, contou; então Masetto perguntou o que ele fazia no convento.

Nuto respondeu:

– Eu trabalhava no pomar delas, bonito e grande, e também ia de vez em quando buscar lenha no bosque, puxava água e fazia outros servicinhos desse tipo; mas as mulheres me pagavam um salário tão baixo que eu mal e mal conseguia pagar os calçados. Além disso, elas são todas novinhas e parece que têm o diabo no corpo, e não se consegue fazer nada do jeito que elas querem. Às vezes, quando eu estava trabalhando no pomar, uma dizia “Ponha isto aqui”; e a outra “Ponha aquilo aqui”; e outra me tirava a enxada da mão e dizia “Assim não

está certo”; e me amolavam tanto que eu largava o trabalho e saía do pomar; e foi assim, entre uma coisa e outra, que eu não quis ficar lá e vim embora. Aliás, o abegão delas, quando saí, disse que, se eu conhecesse alguém que fizesse aquele serviço, mandasse para ele, e eu prometi que ia mandar; mas Deus lhe dê saúde aos rins, porque não vou procurar nem mandar ninguém.

Masetto, ao ouvir as palavras de Nuto, sentiu tanta vontade de ficar com aquelas freiras que se consumia todo e, compreendendo pelas palavras de Nuto que devia ser possível conseguir algo do que desejava, mas percebendo que nada conseguiria se lhe dissesse algo, disse:

– Ah, fez muito bem em vir embora! O que vira um homem entre as mulheres? Ficaria melhor entre diabos: seis vezes em sete nem elas mesmas sabem o que querem.

Mas, depois, terminada a conversa, Masetto começou a pensar que meios deveria usar para poder ficar com elas; e, consciente de que sabia muito bem fazer aqueles serviços de que Nuto falava, não receou perder o trabalho por isso, mas temeu não ser aceito por ser muito jovem e vistoso. Assim, depois de pensar muito, imaginou: “O lugar é bem distante daqui e ninguém me conhece lá; se eu souber me fingir de mudo, sem dúvida serei aceito”. E, fixando-se nessa ideia, com um machado a tiracolo, sem dizer a ninguém aonde ia, apresentou-se no convento como pobre; ali chegando, entrou e por sorte encontrou o abegão no pátio; e, fazendo-lhe os gestos costumeiros nos mudos, deu a entender que estava pedindo comida pelo amor de Deus e que, se precisasse, lhe picaria lenha. O abegão lhe deu comida de bom grado e, depois disso, pôs à sua frente uns troncos que Nuto não pudera picar, e ele, que era fortíssimo, picou-os todos em poucas horas. O abegão, que precisava ir ao bosque, levou-o consigo e ali o fez cortar lenha; depois, pondo um asno à sua frente, com acenos o fez entender que deveria levá-lo à casa. Tudo foi muito bem executado, motivo pelo qual o abegão quis ficar mais uns dias com ele para cumprir certas tarefas necessárias. E num desses dias a abadessa o viu e perguntou ao abegão quem era. Este lhe disse:

– Senhora, é um pobre surdo-mudo que num dia desses chegou pedindo esmolas, de modo que lhe fiz um bem e mandei-o fazer muitas coisas que eram necessárias. Se ele soubesse lavrar o pomar e quisesse ficar, acho que teríamos um bom serviço, porque ele precisa, é forte e poderíamos lhe pedir o que fosse necessário; além disso, não haveria a preocupação de que ele dirigisse gracejos às suas jovens.

A abadessa disse:

– Por Deus, é verdade. Descubra se ele sabe lavrar e faça de tudo para mantê-lo; dê-lhe uns pares de sapatos, algum capuz velho e adule-o, faça-lhe agrados, dê-lhe bastante comida.

O abegão disse que o faria.

Masetto não estava muito longe, mas, fazendo de conta que varria o pátio, ouvia todas essas palavras e pensava alegre: “Se me puserem aí dentro, vou lhes lavrar o pomar como nunca ninguém lavrou”.

O abegão, vendo que ele sabia lavrar otimamente, perguntou-lhe com sinais se queria ficar ali, e ele com sinais respondeu que queria fazer o que ele quisesse; então o abegão o admitiu e lhe impôs que trabalhasse no pomar, mostrando-lhe o que tinha de fazer; depois foi cuidar das outras tarefas do convento e deixou-o ali. E, lavrando ele dia após dia, as freiras começaram a mexer com ele e a fazer-lhe gracejos, como tantas vezes se faz aos mudos, dizendo as palavras mais infames do mundo, por acharem que ele não as entendia; e a abadessa, achando talvez que lhe faltava outro membro além da língua, pouco ou nada se preocupava.

Um dia em que ele tinha lavrado muito e estava descansando, duas jovens freirinhas que andavam pelo jardim se aproximaram de onde ele estava e começaram a olhá-lo, enquanto ele fazia de conta que dormia. Então uma delas, que era um pouco mais atrevida, disse à outra:

– Se eu achasse que você guardava segredo, diria uma coisa que pensei várias vezes, e que talvez também pudesse lhe servir.

A outra respondeu:

– Pode dizer sem medo, porque eu nunca vou dizer a ninguém.

Então a atrevida começou:

– Não sei se você reparou como somos vigiadas, que aqui nunca nenhum homem ousa entrar, a não ser o abegão, que é velho, e este, que é mudo; e várias vezes ouvi de muitas mulheres que vieram para cá que todas as delícias do mundo são uma bobagem em comparação com a delícia que é a mulher estar com o homem. Por isso me veio à cabeça várias vezes experimentar com esse mudo, para saber se isso é verdade, já que com outro não posso. E ele é o melhor para isso, porque, mesmo que quisesse, não poderia nem saberia contar a ninguém. Como você vê, ele é um marmanjão bobo, que cresceu antes de ter juízo; gostaria de saber o que você acha.

– Ai – disse a outra –, que está dizendo? Você não sabe que prometemos a virgindade a Deus?

– Oh – disse a primeira –, quantas coisas lhe são prometidas todos os dias,

nenhuma cumprida! Se prometemos isso, que se encontre outra ou outras que cumpram.

A isso a companheira respondeu:

– E se engravidamos, o que vai acontecer?

A outra então disse:

– Você começa a pensar no mal antes que ele chegue; se isso acontecer, então a gente vai pensar; haverá mil maneiras de agir para que nunca ninguém saiba de nada, desde que a gente não diga nada.

Esta, ouvindo isso e tendo já mais vontade que a outra de experimentar que tipo de animal é o homem, disse:

– Está bem, como vamos fazer?

A isso a primeira respondeu:

– Como você vê, logo soa a nona; acho que as irmãs estão fazendo a sesta, só nós que não; vamos espiar por todo o pomar para ver se há alguém, e, se não houver ninguém, a única coisa que precisamos fazer é pegá-lo pela mão e levá-lo até aquela cabana onde ele se abriga da chuva. Ali, uma fica com ele lá dentro enquanto a outra monta guarda. Ele é tão bobo que vai fazer tudo o que quisermos.

Masetto estava ouvindo toda aquela conversa e, disposto a obedecer, não esperava outra coisa senão ser tomado por uma delas. Depois que olharam tudo muito bem e viram que não podiam ser avistadas de nenhum dos lados, aquela que tinha puxado conversa se aproximou de Masetto e o acordou; ele imediatamente se pôs de pé. Então ela, tomando-o pela mão com gestos aduladores, levou-o para a cabana, e ele foi, com aqueles risinhos bobos; lá, sem se fazer de rogado, cumpriu o que ela quis. E ela, que era leal companheira, depois de ter o que queria, deu seu lugar à outra, e Masetto, sempre se mostrando simplório, fazia a vontade delas. De tal modo que, antes de saírem dali, quis cada uma comprovar mais de uma vez como o mudo sabia cavalgar; depois, nas várias vezes em que conversaram, disseram uma à outra que a coisa era de fato bem deliciosa, mais até do que tinham ouvido dizer; e, aproveitando a ocasião nas horas adequadas, iam brincar com o mudo.

Ocorre que certo dia uma companheira delas, dando-se conta do fato por uma janelinha de sua cela, mostrou-o a duas outras. Primeiro decidiram ir juntas denunciar à abadessa; depois, mudando de ideia, entraram todas em acordo e se tornaram sócias da lavoura de Masetto. A estas as outras três acabaram por se juntar também, graças a diversos incidentes e em diferentes momentos. Por fim, a abadessa, que ainda não sabia dessas coisas, andando sozinha pelo jardim num

dia de grande calor, topou com Masetto escarrapachado a dormir à sombra de uma amendoeira (pois o excesso de cavalgadas noturnas fazia parecer-lhe demasiado qualquer trabalhinho diurno), e, como o vento lhe fizera a túnica voar da frente para trás, estava todo descoberto. A mulher, olhando aquilo e vendo-se sozinha, foi assaltada pelo mesmo apetite que assaltara as suas monjazinhas; e, acordando Masetto, levou-o consigo ao seu quarto, onde o manteve vários dias – enquanto as freiras se lamuriavam porque o hortelão não ia lavrar o pomar –, experimentando e reexperimentando aquela delícia que ela antes costumava reprovar nas outras.

Por fim, mandando-o a abadessa do seu quarto de volta ao dele e querendo-o muitíssimas vezes de volta e não o querendo só em parte, mas inteiro, Masetto percebeu que não poderia satisfazer tantas, e que sua mudez, se continuasse, poderia lhe acarretar grandes danos. Por isso, numa noite em que estava com a abadessa, a língua se lhe destravou, e ele começou a dizer:

– Minha senhora, ouvi dizer que um galo dá conta de dez galinhas, mas que dez homens mal e mal conseguem satisfazer uma mulher, e eu preciso servir nove; por nada deste mundo vou aguentar; pelo contrário, fiz tanto até agora que cheguei a um ponto em que não consigo fazer nem pouco nem muito; por isso, ou a senhora me deixa ir embora com Deus ou dá um jeito nessa coisa.

A mulher, ouvindo falar quem ela achava ser mudo, ficou toda aturdida e disse:

– O que é isso? Eu achava que você era mudo.

– Minha senhora – disse Masetto –, eu era mesmo, mas não de nascença, e sim por uma doença que me tirou a fala, e nesta noite, pela primeira vez, sinto que ela me foi devolvida, pelo que louvo a Deus o quanto posso.

A mulher acreditou e perguntou o que queria dizer aquilo de servir nove. Masetto contou o que acontecia. A abadessa, ao ouvir, percebeu que não havia freirinha que não fosse muito mais sabida que ela; por isso, sendo muito discreta, não deixou Masetto ir embora e manifestou às suas freiras a vontade de encontrar solução para aquilo, de modo que o convento não fosse difamado por Masetto. Como por aqueles dias morrera o abegão, as mulheres puseram-se todas de acordo e, esclarecido tudo o que fora feito por todas elas no passado, com o consentimento de Masetto combinaram que as pessoas da vizinhança deveriam acreditar que, graças às orações delas e aos méritos do santo ao qual o convento era consagrado, Masetto, que durante tanto tempo fora mudo, recobrara a fala e assim era nomeado abegão; e dividiram as tarefas dele de tal maneira que ele pôde suportá-las. E, realizando-as, gerou grande número de

mongezinhos, mas a coisa foi feita com tanta discrição que de nada se ficou sabendo, a não ser depois da morte da abadessa, quando Masetto já estava quase velho e desejoso de voltar rico para casa; coisa que ele conseguiu bem depressa quando tudo ficou conhecido.

Masetto, portanto, velho, pai e rico, sem ter trabalhado para alimentar os filhos nem para pagar suas despesas, por ter tido a astúcia de empregar bem a juventude, voltou ao lugar de onde saíra com um machado a tiracolo, afirmando que assim Cristo trata quem lhe põe chifres sobre a coroa.

SEGUNDA NOVELA

Um palafreneiro deita-se com a mulher do rei Agilulfo, Agilulfo fica sabendo e se cala; encontra-o e tosa-o; tosado, ele tosa todos os outros e assim escapa da desventura.

Terminada a história de Filostrato, durante a qual as mulheres às vezes enrubesciam um pouco e de outras vezes riam, quis a rainha que Pampineia prosseguisse. Esta, sorridente começou dizendo:

– Há pessoas tão pouco discretas no desejo de mostrar que conhecem e sentem o que não convém saber que às vezes acreditam que vão diminuir sua própria desonra castigando as culpas alheias que passaram despercebidas, mas na verdade a aumentam infinitamente; pretendo provar que isso é verdade com um exemplo contrário, belas senhoras, ao mostrar a astúcia usada por alguém cujo valor talvez fosse considerado menor que o de Masetto contra a inteligência de um rei valoroso.

Agilulfo, rei dos lombardos, tal como haviam feito seus predecessores, instalou em Pávia, cidade da Lombardia, a sede do seu reino, casando-se com Teodolinda (viúva de Autário, que também fora rei dos lombardos), mulher belíssima, sensata e honesta, mas desventurada no amor. Enquanto os negócios dos lombardos seguiam prósperos e em paz, graças à virtude e à sensatez do rei Agilulfo, um palafreneiro da referida rainha, homem de baixíssima condição no que se refere ao nascimento, mas de qualidades muito mais elevadas do que exigia tão humilde ofício, que era bem-apessoado e alto como o rei, enamorou-se desmedidamente da rainha. E, como sua baixa condição não lhe subtraíra a capacidade de saber que aquele amor não tinha o menor cabimento, sendo ajuizado como era, não o revelava a ninguém e também não ousava deixar que ela o descobrisse em seu olhar. E, embora vivesse sem nenhuma esperança de que ela viesse a agradar-se dele jamais, no íntimo se orgulhava de ter posto seus pensamentos em tão alta esfera; e, como homem que queimava em fogo amoroso, fazia com muito mais esmero que qualquer dos seus companheiros tudo o que acreditava dar satisfação à rainha. Por esse motivo a rainha, quando precisava cavalgar, preferia o palafrém de que ele cuidara a qualquer outro; e, quando isso acontecia, ele considerava ter recebido uma graça e nunca se afastava do estribo, considerando-se feliz só por poder tocar a roupa dela.

Mas aquilo que vemos com grande frequência, ou seja, à medida que a

esperança se torna menor, maior fica o amor, era o que ocorria àquele pobre palafreneiro, a quem doía muito ter de suportar o grande desejo que tão bem ocultava, não sendo ajudado por esperança alguma; e, por não poder desfazer-se daquele amor, várias vezes no íntimo deliberou morrer. E, pensando em como fazê-lo, tomou a decisão de agir de tal maneira que sua morte fosse capaz de demonstrar estar ele morrendo pelo amor que havia sentido e sentia pela rainha; e propôs-se que o modo de morrer fosse tal que por meio dele fosse possível tentar a sorte de satisfazer seu desejo no todo ou em parte. No entanto, não fez menção de dizer palavras à rainha ou de declarar seu amor em cartas, pois sabia que em vão falaria ou escreveria; mas decidiu usar um estratagema para tentar dormir com ela. E não via outro estratagema senão encontrar um meio de entrar em seu quarto como se fosse o rei, que, conforme ele sabia, não se deitava com a rainha continuamente. E, para ver de que maneira e com que trajes o rei ia ter com ela, quando ia, escondeu-se várias vezes à noite num salão do palácio, que ficava entre o quarto do rei e o da rainha; e numa daquelas noites viu o rei sair de seus aposentos envolto num grande manto, com um pequeno archote numa das mãos e um bastãozinho na outra, ir ao quarto da rainha e, sem dizer nada, bater uma vez ou duas à porta com o bastãozinho e, imediatamente, a porta ser aberta e o archote ser retirado de sua mão.

Vendo isso e vendo-o também retornar, acreditou que deveria fazer o mesmo; e, descobrindo como obter um manto semelhante ao que vira no rei, um pequeno archote e uma maceta, depois de se lavar bem num banho quente, para que o cheiro do estrume não incomodasse a rainha nem a fizesse perceber o engodo, foi com tais coisas esconder-se na sala, como costumava. E, percebendo que todos dormiam, achando que já era hora de realizar o seu desejo ou de caminhar por uma causa nobre para a desejada morte, com a pederneira e o fuzil que levara consigo fez um pouco de fogo, acendeu o seu archote, cobriu-se e envolveu-se no manto e foi até a porta do quarto, batendo duas vezes com o bastão. O quarto foi aberto por uma camareira estremunhada, e o lume foi recolhido e ocultado; então ele, sem dizer nada, atravessou a cortina, depositou o manto e deitou-se na cama em que a rainha dormia. Tomou-a com desejo nos braços e, mostrando-se nervoso (pois sabia ser costume do rei não querer ouvir nada quando estava nervoso), sem dizer palavra e sem que nada lhe fosse dito, conheceu carnalmente a rainha várias vezes. E, por mais que lhe pesasse partir, temendo que a permanência prolongada acabasse por transformar o prazer em tristeza, levantou-se, retomou o manto e o lume e, sem nada dizer, se foi, voltando à sua cama o mais depressa que pôde.

Devia ter mal e mal chegado lá quando o rei se levantou e foi ao quarto da rainha, com o que ela muito se admirou; e, enquanto ele se deitava, cumprimentando-a alegre, ela, encorajada por aquela sua alegria, disse:

– Ó meu senhor, que novidade é essa? Acabou de sair daqui ainda agorinha, depois de gozar comigo mais que de costume e já está voltando assim tão cedo? Veja só o que está fazendo.

O rei, ouvindo essas palavras, logo imaginou que a rainha fora enganada por semelhança de costumes e de pessoa, mas, sendo prudente e vendo que nem ela nem ninguém se apercebera, rapidamente decidiu que não a deixaria perceber nada. Coisa que muitos tolos não teriam feito, mas teriam dito: “Não estive aqui, quem esteve então? Como foi? Quem veio aqui?”. E daí resultariam muitas coisas, ele entristeceria injustamente a mulher e lhe daria ensejo de desejar outra vez o que já sentira; e aquilo que não poderia causar-lhe vergonha se silenciado teria sido motivo de desonra se falado.

Então o rei respondeu, perturbado mais na mente que no rosto ou nas palavras:

– Senhora, não pareço ser homem capaz de vir aqui uma vez e depois querer voltar?

A isso a mulher respondeu:

– Sim, meu senhor; mas mesmo assim eu lhe peço que atente para a sua saúde.

Então o rei disse:

– Prefiro então seguir seu conselho; desta vez me vou sem lhe dar mais incômodo.

E, tendo a alma já cheia de ira e rancor, por ver o que lhe tinham feito, retomou o manto, saiu do quarto e planejou descobrir discretamente quem fizera aquilo, imaginando que deveria ser um dos empregados e, fosse quem fosse, não poderia ter saído do alojamento. Tomando, portanto, um pequeníssimo lume numa lanterninha, encaminhou-se para um compridíssimo alojamento que havia acima das estrebarias, onde dormiam quase todos os seus empregados em diferentes leitos; e, calculando que as pulsações e os batimentos do coração daquele que fizera o que a mulher dizia, fosse ele quem fosse, ainda não estariam acalmados, em vista do prolongado afã, começou silenciosamente de uma das extremidades do aposento e foi tocando o peito de um por um, para saber se estava batendo.

Enquanto todos os outros dormiam profundamente, aquele que estivera com a rainha ainda não dormia; por isso, percebendo que o rei vinha chegando e

dando-se conta do que ele procurava, começou a ter fortes receios, de tal modo que às palpitações do cansaço somaram-se as do medo; e ele teve absoluta certeza de que o rei, se percebesse aquilo, sem demora determinaria sua morte. E, embora lhe passassem pela cabeça as várias coisas que deveria fazer, vendo que o rei não tinha arma alguma, decidiu fazer de conta que dormia e esperar o que o rei faria. O rei, depois de apalpar muitos sem encontrar o homem que julgasse ser quem procurava, chegou àquele e, descobrindo que seu coração batia com força, disse lá consigo: “É este”. Mas, não querendo que ninguém soubesse o que pretendia fazer, nada mais lhe fez além de tomar uma tesourinha que trazia consigo e tosar um pouco um dos lados de seus cabelos, que naquele tempo era costume usar muito compridos, para com aquele sinal reconhecê-lo na manhã seguinte; feito isto, saiu e voltou para seu quarto.

O palafreneiro, que entendera tudo, sendo malicioso como era, percebeu claramente por que fora assim marcado; portanto, sem nada esperar, levantou-se e, encontrando uma tesourinha – pois destas havia algumas na estrebaria para o serviço dos cavalos – foi passando por todos os que estavam deitados no alojamento e cortando de modo idêntico os cabelos de todos acima das orelhas; feito isso, sem que ninguém o ouvisse, voltou a dormir.

O rei, levantando-se pela manhã, ordenou que, antes de se abrirem as portas do palácio, todos os seus empregados comparecessem diante dele; e assim foi feito. E, estando todos postados à sua frente, sem nada usarem sobre a cabeça, ele começou a observar, para reconhecer quem fora por ele tosado; e, vendo que a maioria deles estava com os cabelos cortados do mesmo modo, admirou-se e disse de si para si: “Esse que estou procurando, embora seja de baixa condição, mostra ter alta perspicácia”. Depois, entendendo que sem escândalo não poderia ter o que buscava, disposto a não granjear por pequena vingança uma grande vergonha, contentou-se com uma única frase para adverti-lo e demonstrar-lhe que percebera; e, dirigindo-se a todos, disse:

– Quem fez isso não faça nunca mais, e vão com Deus.

Um outro teria desejado submetê-los a estrapadas, torturas, investigações e interrogatórios; e, ao fazê-lo, teria posto a descoberto aquilo que cada um deve procurar encobrir; e, pondo-se a descoberto, mesmo que se vingasse inteiramente, não teria diminuído, e sim aumentado, a sua vergonha e maculado a honestidade de sua mulher. Aqueles que ouviram tal frase admiraram-se e passaram muito tempo indagando entre si o que o rei tinha desejado dizer com ela; mas não houve ninguém que a entendesse, a não ser aquele a quem ela dizia respeito. E este, que era sabido, enquanto o rei viveu nunca revelou nada e nunca

mais pôs a vida em risco com um ato semelhante.

TERCEIRA NOVELA

Com a aparência de confissão e de consciência puríssima, uma mulher apaixonada por um jovem induz um frade severo, sem que ele perceba, a encontrar maneira de satisfazer inteiramente os seus desejos.

Pampineia já se calava, a ousadia e a astúcia do palafreneiro haviam sido louvadas por muitos deles, assim como a sensatez do rei, quando a rainha, dirigindo-se a Filomena, ordenou-lhe que prosseguisse; por isso, Filomena começou a falar graciosamente.

– Pretendo contar-lhes o modo como uma bela mulher burlou um solene eclesiástico, coisa que agrada a todo secular, sobretudo porque aqueles, que na maioria das vezes são parvos e dados a maneiras e costumes extravagantes, acham que valem e sabem mais que os outros, ao passo que valem muitíssimo menos, pois, por fraqueza de ânimo, não têm meios de sustentar-se como os outros homens e refugiam-se onde possam ter o que comer, como o porco. Contarei essa história, agradáveis senhoras, não só para observar o tema proposto, como também para adverti-las de que os eclesiásticos, aos quais nós, que somos excessivamente crédulas, damos muita fé, também podem ser, e são de fato, às vezes logrados, não por homens, mas por alguma de nós, com grande astúcia.

Em nossa cidade, que é mais cheia de trapaças que de amor ou fé, não faz muitos anos houve uma mulher cortês, ornada de beleza e bons costumes e dotada pela natureza de nobreza de ânimo e sutil engenho como nenhuma outra, cujo nome, embora eu saiba, não pretendo revelar, assim como nenhum outro que a esta história pertença, pois algumas dessas pessoas ainda estão vivas e por isso se encheriam de indignação, embora sejam coisas que devam ser superadas com riso.

Esta, vendo que era de alta linhagem e estava casada com um artífice da lã, não conseguindo desarmar-se do desdém por sua condição de artífice, achando que nenhum homem de baixa condição, ainda que riquíssimo, seria digno de uma fidalga, e vendo que ele, apesar de toda a riqueza, não era capaz de nada além de distinguir uma mescla, mandar urdir um tecido ou discutir sobre o fio com uma fiandeira, propôs-se não querer seus abraços de maneira alguma, a não ser quando não pudesse recusá-los, e, para sua satisfação, encontrar alguém que lhe parecesse mais digno de tais coisas que o artífice. E apaixonou-se por um

valoroso homem de meia-idade, a tal ponto que no dia em que não o visse não conseguia passar a noite sem tristeza. Mas o bravo homem, não o percebendo, em nada se preocupava; e ela, que era muito astuta, não ousava levá-lo a sabê-lo nem por intermediação de mulher nem por envio de carta, temendo os possíveis perigos que pudessem advir disso.

E, percebendo que ele estava frequentemente em companhia de certo eclesiástico que, embora tolo e grosseiro, tinha vida santíssima e por isso era tido por quase todos como bravíssimo frade, considerou que este seria um ótimo intermediário entre ela e o seu amado; e, depois de pensar de que modo agiria, foi em hora oportuna à igreja onde ele ficava e, mandando chamá-lo, disse que, se lhe fazia o favor, queria com ele confessar-se.

O frade, vendo-a e considerando-a fidalga, ouviu-a de bom grado; depois da confissão ela disse:

– Padre, preciso recorrer ao senhor para pedir ajuda e conselho naquilo que vai ouvir. Sei, pois eu mesma lhe disse, que conhece minha família e meu marido, e este me ama mais que à sua própria vida, e não há nada que eu queira que ele não me dê imediatamente, pois é riquíssimo e pode fazer isso, motivo pelo qual eu o amo mais que a mim mesma; e, se eu porventura pensasse, já nem digo se fizesse, alguma coisa que contrariasse a honra e a vontade dele, não haveria culpada mais digna do fogo que eu. Mas há um homem, na verdade não sei o nome dele, parece pessoa de bem e, se não engano, está sempre com o senhor, bonito e alto, sempre vestido de cor escura bem séria, que, talvez não percebendo que o meu modo de pensar é esse que eu lhe disse, parece ter resolvido me assediar, pois não posso sair à porta e à janela, nem sair de casa, sem que ele imediatamente me apareça pela frente; e muito me admira que agora não esteja aqui; fato que muito me entristece, porque os comportamentos desse tipo muitas vezes tornam as mulheres honestas e sem culpa alvo de condenação. Até me veio à cabeça pedir a meus irmãos que falassem com ele, mas depois refleti que os homens às vezes dão recados de um modo que as respostas que se seguem são ruins, e daí surgem certas palavras e das palavras se chega às vias de fato; por isso, para não provocar males e escândalos, fiquei calada e decidi falar no assunto com o senhor, e não com outra pessoa, tanto porque me parece que ele é seu amigo quanto porque lhe compete repreender não só amigos como também estranhos por essas coisas. Por isso lhe peço só pelo amor de Deus que o senhor o repreenda e solicite que não se comporte mais assim. Há muitas outras mulheres talvez dispostas a essas coisas, que hão de gostar de ser olhadas e admiradas por ele, mas a mim isso aborrece muito, pois sou uma pessoa que não

está disposta a essas coisas de jeito nenhum.

E, dito isso, como se quisesse chorar, abaixou a cabeça.

O santo frade logo entendeu que ela estava falando daquele de quem realmente falava e, elogiando muito aquelas suas boas disposições, por acreditar piamente na verdade do que ela dizia, prometeu-lhe obrar de tal modo que a referida pessoa não a incomodaria mais; e, sabendo-a muito rica, louvou suas obras de caridade e as esmolas que dava e passou a lhe expor suas próprias necessidades.

Então a mulher disse:

– Peço-lhe que o faça por Deus; e, se ele por acaso negar, diga-lhe com firmeza que fui eu quem lhe contou essas coisas e delas se queixou.

Assim, feita a confissão e passada a penitência, lembrando-se dos incentivos dados pelo frade em relação às esmolas, encheu-lhe sorrateiramente a mão de dinheiro, pediu-lhe que rezasse missas pela alma dos seus mortos, levantou-se de junto dos pés dele e voltou para casa.

Não muito tempo depois, como era costume, o bravo homem foi ter com o santo frade, e, tendo ambos conversado sobre uma coisa e outra, o frade o chamou à parte e, com modos bastante corteses, repreendeu-o por cortejar e olhar a mulher, tal como acreditava que ele fizesse, pelo que ela o levara a entender. O bravo homem se admirou, pois nunca a olhara com insistência e raríssimas vezes passava diante da casa dela, e começou a querer desculpar-se; mas o frade não o deixou falar e lhe disse:

– Não faça de conta que está admirado nem gaste palavras negando, porque não pode; não fiquei sabendo dessas coisas por vizinhos; foi ela mesma que me contou, queixando-se muito de você. E, se em você essas bobagens não caem bem, digo-lhe o mesmo dela, pois, se já conheci alguém avesso a tais tolices, essa pessoa é ela; por isso, por sua honra e para consolo dela, peço que se abstenha e a deixe em paz.

O bravo homem, mais esperto que o santo frade, não tardou muito a compreender a sagacidade da mulher e, dando algumas mostras de estar envergonhado, disse que daí por diante não faria mais aquilo; e, despedindo-se dele, foi para os lados da casa da mulher, que sempre estava atenta junto a uma janelinha, vendo se o avistava, caso por ali passasse. Ela, vendo-o chegar, mostrou-se tão alegre e graciosa, que ele percebeu claramente ter compreendido a verdade pelas palavras do frade; e a partir daquele dia, usando de astúcia, para prazer seu e gáudio e consolo da mulher, continuou passando por aquele lugar, fazendo de conta que movido por alguma razão.

Mas a mulher, percebendo depois de algum tempo que agradava ao homem tanto quanto ele a ela, desejando deixá-lo mais inflamado e dar-lhe certeza do amor que sentia por ele, escolheu o lugar e o momento oportunos e voltou a falar com o santo frade; então, sentando-se aos pés dele na igreja, começou a chorar.

O frade, vendo aquilo, perguntou-lhe piedosamente que novidades trazia.

A mulher respondeu:

– Padre, as novidades que tenho nada mais são que daquele seu amigo amaldiçoado por Deus, de quem já me queixei no outro dia, pois acho que ele nasceu só para o meu tormento e para me levar a fazer uma coisa que não me deixará nada feliz, e depois da qual nunca mais vou ousar vir aqui me sentar a seus pés.

– Como! – disse o frade. – Ele não parou de molestá-la?

– Claro que não – disse a mulher. – Ao contrário, depois que me queixei com o senhor, parece que por despeito, talvez por levar a mal que eu tenha me queixado, para cada vez que ele costumava passar pela minha casa acho que começou a passar sete. E quisera Deus que se contentasse em passar por lá e me olhar, mas é tão atrevido e descarado, que ontem mesmo me mandou lá em casa uma mulher com histórias e lorotas e, como se eu não tivesse bolsas e cintos, mandou uma bolsa e um cinto; tomei e tomo ainda essas coisas tão a mal, que, se não fosse pelo escândalo e por sua estima, eu teria feito o diabo, mas depois me acalmei e não quis fazer nem dizer nada antes de falar com o senhor. Além disso, eu já tinha devolvido a bolsa e o cinto à mulherzinha que os havia levado, para que ela os entregasse a ele, e já a tinha despedido com maus modos, quando receei que ela ficasse com as coisas e dissesse a ele que eu as aceitara, como sei que fazem às vezes; então a chamei de volta e, com muita raiva, peguei tudo da mão dela e trouxe para o senhor, para que o senhor devolva e diga que não preciso das coisas dele porque, graças a Deus e ao meu marido, tenho tantas bolsas e tantos cintos que daria até para me afogar neles. Depois disso, peço-lhe desculpas como se fosse meu pai, mas se ele não parar com isso, vou contar tudo ao meu marido e aos meus irmãos, aconteça o que acontecer, pois acho muito melhor que ele seja injuriado, se for o caso, do que eu ser difamada por causa dele; padre, tenho dito.

Então, ainda chorando muito, tirou de baixo do manto uma linda e rica bolsa com um cintinho gracioso e caro, e jogou-os no regaço do frade. Este, acreditando plenamente no que a mulher dizia, muito irado, disse:

– Filha, não me admira que essas coisas a deixem aflita, nem a repreendo por isso; mas peço-lhe encarecidamente que siga meu conselho. Eu o repreendi no

outro dia, e ele não cumpriu o que me prometeu: então, por causa daquilo e do que fez recentemente, vou lhe dar uns belos puxões de orelha, de modo que ele não a incomode mais; e você, com a bênção de Deus, não se deixe vencer pela ira a ponto de contar a algum dos seus, pois disso poderia lhe resultar muito mal. Também não tema que tais coisas lhe acarretem alguma difamação, porque sempre darei diante de Deus e dos homens inabalável testemunho de sua seriedade.

A mulher deu mostras de consolar-se um pouco e, mudando de assunto, por ser alguém que conhecia a ganância dele e dos outros, disse:

– Padre, estas últimas noites meus pais têm me aparecido muito; parece que estão sofrendo demais e não pedem outra coisa senão esmolas, principalmente minha mãe, que me parece tão aflita e sofredora, que dá dó de ver. Acho que ela está muito pesarosa por me ver nesta atribulação daquele inimigo de Deus, por isso eu gostaria que o senhor rezasse pela alma deles as quarenta missas de São Gregório e fizesse as suas orações, para que Deus os tire daquele fogo atormentador.

E assim dizendo, pôs um florim na mão dele.

O santo frade tomou-o feliz e, com boas palavras e muitos exemplos, confirmou a devoção dela, deu-lhe a bênção e a dispensou.

Depois que a mulher foi embora, sem perceber que estava sendo logrado, o frade mandou chamar o amigo; este atendeu e, vendo-o nervoso, logo se deu conta de que teria notícias da mulher e esperou o que o frade diria. Este, repetindo as palavras que dissera das outras vezes e falando de novo com aspereza e preocupação, repreendeu-o muito pelas coisas que, segundo a mulher, ele teria feito. O bravo homem, que ainda não entendia aonde o frade queria chegar, negava tibiamente ter mandado a bolsa e o cinto, para que o frade não deixasse de acreditar naquilo, caso a mulher lhos tivesse dado.

Mas o frade disse com veemência:

– Como pode negar, malvado? Aqui estão: ela mesma me entregou, chorando; veja se reconhece!

O bravo homem, mostrando estar muito envergonhado, disse:

– Claro, sim, reconheço e confesso que fiz muito mal, e juro que, já que ela tem essa disposição, nunca mais o senhor vai ouvir nenhuma palavra sobre isso.

Então foram muitas as palavras; no fim, o frade ingênuo deu a bolsa e o cinto ao amigo e, depois de o advertir e de lhe pedir que não se ocupasse mais com aquelas coisas, ouviu sua promessa de que não o faria e o dispensou. O bravo homem, felicíssimo por ter certeza do amor da mulher e pelo belo presente,

assim que se despediu do frade foi a um lugar onde, sagazmente, deu a perceber à mulher que tinha ambas as coisas; o que a deixou muito contente, principalmente por lhe parecer que seu plano ia cada vez melhor. Assim, para pôr a obra em execução, não esperava outra coisa, senão que o marido fosse para algum lugar; e, de fato, não muito tempo depois ele precisou ir para Gênova por alguma razão.

Assim que ele montou a cavalo pela manhã e partiu, a mulher foi ter com o santo frade e, depois de muita reclamação, disse chorando:

– Padre, eu lhe digo que já não aguento mais; mas, como no outro dia prometi que não faria nada antes de vir falar com o senhor, vim agora pedir desculpas e, para que o senhor acredite que tenho razão de chorar e de me queixar, quero contar o que o seu amigo, aliás, o diabo do inferno, me fez hoje de manhã, pouco antes das matinas. Não sei por qual azar ele ficou sabendo que o meu marido foi ontem de manhã para Gênova, e eis senão que hoje de manhã, na hora que eu disse, ele entrou no meu jardim e por uma árvore foi até a janela do meu quarto, que dá para o jardim, e já tinha aberto a janela e estava querendo entrar no quarto, quando acordei e logo me levantei e já tinha começado a gritar e teria mesmo gritado se ele, que ainda não tinha entrado, não tivesse pedido piedade em nome de Deus e do senhor, dizendo quem era; então eu, ouvindo isso, me calei por amor ao senhor e, nua como nasci, corri e lhe fechei a janela na cara, e acho que se foi em má hora, porque não o vi mais. Ora, diga o senhor se isso é bonito e pode ser tolerado; quanto a mim, não pretendo suportar mais; aliás, já aguentei muitas por consideração ao senhor.

O frade, ouvindo isso, ficou irado como ninguém e, não sabendo o que dizer, perguntou-lhe várias vezes se o tinha reconhecido de fato, se não era outra pessoa.

A isso a mulher respondeu:

– Louvado seja Deus, se não sei distingui-lo de outro! Digo que era ele, e, se ele negar, não acredite.

– Filha, aqui não há o que dizer, a não ser que foi atrevimento demais e um mal muito grande o que ele fez, e você fez o que devia, mandando-o embora como mandou. Mas quero lhe fazer um pedido: já que Deus a protegeu da desonra, visto que já duas vezes seguiu meu conselho, peço-lhe que o siga também desta vez, ou seja, que não se queixe a nenhum parente e deixe que eu trate do assunto; vamos ver se posso refrear aquele diabo desatinado, que eu achava que era santo; e, se eu conseguir fazê-lo deixar dessa estupidez, tudo ficará bem; se não conseguir, a partir de então, com a minha bênção, dou-lhe

licença para fazer o que o seu coração achar melhor.

– Pois bem – disse a mulher –, por esta vez não quero deixá-lo irritado nem desobedecer; mas dê um jeito para que ele pare de me perturbar, e lhe prometo que não volto mais aqui por esse motivo.

E, sem mais dizer, como se estivesse nervosa, despediu-se do frade.

Nem bem a mulher saíra da igreja, chegou o bravo homem e foi chamado pelo frade, que, num particular, lhe disse as maiores ofensas jamais ditas a um homem, chamando-o desleal, perjuro e traidor. Este, que já duas outras vezes percebera o que comportavam as repreensões do frade, ficou atento e, dando respostas perplexas, foi fazendo-o falar; primeiramente disse:

– Por que essa cólera, meu senhor? Por acaso crucifiquei Cristo?

A isso o frade respondeu:

– Veja esse desavergonhado o que está dizendo! Fala como se já se tivesse passado um ano ou dois, e o tempo tivesse feito esquecer as suas malvadezas e desonestidades. Será que de hoje de manhã até agora lhe escapou da memória a injúria que cometeu contra outrem? Onde esteve hoje pouco antes de amanhecer?

O bravo homem respondeu:

– Não sei onde estive; mas o recado lhe chegou bem cedo.

– É verdade – disse o frade –, que recebi o recado; e percebo que você achou que aquela senhora ia lhe abrir os braços só porque o marido dela não estava. E vossa *merxê,* que homem honesto! Virou passeador noturno, abridor de jardins e trepador de árvores. Acha que com esse descaramento vai vencer a santidade daquela senhora, subindo de noite pelas árvores até a janela dela? Nada no mundo é mais desagradável para ela do que você; mas continua tentando. Na verdade, sem contar que ela demonstrou isso muitas coisas, e você mesmo se desculpou quando ouviu minha repreensão. Mas quero dizer o seguinte: até agora, não pelos seus belos olhos, mas por causa dos meus pedidos, ela não contou a ninguém o que você anda fazendo; mas não vai mais ficar calada: eu lhe dei licença de fazer o que bem quiser se você lhe causar mais alguma contrariedade. O que você vai fazer se ela contar aos irmãos?

O bravo homem, compreendendo muito bem o que devia fazer, acalmou o frade como melhor soube e pôde, valendo-se das mais amplas promessas; despediu-se dele e, na madrugada da noite seguinte, entrou no jardim, trepou na árvore e, encontrando a janela aberta, entrou no quarto e, assim que pôde, caiu nos braços da bela mulher. E ela, que com tanto desejo o esperara, recebeu-o alegre, dizendo:

– Sou muito agradecida ao senhor frade, que lhe ensinou tão bem o caminho até aqui.

Depois, trocando carícias, falando e rindo muito da simplicidade do frade tolo, criticando rocadas, pentes e cardas[65], divertiram-se e deleitaram-se juntos.

E, organizando as coisas, dispuseram tudo de tal modo que, sem precisarem voltar ao senhor frade, puderam encontrar-se muitas outras noites com igual alegria; e rogo a Deus, em sua santa misericórdia, que logo proporcione coisas tais a mim e a todas as almas cristãs que o queiram.

QUARTA NOVELA

Dom Felice ensina a irmão Puccio como se tornar bem-aventurado fazendo uma penitência; irmão Puccio a faz, e dom Felice nesse ínterim diverte-se com a mulher dele.

Depois que Filomena terminou sua história e se calou, Dioneu usou palavras doces para elogiar o engenho da mulher e também a prece que Filomena fizera no fim; a rainha, rindo, olhou para Pânfilo e disse:

– Agora, Pânfilo, continue o nosso divertimento com alguma historinha agradável.

Pânfilo logo respondeu que o faria de bom grado e começou:

– Senhora, muita gente, esforçando-se para ir ao paraíso, sem querer acaba por mandar outra pessoa para lá; foi o que ocorreu a uma vizinha nossa, não faz ainda muito tempo, como poderão ouvir.

Segundo ouvi dizer, perto do convento de São Pancrácio havia um homem bondoso e rico, chamado Puccio di Rinieri, que, passando a dedicar-se totalmente às coisas do espírito, tornou-se terciário da ordem de São Francisco e veio a ser chamado irmão Puccio. Prosseguindo nessa sua vida religiosa, frequentava muito a igreja, pois tinha por família apenas a mulher e uma criada e não precisava dedicar-se a nenhum ofício. E, sendo homem ignorante e de natural grosseiro, rezava seus padres-nossos, ia às pregações, assistia às missas e não havia laudes nas quais os seculares cantassem em que ele não estivesse; jejuava e usava a disciplina; e corria à boca pequena que era dos flagelantes.[66] A mulher, que se chamava *monna* Isabetta, jovem ainda, de vinte e oito a trinta anos, viçosa, bela e roliça, mais parecendo uma maçã casolana[67], em virtude da santidade e talvez da velhice do marido fazia frequentemente dietas muito mais longas do que desejaria; e, sempre que queria dormir ou, quem sabe, brincar com o marido, este lhe contava a vida de Cristo, as pregações de frei Anastácio ou o lamento de Madalena e coisas desse gênero.

Voltou naqueles tempos de Paris certo monge chamado dom Felice, conventual de São Pancrácio, que era jovem e bem-apessoado, tinha engenho agudo e profunda ciência; com ele irmão Puccio travou estreita amizade. Visto que dom Felice resolvia muito bem todas as suas dúvidas e, ao conhecer sua condição, dava-lhe mostras de ser santíssimo, irmão Puccio começou a levá-lo às vezes à sua casa para almoçar e jantar, conforme viesse ao caso; e sua mulher

também, por amor a irmão Puccio, tornara-se sua amiga e de bom grado fazia as honras da casa. Portanto, indo continuamente à casa de irmão Puccio e vendo a mulher tão viçosa e roliça, dom Felice deu-se conta de qual era a coisa de que ela sentia mais falta e achou que, para poupar trabalho a irmão Puccio, talvez pudesse suprir essa falta. E, olhando-a com insistência e astúcia uma e outra vez, tanto fez que na mente dela se acendeu o mesmo desejo que ele tinha. O monge, percebendo-o, assim que se apresentou a primeira ocasião, falou com ela sobre a sua vontade. Mas, embora a encontrasse disposta a dar execução à obra, não havia como, pois ela não confiava em lugar nenhum do mundo para estar com o monge a não ser em sua casa; e em sua casa não era possível, pois irmão Puccio nunca saía da cidade; e isso deixava o monge muito triste. Depois de muito tempo, ele pensou num modo de ficar com a mulher em sua casa sem levantar suspeitas, apesar de irmão Puccio estar em casa.

Certo dia, em que irmão Puccio foi ter com ele, disse-lhe o seguinte:

– Já percebi várias vezes, irmão Puccio, que o que você mais deseja é tornar-se santo, mas acho que para isso pegou um caminho longo, ao passo que existe um muito curto, que o papa e os seus outros grandes prelados conhecem e usam, mas não querem que se torne conhecido, pois a ordem clerical, que vive sobretudo de esmolas, logo seria desfeita, porque os seculares deixariam de sustentá-la com esmolas ou outras coisas. Mas, a você, que é meu amigo e tem me recebido muito bem, se eu tivesse certeza de que não o revelaria a nenhuma pessoa do mundo e que gostaria de segui-lo, eu ensinaria.

Irmão Puccio, desejando demais aquilo, começou pedindo com muita insistência que o outro o ensinasse, depois passou a jurar que nunca contaria a ninguém, a não ser que o outro quisesse, e a afirmar que, se fosse algo que ele pudesse seguir, por certo se empenharia.

– Já que você promete – disse o monge –, vou mostrar como é. Fique sabendo que os santos doutores afirmam que quem quiser ser bem-aventurado deverá fazer a penitência que você vai aprender; mas entenda muito bem: não estou dizendo que depois da penitência você não vai ser pecador como é, mas sim que os pecados que tiver até a hora em que a penitência for feita serão todos purgados e perdoados em virtude dela; e os que você cometer depois não contarão para a sua danação, mas serão levados pela água benta, como agora são os veniais. Portanto, o principal é confessar seus pecados com grande empenho quando for começar a penitência; depois, deve começar um jejum e uma abstinência muito grande, que devem durar quarenta dias, durante os quais não só não pode tocar mulher que não seja sua, como também não pode tocar a sua

própria. Além disso, é preciso ter em casa algum lugar de onde à noite possa ver o céu, e na hora das completas ir para esse lugar e ali ter uma tábua muito larga, posta de tal modo que, ficando você em pé, possa nela apoiar os rins e, mantendo os pés no chão, estender os braços em forma de crucifixo; se quiser apoiar os braços em algum taruguinho, pode apoiar; e, dessa maneira, olhando para o céu, precisa ficar sem se mexer nem um pouco até as matinas. Se você fosse literato, durante esse tempo precisaria fazer certas orações que eu lhe daria; mas, como não é, poderá rezar trezentos padres-nossos e trezentas ave-marias em reverência à Trindade e, olhando para o céu, sempre ter em mente que Deus foi criador do céu e da terra, bem como a paixão de Cristo, ficando daquele jeito que ele ficou na cruz. Depois, quando soarem as matinas, se quiser, pode ir vestido mesmo jogar-se na cama e dormir: e, na manhã seguinte, é preciso ir à igreja para assistir pelo menos a três missas e rezar cinquenta padres-nossos e outras tantas ave-marias; em seguida, cumprir com simplicidade alguns afazeres, se tiver algum, almoçar, e depois estar na igreja pela hora das vésperas e ali fazer certas orações que lhe darei por escrito, sem as quais não se pode passar; a seguir, na hora das completas, voltar àquilo que foi dito. Fazendo isso, como eu já fiz, espero que, antes do fim da penitência, você sinta algo da maravilhosa beatitude eterna, se tiver feito tudo com devoção.

Irmão Puccio disse então:

– Não é coisa pesada nem longa demais, e deve dar muito bem para fazer; por isso, em nome de Deus, quero começar domingo.

Depois que se despediu e foi para casa, contou tudo à mulher, minuciosamente, com a licença dele, claro. A mulher entendeu muitíssimo bem o que o monge queria dizer com a história de ficar parado imóvel até de madrugada; por isso, achando muito boa ideia, disse que esse benefício ou qualquer outro que ele fizesse por sua alma a deixava contente, e, para que Deus tornasse proveitosa a penitência, ela queria jejuar com ele, mas fazer as outras coisas, não.

Estando os dois, portanto, de acordo, no domingo irmão Puccio começou sua penitência, e o senhor monge, tendo tudo combinado com a mulher, em hora na qual não pudesse ser visto ia jantar com ela na maioria das noites, sempre levando consigo boas coisas para comer e beber; depois, deitava-se com ela e ficava até a hora das matinas, quando se levantava e ia embora; então irmão Puccio voltava para a cama. O lugar que irmão Puccio escolhera para a sua penitência ficava ao lado do quarto em que a mulher dormia, sendo dele separado por nada mais que uma estreitíssima parede; por isso, como o senhor

monge traquinava desbragadamente com a mulher, e ela com ele, irmão Puccio achou que havia sentido algum remeximento no assoalho da casa; por isso, tendo já rezado cem dos seus padres-nossos, parou e chamou a mulher sem se mexer, perguntando-lhe o que estava fazendo. A mulher, que era muito brincalhona, talvez cavalgando sem sela a montaria de São Bento ou mesmo de São João Gualberto, respondeu:

– Puxa vida, marido, eu me meneio quanto posso.

Então irmão Puccio disse:

– Como se meneia? Que quer dizer esse menear?

A mulher, que era faceta e sabida, rindo e talvez tendo por que rir, respondeu:

– Como não sabe o que quer dizer? Eu mesma ouvi dizer mil vezes: quem vai dormir sem ceia, toda a noite se meneia.

Irmão Puccio acreditou que o jejum que ela lhe dizia fazer fosse motivo de não dormir, e que por isso se mexia na cama; portanto, disse-lhe de boa-fé:

– Mulher, bem que eu lhe disse: não faça jejum; mas, já que quis fazer, não pense mais nisso, pense em descansar; você se vira tanto na cama que faz tudo se mexer.

Então a mulher disse:

– Não se preocupe, não; eu sei muito bem o que estou fazendo; faça bem o seu, que eu faço bem o meu, se puder.

Irmão Puccio então ficou quieto e retomou seus pais-nossos; e a mulher e o senhor monge arrumaram uma cama em outro lugar da casa e, a partir daquela noite, enquanto durou o tempo de penitência de irmão Puccio, passaram a fazer nela a sua animada festa; depois, enquanto o monge ia embora, a mulher voltava à sua cama e, pouco depois, irmão Puccio acabava a penitência e também ia para lá. Continuando dessa maneira a penitência de irmão Puccio e o divertimento da mulher com o monge, várias vezes ela disse brincando a este último:

– Você manda irmão Puccio fazer penitência, e quem ganha o paraíso somos nós.

E, achando que estava tudo muito bom, a mulher, que durante tanto tempo fora obrigada pelo marido a fazer dieta, ficou tão acostumada com a comida do monge que, mesmo depois de terminada a penitência de irmão Puccio, encontrou um jeito de comer com ele em outro lugar e por muito tempo divertiu-se discretamente.

Então, para que as últimas palavras não sejam discordantes das primeiras, pode-se dizer que irmão Puccio, enquanto fazia penitência acreditando que ganharia o paraíso, dava-o ao monge, que lhe mostrara o caminho para lá chegar

mais depressa, e à esposa, que com ele passava grande necessidade daquilo que o senhor monge, muito misericordioso, lhe deu em abundância.

QUINTA NOVELA

Garrido[68] *dá um palafrém a* messer *Francesco Vergellesi e, para tanto, com licença do marido, fala à mulher; como ela se cala, ele mesmo responde por ela, e o efeito se segue à resposta.*

Pânfilo terminara a história de irmão Puccio, não sem muita risada das mulheres, quando a rainha, com graça feminil, impôs a Elissa que prosseguisse. Esta, dada a certa rispidez, não por maldade, mas por antigo costume, começou assim a falar:

– Muita gente, que muito sabe, acha que os outros nada sabem, e frequentemente, acreditando lograr os outros, no fim das contas percebe que pelos outros foi lograda; por isso, considero insano quem, sem necessidade, se ponha a tentar as forças do engenho alheio. Mas, como talvez nem todos compartilhem minha opinião, seguindo o tema proposto para as histórias, gostaria de contar o que aconteceu a um cavaleiro de Pistoia.

Havia em Pistoia, na família Vergellesi, um cavaleiro chamado Francesco, homem muito rico, sabido e também precavido, mas desmesuradamente cobiçoso. Precisando ir a Milão como podestade, providenciara todas as coisas necessárias para chegar honrosamente, e só lhe faltava um palafrém que fosse bonito para ele; não encontrando nenhum que lhe agradasse, estava preocupado. Havia então em Pistoia um jovem, cujo nome era Ricciardo, de baixa extração porém muito rico, que andava sempre tão enfeitado e asseado que passou a ser chamado de Garrido; havia ele durante muito tempo amado e cortejado sem proveito a mulher de *messer* Francesco, que era belíssima e muito honesta. Ora, era ele que possuía um dos mais lindos palafréns da Toscana, pelo qual tinha grande apreço, dada a sua beleza; e, como era público e notório que ele desejava a mulher de *messer* Francesco, alguém disse a este que, se pedisse o cavalo a Garrido, ele o daria, pelo amor que sentia por sua mulher. *Messer* Francesco, movido pela cobiça, mandou chamar Garrido e pediu que lhe vendesse o palafrém, para que Garrido o desse de presente.

Garrido, ouvindo isso, ficou satisfeito e respondeu ao cavaleiro:

– Se o senhor me desse tudo o que tem no mundo, não poderia comprar o meu palafrém, mas poderia muito bem ganhá-lo de presente quando quisesse, com a condição de que, antes que pegá-lo, me desse licença de dizer em sua presença algumas palavras à sua esposa, porém distante de qualquer outra

pessoa, de tal modo que eu seja ouvido somente por ela.

O cavaleiro, movido pela cobiça e esperando lográ-lo, respondeu que concordava, pelo tempo que ele quisesse; e, deixando-o na sala de seu palácio, foi até o quarto da mulher e, depois de lhe dizer que podia ganhar facilmente o palafrém, ordenou-lhe que fosse ouvir Garrido, mas que tomasse o cuidado de não responder nem sim nem não ao que quer que ele dissesse. A mulher reprovou muito isso, mas, precisando acatar as vontades do marido, disse que o faria; e entrou na sala atrás do marido para ouvir o que Garrido tinha para dizer. Este, tendo confirmado o acordo feito com o cavaleiro, foi com a mulher para um lado da sala bastante afastado, sentou-se e começou a dizer:

– Valorosa dama, parece-me certo ser a senhora tão inteligente, que já há muito tempo deve ter entendido a quanto amor levou-me a sua beleza, que sem a menor dúvida está acima da beleza de qualquer outra que eu jamais tenha visto; isso sem falar de seus louváveis costumes e virtudes singulares que há na senhora, que teriam força para cativar o mais elevado ânimo de qualquer homem. Por isso, não preciso demonstrar com palavras que o meu amor foi o maior e o mais ardente que um homem já sentiu por uma mulher; e assim será, infalivelmente, enquanto minha mísera vida sustentar estes membros, e depois também; pois, se lá se ama como cá, eu a amarei perpetuamente. Por isso, esteja certa de que nada que tiver, seja lá o que for, precioso ou mesmo ordinário, pode ser considerado tão seu e estar a qualquer transe ao seu dispor como eu mesmo, no que lhe possa valer, bem como todas as minhas coisas. E para que não reste nenhuma dúvida sobre isso, digo que para mim seria mais grato a senhora ordenar algo que lhe agradasse e eu pudesse fazer do que ter a obediência de todo o mundo no que eu viesse a ordenar. Portanto, se sou tão seu como lhe digo que sou, ouso elevar merecidamente minhas súplicas às suas alturas, de onde me pode advir a paz, o bem e a saúde, e de lugar mais nenhum; e, como humílimo servidor lhe peço, meu querido bem e única esperança desta alma que na chama amorosa se alimenta de esperá-la, que sua bondade seja tanta, que se abrande a tal ponto a severidade que sempre demonstrou para comigo (que seu sou), que sua piedade me reconforte e eu possa dizer que, tal como me enamorei de sua beleza, assim também dela receberei vida, pois esta – caso seu altivo ânimo não se incline diante de meu pedido –, sem dúvida definhará, e eu morrerei, e a senhora poderá ser considerada minha assassina. E, mesmo deixando de considerar que minha morte não lhe seria motivo de honra, creio que, pesando-lhe alguma vez a consciência, a senhora lamentaria tê-la provocado e quem sabe com melhores disposições viesse um dia a dizer: “Ah, como fiz mal em não ter

misericórdia do meu Garrido!”. E, visto que esse arrependimento não serviria de nada, maior seria o seu sofrimento. Então, para que isso não aconteça, agora que a senhora pode socorrer-me, compadeça-se e, antes que eu morra, tenha misericórdia de mim, pois somente em seu poder está fazer de mim o homem mais feliz ou o homem mais tristonho que existe. Espero ser tanta a sua cortesia que não lhe pese o fato de, em virtude de tanto e tal amor, eu receber a morte como galardão, e que, com uma resposta alegre e cheia de graça, possa reconfortar meu espírito, que treme aterrorizado diante da senhora.

E, calando-se, mandou algumas lágrimas olhos afora, após profundíssimos suspiros, e começou a esperar a resposta da gentil dama.

A mulher, que nunca se comovera com o prolongado cortejar e pelejar, nem com serenatas e outras coisas semelhantes que Garrido fizera por amor, comoveu-se com as palavras afetuosas que lhe foram ditas pelo ardorosíssimo amante e começou a sentir aquilo que antes nunca sentira, ou seja, o que é amor. E, embora se calasse para obedecer à ordem dada pelo marido, não pôde deixar de esconder, com algum suspirinho, aquilo que teria manifestado de bom grado em resposta a Garrido.

Garrido, depois de esperar um pouco, vendo que não vinha resposta, ficou admirado e começou a perceber a astúcia de que o cavaleiro se valera; mas, mirando-lhe o rosto e vendo nos olhos dela algum lampejo em sua direção, além de colher os suspiros que ela deixava escapar do peito (não com toda a força), começou a ter esperanças e, incentivado por esta, tomou nova decisão e passou a responder a si mesmo, como se fosse a mulher, da seguinte maneira:

– Garrido, sem dúvida há muito tempo percebi que seu amor por mim é imenso e perfeito e agora, com suas palavras, sei disso muito mais e estou contente, tal como devo. No entanto, embora eu tenha parecido dura e cruel, não quero que acredite que no íntimo sou aquilo de que meu rosto dá mostras: ao contrário, sempre o amei e estimei acima de qualquer outro homem, mas assim precisei agir por medo e para conservar minha boa reputação. Mas agora vai chegar o momento em que poderei mostrar-lhe claramente que o amo e dar-lhe o galardão do amor que sentiu e sente por mim; por isso, console-se e tenha esperanças, pois *messer* Francesco está para ir dentro de poucos dias a Milão como podestade, e disso você sabe, pois por meu amor lhe deu o belo palafrém; e, assim que ele for, com toda a certeza lhe prometo, por minha fé e pelo amor sincero que lhe tenho, que em poucos dias você estará comigo e daremos prazeroso e integral cumprimento ao nosso amor. E, para que eu não precise de novo fazê-lo falar desse assunto, digo-lhe desde já que no dia em que você vir

duas toalhas estendidas à janela do meu quarto, que dá para o nosso jardim, naquela noite, tomando muito cuidado para não ser visto, venha até mim pela porta do jardim; vai me encontrar ali à espera e juntos a noite toda desfrutaremos gozo e prazer um do outro, tal como desejamos.

Depois de assim falar como se fosse a mulher, Garrido começou a falar por si mesmo e respondeu do seguinte modo:

– Caríssima senhora, a incomensurável alegria de sua propícia resposta cumula a tal ponto os meus sentidos que mal posso formular a resposta para lhe dirigir meus agradecimentos; e, pudesse eu falar como desejo, nenhum termo seria bastante longo para agradecer-lhe tão plenamente como eu gostaria e como me cumpre; portanto, caberá à sua discreta reflexão reconhecer o que, mesmo desejando, não posso expressar com palavras. Digo-lhe apenas que aquilo que me impôs a senhora é o que tratarei de fazer sem falta; e então talvez, mais tranquilizado com a imensa dádiva que me foi concedida, empenhar-me-ei ao máximo para expressar-lhe a minha mais sincera gratidão. Como agora nada mais resta para dizer um ao outro, caríssima senhora minha, Deus lhe dê a maior alegria e os maiores bens que desejar, e a Deus a recomendo.

Por tudo isso a mulher não disse uma única palavra; então Garrido levantou-se e começou a ir em direção ao cavaleiro; este, vendo-o em pé, foi ao encontro dele e disse rindo:

– Que acha? Cumpri a promessa?

– Não, senhor – respondeu Garrido –, pois prometeu deixar-me falar com sua mulher e me deixou falando com uma estátua de mármore.

Essas palavras agradaram muito ao cavaleiro, que, se já tinha boa opinião da mulher, agora a tinha melhor; disse então:

– Agora é meu o palafrém que foi seu.

A isso Garrido respondeu:

– Sim, senhor; mas, soubesse eu que do favor recebido colheria o fruto que colhi, teria dado o presente sem pedir o favor; quisera Deus que assim tivesse feito, pois o senhor comprou o palafrém, e eu não o vendi.

O cavaleiro riu e, munido de palafrém, daí a poucos dias tomou o caminho de Milão para ser podestade. A mulher, ficando livre em casa, voltou a pensar nas palavras de Garrido, no amor que tinha por ela, no palafrém que ele dera por esse amor e, vendo-o passar com frequência por sua casa, disse de si para si: “Que estou fazendo? Por que estou perdendo a mocidade? Aquele foi para Milão e não volta nos próximos seis meses; e quando os devolverá? Quando eu estiver velha? Além disso, quando vou encontrar um amante como Garrido? Estou

sozinha, não tenho medo de ninguém; não sei por que não aproveito este bom momento enquanto posso; nem sempre terei a facilidade que tenho agora; ninguém nunca vai ficar sabendo de nada, e, mesmo que ele venha a saber, é melhor arrepender-se do feito que do não feito".

E, acatando o conselho que dava a si mesma, um dia pôs duas toalhinhas à janela do jardim, como Garrido dissera; vendo-as, Garrido ficou felicíssimo e, fazendo-se noite, foi sozinho e às escondidas até a porta do jardim da mulher e a encontrou aberta; de lá, foi para outra porta que dava acesso à casa, onde encontrou a gentil dama a esperá-lo. Ela vendo-o chegar, levantou-se e foi a seu encontro, recebendo-o com muita alegria; e ele, abraçando-a e beijando-a cem mil vezes, seguiu-a escadas acima; e, deitando-se sem demora, conheceram os últimos termos do amor.[69] Essa vez, que foi a primeira, não foi, porém, a última, pois enquanto o cavaleiro esteve em Milão e mesmo depois de seu retorno, para grande prazer de ambas as partes, Garrido voltou muitas outras vezes.

SEXTA NOVELA

Ricciardo Minutolo ama a mulher de Filippello Sighinolfo; percebendo que ela é ciumenta, diz a Filippello que deve apresentar-se no dia seguinte com a mulher num banho; assim, ela vai e, acreditando ter estado com o marido, percebe que esteve com Ricciardo.

Nada mais restava a Elissa para dizer, quando, depois de se elogiar a sagacidade de Garrido, a rainha ordenou a Fiammetta que continuasse com uma história. E ela, toda risonha, respondeu:

– Com muito gosto, senhora.

E começou.

– Vamos sair um pouco de nossa cidade que, tendo tudo em abundância, também é abundante em exemplos de todos os tipos, e, tal como Elissa, contar um pouco das coisas que ocorrem em outros lugares do mundo; por isso, passando a Nápoles, direi como uma daquelas santarronas que se mostram tão arredias ao amor foi levada pelo engenho de um enamorado a sentir os frutos do amor antes de conhecer suas flores; o que, ao mesmo tempo, advertirá sobre as coisas que podem acontecer e divertirá com as já acontecidas.

Em Nápoles, cidade antiquíssima e talvez tão aprazível quanto qualquer outra da Itália, ou mais, houve outrora um jovem insigne pela nobreza do sangue e magnífico pelas muitas riquezas, cujo nome era Ricciardo Minutolo. Este, apesar de ser casado com uma jovem belíssima e graciosa, apaixonou-se por outra, que, segundo a opinião de todos, superava de longe a beleza de todas as outras mulheres napolitanas; seu nome era Catella, esposa de um jovem também fidalgo, chamado Filippello Sighinolfo, amado e prezado acima de qualquer outra coisa por ela, que era honestíssima. Ricciardo Minutolo, portanto, que amava a referida Catella, fazia todas aquelas coisas com as quais se pode conquistar os favores e o amor de uma mulher e, não conseguindo, apesar de tudo isso, chegar a nada que lhe satisfizesse o desejo, estava a ponto de desesperar; e, não sabendo ou não podendo desvencilhar-se daquele amor, não conseguia morrer nem gozar a vida.

Vivia ele com tais disposições quando algumas mulheres, que eram parentes suas, um dia o incentivaram a largar mão daquele amor, pois se atormentava em vão, uma vez que Catella não tinha outro bem além de Filippello e sentia tanto ciúme deste que, se um pássaro passasse voando pelo ar, ela achava que ia

roubá-lo. Ricciardo, ouvindo falar do ciúme de Catella, logo passou a pensar num modo de satisfazer seus desejos; começou a dar mostras de ter perdido as esperanças de obter o amor de Catella e a demonstrar que tinha por alvo outra fidalga, fingindo que lutava, pelejava e por seu amor fazia todas aquelas coisas que costumava fazer por Catella. Não se passara muito tempo e quase todos os napolitanos, entre os quais Catella, acreditavam que ele já não amava apaixonadamente Catella, e sim aquela segunda mulher; e tanto perseverou ele nisso que todos já o davam por certo, e até mesmo Catella abandonou a rispidez com que o tratava, por causa do amor que ele costumava demonstrar por ela, e passou a cumprimentá-lo educadamente, como vizinho, ao ir e vir, tal como fazia às outras pessoas.

Aconteceu, porém, que, como o tempo estava quente, muitos grupos de damas e cavalheiros excursionavam para a praia, lá almoçando e jantando, segundo costume dos napolitanos; Ricciardo, ao saber que Catella fora com seu grupo, foi também com o seu, sendo recebido no grupo de mulheres em que estava Catella, depois de se fazer muito convidar, como se não tivesse gosto em ficar. Então as mulheres, e Catella junto, começaram a gracejar com ele acerca de seu novo amor, e ele, mostrando-se muito apaixonado, dava mais assunto para conversa. Depois de certo tempo, quando uma mulher foi para um lado e outra para outro, como se faz em tais lugares, Catella ficou com poucas delas onde estava Ricciardo, e este fez insinuações jocosas sobre certo amor de seu marido Filippello, o que a fez sentir súbito ciúme e a pôs a arder por dentro de desejo de saber o que Ricciardo queria dizer. E, depois de se controlar um pouco, não se aguentando mais, rogou a Ricciardo que, pelo amor daquela mulher que ele mais amava, lhe fizesse o favor de esclarecer o que dissera sobre Filippello.

Ele disse:

– A senhora me conjurou em nome de uma pessoa pela qual não ouso negar nada que me peça; por isso estou pronto a falar, desde que me prometa que nunca vai dizer uma palavra a respeito, nem com ele nem com ninguém, a não ser quando vir pelos fatos que é verdade o que vou contar; e, quando quiser, eu lhe ensino como ver.

A mulher concordou com o que ele pedia e mais acreditou ser aquilo verdade, jurando que nunca diria nada a ninguém. Afastando-se então dos outros, para não serem ouvidos por ninguém, Ricciardo começou a dizer:

– Senhora, se eu a amasse como já amei, não teria coragem de lhe dizer nada que acreditasse poder aborrecê-la; mas, como aquele amor passou, não me preocupa tanto revelar a verdade de tudo. Não sei se Filippello alguma vez se

sentiu ofendido com o amor que eu tinha pela senhora ou se acreditou que esse amor por acaso era correspondido; mas, fosse como fosse, nunca demonstrou nada contra a minha pessoa. Agora, no entanto, por talvez esperar o momento em que acredita que eu tenha menos suspeitas, dá mostras de estar querendo fazer comigo aquilo que eu desconfio que ele temia que eu fizesse com ele, ou seja, está querendo ter minha mulher para seu prazer; e, pelo que sei, de não muito tempo para cá ele tem, secretamente, enviado mensagens a ela, com solicitações, e de tudo fiquei eu a par por meio dela; e ela tem dado as respostas de acordo com o que lhe ordeno. Mas hoje pela manhã, antes de vir para cá, encontrei em casa minha esposa com uma mulher em conversa confidencial, e imediatamente imaginei que fosse aquilo que de fato era; por isso, chamei minha esposa e perguntei o que a mulher queria. Ela disse: “É o tormento de Filippello, que você, mandando respostas e dando esperanças, conseguiu pôr nas minhas costas; diz que quer saber de vez o que pretendo fazer, e que ele, se eu quisesse, conseguiria me fazer ir secretamente a uma casa de banhos desta cidade; está pedindo e insistindo; e, se você não tivesse me obrigado, não sei por quê, a ficar trocando mensagens, eu teria me livrado dele de tal maneira que ele nunca mais teria olhado para onde eu estivesse”. Então acho que ele foi longe demais, e que não devo mais aguentar, mas contar-lhe tudo, para que a senhora saiba que recompensa tem a sua absoluta lealdade, pela qual já estive a ponto de morrer. E, para que não ache que são palavras vazias e fábulas, mas possa, quando quiser, ver claramente e tocar, pedi à minha esposa que desse à mulher que estava lá esperando a resposta de que ela se dispunha a ir amanhã por volta da nona hora, àquela casa de banho, quando todos estão fazendo a sesta; então a mulher partiu contentíssima. Não creio que a senhora acredite que eu a mandaria ali; mas, em seu lugar, eu faria que ele me encontrasse lá, em vez daquela que ele acha que vai encontrar; e, depois de ficar algum tempo com ele, eu lhe mostraria com quem ele estivera e lhe faria as honras que lhe convêm; e, com isso, creio que ele vai sentir tanta vergonha, que assim estaria vingada, ao mesmo tempo, a injúria que ele pretende cometer contra mim e contra a senhora.

Catella, ao ouvir isso, sem considerar quem o estava dizendo ou as suas traições, como é costume dos ciumentos, imediatamente deu fé às suas palavras e começou a encaixar certas coisas passadas àquele fato; e, inflamada por súbita ira, respondeu que faria aquilo, sem dúvida, que não era nada que desse tanto trabalho, e que certamente, se ele fosse, ela o faria passar tanta vergonha, que aquilo lhe voltaria à cabeça quando ele visse alguma mulher. Ricciardo, contente com a resposta e achando que seu plano era bom e avançava, confirmou tudo

com muitas outras palavras e aumentou ainda mais a crença dela, pedindo-lhe, porém, que nunca dissesse que soubera daquilo por ele, o que ela jurou fazer.

Na manhã seguinte Ricciardo foi ter com uma boa mulher que dirigia a casa de banhos por ele indicada a Catella, e lhe disse o que pretendia fazer, pedindo-lhe que o favorecesse no que pudesse. A boa mulher, que lhe devia muitos favores, disse que o faria de bom grado e com ele combinou tudo o que seria feito ou dito. Na referida casa de banhos havia um quarto muito escuro, por não existir nele nenhuma janela que se abrisse para a luz. Esse quarto, de acordo com instruções de Ricciardo, foi arrumado pela boa mulher, que nele colocou a melhor cama que pôde, e nessa cama Ricciardo se instalou, depois de almoçar, e começou a esperar Catella.

Catella, ouvindo as palavras de Ricciardo e dando-lhes mais fé do que deveria, voltou à noite indignada para casa, aonde Filippello também chegou absorto em outros pensamentos, não lhe dando talvez o afeto que costumava dar. Ela, vendo aquilo, foi tomada por suspeitas ainda maiores que as que já tinha, e dizia com seus botões: “De fato, está com a mente na mulher com quem acha que amanhã vai ter prazer e alegria, mas sem dúvida isso não vai acontecer”. E, com tal pensamento, imaginando o que deveria dizer quando estivesse com ele, passou quase toda a noite.

Que mais? Chegada a nona hora, Catella tomou sua dama de companhia e sem mudar de ideia foi à casa de banho que Ricciardo lhe indicara; ali, encontrando a boa mulher, perguntou se Filippello estivera ali naquele dia. A boa mulher, instruída por Ricciardo, disse:

– É a senhora a mulher que veio falar com ele?

Catella respondeu:

– Sou.

– Então – disse a boa mulher –, pode ir ter com ele.

Catella, indo à procura daquilo que não gostaria de encontrar, deixou-se conduzir ao quarto onde Ricciardo estava com a cabeça coberta, entrou e fechou a porta. Ricciardo, vendo-a chegar, levantou-se feliz e, recebendo-a nos braços, disse baixinho:

– Bem-vinda, alma minha.

Catella, para mostrar ser outra, e não ela mesma, abraçou-o, beijou-o e fez-lhe muitos carinhos, sem dizer nenhuma palavra, temendo ser reconhecida, se falasse. O quarto era escuríssimo, o que deixava os dois contentes, e nem por se ficar ali mais tempo os olhos ganhavam mais poder. Ricciardo a conduziu ao leito, e ali, sem falarem, para que não fossem distinguidas as vozes, estiveram

durante longuíssimo tempo para maior gozo e prazer de uma parte que da outra.

Mas, quando Catella achou ser o momento de manifestar a indignação que sentia, inflamada por ardente ira começou a falar:

– Ai, como é ingrato o destino das mulheres e como é mal empregado o amor que muitas têm pelo marido! Pobre de mim! Já são oito anos que o amo mais que a minha vida, e você, como percebi, arde e consome-se pelo amor de uma mulher estranha, homem cruel e malvado que é. Com quem acha que estava? Estava com aquela que dormiu oito anos ao seu lado, estava com aquela que com falsas lisonjas você, há bastante tempo, vem enganando, demonstrando amar, enquanto está apaixonado por outra. Eu sou Catella, não sou a mulher de Ricciardo, traidor desleal; ouça e reconheça a minha voz, sou eu mesma; e parece que faltam mil anos para sairmos à luz e eu poder desmascará-lo como merece, porco cão infame. Ai, pobre de mim! A quem dei tanto amor durante tantos anos? A esse cão desleal, que, acreditando ter nos braços uma mulher estranha, me fez mais carícias e me deu mais carinho neste curto tempo em que estive aqui com ele do que em todo o restante do tempo em que fui sua. Hoje, cão renegado, você foi bem fogoso, enquanto em casa costuma se mostrar tão fraco, derreado e sem forças. Mas, louvado seja Deus, porque você lavrou na sua horta, e não na alheia, como acreditava. Não admira que ontem à noite nem tenha chegado perto de mim: estava esperando para despejar a carga em outro lugar e queria aparecer como cavaleiro descansado no campo de batalha; mas, louvado seja Deus, graças à minha astúcia, as águas correram para baixo, como deviam. Por que não responde, pérfido? Por que não diz nada? Ficou mudo quando me ouviu? Por Deus do céu, não sei o que me segura, que não lhe enfio as mãos nos olhos e os arranco. Achava que podia cometer essa tradição bem escondido; por Deus do céu! Sou tão esperta quanto você, e você não conseguiu; eu pus na sua pista um sabujo melhor do que você imaginava.

Ricciardo, gozando no íntimo essas palavras, sem responder coisa alguma, a abraçava, beijava e lhe fazia mais carícias que nunca. Por isso ela, continuando a falar, dizia:

– Sim, você agora acha que me bajula com essas carícias fingidas, cão nojento, acha que vai me acalmar e consolar; engana-se; nunca vou me consolar disso, enquanto não o desmascarar na frente de todos os parentes, amigos e vizinhos que temos. Seu malvado, por acaso não sou bonita como a mulher de Ricciardo Minutolo? Não sou tão nobre quanto ela? Por que não responde, porco cão? O que ela tem mais que eu? Vá para lá, não me toque, que você já me passou muito pelas armas por hoje. Sei muito bem que hoje, depois de saber

quem eu sou, tudo o que você fizesse seria à força; mas, se Deus me ajudar, ainda vou fazer você passar vontade; e não sei o que me segura que não mando chamar Ricciardo, que me amou mais que a si mesmo e nunca pôde se gabar de ter recebido um único olhar meu; e não sei que mal haveria nisso. Você achou que estava com a mulher dele aqui, e é como se tivesse estado, pois não foi por sua culpa que a coisa malogrou; portanto, se eu estivesse com ele, você não teria razão para me condenar.

Foram muitas as palavras e grande a lamentação da mulher; no fim, Ricciardo, achando que, se a deixasse ir embora com aquela crença, muito mal poderia advir, decidiu revelar-se e acabar com o equívoco no qual ela se encontrava; e, tomando-a nos braços e prendendo-a bem para que não pudesse partir, disse:

– Doce alma minha, não se irrite; o que eu não consegui ter apenas com amor, o Amor me ensinou a ter com o logro; sou o seu Ricciardo.

Catella, ao ouvir isso, reconhecendo a voz, quis jogar-se da cama, mas não conseguiu; então quis gritar, mas Ricciardo tapou-lhe a boca com uma das mãos e disse:

– Senhora, o que foi feito não pode ser desfeito, nem que a senhora gritasse todo o tempo de sua vida; e se gritar ou de alguma maneira fizer que isto chegue aos ouvidos de alguém, sucederão duas coisas. Uma, não pouco importante, é que manchará sua honra e sua boa reputação, porque, mesmo que disser que eu a trouxe aqui enganada, direi que não é verdade, que a atraí com a promessa de dinheiro e de presentes, e que, como não os dei tão completamente conforme esperados, a senhora se irritou, disse tais palavras e fez tal escândalo; e a senhora sabe que as pessoas estão mais dispostas a acreditar no mal do que no bem; por isso, não acreditarão menos em mim do que na senhora. Em segundo lugar, entre mim e seu marido resultará mortal inimizade, e as coisas poderiam caminhar de tal modo que eu o mataria ou ele a mim; e com isso a senhora depois não haveria de sentir-se alegre nem satisfeita. Por isso, coração do meu corpo, não queira ao mesmo tempo desonrar-se e criar perigos e discórdias entre mim e seu marido. A senhora não é a primeira mulher enganada, nem será a última, e eu não a enganei para roubar-lhe nada, mas pelo desmesurado amor que lhe tenho e estou disposto a ter sempre, bem como a ser seu humílimo servidor. E, se já faz tanto tempo que eu, minhas coisas, o que posso e valho são seus e estão a seu serviço, pretendo que muito mais sejam e estejam daqui por diante. E a senhora, que é tão ajuizada nas outras coisas, estou certo de que também nesta será.

Catella, enquanto Ricciardo dizia essas palavras, chorava muito e, apesar de

estar nervosa e de lastimar-se demais, sua razão acolheu tanto as palavras verdadeiras de Ricciardo, que ela percebeu ser possível acontecer o que ele dizia; por isso disse:

– Ricciardo, não sei como Deus me permitirá suportar a injúria e o logro que você me fez. Não quero gritar aqui, aonde fui trazida pela ingenuidade e pelo desmesurado ciúme; mas pode estar certo de que não vou me sentir satisfeita enquanto de um modo ou de outro não me vingar do que me fez; por isso, largue-me, não me segure mais; você já teve o que desejava e me feriu quanto quis; está na hora de me largar; largue-me, por favor.

Ricciardo, percebendo-a ainda irada demais, estava decidido a não soltá-la enquanto não fizessem as pazes; por isso, recomeçando a acalmá-la com palavras dulcíssimas, tanto disse, tanto pediu, tanto conjurou, que ela, vencida, fez as pazes com ele; e, por vontade de ambos, passaram depois muito tempo juntos, desfrutando imenso prazer. E a mulher, sabendo então que eram muito mais saborosos os beijos do amante que os do marido, transformando sua dureza em doce amor por Ricciardo, amou-o ternamente daquele dia em diante e, agindo com muita astúcia, gozaram seu amor muitas vezes. Deus nos faça gozar também o nosso.

SÉTIMA NOVELA

Tedaldo, brigado com uma amante, vai embora de Florença; volta disfarçado de peregrino depois de algum tempo; fala com a mulher e a faz reconhecer seu erro; livra da morte o marido dela, que fora acusado de assassiná-lo, reconcilia-o com os irmãos e depois, argutamente, usufrui prazer com a mulher.

Fiammetta já se calava, elogiada por todos, quando a rainha, para não perder tempo, imediatamente ordenou a Emília que contasse sua história; e ela começou.

– Prefiro voltar à nossa cidade, da qual as duas anteriores preferiram afastar-se, e mostrar como um nosso concidadão reconquistou a mulher que havia perdido.

Houve, pois, em Florença um jovem nobre, cujo nome era Tedaldo degli Elisei, que se apaixonou desmesuradamente por uma mulher, em virtude de seus louváveis costumes, e mereceu a satisfação do seu desejo. Chamava-se ela *monna* Ermellina e era esposa de certo Aldobrandino Palermini. Mas a esse prazer se opôs a Fortuna, inimiga dos felizes, porquanto, fosse qual fosse a razão, a mulher, depois de ceder seus favores a Tedaldo durante um tempo, passou a negá-los totalmente e não só não queria ouvir nenhum de seus mensageiros como também se recusava de todas as maneiras a vê-lo; com isso, ele foi tomado por profunda e desagradável melancolia, mas esse seu amor era tão secreto, que ninguém acreditava ser ele razão da melancolia.

E, depois de tentar diferentes modos de reconquistar o amor que achava ter perdido não por culpa sua, percebendo ser vão qualquer esforço, dispôs-se a afastar-se da sociedade para não dar àquela que era razão do seu mal a alegria de vê-lo consumir-se. E, tomando todo o dinheiro que tinha, foi embora secretamente, sem nada dizer a nenhum amigo ou parente, exceto a um companheiro que sabia de tudo, e rumou para Ancona, passando a chamar-se Filippo di Sanlodeccio; ali, travando amizade com um rico mercador, passou a trabalhar para ele e, com ele, numa de suas naus, foi para Chipre. Seus costumes e seus modos agradaram tanto ao mercador que este não só lhe pagou bom salário como também o fez seu sócio, além de pôr grande parte de seus negócios nas mãos dele; e Tedaldo os executou tão bem e com tanto empenho, que em poucos anos tornou-se um mercador bom, rico e famoso. E em meio a tais

afazeres, embora muitas vezes se lembrasse de sua cruel amante e se sentisse intensamente atormentado pelo amor e pelo desejo de revê-la, foi tanta a sua constância que durante sete anos venceu aquela batalha. Mas um dia, ouvindo em Chipre alguém cantar uma canção outrora feita por ele, em que contava o amor que tinha pela amante e que ela tinha por ele e o prazer que desta recebia, achando que ela não poderia tê-lo esquecido, sentiu-se inflamado por tamanho desejo de revê-la, que, não podendo mais suportar, decidiu voltar a Florença.

E, pondo em ordem todos os seus negócios, voltou com um criado apenas a Ancona, onde haviam chegado todas as suas coisas; estas ele mandou a Florença, para um amigo de seu sócio anconitano, e, disfarçado de peregrino vindo do Santo Sepulcro, foi depois em segredo para Florença com o criado; aqui chegando, instalou-se numa pequena estalagem de dois irmãos, que ficava perto da casa de sua amante. A nenhum outro lugar foi antes de ir até a frente da casa dela, para vê-la, se pudesse. Mas viu as janelas, as portas e tudo fechado, o que o fez ter forte receio de que ela estivesse morta ou se tivesse mudado. Por isso, muito pensativo, foi até a casa de seus irmãos e à sua frente viu quatro deles, todos de preto, o que o deixou muito admirado; e, sabendo que, nos trajes e na fisionomia, estava tão diferente do que costumava ser quando partira que não seria facilmente reconhecido, aproximou-se confiante de um sapateiro e perguntou-lhe por que aqueles homens estavam vestidos de preto.

O sapateiro respondeu:

– Estão de preto porque ainda não faz nem quinze dias um irmão deles, que fazia tempo estava fora, chamado Tedaldo, foi assassinado; e, se não me engano, eles provaram no tribunal que um homem chamado Aldobrandino Palermini, que está preso, foi o assassino, porque ele gostava da mulher dele e tinha voltado incógnito para andar com ela.

Causou espanto a Tedaldo que alguém se parecesse tanto com ele que pudesse ser confundido; e sentiu pena da desgraça de Aldobrandino. E, ficando a par de que a mulher estava viva e sã, como já era noite, voltou para a estalagem cheio de vários pensamentos e, depois de jantar com o criado, foi posto para dormir quase no ponto mais alto da casa. Ali, talvez pelas muitas cismas que o estimulavam, quiçá pela má qualidade da cama e acaso pela magreza do jantar, o fato é que ia a noite já bem entrada e Tedaldo ainda não conseguira dormir; por isso, estando desperto, teve a impressão de, por volta de meia-noite, ouvir gente descendo do teto para dentro da casa, e, pelas frestas da porta do quarto, viu uma luz. Então, encostando-se silenciosamente à fresta, pôs-se a olhar para saber o que aquilo queria dizer e viu que uma jovem muito bonita segurava aquela luz, e

em sua direção vinham três homens que haviam descido do telhado; depois de alguns cumprimentos, um deles disse à jovem:

– Louvado seja Deus, agora podemos estar seguros, porque ficamos sabendo com certeza que os irmãos de Tedaldo Elisei provaram que o culpado da morte dele é Aldobrandin Palermini, ele confessou, e a sentença já foi lavrada; mas mesmo assim é bom ficar calado, porque, se alguma vez souberem que fomos nós, vamos enfrentar o mesmo perigo que Aldobrandino está enfrentando.

E, depois que disseram isso à mulher, que se mostrou muito contente, desceram e foram dormir.

Tedaldo, ouvindo aquilo, começou a considerar quantos e quais erros podem abrigar-se nas mentes humanas; pensou primeiro nos irmãos, que tinham pranteado e enterrado um estranho em lugar dele e, depois, acusado um inocente com base em suspeitas falsas, levando-o à pena de morte com testemunhas não verazes; além disso, pensou na cega severidade das leis e dos magistrados, que tantas vezes, à guisa de minuciosos investigadores da verdade, tornam-se cruéis e obtêm provas do que é falso, autodenominando-se ministros da justiça e de Deus, quando na verdade são executores da iniquidade e do diabo. Depois voltou o pensamento para a salvação de Aldobrandino e planejou o que deveria fazer.

E, assim que se levantou pela manhã, deixou o criado e, quando lhe pareceu oportuno, foi sozinho à casa da amante; lá, encontrando por acaso a porta aberta, entrou e viu a amante sentada no chão, numa saleta do térreo, banhada em lágrimas e cheia de amargor, de modo que ele quase chorou de compaixão; então, aproximando-se, disse:

– *Madonna*, não se aflija: sua paz está próxima.

A mulher, ouvindo-o, olhou para o alto e disse chorando:

– Bom homem, você me parece um peregrino forasteiro; o que pode saber de paz ou de minha aflição?

O peregrino então respondeu:

– Senhora, sou de Constantinopla e cheguei há pouco, mandado por Deus para transformar suas lágrimas em riso e libertar seu marido da morte.

– Como? – disse a mulher. – Se você é de Constantinopla e chegou há pouco tempo como sabe quem é meu marido e quem sou eu?

O peregrino, começando do começo, contou toda a história da angústia de Aldobrandino e disse-lhe quem ela era, desde quando estava casada e várias outras coisas, que ele conhecia muito bem a respeito dela; com isso a mulher muito se admirou e, tomando-o por profeta, ajoelhou-se aos seus pés, pedindo em nome de Deus que, se tinha ido lá para a salvação de Aldobrandino, se

apressasse, pois o tempo era curto.

O peregrino, mostrando-se um santo homem, disse:

– Senhora, levante-se e não chore; preste muita atenção no que vou dizer e cuidado para nunca contar a ninguém. Pelo que Deus me revela, a atribulação pela qual está passando provém de um pecado que a senhora cometeu no passado e que Deus quis purgar em parte com esse desgosto; e quer que a senhora o resgate por inteiro; se não fizer isso, recairá em aflição muito maior.

A mulher disse então:

– Senhor, tenho muitos pecados, e não sei qual deles Deus quer que eu pague; por isso, se souber, diga qual é, e vou fazer o que puder para pagá-lo.

– Senhora – disse então o peregrino –, sei muito bem qual é, e não vou lhe perguntar para saber mais, e sim para que a senhora, ao dizê-lo, sinta mais remorsos. Mas vamos aos fatos. Diga-me, por acaso se lembra de um dia ter tido algum amante?

A mulher, ouvindo isso, soltou profundo suspiro e ficou muito admirada, pois acreditava que nunca ninguém soubera daquilo, se bem que, nos dias em que fora assassinado aquele que tinha sido enterrado como Tedaldo, houvessem corrido alguns rumores a respeito, por causa de certas palavrinhas imprudentemente ditas pelo companheiro de Tedaldo, que sabia daquilo. Ela respondeu:

– Estou vendo que Deus lhe mostra todos os segredos dos homens, por isso estou disposta a não lhe esconder os meus. É verdade que na juventude amei muitíssimo o desventurado jovem cuja morte é atribuída ao meu marido; morte que eu chorei tanto, por me doer muito; porque, embora eu me mostrasse ríspida e arredia com ele antes de sua partida, nem essa partida, nem a longa ausência, nem mesmo sua desventurada morte puderam tirá-lo de meu coração.

Ao ouvir isso o peregrino disse:

– O jovem desventurado que foi assassinado a senhora nunca amou, mas a Tedaldo Elisei, sim. Mas, diga-me: por qual razão a senhora se zangou com ele? Por acaso a ofendeu?

A mulher respondeu:

– Claro que ele nunca me ofendeu; o motivo da rusga foram as palavras de um maldito frade com quem me confessei uma vez; porque, quando falei do amor que sentia por ele e da intimidade que tínhamos, ele me encheu tanto a cabeça que ainda hoje sinto pavor; disse que, se eu não rompesse, seria levada aos quintos dos infernos na boca do diabo e seria posta no fogo tormentoso. Fiquei com tanto medo que decidi não ter mais nenhuma intimidade com ele; e,

para não ter ocasião, não quis mais receber suas cartas nem seus recados; se bem que, se ele tivesse insistido mais (porque, pelo que presumo, partiu sem esperanças), vendo-o consumir-se como a neve ao sol, acredito que minha dura determinação se abrandaria, pois eu não tinha desejo maior no mundo.

O peregrino disse então:

– Senhora, esse é único pecado que agora a aflige. Sei com certeza que Tedaldo não a forçou a nada; quando a senhora dele se enamorou, foi por livre vontade, porque ele lhe agradava; e, quando a senhora mesma quis, ele se aproximou e usufruiu a sua intimidade, durante a qual a senhora, tanto com palavras quanto com obras, lhe mostrou tal agrado, que ele, se antes lhe tinha amor, depois passou a tê-lo mil vezes mais. E, se foi assim (e sei que foi), que razão poderia movê-la a subtrair-se tão rigidamente a ele? Essas coisas precisam ser pensadas antes de serem feitas e, se a senhora achava que se arrependeria delas, por achar que fizera mal, não deveria tê-las feito, porque, assim como ele passou a ser seu, a senhora passou a ser dele. A senhora poderia fazê-lo deixar de ser seu se assim quisesse, por ser ele coisa sua, mas querer subtrair-se a ele, sendo dele, isso é roubo e ato reprovável, visto que essa não era a vontade dele. Deve saber que sou frade, portanto conheço todos os costumes dos frades; e, se falo deles um tanto livremente para sua utilidade, em mim isso não é tão descabido como seria em outro, e me apraz falar do assunto, para que daqui por diante a senhora os conheça melhor do que parece ter conhecido no passado. Já houve frades que foram homens santíssimos e valorosos, mas os que hoje se chamam frades, e assim querem ser considerados, de frade não têm nada, a não ser a capa, e nem esta é de frade, pois, enquanto os inventores dos frades[70] dispuseram que elas seriam estreitas e pobres, feitas de pano grosseiro para demonstrarem aquilo que os animava, que era o desprezo pelas coisas temporais quando o corpo se embrulhava em trajes tão vis, hoje elas são rodadas, forradas, lustrosas, feitas de panos refinadíssimos, com modelos elegantes e pontificais, e eles não se envergonham de pavonear-se com elas nas igrejas e nas praças, como fazem os seculares com seus trajes; e, tal como o pescador, ao atirar a rede, se afana para pegar muitos peixes de só uma vez no rio, eles também, envolvendo-se nas amplas rodas de pano, afanam-se para nelas embrulhar muitas carolas, viúvas, outras mulheres tolas e homens, e nisso põem mais empenho que em qualquer outro exercício. E, para falar com mais veracidade, não usam capa de frade, mas apenas as cores da capa. E, enquanto os antigos desejavam a salvação dos homens, os de hoje desejam mulheres e riquezas e põem todo o afinco em assustar com clamores e descrições a mente dos tolos e em mostrar que com

esmolas e missas os pecados são perdoados, para que um lhes traga pão, outro lhes mande vinho, aquele faça iguarias em troca de preces pelos antepassados, tudo para eles, que por covardia, e não por devoção, se refugiaram na condição de frades, pois assim não têm de enfrentar o trabalho. É verdade que esmolas e orações purgam pecados; mas, se quem as faz visse e conhecesse aqueles a quem as faz, ou as guardaria para si ou as lançaria a outros porcos. E, como eles sabem que, quanto menor o número de possuidores de uma grande riqueza, mais confortável é a vida, cada um deles se empenha em tirar dos outros, com clamores e sustos, aquilo que deseja possuir sozinho. Repreendem os homens pela luxúria para que, afastados os repreendidos, aos repreensores sobrem as mulheres; condenam a usura e os ganhos perversos para que, tornando-se seus restituidores, possam fazer capas mais rodadas, conseguir episcopados e outras prelaturas maiores com aquilo que, segundo haviam mostrado, levaria à perdição seus possuidores. E, quando são repreendidos por essas e por muitas outras coisas indecentes que fazem, respondem: “Façam o que dizemos e não façam o que fazemos”, considerando que assim se aliviam dignamente de um grave ônus, como se às ovelhas fosse mais fácil ser constantes e férreas do que aos pastores. E grande parte deles sabe quantas pessoas às quais dão tal resposta não a entendem segundo o modo como a dizem. Os frades de hoje querem que façamos o que dizem, ou seja, que lhes enchamos as bolsas de dinheiro, lhes confiemos nossos segredos, guardemos a castidade, sejamos pacientes, perdoemos as ofensas, não sejamos maledicentes, coisas todas essas boas, honestas, santas; mas para quê? Para que eles possam fazer o que não poderiam, caso os seculares o fizessem. Quem não sabe que sem dinheiro a ociosidade não pode perdurar? Se você gastar o dinheiro no que lhe dá gosto, o frade não poderá ficar ocioso na sua ordem; se você frequentar as mulheres, tirará o lugar dos frades; se você não for paciente nem perdoar ofensas, o frade não ousará ir à sua casa contaminar sua família. Por que me atenho a todas essas coisas? Eles se traem sempre que se valem dessa desculpa diante das pessoas perspicazes. Por que não ficam em casa, se não acreditam que podem ser abstinentes e santos? Ou, se acaso quiserem dedicar-se a tais coisas, por que não observam aquelas outras santas palavras do Evangelho: “E começou Cristo a fazer e a ensinar”?71 Façam antes eles mesmos, depois ensinem os outros. Na minha vida vi milhares deles que são cortejadores, namoradores, frequentadores não só das mulheres seculares, mas também dos conventos; e os vi entre aqueles que fazem mais escarcéu no alto dos púlpitos. É atrás desses que vamos? Quem faz isso está fazendo o que quer, mas só Deus sabe se o faz prudentemente. Mas, mesmo

supondo que se deva admitir o que foi dito pelo frade que a repreendeu, ou seja, que é culpa gravíssima romper a fé matrimonial, não será culpa muito maior roubar? Não é muito mais grave matar ou mandar alguém para o exílio, fazendo-o vagar pelo mundo? Com isso qualquer um concordará. Ter a mulher intimidade com um homem é pecado natural; roubá-lo, matá-lo ou desterrá-lo decorre da maldade da alma. Que a senhora roubou Tedaldo já foi demonstrado acima, quando se lhe subtraiu, pois de livre e espontânea vontade se tornara dele. Digo-lhe também que, no que lhe diz respeito, a senhora o matou, porque, mostrando-se cada vez mais cruel, por sua causa pouco faltou para que ele se matasse com as próprias mãos; e quer a lei que quem dá motivo para o mal que é cometido incide na mesma culpa de quem o comete. E não se pode negar que a senhora deu motivo ao seu exílio e à sua perambulação pelo mundo durante sete anos. Por isso, muito maior pecado cometeu em qualquer dessas três coisas de que falei do que na sua intimidade com ele. Mas vejamos: será que Tedaldo mereceu essas coisas? Claro que não: a senhora mesma já admitiu que não; além do mais, eu sei que ele a ama mais que a si mesmo. Nada jamais foi tão honrado, exaltado, glorificado quanto era a senhora por ele, acima de qualquer outra mulher, se por acaso se encontrasse ele em algum lugar onde pudesse falar da senhora honestamente e sem gerar suspeitas. Todo o seu bem, toda a sua honra, toda a sua liberdade, tudo ele pusera em suas mãos. Não era ele nobre? Não era ele belo, entre os outros concidadãos? Não era valoroso naquelas coisas que competem aos jovens? Não era amado? Não era estimado? Não era bem-visto por todos? Nem isso negará. Portanto, como a senhora pôde tomar uma decisão tão cruel contra ele por causa das palavras de um fradezinho louco, burro e invejoso? Não sei que erro é esse das mulheres, que se esquivam aos homens e os prezam tão pouco, se, pensando elas no que são e na grande nobreza que Deus deu ao homem acima de qualquer outro animal, deveriam gabar-se quando são amadas por algum, valorizar sumamente esse homem e empenhar-se ao máximo para satisfazê-lo, a fim de que ele jamais deixe de amá-las. E a senhora bem sabe o que fez, movida pelas palavras de um frade, que por certo devia ser algum sopeiro comedor de tortas que talvez desejasse colocar-se naquele lugar de onde se empenhava em expulsar o outro. Portanto, é esse o pecado que a divina justiça, que com justa balança realiza todas as suas operações, não quis deixar impune; e, assim como sem razão a senhora se empenhou em subtrair-se a Tedaldo, também o seu marido sem razão esteve e está em perigo por causa de Tedaldo, e a senhora está nessa atribulação. Se quiser livrar-se dela, o que deve prometer e, sobretudo, fazer, é o seguinte: se porventura ocorrer que Tedaldo

retorne de seu longo desterro, deve restituir-lhe seus favores, seu amor, sua benevolência e sua intimidade, trazendo-o de volta à situação na qual estava antes que a senhora acreditasse tolamente no frade sandeu.

O peregrino terminava de falar quando a mulher, que estava atentíssima a ouvir, pois lhe pareciam por demais verdadeiras as suas razões, estimando-se sem dúvida atribulada por causa daquele pecado, segundo ouvira dele, disse:

– Amigo de Deus, percebo serem verdadeiras as coisas de que está falando e em grande parte graças à sua demonstração estou percebendo quem são os frades, que até agora eu considerava todos santos; e, sem dúvida, percebo ter sido grande a minha culpa naquilo que fiz contra Tedaldo, e, se eu pudesse, com prazer a corrigia da maneira como o senhor disse; mas como é isso possível? Tedaldo nunca mais poderá voltar a nós; está morto; portanto, não sei por que devo prometer aquilo que não pode ser feito.

O peregrino disse:

– Tedaldo não está morto, pelo que Deus me mostra, e sim vivo, sadio e em bom estado, se tivesse a sua mercê.

Disse então a mulher:

– Veja bem o que está dizendo; eu o vi morto diante da minha porta com várias punhaladas, tomei-o nestes braços e banhei seu rosto morto com muitas lágrimas, que talvez tenham dado ensejo a que se falasse tudo o que se falou de má-fé.

Então o peregrino disse:

– Diga o que disser, afirmo que Tedaldo está vivo; e, se quiser prometer aquilo e cumprir, espero que o veja em breve.

A mulher disse então:

– É o que farei com todo o gosto; nada do que pudesse acontecer me daria mais alegria do ver meu marido livre, fora de perigo, e Tedaldo vivo.

Tedaldo então achou que era hora de revelar-se e de consolar a mulher com esperanças mais seguras para seu marido, e disse:

– Para que eu possa lhe dar consolo em relação ao seu marido, preciso revelar um grande segredo, que a senhora deverá guardar pelo resto da vida e nunca contar a ninguém.

Estavam em lugar bastante afastado e sozinhos, tanta era a confiança da mulher na santidade que parecia haver no peregrino; então Tedaldo puxou um anel que estava guardado com o máximo cuidado, anel que a mulher lhe dera na última noite em que haviam estado juntos, e mostrando-o disse:

– Senhora, conhece isto?

Assim que o viu, ela o reconheceu e disse:

– Sim, senhor, eu o dei a Tedaldo.

O peregrino, pondo-se em pé e tirando depressa das costas a esclavina e da cabeça o chapéu, disse com acento florentino:

– Não me conhece?

A mulher, vendo-o e reconhecendo-o como Tedaldo, ficou aturdida, sentindo medo dele como se tem medo dos mortos que se ponham a andar como vivos; e, em vez de recebê-lo e ir ao seu encontro como Tedaldo a chegar de Chipre, quis fugir dele como Tedaldo a voltar da sepultura.

Tedaldo disse:

– Senhora, não tema, eu sou o seu Tedaldo, vivo e são, e nunca morri nem fui morto, por mais que a senhora e meus irmãos creiam nisso.

A mulher, um tanto tranquilizada, considerando sua voz, olhando mais um pouco e afirmando no íntimo que por certo ele era Tedaldo, atirou-se chorando em seus braços e beijou-o, dizendo:

– Tedaldo, meu bem, que bom que você voltou.

Tedaldo, depois de a beijar e abraçar, disse:

– Senhora, não é momento para acolhidas mais íntimas; quero ir tomar medidas para que Aldobrandino lhe seja devolvido são e salvo, e espero que antes do anoitecer de amanhã a senhora receba notícias que lhe sejam agradáveis; naturalmente, se eu tiver boas notícias sobre a salvação dele, como acho que terei, quero vir aqui hoje à noite para contá-las com mais vagar do que é possível neste momento.

E pondo de novo a esclavina e o chapéu, beijou outra vez a mulher, reforçou suas esperanças e, saindo de lá, foi ao lugar onde Aldobrandino, preso, estava mais imerso nos pensamentos da morte iminente do que nos de esperança de futura salvação; e, entrando ali como consolador, com a permissão dos carcereiros, sentou-se ao lado de Aldobrandino e disse:

– Aldobrandino, sou um amigo que Deus enviou para sua salvação, apiedado que ficou de sua inocência; por isso, se para reverenciá-Lo você quiser me conceder uma pequena dádiva que lhe pedirei, sem dúvida alguma antes do anoitecer de amanhã, em vez da esperada sentença de morte, você ouvirá a de absolvição.

Aldobrandino respondeu:

– Bom homem, se está preocupado com a minha salvação, embora não o conheça nem me lembre de jamais tê-lo visto, deve ser amigo como diz. E, na verdade, o pecado pelo qual dizem que devo ser condenado à morte eu nunca

cometi; muitos outros já cometi, que talvez me tenham trazido a esta situação. Mas, com toda a reverência a Deus, digo que, se Ele tiver agora misericórdia de mim, não só prometerei como também farei qualquer grande coisa, quanto mais uma pequena; por isso, peça o que quiser, pois, se por acaso eu escapar, cumprirei sem dúvida.

O peregrino então disse:

– O que quero nada mais é que você perdoe os quatro irmãos de Tedaldo por o terem conduzido a este ponto, acreditando ser você culpado da morte do irmão deles, e que os tenha por irmãos e amigos, desde que lhe peçam perdão por isso.

Aldobrandino respondeu:

– Só sabe como é saborosa a vingança e com quanto ardor é desejada quem recebe a ofensa; mesmo assim, para que Deus proveja à minha salvação, eu os perdoarei de bom grado e já os perdoo; e, se sair daqui vivo e me salvar, eu o farei da maneira que lhe parecer melhor.

O peregrino gostou da resposta e, sem querer dizer mais, rogou-lhe encarecidamente que ficasse animado, pois era certo que, antes do fim do dia seguinte, ele receberia notícia indubitável de sua salvação.

De lá saindo foi à Senhoria e disse em sigilo a um cavalheiro que a administrava:

– Senhor, todos devem lutar para tornar conhecida a verdade das coisas, sobretudo aqueles que ocupam o lugar que o senhor ocupa, para que não recaiam penas sobre quem não tenha cometido o pecado, e os pecadores sejam punidos. Foi com esse fim, para sua honra e para o mal de quem o tenha merecido, que aqui vim. Como sabe, o senhor moveu severa ação contra Aldobrandino Palermini e parece ter considerado que ele de fato matou Tedaldo Elisei, e está para condená-lo; mas isso é indubitavelmente falso, como creio que lhe mostrarei antes da meia-noite, pondo os assassinos daquele jovem em suas mãos.

O valoroso homem, que se condoía de Aldobrandino, deu facilmente ouvidos às palavras do peregrino. Pelas muitas coisas que este lhe disse, fez-se introduzir na estalagem durante o primeiro sono e prendeu sem reação os dois irmãos estalajadeiros e o seu criado; quando quis submetê-los à tortura para descobrir como a coisa ocorrera, estes não suportaram e cada um por si e depois todos em conjunto confessaram claramente terem matado Tedaldo Elisei, que não reconheceram. Quando lhes perguntaram a razão, disseram que ele molestara a mulher de um deles e quisera forçá-la a satisfazer sua vontade, não estando eles na estalagem.

O peregrino, ao saber disso, partiu com licença do cavalheiro e foi

secretamente à casa de *madonna* Ermellina; lá, como todas as outras pessoas da casa tinham ido dormir, encontrou-a sozinha a esperá-lo, ansiosa tanto por ouvir boas notícias do marido quanto por se reconciliar plenamente com seu Tedaldo. Chegando, este lhe disse alegre:

– Minha caríssima senhora, alegre-se, porque sem dúvida amanhã vai reaver aqui são e salvo o seu Aldobrandino.

E, para que ela acreditasse inteiramente, contou-lhe tudo o que fizera.

A mulher abraçou e beijou afetuosamente o seu Tedaldo, alegre como ninguém nunca esteve com esses dois acontecimentos imprevistos e súbitos, ou seja, reaver Tedaldo vivo, sobre cujo corpo realmente acreditava ter chorado, e ver Aldobrandino livre do perigo, sobre cujo corpo acreditava que choraria em poucos dias; e, indo juntos para a cama, de bom grado fizeram as pazes graciosa e jubilosamente, em alegre troca de prazeres. Quando o dia chegou, Tedaldo levantou-se e, depois de dizer à mulher o que pretendia fazer e de pedir-lhe de novo que tudo ficasse em total segredo, saiu da casa ainda vestido de peregrino para cuidar do caso de Aldobrandino, quando chegasse o momento.

A Senhoria, considerando ter completa informação sobre o feito, libertou Aldobrandino assim que raiou o dia e poucos dias depois mandou cortar a cabeça aos malfeitores, no lugar onde haviam cometido o homicídio. Liberto Aldobrandino, para grande regozijo dele mesmo, de sua mulher e de todos os amigos e parentes, sabendo-se com segurança que aquilo ocorrera por obra do peregrino, este foi levado à casa deles para lá ficar por todo o tempo em que quisesse permanecer na cidade; e ali não se cansavam de prestar-lhe homenagens e de festejá-lo, especialmente a mulher, que sabia a quem o fazia.

Mas, depois de alguns dias, achando que chegara a hora de promover a reconciliação entre Aldobrandino e seus irmãos, que, segundo percebia, estavam não só vexados com a libertação daquele, como também armados por temor, pediu a Aldobrandino que cumprisse a promessa. Aldobrandino respondeu espontaneamente que estava pronto. Por isso, o peregrino mandou preparar um belo banquete para o dia seguinte, dizendo desejar que ele e seus parentes, com respectivas senhoras, recepcionassem os quatro irmãos e suas senhoras, acrescentando que ele mesmo iria imediatamente convidá-los em seu nome para a reconciliação e o banquete. E, como Aldobrandino estivesse contente com tudo o que o peregrino queria fazer, este logo foi ter com os quatro irmãos e, trocando com eles muitas palavras que o assunto exigia, por fim, com razões incontestáveis, facilmente os convenceu de que deviam pedir perdão a Aldobrandino e reconquistar sua amizade; e, feito isto, convidou-os a irem com

suas esposas almoçar na manhã seguinte em casa de Aldobrandino; e eles, confiando em sua boa-fé, aceitaram livremente o convite.

Na manhã seguinte, portanto, à hora do almoço, os quatro irmãos de Tedaldo, vestidos de luto como estavam, foram com alguns amigos à casa de Aldobrandino, que os esperava; e ali, diante de todos os que tinham sido convidados por Aldobrandino a fazer-lhes companhia, depostas as armas, os irmãos se puseram nas mãos de Aldobrandino, pedindo-lhe perdão pelo que haviam feito contra ele. Aldobrandino os acolheu, chorando bondosamente, e, beijando-os todos na boca, resolveu a questão com poucas palavras e perdoou todas as injúrias que sofrera. Depois deles, aproximaram-se suas irmãs e mulheres, todas de roupa escura, sendo recebidas graciosamente por *madonna* Ermellina e pelas outras mulheres. Os homens e as mulheres foram magnificamente servidos, e no banquete nada houve que deixasse de ser louvável, a não ser a taciturnidade causada pela recente dor que era representada pelos trajes escuros dos parentes de Tedaldo, motivo pelo qual alguns haviam reprovado a ideia e o convite do peregrino, e ele o percebera; por isso, conforme já havia decidido, chegado o momento de pôr fim ao silêncio, ele ficou em pé, enquanto os outros ainda estavam comendo as frutas, e disse:

– Nada faltou para que este banquete fosse alegre, a não ser Tedaldo; o mesmo que os senhores tiveram continuamente por perto, mas não reconheceram; quero mostrar-lhes.

E, desvestindo a esclavina e todas as roupas de peregrino, ficou com uma aljuba de cendal verde e, não sem grande espanto de todos, foi observado e examinado durante muito tempo, antes que alguém se arriscasse a acreditar que era ele. Tedaldo, vendo isso, falou bastante dos parentes e narrou coisas e incidentes que haviam ocorrido com eles. Então os irmãos e os outros homens, todos banhados em lágrimas de alegria, correram a abraçá-lo; depois as mulheres fizeram o mesmo, tanto as parentes como as não parentes, exceto *monna* Ermellina. Aldobrandino, reparando, disse:

– Que é isso, Ermellina? Por que não festeja Tedaldo como as outras mulheres?

A isso a mulher respondeu, para que todos ouvissem:

– Ninguém há que o tenha festejado e festeje com mais gosto do que eu, porque lhe devo mais que qualquer outra, visto que graças a ele eu o tive de volta; mas as palavras maldosas que foram ditas nos dias em que chorávamos aquele que acreditávamos ser Tedaldo me retêm.

Aldobrandino então disse:

– Vá lá! Acha que acredito em maldizentes? Conseguindo a minha salvação, ele demonstrou muito bem que aquilo era falso, sem dizer que nunca acreditei; levante-se daí e vá abraçá-lo.

A mulher, que outra coisa não queria, não tardou em obedecer ao marido; assim, levantando-se, como as outras haviam feito, abraçou-o e fez-lhe muita festa. Essa liberalidade de Aldobrandino agradou muito aos irmãos de Tedaldo e a todos que ali estavam, homens e mulheres; e qualquer desconfiança que tivesse surgido na mente de alguns, em virtude do que se dissera, foi desse modo desfeita.

Portanto, depois que todos acolheram Tedaldo festivamente, ele mesmo arrancou as roupas pretas dos irmãos e os escuras das irmãs e das cunhadas, ordenando que para ali fossem levados outros trajes. E, depois que eles se vestiram de novo, houve muitos cantos, danças e outros entretenimentos; e assim o banquete, que começara silencioso, teve fim sonoro. E, com imensa alegria, do modo como estavam, foram todos à casa de Tedaldo e ali jantaram; e vários dias depois, dessa mesma maneira, continuavam festejando.

Os florentinos, durante vários dias, olharam para Tedaldo quase como se fosse homem ressuscitado e coisa prodigiosa; e no ânimo de muitos, inclusive dos irmãos, sobrava uma pequena dúvida, se seria ele mesmo ou não; ainda não acreditavam firmemente e talvez teriam continuado assim por muito tempo, não tivesse ocorrido uma coincidência que esclareceu quem de fato tinha sido assassinado; a coincidência foi a seguinte:

Certo dia alguns infantes de Lunigiana que passavam diante da casa deles, vendo Tedaldo, foram ao seu encontro dizendo:

– Bom olhos o vejam, Faziuolo.

Tedaldo respondeu diante dos irmãos:

– Estão me confundindo.

Ao ouvi-lo falar, ficaram encabulados e pediram desculpas, dizendo:

– Na verdade o senhor se parece tanto com um nosso companheiro chamado Faziuolo de Pontremoli como nunca vimos ninguém se parecer com outra pessoa; ele veio para cá há quinze dias pouco mais ou menos, e nunca mais conseguimos saber o que aconteceu com ele. É verdade que nos admiramos com a roupa, porque ele, como nós, era mesnadeiro.72

O irmão mais velho de Tedaldo, ouvindo isso, aproximou-se e perguntou como estivera vestido aquele tal Faziuolo. Eles o disseram, e verificou-se que era justamente como eles diziam; assim, por esses e por outros sinais, reconheceu-se que o homem assassinado era Faziuolo, e não Tedaldo; desse modo, os irmãos e

todas as outras pessoas deixaram de suspeitar dele.

Tedaldo, portanto, que voltara riquíssimo, perseverou em seu amar, e, sem que a mulher voltasse a brigar com ele, gozaram por longo tempo o amor, sempre agindo discretamente. Deus nos faça gozar o nosso.

OITAVA NOVELA

Ferondo, depois de ingerir certo pó, é dado por morto e enterrado; tirado da sepultura pelo abade que se deita com sua mulher, é posto na prisão, onde é convencido de que está no purgatório; depois, ressuscitado, cria como seu um filho que o abade gerara em sua mulher.

Terminada a longa história de Emília – que não desagradou a ninguém pela extensão, ao contrário, todos acharam que foi narrada com brevidade, considerando-se a quantidade e a variedade de episódios descritos –, a rainha fez um só aceno a Lauretta para mostrar seu desejo, o que lhe deu ensejo de assim começar:

– Caríssimas senhoras, ocorre-me agora como digna de ser contada uma verdade que tem muito mais aparência de mentira que de verdade, história que me acudiu à mente ao ouvir que uma pessoa foi pranteada e sepultada como se fosse outra. Contarei, pois, como um vivo foi dado por morto e sepultado, e como, depois, ele mesmo se considerou saído da sepultura como ressuscitado, e não como vivo, no que muitos acreditaram, sendo por isso adorado como santo quem deveria ser condenado como culpado.

Houve na Toscana uma abadia, e ainda há, situada em lugar não muito frequentado (como muitas vemos), na qual se tornou abade um monge que em tudo era santíssimo, exceto em assuntos de mulheres; e sabia ele fazer as coisas com tanta cautela que quase ninguém sabia delas e nem sequer suspeitava, motivo pelo qual era considerado santíssimo e justo em tudo. Ocorre que com esse abade pegou muita amizade um matuto riquíssimo chamado Ferondo, homem sobremodo tosco e parvo, e essa amizade só agradava ao abade pelo algum divertimento que às vezes lhe advinha das suas simploriedades. Nessa convivência o abade se deu conta de que Ferondo tinha uma belíssima mulher como esposa e por ela apaixonou tão ardentemente que não pensava em outra coisa dia e noite. Mas, ouvindo dizer que, embora simplório e insípido em tudo, em amar a mulher e guardá-la muito bem Ferondo era bem sabido, o abade quase desesperava. No entanto, por ser muito sagaz, tratou Ferondo de tal modo que ele às vezes ia com a mulher a recrear-se um pouco no jardim da abadia; ali, o abade conversava humildemente com eles sobre a beatitude da vida eterna e das santíssimas obras de muitos homens e mulheres do passado, a tal ponto que a mulher teve desejos de confessar-se com ele, pediu licença a Ferondo e a teve.

Indo, pois, confessar-se com o abade, para grande prazer dele, a mulher se sentou aos seus pés e, antes de dizer qualquer coisa, começou:

– Senhor, se Deus me tivesse dado um marido de verdade ou não tivesse dado nenhum, talvez fosse fácil entrar com seus ensinamentos no caminho que, segundo me disse, leva à vida eterna; mas, considerando quem é Ferondo e a sua estultícia, posso dizer que sou viúva; no entanto, casada sou, pois enquanto ele viver não posso ter outro marido; e ele, assim tonto como é, sem razão alguma tem um ciúme tão grande de mim, que por esse motivo eu só posso viver aflita e desventurada ao lado dele. Por isso, antes de passar ao resto da confissão, peço-lhe com a máxima humildade que tenha a bondade de me dar algum conselho a respeito, porque, se a partir de agora eu não começar a achar razão para o meu bem proceder, a confissão ou outra boa ação de pouco me adiantarão.

Essas palavras tocaram a alma do abade e lhe deram grande satisfação, pois lhe parecia que a Fortuna lhe abrira o caminho para a realização de seu maior desejo. Disse ele:

– Minha filha, creio ser muito desagradável para uma mulher bela e delicada, como a senhora, ter um marido mentecapto, porém creio que muito mais desagradável é ter um ciumento; por isso, como a senhora tem os dois, acredito piamente no que me diz sobre a sua aflição. Mas, para resumir, nesse caso não vejo conselho nem remédio, a não ser um, que é Ferondo curar-se desse ciúme. O remédio para curá-lo eu sei muito bem fazer, desde que a senhora seja capaz de manter em segredo o que vou lhe dizer.

A mulher disse:

– Meu pai, não duvide disso, pois antes me deixaria matar a dizer a outra pessoa aquilo que o senhor disse que eu não devia dizer; mas como isso poderá ser feito?

O abade respondeu:

– Se quisermos que ele se cure, é imprescindível que ele vá para o purgatório.

– E como ele pode ir vivo para lá? – perguntou a mulher.

O abade disse:

– Vai precisar morrer, é assim que vai; e, depois que tiver sofrido tantas penas que esteja castigado do ciúme, nós rogaremos a Deus, com certas orações, que o traga de volta a esta vida, e ele atenderá.

– Então preciso ficar viúva? – disse a mulher.

– Sim – respondeu o abade –, por algum tempo, durante o qual a senhora precisará ter muito cuidado para não se deixar desposar por outro, pois Deus acharia ruim, e, quando Ferondo retornasse, a senhora precisaria voltar para ele,

que estaria mais ciumento que nunca.

A mulher disse:

– Desde que se cure dessa desgraça, e eu não precise estar sempre presa, fico contente; faça como achar melhor.

O abade disse então:

– Farei; mas que recompensa terei por tal serviço?

– Meu pai – disse a mulher –, o que quiser, desde que eu possa dar; mas o que pode dar alguém como eu, que seja conveniente a um homem como o senhor?

Então o abade disse:

– A senhora pode fazer por mim nada menos do que aquilo que me comprometo a fazer pela senhora; então, assim como me disponho a fazer o que lhe sirva de bem e consolo, também a senhora pode fazer o que sirva de redenção e salvação da minha vida.

A mulher então disse:

– Se é assim, estou pronta.

– Então me dará seu amor – disse o abade – e me fará contente ao ter a senhora, por quem eu ardo e me consumo inteiro.

A mulher, ouvindo isso, ficou toda aturdida e respondeu:

– Ai, meu pai, o que é isso que está me pedindo? Eu achava que o senhor era santo; e tem cabimento um homem santo pedir essas coisas às mulheres que o procuram para orientação?

A isso o abade respondeu:

– Alma minha bela, não se espante, pois nem por isso a santidade é menor, porque ela está na alma, e o que lhe peço é pecado do corpo. Mas, seja como for, é tanta a força da sua grande beleza que o amor me obriga a fazer isso. E digo que deve se orgulhar de sua beleza mais que qualquer outra mulher, pois pense que ela agrada aos santos, que estão acostumados a ver as belezas do céu. Além disso, apesar de abade, sou homem como os outros, e está vendo que ainda não sou velho. E não deve achar penoso fazer isso, ao contrário, deve até desejá-lo, porque, enquanto Ferondo estiver no purgatório, eu lhe farei companhia à noite e assim lhe darei aquele consolo que ele deveria dar; e ninguém nunca vai descobrir, porque todos pensam de mim aquilo, e até mais, que a senhora até agora há pouco pensava. Não recuse a graça que Deus lhe manda, porque muitas outras gostariam de ter o que a senhora pode ter, e terá, se for ajuizada e seguir o meu conselho. Além disso, tenho joias lindas e valiosas, e não pretendo que sejam de outra pessoa. Portanto, faça por mim, doce esperança minha, aquilo que

pela senhora eu farei de bom grado.

A mulher ficou olhando para baixo, sem saber como negar, e ceder não lhe parecia bom; por isso o abade, vendo que ela lhe dera ouvidos e demorava a responder, achando que já a convertera pela metade, continuou acrescentando muitas outras palavras às primeiras e, antes que se calasse, já lhe havia posto na cabeça que aquilo era bom; então ela disse encabulada que estava pronta a obedecer a todas as suas ordens, mas não antes que Ferondo fosse para o purgatório. O abade, contentíssimo, disse:

– E nós o mandaremos para lá imediatamente; dê um jeito de amanhã ou depois ele vir aqui falar comigo.

Dito isso, pôs discretamente um lindo anel em sua mão e a dispensou. A mulher, feliz com o presente e prevendo ganhar outros, foi ter com as amigas e começou a contar-lhes coisas maravilhosas sobre a santidade do abade, e com elas voltou para casa.

Depois de alguns dias Ferondo foi à abadia, e o abade, assim que o viu, decidiu mandá-lo para o purgatório. E, encontrando um pó de maravilhosa virtude (que obtivera de um grande príncipe dos lados do Levante, segundo quem ele era costumeiramente usado pelo Velho da Montanha[73] sempre que queria fazer alguém adormecer para introduzi-lo em seu paraíso ou de lá o retirar, pó que, ministrado em maior ou menor quantidade, sem causar lesão, fazia quem o ingerisse dormir durante maior ou menor tempo, de tal maneira que, enquanto durassem seus efeitos, ninguém jamais diria que tal pessoa estava viva), desse pó ele pegou a quantidade suficiente para fazer alguém dormir durante três dias e, num copo de vinho não muito límpido, ainda em sua cela, serviu-o a Ferondo sem que ele percebesse. Logo depois o levou ao claustro, onde, acompanhado por vários outros de seus monges, começou a divertir-se com suas tolices. Não demorou muito para que o pó, agindo na cabeça de Ferondo, o fizesse sentir um sono súbito e irresistível, de tal modo que, ainda em pé, ele adormeceu e, adormecido, caiu. O abade, dando mostras de perturbar-se com o incidente, ordenou que as roupas dele fossem afrouxadas, que se trouxesse água fria e que ela lhe fosse jogada no rosto, mandando fazer muitos outros remédios seus, como se Ferondo tivesse sido acometido por algum vapor estomacal ou outro, e fosse preciso chamá-lo de volta à vida e fazê-lo recobrar os sentidos; e, vendo que nada daquilo o fazia voltar a si, o abade e os monges tocaram-lhe o pulso e, não encontrando nenhum sinal, todos tiveram por certo que estava morto; por isso, avisados que foram, a mulher e os parentes dele chegaram todos correndo e, depois que a mulher e algumas parentes o

prantearam um pouco, o abade ordenou que, vestido como estava, ele fosse metido numa sepultura.

A mulher voltou para casa e disse que não pretendia separar-se jamais de um filhinho que dele tivera; e assim, ficando em casa, começou a cuidar do filho e da riqueza que fora de Ferondo.

O abade e um monge bolonhês em quem ele muito confiava, e que naquele dia chegara de Bolonha, levantaram-se sorrateiramente à noite, tiraram Ferondo da sepultura e o levaram a um calabouço que servia de prisão aos monges que cometessem faltas, onde não se enxergava luz alguma; lá, tirando-lhe as roupas e vestindo-o de monge, puseram-no em cima de um monte de palha e lá o deixaram até que voltasse a si. Enquanto isso, o monge bolonhês, instruído pelo abade sobre o que deveria fazer, sem que ninguém mais soubesse de coisa alguma, começou a esperar que Ferondo recobrasse os sentidos.

No dia seguinte, o abade foi com alguns dos seus monges à casa da mulher, como que para fazer visita, e a encontrou de luto, muito aflita; depois de a consolar um pouco, cobrou-lhe em voz baixa o cumprimento da promessa. A mulher, vendo-se livre e sem o estorvo de Ferondo ou de qualquer um e vendo no dedo do abade outro lindo anel, disse que estava pronta, e combinaram que ele iria lá naquela noite. Assim, chegada a noite, o abade foi, vestindo as roupas de Ferondo e acompanhado de seu monge, e até as matinas deitou-se com ela, no que teve grande satisfação e prazer; depois voltou à abadia, percorrendo em tal serviço aquele mesmo caminho com bastante frequência. E algumas pessoas que o encontraram na ida e na volta acreditaram tratar-se de Ferondo, que estivesse pelas cercanias fazendo penitência; então muitas histórias foram contadas pela gente ignorante da aldeia, inclusive à mulher, que bem sabia do que se tratava.

Quando Ferondo voltou a si e se viu ali sem saber onde estava, o monge bolonhês entrou falando com uma voz horrível, empunhando varas, agarrou-o e deu-lhe uma grande surra.

Ferondo, chorando e gritando, não fazia outra coisa senão perguntar:

– Onde estou?

E o monge respondeu:

– Está no purgatório.

– Como! – disse Ferondo. – Então estou morto?

O monge disse:

– Está, sim.

Então Ferondo começou a chorar por si, pela mulher e pelo filho, dizendo as coisas mais estapafúrdias do mundo. O monge trouxe-lhe algo para comer e

beber. Ferondo, quando viu, disse:

– E morto come?

O monge disse:

– Come. E isso que eu trouxe é o que a mulher que foi sua mandou hoje de manhã à igreja, para rezar missa por sua alma, e Nosso Senhor quis que aqui lhe fosse servido.

Ferondo então disse:

– Que Deus dê um bom ano à minha mulher. Eu lhe queria tanto bem antes de morrer, tanto que toda noite dormia abraçado com ela e não fazia mais nada, só beijar, e também fazia outras coisas quando me dava vontade.

E depois, sentindo muita vontade, começou a comer e a beber; e, achando que o vinho não era muito bom, disse:

– Que Deus dê um mau dia à minha mulher, porque não trouxe ao padre o vinho do barril encostado à parede.

Mas, depois que acabou de comer, o monge o pegou de novo e, com aquelas mesmas varas, deu-lhe uma grande surra. Ferondo, gritando muito, disse:

– Ai! Por que está fazendo isso?

O monge disse:

– Porque assim ordenou Deus Nosso Senhor, que isso seja feito duas vezes por dia.

– E por quê? – disse Ferondo.

O monge respondeu:

– Porque você foi ciumento, mesmo tendo por esposa a melhor mulher de todos os arredores.

– Ai de mim – disse Ferondo –, é verdade, e a mais doce; ela era mais melada que bala, mas eu não sabia que Deus Nosso Senhor acha ruim a gente ser ciumento, porque senão eu não era.

O monge disse:

– Isso você devia ter percebido enquanto estava lá, e emendar-se; e, se por acaso voltar um dia, veja se guarda na memória o que estou fazendo agora, para nunca mais ser ciumento.

Ferondo disse:

– E morto volta?

O monge disse:

– Volta quem Deus quer.

– Oh – disse Ferondo –, se um dia eu voltar, vou ser o melhor marido do mundo; nunca vou bater nela, nunca vou xingar, a não ser pelo vinho que ela

mandou hoje de manhã, e também não mandou vela nenhuma, e agora eu preciso comer no escuro.

O monge disse:

– Mandou, sim, mas foram usadas na missa.

– Oh – disse Ferondo –, tem razão; e é certo que, se eu voltar, vou deixar que ela faça o que quiser. Mas me diga, quem é você que faz isso comigo?

O monge disse:

– Também estou morto, eu era da Sardenha, e, como no passado louvei muito um senhor meu por ser ciumento, fui condenado por Deus a esta pena, de lhe dar comida, bebida e surra, até que Deus decida outra coisa sobre mim e você.

Ferondo disse:

– Só nós dois estamos aqui, mais ninguém?

O monge disse:

– Não, há milhares, mas você não pode vê-los nem ouvi-los, nem eles a você.

Ferondo então disse:

– E que lonjura tem daqui até onde a gente mora?

– Uiui! – disse o monge. – Tem lonjura pra bem mais de dar com pau.

– Credo! É muito mesmo – disse Ferondo. – E estou achando até que a gente deve estar fora do mundo, de tanta lonjura.

Em tais conversas e semelhantes, ora comendo, ora apanhando, Ferondo passou lá uns dez meses, durante os quais o abade visitou, frequente e venturosamente, a bela mulher e com ela gozou os melhores momentos do mundo. Mas, como desgraça também acontece, a mulher emprenhou, logo percebeu e o disse ao abade; e assim ambos houveram por bem que Ferondo deveria ser chamado sem demora do purgatório à vida e voltar para ela, e que ela deveria dizer-lhe que estava grávida dele.

Naquela noite o abade, disfarçando a voz, mandou chamar Ferondo na prisão e lhe disse:

– Ferondo, console-se, pois Deus quer que você volte ao mundo; voltando, você terá de sua mulher um filho que deverá chamar-se Bento, pois é graças às preces do seu santo abade e de sua mulher e pelo amor de São Bento que lhe é feita essa graça.

Ferondo, ouvindo isso, ficou felicíssimo e disse:

– Gostei. Deus dê bom ano a *messer* Nosso Senhor e ao abade e a São Bento e à minha mulher queijada, melada, adoçada.

O abade, pondo no vinho que lhe mandava um pouco daquele pó, o suficiente para umas quatro horas de sono, vestiu-lhe de novo suas roupas e, com o monge

seu amigo, devolveu-o secretamente à sepultura no qual fora enterrado.

De manhã, ao raiar do dia, Ferondo voltou a si e por algum buraquinho da sepultura viu luz, coisa que não via fazia bem uns dez meses: por isso, achando que estava vivo, começou a gritar “Abram, abram” e a empurrar ele mesmo com a cabeça a lápide da sepultura, o que fez com tanta força que a moveu, pois com pouco ela se movia, e já começava a afastá-la quando os monges, que haviam rezado as matinas, correram para lá e reconheceram a voz de Ferondo, vendo-o já a sair do sepulcro; espantados com o insólito do fato, todos fugiram e foram procurar o abade.

Este, fingindo interromper a oração, disse:

– Filhos, não tenham medo, peguem a cruz e a água benta e venham comigo, vamos ver o que o poder de Deus quer nos mostrar.

E assim fez.

Ferondo, que ficara tanto tempo sem ver o céu, estava muitíssimo pálido fora da sepultura. Quando viu o abade, correu a atirar-se aos seus pés e disse:

– Meu pai, as suas rezas, como me foi revelado, mais as de São Bento e da minha mulher me livraram das penas do purgatório e me devolveram a vida, e por isso peço a Deus que lhe dê um bom ano e boas calendas, hoje e sempre.

O abade disse:

– Louvado seja o poder de Deus. Pode ir, meu filho, já que Deus o mandou de volta, e console a sua mulher, que, desde que você se foi desta vida não parou de chorar, e daqui por diante seja amigo e servidor de Deus.

Ferondo disse:

– Senhor, falou muito bem; deixe comigo, que assim que encontrar com ela, vou dar muitos beijos, de tanto que eu gosto dela.

O abade, ficando lá com seus monges, mostrou-se grandemente admirado e, com devoção, os fez cantar o *Miserere*. Ferondo voltou para sua aldeia, onde todos que o viam fugiam, como se foge das coisas horríveis, mas ele, chamando as pessoas de volta, afirmava que tinha ressuscitado. A mulher também tinha medo dele.

Mas, depois que as pessoas foram ganhando um pouco de confiança e viram que ele estava vivo, começaram a lhe perguntar muitas coisas, como se ele tivesse voltado sábio, e ele a todos respondia dando-lhes notícias das almas de parentes e criando por si mesmo as mais belas fábulas do mundo sobre os fatos do purgatório; e, no meio do povo, narrou a revelação que lhe fora feita pela boca de São Grabié Marmanjo antes que ele ressuscitasse. Assim, voltando para junto da mulher e recobrando a posse de seus bens, emprenhou-a conforme

pensava e, por acaso, chegada a hora certa, segundo a crença dos tolos que acreditam que a mulher carrega por nove meses justos os filhos no ventre, a esposa deu à luz um menino, que recebeu o nome de Benedetto Ferondi.74

A volta de Ferondo e suas palavras – pois quase todos acreditavam que ele tinha ressuscitado – aumentaram infinitamente a fama de santidade do abade. E Ferondo, que tanta surra levara por causa do ciúme, parecia curado, conforme promessa do abade à mulher, e daí por diante nunca mais foi ciumento. A mulher, muito contente, viveu com ele honestamente, como de costume, se bem que, sempre que podia, gostava de voltar a encontrar o santo abade, que com tanta diligência a servira na hora de maior necessidade.

NONA NOVELA

Gillette de Narbonne cura o rei da França de uma fístula; pede-lhe por marido Bertrand de Roussillon, que, casando-se contra a vontade, de raiva parte para Florença, onde corteja uma jovem; Gillette, passando-se por esta, deita-se com ele e tem dois filhos; ele, no fim, gosta dela e a aceita como esposa.

Para não anular o privilégio dado a Dioneu, só faltava a rainha contar sua história, uma vez que Lauretta terminara a sua. Por isso, sem esperar ser solicitada pelos amigos, ela começou graciosamente a falar.

– Quem haverá de agora contar história que pareça bonita, depois de ouvir a de Lauretta? Ainda bem que ela não foi a primeira, porque poucas depois teriam agradado, e espero que assim ocorra com as que ainda serão contadas neste dia. Mas, seja como for, contarei aquela que me ocorre sobre o tema proposto.

No reino de França havia um fidalgo chamado Isnard, conde de Roussillon, que, sendo de saúde frágil, tinha sempre por perto um médico chamado mestre Gérard de Narbonne. O referido conde tinha um filho único, ainda pequeno, que se chamava Bertrand e era belíssimo e agradável; com ele cresciam outras crianças da mesma idade, entre as quais uma filha do médico, chamada Gillette[75], que por Bertrand nutria um amor infinito, mais ardente que o adequado a tão tenra idade. Morto o conde, ele foi confiado ao rei e precisou ir para Paris, o que deixou a jovenzinha profundamente desconsolada; não muito tempo depois, morrendo-lhe o pai, ela teria ido de bom grado a Paris para ver Bertrand, caso para tanto encontrasse algum motivo decente; mas, sendo muito vigiada, pois ficara sozinha e rica, não encontrava esse motivo. E, chegando à idade de casar-se, como nunca conseguira esquecer Bertrand, recusava, sem apresentar nenhuma razão, os muitos pretendentes com que sua família queria desposá-la.

Ardia ela mais que nunca de amor por Bertrand – que, segundo ouvia dizer, se tornara um belíssimo jovem – quando lhe chegou a notícia de que o rei da França, em consequência de um tumor que tivera no peito e fora mal curado, ficara com uma fístula que lhe causava muito aborrecimento e enorme angústia, e ainda não se conseguira encontrar um médico, entre os muitos experimentados, que o curasse daquilo; ao contrário, todos o haviam feito piorar, motivo pelo qual o rei, desesperando, já não queria conselho nem ajuda de nenhum. Essa

notícia deixou a jovem muitíssimo contente, pois achou que não só tinha uma razão legítima para ir a Paris, como também, se aquela enfermidade fosse a que ela acreditava ser, seria fácil conseguir que Bertrand lhe fosse dado por marido. Assim, por ter já com o pai aprendido muitas coisas, preparou o seu pó com certas ervas úteis à doença que acreditava ser, montou a cavalo e foi para Paris. Chegando lá, a primeira coisa que fez foi empenhar-se em ver Bertrand e, depois, apresentando-se ao rei, pediu-lhe a graça de lhe mostrar a enfermidade. O rei, vendo-a bonita, jovem e atraente, não soube negar, e mostrou.

Assim que a viu, ela ganhou confiança na possibilidade de curá-lo e disse:

– Majestade, quando lhe aprouver, espero em Deus que, sem incômodo ou cansaço de sua parte, em oito dias o terei curado dessa enfermidade.

O rei no íntimo escarneceu das palavras dela, dizendo: “O que os maiores médicos do mundo não puderam nem souberam fazer, como uma mulherzinha tão nova poderia saber?”. Agradeceu-lhe, portanto, a boa vontade e respondeu que se propusera não mais seguir conselho de médico algum.

A isso a jovem respondeu:

– Vossa Majestade rejeita a minha arte porque sou jovem e mulher; mas lembro-lhe que não sou médico por minha própria ciência, e sim pela ajuda de Deus e pela ciência de mestre Gérard de Narbonne, que foi meu pai e famoso médico enquanto viveu.

O rei então pensou: “Talvez ela me seja mandada por Deus; por que não experimento o que ela sabe fazer, se está dizendo que pode curar-me sem incômodo e em pouco tempo?”. E, decidindo experimentar, disse:

– Se a senhorita não nos curar, depois de nos fazer desistir de nossa resolução, que consequências se seguirão?

– Majestade – respondeu a jovem –, ponha-me sob vigilância; se em oito dias eu não o curar, mande queimar-me; mas, se o curar, que recompensa terei?

O rei respondeu:

– A senhorita parece não ter ainda marido; se conseguir curar-nos, nós a casaremos bem e nobremente.

A jovem disse:

– Faz-me muito gosto que Vossa Majestade me case, mas quero o marido que lhe pedir, e não lhe pedirei nenhum de seus filhos nem da casa real.

O rei imediatamente prometeu fazê-lo.

A jovem começou o tratamento, e em breve, antes do prazo marcado, já lhe devolvera a saúde. O rei, sentindo-se curado, disse:

– A senhorita de fato ganhou o marido.

Ela respondeu:

– Então, Majestade, ganhei Bertrand de Roussillon, que comecei a amar na infância e desde então amo sumamente.

O rei achou que era demais dá-lo àquela jovem, mas, visto que prometera e não queria faltar à palavra, mandou chamá-lo e lhe disse:

– Bertrand, você já está grande e é homem feito. Queremos que volte para governar seu condado e leve consigo uma senhorita que lhe damos por mulher.

Bertrand disse:

– E quem é a senhorita, Majestade?

O rei respondeu:

– É aquela que com seus remédios me devolveu a saúde.

Bertrand, que a vira e reconhecera, apesar de achá-la muito bela, como sabia que ela não era de estirpe que conviesse ao seu grau de nobreza, disse desdenhoso:

– Vossa Majestade quer dar-me uma médica por esposa? Não queira Deus que eu tome jamais uma mulher como essa.

O rei disse:

– Quer então que faltemos à palavra que, para recuperar a saúde, demos a essa senhorita, que o pediu por marido como recompensa?

– Vossa Majestade pode tirar-me tudo o que tenho – disse Bertrand – e, como seu vassalo, dar-me a quem lhe aprouver; mas garanto-lhe que com esse enlace nunca ficarei contente.

– Ficará, sim – disse o rei –, porque a donzela é bonita, prudente e o ama muito; por isso esperamos que tenha uma vida muito mais feliz com ela do que com uma mulher de mais alta estirpe.

Bertrand calou-se, e o rei mandou fazer grandes preparativos para a festa das núpcias. No dia marcado, mesmo a contragosto, Bertrand casou-se na presença do rei com a donzela que o amava mais que a si mesma. Feito isso, conforme já havia decidido tacitamente, dizendo que queria voltar ao seu condado e ali consumar o matrimônio, pediu licença ao rei e, montando a cavalo, não foi para o seu condado, mas veio para a Toscana. E, sabendo que os florentinos estavam em guerra com os seneses, dispôs-se a lutar ao lado deles; recebido com alegria e honras, foi incumbido de capitanear certa quantidade de homens e recebeu boa paga, ficando a seu serviço durante um bom tempo.

A recém-casada, pouco contente com esse destino, esperando atraí-lo de volta ao condado por meio de seus bons serviços, dirigiu-se para Roussillon, onde foi recebida por todos como senhora. Ali, encontrando tudo estragado e

desarrumado, em virtude do longo tempo passado sem um conde, como era mulher sensata, pôs tudo em ordem com grande diligência e préstimo, o que deixou muito contentes os súditos, que passaram a dedicar-lhe grande estima e afeição, reprovando muito o conde por não se satisfazer com ela.

Depois de pôr em ordem tudo no lugar, pediu a dois cavaleiros que o transmitissem ao conde, pedindo-lhe que, se era por causa dela que não voltava ao seu condado, que o dissesse, e ela iria embora para deixá-lo contente. E ele lhes respondeu com muita dureza:

– Quanto a isso, que faça o que quiser; de minha parte, só voltarei para ficar com ela no dia em que ela tiver este anel no dedo e nos braços um filho por mim gerado.

Ele tinha grande apreço por aquele anel do qual nunca se separava, por causa de alguma virtude que, conforme lhe fora dado a entender, a joia possuía. Os cavaleiros entenderam a dura condição imposta por meio daquelas duas coisas quase impossíveis; e, vendo que, por mais que falassem, não o demoveriam de sua decisão, voltaram à mulher e lhe transmitiram sua resposta.

Ela, muito magoada, depois de longa reflexão, decidiu procurar saber se aquelas duas coisas poderiam ser feitas e se, por conseguinte, seria possível reaver o marido. Depois de decidir o que faria, reuniu uma parte dos mais insignes e melhores homens do condado e lhes contou com todos os pormenores e palavras comoventes tudo o que já fizera por amor ao conde, mostrando o que se lhe seguira; por fim, disse que sua intenção não era permanecer ali, obrigando o conde a manter-se em perpétuo exílio; ao contrário, pretendia consumir o restante da vida em peregrinações e serviços de misericórdia pela salvação de sua alma; pediu-lhes então que assumissem a guarda e o governo do condado e avisassem ao conde que ela deixava vagas e livres as suas posses, e que se afastava com a intenção de nunca mais voltar a Roussillon. E, enquanto falava, os bons homens derramaram muitas lágrimas e lhe fizeram várias súplicas para que tivesse a bondade de mudar de ideia e ficar; mas foi em vão.

Encomendando-os a Deus, com um primo e uma camareira em trajes de peregrinos, com muito dinheiro e joias valiosas, sem que ninguém soubesse para onde ia, ela se pôs a caminho e não parou enquanto não chegou a Florença; ali, indo por acaso a uma pequena estalagem mantida por uma boa viúva, hospedou-se modestamente como pobre peregrina, desejosa de saber notícias de seu senhor. Ocorre que no dia seguinte ela viu Bertrand passar a cavalo com sua companhia pela frente da estalagem e, embora o conhecesse muito bem, perguntou à boa estalajadeira quem ele era. Esta respondeu:

– É um fidalgo forasteiro que se chama conde Bertrand, amável, cortês e muito estimado na cidade; e é o homem mais apaixonado do mundo por uma vizinha nossa, que é fidalga, mas pobre. Verdade que é uma jovem muito séria que, por causa da pobreza, ainda não se casou e vive com a mãe, mulher sensata e boa; não fosse a mãe, ela talvez já tivesse feito aquilo que o conde deseja.

A condessa ouviu essas palavras e as guardou bem; e, examinando tudo mais minuciosamente, vendo todas as particularidades e compreendendo bem todas as coisas, concebeu um plano; informando-se sobre a casa e o nome da mulher e de sua filha, que o conde amava, foi lá um dia discretamente em trajes de peregrina e, encontrando a mulher e a filha a viverem bem pobremente, cumprimentou-as e disse à mulher que, se fizesse a gentileza, queria falar com ela.

A gentil dama, levantando-se, disse que estava pronta para ouvi-la; e, entrando sozinhas as duas num quarto, sentaram-se, e a condessa começou:

– Senhora, parece-me que a Fortuna a tem como uma de suas inimigas, tal como a mim; mas, se quiser, poderá dar conforto a si e a mim.

A mulher respondeu que nada lhe seria mais grato que achar conforto com honestidade.

A condessa prosseguiu:

– Preciso de sua palavra, e, se eu confiar nela e a senhora me enganar, estará pondo a perder seus negócios e os meus.

– Pode dizer com segurança – respondeu a gentil dama – tudo o que quiser, pois por mim nunca será enganada.

Então a condessa, começando por sua paixão de infância, contou-lhe quem era e o que lhe acontecera até aquele dia, de tal maneira que a gentil dama, dando fé às suas palavras, como se já em parte as tivesse ouvido de alguém, começou a sentir compaixão dela. E a condessa, depois de contar sua história, prosseguiu:

– A senhora ficou sabendo, portanto, quais são, entre todas as minhas preocupações, as duas coisas que precisarei obter para conseguir ter meu marido, e, para obtê-las, não conheço ninguém mais que possa me ajudar, senão a senhora, se for verdade o que ouço dizer, ou seja, que o conde, meu marido, ama muito sua filha.

A gentil dama disse:

– Se o conde ama minha filha não sei, sei que dá muitas demonstrações disso; mas o que posso fazer para que a senhora consiga o que quer?

– Senhora – respondeu a condessa –, vou dizer-lhe; mas, primeiramente, quero mostrar-lhe o que ganhará, caso me ajude. Vejo que sua filha é bonita e

está em idade de casar-se e, pelo que ouvi dizer e percebo, não tendo bens para casá-la a senhora a mantém em casa. Como recompensa pelo serviço que me prestar, pretendo dar-lhe imediatamente, do meu dinheiro, o dote que a senhora mesma achar conveniente para casá-la dignamente.

A mulher, que estava necessitada, gostou da oferta, mas, como tinha espírito fidalgo, disse:

– Diga de que modo posso ajudá-la, e eu o farei, desde que seja algo honesto para mim; depois a senhora fará o que lhe aprouver.

Disse então a condessa:

– Preciso que a senhora peça a alguém em quem confie que vá dizer ao conde, meu marido, que sua filha está disposta a satisfazer aos seus desejos, desde que possa estar certa de que ele a ama como demonstra; pois não acreditará nisso enquanto ele não lhe mandar o anel que traz no dedo, anel do qual, segundo ouviu dizer, ele tanto gosta; esse anel, se ele mandar, a senhora me dará. Depois, mandará dizer que sua filha está pronta a atender aos seus desejos e o fará vir aqui em segredo, colocando-me discretamente ao lado dele, em lugar de sua filha. Talvez Deus me faça a graça de emprenhar; assim, tendo depois o anel dele no dedo e nos braços o filho que ele gerou, eu o reconquistarei e com ele ficarei, como deve ficar a mulher com o marido, e tudo isso graças à senhora.

Pareceu grave aquilo à gentil dama, que temia por consequência a difamação da filha; mas, considerando que seria honesto colaborar para que a boa mulher recuperasse o marido e que aquilo seria feito por ela com uma finalidade honesta, confiando na boa e honesta afeição da condessa[76], não só lhe prometeu que o faria como também, depois de poucos dias, segundo disposições dadas por ela mesma, que agiu com sigilo e cautela, conseguiu o anel (embora parecesse um tantinho doloroso ao conde) e colocou com maestria a condessa a dormir com o conde em lugar da filha. E já nas primeiras conjunções, buscadas afetuosamente pelo conde, como aprouve a Deus, a mulher emprenhou de dois filhos varões, conforme se tornou manifesto no parto, ocorrido em tempo devido. E não foi só uma vez que a gentil dama deixou a condessa contente com os abraços do marido, porém muitas, atuando tão sigilosamente, que nunca se ouviu uma palavra sobre o assunto, e o conde sempre acreditou que não estivera com a mulher, mas com aquela que amava. E a esta, quando partia pela manhã, ele dava joias belas e caras, que a condessa guardava diligentemente.

Esta, percebendo-se grávida, não quis mais onerar a gentil dama com tal serviço e lhe disse:

– Graças a Deus e à senhora, tenho o que desejava; por isso, está na hora de

se fazer o que for do seu gosto, para depois eu ir embora.

A gentil dama disse que, se ela tinha conseguido o que lhe agradava, então estava feliz; mas que não fizera aquilo esperando recompensas, e sim porque achava que devia fazer o bem.

A condessa disse:

– Senhora, concordo, mas, por outro lado, não pretendo dar-lhe o que me pedir como recompensa, e sim para fazer o bem, pois acho que assim deve ser.

A gentil dama então, premida pela necessidade, pediu muito constrangida cem liras para casar a filha. A condessa, percebendo seu constrangimento e ouvindo seu cortês pedido, deu-lhe quinhentas, além de muitas joias lindas e preciosas, que valiam talvez outro tanto; isso deixou a gentil dama mais que contente e a fez agradecer penhoradamente à condessa; esta, despedindo-se, voltou para a estalagem. A gentil dama, para não dar mais a Bertrand ensejo de mandar alguém ou de ir à sua casa, partiu com a filha para o interior, instalando-se em casa de parentes; e Bertrand, chamado por seus homens, que lhe diziam ter a condessa ido embora, voltou para casa pouco tempo depois.

A condessa, ouvindo dizer que ele partira de Florença e voltara ao seu condado, ficou muito contente e só permaneceu em Florença até a hora do parto, quando deu à luz dois filhos varões parecidíssimos com o pai, que ela fez alimentar diligentemente. E, quando lhe pareceu oportuno, pôs-se a caminho sem ser reconhecida por ninguém e foi com eles para Montpellier. Ali repousou vários dias e, indagando onde estava o conde, ficou sabendo que no dia de Todos os Santos ele faria em Roussillon uma grande festa de damas e cavaleiros; então, vestida de peregrina, tal como saíra, foi para lá.

E, sabendo que as damas e os cavaleiros estavam reunidos no palácio do conde para sentarem-se à mesa, subiu até a sala sem trocar de roupa, com os filhos nos braços, e, abrindo passagem entre as pessoas, foi até onde o conde estava e, atirando-se aos seus pés, disse chorando:

– Meu senhor, sou sua desventurada esposa, que, para deixá-lo voltar à sua casa, há muito tempo está vagando pelo mundo. Por Deus eu lhe peço que observe as condições que me foram impostas por meio dos dois cavaleiros que lhe enviei; e eis aqui nos meus braços não um filho seu, mas dois, e eis aqui o seu anel. Portanto, está na hora de eu ser recebida como sua esposa, segundo promessa que fez.

O conde, ouvindo isso, ficou atônito e reconheceu o anel e os filhos, tão parecidos eram com ele; mesmo assim disse:

– Como pode ter acontecido isso?

A condessa, para grande espanto do conde e de todos os outros presentes, contou pormenorizadamente o que acontecera e como. Assim, o conde, reconhecendo que ela dizia a verdade e vendo sua perseverança, seu engenho e, além de tudo, os dois lindos filhos, para cumprir o que prometera e para atender a todos os seus homens e às damas, que lhe rogavam acolhê-la e honrá-la como legítima esposa, deixou de lado a obstinada rigidez, fez a condessa levantar-se, abraçou-a e beijou-a e a reconheceu como legítima esposa, e às crianças como seus filhos. E, ordenando que ela fosse vestida com trajes adequados, para grande prazer de quantos ali estavam e de todos os outros vassalos que disso ficaram sabendo, fez uma grande festa não só durante todo aquele dia, mas durante vários outros; e, a partir de então, honrando-a sempre como esposa e mulher, amou-a e prezou-a sumamente.

DÉCIMA NOVELA

Alibeck torna-se eremita; o monge Rústico ensina-lhe como pôr o diabo no inferno; depois, tirada de lá, torna-se mulher de Neerbal.

Dioneu, que ouvira a história da rainha com atenção, percebendo que ela terminara e que só ele restava para contar uma história, sem esperar ordem, começou a dizer, sorrindo:

– Graciosas senhoras, talvez nunca tenham aprendido como se põe o diabo no inferno; por essa razão, sem me afastar muito do tema sobre o qual se conversou o dia inteiro, quero dizer como se faz isso; aprendendo, as senhoras talvez ainda possam salvar a alma e também ficar sabendo que o Amor, embora prefira morar em palácios alegres e alcovas refinadas a morar em pobres choupanas, nem por isso deixa de às vezes fazer sentir suas forças nos densos bosques, entre as ríspidas montanhas e nos ermos antros; por isso se pode entender que tudo está submetido ao seu poder.

Portanto, indo aos fatos, digo que na cidade de Capsa, na Berberia, houve outrora um homem riquíssimo, que, entre alguns outros filhos, tinha uma filhinha linda e graciosa, cujo nome era Alibeck. Esta, que não era cristã, ouvindo dos muitos cristãos da cidade loas à fé cristã e ao serviço prestado a Deus, um dia perguntou a alguém de que maneira se podia servir a Deus com menos impedimentos. Responderam-lhe que as pessoas que serviam melhor a Deus eram aquelas que mais fugiam às coisas do mundo, como quem tinha ido para as solidões dos desertos de Tebaida. A jovem, que era muito ingênua e tinha cerca de quatorze anos de idade, movida mais por ímpeto pueril que por desejo refletido, sem pensar duas vezes e sem ouvir ninguém, na manhã seguinte se pôs às escondidas e sozinha a caminho do deserto de Tebaida; e, com grande canseira, sem que sua vontade esmorecesse, depois de alguns dias alcançou aqueles ermos. Vendo de longe uma casinha, para ela se dirigiu, encontrando à porta um santo homem que se admirou muito de vê-la por lá e lhe perguntou o que estava procurando. Ela respondeu, que, inspirada por Deus, ia à procura de um modo de servi-lo e precisava de alguém que lhe ensinasse como.

O bravo homem, vendo-a jovem e tão bela e temendo ser enganado pelo demônio, caso a mantivesse lá, elogiou sua boa disposição e, depois de lhe dar umas raízes, frutos silvestres e tâmaras para comer e água para beber, disse:

– Filha, não muito longe daqui há um santo homem que, para isso que você

está procurando, é mestre muito melhor que eu; vá falar com ele.

E ensinou-lhe o caminho.

Ela, indo até lá e ouvindo as mesmas palavras, foi prosseguindo até que chegou à cela de um eremita jovem, pessoa bastante devota e boa, cujo nome era Rústico, a quem fez a mesma pergunta que fizera aos outros. Ele, para submeter sua firmeza a uma grande prova, não a mandou prosseguir caminho como os outros, mas a recebeu em sua cela; e, chegando a noite, fez-lhe uma caminha de folhas de palmeira a um canto e disse-lhe que descansasse ali.

Feito isso, não demorou muito para que as tentações viessem fazer batalha contra as forças dele, pois ele, que havia muito tempo estava sendo traído por elas, não precisou de muitos assaltos para abandonar o campo e capitular. Deixando de lado os pensamentos santos, as orações e as disciplinas, começou a rememorar a juventude e a beleza dela e a pensar por quais vias e modos lidaria com a moça, para que ela não o percebesse como um homem dissoluto a obter aquilo que dela desejava. E, experimentando primeiramente com certas perguntas, deu-se conta de que ela nunca conhecera homem e de que seria simples como parecia; e assim imaginou um modo de levá-la a satisfazer seus desejos achando que estava servindo a Deus. Primeiramente, com muitas palavras, mostrou-lhe como o diabo é inimigo de Nosso Senhor e, depois, lhe deu a entender que o serviço mais grato a Deus era meter o diabo no inferno, ao qual Nosso Senhor o condenara.

A mocinha perguntou como se faria isso. Rústico disse:

– Logo vai saber; para isso, faça tudo o que eu fizer.

E começou a despir as poucas vestes que tinha, ficando completamente nu; a mocinha fez o mesmo; ele ficou de joelhos como que em adoração e mandou-a fazer o mesmo à sua frente.

E, estando assim os dois, ao vê-la tão bela, Rústico, mais que nunca, inflamou-se em seu desejo e então deu-se a ressurreição da carne; Alibeck muito se admirou quando a viu e disse:

– Rústico, que coisa é essa que estou vendo em você, assim esticada para fora, que eu não tenho?

– Oh, minha filha – disse Rústico –, é o diabo de que lhe falei. Está vendo? Agora ele está me incomodando tanto que mal posso suportar.

Então a jovem disse:

– Oh, louvado seja Deus, pois vejo que estou melhor que você, porque não tenho esse diabo aí.

Rústico disse:

– Tem razão, mas em vez dele você tem outra coisa que eu não tenho.

Alibeck disse:

– O quê?

Rústico disse:

– O inferno; e digo-lhe que eu creio que Deus a mandou aqui para a salvação da minha alma, pois esse diabo vai ficar me atormentando desse jeito, e você, se tiver piedade de mim e permitir que eu o meta no inferno, a mim vai dar grande consolo, e a Deus, enorme satisfação e serviço, se é que veio a este lugar para fazer o que diz.

A jovem respondeu de boa-fé:

– Ó, meu pai, já que tenho o inferno, que seja como quiser o senhor.

Rústico disse:

– Minha filha, bendita seja; então vamos metê-lo ali, para que ele depois me deixe em paz.

E, dizendo isso, levou a jovem para uma daquelas caminhas e lhe ensinou como era preciso ficar para aprisionar aquele amaldiçoado de Deus.

A jovem, que nunca tinha posto diabo nenhum no inferno, na primeira vez sentiu-se um tanto incomodada, pelo que disse a Rústico:

– É verdade, meu pai, muito má coisa e inimigo mesmo de Deus deve ser esse diabo, porque se até no inferno machuca quando é posto para dentro, imagine em outros lugares.

Rústico disse:

– Filha, nem sempre será assim.

E, para evitar que isso acontecesse, antes de saírem da caminha o puseram para dentro umas seis vezes, até que da última vez lhe baixaram a tal ponto a cabeça soberba que de bom grado ele sossegou.

Mas, como a soberba retornou depois várias vezes, e a jovem obediente sempre se dispôs a dobrá-la, aconteceu que ela começou a gostar da brincadeira, e dizia a Rústico:

– Estou vendo que era verdade o que diziam aqueles bravos homens de Capsa, que servir a Deus é tão bom; e de fato não me lembro de nunca ter feito nada que me desse tanto deleite e prazer como pôr o diabo no inferno; por isso acho que qualquer pessoa que faça outra coisa que não seja servir a Deus é uma besta.

Por isso, muitas vezes ela se aproximava de Rústico e dizia:

– Meu pai, vim aqui para servir a Deus e não para ficar sem fazer nada; vamos pôr o diabo no inferno.

E depois de fazer isso às vezes dizia:

– Rústico, não sei por que o diabo foge do inferno; porque, se ele gostasse de ficar no inferno como o inferno gosta que ele entre e fique, não sairia nunca.

Assim, pois, convidando tantas vezes Rústico e incentivando-o a servir a Deus, a jovem lhe consumira a tal ponto o enchimento do gibão que ele sentia frio em horas nas quais um outro teria suado; por isso, começou a dizer à jovem que o diabo só devia ser castigado ou posto dentro do inferno quando levantasse a cabeça por soberba:

– E nós, pela graça de Deus, o esclarecemos tanto, que agora ele está pedindo sossego a Deus.

E assim impôs certo silêncio à jovem.

Mas ela, vendo que Rústico já não lhe pedia que pusesse o diabo no inferno, disse um dia:

– Rústico, se o seu diabo já está castigado e não o incomoda, a mim o inferno não dá paz; por isso seria bom que você, com o seu diabo, ajudasse a acalmar a fúria do meu inferno, assim como eu com o meu inferno ajudei a acabar com a soberba do seu diabo.

Rústico, que vivia de raízes e água, mal conseguia responder aos desafios, e disse-lhe que muitos diabos seriam necessários para acalmar o inferno, mas que ele faria o que pudesse; e assim às vezes a satisfazia, mas tão raramente, que era como jogar uma fava na boca do leão; então a jovem, achando que não servia a Deus quanto queria, reclamava um bocado.

Mas, enquanto o diabo de Rústico e o inferno de Alibeck entravam em conflito, por excesso de querer e falta de poder, um incêndio tomou conta de Capsa, queimando em sua própria casa o pai de Alibeck e todos os seus filhos e o restante da família; por isso, Alibeck tornou-se herdeira de todos os seus bens. Foi então que um jovem chamado Neerbal, que em magnificências gastara todas as suas riquezas, ouvindo dizer que ela estava viva, começou a procurá-la, até que a achou antes que a corte tomasse posse dos bens do pai dela, por ter morrido sem herdeiros; e, para grande satisfação de Rústico, contra a vontade dela, levou-a de volta para Capsa e a tomou por mulher, tornando-se herdeiro do grande patrimônio ao lado dela. Mas, quando as mulheres lhe perguntaram como servia a Deus no deserto (Neerbal ainda não se deitara com ela), respondeu que o servia pondo o diabo no inferno, e que Neerbal cometera um grande pecado tirando-a de tal serviço.

As mulheres perguntaram:

– Como se põe o diabo no inferno?

A jovem mostrou, com palavras e gestos, e elas riram tanto que ainda estão rindo. E disseram:

– Não fique triste, não, filha, aqui também se faz isso muito bem; Neerbal vai bem servir a Deus desse modo com você.

Depois, como as mulheres contassem o caso umas às outras por toda a cidade, acabou por se tornar corrente o ditado de que o serviço mais agradável que se presta a Deus é pôr o diabo no inferno; esse ditado veio para cá por mar e ainda existe. Por isso, jovens damas, necessitadas da graça de Deus, aprendam a pôr o diabo no inferno, pois isso dá muita satisfação a Deus e prazer às partes, podendo daí advir e seguir-se um grande bem.

Mil vezes ou mais a história de Dioneu arrancou risadas às honestas damas, tão engraçadas lhes pareciam suas palavras. Mas, concluída a narrativa, a rainha, sabendo ter chegado ao fim o seu reinado, tirou a coroa de louros da cabeça e com muita graça a colocou na de Filostrato, dizendo:

– Logo veremos se o lobo saberá conduzir as ovelhas melhor do que as ovelhas conduziram os lobos.

Filostrato, ouvindo isso, disse a rir:

– Se me tivessem dado ouvidos, os lobos teriam ensinado às ovelhas como pôr o diabo no inferno, assim como Rústico ensinou a Alibeck; por isso, as senhoras não nos chamem de lobos, se não foram ovelhas; seja como for, acatando a concessão, comandarei o reino que me foi confiado.

Neifile respondeu:

– Ouça, Filostrato, pondo-se a nos ensinar, você talvez tivesse saído escarmentado, como Masetto de Lamporecchio com as freiras, e talvez só recuperasse a fala quando os ossos já tivessem aprendido a assobiar sozinhos.77

Filostrato, percebendo que sobravam foices para as suas flechas, deixando de lado os gracejos, começou a tratar do governo do reino. E, mandando chamar o senescal, quis saber em que ponto estavam todas as coisas; além disso, dispôs tudo judiciosamente, segundo o que lhe parecia bom e capaz de satisfazer o grupo enquanto durasse o seu reinado; depois, dirigindo-se às mulheres, disse:

– Amorosas damas, para minha desventura, desde que aprendi a distinguir o bem do mal sempre fui subjugado ao Amor pela beleza de alguma mulher, e de nada adiantou ser-lhe humilde e obediente ou segui-lo78 naquilo que aprendi estar de acordo com todos os seus costumes, pois primeiro fui abandonado por causa de outro e depois só fui de mal a pior, como acredito que irei até a morte. Por isso, não gostaria que amanhã se tratasse de outro assunto senão desse que está mais conforme com a minha vida, ou seja, de pessoas cujos amores tiveram

um fim infeliz, pois prevejo que no futuro o meu também será infelicíssimo, e não por acaso esse nome pelo qual os senhores me chamam me foi imposto por alguém que sabia muito bem o que ele quer dizer.79

Dito isso, levantou-se e dispensou todos até a hora do jantar.

Era tão belo e deleitoso o jardim que ninguém houve que preferisse sair para buscar sentir mais prazer em outro lugar. Ao contrário, como o sol já tépido não era obstáculo a continuar-se ali, alguns se puseram a seguir corças, coelhos e outros animais que havia no jardim e tinham ido umas cem vezes incomodá-los, a saltar no meio deles enquanto estavam sentados. Dioneu e Fiammetta começaram a cantar sobre *messer* Guiglielmo e a Dama do Vergel80; Filomena e Pânfilo puseram-se a jogar xadrez; e, assim, fazendo estes uma coisa, aqueles, outra, o tempo passou correndo, e a hora do jantar chegou sem que ninguém esperasse; postas as mesas ao redor da bela fonte, com muita alegria jantou-se ali ao cair da noite.

Filostrato, para não fugir ao que fora observado por aquelas que haviam reinado antes dele, assim que se levantaram das mesas pediu que Lauretta conduzisse uma dança e cantasse uma canção. E ela disse:

– Meu senhor, das canções alheias não sei nenhuma, e das minhas não me acode nenhuma que seja adequada a grupo tão alegre; se quiserem ouvir uma das que sei, cantarei com muito gosto.

O rei disse:

– Nada que seja seu poderia deixar de ser bonito e agradável; por isso, cante como souber.

Lauretta começou com voz suave, mas de maneira um tanto dolente, enquanto as outras cantavam o refrão:

Não há desconsolada
que sofra mais do que eu;
suspiro em vão, ai, pobre enamorada.
Aquele que o céu move e cada estrela
criou-me assim, tal qual,
graciosa, galante, airosa e bela,
para ao alto intelecto dar sinal,
neste mundo, daquela
beleza ante sua face perenal;
do imperfeito mortal,
que não me reconhece,
cara não sou, porém, sou desprezada.

Houve já quem me quis e de bom grado
bem jovem me tomou
entre seus braços, entre seus cuidados,
e com meus olhos todo se encantou,
e o tempo, que apressado
voa, a me desejar ele passou;
e eu, cortês que sou,
de mim o tornei digno;
mas sem ele fiquei, ai, que coitada!
Apresentou-se então, bem presunçoso,
certo jovem altivo,
que se dizia nobre e valoroso:
por ciúme me prende sem motivo,
tornou-se suspeitoso;
por isso, em desespero quase vivo,
de bem-fazer me privo
a muitos, como é dado,
para estar a um homem subjugada.
Então maldigo a minha desventura:
para trocar as roupas já funestas
eu disse sim; tão bela nas escuras
e tão feliz me via, enquanto nestas
a minha vida é dura
e nem sequer sou vista como honesta.
Oh, dolorosa festa,
tivesse antes morrido
que tê-la como coisa desejada.
Ó primeiro e querido meu amante,
contigo era contente,
e agora aí no céu estás diante
do Criador. Ah! Torna-te clemente
comigo, que, constante,
lembro-te ainda e mostra firmemente
que a antiga chama ardente
só por mim te aqueceu
e roga que até ti seja eu levada.

Aqui Lauretta pôs fim à sua canção, ouvida por todos e diferentemente

entendida pelas diversas pessoas; houve quem preferisse entender, ao modo milanês, que é melhor um bom porco que uma bela moça.81 Outros foram de entendimento mais sublime, melhor e mais verdadeiro, mas sobre ele não cabe agora falar. O rei, depois dessa canção, mandou acender muitos candelabros sobre a relva e as flores e pediu que cantassem outras mais, até que começaram a cair as estrelas que subiam. Então, achando que era hora de dormir, ordenou que fossem dadas as boas-noites e cada um voltasse ao seu quarto.

---

65 Termos da fiação. (N.T.)
66 Disciplina = espécie de chicote usado pelos penitentes. Flagelantes = grupo de religiosos que usavam a disciplina e praticavam fortes penitências. (N.T.)
67 Maçã viçosa e vermelha de uma localidade chamada Casole. (N.T.)
68 O original é Zima, corruptela de *azzimato*, que significa "garrido, elegante, peralta, janota" etc. Cabe notar o estilo rebuscado com que ele se expressa no transcorrer do texto, compatível com sua aparência exterior. (N.T.)
69 Aqui há uma referência aos vários estágios do amor, segundo as regras do amor cortês. A relação sexual seria o último. (N.T.)
70 Ou seja, os criadores das ordens religiosas. (N.T.)
71 Percorria Jesus toda a Galileia, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino e curando toda sorte de doenças e enfermidades entre o povo. *Mateus* 4, 23. (N.T.)
72 Homens de mesnada, que lutavam mediante pagamento. (N.T.)
73 Segundo lenda propagada por Marco Polo, "Aladino", nome com que designa o Velho da Montanha, mandou construir num vale um belo jardim onde, entre raras belezas naturais, havia também lindas mulheres; o Velho fazia seus súditos acreditar que ali era o paraíso. Aos executores de seus crimes, ele ministrava uma bebida que os fazia adormecer; quando acordavam, viam-se no jardim, sem saberem por onde haviam entrado. (N.T.)
74 O *-i* final em Ferondi era uso então nos patronímicos; equivalia a um genitivo: "de Ferondo". Benedetto: Bento. (N.T.)
75 Trata-se do diminutivo feminino de Gilles: Egídio. (N.T.)
76 A repetição do adjetivo "honesto" está no original, provavelmente com o intuito de repisar a preocupação da dama. (N.T.)
77 Ou seja, quando já estivesse tão magro que teria virado esqueleto. A alusão é à primeira novela da terceira jornada. (N.T.)
78 Refere-se ao Amor, como espécie de deidade, nos moldes dos cânones do amor cortês. (N.T.)
79 Ver nota na introdução da primeira jornada, página 36. (N.T.)
80 *La donna del vergiù* seria a versão italiana do poema francês *La chastelaine de vergi*, que foi composto na segunda metade do século XIII por autor desconhecido e ganhou diversas formas de sucesso na França e no exterior, na época e depois. *Messer Guglielmo* é o protagonista masculino da versão italiana. (N.T.)
81 Alusão à praticidade milanesa. O sentido seria de que é melhor ter um mau marido vivo que um bom marido morto. (N.T.)

Termina a terceira jornada do Decameron *e começa a quarta jornada, na qual, sob o governo de Filostrato, fala-se sobre aqueles cujos amores tiveram fim infeliz.*

QUARTA JORNADA

Caríssimas senhoras82, tanto pelas palavras que ouvi dos sábios quanto pelas coisas que tantas vezes vivi e li, estimava eu que o impetuoso e ardente vento da inveja só açoitasse as torres altas ou os cimos mais elevados das árvores, mas vejo que fui enganado pela minha estimativa. Pois, sempre fugindo e empenhando-me em fugir do ímpeto feroz desse espírito raivoso, fiz questão de caminhar, silencioso e oculto, não só pelas planícies, como também pelos vales profundos. E isso se manifesta claramente a quem observar estas pequenas novelas, não só escritas em florentino vulgar, em prosa e sem título, como também no estilo mais humilde e baixo que posso.83 Nem por isso consegui deixar de ser violentamente sacudido por tal vento; aliás, fui quase desarraigado e totalmente dilacerado pelas mordidas da inveja. Por tais coisas posso compreender claramente a verdade do que costumam dizer os sábios, ou seja, que somente a miséria não desperta inveja neste mundo.

Alguns, sensatas damas, ao lerem estas novelinhas, disseram que gosto demais das senhoras e que não é decoroso sentir, como eu, tanto prazer em lhes dar satisfação e consolo e – pior, como disseram alguns – louvores. Outros, dando mostras de querer falar com mais maturidade, disseram que na minha idade não fica bem ir atrás dessas coisas, ou seja, falar de mulheres ou comprazê-las. E muitos, mostrando-se preocupadíssimos com minha fama, dizem que eu agiria com mais juízo se ficasse com as Musas no Parnaso em vez de me meter entre as senhoras com essas lorotas. E há também quem, falando com mais despeito que sabedoria, diga que eu me mostraria mais sensato se pensasse num modo de ganhar o pão em vez de viver de brisa atrás dessas futilidades. E alguns outros se empenham em demonstrar, em detrimento de meu trabalho, que as coisas que lhes contei ocorreram de outra maneira.

Portanto, tantos e tais são os ventos e os dentes atrozes e aguçados que me açoitam, molestam e transpassam até os ossos enquanto milito a seu serviço, valorosas senhoras. Tais coisas ouço e percebo com ânimo sereno, bem sabe Deus; e, embora às senhoras caiba por inteiro a minha defesa, não pretendo poupar minhas próprias forças; ao contrário, mesmo sem responder quanto seria necessário, pretendo livrar os meus ouvidos, dando alguma resposta leve, e sem demora. Porque, se antes de chegar a completar um terço do meu trabalho eles já são muitos e grandes são as suas presunções, estimo que, antes de chegar ao fim, já terão se multiplicado a tal ponto que, caso não recebam antes nenhuma

réplica, com qualquer pequeno esforço serão capazes de me derrubar, e então as forças das senhoras, embora grandes, não poderão oferecer resistência. Contudo, antes de dar resposta a alguém, gostaria de contar, a meu favor, não uma novela inteira (para não parecer que desejo misturar minhas novelas às de tão louvável companhia, como aquela que lhes mostrei), mas parte de uma novela, para que, justamente por ser incompleta, fique demonstrado que não é uma delas; e, dirigindo-me aos meus detratores, digo que:

Em nossa cidade, já faz um bom tempo, houve um cidadão chamado Filippo Balducci, homem de nascimento bastante modesto, mas rico, próspero e exímio nas coisas que sua posição exigia; tinha por esposa uma mulher que amava sumamente, sendo correspondido, de modo que viviam vida tranquila e em nada se empenhavam tanto quanto em agradar inteiramente um ao outro. Ocorre, porém – como com todos ocorre –, que a boa mulher passou para a outra vida, não deixando de si para Filippo senão um único filho dele concebido, com cerca de dois anos de idade. Com a morte da mulher, Filippo ficou tão desconsolado como nunca ninguém ficou ao perder uma pessoa amada. Vendo-se só, sem a companhia que mais amava, dispôs-se a abandonar totalmente o mundo e a dedicar-se a servir a Deus, fazendo o mesmo com seu filhinho. Assim, dando todas as suas coisas por amor de Deus, foi sem tardar para o Monte Senario, onde se instalou com o filho numa pequena cela, e, vivendo com ele de esmolas em meio a jejuns e orações, abstinha-se totalmente de falar perto do menino sobre qualquer coisa do mundo ou de deixar que as visse, para que elas não o afastassem daquele serviço; ao contrário, sempre falava com ele sobre a glória da vida eterna, sobre Deus e os santos, não lhe ensinando nada senão as santas orações; e nessa vida manteve-o muitos anos, não o deixando nunca sair da cela e não lhe mostrando nada que não fosse ele mesmo.

O bravo homem tinha o costume de vir às vezes a Florença, onde era ajudado pelos amigos de Deus, segundo as suas necessidades, e depois voltava à sua cela.

Ora, certo dia o rapaz, que já tinha dezoito anos, estando Filippo velho, perguntou-lhe aonde ele ia. Filippo contou. E o rapaz disse:

– Pai, o senhor já está velho e mal suporta as canseiras; por que não me leva uma vez a Florença e não me apresenta aos amigos e devotos seus e de Deus, para que eu, que sou jovem e posso trabalhar mais, depois vá a Florença para atender às nossas necessidades sempre que o senhor quiser, enquanto fica aqui?

O bravo homem, achando que o filho já era mesmo grande e estava tão habituado ao serviço de Deus que dificilmente seria atraído pelas coisas do mundo, pensou lá consigo: “Ele tem razão”. Então, precisando ir a Florença,

levou-o consigo.

Ali, vendo palácios, casas, igrejas e todas as outras coisas de que toda a cidade está cheia, o jovem, que não se lembrava de jamais as ter visto, começou a ficar muito admirado e a perguntar ao pai o que eram muitas delas e como se chamavam. O pai ia dizendo; e ele, depois de ouvir, ficava contente e perguntava sobre alguma outra. E assim iam, o filho perguntando e o pai respondendo, quando por acaso depararam com um grupo de belas jovens enfeitadas, que saíam de um casamento; o jovem, quando as viu, perguntou ao pai o que eram aquelas coisas.

O pai disse:

– Meu filho, olhe para o chão, e não para elas, pois são coisa ruim.

Então disse o filho:

– E como se chamam?

O pai, para não despertar no apetite concupiscente do jovem alguma inclinação menos útil, não quis chamá-las por seu próprio nome, ou seja, mulheres, mas disse:

– Chamam-se marrecas.

Que coisa maravilhosa! Ele, que nunca tinha visto nenhuma, deixando de interessar-se por palácios, bois, cavalos, asnos, dinheiro ou qualquer outra coisa que tivesse visto, subitamente disse:

– Pai, eu lhe peço que dê um jeito de eu ter uma dessas marrecas.

– Ai, filho – disse o pai –, cale a boca; elas são coisa ruim.

Então o jovem perguntou:

– E as coisas ruins são desse jeito?

– São – disse o pai.

E ele disse então:

– Não sei do que está falando, nem por que isso é coisa ruim; quanto a mim, acho que nunca vi nada mais bonito nem mais agradável do que elas. São mais bonitas que os anjos pintados que o senhor me mostrou tantas vezes. Puxa! Se eu significar alguma coisa para o senhor, dê um jeito de levarmos uma dessas marrecas ali para cima, e eu dou comida para ela.

O pai disse:

– Não quero; você não sabe por onde elas comem.

E sentiu imediatamente que a natureza tinha mais força que seu engenho; e arrependeu-se de tê-lo levado a Florença.

Mas já é bastante ter contado essa história até aqui; agora passo a me dirigir àqueles a quem a contei. Dizem, pois, alguns dos meus críticos, ó jovens

senhoras, que faço mal em empenhar-me demais em agradá-las, e que as senhoras me agradam demais. São coisas que confesso abertamente, ou seja, que me agradam e que me empenho em agradá-las; e pergunto a esses críticos se isso lhes causa espanto, considerando-se já nem digo o fato de terem conhecido os beijos amorosos, os agradáveis abraços e as deliciosas conjunções que com tanta frequência recebemos das dulcíssimas mulheres, mas tão somente o fato de terem visto e de verem continuamente os modos gentis, a beleza graciosa, a elegância nobre e, além disso, sua feminil honestidade, se aquele que foi alimentado, criado e educado no alto de um monte selvagem e ermo, dentro dos limites de uma pequena cela, sem outra companhia senão a do pai, quando as viu passou a desejá-las, buscá-las, segui-las com afeição.

Haverão tais pessoas de me reprovar, morder, dilacerar só porque eu, cujo corpo foi pelo céu criado totalmente apto a amá-las, eu que desde a infância lhes dediquei a alma ao sentir a virtude da luz dos seus olhos, a suavidade das palavras melífluas e a chama acesa por comoventes suspiros, só porque eu gosto das senhoras ou me empenho em agradá-las, especialmente se considerarem que as senhoras agradaram mais que qualquer outra coisa a um jovem eremita, a um rapazinho sem sentimentos, aliás, a um animal selvagem? Por certo quem não as ama e não deseja ser amado pelas senhoras, quem não sente nem conhece os prazeres e a virtude da natural afeição é quem assim me repreende, e eu com isso pouco me importo.

E aqueles que falam mal de minha idade mostram mal saberem que o alho-porro, embora tenha a cabeça branca, tem o rabo verde. E, deixando de lado os gracejos, respondo-lhes que nunca considerarei vergonhoso comprazer até o fim da vida aquelas que Guido Cavalcanti e Dante Alighieri, já velhos, e *messer* Cino da Pistoia84, velhíssimo, se sentiram honrados e tiveram gosto em agradar. E, se não fosse fugir ao modo costumeiro de argumentar, eu citaria aqui a história e a mostraria cheia de antigos e valorosos homens que nos anos mais provectos se empenharam ao máximo por comprazer às mulheres – coisa que, se eles não sabem, deveriam aprender.

Que eu deveria ficar com as Musas no Parnaso é conselho que considero bom, mas nem podemos ficar com as Musas, nem elas conosco; se, ao ficar longe delas, alguém se delicia em ver algo que a elas se assemelhe, isso não é coisa reprovável. As Musas são mulheres, e, embora as mulheres não valham o que valem as Musas, pelo menos à primeira vista têm semelhança com elas; de modo que, mesmo que elas não me agradassem por qualquer outro motivo, pelo menos por esse me agradariam. Isso sem dizer que as mulheres já me deram

ensejo de compor mil versos, ao passo que as Musas nunca me deram ensejo de compor nenhum. Ajudaram-me, sim, e mostraram-me como compor esses mil versos; e talvez para escrever tais coisas, conquanto humílimas, elas tenham vindo várias vezes ficar comigo, quem sabe para me prestar um serviço ou em honra à semelhança que as mulheres têm com elas; e assim é que, tecendo tais coisas, não me afasto do monte Parnaso e das Musas tanto quanto porventura acreditam muitos.

Mas que diremos àqueles que têm tanta compaixão de minha fome que me aconselham a ganhar o pão? Realmente não sei; a não ser que, tentando imaginar qual seria a resposta deles caso eu, por necessidade, lhes pedisse pão, concluo que diriam: “Vá buscá-lo entre as fábulas”. Os poetas já encontraram mais pão entre suas fábulas que muitos ricos entre seus tesouros. E muitos houve que, indo atrás de suas fábulas, chegaram à idade madura, ao passo que muitos, procurando ter mais pão do que precisavam, morreram verdes. Que mais? Que esses tais me enxotem caso eu lhes peça pão; se bem que, graças a Deus, ainda não precisei; e, mesmo que venha a precisar, sei, como diz o Apóstolo, viver na penúria e na abundância[85]; por isso, que ninguém se importe mais comigo do que eu mesmo.

Quanto aos que dizem que as coisas não são como digo, gostaria muito que me apresentassem os originais, e, se fossem discordes do que escrevo, eu diria que é justa a sua censura e procuraria corrigir-me; mas, enquanto não aparecer nada, a não ser palavras, eu os deixarei com a sua opinião e seguirei a minha, dizendo deles o que eles dizem de mim.

E, julgando que desta vez respondi o bastante, digo que, armado da ajuda de Deus e da sua, gentilíssimas senhoras (a qual espero), e de muita paciência, seguirei em frente, dando as costas a esse vento e deixando-o soprar; pois vejo que comigo só poderá ocorrer o que ocorre com a poeira miúda quando o vento sopra em remoinho: ou ele não a move do chão ou, se a move, leva-a para o alto e frequentemente a deposita na cabeça dos homens, nas coroas de reis e imperadores e às vezes sobre os altos palácios e as excelsas torres; e de lá, se ela cair, não poderá ir para lugar mais baixo do que aquele de onde foi tirada. E se alguma vez me dispus a comprazê-las, senhoras, com todas as minhas forças, agora mais do que nunca me disponho; porque sei que nada poderá ser dito com razão, a não ser que todos os que as amam, como eu, amam-nas segundo a natureza. E quem quiser se opor às leis da natureza precisará de enormes forças, que muitas vezes são empregadas não só em vão como também com grande prejuízo de quem a tanto se aplica. Essas forças confesso que não tenho nem

quero ter; e, se as tivesse, preferiria emprestá-las a outros a usá-las para mim. Por isso, calem-se os mordedores, e, se não conseguem aquecer-se, que vivam enregelados, ficando eles com seus prazeres, aliás, apetites corrompidos, e eu com o meu nesta breve vida que nos é dada.

Mas, depois de tanto divagarmos, cumpre-nos agora voltar para o lugar de onde partimos, ó belas senhoras, e dar prosseguimento à ordem iniciada.

O sol já expulsara todas as estrelas do céu e, da terra, a úmida sombra da noite, quando Filostrato se levantou e fez todo o grupo levantar-se; e, indo todos para o belo jardim, ali começaram a entreter-se até que, chegada a hora de almoçar, comeram onde haviam jantado na noite anterior. E, depois de dormirem a sesta, quando o sol estava no auge, levantaram-se e foram sentar-se perto da bela fonte, como de costume. Lá, Filostrato ordenou a Fiammetta que desse início às histórias; e ela, sem esperar que se dissesse mais, começou graciosamente.

PRIMEIRA NOVELA

Tancredo, príncipe de Salerno, mata o amante da filha e manda-lhe o coração numa taça de ouro; ela põe sobre ele água envenenada, bebe-a e assim morre.

– Assunto doloroso é o que nos foi dado hoje pelo nosso rei, considerando que, vindo aqui para nos alegrarmos, precisaremos contar histórias sobre as lágrimas alheias, que nunca são narradas sem que quem as narre e quem as ouça sinta compaixão. Talvez o tenha feito para temperar um pouco a alegria dos dias passados; mas, seja qual for o motivo, visto que não me cabe mudar sua vontade, contarei um acontecimento comovente, aliás desventurado e digno de nossas lágrimas.

Tancredo, príncipe de Salerno, foi governante humano e de índole benigna, não tivesse na velhice sujado as mãos em sangue amoroso. Em toda a vida só teve uma filha, e mais feliz teria sido se não a tivesse tido. Foi ela amada pelo pai com tanta ternura como nenhuma outra filha jamais o foi, e, em virtude desse terno amor, não conseguia separar-se dela, de modo que havia a filha já avançado em muitos anos a idade de receber marido e ele não a casava; por fim, deu-a a um filho do duque de Cápua, mas pouco tempo ela viveu com ele, pois ficou viúva e voltou para o pai.

Era belíssima de corpo e rosto como nenhuma outra mulher jamais foi, e jovem, audaz e sensata mais do que porventura necessário a uma mulher. Assim, vivendo em meio ao luxo junto ao pai afetuoso, como grande dama que era, vendo que o pai, pelo amor que lhe tinha, pouco se preocupava em casá-la outra vez, e não lhe parecendo decoroso solicitá-lo, decidiu ter às escondidas, se possível, um amante valoroso. E, observando os muitos homens que frequentavam a corte do pai, fidalgos uns, outros não, tal como se vê nas cortes, e considerando as maneiras e os costumes de muitos, entre todos eles gostou mais de um jovem pajem do pai, cujo nome era Guiscardo, homem de nascimento bastante humilde, mas de virtudes e costumes nobres; vendo-o com frequência, começou a nutrir paixão secreta e ardente, louvando cada vez mais o seu modo de ser. E o jovem, que também não era pouco perspicaz, tendo reparado nela, recebeu-a de tal maneira em seu coração, que afastou da mente quase tudo que não fosse o amor que tinha por ela.

Assim se amavam os dois em segredo, e a jovem, que não desejava outra

coisa mais do que se encontrar com ele, não querendo confiar esse amor a ninguém, imaginou uma insólita artimanha para lhe indicar o modo de se encontrarem. Escreveu uma carta na qual dizia o que ele devia fazer no dia seguinte para estar com ela; depois, colocou-a dentro de um gomo de cana e o deu a Guiscardo, dizendo a brincar:

– Esta noite faça com isto um soprador para a sua empregada, assim ela poderá reavivar o fogo.

Guiscardo tomou a cana e, percebendo que ela não a teria dado nem dito aquilo sem alguma razão, voltou para casa e, observando a cana e percebendo-a oca, abriu-a e dentro encontrou a carta; leu-a e, entendendo bem o que devia fazer, sentiu-se o homem mais contente do mundo e dedicou-se a dispor tudo para ir ter com ela, de acordo com o modo que lhe fora mostrado.

Ao lado do palácio do príncipe havia uma gruta cavada na montanha desde remotíssimos tempos, na qual entrava um pouco de luz por um respiradouro aberto artificialmente, cuja parte de cima, com o abandono da gruta, ficara quase obstruída por abrunheiros e pelo mato; àquela gruta era possível chegar por uma escada secreta que ficava num dos aposentos térreos do apartamento da dama e era fechada por uma porta muito reforçada. Aquela escada se apagara a tal ponto da mente de todos, por não ser usada desde tempos remotíssimos, que quase ninguém mais se lembrava de sua existência; mas o Amor, a cujos olhos nada pode haver de tão secreto que escape, trouxe-a de volta à memória da mulher apaixonada. E esta, para evitar que alguém se apercebesse, pelejara muitos dias com seus engenhos antes de conseguir abrir aquela porta; abrindo-a, desceu sozinha até a gruta e viu o respiradouro, dizendo a Guiscardo que por ele se empenhasse em descer; para tanto, indicou-lhe a altura que podia haver de lá até o chão. Guiscardo logo arranjou uma corda munida de nós e laços com a qual pudesse descer e subir e, vestindo-se de couro para proteger-se dos abrunheiros, sem que ninguém ouvisse nada, foi à noite até o respiradouro e, prendendo bem uma das pontas da corda a um forte arbusto que nascera na boca do respiradouro, desceu por ela até a gruta e ficou à espera da dama.

Ela, na manhã seguinte, dando mostras de querer dormir, ordenou que suas damas de companhia saíssem, fechou-se sozinha no quarto e, abrindo a porta, desceu até a gruta, onde encontrou Guiscardo, e os dois se rejubilaram; depois, indo juntos para o quarto dela, ali ficaram grande parte daquele dia, com enorme prazer; e, dispondo com discrição o seu amor, para que permanecesse secreto, Guiscardo voltou à gruta, e ela, depois de fechar a porta, saiu ao encontro de suas damas de companhia. Guiscardo, quando a noite caiu, subiu por sua corda,

saiu pelo respiradouro por onde entrara e voltou para casa. E, tendo aprendido esse caminho, a ele retornou várias vezes com o passar do tempo.

Mas a Fortuna, invejando tão longo e grande prazer, com doloroso acontecimento transformou em triste pranto a alegria dos dois amantes.

Tancredo tinha o costume de ir às vezes sozinho ao quarto da filha e de ali ficar certo tempo com ela a conversar antes de ir embora. Certo dia, depois de comer, ele para lá desceu e, vendo que a filha, que se chamava Guismunda, estava no jardim com todas as suas damas de companhia, não quis tirá-la do divertimento e, entrou sem ser visto ou ouvido; lá dentro encontrando as janelas do quarto fechadas, e as cortinas do leito abaixadas, sentou-se numa banqueta a um canto, aos pés do leito; e, apoiando a cabeça na cama, puxou a cortina sobre si, como se se escondesse de propósito, e adormeceu. Estava ele assim dormindo quando Guismunda, que por azar naquele dia chamara Guiscardo, deixou suas damas de companhia no jardim, entrou silenciosamente no quarto, trancou-o e, sem perceber que lá havia alguém, abriu a porta para Guiscardo, que estava à espera; foram então os dois para a cama como costumavam, brincando e divertindo-se. Ocorre que Tancredo acordou e ouviu e viu tudo o que Guiscardo e a filha faziam e, profundamente pesaroso, primeiro quis gritar, mas depois tomou a decisão de ficar calado e continuar escondido, caso conseguisse, para poder fazer com mais cautela e menos desonra aquilo que já lhe ocorrera fazer. Os dois amantes ficaram longo tempo juntos, tal como costumavam, sem se darem conta da presença de Tancredo; e, quando lhes pareceu oportuno, deixaram o leito, Guiscardo voltou para a gruta e ela saiu do quarto. Então Tancredo, apesar de velho, pulou por uma das janelas para o jardim e, sem ser visto por ninguém, voltou mortalmente magoado para seu quarto.

E por ordem dele, Guiscardo ao sair pelo respiradouro à noite, na hora do primeiro sono, foi preso por dois homens, tal como estava, embrulhado em sua veste de couro, sendo levado secretamente a Tancredo. Este, quando o viu, disse quase chorando:

– Guiscardo, minha bondade com você não merecia o ultraje e a vergonha a que me expôs por meio de minha filha, tal como hoje vi com meus próprios olhos.

Diante disso Guiscardo nada mais disse senão isto:

– O amor tem muito mais poder que o senhor e eu.

Tancredo então ordenou que ele fosse posto em algum aposento interno, e assim foi feito.

No dia seguinte Guismunda ainda não sabia nada dessas coisas, e Tancredo,

que pensara em várias e diferentes atitudes, depois de comer, segundo era seu costume, foi ao quarto da filha, mandou chamá-la e, trancando-se lá dentro com ela, começou a dizer-lhe, chorando:

– Guismunda, achara que conhecia a sua virtude e honestidade, e mesmo que alguém me dissesse eu nunca poderia imaginar, caso não tivesse visto com meus próprios olhos, que você se entregaria ou sequer pensaria em entregar-se a algum homem que não fosse seu marido; e no pouco tempo que minha velhice me deixa de vida, lembrar-me disso sempre há de me magoar. Quisera Deus que, ao comportar-se com tanta desonestidade, você pelo menos tivesse escolhido um homem à altura da sua nobreza; mas, entre tantos homens que frequentam minha corte, escolheu Guiscardo, jovem de baixíssima condição, que foi criado em nossa corte quase que por caridade, da infância até hoje; e com isso me pôs na alma uma grande angústia, pois não sei que decisão tomar a seu respeito. Com Guiscardo, que mandei prender esta noite enquanto saía pelo respiradouro, e mantenho na prisão, já sei o que vou fazer; mas com você, Deus sabe que não sei o que fazer. Por um lado sou instado pelo amor, que sempre tive por você mais do que qualquer pai tem por sua filha, e por outro sou instado pela justa indignação causada por sua imensa loucura; aquele quer que eu a perdoe, esta quer que contrarie minha natureza e seja cruel; mas, antes de tomar uma decisão, quero ouvir o que você tem para dizer.

E, dizendo isso, abaixou a cabeça, chorando sentido como criança surrada.

Guismunda, ouvindo o pai e sabendo que não só o seu amor secreto fora descoberto como também que Guiscardo estava preso, sentiu uma dor indizível e esteve várias vezes a ponto de demonstrá-la com gritos e lágrimas, como fazem as mulheres mais amiúde; mas seu ânimo altivo venceu essa franqueza, e ela manteve o rosto impassível com admirável força e, no íntimo, em vez de fazer qualquer súplica em favor de si mesma, decidiu que não continuaria viva, imaginando já estar morto o seu Guiscardo.

Por isso, não como mulher chorosa ou repreendida por um erro, mas como mulher desassombrada e valente, com rosto enxuto, aberto e em nada perturbado, assim falou ao pai:

– Tancredo, não estou disposta a negar nem a rogar, porque negar de nada me valeria e rogar não quero que me valha; além disso, de modo algum pretendo me prevalecer de sua mansuetude e de seu amor por mim, mas sim, confessando a verdade, primeiramente defender minha reputação com verdadeiros argumentos e, depois, com fatos, continuar resolutamente fiel à minha grandeza de ânimo. É verdade que amei e amo Guiscardo e, enquanto viver, que será pouco, eu o

amarei; e, se depois da morte se ama, continuarei a amá-lo; mas a isso não fui induzida tanto por minha fragilidade feminina quanto por sua pouca preocupação em casar-me e pela virtude dele. Para você, Tancredo, que é feito de carne, deveria estar claro que gerou uma filha feita de carne, e não de pedra ou ferro; e deveria e deve lembrar, apesar de estar velho, quantas, quais e quão fortes são as leis da juventude; e você, sendo homem que passou parte dos melhores anos no exercício das armas, nem por isso devia desconhecer o poder do ócio e do luxo sobre os velhos, quanto mais sobre os jovens. Portanto, tendo sido gerada por você, sou de carne e, tendo vivido tão pouco, ainda sou jovem; tanto por uma coisa quanto por outra, sou cheia de um desejo concupiscível que ganhou força extraordinária por ter eu já, quando casada, conhecido o prazer que se tem ao dar cumprimento a esse desejo. Não podendo resistir a tais forças, sendo jovem e mulher, eu me dispus a seguir aquilo a que elas me arrastavam e me apaixonei. E, sem dúvida, vali-me de todas as minhas virtudes, fazendo tudo o que foi possível, para não lhe causar vergonha, nem a mim, por aquilo a que o pecado natural me arrastava. Por isso, o Amor piedoso e a Fortuna benigna encontraram e me mostraram um caminho oculto, graças ao qual eu satisfazia os meus desejos sem que ninguém soubesse; e isso – que não sei quem lhe mostrou ou como ficou sabendo – eu não nego. Não tomei Guiscardo ao acaso, como fazem muitas, mas o preferi deliberadamente a qualquer outro, com premeditação o atraí e com prudente perseverança, de minha parte e dele, satisfiz por muito tempo o meu desejo. Ao que parece, além do fato de ter pecado por amor, você – seguindo mais a opinião vulgar do que a verdade – me repreende com mais amargor ao dizer que me misturei a um homem de baixa condição, como se não houvesse por que se irar caso eu tivesse dado preferência a um homem nobre. E assim não percebe que não está repreendendo o meu pecado, e sim o da Fortuna, que com tanta frequência eleva os indignos e deixa embaixo os mais dignos. Mas, deixemos isso de lado; observe um pouco os princípios das coisas: vai ver que todos somos carne da mesma carne e que um mesmo criador criou todas as almas com iguais forças, com iguais potências, com iguais virtudes. O que primeiro nos distingue, a nós que nascemos e continuamos nascendo iguais, é a virtude; e aqueles que a tinham e empregavam como parte maior foram chamados nobres, e os restantes, não nobres. E, embora um uso contrário tenha depois ocultado essa lei, ela ainda não foi eliminada nem arruinada pela natureza nem pelos bons costumes; por isso, todo aquele que age virtuosamente mostra-se nobre, e, quando lhe dão outra designação, quem comete o erro não é o designado, e sim o designador. Observe todos os seus nobres e examine a

virtude, os costumes e as ações deles, e, por outro lado, observe os de Guiscardo: se quiser julgar sem animosidade, dirá que ele é nobilíssimo, e os seus nobres são todos plebeus. Quanto às virtudes e ao valor de Guiscardo, não dei crédito ao julgamento de ninguém, senão ao de suas palavras, meu pai, e aos meus olhos. Quem o elogiou tanto quanto você o elogiava em todas aquelas coisas louváveis nas quais o homem valoroso deve ser elogiado? E por certo não injustamente; pois, se meus olhos não me enganaram, não houve louvor feito por você que eu não visse nele concretizado, e de modo mais admirável do que o expresso por suas palavras; e, se nisso eu tivesse incorrido em algum engano, teria sido enganada por você. Vai dizer então que me misturei a homem de baixa condição? Não estará dizendo a verdade; mas, se por acaso dissesse que foi com um pobre, seria possível concordar, para sua vergonha, pois essa teria sido a posição que você soube dar a um bom servidor; mas pobreza não subtrai nobreza a ninguém; ao contrário, só subtrai haveres. Muitos reis e grandes príncipes foram pobres outrora; e muitos que carpem a terra e guardam ovelhas já foram e são riquíssimos. Quanto à última dúvida que expressou, isto é, o que fazer comigo, livre-se dela totalmente. Se na velhice estiver disposto a fazer o que não fez na juventude, ou seja, ser cruel, descarregue em mim a crueldade, pois não estou disposta lhe fazer nenhuma súplica, porque você foi a primeira causa desse pecado, se é que é pecado; por isso afirmo que o que você tiver feito ou venha a fazer com Guiscardo, se não fizer o mesmo comigo, minhas próprias mãos o farão. Então, avante, vá derramar lágrimas com as mulheres e, usando de crueldade, mate-nos ambos com um mesmo golpe, a mim e a ele, se achar que merecemos.

O príncipe reconheceu a grandeza de espírito da filha; mas nem por isso acreditou que ela estivesse firmemente disposta, como dizia, àquilo que suas palavras davam a entender. Por isso, ao se afastar dela, desistindo de agir cruelmente contra a sua pessoa, decidiu arrefecer seu fervente amor com o prejuízo alheio e ordenou aos dois guardas de Guiscardo que, sem nenhum ruído, o estrangulassem à noite, lhe arrancassem o coração e o levassem para ele; os dois fizeram tudo tal qual fora ordenado.

Assim, no dia seguinte, o príncipe pediu que lhe trouxessem uma taça de ouro grande e bela, pôs dentro o coração de Guiscardo e a mandou à filha por um serviçal de extrema confiança, ordenando-lhe que dissesse ao entregá-la:

– Seu pai lhe manda isto para que você se console com aquilo que mais ama, e que foi consolado com aquilo que ele mais amava.

Guismunda, cuja terrível decisão não esmorecera, depois que o pai partira,

havia ordenado que lhe trouxessem ervas e raízes venenosas, que ela destilou e diluiu em água, para deixar tudo pronto, caso acontecesse o que temia. Assim, quando o serviçal chegou com o presente e as palavras do príncipe, ela tomou a taça com rosto impassível, descobriu-a e, vendo o coração e ouvindo as palavras, deu por mais que certo que aquele era o coração de Guiscardo.

Então, erguendo o rosto para o serviçal, disse:

– Não conviria sepultura menos digna que o ouro a um coração como este; nisso meu pai obrou com sabedoria.

E assim dizendo, aproximou-o da boca, beijou-o e disse:

– Em todas as coisas, até neste extremo de minha vida, sempre encontrei o afetuoso amor de meu pai, porém agora mais que nunca; por isso, peço-lhe que lhe transmita de minha parte os últimos agradecimentos que lhe devo, por tão grande presente.

Dito isso, inclinando-se para a taça que ela segurava firmemente, disse a olhar o coração:

– Ai, dulcíssimo refúgio de todos os meus prazeres! Ai! Que maldita seja a crueldade daquele que com os olhos da fronte agora me obriga a ver-te! Pois bastava-me já com os da mente olhar-te em todas as horas. Cumpriste o teu curso e estás quite com aquilo que a Fortuna te concedeu; chegaste à meta para a qual todos correm; deixaste as misérias e as canseiras do mundo, e do teu próprio inimigo recebes a sepultura que teu valor mereceu. Nada te faltava para ter exéquias tão dignas, somente as lágrimas daquela que em vida amaste tanto; e, para que as tivesses, Deus inspirou no ânimo de meu desapiedado pai que te mandasse a mim, e eu te darei minhas lágrimas, embora me tivesse proposto morrer com os olhos enxutos e com o rosto desassombrado; depois de dá-las, sem demora alguma, farei com que minha alma, com tua ajuda, se una àquela que guardaste com tanto carinho. E com que companhia poderei ir mais contente ou mais segura aos lugares desconhecidos do que com ela? Estou certa de que ainda está aqui, a olhar os lugares de seus prazeres e dos meus; e, sabendo com segurança que me ama, sei que está à espera da minha, pela qual é sumamente amada.

E, depois de dizer isso, como se na cabeça tivesse uma nascente, sem fazer nenhum alvoroço feminino, inclinou-se sobre a taça e, chorando, começou a derramar tantas lágrimas que era coisa admirável de se ver, beijando infinitas vezes o coração morto. Suas damas de companhia, que a rodeavam, não entendiam que coração era aquele ou o que queriam dizer suas palavras; mas, vencidas pela compaixão, todas choravam e, apiedadas, perguntavam-lhe em vão

qual era a razão de seu pranto e, da melhor maneira que sabiam e podiam, muito mais se esforçavam por confortá-la. E ela, depois de chorar o que lhe pareceu bastante, levantou a cabeça, enxugou os olhos e disse:

– Ó amado coração, cumpri meu ofício para contigo; nada mais me resta senão ir com minha alma fazer companhia à tua.

Dito isso, pediu que lhe dessem a jarrinha na qual estava a água que preparara no dia anterior; colocou a água na taça onde estava o coração lavado por suas muitas lágrimas e, sem nenhum temor, levou-a aos lábios e bebeu tudo; depois de beber, com a taça na mão foi para o leito e, nele acomodando o corpo da maneira mais decorosa que conseguiu, ao seu coração encostou o do amante morto e, sem dizer nada, ficou à espera da morte.

Suas damas de companhia, vendo e ouvindo tais coisas, não sabendo que água era aquela que ela bebera, mandaram dizer tudo a Tancredo; este, temendo aquilo que acabou por ocorrer, logo desceu ao quarto da filha, lá chegando no momento em que ela se punha na cama; e, tarde demais, tentando confortá-la com palavras carinhosas, viu o ponto ao qual ela chegara e começou a chorar dolorosamente.

A dama disse:

– Tancredo, reserve essas lágrimas para ocasião menos desejada que esta, e não as dê a mim, que não as desejo. Quem já viu alguém chorar por aquilo que quis? Mas, se em você ainda viver algo daquele amor que teve por mim, já que não foi de seu agrado que eu vivesse secretamente e às escondidas com Guiscardo, como última concessão permita que meu corpo seja exposto com o dele, onde quer que você o tenha mandado atirar.

A angústia do pranto não permitiu que o príncipe respondesse. A jovem, sentindo estar chegando ao fim, apertou ao peito o coração morto e disse:

– Fiquem com Deus, pois eu estou partindo.

Seus olhos se velaram, os seus sentidos se perderam, e ela partiu desta vida de pesares.

Assim doloroso foi o fim do amor de Guiscardo e Guismunda, como ouviram; e Tancredo, depois de muito chorar, tardiamente arrependido de sua crueldade, em meio à consternação geral de todos os salernitanos, ordenou que os dois fossem honrosamente sepultados no mesmo sepulcro.

SEGUNDA NOVELA

Frei Alberto afirma a uma mulher que o anjo Gabriel está apaixonado por ela e, passando-se por ele, deita-se várias vezes com ela; depois, com medo dos parentes dela, pula da janela da casa e refugia-se em casa de um homem pobre, que, no dia seguinte, o leva à praça como se fosse um selvagem; lá é reconhecido, seus confrades o apanham e o prendem.

A história contada por Fiammetta mais de uma vez arrancara lágrimas dos olhos de suas companheiras, mas, como já terminara, o rei disse com rosto sisudo:

– Minha vida pareceria valer pouco se houvesse de dá-la pela metade do prazer que Guismunda teve com Guiscardo, e a ninguém deve isso admirar, pois eu, vivendo, sinto mil mortes a cada hora, e por todas elas não me é dada nem uma única parcela de prazer. Mas, deixando os meus assuntos dentro de seus limites, quero que Pampineia prossiga nas narrativas sobre dolorosas vicissitudes que em parte se assemelham às minhas; e, se ela continuar do mesmo modo como Fiammetta começou, sem dúvida logo começarei a sentir algum refrigério a aplacar meu fogo.

Pampineia, ouvindo a ordem recebida, reconheceu por afeição o estado de espírito das companheiras mais que o do rei por suas palavras; por isso, mais disposta a recreá-las do que a contentar o rei (a não ser na obediência à ordem), decidiu contar uma história que fizesse rir, sem fugir ao tema proposto, e começou.

– O vulgo tem um provérbio que diz "O malvado que por bom todos têm pode fazer o mal e eles não creem", o que me dá ampla matéria para falar daquilo que me foi proposto e também para demonstrar quanta e como é a hipocrisia dos clérigos, com suas vestes largas e longas, rosto artificialmente pálido, voz humilde e mansa para pedir aos outros e altíssima e áspera para criticar nos outros seus próprios vícios, mostrando que a salvação eles conseguem tirando, e os outros, dando; além disso, como se fossem donos e senhores do paraíso, e não homens que precisam obtê-lo, como nós, vão dando a quem morre um lugar melhor ou pior ali, conforme a quantidade de dinheiro que lhes é deixada, e assim se esforçam por enganar primeiro a si mesmos, se é que acreditam no que dizem, e depois aos que dão fé às suas palavras. Se me fosse lícito mostrar sobre eles o que é preciso, eu logo revelaria a muita gente simples

aquilo que eles guardam escondido debaixo de suas capas. Mas quisera Deus que a todos e às suas mentiras ocorresse o mesmo que a um frade menor, nada jovem, e sim um daqueles que em Veneza estão entre os mais respeitáveis.[86] Terei imenso gosto em contar sua história e assim, com riso e prazer, talvez levantar os ânimos cheios de compaixão pela morte de Guismunda.

Houve portanto em Ímola, valorosas senhoras, um homem de vida criminosa e corrupta que se chamava Berto della Massa, cujas ações infames, muito conhecidas pelos habitantes da cidade, levaram-no a tal ponto que não havia em Ímola quem acreditasse nele quando falava a verdade, quanto mais mentira; assim, percebendo que ali já não havia lugar para as suas intrujices, como último recurso mudou-se para Veneza, receptáculo de todas as imundícies, e ali tratou de encontrar uma maneira fraudulenta de agir que ainda não tivesse sido por ele usada em outro local. E, como se a consciência lhe pesasse pelas más obras do passado, mostrando-se imbuído de extrema humildade e tornando-se o mais católico dos homens, foi e tornou-se frade menor, fazendo-se chamar frei Alberto de Ímola; e, vestindo tal hábito, começou a dar a impressão de viver vida dura e a louvar muito a penitência e a abstinência; nunca comia carne nem bebia vinho, quando não houvesse dos que gostasse. E ninguém nem sequer percebeu que, de ladrão, rufião, falsário e homicida que era, de repente virou grande pregador, mas sem por isso abandonar os referidos vícios, que punha em prática às escondidas sempre que podia. Além disso, tornando-se padre, sempre que celebrava e era visto por muitos, chorava no altar a paixão do Salvador, por ser pessoa a quem pouco custavam as lágrimas quando as queria. Em suma, entre pregações e lágrimas, soube engodar a tal ponto os venezianos que era fideicomissário e depositário de quase todos os testamentos feitos, tesoureiro do dinheiro de muitos, confessor e conselheiro da quase maioria de homens e mulheres; e, assim agindo, de lobo que era se tornara pastor, e sua fama de santidade naquelas paragens era muito maior do que jamais foi a de São Francisco em Assis.

Ocorre que certo dia uma jovem senhora, simplória e tola, chamada *madonna* Lisetta da ca'Quirino[87], esposa de um grande mercador que partira com suas galeras para Flandres, foi com outras mulheres confessar-se àquele santo frade. Estava ela aos pés dele – e, sendo veneziana, era basbaque como todos –, já dissera parte dos seus feitos, quando frei Alberto lhe indagou se tinha algum amante.

Ela respondeu com maus bofes:

– Ai, senhor frade, não tem olhos na cara? Acha que a minha beleza é como a

dessas outras? Poderia ter muitos amantes, se quisesse; mas a minha beleza não é para ser amada por este nem por aquele. Quantas o senhor vê por aí com uma beleza igual à minha? Eu seria bela até no paraíso.

E disse tantas outras coisas sobre a sua tal beleza, que foi uma amofinação. Frei Alberto logo farejou uma paspalhona e, achando que o terreno servia às suas ferramentas, logo se enamorou sobremaneira dela; mas, reservando as lisonjas para momento mais tranquilo, quis daquela vez mostrar-se santo e começou a repreendê-la e a dizer que aquilo era vanglória, e outras conversas dessas; por isso a mulher respondeu que ele era uma besta e não sabia perceber quando uma beleza é maior que a outra. Por isso frei Alberto, não querendo irritá-la muito, terminada a confissão, deixou-a ir embora com as outras.

Alguns dias depois, levando consigo um fiel companheiro, foi à casa de *madonna* Lisetta e, conversando com ela em particular numa sala onde não era visto por outras pessoas, rojou-se de joelhos à sua frente e disse:

– Senhora, eu lhe suplico, por Deus, que me perdoe pelo que lhe disse domingo, quando falou de sua beleza, pois naquela noite eu fui tão terrivelmente castigado por causa daquilo, que não consegui me levantar até hoje.

Disse então dona Pancrácia:

– E quem o castigou tanto?

Frei Alberto respondeu:

– Vou dizer. Estava eu à noite orando, como costumo estar sempre, quando subitamente vi na minha cela um grande esplendor e, antes que conseguisse me voltar para ver o que era, enxerguei em cima de mim um jovem belíssimo com um enorme pau na mão, que me pegou pela capa, me fez ficar em pé e me bateu tanto que me arrebentou. Até que eu perguntei por que ele estava fazendo aquilo, e ele respondeu: “Porque hoje você teve a presunção de repreender a celestial beleza de *madonna* Lisetta, que, abaixo de Deus, eu amo acima de todas as coisas”. Então perguntei: “Quem é o senhor?”. Ele respondeu que era o anjo Gabriel. “Ó, meu senhor”, disse eu, “rogo-vos que me perdoe”. Ele então disse: “Perdoo com uma condição: que você vá falar com ela assim que puder e peça perdão; se ela não o perdoar, volto aqui e bato tanto que vou desgraçá-lo pelo resto do tempo em que viver neste mundo”. O que ele me disse depois eu não ouso repetir, só se a senhora antes me perdoar.

Dona Cabeça de Vento, que era um bocadinho parva, deliciava-se toda a ouvir essas palavras, acreditando totalmente nelas; depois de um tempinho disse:

– Bem que eu lhe dizia, frei Alberto, que a minha beleza é celestial; mas, que Deus me ajude, sinto muito pelo senhor, e a partir de agora, para que não o

machuquem mais, eu o perdoo, mas não deixe de me contar o que foi que o anjo disse depois.

Frei Alberto disse:

– Já que me perdoou, digo com muito gosto; mas lembre-se de uma coisa: não deve dizer nada do que eu disser a ninguém no mundo, se não quiser estragar sua vida, sendo a mulher mais feliz que hoje existe no mundo. Esse anjo Gabriel me disse que lhe dissesse que gosta tanto da senhora que teria vindo várias vezes ficar à noite com a senhora, mas que não vem para não a assustar. Então me mandou dizer que quer vir uma noite ficar um tempo com a senhora, mas, como é anjo, se vier em forma de anjo, a senhora não vai poder tocá-lo, então diz que para seu prazer quer vir em forma de homem, e por isso lhe pede que mande dizer a ele quando quer que ele venha e em forma de quem, e ele virá; por isso a senhora deve se considerar a mulher mais feliz que existe.

Dona Palerma disse que estava contente em saber que o anjo Gabriel a amava, porque ela também lhe queria muito bem, tanto que nunca deixava de acender uma vela de um *mattapan*88 diante de qualquer quadro em que o visse; e que, quando bem quisesse vir, seria bem-vindo e a encontraria sozinha no quarto, mas com a condição de que não a largasse pela Virgem Maria, pois tinha ouvido dizer que ele lhe queria muito bem, e isso era evidente, porque em todo lugar que o via ele estava ajoelhado na frente dela; além disso, que cabia a ele decidir a forma na qual viria, desde que ela não sentisse medo.

Então frei Alberto disse:

– Sábias palavras; e eu vou acertar com ele tudo o que a senhora me disse. Mas, será que podia me fazer um grande favor, que não lhe custará nada? O favor é o seguinte: querer que ele venha com este meu corpo. E ouça por que vai me fazer um favor: é que ele vai tirar a minha alma do corpo, levá-la para o paraíso e entrar em mim; e, enquanto ele estiver com a senhora, a minha alma estará no paraíso.

Disse então dona Pacóvia:

– Boa ideia; como compensação pelas surras que ele lhe deu por minha causa, quero que o senhor tenha esse consolo.

Frei Alberto disse:

– Então esta noite deixe a porta de sua casa de um jeito que ele possa entrar, porque, vindo num corpo humano, como virá, só vai poder entrar pela porta.

A mulher respondeu que assim seria feito. Frei Alberto partiu, e ela ficou numa euforia tão grande que quase não cabia nas roupas, parecendo que faltavam mil anos para a vinda do anjo Gabriel. Frei Alberto, achando que

naquela noite precisaria ser cavaleiro, em vez de anjo, começou revigorando-se com doces e outras coisas boas, para não cair facilmente do cavalo. E, obtendo licença, ao anoitecer foi com um companheiro à casa de uma amiga sua, de onde outra vez dera a largada para ir correr jumentas; e dali, quando lhe pareceu oportuno, dirigiu-se disfarçado à casa da mulher e já lá dentro, usando os petrechos que levara, transfigurou-se em anjo e, subindo ao andar de cima, entrou no quarto da mulher.

Ela, quando viu aquela coisa tão branca, ajoelhou-se à sua frente; o anjo a abençoou e, pondo-a em pé, indicou-lhe com um aceno que devia ir para a cama, o que ela fez prontamente, muito desejosa de obedecer; então, o anjo se deitou com sua devota. Frei Alberto era homem robusto e bem-feito de corpo; ademais, ia muito bem das pernas; por isso, ao se juntar com dona Lisetta, que era viçosa e fofa, ofereceu-lhe um concúbito bem diferente do que ela recebia do marido e várias vezes na noite voou sem asas, com o que ela se declarou contentíssima; além disso, ele lhe disse muitas coisas sobre a glória celestial. Depois, como o dia estivesse para raiar, chegada a hora do retorno, saiu com suas ferramentas e voltou a juntar-se ao companheiro, que, para não sentir medo dormindo sozinho, recebera da serviçal da casa amigável companhia.

A mulher, depois do almoço, arranjou companhia e foi falar com frei Alberto; deu-lhe notícias do anjo Gabriel, contou o que dele ouvira sobre a glória da vida eterna, disse como ele era feito e acrescentou mais algumas fábulas maravilhosas.

Frei Alberto disse:

– Senhora, não sei como foram as coisas com ele; sei bem que esta noite ele veio até mim e eu lhe transmiti o seu recado; então ele imediatamente levou minha alma entre tantas flores e tantas rosas, como nunca se viram tantas neste mundo, e eu fiquei num dos lugares mais agradáveis que existem, até hoje de manhã; o que aconteceu com o meu corpo, não sei.

– Eu não disse? – respondeu a mulher. – O seu corpo ficou a noite toda nos meus braços com o anjo Gabriel; se não acreditar, dê uma olhada abaixo da teta esquerda, onde eu dei um beijo tão grande no anjo, que o sinal vai ficar lá um par de dias.

Frei Alberto então disse:

– Pois vou fazer hoje uma coisa que não faço há muito tempo: tirar a roupa para ver se o que está dizendo é verdade.

Depois de muito prosear, a mulher voltou para casa, aonde frei Alberto foi depois várias vezes em forma de anjo, sem obstáculo algum.

No entanto, certo dia, estava *madonna* Lisetta discutindo coisas de beleza com uma comadre quando, para pôr a sua beleza adiante de qualquer outra, sendo alguém a quem faltavam miolos, disse:

– Se soubesse quem gosta da minha beleza, nunca mais falaria das outras.

A comadre, louca para ouvir, conhecendo-a como conhecia, disse:

– Pode ser que esteja dizendo a verdade, mas, se a gente não sabe quem é, não dá para mudar de ideia assim tão facilmente.

Então a mulher, que não precisava de muito para falar[89], disse:

– Comadre, que fique aqui entre nós, mas eu tenho um caso com o anjo Gabriel, que me ama mais que a si mesmo, porque, conforme me diz, sou a mais bela mulher do mundo e de mais além.[90]

A comadre teve vontade de rir, mas segurou-se para fazê-la falar mais; então disse:

– Deus do céu, se o anjo Gabriel é o seu caso e disse isso, então deve ser verdade; mas eu achava que os anjos não faziam essas coisas.

A mulher disse:

– Engano seu, comadre; pelas chagas de Deus, ele faz melhor que o meu marido, e me disse que lá em cima se faz isso também; mas, como acha que eu sou mais bonita que todas as que estão no céu, apaixonou-se por mim e vem me ver muitas vezes; viu só?

A comadre, depois que se despediu de *madonna* Lisetta, não via a hora de ir a algum lugar onde pudesse contar todas aquelas coisas; e, reunindo-se numa festa a um grande grupo de mulheres, contou-lhes a novidade tim-tim por tim-tim. Aquelas mulheres contaram aos maridos e a outras mulheres, e estas a outras, de modo que em menos de dois dias Veneza inteira sabia. Mas entre outras pessoas a cujos ouvidos chegaram tais coisas estavam os cunhados de Lisetta, que, sem lhe dizerem nada, tomaram a peito encontrar aquele anjo e descobrir se ele sabia voar; e várias noites se puseram a postos.

Ocorre que de tudo isso chegaram alguns rumores aos ouvidos de frei Alberto, e ele, para repreender a mulher, foi lá certa noite; mal tinha tirado a roupa, porém, os cunhados, que o haviam visto chegar, foram até a porta do quarto para abri-la. Frei Alberto, ouvindo o ruído e percebendo o que era, levantou-se e, não vendo outra saída, abriu uma janela que dava para o Canal Grande e de lá pulou na água. Como havia boa profundidade e ele sabia nadar bem, não se machucou; e, nadando até o outro lado do canal, entrou depressa numa casa que estava aberta e pediu a um bom homem que havia lá dentro que, pelo amor de Deus, lhe salvasse a vida, contando mentiras sobre o motivo de

estar ali, àquela hora e nu. O bom homem, apiedado, colocou-o em sua cama e, como precisasse sair para tratar de uns negócios, disse-lhe que ficasse ali até sua volta; e, trancando-o dentro de casa, foi tratar dos seus negócios.

Os cunhados da mulher, quando entraram no quarto, descobriram que o anjo Gabriel tinha voado, deixando as asas; desapontados, disseram grandes injúrias à mulher e por fim a deixaram estar desconsolada, voltando para casa com os petrechos do anjo. Nesse ínterim, quando o dia clareou, o bom homem, que estava em Rialto, ouviu que o anjo Gabriel tinha ido à noite deitar-se com *madonna* Lisetta e, surpreendido pelos cunhados, se atirara por medo no canal, não se sabendo o que era feito dele; imediatamente o homem percebeu que quem estava em sua casa era ele. E, lá chegando, reconheceu-o e, depois de muita conversa, encontrou uma solução: se ele não quisesse ser entregue aos cunhados, que lhe arranjasse cinquenta ducados; e assim foi feito.

Depois disso, como frei Alberto quisesse sair dali, o bondoso lhe disse:

– Daqui não há como sair, pois a única saída que há o senhor não quis. Hoje fazemos uma festa, à qual um leva alguém vestido de urso, outro leva alguém vestido de selvagem, este leva uma coisa, aquele leva outra, e na praça de São Marcos se faz uma caçada; terminada a caçada, acabou a festa; depois cada um vai com quem levou para onde bem entender. Se, em vez de esperar que venham espioná-lo aqui, quiser que eu o leve fantasiado de algum desses jeitos, posso levá-lo depois para onde quiser; de outro modo não vejo como poderia sair sem ser reconhecido; e os cunhados da mulher, achando que o senhor está em algum lugar por aqui, puseram guardas por todos os lados para o pegarem.

Embora frei Alberto achasse duro ir daquele modo fantasiado, por medo dos parentes da mulher conformou-se e disse ao homem para onde queria ser levado, e que, fosse qual fosse o modo como o levasse, ele ficaria contente.

O homem, depois de untá-lo todo de mel, de cobri-lo com penugem, de lhe enfiar uma corrente no pescoço e uma máscara na cabeça, de lhe pôr numa das mãos um grande pau e na outra dois canzarrões trazidos do matadouro91, mandou uma pessoa a Rialto apregoar que quem quisesse ver o anjo Gabriel devia ir à praça de São Marcos: lealdade veneziana, essa. Feito isso, depois de algum tempo levou-o para fora e o mandou à frente, enquanto ia atrás a segurá-lo pela corrente, não sem grande alvoroço de muitos, que diziam "*Que xé quel? Que xé quel?*"92, e assim o levou para a praça, onde, entre os que tinham ido atrás deles e os que tinham vindo de Rialto por ouvirem o pregão, havia gente que não acabava mais. Quando lá chegaram, fazendo de conta que estava à espera da caçada, o homem amarrou o seu selvagem a uma coluna situada em

lugar elevado e alto; e este, que estava untado de mel, lá ficou atenazado por moscas e moscardos.

Mas o homem, quando viu a praça bem cheia, fingindo querer desacorrentar o seu selvagem, tirou a máscara de frei Alberto, dizendo:

– Senhores, já que o porco não vem à caça, e a caçada não começa, para que não tenham vindo à toa, quero mostrar-lhes o anjo Gabriel, que desce do céu à terra durante a noite para consolar as mulheres venezianas.

Tirada a máscara, frei Alberto foi imediatamente reconhecido, e contra ele elevaram-se os gritos de todos, que lhe diziam as palavras mais ofensivas e os maiores ultrajes jamais ditos a qualquer trapaceiro, enquanto uns lhe atiravam ao rosto alguma imundície e outros, outra; e assim o mantiveram por muito tempo, até que por acaso a notícia chegou a seus confrades, e meia dúzia deles abalou até ali; seus confrades lhe jogaram uma capa nas costas, soltaram-no da corrente e, seguidos por forte alarido, levaram-no para casa, onde ele foi encarcerado e, depois de levar mísera vida, acredita-se que morreu.

Assim, ele, que todos achavam bom e ninguém acreditava capaz de agir mal, ousou passar-se pelo anjo Gabriel e, transformado em selvagem, com o passar do tempo foi insultado como merecia e chorou em vão os pecados cometidos. Queira Deus que isso ocorra a todos os outros.

TERCEIRA NOVELA

Três rapazes amam três irmãs e fogem com elas para Creta. A mais velha mata por ciúme o seu amante; a do meio, entregando-se ao duque de Creta, salva a primeira da morte, mas é morta pelo amante, que foge com a primeira; do crime são acusados o terceiro amante e a terceira irmã; presos, confessam e, por medo de morrer, subornam os guardas e fogem pobres para Rodes, onde morrem na miséria.

Filostrato, ouvindo o fim da história de Pampineia, ficou certo tempo ensimesmado, depois disse a ela:

– Alguma coisa boa, de que gostei, houve no fim de sua história; mas antes houve motivo demais para rir, e eu gostaria que não tivesse havido.

Depois, dirigindo-se a Lauretta, disse:

– Senhora, continue com uma melhor, se for possível.

Lauretta disse, rindo:

– É muito cruel com os amantes, só querendo um fim infeliz para eles; para obedecer-lhe, então, contarei uma história de três amantes, todos com fim infeliz, depois de pouco gozarem seu amor.

E, dizendo isso, começou.

– Como deve estar claro para as jovens senhoras, todo vício pode causar gravíssimos transtornos a quem o tenha e, frequentemente, a outras pessoas; e, entre todos os vícios, o que nos conduz ao perigo com rédeas mais frouxas parece-me ser a ira, que nada mais é que um movimento súbito e irrefletido, provocado pela dor sentida, que, expulsando a razão e ofuscando com trevas os olhos da mente, incendeia nossa alma com abrasado furor. E, embora isso aconteça com frequência nos homens, mais em uns que em outros, maior é o prejuízo quando visto nas mulheres, pois nelas se acende com mais facilidade, arde com chama mais clara e impele com menos refreamento. E não é de admirar, pois, se observarmos bem, veremos que o fogo, por natureza, acende-se mais depressa nas coisas leves e macias do que nas duras e mais pesadas; e nós somos (que os homens não levem a mal) mais delicadas e muito mais móveis que eles. Por isso, admitindo que somos naturalmente mais inclinadas a isso, considerando que nossa mansuetude e benignidade são motivo de repouso e prazer para os homens com os quais convivemos, e que a ira e o furor causam grandes dores e perigos, é para nos protegermos dela com mais vigor que

pretendo mostrar com a minha história como o feliz amor de três rapazes e três mulheres, como disse acima, tornou-se infeliz por causa da ira de uma delas.

Marselha, como sabem, é antiga e nobilíssima cidade do litoral da Provença, outrora mais cheia que hoje de homens ricos e grande mercadores. Entre eles havia um chamado N'Arnald Civada, homem de nascimento humilde, mas de clara fé e leal mercador, desmesuradamente rico em propriedades e dinheiro, que teve vários filhos da esposa, dos quais três mulheres, mais velhas que os outros, que eram varões. Delas, duas haviam nascido juntas e tinham quinze anos de idade; a terceira, quatorze; para casá-las, a família só esperava o retorno de N'Arnald, que fora mercadejar na Espanha. As duas mais velhas chamavam-se Ninette e Madeleine; a terceira, Bertelle.93

Por Ninette estava apaixonado um jovem fidalgo, se bem que pobre, chamado Restaignon, e a jovem por ele; estes haviam encontrado meios de gozar seu amor sem que ninguém no mundo soubesse; e já fazia um bom tempo que o gozavam quando dois jovens companheiros, um chamado Foulques, e o outro, Huguet94, que tinham ficado riquíssimos depois da morte dos pais, apaixonaram-se um por Madeleine e o outro por Bertelle. Restaignon, tomando conhecimento disso que lhe foi indicado por Ninette, pensou em amenizar suas carências graças ao amor daqueles dois. E, criando familiaridade com eles, ia acompanhado por um dos dois, quando não por ambos, ver suas respectivas mulheres.

Um dia, quando já se achava bastante íntimo e amigo deles, chamou-os à sua casa e lhes disse:

– Caríssimos jovens, nossa convivência já deve ter-lhes dado certeza de que lhes tenho grande estima e de que por vocês eu faria tudo o que faria por mim mesmo; e, por estimá-los muito, quero falar-lhes sobre a ideia que tive, e depois tomaremos os três a decisão que lhes parecer melhor. Vocês – se suas palavras forem sinceras e pelo que me parece ter entendido de seus atos ao longo dos dias e das noites – nutrem ardente amor por aquelas duas jovens irmãs, e eu pela terceira delas; para esse ardor, caso estiverem de acordo, tenho em mente encontrar remédio doce e agradável, que é o seguinte. Vocês são riquíssimos, e eu, não. Se quiserem reunir suas riquezas e me tornar terceiro possuidor delas, poderão decidir em que lugar do mundo iremos viver uma vida feliz com elas, e diz-me o coração que, sem dúvida, poderemos fazer as três irmãs ir conosco aonde quisermos, com grande parte do que tem o pai; ali, cada um com a sua, como três irmãos, poderemos viver como os mais felizes homens do mundo. Agora cabe a vocês decidir se querem viver bem assim ou largar mão.

Os dois rapazes, extremamente apaixonados, ao ouvirem dizer que teriam suas duas jovens, não demoraram muito a decidir-se e disseram que, se esse fosse o resultado, estavam preparados para fazer o que era proposto. Restaignon, poucos dias depois dessa resposta, encontrou-se com Ninette, com quem podia falar não sem grandes dificuldades; e, depois de ter ficado algum tempo com ela, contou-lhe o que tinha conversado com os outros rapazes e, valendo-se de muitas razões, empenhou-se em fazê-la concordar com a empreitada. Mas não foi difícil, porque muito maior que o dele era o desejo dela de ficarem juntos sem temores; por isso, respondendo-lhe de livre e espontânea vontade que concordava e que as irmãs fariam o que ela quisesse, principalmente nisso, disse-lhe que aprontasse tudo o que fosse preciso para tanto, o mais depressa possível. Restaignon, voltando a falar com os dois rapazes, que estavam ansiosos por saber o que haviam conversado, disse-lhes que, por parte das mulheres, a ação estava decidida. E deliberaram juntos que iriam para Creta. Assim, vendidas algumas propriedades e trocadas por dinheiro todas as outras coisas que tinham, a pretexto de usarem o dinheiro para mercadejar compraram uma setia, equiparam-na secretamente com grande opulência e ficaram à espera da data estabelecida. Por outro lado, Ninette, que conhecia muito bem o desejo das irmãs, com doces palavras insuflou-lhes tamanho entusiasmo pelos planos, que elas achavam que não viveriam até que aquilo acontecesse.

Assim, chegada a noite em que deviam embarcar na setia, as três irmãs abriram uma grande arca do pai e dela tiraram enorme quantidade de dinheiro e joias, com o que saíram sorrateiramente de casa, segundo havia sido combinado, e foram ao encontro dos três amantes que as esperavam. Depois que elas embarcaram na setia, eles aferraram remos e se foram; e, sem pararem em lugar algum, na noite seguinte chegaram a Gênova, onde os novos amantes fruíram pela primeira vez a alegria e o prazer de seu amor. Depois, reabastecendo-se do que precisavam, partiram e, de porto em porto, antes do oitavo dia aportaram em Creta sem terem encontrado obstáculos; lá compraram grandes e belas propriedades bem perto de Cândia95, nas quais construíram lindas e agradáveis casas; e nelas passaram a viver com suas mulheres como os homens mais satisfeitos do mundo, com numerosos serviçais, cães, aves e cavalos, em meio a banquetes, festas e muita alegria, à maneira de grandes senhores.

E assim estavam vivendo quando ocorreu algo que vemos todos os dias, ou seja, por mais que gostemos de algo, se em excesso, nos fartamos. Restaignon, que muito amara Ninette, podendo tê-la sem nenhum temor para satisfação de todo o seu desejo, começou a aborrecer-se dela e, por conseguinte, a faltar-lhe

com amor. Então, numa festa, agradou-se demais de uma jovem da terra, bela e gentil senhora, e, cortejando-a com afinco, começou a fazer-lhe incríveis cortesias e festas; Ninette, descobrindo, tomou-se de tanto ciúme, que ele não podia dar um passo sem que ela soubesse e não causasse tormento aos dois com falatórios e brigas.

Mas, assim como a abundância gera fastio, a recusa das coisas desejadas multiplica o apetite, de modo que as brigas de Ninette tornavam mais intensas as chamas do novo amor de Restaignon; e, com o passar do tempo, quer Restaignon tivesse os favores da mulher amada, quer não, Ninette tinha esse fato por certo, fosse lá quem o dissesse; e com isso mergulhou em tamanha tristeza, passando desta a tanta ira e, por conseguinte, a tanto furor que o amor por Restaignon se transformou em ódio acerbo e, enceguecida pela ira, ela decidiu vingar com a morte dele a desonra pela qual acreditava ter sido atingida. Então, chamando uma velha grega que era grande mestra na composição de venenos, conseguiu com promessas e presentes que ela lhe fizesse uma água letal e, sem pensar duas vezes, certa noite a serviu a Restaignon, que, acalorado e sem desconfiar de nada, bebeu. A força do veneno foi tal que, antes do alvorecer, ele estava morto. Foulques, Huguet e suas mulheres, sem saberem que ele morrera envenenado, choraram amargamente com Ninette a morte dele e o enterraram com muitas homenagens. Mas, depois de não muitos dias, a velha que fizera a água envenenada para Ninette foi presa por algum outro malefício e, torturada, entre outros crimes confessou aquele, provando plenamente o que ocorrera como consequência; então o duque de Creta, sem nada dizer, cercou uma noite a casa de Foulques e, fazendo tudo em silêncio e não encontrando resistência, prendeu Ninette. E dela, sem uso de tortura, obteve tudo o que queria ouvir sobre a morte de Restaignon.

Foulques e Huguet (e, por meio deles, suas mulheres) ficaram sabendo, secretamente, pelo duque por que Ninette fora presa, o que os desgostou muito; e esforçavam-se ao máximo para que Ninette escapasse da fogueira, à qual, acreditavam, seria condenada, como alguém que fizera por merecê-lo; mas era tudo em vão, pois o duque continuava decidido a fazer justiça. Madeleine, que era bela e havia muito tempo vinha sendo cortejada pelo duque, mas nunca quisera fazer nada para satisfazê-lo, imaginando que cedendo poderia subtrair a irmã à fogueira, por meio de astuto mensageiro comunicou-lhe estar a seu dispor, desde que resultassem duas coisas: a primeira era que ela queria reaver a irmã salva e livre; a outra era que a coisa devia ser secreta. O duque ouviu a mensagem, gostou muito do que ouviu e ficou pensando durante muito tempo se

o faria; no fim, concordou, dizendo que estava pronto. Então, com o consentimento da mulher, mandou deter Foulques e Huguet por uma noite, como se quisesse obter deles informações sobre o fato, e indo em segredo encontrar-se com Madeleine em sua casa. E, tendo antes posto Ninette num saco, a pretexto de que naquela mesma noite mandaria jogá-la ao mar96, levou-a para a irmã, a quem a entregou pelo preço daquela noite; pela manhã, ao partir, pediu-lhe que aquela noite de amor, que fora a primeira, não fosse a última; além disso, ordenou-lhe que mandasse embora a mulher culpada, para que ele não fosse reprovado por aquilo ou não fosse obrigado a novamente agir com rigor contra ela.

Na manhã seguinte Foulques e Huguet foram soltos. Ouvindo dizer que Ninette fora atirada ao mar durante a noite e acreditando nisso, voltaram para casa com a intenção de consolar as duas mulheres pela morte da irmã, e, embora Madeleine se esforçasse muito por escondê-la, Foulques percebeu que ela estava lá. Muito admirado, logo suspeitou de algo – já ouvira dizer que o duque cortejara Madeleine – e perguntou-lhe como Ninette podia estar ali. Para explicar, Madeleine urdiu uma longa mentira na qual ele, que era astuto, pouco acreditou, obrigando-a a contar a verdade; e ela, depois de muitas palavras, contou. Foulques, esmagado pela dor e tomado pelo furor, sacou uma espada e matou a mulher, que em vão pedia piedade.

Temendo a ira e a justiça do duque, deixou-a morta no quarto e foi ao local onde estava Ninette, dizendo-lhe, com expressão de fingida alegria:

– Logo a levarei ao lugar determinado por sua irmã, para evitar que você caia nas mãos do duque.

Ninette, amedrontada, acreditando nisso e desejando partir, pôs-se a caminho com Foulques sem se despedir da irmã, pois já era noite; com o dinheiro que ele tinha conseguido pegar, que era pouco, foram para o litoral, tomaram uma embarcação e nunca se soube onde aportaram.

No dia seguinte, quando Madeleine foi encontrada morta, algumas pessoas, que tinham inveja e ódio de Huguet, imediatamente levaram o fato ao conhecimento do duque; este, que amava muito Madeleine, correu impetuosamente à casa deles, prendeu Huguet e sua mulher, que nada sabiam daquelas coisas, ou seja, da partida de Foulques e Ninette, e os obrigou a confessar que tinham matado Madeleine junto com Foulques. Temendo com razão a morte que adviria da confissão, subornaram habilmente aqueles que os guardavam, dando-lhes certa quantidade de dinheiro que guardavam escondido em casa para casos de necessidade, e com os guardas, sem tempo de pegar

quaisquer coisas suas, subiram num barco e à noite fugiram para Rodes, onde viveram na pobreza e na miséria por não muito tempo.

Portanto, a tal situação o louco amor de Restaignon e a ira de Ninette os levaram todos.

QUARTA NOVELA

Gerbino, descumprindo palavra dada pelo rei Guilherme, seu avô, combate com uma nau do rei de Túnis para raptar a filha dele; esta é morta pelos que estão na embarcação, Gerbino mata estes últimos, e depois lhe é cortada a cabeça.

Terminada sua história, Lauretta calou-se, enquanto no grupo uns lastimavam com os outros a desgraça dos amantes, havendo quem reprovasse a ira de Ninette, quem dissesse isto, quem dissesse aquilo, até que o rei, como se emergisse de profunda cisma, ergueu o rosto e fez um aceno a Elissa para que continuasse, e ela começou humildemente.

– Amáveis senhoras, são muitos os que creem que o Amor desfere suas setas somente quando inflamado pelo olhar e zombam dos que defendem que é possível apaixonar-se só por ouvir falar da outra pessoa; que estão enganados é coisa que ficará clara pela história que pretendo contar. Com ela lhes será mostrado que a fama não só fez isso, sem que os enamorados jamais se tivessem visto, como também que levou ambos a uma morte miserável.

Guilherme, segundo rei da Sicília, como querem os sicilianos, teve dois filhos, um varão chamado Ruggieri e uma mulher chamada Costanza. Ruggieri, morrendo antes do pai, deixou um filho chamado Gerbino, que foi criado com esmero pelo avô e tornou-se um jovem belíssimo, famoso pela bravura e cortesia. Não só dentro dos limites da Sicília sua fama ficou encerrada, mas, ecoando em várias partes do mundo, era claríssima na Berberia, que naquele tempo era tributária do rei da Sicília. E entre aqueles a cujos ouvidos chegou a magnífica fama das virtudes e da cortesia de Gerbino estava uma filha do rei de Túnis, que, pelo que diziam todos os que a viam, era uma das mais belas criaturas que a natureza já formara, a mais bem-criada, a mais nobre e magnânima. Ela, que gostava de ouvir falar dos homens valorosos, escutava com tanta emoção o que um e outro contavam dos feitos corajosos de Gerbino e gostava tanto do que ouvia que, imaginando como seria seu aspecto, apaixonou-se ardentemente por ele e com mais prazer falava dele que de outro e ouvia quem sobre ele falava.

Por outro lado, como ocorria em outros lugares, a enorme fama da beleza e do valor dela chegou à Sicília e, não sem alegria nem em vão, tocou os ouvidos de Gerbino, inflamando-o de amor por ela não menos do que ela por ele estava

inflamada. Por isso, enquanto não tivesse uma boa razão para pedir ao avô licença de ir a Túnis, desejando demais vê-la, encarregava todos os amigos que lá fossem de informá-la, da maneira como pudessem e do melhor modo que soubessem, do seu secreto e grande amor, trazendo notícias dela. Destes, houve um que o fez com muita sagacidade, pois, levando-lhe joias de mulher para ver, como fazem os mercadores, revelou-lhe inteiramente os ardentes sentimentos de Gerbino, declarando-lhe que ele, com todas as suas coisas, estava pronto e às suas ordens. Ela recebeu o embaixador e a embaixada com muita alegria e respondeu que sentia amor igual, mandando-lhe uma de suas mais valiosas joias como penhor desse sentimento. Gerbino recebeu-a com toda a alegria que se tem ao receber uma coisa preciosa e depois, várias vezes, escreveu-lhe por meio daquele mesmo amigo, mandando valiosíssimos presentes e fazendo com ela alguns acertos para poderem ver-se e tocar-se, caso a Fortuna o permitisse.

Mas, indo as coisas nesse passo, um pouco mais demoradas do que seria conveniente, enquanto a jovem ardia de um lado e Gerbino de outro, o rei de Túnis prometeu-a em casamento ao rei de Granada, o que a deixou sobremodo aflita, por perceber que não só era separada do amado pela grande distância como também estava para lhe ser totalmente roubada; e, se tivesse encontrado um meio de evitar que aquilo acontecesse, teria de bom grado fugido ao pai e ido ao encontro de Gerbino. Gerbino também, ao ouvir falar daquele casamento, ficou extremamente pesaroso, e várias vezes pensava em tentar encontrar um modo de raptá-la à força, caso ela fosse enviada por mar ao marido.

O rei de Túnis ouvira algo sobre esse amor e sobre as disposições de Gerbino e, temendo sua coragem e seu poder, quando chegou o momento de mandá-la, enviou mensagem ao rei Guilherme informando o que pretendia fazer, e que o faria desde que recebesse garantias de que não seria impedido por ele nem por Gerbino nem por qualquer outro que agisse por ele. O rei Guilherme, que era velho e não tinha ouvido nada sobre a paixão de Gerbino, não imaginando que aquelas garantias estavam sendo pedidas por esse motivo, deu-as sem opor obstáculos e, como penhor, enviou sua luva97 ao rei de Túnis. Este, recebida tal garantia, mandou equipar uma grande e bela nau no porto de Cartago, suprindo-a de tudo o que era necessário a quem nela embarcasse, e, depois de a ornar e arrumar para nela mandar a filha a Granada, só ficou à espera de tempo propício.

A jovem, que de tudo sabia e tudo via, mandou secretamente um servidor seu a Palermo com a missão de saudar o airoso Gerbino de sua parte e de dizer-lhe que partiria para Granada em poucos dias, e que chegara a hora de mostrar se era valente como se dizia e se a amava tanto quanto afirmara várias vezes. Aquele

que ficara encarregado da embaixada cumpriu-a muito bem e voltou a Túnis. Gerbino, ao ouvir isso, informado de que o rei Guilherme, seu avô, dera garantias ao rei de Túnis, não sabia o que fazer; mas, impelido pelo amor, como entendera as palavras da mulher, para não parecer covarde foi a Messina, onde mandou armar rapidamente duas galeras ligeiras, encheu-as de homens valentes e zarpou rumo à Sardenha, imaginando que por ali deveria passar a nau da mulher.

Não estava longe do acerto a sua conjectura, pois poucos dias ele ficou ali até que a nau, sendo pouco o vento, apareceu em ponto não muito distante de onde ele se pusera a esperá-la. Vendo-a, Gerbino disse aos companheiros:

– Senhores, se forem tão valorosos como imagino, creio que não há ninguém aqui que nunca tenha amado ou não esteja amando, pois sem o amor, conforme julgo por mim mesmo, nenhum mortal pode ter em si virtude ou bem; e, se já estiveram ou estão enamorados, será fácil compreender o meu desejo. Estou amando, e o amor me induziu a lhes impor esta canseira; e aquilo que amo encontra-se naquela nau que estão vendo ali adiante, nau que, além da coisa que mais desejo, está cheia de imensas riquezas, que poderemos conquistar com pouca dificuldade se os senhores forem homens valorosos e se combaterem virilmente. Dessa vitória só quero uma mulher como quinhão, e é pelo amor dela que os concito à batalha; todo o resto lhes pertence livremente desde já. Vamos, pois, e assaltemos a nau com êxito; Deus, favorável à nossa empresa, a mantém parada, sem lhe conceder vento.

Não carecia o airoso Gerbino dizer tantas palavras, porque os messanenses que ele comandava, amantes da rapina, já estavam com vontade de fazer aquilo a que ele os incitava com palavras. Por isso, fizeram um grande alarido quando ele terminou de falar, apoiando o que ele dissera, tocaram os clarins e, empunhando armas, aferraram remos e aproximaram-se da nau. Os que estavam nesta, vendo as galeras chegar de longe e não podendo partir, prepararam-se para a defesa. O airoso Gerbino, ao aproximar-se, ordenou que os seus comandantes fossem mandados para as galeras, se não quisessem batalha. Os sarracenos, informados de quem eram eles e o que buscavam, disseram que aquilo contrariava a palavra que lhes fora dada pelo rei que os assaltava; e para comprová-lo mostraram a luva do rei Guilherme e afirmaram resolutamente que nunca, a não ser vencidos em batalha, se renderiam nem entregariam nada que houvesse naquela nau. Gerbino, que via a mulher na popa da nau e a achava muito mais bela do que imaginara, mais inflamado ficou e, ao ver a luva, respondeu que ali não havia falcões para que houvesse necessidade de luvas98; por isso, se não quisessem

entregar a mulher, que se preparassem para a batalha. E a esta deram início sem mais demora, desfechando ferozmente flechas e pedras de um lado e de outro, e por muito tempo combateram desse modo, com prejuízos para ambas as partes.

Por fim, vendo que pouco avançavam, Gerbino pegou um bote que trouxera da Sardenha, ateou-lhe fogo e, com ambas as galeras, empurrou-o até a nau. Os sarracenos, vendo aquilo e percebendo que necessariamente deveriam render-se ou morrer, trouxeram para o convés a filha do rei, que estava embaixo chorando, levaram-na até a proa, chamaram Gerbino e, diante de seus olhos, mataram a moça que gritava por piedade e socorro e jogaram-na ao mar, dizendo:

– Vá pegá-la. Nós a damos como podemos e como fez por merecer a sua falta de palavra.

Gerbino, vendo aquela crueldade, sem se importar com flechas e pedras, abordou a nau como se desejasse morrer e, invadindo-a, a despeito do grande número de homens que nela havia, tal como um leão faminto numa manada de bezerros vai sangrando um e outro com os dentes e as garras para saciar antes a ira que a fome, de espada em punho foi retalhando cruelmente um e outro sarraceno, matando muitos deles; e, como já crescia o fogo na nau incendiada, mandou seus marinheiros pilhar o que podiam para sua satisfação e saiu da nau sentindo ter conquistado uma vitória pouco jubilosa sobre os adversários. Depois, ordenando que o corpo da bela mulher fosse recolhido do mar, chorou sobre ele prolongada e copiosamente e, de retorno à Sicília, sepultou-a decentemente em Ustica, ilhota que fica quase defronte a Trapani, e voltou para casa, sofrendo mais que ninguém no mundo.

O rei de Túnis, ao receber a notícia, mandou seus embaixadores vestidos de luto ao rei Guilherme, queixando-se de que ele não cumprira a palavra e contando como. O rei Guilherme ficou muito irritado e, não vendo modo de lhes negar a justiça que pediam, mandou prender Gerbino e, pessoalmente – sem que nenhum dos seus dignitários tentasse demovê-lo com súplicas –, condenou-o a morrer decapitado e em sua presença mandou que lhe cortassem a cabeça, preferindo ficar sem o neto a ser considerado um rei sem palavra.

Portanto, em poucos dias os dois amantes morreram de má morte, sem terem colhido nenhum fruto de seu amor, como lhes disse.

QUINTA NOVELA

Os irmãos de Elisabetta matam o amante dela; ele lhe aparece em sonho e indica onde está enterrado. Às escondidas, ela desenterra a cabeça e a põe num vaso de manjericão; e sobre ele chora todos os dias durante muito tempo; os irmãos tiram o vaso dela, e ela morre de dor pouco depois.

Terminada a história de Elissa, que foi elogiada pelo rei durante certo tempo, impunha-se a Filomena que contasse a sua; ela, toda cheia de compaixão pelo mísero Gerbino e sua amada, depois de piedoso suspiro começou.

– Minha história, graciosas senhoras, não será de gente de tão alta posição como a contada por Elissa, mas não há de ser menos comovente; e o que me faz lembrar dela é Messina, de que há pouco se falou e onde ocorreu o episódio.

Havia, pois, em Messina três jovens irmãos mercadores que tinham ficado bem ricos depois da morte do pai, que era de San Gimignano; tinham uma irmã chamada Elisabetta, jovem, bela e bem-criada, que, não se sabe por qual razão, eles ainda não haviam casado. Além disso, esses três irmãos tinham em seu armazém um rapazinho pisano chamado Lorenzo, que administrava e executava todos os seus negócios. Lorenzo era bastante formoso e gentil, e Elisabetta, reparando nisso diversas vezes, começou a gostar extraordinariamente dele. Lorenzo, percebendo-o uma vez e outra, também começou a interessar-se por ela, deixando de lado seus outros namoros; e de tal modo andaram as coisas que, gostando um do outro de modo idêntico, não demorou muito para que, ganhando confiança, fizessem aquilo que cada um deles mais desejava.

Continuando assim a passarem juntos momentos agradáveis e prazerosos, não souberam agir tão secretamente que deixassem de ser descobertos certa noite pelo irmão mais velho, quando Elisabetta foi ao local onde Lorenzo dormia. O irmão, porém, que era astuto, por mais doloroso que lhe fosse saber daquilo, movido pela preocupação com o decoro, não disse nada nem fez coisa alguma, passando toda a noite, até que a manhã surgisse, a remoer várias coisas acerca do fato. Quando amanheceu, contou aos irmãos o que vira na noite anterior, de Elisabetta e Lorenzo, e, com eles, depois de muito conversarem, decidiu que, para evitar qualquer infâmia para si mesmos e para a irmã, silenciariam o acontecimento e fingiriam que nada fora visto ou sabido até que chegasse o momento em que eles, sem prejuízo ou incômodo, pudessem lavar a honra, antes

que a coisa avançasse mais.

E continuaram com tais disposições, conversando e rindo com Lorenzo como costumavam fazer, até que um dia os três, pretextando sair da cidade a passeio, levaram Lorenzo consigo; e, chegando a um lugar muito ermo e distante, aproveitaram a oportunidade e mataram Lorenzo, que estava totalmente desprevenido, e o enterraram de tal modo que ninguém percebeu. Voltando a Messina, espalharam que o haviam mandado a outro lugar a negócios, e nisso todos acreditaram facilmente, pois tinham o costume de mandá-lo frequentemente a outros lugares.

Como Lorenzo não voltasse e Elisabetta, preocupada, perguntasse dele muitas vezes aos irmãos, pois lhe causava pesar tanta demora, um dia em que a pergunta foi muito insistente disse um dos irmãos:

– O que significa isso? O que tem você com Lorenzo, que tanto pergunta por ele? Se perguntar mais uma vez, vamos lhe dar a resposta que merece.

Por isso a jovem, pesarosa e triste, temendo e não sabendo o que fazer, parou de perguntar e frequentemente o chamava à noite com muita comoção, pedindo-lhe que voltasse; outras vezes, com lágrimas profusas, lamentava-se de sua longa ausência e, sem se alegrar, estava sempre à sua espera.

Ocorre que uma noite, depois de muito chorar por Lorenzo que não voltava, Elisabetta acabou por adormecer chorando, e Lorenzo lhe apareceu em sonho, pálido, todo despenteado, com as roupas rasgadas e apodrecidas, parecendo que lhe dizia: “Ó, Elisabetta, você não faz outra coisa, só me chamar e lamentar a minha longa ausência, acusando-me atrozmente com suas lágrimas; fique sabendo que não posso voltar, pois no último dia em que me viu os seus irmãos me mataram”. E, indicando-lhe o lugar onde o tinham enterrado, pediu-lhe que não o chamasse mais nem o esperasse, e desapareceu.

Quando a jovem acordou, acreditando na visão, chorou amargamente. Levantando-se de manhã, sem coragem de dizer nada aos irmãos, decidiu ir ao lugar indicado e ver se era verdade o que lhe aparecera em sonho. E, obtendo permissão para sair um pouco da cidade a passeio, foi para lá o mais depressa possível em companhia de uma mulher que outrora trabalhara para eles e sabia de toda a sua vida; ali, depois de tirar as folhas secas que havia no lugar, cavou onde a terra lhe pareceu menos dura; não tinha cavado muito quando encontrou o corpo do seu mísero amante, ainda não deteriorado nem putrefato, e assim teve absoluta certeza de que sua visão era veraz. Sofrendo mais que nenhuma outra mulher no mundo, sabia que aquela não era hora de chorar e, se pudesse, levaria consigo o corpo para dar-lhe sepultura mais adequada; no entanto, vendo que

não conseguiria, tomou uma faca e, o melhor que pôde, separou a cabeça do tronco, embrulhou-a numa toalha, jogou a terra por cima do corpo, pôs a cabeça no colo da criada e, sem ter sido vista por ninguém, saiu de lá e voltou para casa.

Ali, trancou-se no quarto com a cabeça e sobre ela chorou demorada e amargamente, até que a lavou por inteiro com suas lágrimas, dando-lhe mil beijos em todas as partes. Depois, tomou um grande e um belo vaso, daqueles nos quais se planta manjerona ou manjericão, e a colocou dentro dele, enfaixada num belo tecido, sobre ela pôs terra e plantou vários pés de um lindo manjericão salernitano, que ela nunca regou com outra água que não fosse de rosas, de flor de laranjeira ou de suas lágrimas; e pegou o costume de sempre se sentar perto daquele vaso e de ficar a contemplá-lo com todo o seu desejo, por ter ele o seu Lorenzo escondido; e, depois de muito o contemplar, inclinava-se sobre ele, começava a chorar e chorando ficava longo tempo, até molhar todo o manjericão.

O manjericão, fosse pelo prolongado e contínuo cuidado, fosse pela riqueza da terra proveniente da cabeça putrefata que havia lá dentro, ficou lindo e perfumado. E a jovem, que agia dessa maneira o tempo todo, foi várias vezes vista pelos vizinhos. E estes disseram aos irmãos – que já se admiravam com o definhamento de sua beleza, parecendo até que os olhos estavam lhe sumindo da cabeça – “Percebemos que ela todo dia faz tal e tal coisa”. Os irmãos, assim informados e observando-a, depois de a repreenderem algumas vezes sem proveito, levaram embora o vaso sem que ela visse. Não o encontrando, ela o pediu muitas vezes com grande insistência, mas ele não lhe foi devolvido, e então, sem que o pranto e as lágrimas cessassem, ela adoeceu e na doença não pedia outra coisa, senão o vaso. Os irmãos muito se admiraram com aquele pedido insistente e por isso quiseram ver o que havia dentro dele; e, despejando a terra, viram o pano e, nele, a cabeça ainda não tão consumida que pela cabeleira crespa não pudessem reconhecer que era de Lorenzo. Muito assustados, temendo que aquilo acabasse sendo conhecido, enterraram-na e, sem dizerem nada, saíram por cautela de Messina e foram para Nápoles, depois de disporem tudo como se estivessem de mudança.

A jovem, não parando de chorar, sempre a pedir seu vaso, chorando morreu; e assim terminou o seu desventurado amor. Mas quando, depois de certo tempo, esses fatos se tornaram conhecidos por muitos, alguém compôs aquela canção que ainda hoje se canta, ou seja:

Qual esso fu lo malo cristiano,
che mi furò la grasta etc.[99]

SEXTA NOVELA

Andreuola ama Gabriotto; conta-lhe o que viu num sonho, e ele lhe conta outro sonho; morre de repente nos braços dela; enquanto ela o leva com uma criada à casa dele, ambas são presas pelos guardas do podestade, e ela conta o que aconteceu; o podestade quer forçá-la, ela não cede; o pai dela fica sabendo, ela é inocentada e libertada; depois, recusando-se totalmente a continuar no mundo, torna-se freira.

A história contada por Filomena foi muito apreciada pelas mulheres, pois tinham ouvido aquela canção várias vezes e, por mais que perguntassem, nunca tinham conseguido saber por qual razão fora composta. O rei, depois de a ouvir até o fim, ordenou a Pânfilo que seguisse a ordem. Pânfilo então disse:

– O sonho narrado na história anterior deu-me assunto para contar uma na qual se faz menção a dois sonhos sobre coisas que aconteceriam como se tivessem acontecido, e que se realizaram tão logo foram os sonhos contados por aqueles que os haviam sonhado. Por isso devem saber as amorosas senhoras que é geral em todos os viventes ver várias coisas durante o sono, e, embora essas coisas pareçam veracíssimas a quem dorme quando as vê dormindo e, depois do despertar, possam ser julgadas verdadeiras algumas, verossímeis outras e totalmente inverídica uma parte, verifica-se que muitas acontecem. Por esse motivo, muitos dão a seus sonhos a mesma fé que dariam às coisas que veem acordados; e com seus sonhos se entristecem e se alegram, segundo estes lhes causem temor ou esperança. Ao contrário, há aqueles que não acreditam neles, a não ser quando se veem diante do perigo que antes lhes foi mostrado. Não louvo nem estes nem aqueles, porque os sonhos nem sempre são verazes e nem sempre são falsos. Que não são todos verazes é coisa que cada um de nós deve ter percebido; e que nem todos são falsos já ficou demonstrado na história de Filomena e na minha pretendo mostrar, como disse antes. Por isso considero que quem vive e obra virtuosamente não deve temer nenhum sonho contrário a isso, nem abandonar por causa de um sonho as suas boas determinações; quanto às coisas perversas e malvadas, embora haja sonhos que pareçam favoráveis a elas e com novas validações venham incentivar quem os vê, ninguém deve acreditar neles, dando plena fé a todos os que sejam contrários a isso. Mas vamos à história.

Na cidade de Brescia havia um fidalgo chamado Negro da Ponte Carraro,

que, entre vários filhos, tinha uma filha chamada Andreuola, jovem, bela e ainda não casada, que por acaso se apaixonou por um vizinho cujo nome era Gabriotto, homem de humilde extração, mas de louváveis costumes, bonito e agradável; e, com a ação e a ajuda da criada da casa, tanto fez a jovem que Gabriotto não só ficou sabendo que era amado por Andreuola como também foi levado a um belo jardim do pai dela várias e várias vezes, por vontade de ambas as partes. E, para que nenhuma razão, senão a morte, jamais pudesse desfazer aquele deleitoso amor, tornaram-se secretamente marido e mulher.

E assim continuavam furtivamente suas conjunções quando certa noite a jovem, dormindo, viu em sonho que estava no jardim com Gabriotto, a abraçá-lo para imenso prazer de ambos, e, enquanto assim estavam, do corpo dele saiu uma coisa escura e terrível, cuja forma ela não conseguiu identificar, e aquela coisa agarrava Gabriotto e, opondo-se a ela, arrancava-o de seus braços com força extraordinária e com ele se refugiava debaixo da terra, sem que nunca mais os dois pudessem se rever. Isso lhe causou uma dor tão grande e inexprimível que a fez acordar; e, acordada, apesar de ficar feliz ao ver que nada era como havia sonhado, sentiu medo do sonho. Por isso, quando na noite seguinte Gabriotto quis ir ao seu encontro, ela fez de tudo para que ele não fosse; no entanto, sabendo de seu desejo e não querendo que ele suspeitasse de nada, na noite seguinte o recebeu em seu jardim. E, tendo colhido muitas rosas brancas e vermelhas, pois era tempo delas, foi sentar-se com ele ao pé de uma fonte belíssima e límpida que havia no jardim. Ali, depois de muitas efusões de alegria, Gabriotto perguntou por qual motivo ela impedira sua ida no dia anterior. A jovem falou-lhe do sonho, do receio que ele lhe inspirara e o relatou.

Gabriotto, ao ouvi-lo, deu risada e disse que era grande tolice acreditar em sonhos, pois eles ocorrem ou por excesso ou por falta de comida, e que todos os dias se vê que eles não significam nada; e depois disse:

– Se eu fosse atrás de sonhos, não teria vindo, não tanto pelo seu quanto por um que tive esta noite; parecia que eu estava numa selva linda e aprazível, e que ia caçando e tinha apanhado uma corça tão bonita e agradável como nenhuma já se viu; e parecia que ela era mais branca que a neve e que se familiarizou tão depressa comigo que nunca ficava longe de mim. E eu gostava tanto dela que, para não permitir que ela fosse embora, coloquei na garganta dela uma coleira de ouro, que eu ia segurando com uma corrente de ouro. E, depois, uma vez aquela corça estava descansando com a cabeça sobre meu peito, quando não sei de onde saiu um galgo negro como carvão, faminto e de aparência muito apavorante, que veio em minha direção, sem que eu opusesse nenhuma resistência; então parece

que ele enfiou o focinho no lado esquerdo do meu peito e mordeu tanto que chegou ao coração, que parecia arrancar para levar embora. Eu sentia tanta dor que meu sono foi interrompido e, acordando, logo corri a palpar o lado com a mão para ver se não havia nada ali; mas, não encontrando nenhum mal, ri de mim mesmo por me ter apalpado. Mas o que isso quer dizer? Já tive sonhos assim e até mais assustadores, nem por isso me aconteceu nada de mais nem nada de menos; portanto, deixe-os de lado e vamos pensar em gozar o momento.

A jovem, já assustada com seu sonho, ao ouvir o dele muito mais assustada ficou; mas, para não dar motivo de desalento a Gabriotto, escondeu seu medo o máximo que pôde. E, embora se deleitasse a abraçá-lo e beijá-lo, sendo por ele abraçada e beijada, temia algo e não sabia o quê, e frequentes vezes, mais que de costume, olhava-o no rosto e de vez em quando percorria o jardim com o olhar, para ver se alguma coisa negra surgia de algum lugar.

E assim estavam quando Gabriotto soltou grande suspiro, abraçou-a e disse:

– Ai, alma minha, ajude, estou morrendo.

E, dito isso, caiu ao chão sobre a relva do pequeno prado. A jovem, puxando o rapaz caído para o seu regaço, disse quase chorando:

– Ó, doce meu senhor, o que está sentindo?

Gabriotto não respondeu, mas, arquejando muito e suando em bicas, depois de não muito tempo passou desta à outra vida.

Como isso foi triste e doloroso para a jovem, que o amava mais que a si mesma, qualquer uma pode imaginar. Ela o pranteou muito e muitas vezes o chamou em vão; mas, depois de perceber que ele estava totalmente morto, depois de ter apalpado todas as partes do seu corpo e de encontrá-lo frio em cada uma delas, não sabendo o que fazer nem o que dizer, chorando como estava e cheia de angústia foi chamar a criada, que estava ciente daquele amor, e manifestou-lhe sua desgraça e sua dor.

Depois de chorarem miseramente certo tempo sobre o rosto morto de Gabriotto, a jovem disse à criada:

– Já que Deus o levou de mim, não pretendo continuar viva; mas, antes de me matar, gostaria de achar uma maneira discreta de salvar minha honra e o amor secreto que houve entre nós, e de dar sepultura a esse corpo do qual partiu a alma graciosa.

A criada disse:

– Filha, não diga que quer se matar, porque se você o perdeu aqui, caso se mate, também vai perdê-lo no outro mundo, porque você iria para o inferno, aonde tenho certeza de que a alma dele não foi, pois era bom moço; muito

melhor é se consolar e pensar em ajudar a alma dele com orações e outras boas obras, se é que ela precisa disso por algum pecado cometido. De sepultar há um jeito rápido aqui no jardim, e disso ninguém nunca vai saber, porque ninguém sabe que ele vinha aqui; e, se não quiser fazer isso, podemos levá-lo ali para fora do jardim e deixá-lo lá; amanhã cedo vai ser encontrado e levado para casa, e a família dele o enterra.

A jovem, embora estivesse cheia de amargor e não parasse de chorar, ouvia os conselho da criada; e, não concordando com a primeira parte, respondeu à segunda:

– Deus não há de permitir que eu suporte ver um jovem tão querido, tão amado por mim, meu marido, enterrado como um cão ou deixado no chão da rua. Ele recebeu minhas lágrimas e, no que depender de mim, vai receber a dos parentes; e já tenho uma ideia do que devemos fazer.

E imediatamente mandou-a ir pegar um corte de seda que estava guardado num cofre; quando a criada voltou, ela estendeu o tecido no chão e em cima dele puseram o corpo de Gabriotto; depois, ela pousou a cabeça dele num travesseiro, fechou-lhe os olhos e a boca e, em meio a muitas lágrimas, fez-lhe uma guirlanda de rosas e, rodeando-o com as rosas todas que haviam colhido, disse à criada:

– Daqui à porta da casa dele é perto; assim como está arrumado, nós duas podemos carregá-lo e deixá-lo lá. Não falta muito para amanhecer, e ele vai ser recolhido; e, mesmo que isso não sirva de consolo para a família dele, para mim será uma alegria, tendo morrido em meus braços.

Dito isso, inclinou-se de novo e derramou abundantes lágrimas sobre o rosto dele, chorando durante muito tempo. Depois, como a criada insistisse que o dia estava raiando, ela se levantou, tirou do dedo o mesmo anel com que selara seu casamento com Gabriotto e o pôs no dedo dele, dizendo a chorar:

– Meu querido senhor, se sua alma estiver vendo minhas lágrimas, não restando no corpo nenhum conhecimento ou sentimento depois que ela se vai, receba benignamente a última dádiva desta que você tanto amou.

E, dito isso, caiu desmaiada sobre ele. Depois de certo tempo, recobrou os sentidos, levantou-se e, pegando com a criada o pano sobre o qual jazia o corpo, saíram do jardim e dirigiram-se para a casa dele. Assim iam quando, por acaso, a guarda do podestade, que por lá passava àquela hora por algum motivo, encontrou-as e prendeu-as com o cadáver.

Andreuola, mais desejando morrer que viver, reconhecendo os guardas do podestade, disse resolutamente:

– Sei quem são e sei que querer fugir de nada adiantaria; estou pronta a ir com os senhores perante a Senhoria e dizer do que se trata; mas que nenhum dos senhores ouse me tocar, pois estou acatando suas ordens, nem ouse tirar nada desse corpo, se não quiserem ser acusados por mim.

Assim, sem que ninguém a tocasse, foi para o palácio com o corpo de Gabriotto.

Ouvindo tais coisas, o podestade levantou-se e, mandando-a para o quarto, foi informar-se sobre o caso; e, pedindo a alguns médicos que verificassem se o bom homem fora assassinado com veneno ou de outro modo, todos afirmaram que não, e sim que algum abscesso se rompera perto do coração, e aquilo o asfixiara. Ouvindo isso e percebendo que ela era culpada de coisa pouca, empenhou-se em dar-lhe a impressão de que lhe daria o que não podia vender e disse que, se cedesse aos seus desejos, seria posta em liberdade. Mas, como de nada adiantaram as palavras, quis usar a força, passando por cima de todas as conveniências. Mas Andreuola, inflamada pela indignação, tornou-se muito forte e defendeu-se virilmente, rechaçando-o com palavras ofensivas e altivas.

Quando o dia clareou, *messer* Negro ficou sabendo de tais coisas e, mortalmente desgostoso, foi com muitos amigos ao palácio; lá, depois de ser informado de tudo pelo podestade, pediu, pesaroso, que a filha lhe fosse devolvida.

O podestade, querendo acusar-se da violência que usara contra ela antes de ser por ela acusado, louvando primeiro a jovem e sua constância, para prová-lo acabou dizendo o que fizera, e que, por isso, vendo nela tanta firmeza, começou a ter-lhe grande amor. Assim, se fosse do agrado dele, que era seu pai, e dela (apesar de ter tido marido de baixa condição), ele a tomaria por esposa.

Enquanto eles assim falavam, Andreuola apareceu diante do pai e, chorando, ajoelhou-se dizendo:

– Meu pai, acho que não preciso lhe contar a história da minha ousadia e da minha desgraça, pois estou certa de que já a conhece por lhe terem contado; por isso, do fundo do coração peço-lhe humildemente perdão pelo meu erro, ou seja, por ter me casado sem o seu conhecimento com quem bem entendi. Não lhe peço perdão para ter a vida poupada, mas para morrer como sua filha, e não como sua inimiga

E assim chorando caiu-lhe aos pés.

Messer Negro, que então era idoso e dotado de natureza benigna e amorosa, ao ouvir essas palavras começou a chorar e, chorando, ergueu a filha carinhosamente, dizendo:

– Filha, eu gostaria muito que você tivesse se casado com alguém que, na minha opinião, lhe conviesse; e, se você se casou com esse porque gostava dele, eu também iria gostar; mas tê-lo ocultado me faz lamentar muito a sua pouca confiança, mais ainda ao ver que você o perdeu antes de eu ficar sabendo. Mas, visto que assim é, o que eu teria feito para contentá-la enquanto ele estivesse vivo, ou seja, honrá-lo como genro, que seja feito depois da sua morte

E, dirigindo-se aos filhos e aos seus parentes, ordenou que preparassem um sepultamento grandioso e honroso para Gabriotto.

Nesse ínterim chegaram os parentes e as parentes do jovem, que tinham recebido a notícia, e quase todas as mulheres e todos os homens que havia na cidade. O corpo, posto no meio do pátio sobre o pano de Andreuola e com todas as suas rosas, ali foi pranteado não só por ela e pelas parentes dele, mas publicamente por quase todas as mulheres da cidade e por muitos homens; e, tirado do pátio público e carregado sobre os ombros dos mais nobres cidadãos, foi levado à sepultura com muitas honras, não como plebeu, mas como senhor. Depois de alguns dias, visto que o podestade insistia no pedido que fizera, *messer* Negro falou com a filha, que não quis ouvir nada daquilo; mas, com o consentimento do pai, ela e a criada tornaram-se freiras num convento famoso pela santidade e a partir de então ali viveram honradamente durante muito tempo.

SÉTIMA NOVELA

Simona ama Pasquino; estão juntos num pomar; Pasquino esfrega os dentes com uma folha de sálvia e morre; Simona é presa e, querendo mostrar ao juiz como Pasquino morreu, esfrega uma daquelas folhas nos dentes e também morre.

Pânfilo se desincumbira de sua história quando o rei, não mostrando compaixão nenhuma por Andreuola, olhou para Emília e deu-lhe a entender que gostaria que ela contasse sua história para continuar o que os outros tinham contado. Ela, sem nenhuma demora, começou.

– Caras companheiras, a história contada por Pânfilo me inspira a contar uma em nada semelhante à sua, a não ser pelo fato de que aquela de quem falarei, tal como Andreuola, perdeu o amante num jardim; e foi presa, tal como Andreuola, livrando-se do tribunal não com força e virtude, mas com morte inopinada. E, tal como de outra vez já se disse entre nós, o Amor, embora goste de morar nas casas dos nobres, nem por isso se nega a imperar em casa dos pobres, aliás, nestas às vezes mostra suas forças de tal modo que se faz temer como poderoso senhor pelos mais ricos. É o que em grande parte, ainda que não de todo, se verá em minha história, com a qual me apraz retornar à nossa cidade, da qual tanto nos afastamos neste dia, voltando-nos para diferentes lugares do mundo, a falar diversas coisas de diversos modos.

Há não muito tempo, portanto, houve em Florença uma jovem bem bonita e graciosa, de acordo com sua condição, que era filha de pai pobre e se chamava Simona. Esta, embora precisasse obter com os próprios braços o pão que quisesse comer e ganhasse a vida fiando lã, não era tão pobre de espírito que não ousasse receber em sua mente o amor, que fazia um bom tempo dava mostras de querer nela entrar com os atos e as gentis palavras de um jovenzinho de posição não muito superior à dela, que distribuía a lã de seu patrão para ser fiada. Acolhendo em si, portanto, o amor com o agradável aspecto do jovem que a amava e se chamava Pasquino, tendo muitos desejos e não tentando ir além, ela fiava, e a cada pedaço de lã fiada que enrolava no fuso soltava mil suspiros mais abrasadores que o fogo, por se lembrar daquele que lhe trouxera a lã para fiar. Ele, por outro lado, muito empenhado em que se fiasse bem a lã de seu patrão, como se só a lã que Simona fiava, e a de ninguém mais, houvesse de completar o pano inteiro, solicitava-a com muito mais frequência que às outras. Assim,

solicitando este e gostando aquela de ser solicitada, foi este ficando mais ousado do que costumava, enquanto aquela foi se livrando de grande parte do medo e da vergonha que de hábito tinha, de modo que eles se conjungiram nos prazeres mútuos. Prazeres que agradaram tanto a ambas as partes que não só nenhuma delas esperava ser convidada a tanto pela outra como, ao contrário, uma ia ao encontro da outra na tarefa de convidar.

E assim prosseguia esse prazer dia após dia, abrasando-se cada vez mais nesse prosseguir, quando Pasquino disse a Simona que queria de qualquer modo que ela encontrasse um jeito de ir a um jardim ao qual ele queria levá-la para ficarem juntos mais à vontade e com menos receios. Simona disse que gostaria; e certo domingo depois de comer, levando o pai a crer que queria ir às indulgências de San Gallo, foi com uma amiga chamada Lagina ao jardim indicado por Pasquino, onde o encontrou ao lado de um amigo cujo nome era Puccino, mas que atendia pelo apelido de Cambaio.100 Ali, tendo início um namoro entre Cambaio e Lagina, Simona e Pasquino se retiraram para dar largas aos seus prazeres numa parte do jardim, deixando Cambaio e Lagina em outra.

Naqueles lados do jardim para onde Pasquino e Simona tinham ido havia uma altíssima e bela moita de sálvia; sentados ao pé dela, entretinham-se já havia bastante tempo, conversado muito sobre uma merenda que pretendiam fazer naquele horto sossegadamente, quando Pasquino, voltando-se para a moita de sálvia, colheu uma folha e com ela começou a esfregar os dentes e as gengivas, dizendo que a sálvia os limpava muito bem, tirando tudo o que tivesse ficado de comida. E, depois de esfregá-los assim um pouco, voltou ao assunto da merenda sobre o qual antes falava. Mas não continuou falando muito tempo, pois seu rosto começou a mudar, logo depois da mudança ele perdeu a visão e a fala e em breve morreu. Simona, vendo tais coisas, começou a chorar e a gritar, chamando Cambaio e Lagina. Estes chegaram correndo e, vendo Pasquino não só morto como também já todo inchado e cheio de manchas escuras no rosto e no corpo, Cambaio subitamente gritou:

– Ai, mulher malvada, você o envenenou.

E, fazendo um grande estardalhaço, foi ouvido por muitos que moravam por perto do jardim. Estes acudiram à barulheira e, encontrando Pasquino morto e inchado, ouvindo Cambaio queixar-se e acusar Simona de tê-lo envenenado traiçoeiramente e vendo que ela não sabia defender-se – pois com a dor do súbito incidente que levara seu amante estava quase fora de si –, acreditaram todos que de fato ocorrera o que Cambaio dizia.

Por isso, ela foi presa e, sempre chorando muito, levada ao palácio do

podestade. Ali, por exigência de Cambaio, Parrudo e Briguento101, amigos de Pasquino que tinham ido lá, um juiz, sem mais delongas, começou a interrogá-la sobre o fato; e, não conseguindo compreender de que modo ela poderia ter agido com maldade ou ser culpada, quis, com a presença dela, ver o morto, o lugar e o modo como acontecera o fato relatado, porque, pelo que ela dizia, ele não entendia muito bem. Portanto, mandando que a levassem sem tumulto ao lugar onde o corpo de Pasquino ainda jazia inchado como um barril, foi ele atrás e muito se admirou com o morto, perguntando a ela como aquilo acontecera. Ela, aproximando-se da moita de sálvia e contando toda a história ocorrida, para levá-lo a entender muito bem o caso, fez exatamente o que Pasquino fizera, esfregando uma daquelas folhas de sálvia nos dentes. E, enquanto Cambaio, Parrudo e os outros amigos e companheiros de Pasquino zombavam dessas coisas em presença do juiz, dizendo que eram frívolas e inúteis, acusando com mais insistência a maldade dela, pedindo-lhe nada menos que a fogueira para punir tamanha malvadeza, a pobrezinha, confusa pela dor de perder o amante e pelo medo da pena solicitada por Cambaio, ao esfregar os dentes com sálvia caiu acometida pelo mesmo mal que antes acometera Pasquino, para grande espanto de todos os presentes.

Ó, felizes almas, às quais num mesmo dia sucederam o amor ardente e o fim da vida mortal! E mais felizes se juntas tiverdes ido a um mesmo lugar! E felicíssimas se na outra vida se ama e vos amais como aqui fazíeis! Porém, acima de tudo, muito mais feliz é a alma de Simona, segundo juízo dos que vivos permanecemos enquanto ela se foi, pois não permitiu a Fortuna que sua inocência tombasse sob o testemunho de Cambaio, Parrudo e Briguento (cardadores talvez ou gente mais reles), encontrando, com morte igual à do amante, caminho mais honroso para desvencilhar-se da infâmia e para seguir a alma tão amada do seu Pasquino.

O juiz, como que estupefato com o acometimento, assim como todos os presentes, não sabendo o que dizer, ficou calado um bom tempo; depois, recobrando-se, disse:

– Isso demonstra que essa sálvia é venenosa, o que não costuma acontecer com a sálvia. Mas, para que ela não venha a prejudicar outra pessoa do mesmo modo, deve ser cortada pela raiz e posta no fogo.

E isso foi feito pelo guarda do jardim em presença do juiz, mas, nem bem havia ele derrubado a moita, surgiu a razão da morte dos dois míseros amantes. Havia debaixo daquela moita de sálvia um sapo de tamanho extraordinário, cujo bafo peçonhento, segundo perceberam, tornara aquela sálvia venenosa. Como

ninguém ousasse se aproximar do sapo, foi feita ao seu redor uma grande pilha de lenha, e lá arderam juntos ele e a sálvia, dando-se por encerrado o processo do senhor juiz sobre a morte do pobre Pasquino.

E Pasquino, junto com sua Simona, inchados como estavam, foram sepultados por Cambaio, Parrudo, Guccio Sujo[102] e Briguento na igreja de São Paulo, da qual eram por acaso paroquianos.

OITAVA NOVELA

Girolamo ama Salvestra; a pedido da mãe, é obrigado a ir para Paris; volta e a encontra casada; entra às escondidas em sua casa e morre ao lado dela; é levado para uma igreja, e Salvestra morre ao seu lado.

A história de Emília terminara, quando, por ordem do rei, Neifile assim começou:

– Valorosas senhoras, segundo me parece, há pessoas que acreditam saber mais que as outras e sabem menos; por isso, têm a presunção de opor seus juízos não só à opinião dos homens, mas também à própria natureza das coisas; presunção da qual já advieram enormes males, não se vendo nunca nenhum bem. E como, entre as coisas naturais, a que menos aceita opiniões ou ações contrárias é o amor, cuja natureza é tal que é mais fácil consumir-se por si mesmo do que ser extirpado pelo discernimento, ocorreu-me narrar a história de uma mulher que, procurando ser mais sabida do que lhe competia, do que era e do que comportava aquilo em que se empenhava em impor seus juízos, acreditou que podia extirpar o amor de um coração enamorado (no qual as estrelas talvez o tivessem posto), mas conseguiu expulsar ao mesmo tempo o amor e a alma do corpo do filho.

Houve, pois, em nossa cidade – segundo contam os mais velhos – um grande e rico mercador cujo nome era Leonardo Sighieri, que de sua mulher teve um filho chamado Girolamo e, depois do nascimento deste, foi-se desta vida, deixando todos os seus negócios em ordem. Os tutores do menino, em conjunto com a mãe, administraram suas coisas com proveito e lealdade. O menino, crescendo com as crianças dos vizinhos, criou com uma menina de sua idade, filha de um alfaiate, mais amizade do que com qualquer outro menino do lugar. E, conforme ficavam mais velhos, a convivência converteu-se num amor tamanho e tão ardente que Girolamo só se sentia bem quando a via; e é certo que ela não o amava menos do que era por ele amada.

A mãe do menino, percebendo, reprovou-o muitas vezes e o castigou. Depois, como Girolamo não desistisse, ela se queixou aos tutores dele; e, sendo alguém que, em virtude da grande riqueza do filho, achava que conseguia transformar espinheiro em laranjeira[103], disse:

– Esse menino, que ainda nem completou quatorze anos, está tão apaixonado por uma filha de alfaiate nosso vizinho, chamada Salvestra, que, se nós não a

tirarmos do caminho dele, qualquer dia ele vai acabar tomando-a por mulher, sem o conhecimento de ninguém, e eu nunca vou ficar contente com isso, ou então ele vai se consumir por ela se a vir casada com outro. Então, para evitar isso, acho que os senhores deveriam mandá-lo para algum lugar distante daqui a serviço da empresa; assim, ficando muito tempo sem a ver, vai tirá-la da cabeça, e depois nós poderemos lhe dar alguma jovem bem-nascida por mulher.

Os tutores disseram que a mulher tinha razão e que fariam o possível; e, mandando chamar o menino à empresa, um deles começou a dizer afetuosamente:

– Meu filho, você já está grandinho; seria bom que começasse a cuidar pessoalmente dos seus negócios; nós ficaríamos muito contentes se você fosse passar algum tempo em Paris, onde vai ver como se comercia grande parte de sua riqueza, sem contar que lá você vai melhorar muito, ficar mais cortês e mais refinado do que aqui, vendo aqueles senhores, aqueles barões, aqueles fidalgos, que tantos há por lá, e aprendendo os costumes deles; depois pode voltar.

O rapaz ouviu com atenção e respondeu logo que não queria fazer nada daquilo, pois achava que podia muito bem ficar em Florença como qualquer outro. Os bravos homens, ouvindo isso, experimentaram dizer mais algumas palavras, mas, não conseguindo arrancar outra resposta, contaram tudo à mãe. Esta ficou muitíssimo furiosa, não por ele não querer ir a Paris, mas por estar apaixonado, e xingou-o muito; depois, acalmando-o com palavras doces, começou a adulá-lo e a pedir carinhosamente que concordasse em fazer o que seus tutores queriam; e tanto falou que ele consentiu em ir e ficar um ano, não mais; e assim foi feito.

Girolamo, portanto, foi para Paris loucamente apaixonado e, naquilo de volta hoje, volta amanhã, acabou ficando lá dois anos. Voltou mais apaixonado que nunca e encontrou a sua Salvestra casada com um bom moço que fazia tendas, o que o deixou imensamente pesaroso. Apesar disso, vendo que nada podia ser de outro modo, tentou resignar-se; e, espiando quando ela estivesse em casa, conforme costumam fazer os jovens apaixonados, começou a passar diante da casa, achando que ela não o teria esquecido, tal como ele não a esquecera. Mas as coisas tinham tomado outro rumo; ela se lembrava dele tanto quanto se nunca não o tivesse visto, e, mesmo que se lembrasse de alguma coisa, dava a impressão de que não. Isso o jovem percebeu em bem pouco tempo, não sem imensa dor. Ainda assim, fazia tudo o que podia para voltar a interessá-la; mas, como nada parecia funcionar, ele decidiu falar-lhe pessoalmente, mesmo que por isso tivesse de morrer.

E, perguntando a algum vizinho como era a casa dela, certa noite em que ela e o marido foram fazer vigília com os vizinhos ele entrou sorrateiramente e escondeu-se no quarto dela, atrás de panos de tendas que estavam estendidos, e ficou à espera, até que os dois voltaram e foram deitar-se; quando percebeu que o marido dela estava adormecido, foi até onde vira que Salvestra estava deitada e, pondo-lhe a mão sobre o peito, disse baixinho:

– Ó, alma minha, está dormindo?

A jovem, que não dormia, quis gritar, mas ele disse imediatamente:

– Por Deus, não grite, eu sou o seu Girolamo.

Ao ouvir isso, ela disse trêmula:

– Ai, por Deus, Girolamo, vá embora; já passou o tempo da infância quando não ficava mal a gente ser namorado; agora, como está vendo, sou casada; por isso, não me fica bem dar atenção a outro homem que não seja meu marido; então lhe peço em nome de Deus que vá embora; se meu marido ouvisse, mesmo que não lhe acontecesse nenhum mal, eu nunca mais conseguiria viver em paz e sossego com ele, ao passo que agora ele me ama e vivo bem e tranquila com ele.

O jovem, ouvindo essas palavras, sentiu uma dor pungente; e, lembrando-lhe os tempos passados e seu amor que a distância nunca diminuíra, misturando a isso muitas súplicas e grandes promessas, nada obteve. Então, desejando morrer, por fim lhe pediu que, em nome de tanto amor, ela permitisse que ele se deitasse a seu lado, até que conseguisse se aquecer, pois se enregelara na espera, prometendo-lhe que não diria nada nem a tocaria, e que, assim que se aquecesse um pouco, iria embora. Salvestra, que tinha um pouco de compaixão por ele, concordou, desde que observadas tais condições. Então, deitando-se ao lado dela sem a tocar e reunindo num só pensamento o prolongado amor que tinha por ela e o seu atual rigor, perdidas as esperanças, decidiu que não mais viveria; e, sufocando em si os espíritos[104], sem dizer palavra, cerrou os punhos e morreu ao lado dela.

Depois de algum tempo, a jovem, admirando-se com aquele comportamento, temendo que o marido acordasse, começou a dizer:

– Ei, Girolamo, por que não vai embora?

Mas, não ouvindo resposta, achou que ele adormecera; então, estendendo a mão, começou a apalpá-lo para acordá-lo e, ao tocá-lo, percebeu que estava frio como gelo, o que lhe causou grande espanto; tocando-o com mais força e sentindo que ele não se movia, depois de tocá-lo várias vezes percebeu que estava morto; muito entristecida com isso, ficou um bom tempo sem saber o que fazer. No fim, teve a ideia de perguntar ao marido o que deveria ser feito, mas

como se o caso fosse com outra pessoa; e, acordando-o, disse ter ocorrido com alguém aquilo que ocorrera a si mesma e perguntou que decisão ele tomaria, caso lhe ocorresse aquilo. O bom homem respondeu que, em sua opinião, o morto deveria ser silenciosamente levado de volta à sua casa e lá deixado, sem nenhum ressentimento contra a mulher, que não lhe parecia ter errado.

Então a jovem disse:

– É o que vamos precisar fazer.

E, tomando-lhe a mão, ela o fez tocar o jovem morto. Atônito, o marido levantou-se e, acendendo uma luz, sem entrar em discussões com a mulher, pegou o morto como estava, com suas próprias roupas, e sem demora, ajudado por sua inocência, colocou-o nas costas e levou-o até a porta de sua casa, onde o depositou e ali o deixou.

Quando surgiu o dia e ele foi encontrado morto diante da porta, houve um grande alvoroço, especialmente por parte da mãe; e, sendo ele observado e examinado em todas as partes e nada se encontrando, nem ferida nem pancada alguma, acreditaram os médicos todos que ele morrera de dor, o que era fato. O corpo foi então levado a uma igreja, para onde foram a mãe dolorosa e muitas outras mulheres parentes e vizinhas, que sobre ele começaram a chorar e a lamentar-se profusamente, segundo é nosso uso.

E, enquanto transcorria um grande carpimento, o bom homem, em cuja casa ele morrera, disse a Salvestra:

– Ponha algum manto na cabeça, vá até a igreja aonde Girolamo foi levado e misture-se às mulheres, para ouvir o que se fala do fato, e eu vou fazer o mesmo entre os homens105, para sabermos se dizem alguma coisa contra nós.

A jovem, que tarde se tornara compadecida, concordou, pois desejava ver morto aquele a quem não quisera conceder um único beijo em vida; e foi.

É espantoso pensar como é difícil investigar as forças do Amor! Aquele coração, que a felicidade de Girolamo não pudera abrir, foi aberto por sua desgraça e, quando ela viu o rosto do morto, as antigas chamas ressuscitadas transmudaram-se em tão grande piedade que ela, envolta no manto e abrindo passagem entre as mulheres, não parou enquanto não chegou até o corpo; ali, soltando um grito lancinante, deitou o rosto sobre ele, mas não o banhou com muitas lágrimas, porque, tão logo o tocou, a dor, assim como ceifara a vida dele, também a dela ceifou. As mulheres, que ainda não a tinham reconhecido, depois de a reconfortarem e de lhe dizerem que se levantasse um pouco, vendo que ela não se levantava, quiseram erguê-la e encontraram-na imóvel; então, ao erguê-la, descobriram ao mesmo tempo que era Salvestra e que estava morta. E com isso

todas as mulheres que ali estavam, tomadas por dupla piedade, recomeçaram um choro bem maior.

A notícia espalhou-se até fora da igreja, entre os homens, e, chegando aos ouvidos do marido, que estava entre eles, o fez chorar durante muito tempo, sem atender a consolo ou conforto de quem quer que fosse. Depois, como ele contasse a vários deles o que ocorrera naquela noite com aquele jovem e sua mulher, a todos ficou clara a razão da morte de cada um deles, o que lhes causou muito pesar. O corpo da jovem, ornado e arrumado como se faz com os mortos, foi posto no mesmo leito, ao lado do jovem, e demoradamente pranteada; depois, ambos foram enterrados numa mesma sepultura; e eles, que o Amor não pudera unir em vida, foram inseparavelmente unidos pela morte.

NONA NOVELA

Guilherme Roussillon dá à mulher, para comer, o coração de Guilherme Cabestaing, que ela amava e fora morto por ele; ao saber disso, ela se atira de uma janela alta, morre e é sepultada com o amante.

Terminada a história de Neifile (não sem grande compaixão de todas as suas companheiras), o rei, que não pretendia abolir o privilégio de Dioneu, começou a narrar, visto não faltar mais ninguém.

– Acudiu-me à mente, compassivas senhoras, uma história pela qual não deverão sentir menos compaixão do que pela anterior – visto que se compadecem tanto dos infelizes casos de amor –, pois mais elevados foram aqueles aos quais ocorreu aquilo que vou narrar e mais atrozes foram esses acontecimentos do que aqueles dos quais se falou.

Devem saber que, conforme contam os provençais, havia em Provença outrora dois nobres cavaleiros, cada um dos quais com castelos e vassalos sob seu domínio; um se chamava Guilherme Roussillon, e o outro, Guilherme Cabestaing[106]. Como ambos eram muito bravos nas armas, sentiam grande estima um pelo outro e costumavam ir sempre juntos a todos os torneios, justas ou outros feitos de armas, usando as mesmas divisas. E, embora cada um morasse em seu próprio castelo, distando um do outro bem dez milhas, Guilherme Cabestaing apaixonou-se pela esposa de Guilherme Roussillon, que era mulher belíssima e graciosa, não obstante a amizade e a convivência que havia entre eles; e tanto fez, ora com um ato, ora com outro, que a mulher percebeu, e, sabendo ser ele um valoroso cavaleiro, gostou disso e começou a sentir amor por ele, a tal ponto que nada desejava nem amava mais e não esperava senão ser solicitada por ele. Não demorou muito para que isso ocorresse, e juntos ficaram eles uma vez e outra, amando-se muito.

Ocorre que, como os dois agissem de maneira pouco discreta, o marido percebeu e ficou muito indignado, e assim a grande estima que sentia por Cabestaing acabou por transformar-se em ódio mortal; mas ele soube esconder seu ódio melhor do que os dois amantes o seu amor e decidiu firmemente que o mataria. Estava Roussillon nesse estado de espírito quando se apregoou na França que haveria um grande torneio, o que Roussillon comunicou de imediato a Cabestaing, mandando-lhe dizer que, se quisesse, poderia vir ter com ele para juntos decidirem se iriam e como. Cabestaing, muito alegre, respondeu que sem

falta iria cear com ele no dia seguinte.

Roussillon, ao saber disso, achou que chegara a hora de matá-lo; e, armado, montou a cavalo no dia seguinte com alguns servidores e, a cerca de uma milha do castelo, parou num bosque e se pôs de tocaia no lugar por onde Cabestaing devia passar. Depois de o esperar um bom tempo, viu-o chegar desarmado com dois servidores atrás, também desarmados, pois não tinham suspeita alguma; e, quando o viu chegar ao lugar que queria, Roussillon arremeteu contra ele furioso e hostil, com uma lança em riste, gritando:

– Traidor, considere-se morto.

E um ato só foi dizer isso e enfiar-lhe a lança no peito.

Cabestaing, sem poder opor defesa ou sequer dizer uma palavra, transpassado pela lança caiu e pouco depois morreu. Seus servidores, sem terem reconhecido quem fizera aquilo, deram meia-volta aos cavalos e fugiram o mais depressa que puderam em direção ao castelo do seu senhor. Roussillon, apeando, com uma faca abriu o peito de Cabestaing e com as próprias mãos arrancou-lhe o coração; e, ordenando que ele fosse embrulhado num pequeno pendão de lança, mandou um dos seus servidores levá-lo; depois, impondo a cada um deles que ninguém tivesse a ousadia de dizer uma palavra sobre aquilo, voltou a montar e já era noite quando retornou ao seu castelo.

A mulher, que ouvira dizer que Cabestaing viria à noite para a ceia e o esperava com imenso desejo, não o vendo chegar ficou muito admirada e disse ao marido:

– O que aconteceu que Cabestaing não veio?

O marido respondeu:

– Senhora, recebi a notícia de que ele só vai poder estar aqui amanhã.

E com isso a mulher ficou um tanto agastada.

Roussillon, depois que apeou, mandou chamar o cozinheiro e disse:

– Pegue aquele coração de javali e prepare a melhor e mais deliciosa iguaria que souber; e, quando eu estiver à mesa, mande-o numa tigela de prata.

O cozinheiro pegou-o e, valendo-se de toda a arte e solicitude, picou-o, usou excelentes especiarias e fez um ótimo manjar.

Guilherme, chegando a hora, sentou-se à mesa com a mulher. A refeição veio, mas ele, com o pensamento sobrecarregado pelo delito cometido, pouco comeu. O cozinheiro enviou-lhes a iguaria, e ele, elogiando-a muito, ordenou que fosse posta diante da mulher, dando mostras de naquela noite estar enfastiado. A mulher, que não estava enfastiada, começou a comer e achou bom; por isso, comeu tudo.

Quando viu que a mulher tinha comido tudo, o cavaleiro disse:

– Senhora, o que achou desse prato?

A mulher respondeu:

– Senhor, confesso que gostei muito.

– Deus seja louvado – disse o cavaleiro –, acredito, e não me admira que, depois de morto, tenha lhe agradado tanto aquilo que lhe agradou mais que qualquer outra coisa enquanto estava vivo.

A mulher, ouvindo isso, ficou certo tempo calada, depois disse:

– Como? O que é isso que me fez comer?

O cavaleiro respondeu:

– O que a senhora comeu de verdade foi o coração de Guilherme Cabestaing, que, como mulher desleal, tanto amou; e pode estar certa de que era ele, pois fui eu que, com estas mãos, o arranquei do peito pouco antes de voltar.

Nem é preciso perguntar a dor que a mulher sentiu ao ouvir isso sobre aquele que ela amava mais que tudo no mundo; depois de certo tempo, disse:

– O senhor fez aquilo que só cabe a um cavaleiro desleal e malvado; pois se eu, sem ser forçada por ele, fiz dele o senhor do meu amor, fui eu que cometi o ultraje, e punida deveria ser eu, não ele. Mas não queira Deus que depois de tão nobre iguaria, como o coração de tão valoroso e cortês cavaleiro, Guilherme Cabestaing, jamais haja outra iguaria.

E, pondo-se de pé, sem mais pensar, deixou-se cair por uma janela que estava atrás dela.

A janela era muito alta em relação ao chão, por isso a mulher, ao cair, não só morreu como também se despedaçou quase por inteiro. Guilherme, ao ver aquilo, ficou muito aturdido e achou que fizera mal; e, temendo os habitantes da terra e o conde de Provença, mandou arrear os cavalos e fugiu.

Na manhã seguinte ficou-se sabendo em toda a região como aquilo acontecera; e, assim, os moradores do castelo de Guilherme Cabestaing e os do castelo da mulher, com grande pesar e muitas lágrimas, recolheram os dois corpos e os puseram na igreja do castelo da mulher numa mesma sepultura; sobre esta, foram escritos versos que indicavam quem eram os que ali estavam sepultados, bem como o modo e a razão da sua morte.

DÉCIMA NOVELA

A mulher de um médico, achando que seu amante está morto, mete-o narcotizado numa arca, que dois usurários levam para casa, com ele dentro e tudo. O amante volta a si, é preso como ladrão; a criada da mulher conta ao corregedor que o enfiou na arca roubada pelos usurários, e assim ele escapa da forca, enquanto os usurários são condenados a pagar certa quantia em dinheiro por terem roubado a arca.

Só faltava Dioneu cumprir sua tarefa, depois que o rei terminou sua narração, e ele, sabendo disso e tendo já recebido ordem do rei, começou.

– As desgraças dos amores infelizes até aqui narradas não contristaram olhos e corações só às senhoras, mas a mim também; por isso, estava morrendo de vontade que terminassem. Agora que acabaram – louvado seja Deus! (a não ser que eu quisesse juntar mau retalho a colcha ruim: Deus me livre!) –, sem me prender a assunto tão doloroso, vou começar com uma história um pouco mais alegre e melhor, quem sabe dando um bom rumo àquilo de que se falará na próxima jornada.

Como devem saber, belíssimas jovens, não faz muito tempo havia em Salerno um grande médico cirurgião, cujo nome era mestre Mazzeo della Montagna, que, já próximo da extrema velhice, tomou por mulher uma moça bonita e fidalga de sua cidade, mantendo-a sempre mais abastecida que qualquer outra do lugar de trajes nobres e ricos, bem como de outras joias e de tudo o que pode dar prazer a uma mulher; é verdade que ela passava a maior parte do tempo resfriada, porque na cama o mestre cirurgião não a cobria direito. E, assim como *messer* Ricciardo de Chinzica, de quem falamos[107], ensinava feriados à sua mulher, este dizia à sua que quem se deitasse com mulher uma vez demorava não sei quantos dias para restabelecer-se, e lorotas do gênero; motivo pelo qual ela vivia de péssimo humor.

E, como era sensata e corajosa, para poder poupar o de casa, decidiu sair à rua e esbanjar o alheio; e, depois de olhar vários e vários mancebos, acabou por se engraçar mais por um deles, em quem depositou todas as suas esperanças, todos os seus propósitos, toda a sua ventura. O mancebo, percebendo e gostando muito, também lhe dedicou todo o seu amor. Chamava-se ele Ruggieri d’Aieroli, nobre de nascimento, mas de vida viciosa e estado condenável, a ponto de não restar parente ou amigo que lhe quisesse bem ou que o quisesse ver; e por toda

Salerno era mal-afamado por praticar furtos ou outras más ações, coisa com que a mulher pouco se preocupou, pois gostava dele por outra coisa, e ajeitou tudo com uma criada, de modo que se encontraram. Depois de desfrutarem algum prazer juntos, a mulher começou a repreendê-lo por sua vida passada e a pedir-lhe que se afastasse daquelas coisas, em nome de seu amor; e, para lhe dar meios de fazê-lo, começou a fornecer-lhe uma quantia ou outra de dinheiro.

E, continuavam dessa maneira juntos, discretamente, quando caiu nas mãos do médico um doente que tinha uma perna arruinada; ao ver o problema, o mestre disse aos parentes do doente que, se um osso putrefato que ele tinha na perna não fosse desbastado, seria absolutamente necessário cortar toda a perna ou ele morreria; e que, retirando-lhe o osso, poderia curá-lo, mas só cuidaria do caso se ele fosse dado como morto[108]; os responsáveis pelo doente concordaram e o incumbiram dos seus cuidados. O médico, percebendo que o doente, se não fosse narcotizado, não suportaria o sofrimento nem se deixaria tratar, precisando esperar até o entardecer para executar o serviço, mandou pela manhã destilar com certo preparado seu uma água que lhe daria para beber e que o faria dormir durante o tempo que, segundo imaginava, duraria o tratamento; e, recebendo a beberagem em casa, colocou-a numa janela de seu quarto, sem dizer a ninguém o que era.

Ao cair da tarde, quando o mestre devia ir à casa desse doente, chegou-lhe um mensageiro de alguns grandes amigos seus de Amalfi, dizendo que ele não podia deixar de ir imediatamente para lá, pois ocorrera uma grande briga e havia muitos feridos. O médico, adiando o tratamento da perna para a manhã seguinte, montou num barquinho e foi para Amalfi; a mulher, sabendo que ele não voltaria à noite para casa, como era seu costume, trouxe Ruggieri às escondidas para seu quarto e deixou-o trancado lá dentro, até que algumas outras pessoas da casa fossem dormir.

Estava, pois, Ruggieri no quarto a esperar a mulher quando, ou por canseira do dia, ou por ter comido algo salgado, ou talvez por costume, sentiu uma sede imensa e acabou vendo na janela aquela jarrinha de água que o médico tinha preparado para o doente; achando que era água de beber, levou-a à boca e tomou tudo; não demorou muito para sentir um tremendo sono e adormecer. A mulher, assim que pôde, voltou ao quarto e, encontrando Ruggieri adormecido, começou a cutucá-lo e a dizer em voz baixa que se levantasse; mas não adiantava: ele não respondia nem se mexia. Por isso, a mulher, já meio irritada, deu um empurrão com mais força, dizendo:

– Acorde, dorminhoco, se queria dormir devia ter ido para casa, e não vir

aqui.

Ruggieri, com o empurrão, caiu de uma arca sobre a qual estava, sem dar mais sinal de vida do que se estivesse morto. A mulher, um tanto assustada, começou a tentar levantá-lo, a sacudi-lo com mais força, a lhe apertar o nariz, a lhe puxar a barba; mas tudo era inútil: estava dormindo como pedra. Então ela começou a temer que ele estivesse morto; mesmo assim, dava-lhe fortes beliscões e queimava-o com vela acesa, mas nada acontecia; por isso, não sendo médica, pois médico era o marido, achou que ele estava morto sem nenhuma dúvida. E, amando-o acima de todas as coisas como amava, nem é preciso perguntar se ficou triste; e, não ousando fazer barulho, começou a chorar em silêncio sobre ele e a lamuriar-se de tamanha desventura.

Mas, depois de um tempinho, com medo de somar desonra àquela perda, considerou que era preciso encontrar, sem nenhuma demora, um modo de tirá-lo de casa, morto daquele jeito; e, não sabendo o que fazer para tanto, chamou baixinho a criada e, mostrando-lhe sua desventura, pediu conselho. A criada, espantando-se muito, também deu puxões e beliscões em Ruggieri, mas, vendo que ele não dava sinal de vida, disse o mesmo que a mulher dizia, ou seja, que de fato estava morto, e deu-lhe o conselho de tirá-lo de casa.

A mulher disse:

– E onde é que vamos colocá-lo, para que, amanhã cedo quando for encontrado, ninguém suspeite de que foi tirado daqui de dentro?

A criada respondeu:

– Patroa, hoje de tardezinha eu vi na frente do carpinteiro nosso vizinho uma arca não muito grande, que, se ele não tiver levado para dentro de casa, vem bem a calhar para o que precisamos, pois a gente pode metê-lo lá dentro e lhe dar umas duas ou três facadas, e deixar quieto. Quem encontrar, não sei por que vai achar que ele foi posto aqui, e não em qualquer outro lugar; aliás, como foi um moço de má vida, vão achar que ele estava indo fazer algum malfeito, foi morto por um inimigo e posto na arca.

A mulher gostou do conselho da criada, a não ser pelas facadas, dizendo que não poderia, por coisa nenhuma do mundo, admitir a ideia de fazer aquilo; e mandou-a ver se a arca estava onde antes a vira; e ela voltou dizendo que sim. Então, sendo jovem e exuberante, a criada pôs Ruggieri nas costas com a ajuda da mulher, e, indo esta à frente para ver se aparecia alguém, as duas chegaram até a arca, puseram-no lá dentro, fecharam a arca e lá o deixaram.

Fazia uns poucos dias dois jovens que emprestavam dinheiro a juros tinham ido morar numa daquelas casas; como desejavam ganhar muito e gastar pouco,

precisando de móveis, viram durante o dia aquela arca e combinaram que a levariam para casa, se ela continuasse lá à noite. À meia-noite, saíram de casa, encontraram a arca e, sem olharem duas vezes, logo a levaram para casa, ainda que ela parecesse pesadinha, e a colocaram ao lado de um quarto onde suas mulheres dormiam, sem se preocuparem em acomodá-la muito bem àquela hora; lá a deixaram e foram dormir.

Ruggieri, tendo já dormido um bom tempo, digerido a beberagem e consumido sua virtude soporífera, acordou quando a manhã estava para nascer; e, embora já não sentisse sono e tivesse recobrado plenamente os sentidos, ficou-lhe no cérebro certo torpor que o manteve atabalhoado não só naquela noite, mas também depois por vários dias. Abrindo os olhos e não vendo coisa alguma, estendeu as mãos para cá e para lá e, percebendo-se numa arca, começou a desatinar e a dizer consigo:

– O que é isto? Onde estou? Estou dormindo ou acordado? Mas eu me lembro que de noite fui ao quarto da minha amante e agora parece que estou numa arca. O que significa isso? Será que o médico voltou ou aconteceu outra coisa, e a mulher me escondeu aqui enquanto eu estava dormindo? Acho que é isso, só pode ser isso.

Por esse motivo, resolveu ficar quieto e prestar atenção a algum ruído; e assim permaneceu um bom tempo, mas, sentindo-se um bocado desacomodado na arca, que era pequena, com dor no lado sobre o qual estava deitado, quis virar-se para o outro lado, e o fez com tanto jeito que bateu as costas num dos lados da arca, e esta, que não estava pousada em lugar plano, pendeu, caiu e, caindo, fez um tremendo barulho, com o que as mulheres que dormiam ali ao lado acordaram, ficaram com medo e de medo emudeceram.

Com o tombo da arca, Ruggieri ficou muito receoso, mas, percebendo que ela se abrira ao cair, achou que, se acontecesse algo, seria melhor estar fora que dentro. E, entre não saber onde estava, mais uma coisa e outra, saiu cambaleando pela casa, procurando descobrir escada ou porta por onde pudesse escapar. As mulheres, que estavam acordadas, ouvindo o cambaleio, começaram a dizer:

– Quem está aí?

Ruggieri, não conhecendo a voz, não respondia; então as mulheres começaram a chamar os dois jovens, que estavam ferrados no sono porque tinham ficado acordados até tarde e não ouviam nada daquelas coisas. Por isso elas, sentindo mais medo ainda, levantaram-se, foram até as janelas e começaram a gritar:

– Socorro, ladrão.

Com isso muitos vizinhos correram para entrar na casa por diversos lugares, uns pelo telhado, outros por aqui e por ali, como também os dois jovens foram acordados pelo barulho e levantaram-se.

E Ruggieri, vendo-se ali, quase fora de si de tanto espanto, sem saber por onde devia ou podia fugir, foi preso e entregue aos guardas do magistrado da cidade, que já tinham corrido para lá por causa do barulho. Levado diante do magistrado, como era considerado perigosíssimo por todos, foi prontamente posto na tortura e confessou que entrara em casa dos prestamistas para roubar; e assim o magistrado concluiu que deveria mandá-lo para a forca sem demora.

Já de manhã corria por toda Salerno a notícia de que Ruggieri fora apanhado a roubar em casa dos usurários; a mulher e a criada, ao saberem disso, foram tomadas de um assombro tão grande e extraordinário que pouco faltou para se convencerem de que aquilo que haviam feito na noite anterior elas não haviam feito, e sim sonhado que haviam feito; além disso, o perigo em que Ruggieri se encontrava inspirava na mulher tão imensa dor que ela estava a ponto de enlouquecer.

Não muito depois de meia terça, o médico voltou de Amalfi e pediu que lhe trouxessem sua água, pois queria ir tratar do seu doente; e, vendo a jarrinha vazia, fez um escarcéu, dizendo que naquela casa nada ficava como ele deixava.

A mulher, que já estava espicaçada por outra dor, respondeu irritada:

– O que o senhor faria com alguma coisa importante, se por causa de uma jarrinha de água derramada faz tanto escândalo? Não existe mais água no mundo?

O mestre disse:

– Senhora, está achando que aquilo era água da fonte, mas não era. Era uma água preparada por fazer dormir.

E contou-lhe por que mandara prepará-la.

Quando a mulher ouviu aquilo, percebeu que Ruggieri a bebera e por isso tinham achado que ele estivesse morto. Então disse:

– Mestre, a gente não sabia; vai precisar fazer outra.

O mestre, vendo que não havia outro jeito, mandou fazer outra.

Pouco depois voltou a criada, que a mulher mandara ir descobrir o que fora declarado por Ruggieri, dizendo:

– Patroa, todo o mundo está falando mal de Ruggieri, e não há – pelo que pude ouvir – amigo, parente, ninguém que tenha se mexido para lhe dar ajuda nem que queira se mexer; e estão dando por certo que amanhã o corregedor vai mandá-lo para a forca. Além disso, quero lhe dizer uma coisa incrível, e eu acho

que entendi como ele foi parar em casa dos prestamistas. Escute só: a senhora conhece o carpinteiro aí da frente, o da arca onde a gente enfiou Ruggieri; agora há pouco ele estava na maior discussão do mundo com um sujeito que parece que tinha comprado a arca; o sujeito reclamava o dinheiro da arca, e o carpinteiro respondia que não tinha vendido a arca, que ela tinha sido roubada durante a noite. E o sujeito dizia: “Nada disso, você vendeu aos dois moços prestamistas, e foram eles que me disseram isso esta noite, quando eu vi a arca na casa deles na hora da prisão de Ruggieri”. E o carpinteiro respondeu: “É mentira, porque eu nunca vendi a arca para eles, e foram eles que na noite passada a roubaram; vamos lá falar com eles”. E foram juntos para a casa dos prestamistas, e eu voltei para cá. Como a senhora está vendo, agora eu entendo como Ruggieri foi levado para o lugar onde foi encontrado; mas como foi que ressuscitou, isso eu não entendo.

A mulher, já entendendo muitíssimo bem como aquilo acontecera, contou à criada o que ouvira do médico e suplicou-lhe que ajudasse na salvação de Ruggieri, pois, se quisesse, poderia ao mesmo tempo salvar Ruggieri e preservar a honra dela.

A criada disse:

– Patroa, diga como, e faço tudo com muito gosto.

A mulher, com a pressa de quem precisa tirar o pai da forca, decidiu rapidamente o que fazer e explicou tudo em pormenores à criada. E esta foi primeiramente falar com o médico, a quem disse, chorando:

– Senhor, preciso pedir perdão por uma grande falta que cometi.

Disse o mestre:

– O que foi?

E a criada, não parando de chorar, disse:

– O senhor sabe como é o jovem Ruggieri d’Aieroli; ele ficou gostando de mim e, um pouco por medo e um pouco por amor, faz um tempo precisei ficar amiga dele; quando ele soube que ontem à noite o senhor não ia estar em casa me fez tantos agrados, que eu o trouxe para dormir comigo nesta sua casa, no meu quarto, e, como ele estava com sede e eu não tinha onde ir buscar depressa água ou vinho, não querendo que a sua mulher me visse (ela estava na sala), eu me lembrei de ter visto uma jarrinha de água no seu quarto, então corri até lá, peguei, dei a água para ele e pus a jarrinha de novo onde estava, e acho que foi por isso que o senhor ficou muito bravo. Então, eu confesso que agi muito mal mesmo; mas quem é que não agiu mal alguma vez? Estou muito triste porque fiz isso; de qualquer jeito, por uma coisa e outra que depois aconteceu, Ruggieri

está para perder a vida; por isso lhe suplico que me perdoe e que me dê licença para ir ajudar Ruggieri naquilo que eu puder.

O médico, ouvindo isso, apesar da raiva, respondeu brincando:

– Você mesma já conseguiu o seu perdão, porque, achando que essa noite teria um rapaz para lhe depenar a passarinha, teve foi um dorminhoco; então vá ver se salva o seu amante, e daqui por diante nem pense mais em trazê-lo a esta casa, porque senão vai pagar por esta vez e por aquela.

A criada, achando que se saíra bem daquela primeira prova, foi o mais depressa que pôde à prisão onde Ruggieri estava e tanto adulou o carcereiro que ele a deixou falar com Ruggieri. Depois de instruí-lo sobre o que deveria responder ao corregedor caso quisesse escapar, ela tanto fez que conseguiu ir falar com o corregedor.

Como era viçosa e exuberante, antes de ouvi-la ele quis prender seu gancho pelo menos uma vez naquela filhazinha de Deus, e ela, para ser mais bem ouvida, não se mostrou avessa. Quando se levantou do lufa-lufa, ela disse:

– O senhor tem aqui Ruggieri d'Aieroli preso como ladrão, mas isso não é verdade.

E, começando do início, contou a história até o fim, dizendo de que modo ela, sendo sua amante, o levara para a casa do médico, como lhe dera para beber a água com droga, sem saber, e como o pusera na arca, achando que estava morto; e depois contou a conversa que ouvira entre o carpinteiro e o dono da arca, mostrando como Ruggieri chegara à casa dos prestamistas.

O corregedor, vendo que seria fácil descobrir se aquilo era verdadeiro, primeiro perguntou ao médico se era verdade a história da água e ficou sabendo que sim; em seguida, intimando o carpinteiro, o dono da arca e os prestamistas, depois de muita conversa descobriu que na noite anterior os prestamistas tinham roubado a arca e a tinham levado para casa. Por fim, mandou chamar Ruggieri e perguntou-lhe onde havia dormido na noite anterior, e ele respondeu que onde havia dormido não sabia, só lembrava que tinha ido dormir com a criada de mestre Mazzeo, e que no quarto dela bebera água porque estava com muita sede; mas o que tinha acontecido com ele depois não sabia, só sabia que, ao acordar em casa dos prestamistas, estava numa arca. O corregedor ouvia essas coisas e divertia-se muito; e por isso pediu à criada, a Ruggieri, ao carpinteiro e aos prestamistas que repetissem a história várias vezes.

No fim, reconhecendo que Ruggieri era inocente, condenou os prestamistas que haviam roubado a arca a pagar dez onças[109] e o soltou. Como Ruggieri achou bom isso, nem é preciso perguntar; e a mulher achou bom além da conta.

Depois, com ele e com a estimada criada, que quisera lhe dar umas facadas, riram e festejaram várias vezes. O amor e o divertimento dos dois continuou cada vez melhor, e é o que eu gostaria que me acontecesse, mas não de ser posto numa arca.

Se as primeiras histórias tinham contristado o coração das belas mulheres, esta última de Dioneu, em compensação, as fez rir muito, especialmente quando ele disse que o corregedor quis prender seu gancho, e assim elas puderam se restabelecer da compaixão sentida com as outras.

Mas o rei, vendo que o sol começava a ficar amarelo e que chegara o fim de seu reinado, desculpou-se com palavras gentis por ter feito aquilo às belas senhoras, ou seja, por ter exigido histórias acerca de assunto tão atroz, como a infelicidade dos amantes. Pedidas as desculpas, ficou em pé, tirou os louros da cabeça e, enquanto as mulheres esperavam para ver a quem os daria, ele os colocou gentilmente na cabeça loiríssima de Fiammetta, dizendo:

– Dou-lhe esta coroa por ser você quem melhor saberá amanhã consolar nossas companheiras da áspera jornada de hoje.

Fiammetta, que tinha cabelos crespos, compridos e dourados, a lhe caírem sobre os ombros cândidos e delicados, rosto redondinho com a cor mais legítima dos lírios brancos e das rosas vermelhas esplendidamente mesclados, dois olhos que pareciam de falcão peregrino e uma boquinha pequenina, cujos lábios pareciam dois rubizinhos, respondeu sorrindo:

– Filostrato, eu a recebo com gosto; e, para que você perceba melhor o que fez, a partir de agora desejo e ordeno que cada um se prepare para falar amanhã de algo feliz que tenha acontecido a algum amante, depois de vicissitudes tristes e cruéis.

A proposta agradou a todos. Ela chamou o senescal e, depois de dispor com ele as coisas necessárias, levantou-se e dispensou grupo até a hora da ceia.

E assim saiu uma parte a andar pelo jardim, cuja beleza não era de índole a enfadar depressa, outra parte em direção aos moinhos que havia lá fora, e todos, uns aqui, outros acolá, divertiram-se de acordo com os diferentes gostos até a hora da ceia. Quando esta chegou, todos se reuniram, como costumavam, perto da bela fonte e cearam com muito prazer, sendo muito bem servidos. E, levantando-se, como era costumeiro, passaram a dançar e cantar, e, enquanto Filomena conduzia a dança, a rainha disse:

– Filostrato, não pretendo me afastar do que fizeram meus antecessores; portanto, assim como ocorreu com eles, quero que, acatando-se minha ordem, se cante uma canção; e, como tenho certeza de que suas canções são iguais às suas

histórias, para que não haja mais dias perturbados pelos seus infortúnios, queremos que você cante uma que mais lhe agradar.

Filostrato respondeu que o faria de bom grado; e, sem mais tardar, começou a cantar da seguinte maneira:

A chorar eu demonstro
que sabe o coração quanta é a dor
de ter a fé traída, ó Amor.
Nele puseste, Amor, tão de repente
aquela pela qual vivo chorando
sem conforto jamais,
e a mostraste com dotes tantos, tais,
que reputei qualquer suplício brando
que de ti à minha mente,
que ficou tão dolente,
viesse porventura a dor impor:
eis-me a chorar, do erro sabedor.
E o que me fez saber de tanto engano
foi ver-me abandonado por alguém
de quem tanto esperava,
pois, quando em sua graça acreditava,
pronto a servi-la e a querer-lhe bem,
sem meditar nos danos
do meu futuro insano,
decide ela acolher outro valor
e fora de seu coração me pôr.
Quando fora me vi, quando enxotado,
n’alma brotou-me o pranto doloroso,
que ainda nela mora,
e sempre amaldiçoo o dia, a hora
em que seu rosto vi tão amoroso,
de formosura ornado,
de paixão inflamado.
E minha alma, a morrer, maldiz o ardor
com que tive esperança, fé, fervor.
E quanto a minha dor é sem guarida
tu saberás, senhor a quem eu chamo
com dolorosa voz:

pois digo que ela é tanta e tão atroz,
que por menor martírio a morte clamo.
Que ela venha, e esta vida
tão cruel e dorida,
termine com seu golpe, e o meu furor
mais brando eu sinta, aonde quer que eu for.
Se conforto não há, nem outra via,
somente a morte resta ao meu pesar
Dá-me a morte, portanto,
com ela enxuga, Amor, este meu pranto,
esta mísera vida vem ceifar,
já que tu, num só dia,
tiraste-me a alegria.
Tu a farás feliz então, senhor,
como ao lhe dares novo admirador.
Balada, se ninguém mais te aprender,
pouco importa: ninguém além de mim
poderá bem cantar-te.
Uma incumbência apenas quero dar-te:
falando com Amor, dize-lhe assim
que grande é o desprazer
deste amargo viver,
e que, por seu bom nome, por favor,
queira em porto muito melhor me pôr.

As palavras dessa canção demonstram claramente qual era o estado de espírito de Filostrato, bem como o seu motivo; e talvez as coisas tivessem ficado mais declaradas pela expressão de certa mulher que estava dançando, caso as trevas da noite que caíra não tivessem escondido o rubor de seu rosto. Mas, depois que ele terminou sua canção, muitas outras foram cantadas até que chegasse a hora de dormir; e, quando a rainha assim ordenou, todos se recolheram a seus quartos.

---

82 Ao contrário do que ocorreu até este momento, esta jornada é introduzida por uma defesa da sua obra por Boccaccio. (N.T.)

83 Florentino vulgar deve ser interpretado como a língua usada pelos falantes comuns, em oposição ao latim, língua erudita por excelência. Quanto ao estilo humilde, Boccaccio alude aos três níveis de estilo da

retórica antiga: humilde, médio e sublime, dependendo do assunto contemplado e da linguagem proposta. (N.T.)
84 Guido Cavalcanti (~1255-1300), político e poeta, autor de sonetos, canções e baladas. Dante Alighieri (Florença, 1265-Ravena, 1321), poeta, autor da *Divina Comédia*. Cino da Pistoia ou Guittoncino di Sighibuldi (Pistoia, ~1269-~1337), jurisconsulto e poeta. (N.T.)
85 Paulo, *Filipenses* 4, 12. (N.T.)
86 Aqui há controvérsia quanto à grafia. A edição de Domenico Consoli (*G. Boccaccio, Decameron*. Casa Editrice Bietti, 1966, Milão, 1966) considera *ma di quelli che de' maggior ch'ha Ascesi era tenuto a Vinegia*, com o sentido de ser ele um dos maiores de Assis, ou seja, dos franciscanos, a viver em Veneza. Branca considera *ma di quelli che de' maggior cassesi era tenuto a Vinegia* (*op. cit.*, p. 490, nota 1), explicando que *cassesi* seria palavra proveniente do árabe (*casis*), com o significado de autoridade religiosa. Foi esta última interpretação que adotei. (N.T.)
87 Ca' = contração de "casa". Portanto, segundo o uso veneziano, ela pertencia à casa, à família Quirino. (N.T.)
88 Ou *matapan*, moeda veneziana de prata equivalente a quatro soldos. (N.T.)
89 Também aqui há controvérsias. A expressão usada por Boccaccio, *che piccola levatura avea* pode significar *que não precisava de muito estímulo para dar com a língua nos dentes* ou *que pouca inteligência tinha*. A favor da primeira interpretação está o sentido da palavra *levatura* na terceira novela da sétima jornada. (N.T.)
90 O original diz, literalmente, do mundo e de Maremma. *Maremma* (port. "marema") designa os terrenos pantanosos à beira-mar, especialmente os da zona costeira do Tirreno; é uma fórmula jocosa usada com frequência por Boccaccio. Está presente também na sexta novela da sexta jornada. (N.T.)
91 A caçada era feita com os cães, que deveriam perseguir um javali. (N.T.)
92 "O que é aquilo?", conforme a pronúncia veneziana. (N.T.)
93 Boccaccio sempre italianiza os nomes. Neste caso, no original se lê: Ninetta, Maddalena e Bertella, respectivamente. Quanto a N'Arnald, Boccaccio manteve a forma provençal, em que o N' era uma partícula honorífica, correspondente a *dom*. (N.T.)
94 Respectivamente italianizados no original como: Restagnone, Folco e Ughetto. (N.T.)
95 Porto da ilha de Creta (em grego, Heraklion). (N.T.)
96 Pena de morte por crimes hediondos, que consistia em atar o condenado e atirá-lo ao mar com um peso amarrado ao corpo. (N.T.)
97 A luva (ou, no caso talvez, o guante das armaduras) era símbolo de um compromisso assumido. (N.T.)
98 Usadas em falcoaria quando o falcão pousa na mão do falcoeiro. (N.T.)
99 "Qual foi o mau cristão / que roubou meu vaso..." Ao que consta, Boccaccio teria se inspirado numa canção siciliana para compor essa novela. A canção mais antiga que se conhece, porém, apenas fala no sumiço de um vaso, sem menção a crime. (N.T.)
100 *Stramba* no original. O substantivo indica uma espécie de corda; o adjetivo *strambo* significa "cambaio, torto; esquisito, estrambótico; vesgo". (N.T.)
101 No original, Atticciato = "parrudo". Malagevole = "intratável, insociável". (N.T.)
102 Criado de frei Cebola; ver décima novela, sexta jornada. (N.T.)
103 Trata-se de expressão proverbial da época, que significava transformar uma coisa em algo melhor, contrariando sua natureza. (N.T.)
104 Refere-se aos espíritos vitais e tem por base a crença de que, querendo-se, seria possível sufocá-los e assim morrer. Em outras palavras, por força exercida pela alma, esta poderia romper seus vínculos com o corpo. (N.T.)
105 Na época, homens e mulheres ficavam separados nas igrejas. (N.T.)
106 No original, Guiglielmo Rossiglione e Guiglielmo Guardastagno. Segundo Vittore Branca (*op. cit.*, p. 564, nota 3), as biografias provençais falam de Raimundo (Raymond), e não Guilherme, de Roussillon. Segundo essas mesmas biografias, Guilherme de Cabestaing (Cabestanh, nos Pireneus orientais) seria seu vassalo, e não seu amigo. (N.T.)

107 Décima novela da segunda jornada. (N.T.)
108 Ou seja, os parentes precisariam aceitar a hipótese de morte e não desejar vingar-se do médico, caso a intervenção não fosse bem-sucedida. (N.T.)
109 Antiga moeda de ouro, equivalente a um florim de Florença. (N.T.)

Termina a quarta jornada do *Decameron*.

Começa a quinta jornada, na qual, sob a direção de Fiammetta, se fala de algo feliz que tenha acontecido a algum amante, depois de vicissitudes tristes e cruéis.

QUINTA JORNADA

Estava já o oriente totalmente alvo, e os raios nascentes já haviam clareado todo o nosso hemisfério, quando Fiammetta, estimulada pelos suaves trinados dos pássaros que na primeira hora do dia cantavam felizes nos arbustos, levantou-se e mandou chamar todas as outras e os três rapazes; e, com passo lento, desceu aos campos e ficou a entreter-se com os amigos, falando de uma coisa e de outra pela vasta planura de relva orvalhada, até que o dia estivesse alto. Mas, quando sentiu que os raios solares se abrasavam, dirigiu os passos para a morada e, ali chegando, mandou servir ótimos vinhos e doces para que todos se refizessem daquela amena faina, e em seguida foram todos passear pelo aprazível jardim até a hora de comer. E, chegada essa hora, quando tudo estava já preparado pelo habilidoso senescal, depois de cantarem algumas estampidas e uma ou duas pequenas baladas, todos se puseram a comer alegremente, conforme aprouve à rainha. Depois de fazerem isso com ordem e alegria, não se esquecendo do costume que tinham de dançar, pegaram os instrumentos e, cantando canções, deram-se a algumas danças. Após estas, a rainha os dispensou todos até que terminasse a hora da sesta; e alguns foram dormir, enquanto outros ficaram para entreter-se no belo jardim. Mas todos, um pouco depois da nona hora, conforme quis a rainha, se reuniram perto da fonte segundo o costume. E a rainha, sentada em lugar de destaque, olhou para Pânfilo e sorrindo lhe ordenou que desse inicio às felizes histórias. E ele se dispôs a tanto de bom grado, falando do modo seguinte.

PRIMEIRA NOVELA

Címon, amando, torna-se instruído; rapta sua mulher Ifigênia e a leva para o mar; em Rodes é posto na prisão, de onde Lisímaco o liberta; com este, rapta de novo Ifigênia e Cassandreia em suas núpcias, fugindo ambos com elas para Creta; ali, elas se tornam suas mulheres, e os quatro voltam para casa.

– Acodem-me muitas histórias para contar, deleitosas senhoras, dando início a tão alegre jornada como será esta; delas todas, gosto mais de uma, pois com ela poderão compreender não só o fim feliz com o qual começamos nossas narrações mas também como são santas, poderosas e benéficas as forças do Amor, que muitos, sem saberem o que estão dizendo, condenam e vituperam erroneamente: e, como acredito que estejam todas enamoradas, salvo engano gostarão muito dela.

Havia, pois (como já lemos na história antiga dos cipriotas), na ilha de Chipre um homem muito nobre, cujo nome era Aristipo, o mais rico do lugar em todas as coisas temporais; e poderia ele se achar o mais feliz de todos, caso numa coisa só a fortuna não o tivesse entristecido. É que, entre seus filhos, havia um que em altura e beleza sobrepujava todos os outros jovens, mas era irremediavelmente bronco; seu verdadeiro nome era Galeso, mas, como nunca houvera esforço de mestre, carinho ou surra de pai, nem engenho de ninguém que tivesse sido capaz de lhe enfiar na cabeça as letras ou os bons costumes, e como tinha um vozeirão disforme e modos mais condizentes com os animais que com os homens, por zombaria era chamado por todos de Címon, o que na língua deles soava como na nossa “animalão”. O pai carregava com grande pesar aquela vida perdida e, quando já não lhe acudiam esperanças, para não ter sempre pela frente a razão de sua dor, ordenou-lhe que fosse para o interior e ali ficasse com seus lavradores; Címon gostou muitíssimo disso, pois os usos e costumes dos rústicos lhe eram mais agradáveis que os citadinos.

Címon, portanto, foi para a roça, onde se exercitava nas coisas a tanto pertinentes, até que um dia, já passava do meio-dia, indo ele de uma propriedade a outra com um porrete no ombro, ingressou num bosquezinho lindo que havia por aqueles lados, e que estava todo frondoso por ser mês de maio. Andando por ele, como que guiado pela Fortuna foi dar num pequeno prado circundado de árvores altíssimas, que tinha num dos cantos uma linda e fresca nascente ao lado

da qual ele viu, a dormir sobre a relva verde, uma linda jovem com um vestido tão fino que quase nada escondia da cândida carnação, havendo somente da cintura para baixo uma coberta branca e sutil; aos pés dela, também dormindo, estavam duas mulheres e um homem, empregados daquela jovem.

Ao vê-la, Címon, como se nunca antes tivesse visto forma de mulher, parou apoiado no porrete e, sem dizer coisa alguma, começou a olhar intensamente, com enorme admiração. E no peito rude, onde mil ensinamentos não haviam sido capazes de introduzir nenhuma impressão de prazer citadino, ele sentiu despertar um pensamento que na mente material e grosseira lhe dizia ser ela a coisa mais formosa que algum ser humano tivesse jamais visto. Então começou a observá-la nas suas partes todas, louvando os cabelos, que lhe pareciam de ouro, a fronte, o nariz e a boca, o colo, os braços e principalmente o peito, pouco alteado ainda; e, de lavrador que era, tornando-se subitamente juiz de beleza, sentia grande desejo de ver os olhos, que ela mantinha fechados, por força do pesado sono; e, para vê-los, várias vezes ele teve vontade de acordá-la. Mas, como ela lhe parecia incomensuravelmente mais bela que as outras mulheres que já vira na vida, desconfiava que talvez fosse alguma deusa; e, tendo sentimentos suficientes para julgar que as coisas divinas são mais dignas de reverência que as mundanas, continha-se, esperando que ela acordasse por si mesma; e, ainda que a demora lhe parecesse excessiva, pelo inaudito prazer que sentia não conseguia partir.

E assim se passou longo tempo, até que a jovem, cujo nome era Ifigênia, acordou antes dos outros, levantou a cabeça, abriu os olhos e, vendo à frente Címon apoiado em seu porrete, ficou muito espantada e disse:

– Címon, o que anda procurando a esta hora neste bosque?

Címon, tanto pelo jeito e pela rudeza quanto pela nobreza e riqueza do pai, era conhecido por quase todos na região. Não respondeu às palavras de Ifigênia, pois, quando viu abertos os olhos dela, começou a olhá-los fixamente, com a impressão de que deles saía uma suavidade que o enchia de um prazer nunca antes experimentado.

A jovem, vendo aquilo, começou a temer que aquele olhar tão fixo o induzisse, em sua rusticidade, a algum ato que pudesse desonrá-la; por isso, chamou suas criadas e levantou-se, dizendo:

– Címon, fique com Deus.

Cimon respondeu:

– Vou com você.

E, embora a jovem recusasse a companhia, sempre a temê-lo, ele não

conseguiu afastar-se dela e a acompanhou até sua casa; dali foi para a casa do pai, afirmando que de modo algum voltaria para a roça: o pai e os familiares, embora contrariados, deixaram-no ficar, esperando para ver qual seria o motivo que o fizera mudar de ideia.

Tendo a flecha do amor, graças à beleza de Ifigênia, penetrado naquele coração no qual nenhum ensinamento pudera penetrar, em muito pouco tempo Címon foi indo de um pensamento a outro e causando grande admiração ao pai, a toda a sua família e a todos os que o conheciam. Em primeiro lugar, disse ele ao pai que queria vestir-se e ornar-se com todas as coisas que os irmãos usavam, o que deixou o pai contentíssimo. Depois, convivendo com jovens valorosos e prestando atenção aos modos que convinham aos fidalgos, sobretudo os enamorados, para grande admiração de todos em breve tempo não só aprendeu as primeiras letras como também se tornou filosofante de valor; em seguida (e de tudo era razão o amor que sentia por Ifigênia) não só trocou a voz rude e rústica por uma voz citadina e conveniente como também veio a ser mestre de canto e música; ademais, tornou-se exímio e feroz em cavalgar e guerrear, tanto no mar como em terra. Em suma – para não ficar contando cada uma das suas virtudes em particular –, ainda não se cumprira o quarto ano depois do dia do início de seu enamoramento, e ele já era o jovem mais gentil, educado e dotado de mais virtudes pessoais que qualquer outro que houvesse na ilha de Chipre.

Que dizer então de Címon, agradáveis senhoras? Decerto apenas que as altas virtudes infundidas pelo céu em sua valorosa alma tinham sido atadas e encerradas com fortíssimos elos pela invejosa Fortuna numa pequeníssima parte de seu coração, e esses elos foram todos rompidos e despedaçados pelo Amor, por ser este muito mais forte que aquela; e o Amor, na qualidade de estimulador dos adormecidos engenhos, com sua força empurrou para a luz clara essas virtudes ofuscadas pela cruel turvação, mostrando claramente de que lugar ele tira os espíritos que se lhe sujeitam e para onde os conduz com os seus raios.

Embora Címon, por amor a Ifigênia, exagerasse em algumas coisas, como fazem frequentemente os jovens que amam, Aristipo não só o apoiava pacientemente como também o incentivava a prosseguir em todas as suas vontades, por achar que com aquilo passara de bicho a homem. Mas Címon, que se recusava a ser chamado de Galeso, por se lembrar do modo como fora chamado por Ifigênia, querendo dar honesto fim ao seu desejo, várias vezes mandou sondar Cipseu, pai de Ifigênia, para que ele lhe desse a mão da filha em casamento; mas Cipseu sempre respondeu que a prometera a Pasimundas, nobre rodiense, e não pretendia deixar de cumprir a palavra.

Chegado o momento das núpcias já contratadas de Ifigênia, quando o noivo mandou buscá-la, disse Címon de si para si: “Chegou a hora de mostrar, Ifigênia, quanto a amo. Por você me tornei homem e, se conseguir tê-la, não duvido de que me tornarei mais glorioso que qualquer Deus; e é certo que ou tenho você ou morro”.

Dito isso, solicitou discretamente a ajuda de alguns jovens nobres que eram seus amigos e, mandando armar secretamente uma nau com todas as coisas necessárias a uma batalha naval, fez-se ao mar, ficando à espera da nau que deveria transportar Ifigênia até Rodes, para seu marido. E, depois de muitas honras prestadas pelo pai de Ifigênia aos amigos de seu noivo, esta subiu a bordo, a nau aproou para Rodes e zarpou. Címon, que não dormia, no dia seguinte a alcançou com a sua, e da proa gritou aos que estavam na embarcação de Ifigênia:

– Parem, arriem as velas ou serão vencidos e submersos no mar.

Os adversários de Címon tinham trazido as armas para o convés e preparavam-se para defender-se, por isso Címon, depois dessas palavras, pegou um arpão de ferro e o lançou à popa dos rodienses, que iam a todo pano, puxando-a à força até a proa da sua nau e saltando como um leão feroz para a nau dos rodienses, sem esperar que o seguissem, como se toda aquela gente nada fosse; e, aguilhoado pelo Amor, com força espantosa se pôs entre os inimigos, ferindo com um punhal ora este, ora aquele, como se abatesse ovelhas. Os rodienses, vendo isso, depuseram armas e quase em uníssono declararam-se prisioneiros.

Címon lhes disse:

– Rapazes, não foi cobiça por pilhagem nem ódio por vocês que me fez partir de Chipre e assaltá-los com armas em alto-mar. O que me impele é algo que tenho como importantíssimo conquistar, e que lhes é fácil conceder em paz; trata-se de Ifigênia, que amo acima de todas as coisas; e, não podendo recebê-la do pai como amigo e em paz, fui obrigado pelo Amor a conquistá-la como inimigo a empunhar armas; e, como pretendo ser para ela aquilo que Pasimundas seria, entreguem-na e podem ir com a graça de Deus.

Os rapazes, que eram movidos mais pela força que pela liberalidade, entregaram Ifigênia em prantos a Címon. Ao vê-la chorar ele disse:

– Nobre senhora, não se aflija, sou o seu Címon, que por prolongado amor a mereço muito mais que Pasimundas por palavra dada.

Depois de levá-la para a sua nau, sem nada mais tocar dos rodienses, Címon deixou-os ir e voltou para seus companheiros. E, feliz mais que qualquer homem

por ter conquistado tão valiosa presa, depois de dedicar algum tempo ao dever de consolar o seu pranto, decidiu com os companheiros que não voltariam no momento para Chipre; e foi assim que, de comum acordo, aproaram para Creta, onde quase todos e principalmente Címon acreditavam que ficariam seguros com Ifigênia, por terem muitos parentes antigos e novos, assim como numerosos amigos.

Mas a Fortuna, que jubilosamente concedera a Címon a conquista da mulher, não sendo estável, transmudou de repente em triste e amargo pranto a inestimável alegria do jovem enamorado. Não haviam ainda transcorrido quatro horas completas desde que Címon se afastara dos rodienses quando, com o cair da noite (que Címon esperava ser a mais agradável de todas as que já vivera), chegou um ferocíssimo temporal que encheu o céu de nuvens e o mar, de ventos ruinosos, de tal modo que ninguém conseguia enxergar o que fazer ou aonde ir, não se podendo sequer ficar em pé sobre a nau para executar algum serviço. Nem é preciso perguntar como Címon ficou pesaroso por isso. Parecia que os deuses lhe haviam concedido o cumprimento de seu desejo para que mais doloroso lhe fosse morrer, pois, sem isso, ele pouco se teria importado. Pesarosos também estavam os companheiros, mas sobretudo Ifigênia, que chorava muito, temendo cada golpe das ondas; e, chorando, amaldiçoava duramente o amor de Címon e reprovava sua audácia, afirmando que aquele tempo tempestuoso não surgira à toa, e sim porque os deuses não queriam que ele pudesse satisfazer seu presunçoso desejo de tê-la por esposa contra a vontade deles, mas que antes a visse morrer para depois morrer miseravelmente.

Com lamentos desse porte e até maiores, não sabendo os marinheiros o que fazer, em meio a uma ventania cada vez mais forte, sem saberem para onde iam, chegaram perto da ilha de Rodes; e assim, não reconhecendo que ali era Rodes, esforçaram-se com afinco para atracar, caso conseguissem, a fim de salvar a vida. E a tanto foi favorável a Fortuna, que os conduziu a uma pequena enseada, à qual haviam chegado pouco antes os rodienses que Címon deixara livres com sua nau. Só perceberam que tinham ancorado na ilha de Rodes quando, com o nascer da aurora que clareou um pouco mais o céu, eles se viram a cerca de um tiro de arco[110] da nau que haviam deixado no dia anterior. Címon, muitíssimo pesaroso, temendo que ocorresse o que acabou ocorrendo, ordenou o emprego de todas as forças para saírem dali, e que depois a Fortuna os carregasse para onde quisesse, pois nenhum outro lugar poderia ser pior que aquele. E foram grandes os esforços envidados para sair, mas em vão: o vento fortíssimo soprava em contrário, de modo que não só não conseguiam sair da pequena enseada como

também, querendo ou não, eram empurrados a terra.

Lá chegando, foram reconhecidos pelos marinheiros rodienses que haviam desembarcado. E alguns deles foram imediatamente a um vilarejo próximo, para onde os nobres rodienses tinham ido, e contaram-lhes que Címon estava lá com Ifigênia, em sua nau, que por sorte ali chegara como a deles. Ao ouvirem isso, os jovens ficaram felicíssimos, arregimentaram vários homens do vilarejo e tomaram depressa o rumo do mar. Assim, Címon, que já desembarcara com seus homens – pois decidira fugir para alguma floresta próxima dali –, foi preso com eles e com Ifigênia, sendo todos levados ao vilarejo. E dali, depois que da cidade chegou Lisímaco, a quem incumbia naquele ano a suprema magistratura dos rodienses, Címon e companheiros foram levados à prisão por um grande contingente de homens armados, tal como ordenara Pasimundas, que, ao receber a notícia, apresentara queixa perante o senado de Rodes.

Foi assim que o pobre e enamorado Címon perdeu sua Ifigênia, que pouco antes ganhara, sem ter dela obtido mais que algum beijo. Ifigênia foi recebida por muitas nobres senhoras de Rodes, que a consolaram tanto da dor sofrida com o rapto quanto da canseira enfrentada no mar agitado; e com elas ficou até o dia marcado para suas núpcias. A Címon e seus companheiros, pela liberdade concedida no dia anterior aos jovens rodienses, foi poupada a vida (embora Pasimundas solicitasse com todas as forças que ela lhes fosse tirada), e eles foram condenados à prisão perpétua; e lá, como se pode imaginar, ficaram eles tristes e desesperançados de jamais virem a ter algum prazer. Pasimundas apressava o quanto podia os preparativos das futuras bodas.

A Fortuna, como que arrependida da súbita injúria imposta a Címon, provocou um novo incidente para sua salvação. Pasimundas tinha um irmão menor em idade, mas não em virtudes, chamado Ormisdas, que entabulara demoradas negociações para obter a mão de uma jovem nobre e formosa da cidade, chamada Cassandreia, que Lisímaco amava desmesuradamente; tal matrimônio fora adiado diversas vezes por diferentes motivos. Ora, Pasimundas, vendo que deveria celebrar suas próprias núpcias com uma grande festa, considerou que seria muito bom se conseguisse que Ormisdas se casasse na mesma festa, pois assim não precisaria depois voltar a gastar e a festejar; assim, reiniciou as negociações com os familiares de Cassandreia e convenceu-os a tanto; de modo que juntos – ele, o irmão e a família de Cassandreia – decidiram que, no mesmo dia em que Pasimundas desposasse Ifigênia, Ormisdas desposaria Cassandreia.

Lisímaco, ao saber disso, ficou muitíssimo contrariado, pois perdia as

esperanças que nutria, ou seja, de que, se Ormisdas não a desposasse, ele sem dúvida o faria. Mas, como era prudente, escondeu a contrariedade dentro de si e começou a pensar numa maneira de impedir que aquilo acontecesse; e não achou nenhuma outra via possível senão raptá-la. A coisa pareceu fácil para a função que exercia, porém muito mais desonesta a achou do que se não exercesse tal função. Para resumir, depois de longa meditação, a honestidade cedeu ao amor, e ele tomou a decisão de raptar Cassandreia, desse no que desse. E, pensando na companhia que deveria ter para fazer aquilo e no modo como o faria, lembrou-se de Címon, que ele mantinha na prisão com os companheiros, e imaginou que não poderia encontrar companheiro melhor nem mais fiel que Címon para aquilo.

Por isso, mandou chamá-lo à noite secretamente ao seu quarto e começou a falar da seguinte maneira:

– Címon, os deuses, que são ótimos e liberais quando dão coisas aos homens, também são sagazes quando querem provar suas virtudes, e aqueles que lhes pareçam firmes e constantes em todas as situações eles tornam dignos de altos méritos por serem os mais valorosos. Quiseram eles ter uma prova mais segura de sua virtude do que aquela que lhe era possível mostrar dentro dos limites da casa de seu pai, que eu sei ser dono de abundantes riquezas; antes disso, com as pungentes solicitações do amor, fizeram que você deixasse de ser um animal insensato e se tornasse homem, conforme ouvi dizer; depois, com duras vicissitudes e agora com dolorosa prisão querem ver se as suas disposições se tornam diferentes daquilo que eram quando você foi feliz por pouco tempo com a presa conquistada. E, se forem as mesmas que já foram, os deuses nunca lhe deram nada tão bom quanto aquilo que estão se preparando para lhe dar no momento; e vou lhe dizer o que é, para que você recobre as forças perdidas e ganhe audácia. Pasimundas, feliz com a sua desventura e solícito defensor de sua morte, está fazendo de tudo para apressar a celebração das bodas com Ifigênia, para com isso ter o gozo da presa que a Fortuna propícia lhe concedeu para logo depois, irada, lhe roubar. Até que ponto isso é doloroso para você, se é que ama como acredito, sei julgar por mim mesmo, pois injúria igual à que você sofreu está sendo preparada no mesmo dia pelo irmão dele, Ormisdas, contra mim e Cassandreia, que eu amo acima de tudo no mundo. E, para fugir de tamanha injúria e de tanta dor causada pela Fortuna, não vejo que ela tenha deixado nenhuma outra via aberta a não ser a virtude de nosso ânimo e de nossa destra, que deverá empunhar a espada e abrir caminho: no seu caso para o segundo rapto, no meu para o primeiro; porque, se você quiser recuperar não digo a liberdade, que sem sua mulher pouco deve lhe importar, mas sua mulher, os

deuses a puseram em suas mãos, desde que queira me seguir no meu cometimento.

Essas palavras devolveram a Címon todo o ânimo perdido, e, sem pensar muito na resposta, ele disse:

– Lisímaco, você não encontrará companheiro mais forte nem mais fiel que eu para essa ação, se é que dela me resultará aquilo que você está dizendo; por isso, ordene o que achar que devo fazer, e verá que o efeito se seguirá com força admirável.

Lisímaco disse:

– Daqui a três dias as noivas entrarão pela primeira vez na casa dos noivos, e então você, armado e com seus companheiros, e eu com alguns dos meus, nos quais tenho bastante confiança, entraremos ao cair da tarde e as raptaremos em meio ao banquete; dali as levaremos para uma nau que mandei preparar secretamente, matando quem quer que ouse tentar impedir-nos.

Címon gostou do plano e ficou quieto na prisão até o momento combinado. Chegado o dia das bodas, a pompa era grande e magnífica, e todos os recantos da casa dos dois irmãos estavam alegres e festivos. Lisímaco, depois de preparar tudo o que era necessário, inclusive Címon, companheiros e amigos, todos armados debaixo das roupas, na hora oportuna, após concitá-los todos com muitas palavras, dividiu-os em três grupos e, astutamente, mandou um ao porto, para que ninguém pudesse impedir o embarque quando fosse preciso, e foi com os outros dois à casa de Pasimundas, deixando um à porta, para que ninguém conseguisse trancá-los dentro ou impedir sua saída, e com o outro, mais Címon, subiu pelas escadas. Chegando à sala onde as noivas já estavam à mesa com muitas outras mulheres, preparando-se para comer, eles avançaram audaciosamente, derrubaram as mesas, cada um pegou a sua e a depositou nos braços dos companheiros, ordenando que as levassem imediatamente à nau aprestada.

As noivas começaram a chorar e a gritar, e o mesmo faziam as outras mulheres e os criados, de modo que subitamente tudo se encheu de alarido e pranto. Mas Címon, Lisímaco e companheiros, sacando as espadas, foram para as escadas sem enfrentarem resistência, pois todos lhes davam passagem; e, enquanto desciam, Pasimundas, atraído pelo barulho, veio-lhes ao encontro com um grande porrete na mão, mas Címon, resolutamente, atingiu-lhe a cabeça e a partiu ao meio, fazendo-o cair morto aos seus pés. O pobre Ormisdas, quando chegou correndo para socorrê-lo, foi morto de modo semelhante por um dos golpes de Címon; e alguns outros que quiseram aproximar-se foram feridos e

rechaçados pelos companheiros de Lisímaco e de Címon. Estes, deixando a casa cheia de sangue, estrépito, pranto e tristeza, chegaram à nau com o fruto de seu rapto sem enfrentarem nenhum obstáculo; depois de embarcarem as mulheres e de subirem a bordo com todos os seus companheiros, estava já a orla cheia de homens armados que vinham para resgatar as mulheres, quando eles aferraram remos e se foram felizes cuidar da vida.

Chegando a Creta, foram recebidos com alegria por muitos amigos e parentes, casaram-se com as mulheres, fizeram uma grande festa e gozaram felizes as raptadas. Em Chipre e em Rodes houve grandes agitações e conturbações durante muito tempo por causa dessas ações. Finalmente, com a intercessão de amigos e parentes em ambos os lugares, chegou-se a um acordo e, depois de certo tempo de exílio, Címon voltou com Ifigênia alegre para Chipre, e Lisímaco voltou com Cassandreia do mesmo modo para Rodes, e cada um deles viveu feliz e contente por muito tempo com sua mulher na sua cidade.

SEGUNDA NOVELA

Costanza ama Martuccio Gomito e, ouvindo dizer que ele morrera, desesperada embarca sozinha numa barca que é transportada a Susa pelo vento; encontra-o vivo em Túnis, revela-se a ele, e ele, que ocupa alta posição junto ao rei por causa de conselhos dados, casa-se com ela e volta rico com ela para Lípari.

A rainha, percebendo que a história de Pânfilo terminara, depois de elogiá-la muito, ordenou a Emília que continuasse, contando uma; ela começou da seguinte maneira:

– Todos devem deleitar-se merecidamente com as coisas às quais se seguem as recompensas segundo os afetos; e, como o ato de amar merece mais alegria que aflição a longo prazo, é muito maior o prazer com que obedeço à rainha para falar do tema presente do que aquele com que obedeci ao rei para falar do anterior.

Devem saber, gentis senhoras, que perto da Sicília há uma ilhota chamada Lípari, onde, não faz muito tempo, viveu uma belíssima jovem chamada Costanza, de uma honrada família da ilha. Por ela se apaixonou um rapaz também da ilha, chamado Martuccio Gomito, amável, de bons costumes e competente em seu ofício. Ela também se agradou tanto dele que só se sentia bem quando o via. Martuccio, querendo-a por esposa, pediu sua mão ao pai dela; e este respondeu que não a daria porque ele era pobre. Martuccio, indignado ao se ver recusado por causa da pobreza, armou uma embarcação e partiu com alguns amigos e parentes, jurando nunca mais voltar a Lípari, a não ser rico. E começou a costear a Berberia praticando o corso, a roubar quem tivesse menos poder que ele; e nisso foi muito favorecido pela Fortuna, mas não soube pôr limites à felicidade. Pois, não bastando a ele e aos companheiros terem ficado riquíssimos em breve tempo, enquanto procuravam ficar mais ricos ainda foram atacados por algumas naus sarracenas e, depois de prolongada defesa, Martuccio foi preso com os companheiros, suas coisas foram roubadas, a maioria dos homens foi jogada ao mar pelos sarracenos, a nau foi afundada, e ele foi levado para Túnis e posto na prisão, onde ficou em míseras condições.

Chegou a Lípari – não por uma nem por duas, mas por muitas e diferentes pessoas – a notícia de que todos os que estavam com Martuccio tinham morrido afogados. A jovem, que sofrera desmedidamente com a partida de Martuccio, ao

ouvir dizer que ele morrera com os outros chorou muito tempo e tomou a decisão de não mais viver; mas, não tendo coragem de dar cabo de si mesma com alguma violência, teve a ideia de morrer de um modo inusitado e inelutável; e, saindo secretamente certa noite de casa do pai, foi ao porto e lá encontrou por acaso, um tanto separada das demais embarcações, um barco de pescadores munido de mastro, vela e remos, cujos donos tinham acabado de desembarcar. Subindo depressa no barco, depois de afastar-se um pouco da costa com o uso dos remos, tendo algum conhecimento da arte naval, como ocorre em geral com todas as mulheres daquela ilha, desferrou as velas, jogou fora os remos e o leme e entregou-se ao vento, imaginando que, necessariamente, o barco sem carga nem piloto seria virado pelo vento ou iria bater contra algum escolho e romper-se, de modo que ela, mesmo querendo escapar, não conseguiria e inevitavelmente se afogaria. E, enrolando a cabeça num manto, foi deitar-se a chorar no fundo do barco.

Mas o que aconteceu foi bem diferente do que ela imaginara; pois, como o vento que soprava do norte era bem suave, o mar estava calmo e o barco era resistente, no dia seguinte à noite em que embarcara, caía a tarde quando a embarcação a levou para uma praia próxima a uma cidade chamada Susa, cerca de cem milhas além de Túnis. A moça não sabia se estava em terra ou no mar, pois por motivo algum tinha levantado a cabeça nem pretendia levantar.

Quando o barco feriu a areia, estava na praia uma mulher pobre a tirar do sol as redes de seus pescadores; ao ver o barco, causou-lhe admiração o fato de ter sido deixado vir em terra a todo pano. E, acreditando que nele houvesse pescadores adormecidos, foi até lá e não viu ninguém a não ser a moça, que, por estar dormindo pesadamente, ela chamou várias vezes; no fim, quando a acordou, percebendo pelas roupas que era cristã, perguntou em italiano como tinha chegado ali tão sozinha naquele barco. A moça, ouvindo falar italiano, desconfiou que outro vento talvez a tivesse levado de volta a Lípari; então, levantando-se rapidamente, olhou ao redor e, não reconhecendo a região e vendo-se em terra, perguntou à boa mulher onde estava. A boa mulher respondeu:

– Minha filha, você está perto de Susa, na Barbaria.

Ouvindo isso, a moça ficou triste porque Deus não quisera mandá-la para a morte e, temendo a desonra e não sabendo o que fazer, sentou-se no barco e começou a chorar. A boa mulher, vendo isso, sentiu muita piedade e tanto insistiu que a levou para a sua choupana, onde tantos agrados lhe fez que ela lhe disse como chegara ali; a boa mulher, ao saber que ela ainda nada comera,

serviu-lhe seu pão duro, um pouco de peixe e água, e tanto insistiu que ela comeu um pouco. Costanza depois perguntou quem era a boa mulher, que falava italiano daquele modo; e ela disse que era de Trapani e chamava-se Carapresa; ali trabalhara para alguns pescadores cristãos. A moça, ouvindo dizer Carapresa, apesar de muito triste, sem saber que razão a movia, sentiu em si bons augúrios por ter ouvido aquele nome e começou a ter esperanças sem saber de quê e a sentir que diminuía um pouco o seu desejo de morrer; e, sem esclarecer quem era nem de onde vinha, pediu encarecidamente à boa mulher que pelo amor de Deus tivesse misericórdia de sua juventude e lhe desse algum conselho para que ela pudesse evitar ser vítima de alguma desonra.

Carapresa, ao ouvi-la, como boa mulher que era, deixou-a na choupana, foi rapidamente recolher as redes e voltou; depois, envolvendo-a por inteiro em seu próprio manto, levou-a consigo a Susa e, chegando lá, lhe disse:

– Costanza, vou levá-la à casa de uma sarracena muito bondosa a quem presto frequentes serviços nos trabalhos dela; é mulher idosa e misericordiosa; vou recomendá-la o quanto puder e estou certa de que ela a receberá de bom grado e a tratará como filha; e você, ficando com ela, deve empenhar-se ao máximo em servi-la e conquistar sua simpatia até que Deus lhe mande melhor sorte.

E o que disse fez.

A mulher, que já era velha, depois de ouvi-la, olhou seu rosto, começou a chorar e beijou-lhe a fronte; e, tomando-a pela mão, levou-a para a casa na qual morava com algumas mulheres, sem nenhum homem, todas dedicadas a diferentes trabalhos manuais, fazendo diversos lavores de seda, palmeira, couro. Em poucos dias a moça aprendeu a fazer algumas coisas e a trabalhar com elas; e conquistou a tal ponto as graças e a estima da boa mulher e das outras que foi coisa maravilhosa de se ver; em pouco tempo, ensinada por elas, aprendeu sua língua.

Estava, pois, a jovem em Susa, tendo já sido pranteada em sua casa por perdida e por morta, quando reinava em Túnis alguém que se chamava Mariabdela111, e um jovem de alta estirpe e muito poderio, que era de Granada, dizendo que a ele pertencia o reino de Túnis, reuniu um grande exército e marchou contra o rei de Túnis para derrubá-lo do trono.

Quando ficou sabendo de tais coisas na prisão e ao ouvir dizer que o rei de Túnis estava fazendo um grande esforço de guerra, Martuccio Gomito, que sabia muito bem falar berbere, disse a um daqueles que os guardavam:

– Se eu pudesse falar com o rei, diz-me o coração que lhe daria um conselho

com o qual ele venceria essa guerra.

O guarda disse essas palavras ao seu superior, que as relatou ao rei imediatamente. O rei então ordenou que Martuccio fosse levado à sua presença; ao lhe perguntar que conselho era o seu, ele respondeu assim:

– Se noutros tempos em que frequentei estas terras observei bem a maneira como são travadas as suas batalhas, parece-me que aqui se luta mais com arcos que com outras armas; por isso, caso houvesse um modo de fazer que aos arqueiros do adversário faltassem flechas e que os seus as tivessem em abundância, considero que Vossa Majestade venceria essa batalha.

O rei disse:

– Sem dúvida, se isso pudesse ser feito, eu acreditaria poder vencer.

Martuccio disse:

– Se Vossa Majestade quiser, isso poderá ser feito; veja como. É preciso mandar fazer bordões muito mais finos para os arcos de seus arqueiros do que os comumente usados; depois, na feitura das flechas, deverão ser feitos talhos que só sirvam para aqueles bordões finos; e isso deve ser feito em segredo, sem que o adversário saiba, pois ele descobriria a solução. E digo isso pela seguinte razão. Depois que os arqueiros do inimigo tiverem desferido suas flechas e os de Vossa Majestade tiverem desferido as suas, durante a batalha os inimigos precisarão recolher as flechas que os seus arqueiros tiverem desferido, e os seus precisarão recolher as deles; mas os adversários não poderão usar as flechas desferidas pelos arqueiros de Vossa Majestade, por causa do pequeno talho, nos quais não caberão os bordões grossos, ao passo que com os nossos ocorrerá o contrário, pois o bordão fino caberá otimamente na flecha de talho largo dos inimigos; assim, os nossos terão flechas em abundância, que aos outros faltarão.

O rei, que era sagaz, gostou do conselho de Martuccio e o seguiu inteiramente, com o que venceu a guerra; por esse motivo Martuccio caiu em sua graça e, por conseguinte, obteve posição elevada e rentável.

A fama dessas coisas correu toda a região e chegou aos ouvidos de Costanza, e ela soube assim que Martuccio Gomito, por ela considerado morto há tanto tempo, estava vivo; e o amor, já em seu coração arrefecido, com súbita chama se reacendeu e tornou-se maior, ressuscitando a esperança morta. Por isso ela revelou todos os fatos à boa mulher com quem morava e disse-lhe que desejava ir a Túnis, para saciar os olhos com aquilo de que os ouvidos os haviam tornado desejosos ao receber aquelas notícias. A mulher louvou muito o seu desejo e, como se fosse sua mãe, tomou com ela uma embarcação que as levou a Túnis, onde foram recebidas com muita honra em casa de uma parente sua. Estando lá,

mandou Carapresa, que fora com elas, sair à cata daquilo que pudesse descobrir sobre Martuccio; e, descobrindo que ele estava vivo e em alta posição, ela voltou e contou-lhes isso; então a gentil dama quis que a ela coubesse a tarefa de ir dizer a Martuccio que a sua Costanza fora lá à sua procura.

E, indo um dia ao lugar onde estava Martuccio, disse-lhe:

– Martuccio, em minha casa apareceu um criado seu que vem de Lípari e gostaria de lhe falar em segredo; então, para não precisar confiar em outras pessoas, vim eu mesma dizer-lhe isso, tal como ele quis.

Martuccio agradeceu e seguiu-a até a casa dela.

A moça, quando o viu, por pouco não morreu de alegria e, não conseguindo conter-se, subitamente correu até ele com os braços abertos e o abraçou; então, condoída pelos infortúnios passados e pela alegria presente, sem poder dizer nada, começou a chorar afetuosamente.

Martuccio, vendo a jovem, ficou certo tempo mudo de espanto e depois disse suspirando:

– Ó, minha Costanza, então está viva? Faz um bom tempo ouvi dizer que você estava perdida, e em nossa terra não se sabia nada a seu respeito.

E, depois de dizer isso, abraçou-a e beijou-a, chorando afetuosamente.

Costanza contou-lhe tudo o que acontecera, bem como a honra com que fora recebida pela gentil senhora com a qual morara. Martuccio, depois de trocar muitas palavras, despediu-se dela e foi ter com o rei, seu senhor, contando-lhe tudo, ou seja, sua vida e a da jovem; e acrescentou que, com sua licença, pretendia casar-se com ela segundo a nossa religião. O rei admirou-se muito com aquelas coisas; e, chamando a jovem e ouvindo dela a confirmação do que Martuccio contara, disse:

– Então você fez por merecê-lo como marido.

E, ordenando que trouxessem grandes e nobres presentes, entregou parte a ela e parte a Martuccio, dando-lhes permissão de fazerem o que mais agradasse a cada um.

Martuccio obsequiou muito a gentil dama com a qual Costanza morara, agradeceu-lhe tudo o que fizera a favor dela e deu-lhe muitos presentes dignos de sua pessoa; então, recomendando-a a Deus, partiu, não sem muitas lágrimas de Costanza. Depois, com licença do rei, embarcaram num pequeno navio e, com Carapresa, voltaram a Lípari favorecidos pelo vento, onde houve festa tão grande que é impossível dizer. Ali Martuccio casou-se com ela e celebrou lindas e grandiosas bodas; depois, gozou seu amor com ela em paz e sossego durante muito tempo.

TERCEIRA NOVELA

Pietro Boccamazza foge com Agnolella; depara com ladrões; a moça foge para uma floresta e é conduzida a um castelo; Pietro é apanhado, foge dos ladrões e, depois de alguns incidentes, acaba indo para o castelo onde está Agnolella; casa-se com ela e volta a Roma.

Não houve quem não elogiasse a história de Emília; a rainha, ao ver que acabara, voltou-se para Elissa e lhe ordenou que continuasse. Esta, desejosa de obedecer, começou.

– Graciosas senhoras, ocorre-me narrar uma noite difícil que dois jovenzinhos pouco experientes enfrentaram; mas, como a ela se seguiram muitos dias felizes, a história está em conformidade com o nosso tema e terei prazer em contá-la.

Em Roma – outrora cabeça do mundo, hoje rabo –, viveu há pouco tempo um rapaz chamado Pietro Boccamazza (família insigne entre as romanas), que se apaixonou por uma formosíssima e airosa jovem chamada Agnolella, filha de certo Gigliuozzo Saullo, plebeu, mas muito estimado pelos romanos. Amando-a, tanto soube obrar, que ela começou a amá-lo não menos do que era por ele amada. Pietro, premido por ardente amor, achando que não devia mais sofrer as duras penas causadas pelo desejo que sentia por ela, pediu sua mão em casamento. Os familiares dele, quando souberam, foram unânimes em reprovar totalmente o que ele queria fazer e mandaram dizer a Gigliuozzo Saullo que em hipótese alguma atendesse ao pedido de Pietro, pois, se o fizesse, nunca mais o considerariam amigo nem parente.

Pietro, vendo que lhe vedavam a única via pela qual acreditava poder satisfazer seus desejos, quase morreu de dor; e, se Gigliuozzo tivesse dado o consentimento, ele teria desposado sua filha contra a vontade de quantos parentes houvesse; mesmo assim, tomou a decisão de levar a coisa a efeito, caso a moça concordasse; por um intermediário, ficou sabendo que concordava, e combinaram que ela fugiria com ele de Roma. Acertado tudo, Pietro levantou-se certa manhã bem cedinho, e os dois, a cavalo, tomaram o caminho que leva a Alagna112, onde Pietro tinha amigos nos quais confiava muito; e, assim cavalgando, sem tempo para as núpcias, pois temiam estar sendo seguidos, iam os dois falando de seu amor e, uma vez ou outra, trocavam beijos.

Ocorre que Pietro não conhecia muito bem o caminho e, quando estavam a

cerca de oito milhas de Roma, em vez de pegarem à direita, enveredaram pela esquerda. Não tinham cavalgado muito mais de duas milhas quando chegaram às proximidades a um castelinho, de onde, tão logo foram avistados, saiu de repente uma dúzia de homens armados. Quando estes estavam já bem próximos, a moça os viu e gritou:

– Pietro, vamos fugir, estamos sendo assaltados.

E, como melhor soube, voltou o seu rocim para uma grande floresta, apertou as esporas ao corpo do animal e agarrou-se ao arção; o rocim, acudindo à espora, corria pela floresta a carregá-la.

Pietro, que ia olhado mais para o rosto dela do que para o caminho, não percebeu tão depressa os homens que vinham chegando e, enquanto ficou olhando, sem ver, de onde estariam vindo, foi alcançado e apanhado por eles; obrigando-o a apear, eles lhe perguntaram quem era e, ao saberem, começaram a trocar ideias entre si e a dizer:

– Esse aí é dos amigos dos nossos inimigos; nada melhor do que tirar as roupas e o cavalo dele e enforcá-lo num desses carvalhos para aborrecer os Orsini.

Estando todos concordes, já tinham ordenado a Pietro que se despisse, e ele se despia, já adivinhando a sua desventura, quando de uma emboscada saíram, de repente, bem uns vinte e cinco homens que arremeteram contra os primeiros, gritando:

– Morram, morram!

Aqueles, surpreendidos, largaram Pietro e trataram de defender-se; mas, vendo-se em menor número que os seus agressores, puseram-se a fugir, e estes, a segui-los. Pietro, vendo isso, pegou depressa suas coisas, montou no rocim e fugiu como melhor soube pela mesma direção por onde vira a moça fugir. Mas, não achando na floresta trilha nem vereda, e não reconhecendo pegadas de cavalo, depois que se sentiu a salvo e fora do alcance dos que o haviam assaltado e dos outros pelos quais estes haviam sido atacados, não encontrando a moça, começou a sentir a maior dor do mundo e, chorando, ia daqui para lá a chamá-la pela floresta; mas ninguém respondia, e ele, que não ousava voltar atrás, avançava sem saber onde aquilo iria dar. Além disso, temia ao mesmo tempo por si e pela moça as feras que costumam habitar as florestas, e a toda hora tinha a impressão de vê-la despedaçada por algum urso ou lobo.

Vagou portanto o desventurado Pietro durante todo o dia por aquela floresta a gritar e chamar, andando para trás muitas vezes em que acreditava ir adiante; e tanto pelo muito gritar e chorar quanto pelo medo e pelo longo jejum, sentiu-se

tão cansado que não conseguia avançar. E, vendo que a noite chegava, não sabendo mais que conduta tomar, encontrou um carvalho altíssimo, apeou do rocim, amarrou-o à árvore e, para não ser devorado pelas feras durante a noite, trepou nela; pouco depois surgiu a lua, tudo ficou claríssimo, e Pietro, não ousando adormecer para não cair – se bem que, mesmo que estivesse acomodado, a dor e os cuidados que a moça lhe davam não o teriam deixado dormir –, velava a suspirar, chorar e maldizer consigo a sua desventura.

A moça fugiu, como dissemos antes, sem saber para onde ir e, sendo levada por seu rocim para onde ele achasse melhor, penetrou tanto na floresta que já não conseguia enxergar o lugar por onde entrara; por isso, passou o dia inteiro de modo nada diferente do que passara Pietro, ora esperando, ora andando, a chorar e chamar e a lastimar a sua desgraça, dando voltas por aquele lugar agreste. No fim, sem que Pietro aparecesse, quando caía a tarde deparou-se-lhe uma trilha, que ela tomou e seu rocim percorreu até que, depois de mais de duas milhas cavalgando, ela avistou de longe, à sua frente, uma casinha e para lá se dirigiu o mais depressa que pôde; ali encontrou um bom homem de idade muito avançada com sua mulher, igualmente velha.

Estes, quando a viram sozinha, disseram:

– Oh, filha, o que está fazendo a esta hora assim sozinha por estas paragens?

A moça, chorando, respondeu que perdera a sua companhia na floresta e perguntou a que distância se estava de Alagna.

O bom homem respondeu:

– Filha, este não é o caminho para Alagna, e até lá são mais de doze milhas.

A jovem disse então:

– E a que distância ficam as habitações que dão hospedagem?

O bom homem respondeu:

– Não há em lugar nenhum tão próximo que você consiga chegar durante o dia.

Disse a jovem então:

– Já que não posso ir a outro lugar, fariam a gentileza, pelo amor de Deus, de me abrigarem esta noite?

O bom homem respondeu:

– Moça, tê-la aqui conosco esta noite será um prazer; mas gostaríamos de lhe lembrar que por estes lados, de dia e de noite, andam muitos bandos de amigos e inimigos que amiúde causam desgostos e danos; e se, por infelicidade, enquanto você estivesse aqui, aparecesse um desses bandos, quando a vissem bonita e nova como é, lhe causariam desgosto e desonra, e nós não poderíamos ajudar.

Gostaríamos de dizer-lhe isso, para que, caso alguma coisa acontecesse, você não tivesse por que se queixar de nós.

A jovem, vendo que a hora ia adiantada, ainda que as palavras do velho a assustassem, disse:

– Deus há de querer nos proteger desse aborrecimento; e, mesmo que isso me acontecesse, é menos ruim ser maltratada por homens do que despedaçada por feras na floresta.

Dito isso, apeou de seu rocim, entrou em casa do homem pobre e com eles ceou pobremente daquilo que tinham; depois, vestida como estava, deitou-se numa caminha com eles e a noite toda não parou de suspirar e chorar por sua desventura e pela de Pietro, para quem não sabia se devia esperar algo que não fosse o mal.

Estava já próximo o amanhecer quando ela ouviu um grande tropel de gente andando; levantou-se, foi até um grande pátio que havia atrás da casinha e, vendo num dos cantos um monte de feno, foi esconder-se nele para não ser logo encontrada, caso aquela gente fosse até ali. Acabara de esconder-se quando aqueles homens, que eram uma grande quadrilha de bandidos, chegaram à porta da casa, mandaram abrir e, entrando, encontraram o rocim da moça, ainda com sela, e perguntaram quem estava lá.

O bom homem, não vendo a moça, respondeu:

– Ninguém está aqui além de nós; mas esse rocim, que deve ter fugido de alguém, apareceu aqui ontem à noite, e nós o pusemos em casa, para não ser comido pelos lobos.

– Então, se não tem outro dono, vai ser bom para nós – disse o maioral.

Todos se dividiram pela pequena casa e uma parte foi para o pátio; ali, depostas as lanças e os escudos, um deles, não tendo outra coisa para fazer, atirou sua lança no feno e por um triz não matou a moça escondida e por um triz ela não se revelou, pois a lança foi dar ao lado da mama esquerda, a ponto de o ferro lhe rasgar a roupa, de modo que ela quase soltou um grande grito, temendo ser ferida; mas, lembrando-se de onde estava, recobrou-se e ficou quieta.

O bando andou para lá e para cá, cozinhou seus cabritos e outras carnes, comeu, bebeu e foi embora cuidar da vida, levando consigo o rocim da jovem. E estavam já um tanto distantes quando o bom homem perguntou à mulher:

– Que é da moça que apareceu ontem à noite e eu não vi desde que a gente se levantou?

A boa mulher respondeu que não sabia e saiu procurando.

A jovem, percebendo que eles tinham partido, saiu do feno, o que deixou o

bom homem muito contente, por ver que não tinha caído nas mãos daqueles homens; e, como o dia já clareasse, disse-lhe:

– Agora que o dia está nascendo, se quiser, nós a acompanharemos até um castelo que fica a cerca de cinco milhas daqui; lá você estará em lugar seguro; mas vai precisar ir a pé, porque aquela gente ruim que saiu agora daqui levou o seu rocim.

A moça, não se importando, pediu-lhes por Deus que a levassem ao castelo; então, pondo-se a caminho, chegaram lá por volta de meia terça.

O castelo era de um dos Orsini, que se chamava Liello di Campo di Fiore, e ali estava sua mulher, que era boníssima e santa; vendo a jovem, logo a reconheceu e a recebeu com muita alegria, querendo saber em pormenores como chegara ali. A jovem contou-lhe tudo. A mulher, que também conhecia Pietro, por ser amigo de seu marido, ficou muito triste com o ocorrido; e, ao saber onde fora assaltado, estimou que estivesse morto. Disse então à jovem:

– Como não sabe o que é feito de Pietro, fique aqui comigo até que eu arranje um meio de mandá-la com segurança a Roma.

Pietro, trepado no carvalho com a maior tristeza que se pode imaginar, começava a dormir quando viu bem uns vinte lobos, e estes, assim que viram o rocim, o rodearam. O rocim, ao pressenti-los, puxou a cabeça, quebrou os arreios e começou a fugir; mas, cercado como estava, não conseguiu e por longo tempo se defendeu com dentadas e coices; por fim, derrubado por eles, foi destroçado e rapidamente desventrado; então puseram-se todos a alimentar-se e, sem nada deixarem além de ossos, devoraram-no e foram embora. Pietro, que achava ter no rocim companhia e amparo em suas canseiras, ficou muito abalado e imaginou que nunca conseguiria sair daquela floresta.

Estava já próximo o dia, ele morria de frio em cima do carvalho e, olhando sempre ao redor, viu uma fogueira alta a cerca de uma milha de distância; então, quando o dia clareou, ele desceu do carvalho, não sem medo, e para lá se dirigiu, andando sem parar até chegar; em torno da fogueira encontrou alguns pastores comendo e divertindo-se, e foi por eles acolhido com piedade. Depois de comer e aquecer-se, contou-lhes a sua desventura e explicou como chegara ali sozinho, perguntando se por aqueles lados existia vilarejo ou castelo aonde ele pudesse ir. Os pastores disseram que a cerca de três milhas dali havia um castelo de Liello di Campo di Fiore, onde morava a mulher dele; Pietro, contentíssimo, pediu que algum deles o acompanhasse ao castelo, o que dois fizeram de bom grado.

Chegando lá, Pietro não encontrou nenhum conhecido e, enquanto procurava arranjar um jeito de buscar a moça pela floresta, foi chamado por parte da

senhora do castelo; atendeu-a imediatamente e, quando viu Agnolella ao seu lado, nunca houve alegria igual à sua. Morria de vontade de ir abraçá-la, mas, por vergonha da senhora, abstinha-se. E, se sua alegria foi grande, a da jovem ao vê-lo não foi menor.

A fidalga acolheu-o e saudou-o; depois de ouvir o que lhe acontecera, repreendeu-o pelo que queria fazer contra a vontade dos pais. Mas, vendo que ele estava disposto e que a jovem concordava, pensou: “Por que me esforço tanto? Esses dois se amam, se conhecem, são amigos de meu marido, e a vontade deles é honesta; e deve agradar a Deus, porque um escapou da forca, o outro da lança, e os dois das feras selvagens; por isso, que seja feita a vontade deles”. E, voltando-se para eles, disse:

– Se de fato querem ser marido e mulher, e eu também quero, então que seja feita a vontade de vocês, e aqui serão realizadas as núpcias às expensas de Liello; depois saberei fazer as pazes entre vocês e seus parentes.

E ali se casaram Pietro, felicíssimo, e Agnolella, mais ainda; e, dentro do que era possível na montanha, a fidalga lhes ofereceu uma honrosa festa de núpcias; ali também os dois colheram os primeiros e dulcíssimos frutos do amor.

Depois de vários dias, a fidalga e eles montaram a cavalo e voltaram juntos e bem acompanhados a Roma, onde encontraram os familiares de Pietro muito irritados com o que ele fizera; então a fidalga os reconciliou; e ele viveu com a sua Agnolella até a velhice, com muito sossego e satisfação.

QUARTA NOVELA

Ricciardo Manardi é encontrado por messer *Lizio da Valbona com sua filha, casa-se com ela e faz as pazes com o pai.*

Depois que Elissa se calou e ouviu os louvores que as companheiras faziam à sua história, a rainha ordenou a Filostrato que contasse alguma; e ele, rindo, começou.

– Fui tantas vezes criticado por lhes ter imposto assunto de histórias cruéis e por fazê-las chorar que, para reparar esse aborrecimento, acho que sou obrigado a contar alguma coisa que as faça rir; por isso, pretendo narrar a pequena história de um amor que teve por única dor alguns suspiros e um breve temor misturado a vergonha, chegando depois a um fim feliz.

Valorosas senhoras, não faz muito tempo havia na Romanha um cavaleiro de bem e bons costumes que se chamava *messer* Lizio da Valbona, que por felicidade, já próximo da velhice, teve de sua mulher, chamada *madonna* Giacomina, uma filha que, crescendo, tornou-se a mais bela e agradável da região; e, como só ela restava ao pai e à mãe, foi por estes sumamente amada e acarinhada, sendo cuidada com admirável diligência, na expectativa de lhe darem um grande casamento. A casa deles era muito frequentada por *messer* Lizio, jovem formoso e jovial, com quem muito conversavam e que pertencia à família dos Manardi de Brettinoro e se chamava Ricciardo; *messer* Lizio e sua mulher não tomavam com ele mais cautela do que tomariam com um filho. Ricciardo, observando vez por outra a jovem, que era belíssima, fagueira e de louváveis modos e costumes, e já estava em idade de casar-se, apaixonou-se loucamente por ela e tomava todo o cuidado para manter seu amor oculto. A jovem, percebendo e não se esquivando, também começou a amá-lo; com isso Ricciardo ficou muito contente.

E muitas vezes teve vontade de lhe dizer alguma coisa, mas calou-se por temor, até que uma vez, havendo ocasião, ousou dizer:

– Caterina, peço-lhe que não me faça morrer de amor.

A jovem respondeu prontamente:

– Queira Deus que não seja você a me fazer morrer.

Essa resposta aumentou muito o prazer e a ousadia de Ricciardo, que lhe disse:

– Por mim nunca deixará de ser feito nada que lhe agrade, mas cabe a você

encontrar uma maneira de salvar sua vida e a minha.

A jovem então disse:

– Ricciardo, você está vendo como sou vigiada, por isso não sei como poderia vir ter comigo; mas, se souber de algo que eu possa fazer sem desonra, diga, e eu farei.

Ricciardo, que pensara várias coisas, logo disse:

– Minha doce Caterina, não consigo ver outro meio a não ser que você durma na sacada que fica ao lado do jardim de seu pai ou ali possa ficar, pois, se eu souber que você está lá à noite, sem falta darei um jeito de ir também, apesar de ser muito alta.

Caterina respondeu:

– Se tem coragem de ir, acredito que poderei dar um jeito de dormir lá.

Ricciardo disse que sim. E, dito isso, beijaram-se uma vez só de fugida e se separaram.

No dia seguinte, estando já próximo o fim de maio, a jovem começou a queixar-se com a mãe de que na noite anterior não conseguira dormir de tanto calor.

A mãe disse:

– Filha, que calor? Não fez calor nenhum.

Caterina disse:

– Mamãe, a senhora deveria dizer “na minha opinião”, e talvez tivesse razão; mas deve pensar que as meninas são mais calorentas que as mulheres maduras.

A senhora disse então:

– Filha, é verdade; mas eu não posso fazer calor e frio segundo o meu gosto, como você talvez queira. Precisamos aceitar o tempo como as estações o trazem; esta noite talvez seja mais fresca, e você dormirá melhor.

– Deus queira – disse Caterina –, mas as noites não costumam refrescar à medida que chega o verão.

– Então o que você quer que se faça? – disse a senhora.

Caterina respondeu:

– Se meu pai e a senhora concordarem, eu gostaria de mandar montar uma caminha na sacada que fica ao lado do quarto dele, acima do jardim, e ali eu dormiria, ouvindo o canto do rouxinol; e, como o lugar é mais fresco, eu ficaria muito melhor do que no quarto.

A mãe então disse:

– Filha, fique sossegada; vou falar com seu pai, e, se ele quiser, assim faremos.

Quando ouviu a mulher dizer essas coisas, *messer* Lizio, por ser velho e por isso talvez um pouco renitente, disse:

– Que rouxinol é esse com que ela quer dormir? Vou é fazê-la dormir ouvindo o canto das cigarras.

Caterina, ao saber disso, mais de raiva que de calor, não só não dormiu naquela noite, como também não deixou a mãe dormir, queixando-se muito do calor.

A mãe, depois de ouvir tanto, foi pela manhã falar com *messer* Lizio e disse:

– O senhor gosta pouco dessa menina. Que mal haverá em dormir naquela sacada? Ela passou a noite toda sem sossego, de tanto calor; além disso, por que o senhor se admira de ela gostar de ouvir o canto do rouxinol, se é uma menininha? Os jovens gostam das coisas que se parecem com eles.

Messer Lizio, ao ouvir isso, disse:

– Vá, faça uma cama como achar melhor, ponha em volta alguma cortina, e que ela durma lá, ouvindo o canto do rouxinol quanto quiser.

A moça, quando soube, logo mandou montar uma cama e foi lá dormir à noite; ficou esperando até que viu Ricciardo e lhe fez um sinal combinado, com o qual ele entendeu o que devia fazer. *Messer* Lizio, ouvindo que a jovem tinha ido para a cama, fechou uma porta que ligava seu quarto à sacada e também foi dormir. Ricciardo, percebendo que tudo tinha ficado quieto, com a ajuda de uma escada subiu num muro e, deste, agarrando-se a alguns dentilhões de outro muro, com enorme trabalho e perigo de cair chegou à sacada, onde foi recebido silenciosamente e com muita alegria pela jovem; e, depois de muitos beijos, deitaram-se juntos e passaram quase a noite inteira dando deleite e prazer um ao outro, fazendo o rouxinol cantar muitas vezes. E, sendo pequena a noite e grande o deleite, embora não acreditassem, o dia já se aproximava e, talvez por estarem ainda aquecidos pelo tempo ou pela brincadeira, pegaram no sono sem nada em cima, ficando Caterina com o braço direito sob o pescoço de Ricciardo e com a mão esquerda segurando aquela coisa a que as senhoras mais se envergonham de dar nome quando estão entre homens.

Ficaram assim dormindo, sem acordar, até que o dia raiou e *messer* Lizio se levantou e, lembrando que a filha tinha dormido na sacada, abriu a porta em silêncio, dizendo:

– Deixe-me ver como o rouxinol fez Caterina dormir esta noite.

E, avançando, levantou devagar a cortina que rodeava a cama e a viu dormindo com Ricciardo, ambos nus, descobertos e abraçados como disse acima; reconhecendo Ricciardo, saiu dali, foi ao quarto da mulher e a chamou,

dizendo:

– Acorde, mulher, levante-se e venha ver que a sua filha gostou tanto do rouxinol que o agarrou e está com ele na mão.

A mulher disse:

– Como pode ser?

Messer Lizio disse:

– Você vai ver se vier logo.

A mulher vestiu-se depressa e foi quieta atrás de *messer* Lizio; quando chegaram junto à cama e ergueram a cortina, *madonna* Giacomina pôde ver claramente como a filha tinha apanhado e segurado o rouxinol que tanto queria ouvir cantar.

A senhora, sentindo-se muitíssimo enganada por Ricciardo, quis gritar e dizer-lhe uns impropérios; mas *messer* Lizio disse:

– Mulher, se prezar o meu amor, não diga nem uma palavra, pois, já que ela o apanhou, que fique com ele. Ricciardo é nobre e rico, e com ele só poderemos fazer uma boa aliança; se ele quiser sair daqui em bons termos comigo, vai precisar antes casar-se; e assim ele vai saber que pôs o rouxinol na sua gaiola, e não na alheia.

A senhora, consolando-se ao ver que o marido não estava enfurecido com o fato, e considerando que a filha tivera uma ótima noite, tinha repousado bastante e apanhara o rouxinol, ficou calada. Mal haviam sido pronunciadas essas palavras, Ricciardo acordou e, vendo que o dia estava claro, achou que estava perdido e chamou Caterina, dizendo:

– Ai, alma minha, como vamos fazer, o dia chegou e me pegou aqui?

Quando ele disse isso, *messer* Lizio aproximou-se, levantou a cortina e respondeu:

– Faremos bem.

Quando Ricciardo o viu, achou que seu coração estava sendo arrancado do corpo e, sentando-se na cama disse:

– Senhor, peço-lhe piedade, por Deus. Sei que fui desleal e falso, por isso mereço a morte, então faça de mim o que quiser. Mas eu lhe peço, se for possível, que me poupe a vida, que eu não morra.

Messer Lizio disse:

– Ricciardo, isso não fez jus ao bem que sempre lhe quis e à confiança que eu tinha em você; mas, já que é assim, e que a juventude o levou a cometer tamanha falta, para livrar-se da morte e livrar-me da desonra tome Caterina por legítima esposa, assim ela será sua pela vida inteira tal como foi esta noite; desse modo

você poderá ter o meu perdão e obter sua salvação; se não quiser fazer isso, recomende a alma a Deus.

Enquanto essas palavras iam sendo ditas, Caterina largou o rouxinol, cobriu-se e começou a chorar alto e a suplicar que o pai perdoasse Ricciardo; de outro lado, Ricciardo suplicava que *messer* Lizio fizesse o que queria, para poderem ter com segurança e tempo mais noites iguais àquela. Mas não foram necessárias tantas súplicas; pois, por um lado a vergonha pela falta cometida e a vontade de emendá-la e, por outro, o medo de morrer e a vontade de escapar, além do ardente amor e do desejo de possuir a coisa amada, tudo isso os fez dizer espontaneamente e sem demora que estavam prontos para fazerem o que *messer* Lizio quisesse.

Então *messer* Lizio pediu emprestado um dos anéis de *madonna* Giacomina e, ali mesmo, casou em sua presença Ricciardo com Caterina.

Feito isso, *messer* Lizio e a mulher saíram dizendo:

– Agora descansem, pois talvez precisem mais disso que de se levantarem.

Depois que eles partiram, os jovens voltaram a abraçar-se e, como não tinham andado mais de seis milhas durante a noite, andaram outras duas antes de se levantarem e terminarem a primeira jornada. Depois que se levantaram, Ricciardo teve uma conversa mais formal com *messer* Lizio e poucos dias depois, tal como convinha, casou-se de novo com a jovem em presença de amigos e parentes, levou-a para casa em meio a grande festa e, depois de honrosas e belas núpcias, viveu longo tempo com ela em paz e consolo, caçando rouxinóis à vontade, de dia e de noite.

QUINTA NOVELA

Guidotto da Cremona deixa uma menina com Giacomin da Pavia e morre; Giannole di Severino e Minghino di Mingole amam a menina em Faenza; brigam; a menina é reconhecida como irmã de Giannole e é dada por esposa a Minghino.

Ouvindo a história do rouxinol, as mulheres riram tanto que, embora Filostrato tivesse acabado de contar, elas nem por isso conseguiam parar de rir. No entanto, depois de rirem mais um pouco, a rainha disse:

– Sem dúvida, se ontem nos afligiu, hoje nos fez rir tanto que já ninguém tem razão de se queixar de você.

E, voltando-se para Neifile, ordenou-lhe que narrasse, e ela começou a falar alegremente.

– Já que Filostrato, em sua narração, foi até a Romanha, também eu terei prazer em passear um pouco por lá na história que vou contar.

Digo, pois, que na cidade de Fano moraram outrora dois lombardos, um chamado Guidotto da Cremona e outro, Giacomin da Pavia, homens já maduros que haviam passado quase toda a juventude como soldados em feitos bélicos. Guidotto, às portas da morte, não tendo nenhum filho nem outro amigo ou parente em quem confiasse mais que em Giacomin, deixou-lhe ao morrer uma menina de cerca de dez anos de idade e tudo o que tinha no mundo, depois de lhe contar muita coisa de sua vida.

Naquela época a cidade de Faenza, que durante muito tempo passara por guerras e desventuras, voltou a gozar de melhor situação, e a quem quisesse retornar para lá foi concedida a permissão de voltar livremente; por isso, Giacomino, que já havia ali morado e gostado do lugar, voltou com todas as suas coisas, levando consigo a menina deixada por Guidotto, que ele amava e tratava como sua própria filha.

Ela, crescendo, tornou-se formosa como nenhuma outra havia então na cidade; e, assim como era bonita, tinha também bons costumes e era séria. Por esse motivo, começou a ser cortejada por diversos rapazes, mas, acima de tudo, por dois que eram bastante airosos e sentiam por ela o mesmo grande amor, a tal ponto que, por ciúme, começaram a nutrir imenso ódio um pelo outro: chamavam-se eles Giannole di Severino e Minghino di Mingole. E, tendo ela quinze anos de idade, nenhum deles deixaria de tomá-la de bom grado por

esposa, caso as respectivas famílias permitissem; assim, vendo que por vias legítimas ela lhes era vedada, cada um deles tratou de obtê-la da melhor maneira que pudesse.

Giacomino tinha em casa uma criada madura e um criado chamado Crivello, que era pessoa folgazã e amistosa; com ele Giannole tinha muita familiaridade e, quando lhe pareceu oportuno, revelou-lhe todo o seu amor, pedindo-lhe que o ajudasse a satisfazer seu desejo e prometendo-lhe grandes coisas caso conseguisse.

Crivello lhe disse:

– Veja, nisso eu não poderia fazer nada por você, a não ser colocá-lo onde ela estivesse alguma vez em que Giacomino saísse para jantar fora, pois, mesmo que eu quisesse dizer a ela algumas palavras a seu favor, ela nunca me daria ouvidos. Se quiser, prometo fazer isso e farei; faça você depois, se souber, o que achar melhor.

Giannole disse que mais não desejava, e assim se puseram de acordo.

Minghino, por outro lado, fizera amizade com a criada e conseguira que ela transmitisse vários recados à menina e que quase lhe inspirasse amor por ele; além disso, ela lhe prometera que o introduziria junto à menina, caso Giacomino saísse à noite por alguma razão.

Não muito tempo depois disso, por obra de Crivello, Giacomino foi jantar com um amigo; Giannole foi avisado, e Crivello combinou com ele que, ao ver certo sinal, fosse para lá e encontraria a porta aberta. A criada, por outro lado, sem saber de nada disso, avisou Minghino de que Giacomino não jantava em casa, dizendo-lhe que ficasse nas imediações da casa e, quando visse um sinal que ela faria, viesse e entrasse. Ao anoitecer, os dois enamorados, nada sabendo um do outro, mas suspeitando um do outro, foram com companheiros armados tomar a devida posse. Minghino, à espera do sinal, foi postar-se com os seus homens em casa de um amigo que era vizinho da moça; Giannole ficou com os seus em local um tanto distante da casa.

Crivello e a criada, depois que Giacomino saiu, empenhavam-se em livrar-se um do outro. Crivello dizia à criada:

– Já não está na hora de dormir? Por que fica assim dando voltas pela casa?

E a criada dizia:

– E você, por que não vai ficar com o patrão? O que está esperando aqui, se já jantou?

E assim um não conseguia tirar o outro do lugar.

Mas Crivello, percebendo que chegara a hora combinada com Giannole,

disse consigo: “Por que estou me importando com essa aí? Se não ficar quieta, vai levar a dela”; e, fazendo o sinal combinado, foi abrir a porta, e Giannole logo entrou com dois companheiros; encontrando a moça na sala, pegaram-na para levá-la embora. A moça começou a resistir e a gritar muito, e a criada fez o mesmo. Minghino, ouvindo os gritos, correu para lá com os companheiros e, quando viram a moça sendo puxada já fora da porta, sacaram as espadas, gritando:

– Ah, traidores, vão morrer; não vão ter o que querem: que violência é essa?

E, dito isso, começaram a desferir golpes. Por outro lado, a vizinhança toda saiu de casa ao ouvir o barulho e, com tochas e armas em punho, começou a condenar aquela ação e a ajudar Minghino. Foi assim que, depois de muita resistência, Minghino arrebatou a moça a Giannole e a pôs de volta em casa de Giacomino. Mal acabara a briga, chegaram os guardas do capitão da cidade e prenderam muitos deles; entre outros, foram apanhados e presos Minghino, Giannole e Crivello. Depois que a coisa serenou, Giacomino voltou e, muito triste com o incidente, examinou os acontecimentos e concluiu que a moça não tinha culpa alguma, o que o acalmou um pouco, mas, para que nunca mais ocorresse outro caso semelhante, decidiu casá-la assim que possível.

Na manhã seguinte, os familiares de ambas as partes, sabendo da verdade dos fatos e cientes do mal que poderia advir aos rapazes presos caso Giacomino quisesse pôr em prática aquilo a que tinha direito, foram falar com ele e, com palavras doces, pediram-lhe que desse menos peso à injúria recebida do pouco juízo dos jovens do que à estima e à consideração que, segundo acreditavam, ele tinha por aqueles que lhe faziam o pedido, comprometendo-se e comprometendo os jovens que haviam causado o mal a repará-lo da maneira que ele quisesse.

Giacomino, que naquela idade já vira muitas coisas e tinha bons sentimentos, respondeu rapidamente:

– Estivesse eu em minha terra ou na dos senhores, como estou, teríamos a mesma amizade, de modo que tanto nisso quanto em qualquer outra coisa eu não faria nada que não lhes agradasse; além disso, devo dobrar-me ainda mais à sua vontade porque a ofensa foi cometida contra os senhores mesmos, pois essa jovem, ao contrário do que pensam muitos, não é de Cremona nem de Pávia, mas de Faenza, e nem eu, nem ela, nem aquele de quem a recebi nunca soubemos de quem era filha; por isso, quanto ao que estão me pedindo, farei aquilo que me impuserem.

Os bravos homens, quando souberam que ela era de Faenza, ficaram admirados; e, agradecendo a Giacomino sua resposta generosa, pediram-lhe o

favor de lhes dizer como ela lhe chegara às mãos e como sabia que ela era de Faenza. Giacomino disse:

– Guidotto da Cremona foi meu companheiro e amigo; às portas da morte me disse que, quando esta cidade foi tomada pelo imperador Frederico e tudo foi saqueado, ele entrou com companheiros numa casa e a achou cheia de coisas, mas vazia de moradores, exceto a menina, que tinha dois anos de idade mais ou menos e, ao vê-lo subindo a escada, chamou-o de pai; ele, tomado de compaixão, levou-a consigo a Fano, junto com todas as coisas da casa, e, ao morrer ali, deixou-a comigo, com tudo o que tinha, exigindo que, chegada a hora, eu a casasse e lhe desse por dote o que era dele; chegada a idade de lhe dar marido, não me apareceu ninguém que me agradasse; é o que quero fazer, antes que outro caso semelhante ao de ontem venha a acontecer.

Entre aqueles que ali estavam encontrava-se certo Guiglielmino da Medicina, que estivera com Guidotto naquele feito e sabia muito bem de quem era a casa que Guidotto saqueara; e vendo esse homem entre os outros, aproximou-se dele e disse:

– Bernabuccio, ouviu o que Giacomino disse?

Disse Bernabuccio:

– Sim; e estava pensando, porque me lembro que naquele tumulto perdi uma filhinha da idade que Giacomino está dizendo.

Guiglielmino disse:

– Decerto é ela, porque na época, eu estava perto de Guidotto e o ouvi dizer onde havia sido feito o saque e reconheci que era a sua casa; por isso, force a memória e, se achar que a reconheceria por algum sinal, mande chamá-la e vai descobrir com certeza que é sua filha.

Bernabuccio, pensando, lembrou-se de que ela devia ter uma cicatriz em forma de cruz na orelha esquerda, por causa de uma excrescência que ele mandara tirar um pouco antes daquele incidente; por isso, sem demora, aproximou-se de Giacomino, que ainda estava lá, e pediu-lhe que o levasse à sua casa e lhe permitisse ver a jovem. Giacomino levou-o lá de bom grado e a pôs diante dele. Bernabuccio, ao vê-la, teve a impressão de estar vendo o rosto da mãe dela, que ainda era uma bela mulher; mesmo assim, para não se limitar a isso, pediu a Giacomino o favor de lhe permitir levantar um pouco o cabelo dela acima da orelha esquerda; Giacomino concordou. Bernabuccio, aproximando-se da moça, que estava toda encabulada, levantou seus cabelos com a mão direita e viu a cruz; então, reconhecendo que ela era de fato sua filha, começou a chorar e a abraçá-la com ternura, enquanto ela relutava. Dirigindo-se a Giacomino, ele

disse:

– Meu irmão, esta é minha filha; a minha casa foi a casa saqueada por Guidotto, e, naquele urgente frenesi minha mulher, mãe dela, a esqueceu lá dentro e até hoje acreditamos que ela tivesse morrido queimada na casa que naquele mesmo dia foi incendiada.

A jovem, ouvindo isso de um homem maduro, dando fé às suas palavras e movida por alguma oculta virtude, aceitou os seus abraços e com ele começou a chorar enternecidamente. Bernabuccio logo mandou chamar a mãe dela, outras parentas, as irmãs e os irmãos e, mostrando-a a todos e narrando o fato, depois de mil abraços e muitas efusões, o que deixou Giacomino muito contente, levou-a consigo para casa.

Ao tomar conhecimento de tudo isso, o capitão da cidade, que era homem valoroso e sabia que Giannole, que estava preso, era filho de Bernabuccio e irmão carnal da moça, decidiu tratar com indulgência a falta cometida; e, servindo de mediador, com Bernabuccio e Giacomino, reconciliou Giannole e Minghino; e deu a jovem, cujo nome era Agnesa, por mulher a Minghino, para grande alegria de todos os seus parentes; com eles, libertou Crivello e os outros que estavam implicados no mesmo caso.

Depois disso, Minghino realizou belas e grandiosas bodas e, levando-a para casa, com ela viveu com paz e prosperidade por muitos anos.

SEXTA NOVELA

Gian di Procida, encontrado com uma jovem que ele ama e foi dada ao rei Frederico, é amarrado ao poste para ser queimado na fogueira com ela; reconhecido por Ruggieri de Loria, escapa e torna-se seu marido.

Terminada a história de Neifile, de que as mulheres gostaram muito, a rainha ordenou a Pampineia que se dispusesse a contar alguma. E ela prontamente ergueu o rosto sereno e começou.

– Amáveis senhoras, são imensas as forças do amor, que predispõem os amantes a grande e extraordinária labuta, bem como a perigos imprevistos, como se pode compreender por muitas coisas contadas hoje e de outras vezes; mesmo assim, terei o prazer de demonstrá-lo também com a audácia de um jovem enamorado.

Ischia é uma ilha bem próxima de Nápoles, onde outrora houve uma mocinha das mais formosas e joviais, cujo nome era Restituta, filha de um fidalgo da ilha, chamado Marin Bolgaro, e amada por um jovem de uma ilhota vizinha a Ischia, chamada Procida; o nome dele era Gianni e a amava mais que à própria vida, sendo por ela amado. Gianni não só durante o dia ia de Procida a Ischia para vê-la, mas também várias vezes à noite, não encontrando barco, fora nadando de Procida a Ischia para poder ver, na falta de mais, pelo menos os muros da casa dela.

Durava esse amor tão ardente quando a jovem, certo dia de verão, sozinha na praia, ia de uma rocha a outra a colher conchas, destacando-as da pedra com uma faquinha, até que chegou a um lugar entre as rochas, onde, quer pela sombra, quer pela comodidade de uma nascente de água fresca que ali havia, tinham-se abrigado alguns jovens sicilianos que vinham de Nápoles com uma fragata. Estes, vendo a linda moça, que ainda não os vira, e vendo-a sozinha, decidiram que a pegariam e a levariam embora; e à decisão seguiu-se o efeito. Assim, apesar de seus muitos gritos, eles a pegaram, puseram na embarcação e zarparam. Chegando à Calábria, começaram a conversar para ver com quem ela ficaria e, em suma, todos a queriam; por isso, não havendo acordo entre eles, temendo que as coisas piorassem e suas relações se deteriorassem por causa dela, acertaram entre si que a levariam a Frederico, rei da Sicília, que então era jovem e se divertia com coisas assim; foram então para Palermo e fizeram isso.

O rei, vendo-a tão bonita, gostou; mas, como ela ainda era um tanto franzina,

ordenou que, até ficar mais forte, fosse instalada em algumas lindas casas de um jardim de sua propriedade, ao qual davam o nome de Cuba, e que ali fosse servida; e assim foi feito.

Foi grande o clamor em Ischia pelo rapto da jovem, e o mais entristecedor era o fato de não se saber quem a havia raptado. Mas Gianni, a quem isso importava mais que a qualquer um, não esperando para descobrir os fatos em Ischia e sabendo que direção a fragata tomara, mandou armar outra, embarcou e, o mais depressa que pôde, percorreu toda a costa de Minerva a Scalea na Calábria; e, perguntando por todos os lugares sobre a moça, em Scalea ficou sabendo que ela fora levada por marinheiros sicilianos para Palermo. Para lá Gianni se fez conduzir o mais depressa possível e, depois de muito procurar, descobriu que a moça fora dada ao rei e estava sendo guardada para ele na Cuba, o que o deixou muito irado e quase o fez perder todas as esperanças não só de reavê-la, mas até mesmo de revê-la.

Apesar disso, retido pelo amor, dispensou a fragata e, sabendo que ninguém o conhecia, ficou ali; e, passando com frequência pela Cuba, um dia por acaso a viu a uma janela, e ela o viu, com o que ambos ficaram muito contentes. Gianni, percebendo que o lugar era ermo, aproximou-se o mais que pôde e falou com ela, sendo por ela informado daquilo que deveria fazer se quisesse falar-lhe mais de perto; então foi embora, não sem antes estudar toda a disposição do lugar. Esperando a noite, deixou passar uma boa parte desta para voltar ali e, agarrando-se a lugares nos quais os pica-paus não teriam se segurado, entrou no jardim, encontrou lá uma estaca, apoiou-a à janela indicada pela moça e por ela subiu facilmente.

A moça, considerando que já perdera a honra que tanto protegera no passado, mostrando-se meio arisca com ele e achando que a ninguém se entregaria com mais dignidade do que a ele, que poderia ser induzido a levá-la embora, tomara a decisão de satisfazer todos os desejos dele; portanto, deixara a janela aberta, para que ele pudesse entrar rapidamente. Encontrando-a, pois, aberta, Gianni entrou em silêncio e deitou-se ao lado da moça, que não estava dormindo. E ela, antes de passar a outras coisas, revelou-lhe toda a sua intenção, pedindo-lhe encarecidamente que a tirasse dali e a levasse embora. Gianni disse que nada lhe daria mais prazer, e que, sem falta, tão logo se despedisse dela, disporia tudo de tal modo que a levaria consigo da próxima vez que voltasse. Depois disso, abraçaram-se com imenso prazer e entregaram-se àquele deleite além do qual o Amor não pode propiciar maior; e, depois de o reiterarem várias vezes, adormeceram nos braços um do outro sem perceberem.

O rei, que gostara da moça já à primeira vista, lembrou-se dela e, sentindo-se em boa forma, apesar da proximidade do dia decidiu ir ficar um pouco em sua companhia; e, silenciosamente, foi com alguns servidores seus à Cuba. Entrando na casa, mandou que abrissem devagar o quarto no qual sabia que a jovem dormia, penetrou com uma grande tocha acesa e, olhando para o leito, viu-a ao lado de Gianni, ambos nus, abraçados e adormecidos. Isso o deixou tão ferozmente irado que, sem dizer nada, por pouco não matou os dois ali mesmo, com um punhal que trazia na ilharga. Depois, considerando que seria covarde da parte de qualquer homem, quanto mais de um rei, matar duas pessoas nuas e adormecidas, conteve-se e teve a ideia de fazê-los morrer em público e na fogueira; então, dirigindo-se a um único companheiro que estava com ele, disse:

– Que acha desta mulher pérfida, em quem eu depositava minhas esperanças?

E perguntou se conhecia o rapaz que tanta audácia tivera de ir à sua casa ultrajá-lo e desgostá-lo.

Aquele a quem foi feita a pergunta respondeu que não se lembrava de tê-lo visto jamais.

O rei saiu irritado do quarto e ordenou que os dois amantes, nus como estavam, fossem presos e amarrados e, quando o dia clareasse, levados a Palermo e atados na praça a um poste, de costas um para o outro, ficando ali até soar a terça, para serem vistos por todos; depois deveriam ser queimados, tal como haviam merecido; e, dizendo isso, voltou furioso para seu quarto em Palermo.

Assim que o rei partiu, muitos homens se lançaram sobre os dois amantes e não só os acordaram como os prenderam e amarraram imediatamente, sem piedade alguma. É fácil imaginar como os dois jovens, vendo aquilo, sofreram, temeram pela vida, choraram e lastimaram-se. Segundo a ordem dada pelo rei, foram levados a Palermo e atados a um poste na praça, enquanto diante de seus olhos ia sendo preparada a lenha para a fogueira na qual deveriam queimar, na hora ordenada pelo rei.

Para lá foram rapidamente todos os habitantes de Palermo; homens e mulheres concorreram para ver os dois amantes: os homens acorriam para olhar a jovem e a louvavam por ser inteiramente bonita e bem-feita, e as mulheres, que corriam para olhar o jovem, elogiavam-no, de outro lado, por ser sumamente bonito e bem-feito. Mas os infelizes amantes, muitíssimo envergonhados, permaneciam de cabeça baixa e choravam seu infortúnio, esperando de hora em hora a cruel morte no fogo. E, enquanto eram assim mantidos até a hora marcada, visto que se apregoava por toda parte a falta que haviam cometido, os

fatos chegaram aos ouvidos de Ruggier de Loria113, homem de valor inestimável, então almirante do rei, que foi até o lugar onde eles estavam amarrados para vê-los; chegando lá, primeiro olhou a moça e admirou-lhe a beleza, para depois ir olhar o rapaz e, sem muita dificuldade, reconheceu-o; aproximando-se mais dele, perguntou-lhe se era Gianni di Procida.

Gianni, erguendo o rosto e reconhecendo o almirante, respondeu:

– Fui, sim, aquele que o senhor está perguntando, mas estou prestes a deixar de ser.

Quando o almirante lhe perguntou o que o levara àquilo, Gianni respondeu:

– O amor e a ira do rei.

O almirante pediu-lhe que se estendesse em mais pormenores e, depois de ouvir tudo, fazia menção de partir quando Gianni o chamou de volta e disse:

– Ah, senhor, se for possível, obtenha uma graça de quem me obriga a estar assim.

Ruggieri perguntou qual; Gianni disse:

– Sei que devo morrer, e logo; estou de costas para essa jovem que amei mais que minha própria vida e por quem fui amado, e ela de costas para mim; queria que me fosse concedida a graça de ficarmos de frente um para o outro, pois morrer vendo o seu rosto me permitirá ir consolado.

Ruggieri, rindo, disse:

– Vou fazer que você a veja tanto que ainda vai ficar farto.

E, afastando-se dele, ordenou aos que estavam incumbidos de executar a coisa que, até segunda ordem do rei, não fizessem mais do que estava feito; e, sem tardar, foi falar com o rei. Embora o encontrasse irritado, não deixou de lhe dizer o que achava, e disse:

– Em que o ofenderam aqueles dois jovens que por ordem sua vão queimar ali na praça?

O rei disse. Ruggieri prosseguiu:

– A falta que cometeram bem o merece, mas não por você; e, assim como as faltas merecem punição, também os benefícios merecem recompensa, além da graça e da misericórdia. Sabe quem são aqueles que está querendo queimar?

O rei respondeu que não. Ruggieri disse:

– Quero que os conheça, para ver com quanto discernimento você se deixa levar pelos ímpetos da ira. O rapaz é filho de Landolfo di Procida, irmão carnal de *messer* Gian di Procida, por cuja obra você é rei e senhor desta ilha. A moça é filha de Marin Bolgaro, cujo poder impede hoje que seus representantes sejam expulsos de Ischia. Além disso, aqueles dois são jovens que se amam há muito

tempo e, premidos pelo amor, e não pela vontade de desrespeitar seu poder, cometeram esse pecado, se é que se deve chamar de pecado o que os jovens fazem por amor. Por que então quer mandá-los para a morte, se deveria obsequiá-los com muitos favores e presentes?

O rei, ouvindo isso e certificando-se de que Ruggieri dizia a verdade, não só deixou de prosseguir fazendo o pior como também lamentou o que havia feito; por isso, imediatamente ordenou que os dois jovens fossem desamarrados do poste e levados perante ele, o que foi feito. E, tendo conhecido inteiramente a posição deles, achou que devia compensar com honrarias e presentes a injúria cometida; e, mandando vesti-los honrosamente, sabendo que havia consentimento mútuo, dispôs o casamento de Gianni com a jovenzinha e, dando-lhes magníficos presentes, mandou-os de volta contentes para casa, onde foram recebidos com grande festa e depois viveram juntos durante muito tempo com prazer e alegria.

SÉTIMA NOVELA

Teodoro, apaixonado por Violante, filha de messer *Amerigo, seu senhor, a emprenha e é condenado à forca; chicoteado a caminho do patíbulo, é reconhecido pelo pai e, absolvido, casa-se com Violante.*

As mulheres, querendo saber, temerosas e ansiosas, se os dois amantes iam ser queimados, ao ouvirem que tinham escapado alegraram-se e louvaram a Deus; e a rainha, chegado o fim, impôs a Lauretta a incumbência de contar a seguinte, e ela começou alegre a dizer:

– Lindas senhoras, no tempo em que o bom rei Guilherme governava na Sicília, havia na ilha um fidalgo chamado *messer* Amerigo Abate da Trapani, que era bem provido tanto de bens materiais quanto de filhos. Por isso, precisava de servidores e, como chegavam do Levante várias galeras de corsários genoveses que, costeando a Armênia, apanhavam muitos meninos, comprou alguns que acreditava serem turcos; entre eles, que davam mostras de ser pastores, havia um menino que parecia mais nobre e tinha melhor aspecto que os outros; chamava-se Teodoro. Este foi crescendo e, apesar de tratado como escravo, criou-se em casa com os filhos de *messer* Amerigo; e, puxando mais à natureza do que ao acidente[114], começou a mostrar-se educado e de bons modos, e *messer* Amerigo gostava tanto dele que o alforriou; e, acreditando que fosse turco, mandou batizá-lo com o nome de Pietro, incumbindo-o de administrar seus negócios e confiando muito nele.

Como os outros filhos de *messer* Amerigo, cresceu também uma filha chamada Violante, bela e delicada; enquanto o pai demorava a casá-la, ela se tomou de paixão por Pietro, e, embora o amasse e tivesse em grande estima seus costumes e suas ações, sentia vergonha de revelar-se. Mas Amor lhe poupou esse trabalho, pois Pietro, que mais de uma vez reparara nela, apaixonou-se tanto que não sentia alegria se não a visse; mas temia muito que alguém o percebesse, por lhe parecer que não agia bem. A jovem, que gostava muito de olhar para ele, deu-se conta disso e, para torná-lo mais confiante, mostrava-se muito contente com aquilo, como de fato estava. E assim passaram bastante tempo, sem ousarem dizer coisa alguma um ao outro, embora os dois muito o desejassem.

Mas, enquanto ambos ardiam do mesmo modo nas amorosas chamas, a Fortuna, como se tivesse deliberado que aquilo deveria ocorrer, ofereceu-lhes um modo de expulsarem o medo assustador que lhes servia de empecilho. *Messer*

Amerigo tinha, a cerca de uma milha de Trapani, uma linda propriedade aonde a esposa, a filha, criadas e outras senhoras costumavam ir com frequência a passeio. Certo dia muito quente, em que foram para lá levando Pietro, tal como vemos às vezes ocorrer no verão, de repente o céu se cobriu de nuvens escuras; a mulher e suas acompanhantes, não querendo ser apanhadas ali pelo mau tempo, puseram-se a caminho para voltar a Trapani, andando o mais depressa que podiam.

Mas Pietro, que era jovem, e a menina, também, adiantaram-se muito à mãe e às outras companheiras, impelidos talvez não menos pelo amor do que pelo medo do temporal; e, quando já estavam tão adiante da mãe e das outras mulheres que mal eram vistos, depois de muitas trovoadas começou subitamente uma saraivada densa e espessa, que obrigou a mãe e suas acompanhantes a refugiar-se em casa de um lavrador. Pietro e a moça, não encontrando refúgio mais fácil, entraram numa casinha115 velha e quase toda desmoronada, onde não morava ninguém, e apertaram-se debaixo do pouco teto que ainda restava, de modo que a escassez do abrigo obrigou-os a tocar-se, e esse toque deu ensejo a certo encorajamento para que manifestassem os desejos amorosos.

Primeiro Pietro disse:

– Quisera Deus que, estando como estou, esse granizo nunca parasse.

E a jovem disse:

– Eu também gostaria.

E a essas palavras seguiram-se o aperto de mãos, o achego, passando-se deste ao abraço e depois ao beijo, e lá fora granizando. E, para não contar tudo tim-tim por tim-tim, digo que o tempo não melhorou antes que eles conhecessem as supremas delícias do amor e não combinassem o modo de a partir daí darem prazer um ao outro em segredo. O mau tempo acabou, eles esperaram a mãe na entrada da cidade, que estava próxima, e com ela voltaram para casa. Ali, com muita discrição e em segredo, para grande consolo dos dois, encontraram-se algumas vezes, e as coisas correram de tal modo que a jovem emprenhou, o que foi muito desagradável para os dois; por esse motivo ela usou de muitas artimanhas para contrariar o curso da natureza e desemprenhar, coisa que nunca conseguiu fazer.

Pietro, temendo por sua vida, decidiu fugir e lhe comunicou; ela, ao ouvir, disse:

– Se você for embora, é certeza que me mato.

Pietro, que a amava muito, disse:

– Mulher, como quer que eu fique? A sua prenhez vai pôr à mostra a nossa

falta; você vai ser perdoada facilmente, mas eu, coitado, hei de ser punido pelo seu pecado e pelo meu.

A jovem disse:

– Pietro, o meu pecado vai ficar bem conhecido; mas esteja certo de que o seu, se você não disser nada, nunca vai ser descoberto.

Pietro então disse:

– Já que promete, fico, mas trate de cumprir a palavra.

A moça, que manteve a prenhez em segredo o máximo que pôde, ao perceber, pelo crescimento do corpo, que não poderia escondê-la mais, um dia a revelou à mãe chorando muito e suplicando-lhe que a salvasse. A mulher, extremamente aborrecida, disse-lhe muitos impropérios e quis saber como aquilo acontecera. A moça, para que Pietro não fosse prejudicado, inventou uma mentira, vestindo a verdade com outras formas. A mulher acreditou e, para encobrir o erro da filha, mandou-a para uma propriedade deles.

Ali, chegada a hora do parto, estava a moça gritando como fazem as mulheres, sem que a mãe imaginasse que *messer* Amerigo iria lá (pois quase nunca ia), quando ele, voltando de caçar passarinhos, ao passar ao lado do quarto onde a filha gritava, ficou muito espantado, entrou de repente e perguntou o que estava acontecendo. A mulher, vendo o marido chegar, levantou-se pesarosa e contou o que acontecera à filha. Mas ele, menos propenso do que a mulher a acreditar naquilo, disse que não devia ser verdade que ela não soubesse de quem estava prenhe, e por isso queria saber de tudo; e que, contando, ela poderia obter seu perdão; caso contrário, deveria saber que morreria sem nenhuma misericórdia. A mulher tentou como pôde fazer o marido satisfazer-se com aquilo em que ela acreditara; mas de nada adiantou.

Enfurecido, ele arremeteu de espada em punho contra a filha, que, enquanto a mãe o retinha com palavras, havia parido um menino, e disse:

– Ou conta quem gerou esse filho, ou morre agora mesmo.

A moça, temendo a morte, quebrou a promessa feita a Pietro e contou tudo o que houvera entre os dois. Ouvindo-a, o cavaleiro encheu-se de fúria feroz e com dificuldade se absteve de matá-la, mas, depois de lhe dizer o que a ira lhe ditava, montou a cavalo, foi para Trapani e contou a certo *messer* Corrado, que era capitão do rei, a injúria que Pietro lhe fizera, e este mandou apanhá-lo imediatamente, sem que ele suspeitasse de nada; Pietro, submetido à tortura, confessou tudo o que fizera.

Alguns dias depois, o capitão o condenou a ser chicoteado pela cidade e depois enforcado; e, para tirar do mundo ao mesmo tempo os dois amantes e o

filho deles, *messer* Amerigo – que nem por conduzir Pietro à morte aplacara sua ira – pôs veneno numa taça com vinho e entregou-a a um empregado com um punhal nu, dizendo:

– Vá com estas duas coisas falar com Violante e de minha parte diga-lhe que escolha logo qual destas duas mortes quer, o veneno ou o punhal; se não o fizer, diga que a mandarei queimar na fogueira diante de todos os cidadãos, tal como ela mereceu; depois de fazer isso, pegue o filho que ela pariu há poucos dias, bata a cabeça dele na parede o jogue-o para servir de pasto aos cães. Proferida essa cruel sentença pelo pai feroz contra a filha e o neto, o empregado saiu, mais disposto ao mal que ao bem.

Pietro, enquanto ia sendo conduzido à forca sob vergastadas, passou – conforme a vontade dos que guiavam a brigada – diante de uma estalagem onde estavam três nobres da Armênia, enviados pelo rei da Armênia a Roma como embaixadores para tratarem com o papa de importantes coisas relativas a uma cruzada que se faria; tinham ali se hospedado para abastecer-se e descansar alguns dias e haviam sido muito obsequiados pelos nobres de Trapani, especialmente por *messer* Amerigo, e, ao ouvirem passar os homens que conduziam Pietro, foram à janela olhar.

Pietro estava nu da cintura para cima e com as mãos amarradas atrás; um dos três embaixadores, que era homem idoso e de grande autoridade, chamado Fineu, viu no seu peito uma grande mancha vermelha, não pintada, mas impregnada de nascença na pele, como aquelas que as mulheres daqui chamam “rosas”. Vendo-a, logo lhe acudiu à memória um filho que, já fazia quinze anos, tinha sido roubado por corsários na praia de Ajazo116, do qual nunca mais tivera notícias; e, considerando a idade do coitado que estava sendo chicoteado, imaginou que, se vivo fosse, seu filho deveria ter a mesma idade que ele aparentava; começou então a desconfiar por aquele sinal que talvez fosse ele; e achou que, se fosse, ainda se lembraria do próprio nome, do nome do pai e da língua armênia.

Por isso, quando ele chegou mais perto, chamou:

– Ó Teodoro!

Pietro, ouvindo essa voz, levantou de repente a cabeça. Fineu, disse então em armênio:

– De onde vem? Filho de quem?

Os guardas que o conduziam pararam em respeito ao bravo homem, de modo que Pietro respondeu:

– Vim da Armênia, filho de um homem chamado Fineu, trazido na infância

por não sei que gente.

Fineu, ouvindo isso, teve certeza de que ele era o filho que perdera; por isso, desceu chorando com os companheiros e foi abraçá-lo no meio de todos os guardas; e, jogando sobre suas costas um manto de riquíssimo tecido que envergava, pediu àquele que o levava para a execução que fizesse o favor de esperar ali, até que lhe chegasse a ordem de reconduzi-lo. Ele respondeu que esperaria de bom grado.

Fineu já soubera a razão pela qual ele estava condenado à morte, visto que a fama correra por toda parte; por isso, foi rapidamente com companheiros e criados falar com *messer* Corrado e lhe disse:

– Aquele que o senhor condenou à morte como escravo é homem livre e meu filho, e está disposto a casar-se com aquela a quem, segundo se diz, tirou a virgindade; por isso, peço-lhe que adie a execução até que se possa saber se ela o quer por marido, para que, caso ela queira, não se verifique que o senhor contrariou a lei.[117]

Messer Corrado, ao saber que ele era filho de Fineu, ficou muito admirado; e, um tanto envergonhado da injustiça da Fortuna, admitindo ser verdade o que Fineu dizia, logo o fez voltar para casa e, mandando chamar *messer* Amerigo, contou-lhe essas coisas. *Messer* Amerigo, que acreditava já estarem mortos a filha e o neto, sentiu o maior pesar do mundo pelo que fizera, ao perceber que, se ela não estivesse morta, tudo poderia ser muito bem reparado; mesmo assim, mandou alguém ir correndo ao local onde estava a filha, para que, caso sua ordem não tivesse sido cumprida, não se cumprisse. Aquele que foi até lá encontrou o empregado enviado por *messer* Amerigo a dizer impropérios à moça porque, depois de ter posto o punhal e o veneno à sua frente, ela não se decidia depressa, e ele queria obrigá-la a escolher um dos dois. Mas, ouvindo a ordem de seu senhor, deixou-a em paz e retornou, dizendo ao patrão como estavam as coisas. Com isso *messer* Amerigo ficou contente e foi ao local onde estava Fineu e, quase chorando, da melhor maneira que soube, desculpou-se do que ocorrera e pediu perdão, afirmando que, se Teodoro quisesse sua filha por esposa, ficaria muito feliz em dá-la.

Fineu aceitou as desculpas com boa vontade e respondeu:

– Quero que meu filho se case com sua filha; e, se ele não quiser, que seja cumprida a sentença proferida contra ele.

Havendo, pois, acordo entre Fineu e *messer* Amerigo, estando Teodoro ainda temeroso da morte e feliz por ter reencontrado o pai, perguntaram qual era sua vontade em relação a essas coisas. Teodoro, ao saber que Violante seria sua

mulher, se ele quisesse, ficou tão feliz que achou que do inferno pulava para o paraíso e disse que seria uma grande graça para ele se aquilo fosse de agrado dos dois. Assim, mandou-se perguntar à moça a sua vontade; ela, ouvindo o que acontecera com Teodoro e o que estava por acontecer, enquanto esperava a morte como a mais dolorosa das mulheres, depois de muito tempo deu alguma fé às palavras e alegrou-se um pouco, respondendo que, se o seu desejo fosse nisso satisfeito, nada lhe poderia dar mais felicidade do que tornar-se mulher de Teodoro; mesmo assim, faria o que o pai mandasse. Estando, pois, todos de acordo, fez-se o casamento da jovem, com uma grande festa e máxima alegria de todos os cidadãos.

A moça, revigorando-se e fazendo amamentar o seu filhinho, não demorou muito para voltar a estar mais bonita que nunca; e, saindo do resguardo do parto, foi apresentar-se a Fineu, cujo retorno de Roma se esperou, fazendo-lhe a reverência devida a um pai; e ele, muito contente por ter nora tão formosa, mandou realizar as bodas com grande festa e alegria, recebendo-a como filha e considerando-a como tal para sempre. Depois de alguns dias, embarcando com o filho, com ela e o netinho numa galera, levou-os para Ajazo, onde os dois amantes moraram com sossego e prazer enquanto viveram.

OITAVA NOVELA

Nastagio degli Onesti, amando uma moça da família Traversaro, gasta suas riquezas sem ser amado. Vai embora para Chiassi, a rogo de sua família; ali vê um cavaleiro caçar uma jovem, matá-la e dá-la a dois cães para a devorarem. Convida os seus parentes e a mulher amada para um almoço, e ela vê essa mesma jovem sendo despedaçada; temendo que lhe ocorra o mesmo, aceita Nastagio por marido.

Quando Lauretta se calou, assim começou Filomena, por ordem da rainha:

– Amáveis senhoras, assim como a piedade é louvada em nós, também em nós é a crueldade rigorosamente castigada pela justiça divina; para demonstrá-lo e lhes dar ensejo de expulsá-la totalmente de si mesmas, terei a satisfação de contar uma história não só comovente como também deleitante.

Em Ravena, antiquíssima cidade da Romanha, houve outrora muitos nobres e ricos, entre os quais um jovem chamado Nastagio degli Onesti que, com a morte do pai e de um tio, ficou desmedidamente rico. Não tendo mulher, tal como ocorre aos jovens apaixonou-se por uma filha de *messer* Paolo Traversaro, moça muitíssimo mais nobre que ele, que Nastagio tinha a esperança de conquistar com ações; estas, embora imensas, belas e louváveis, não só não adiantavam nada como até parecia que o prejudicavam, tão cruel, dura e esquiva se mostrava a jovem amada, que se tornara altiva e desdenhosa, talvez em razão da singular beleza ou da nobreza, a ponto de não gostar dele e de nada do que ele gostasse. Para Nastagio isso era tão difícil de suportar que várias vezes, depois de muito lastimar, teve ele desejos de matar-se. Por fim, abstendo-se disso, tomou frequentes decisões de esquecê-la totalmente ou, se pudesse, de sentir por ela o ódio que ela tinha por ele. Mas em vão se propunha tais coisas, pois parecia que, quanto mais a esperança minguava, tanto mais o amor aumentava.

Como o rapaz continuasse amando e gastando desmesuradamente, alguns amigos e parentes acharam que ele em breve consumiria a si mesmo e às suas coisas; por isso, diversas vezes lhe pediram e aconselharam que saísse de Ravena e fosse para algum outro lugar onde ficasse durante certo tempo, pois, fazendo isso, diminuiria o amor e os gastos. Nastagio frequentemente zombou desse conselho, mas foi tão instado por eles que, não podendo dizer não tantas vezes, prometeu que o faria; e, mandando fazer grandes preparativos, como se fosse para a França, para a Espanha, ou para algum outro lugar distante, montou

a cavalo e, acompanhado por muitos amigos, saiu de Ravena e foi para um lugar a cerca de três milhas da cidade, chamado Chiassi; para ali mandou levar pavilhões e tendas, disse àqueles que o acompanhavam que queria ficar lá, e que voltassem para Ravena. Portanto, vivendo em tendas, Nastagio começou a levar a melhor e mais magnificente vida que já se viu, convidando ora estes, ora aqueles para cear ou almoçar, como era costume.

Certa sexta-feira, porém, quase chegava maio e o tempo estava belíssimo, ele começou a pensar naquela mulher cruel e, ordenando a todos os criados que o deixassem só para poder meditar mais à vontade, foi dando um passo após outro, sempre a pensar, e acabou por se transportar ao pinhal. Havia já quase passado a quinta hora do dia, e ele, tendo penetrado cerca de meia milha pelo pinhal, sem se lembrar de comer nem de coisa nenhuma, de repente teve a impressão de ouvir choro e lamentos altos de mulher; assim se desfizeram seus doces pensamentos, e ele, erguendo a cabeça para ver o que era, admirou-se por estar no pinhal; além disso, olhando à frente, viu chegar correndo por um bosquezinho denso, cheio de arbustos e espinheiros, em direção ao lugar onde estava, uma belíssima jovem nua, desgrenhada e toda arranhada por ramos e espinhos, chorando e gritando por piedade; ao lado dela, viu dois grandes e ferozes mastins, que a perseguiam implacavelmente e, sempre que a alcançavam, a mordiam com crueldade; atrás, viu chegar, montado num ginete negro, um cavaleiro moreno, de semblante muito irado, que, com um estoque na mão, a ameaçava de morte com palavras assustadoras e vis. Diante daquilo, ele se encheu de admiração e espanto e, sentindo compaixão da desventurada mulher, teve desejo de libertá-la da angústia e da morte, caso pudesse. Mas, estando sem armas, recorreu a um galho de árvore à guisa de porrete e começou a investir contra os cães e a enfrentar o cavaleiro. Mas o cavaleiro, vendo isso, gritou-lhe de longe:

– Nastagio, não se meta, deixe que os cães e eu façamos o que essa mulher malvada mereceu.

E, enquanto dizia isso, os cães agarraram fortemente a jovem pelos flancos e a detiveram; o cavaleiro chegou e apeou. Nastagio, aproximando-se dele, disse:

– Não sei quem é você, que me conhece; mas digo-lhe que é muita covardia um cavaleiro armado querer matar uma mulher nua e pôr os cães no seu encalço como se ela fosse uma fera selvagem; e sem dúvida eu a defenderei o quanto puder.

O cavaleiro então disse:

– Nastagio, fui de sua cidade, e você ainda era pequeno quando eu, que me

chamava *messer* Guido degli Anastagi, estava muito mais apaixonado por essa mulher do que você está agora pela filha dos Traversari, e, por causa da atrocidade e da crueldade dela, a minha desgraça chegou a tal ponto que um dia, desesperado, me matei com este estoque que está vendo em minha mão e estou condenado às penas eternas. Não muito tempo depois, ela, que ficou felicíssima com minha morte, morreu também e, não se arrependendo do pecado da crueldade e da alegria que sentiu com os meus tormentos, por achar que não tinha havido pecado, mas merecimento, também foi condenada às penas do inferno e assim está. Pois, tão logo ela desceu ao inferno, recebemos os dois uma pena: ela está condenada a fugir de mim, e eu, que já a amei tanto, estou condenado a segui-la como inimiga mortal, e não como mulher amada; e, sempre que a alcanço, devo matá-la com este estoque que usei para me matar, abri-la pelas costas, arrancar do corpo o coração duro e frio, no qual nunca puderam entrar amor nem piedade e, como você verá em breve, dá-lo junto com as outras vísceras de comer a estes cães. Depois, não demora muito para que ela – conforme querem a justiça e o poder de Deus – ressurja como se nunca tivesse estado morta e recomece a dolorosa fuga, enquanto os cães e eu a seguimos. E todas as sextas-feiras a esta hora eu a alcanço aqui e aqui faço a carnificina que verá; e nos outros dias não pense que descansamos, mas eu a alcanço em outros lugares nos quais ela pensou ou agiu contra mim com crueldade; e eu, que passei de amante a inimigo, como está vendo, preciso segui-la dessa maneira durante tantos anos quantos foram o meses em que ela usou de crueldade contra mim. Por isso, deixe que execute a justiça divina, não queira opor-se àquilo que você não poderia combater.

Nastagio, ao ouvir essas palavras, intimidou-se totalmente e quase não lhe sobrou pelo do corpo que não se arrepiasse; então recuou e começou a olhar a mísera moça e a esperar, temeroso, o que o cavaleiro ia fazer. Este, terminando de falar, de estoque em punho arremeteu como cão raivoso contra a moça que, ajoelhada e fortemente retida pelos dois mastins, gritava por piedade, e feriu-a com toda a força no meio do peito, varando-a até o outro lado. A jovem, ao receber esse golpe, caiu de bruços, sempre chorando e gritando; e o cavaleiro, pegando uma faca, abriu-a nas costas e, extraindo-lhe o coração e todas as outras coisas em torno dele, atirou-o aos dois mastins, que o comeram imediatamente com muita fome. Não demorou muito para que a jovem, como se nada daquilo tivesse acontecido, se pusesse em pé de repente e começasse a fugir em direção ao mar, com os cães atrás, sempre a mordê-la; e o cavaleiro, voltando a montar e a empunhar seu estoque, começou a segui-la, de modo que em pouco tempo se

afastaram e Nastagio deixou de vê-los.

Depois de ver essas coisas, Nastagio ficou um bom tempo entre apiedado e amedrontado; passado algum tempo, veio-lhe à mente que aquilo poderia lhe ser muito útil, pois ocorria todas as sextas-feiras; por isso, marcando bem o lugar, voltou até onde estavam seus empregados e, quando lhe pareceu oportuno, mandou chamar vários parentes e amigos e lhes disse:

– Durante muito tempo vocês me incentivaram a deixar de amar aquela minha inimiga e a pôr fim aos meus gastos; estou disposto a isso desde que me façam um favor, que é o seguinte: sexta-feira que vem, arranjem tudo para que *messer* Paolo Traversaro, esposa, filha e todas as parentes, bem como outras mulheres que queiram, venham almoçar aqui comigo. O motivo deste meu desejo vocês entenderão então.

Eles acharam que era coisa simples de fazer e prometeram que o fariam; e, voltando a Ravena, no momento oportuno convidaram as pessoas que Nastagio queria e, mesmo sendo difícil levar a sua amada, ela acabou indo com os outros. Nastagio mandou preparar um almoço magnífico e ordenou que as mesas fossem postas debaixo dos pinheiros ao redor daquele lugar onde ele vira a dilaceração da mulher cruel; e, convidando os homens e as mulheres a sentarem-se à mesa, organizou tudo de tal modo que a jovem amada se sentasse bem em frente ao local onde o fato deveria ocorrer.

Havia já chegado o último prato quando todos começaram a ouvir o desesperado estrépito da caçada da jovem e, espantando-se muito, perguntavam o que era aquilo; como ninguém soubesse dizer, levantaram-se todos e foram olhar o que seria; então viram a pobre moça, o cavaleiro e os cães, e não demorou muito para que estes chegassem aonde estavam os convidados. Então estes começaram a gritar para os cães e o cavaleiro, e muitos se adiantaram para ajudar a jovem, mas o cavaleiro, falando-lhes como falara a Nastagio, não só os fez recuar como também os encheu de pavor de espanto; e, fazendo o mesmo que fizera da outra vez, provocou triste pranto em todas as mulheres que ali estavam, como se aquilo fosse feito contra elas mesmas (e muitas havia lá que eram parentes da jovem sofredora e do cavaleiro, e que se lembravam do amor e da morte dele). Terminado aquilo tudo, depois que a mulher e o cavaleiro foram embora, todos os que haviam visto a cena começaram a conversar sobre muitas e várias coisas, mas entre os que mais tinham ficado assustados estava a cruel jovem que Nastagio amava e que vira e ouvira tudo distintamente e sabia que a si mesma mais que a qualquer outra pessoa aquelas coisas diziam respeito, pois se lembrava da crueldade de que sempre usara com Nastagio; de modo que já

tinha a impressão de se ver a fugir dele, que a seguia irado, e de ter os mastins no seu encalço.

E foi tamanho o medo nela causado que, para evitar que aquilo lhe acontecesse, assim que se apresentou a ocasião oportuna (o que ocorreu naquela mesma noite), ela – em quem o ódio se transmudara em amor – mandou em segredo uma fiel camareira falar com Nastagio, pedindo-lhe em seu nome que fizesse o favor de ir falar com ela, pois estava disposta a fazer tudo o que fosse do seu agrado. Nastagio mandou dizer que aquilo lhe dava muito gosto, mas que, desde que fosse do agrado dela, ele queria ter sua vontade satisfeita com honra para ela, e que a vontade dele era tê-la por mulher. A jovem, sabendo que só dependera dela não ter sido mulher de Nastagio, mandou responder que aceitava. Assim, sendo ela mesma a mensageira, disse ao pai e à mãe que ficaria contente em ser esposa de Nastagio, com o que eles ficaram muito felizes.

No domingo seguinte Nastagio a desposou e, celebradas as bodas, viveu feliz com ela muito tempo. Aquele medo não deu ensejo apenas a esse bom efeito; ao contrário, todas as mulheres de Ravena ficaram tão amedrontadas, que a partir de então se tornaram muito mais compreensivas do que antes tinham sido com os desejos dos homens.

NONA NOVELA

Federigo degli Alberighi ama e não é amado; gastando em cortesias, arruína-se, e sobra-lhe um único falcão; não tendo outra coisa, dá à mulher, que fora à sua casa, o falcão para comer; ela, ao saber disso, muda o modo de pensar, casa-se com ele e o enriquece.

Filomena acabara de falar, e a rainha, percebendo ser a única que não contara uma história, além de Dioneu, que tinha seu privilégio, disse alegre:

– Compete a mim agora contar uma história e vou narrar, caríssimas senhoras, algo em parte semelhante à história anterior, para que as senhoras não só saibam o poder que tem sua beleza sobre os corações nobres como também para que aprendam a ser, quando preciso, doadoras de suas próprias recompensas, sem deixarem que a Fortuna as guie o tempo todo. Pois ela nem sempre dá com discernimento, e sim, na maioria das vezes, descomedidamente.

Como devem saber, Coppo di Borghese Domenichi, que viveu em nossa cidade e talvez ainda viva, homem de grande e reverenda autoridade em nossa época, insigne e digno de eterna fama muito mais pelos costumes e pela virtude do que pela nobreza de sangue, quando já avançado em anos entretinha-se frequentemente a contar coisas passadas a vizinhos e outras pessoas: e sobre essas coisas ele sabia falar melhor, mais pormenorizadamente e com mais clareza de memória e ornamentos do que qualquer outra pessoas. Costumava dizer, entre outras belas coisas, que em Florença houve no passado um jovem chamado Federigo di *messer* Filippo Alberighi, estimado em exercícios de cavalaria e em cortesia mais do que qualquer outro donzel[118] da Toscana. Como ocorre com a maioria dos fidalgos, apaixonou-se por uma gentil dama chamada *monna* Giovanna, considerada em seu tempo uma das mais formosas e graciosas mulheres que havia em Florença; e, para poder conquistar o amor dela, ele promovia justas, participava de torneios, oferecia festas, dava presentes e gastava seus bens sem nenhum freio; mas ela, honesta tanto quanto bela, não se importava com nada dessas coisas que lhe eram feitas nem com aquele que as fazia.

Federigo, gastando mais do que podia e sem nada ganhar em troca, como ocorre facilmente dissipou as riquezas e ficou pobre, restando-lhe nada mais que uma pequena propriedade, de cuja renda vivia parcimoniosamente, e, além dela, um falcão que era dos melhores do mundo. Assim, amando mais que nunca e

achando que não poderia ser citadino como desejava, foi morar em Campi, onde ficava sua pequena propriedade. Ali, suportava pacientemente a pobreza, vivendo da caça a passarinhos quando podia e sem pedir ajuda a ninguém.

Ocorre que um dia, tendo Federigo chegado a tais extremos, o marido de *monna* Giovanna ficou doente e, vendo-se às portas da morte, fez testamento. Sendo riquíssimo, deixou como seu herdeiro um filho já crescidinho e, depois dele, tendo amado muito *monna* Giovanna, indicou-a como herdeira substituta, se porventura o filho legítimo morresse sem herdeiro; e morreu.

Ficando viúva, *monna* Giovanna – como é costume de nossas mulheres – passava todos os verões no campo com esse filho, numa propriedade sua bem próxima à de Federigo. Por esse motivo, o rapazinho pegou amizade com Federigo e passou a gostar de pássaros e cães; e, vendo várias vezes o seu falcão voar e gostando extraordinariamente dele, tinha muita vontade de possuí-lo, mas não se atrevia a pedir, por ver que Federigo lhe dava muito valor. Estavam assim as coisas quando o rapazinho adoeceu: a mãe, muito pesarosa, pois não tinha mais filhos e o amava a mais não poder, passava o dia todo perto dele e não parava de confortá-lo, perguntando várias vezes se havia algo que ele desejasse e pedindo que lhe dissesse, porque, se fosse possível ter o que ele queria, ela daria um jeito de obter.

O rapazinho, ouvindo tantas vezes essa oferta, disse:

– Mamãe, se a senhora conseguir o falcão de Federigo, acho que logo fico bom.

A mulher, ouvindo isso, ficou em silêncio e começou a pensar o que deveria fazer. Sabia que Federigo a amara durante muito tempo, sem receber dela nem sequer um olhar, e por isso pensava: “Como mandarei ou irei pedir-lhe aquele falcão que, pelo que ouço dizer, é o melhor que já voou e, além disso, o sustenta? E como vou ser tão indiscreta a ponto de querer subtrair a um gentil-homem o único prazer que lhe restou?”. E, tolhida por tais pensamentos, sem ter a menor dúvida de que o conseguiria, caso o pedisse, sem saber o que dizer, não respondia ao filho e continuava calada.

Por fim, foi vencida pelo amor ao filho e, para contentá-lo, decidiu que, houvesse o que houvesse, não mandaria ninguém, mas iria pessoalmente pedi-lo e o traria; então respondeu:

– Meu filho, fique sossegado e faça força para se curar, pois prometo que a primeira coisa que farei amanhã cedo será ir buscá-lo e trazê-lo aqui.

Com isso o menino ficou feliz e naquele mesmo dia mostrou alguma melhora.

Na manhã seguinte, em companhia de outra mulher, a dama foi à casinha de Federigo como que a passeio e pediu que o chamassem. Visto que não era temporada, naqueles dias ele não caçara e estava num pomar preparando alguns pequenos trabalhos; ao ouvir que *monna* Giovanna perguntava por ele à porta, ficou muito admirado e correu para lá, feliz.

Quando o viu chegar, levantou-se com graça senhoril e foi a seu encontro, depois que Federigo a cumprimentou reverentemente, e disse:

– Espero que esteja bem, Federigo! – e prosseguiu: – Vim compensar os danos que você já sofreu por me amar mais do que teria sido preciso, e como reparação pretendo, com esta minha companheira, almoçar com você familiarmente esta manhã.

Federigo respondeu humildemente:

– Não me lembro de nenhum dano provindo da senhora, mas sim bem, e tanto que, se alguma vez vali alguma coisa, isso adveio do seu valor e do bem que lhe quis. E por certo tenho em muito maior estima essa sua visita liberal do que se me fosse dado voltar a gastar tanto quanto gastei no passado, embora a senhora tenha vindo ao encontro de um anfitrião pobre.

E, dizendo isso, recebeu-a timidamente em casa e depois a levou ao jardim; lá, como não contasse com ninguém para lhe fazer companhia, disse:

– Como não há outra pessoa, esta boa senhora, mulher daquele lavrador, lhe fará companhia enquanto eu vou lá dentro cuidar dos preparativos da mesa.

Apesar da pobreza extrema, ele ainda não percebera a tamanha necessidade em que se encontrava por ter dissipado desbragadamente as suas riquezas; mas aquela manhã, na qual não encontrou nada com que pudesse obsequiar a mulher por cujo amor obsequiara um sem-número de homens, deu-lhe consciência disso. E, extremamente angustiado, amaldiçoando no íntimo a Fortuna, como quem está fora de si, agitava-se de lá para cá, sem encontrar dinheiro nem nada que pudesse empenhar. E a hora já ia adiantada quando ele, desejando muito obsequiar com alguma coisa a gentil senhora, mas não querendo pedir ajuda a ninguém, nem mesmo a um de seus trabalhadores, avistou o bom falcão na saleta, em sua alcândora; por isso, não tendo outra coisa a que recorrer, pegou-o e, percebendo que estava gordo, achou que seria uma digna refeição para a referida dama. Então, sem pensar duas vezes, puxou-lhe o pescoço e entregou-o a uma criadinha, que bem depressa o pelou, temperou, pôs num grande espeto e assou diligentemente. Já estava posta a mesa com alvíssimas toalhas – pois ainda sobravam algumas – quando ele voltou radiante para o jardim e disse à dama que estava pronto o almoço que ele pudera preparar. Então a mulher e sua

companheira levantaram-se, foram sentar-se à mesa e, ao lado de Federigo, que as servia com muita devoção, sem nem imaginarem o que estavam comendo, comeram o bom falcão.

Depois de se levantarem da mesa e de passarem algum tempo com ele em conversas agradáveis, achando a dama que chegara o momento de dizer por que tinha ido ali, voltou-se para Federigo e começou a falar benevolamente:

– Federigo, lembrando-se de sua vida passada e da minha honestidade, a que você talvez tenha dado o nome de dureza e crueldade, não duvido que se espante com a minha ousadia quando eu lhe disser qual foi o principal motivo que me trouxe aqui, mas, se você tivesse filhos ou os tivesse tido um dia, talvez pudesse saber a força do amor que temos por eles, e a minha impressão é de que talvez me desculpasse em parte. Mas, como não os tem, eu, que tenho um, não posso fugir às leis comuns às outras mães; e, devendo seguir essas forças, mesmo contrariando a minha vontade e todas as conveniências e deveres, preciso pedir-lhe que me dê algo que sei ser muito precioso para você, o que é compreensível, uma vez que não lhe sobrou outro prazer ou outra diversão ou outro consolo; e o que lhe peço é o falcão, pelo qual meu filho está tão apaixonado que, se não o levar, temo que sua doença se agrave muito e que sobrevenha algo que o leve de mim. Por isso lhe peço – não pelo amor que tem por mim, pois esse não o obriga a nada, mas por sua nobreza, que no uso da cortesia se mostrou maior que a de qualquer outra pessoa – que me faça a gentileza de dá-lo, para que com esse presente eu possa dizer que salvei a vida do meu filho, e ele com isso lhe seja sempre grato.

Federigo, ouvindo o que a mulher pedia e sentindo que não poderia servi-la porque lhe tinha dado o falcão para comer, começou a chorar na sua frente antes de conseguir responder com palavras. A mulher primeiramente acreditou que aquele choro fosse causado pela dor de precisar separar-se do bom falcão, mais que de qualquer outra coisa, e estava até para dizer que já não o queria, mas, contendo-se, esperou que depois do pranto viesse a resposta de Federigo, que falou da seguinte maneira:

– Depois que Deus quis que na senhora eu depositasse o meu amor, considerei que a Fortuna me era adversa em muitas coisas e dela me queixei; mas todas aquelas coisas foram leves diante do que ela está me fazendo agora, e nunca mais me reconciliarei com ela, só de pensar que a senhora, que nunca se dignou ir à minha casa quando ela era rica, veio a esta minha casa pobre pedir um pequeno presente, e eu não posso dá-lo porque ela, com suas ações, não o permitiu. Vou dizer rapidamente por que não posso dá-lo. Assim que fiquei

sabendo que vossa mercê queria almoçar comigo, levando em conta sua excelência e seu valor, considerei digno e conveniente obsequiá-la com a mais preciosa iguaria que estivesse ao meu alcance e que fosse diferente das que costumo oferecer a outras pessoas: por isso, lembrando-me do falcão que está sendo pedido e da sua boa qualidade, achei que ele seria uma refeição digna da senhora, e assim, hoje pela manhã, ele esteve em seu prato, assado, enquanto eu avaliava que o tinha empregado muito bem; mas, vendo agora que a senhora o desejava de outra maneira, sinto-me tão pesaroso por não poder servi-la, que acredito que nunca mais terei paz.

E, dito isso, para provar o que dizia ordenou que pusessem diante dela as penas, os pés e o bico. A mulher, vendo e ouvindo essas coisas, primeiro o reprovou por ter matado tal falcão para dar de comer a uma mulher e depois, no íntimo, louvou sua magnanimidade, que nem a pobreza pudera embotar. Em seguida, perdendo todas as esperanças de ter o falcão e, por isso, passando a temer muito pela saúde do filho, despediu-se melancólica e voltou para casa. O filho, quer pela melancolia de não poder ter o falcão, quer pela doença que de qualquer modo o levaria àquilo, depois de não muitos dias despediu-se desta vida, para grande dor da mãe.

Esta passou muito tempo chorando amargamente, mas, como ficara riquíssima e ainda era jovem, foi várias vezes instada pelos irmãos a casar-se de novo. Apesar de não querer fazê-lo, vendo-se muito solicitada e lembrando-se do valor de Federigo e de sua última magnificência, ou seja, matar um falcão daqueles para obsequiá-la, disse aos irmãos:

– Pela minha vontade, se vocês permitissem, eu não me casaria de novo; mas, como vocês tanto querem que eu me case, digo que não aceitarei nenhum outro marido que não seja Federigo degli Alberighi.

Os irmãos, zombando dela, disseram:

– Sua tola, o que está dizendo? Como quer se casar com ele, que não tem nada neste mundo?

Ela respondeu:

– Meus irmãos, sei muito bem que as coisas são como dizem, mas prefiro homem sem riqueza a riqueza sem homem.

Os irmãos, percebendo a sua decisão e sabendo que Federigo era homem de valor, ainda que pobre, deram-lhe a irmã com todas as suas riquezas, conforme ela quis. Federigo, vendo-se casado com tal mulher que ele tanto amara e, além disso, riquíssimo, tornando-se melhor administrador de seus bens, terminou feliz os seus dias ao lado dela.

DÉCIMA NOVELA

Pietro di Vinciolo vai jantar fora; sua mulher chama um rapaz à sua casa; Pietro volta, ela esconde o rapaz debaixo de uma cesta de frangos; Pietro diz que em casa de Ercolano, com quem estava jantando, foi encontrado um jovem introduzido pela mulher dele; sua esposa censura a mulher de Ercolano; um asno, por azar, pisa nos dedos daquele que está debaixo da cesta, ele grita, Pietro corre até lá, vê o rapaz, percebe a traição da mulher, mas no fim faz as pazes com ela por causa de sua perversão.

Quando a narração da rainha chegou ao fim, todos louvaram a Deus, que recompensou Federigo dignamente, e Dioneu, que nunca esperava ordem, começou:

– Não sei se devo dizer que é por vício acidental conferido aos mortais pelos maus costumes ou que é por defeito de nascença que rimos mais das coisas ruins, especialmente quando não nos tocam, do que das boas obras. Por isso o esforço que fiz da outra vez e agora estou para fazer tem como único objetivo subtrair-lhes melancolia e dar-lhes riso e alegria, embora o assunto da minha próxima história, ó jovens enamoradas, seja em parte não muito decoroso; mas, como pode alegrar, vou contá-la mesmo assim; e as senhoras, ao ouvi-la, deverão fazer aquilo que costumam quando entram num jardim, ou seja, estender a mão delicada, colher as rosas e deixar lá os espinhos: farão isso deixando de lado o homem pervertido e seu azar e desonestidade, rindo alegremente das traições amorosas de sua mulher e tendo compaixão das desgraças alheias, quando necessário.

Houve em Perugia, não faz muito tempo, um homem rico chamado Pietro di Vinciolo, que se casou mais talvez para enganar os outros e atenuar a opinião geral que todos os perusinos tinham dele do que propriamente por vontade; e a Fortuna foi tão condizente com os seus apetites nesse aspecto que a mulher com quem ele se casou era uma jovem bem disposta, de cabelo ruivo e tez acesa, que deveria ter dois maridos, e não um, mas teve de se contentar com um que estava muito mais interessado em outras coisas do que nela.

Isso ela foi percebendo com o passar do tempo; e, vendo que era bonita e viçosa, e sentindo-se forte e poderosa, primeiro ficou muito irritada com aquilo e às vezes trocava palavras ásperas com o marido, vivendo quase sempre em

discórdia com ele; depois, vendo que isso serviria muito mais para lhe consumir a saúde do que para corrigir o vício do marido, disse com seus botões: “Esse safado me abandona por suas perversões, andando de tamancos em tempo seco[119]; então, eu vou dar um jeito de trazer outro ao barco, para o tempo chuvoso. Eu me casei com ele e lhe trouxe um dote bom e gordo, achando que era homem e acreditando que gostasse daquilo de que os homens gostam e devem gostar; se soubesse que não era homem, nunca o teria tomado por marido. E ele, sabendo que eu era mulher, por que se casou comigo se as mulheres não são do seu agrado? Quem aguenta uma coisa dessas? Se eu não quisesse viver no mundo, teria virado freira; mas, querendo viver no mundo, como quis e vivo, se for esperar alegria ou prazer desse aí, acho que vou envelhecer esperando à toa; e, quando for velha e me arrepender, de nada adiantarão as queixas por ter perdido a juventude; e, para achar consolo, ele é um ótimo mestre, pois mostra muito bem como eu posso conseguir prazer do mesmo modo que ele consegue; prazer que em mim é louvável e nele é muito reprovável: nisso só violo as leis, ele viola as leis e a natureza”.

A boa mulher, que pensou tais coisas talvez mais de uma vez, para pôr secretamente em prática o que pensava, fez amizade com uma velha que era a cara de Santa Viridiana dando comida às cobras[120] e, de rosário na mão, não perdia uma penitência; essa velha não falava de outra coisa que não fosse da vida dos santos padres e das chagas de São Francisco, sendo considerada santa por todos. Quando lhe pareceu oportuno, a boa mulher lhe revelou completamente suas intenções, e a velha disse:

– Minha filha, bem sabe Deus, que sabe todas as coisas, que você faz muito bem; e, nem que não fosse por qualquer outro motivo, você e todas as moças deveriam fazer isso para não perderem a juventude, pois para quem tem conhecimento não há dor igual à dor do tempo perdido. E para que diabos servimos nós depois que ficamos velhas, se não para cuidar das cinzas em volta da lareira? Se há alguém que sabe e pode dar testemunho disso, essa pessoa sou eu, pois agora que estou velha reconheço o tempo que deixei escapar, não sem um imenso e amargo arrependimento, mas isso de nada adianta; e, embora não o tenha perdido totalmente – não quero que você pense que fui uma tonta –, não fiz o que poderia ter feito; e, quando vejo que estou como você vê que estou e lembro que não encontraria ninguém que me desse fogo e pavio, só Deus sabe a dor que sinto. Com os homens não acontece isso: eles nascem bons para mil coisas, não só para essa, e na maioria das vezes são mais considerados na velhice que na juventude. As mulheres, porém, nascem só para isso e para terem filhos, e

por isso os outros lhes dão valor. E, se não perceber isso por outros sinais, perceba pelo seguinte: estamos sempre preparadas para aquilo, mas os homens não; além disso, uma mulher pode deixar muitos homens cansados, ao passo que muitos homens não conseguem cansar uma mulher. E, já que nascemos para essas coisas, digo-lhe de novo que você faz muito bem em pagar seu marido com a mesma moeda, para que na velhice a alma não tenha o que reprovar à carne. Deste mundo cada um tem aquilo que toma, principalmente as mulheres, que precisam aproveitar o tempo que têm muito mais que os homens, porque, como você deve saber, quando envelhecemos nem o marido nem ninguém nos quer ver pela frente; ao contrário, nos enxotam para a cozinha e lá ficamos contando histórias ao gato e tomando conta de panelas e tigelas; e pior é quando zombam de nós e dizem "Mulher nova é bom bocado, velha nos deixa embuchados", e outras coisas mais que costumam dizer. E, para não ficar falando muito, digo somente que você não poderia ter encontrado ninguém no mundo mais útil que eu para revelar suas intenções, porque não há ninguém tão distinto que me faça deixar de dizer o que é preciso, nem ninguém tão duro e grosseiro que eu não amoleça muito bem e leve a fazer o que quero. Então dê um jeito de me mostrar quem você quer e deixe o resto comigo: mas não esqueça uma coisa, minha filha: cuide de mim, porque eu sou pobre e, a partir de agora, quero que você seja *partífice*[121] de todas as minhas indulgências e de todos os pais-nossos que eu rezar, para que Deus dê luz e candeia aos seus mortos.

E encerrou.

E assim a moça combinou com a velha que, se encontrasse com um rapaz que passava com muita frequência por aquele lugar, cujos sinais ela descreveu, saberia o que deveria fazer: e, dando-lhe um pedaço de carne salgada, mandou-a embora com Deus. A velha, não muitos dias depois, introduziu às escondidas o rapaz indicado no quarto dela e, daí a pouco tempo, um outro, conforme os que iam agradando à jovem senhora; e, tudo o que pudesse fazer nesse assunto, nem por temer o marido ela deixava de fazer.

Certa noite, quando o marido precisava ir jantar com um amigo que se chamava Ercolano, a jovem ordenou à velha que lhe trouxesse um rapaz que era dos mais bonitos e agradáveis de Perugia; a velha cumpriu prontamente. Estava a jovem senhora sentada à mesa com o rapaz para jantar, e eis que Pietro chamou à porta, pedindo que a abrissem. A mulher, ouvindo isso, achou que estava perdida; mas, querendo de qualquer jeito esconder o jovem e não tendo a ideia de mandá-lo embora ou de escondê-lo em qualquer outro lugar, mandou-o esconder-se debaixo de uma cesta de frangos que havia num pequeno alpendre

perto do quarto onde jantavam e jogou por cima da cesta o pano de um enxergão que fora esvaziado durante o dia; feito isto, foi correndo abrir a porta para o marido.

Quando ele entrou em casa, ela disse:

– Bem depressa o senhor engoliu esse jantar.

Pietro respondeu:

– Nem sequer provamos.

– E por que isso? – perguntou a mulher.

Pietro então disse:

– Vou contar. Nós já estávamos sentados à mesa, Ercolano, a mulher dele e eu, quando ouvimos perto de nós alguém espirrar. Não nos preocupamos na primeira nem na segunda vez, mas quem estava espirrando espirrou mais uma terceira e uma quarta e uma quinta vez e muitas outras, de modo que ficamos espantados. Então Ercolano, que já estava meio irritado com a mulher porque ela tinha nos feito esperar um tempão lá fora antes de abrir a porta, disse quase furioso: “O que significa isso? Quem é que está espirrando assim?”; e, levantando-se da mesa, foi em direção à escada que ficava bem perto dali, e embaixo dela, perto do pé da escada, havia um vão fechado com tábuas para guardar alguma coisa em caso de necessidade, como faz todo dia quem quer pôr a casa em ordem. Achando que o barulho do espirro vinha dali, ele abriu uma portinhola que havia lá, e, assim que abriu, saiu o maior fedor de enxofre do mundo, se bem que um pouco antes, quando sentimos o fedor e nos queixamos, a mulher tinha dito: “É porque agora há pouco eu alvejei as roupas com enxofre, e pus debaixo da escada a vasilha que uso para espalhar a roupa que vai receber a fumaça, por isso ainda se sente o cheiro”. Ercolano, depois de abrir a portinhola e esperar que o fedor enfraquecesse, olhou lá dentro e viu quem tinha espirrado e ainda espirrava, porque era forçado a espirrar pelo cheiro do enxofre, e, de tanto espirrar, o enxofre já lhe havia fechado o peito a tal ponto que pouco faltava para ele deixar de espirrar e de fazer qualquer outra coisa. Ercolano, quando o viu, gritou: “Mulher, agora estou entendendo por que há pouco, quando chegamos, precisamos ficar lá fora tanto tempo até a porta ser aberta; mas eu não vou sossegar enquanto você não me pagar por essa!”. A mulher, ouvindo isso e sabendo que a sua culpa estava clara, nem sequer pediu desculpas e já se levantou da mesa e fugiu, e não sei para onde foi. Ercolano, sem perceber que a mulher estava fugindo, mandou várias vezes o sujeito que espirrava sair de lá; mas ele já estava sem forças e, por mais que Ercolano falasse, não saía do lugar; então Ercolano o pegou por um pé, puxou-o para fora e foi correndo pegar

uma faca para matá-lo; mas eu, que já tenho medo dos guardas do podestade, me levantei e não deixei que ele o matasse nem machucasse; ao contrário, comecei a gritar e a defendê-lo tanto, que todos os vizinhos correram para lá, pegaram o jovem já derreado e o levaram para fora da casa, não sei aonde; por isso, nosso jantar foi perturbado, e eu não só não o engoli, como nem sequer o provei, conforme disse.

Ouvindo isso, a mulher percebeu que havia outras tão espertas quanto ela, embora às vezes algumas fossem atingidas pela desgraça; bem que gostaria de dizer algumas palavras para defender a esposa de Ercolano, mas, achando que com a censura às faltas alheias deixaria o caminho mais livre para as suas, começou a dizer:

– Mas que bonito! Mas que mulher boa e santa deve ser ela; mas que fidelidade de mulher honesta; eu teria até me confessado com ela, de tão devota que parecia! E pior: velha já, está dando um ótimo exemplo às mais novas. Maldita seja a hora em que ela veio ao mundo e ainda continua vivendo nele, mulher pérfida e cruel que deve ser, vergonha geral e desonra para todas as mulheres desta cidade, porque jogou fora a honestidade e a fidelidade prometida ao marido e à honra deste mundo. Trocando por outro aquele marido que é homem tão bom e cidadão tão honrado, que a tratava tão bem, ela não se envergonhou de desonrar a si mesma enquanto o desonrava. Deus que me livre! De mulheres como ela não se deveria ter misericórdia: elas deveriam ser mortas, deveriam ser queimadas vivinhas na fogueira para virar cinza!

Depois, lembrando-se do amante que tinha posto debaixo da cesta bem perto dali, começou a pedir a Pietro que fosse dormir, porque já estava na hora. Pietro, que tinha mais vontade de comer que de dormir, perguntava se não havia sobras do jantar, e a mulher respondeu:

– Ah, claro que há jantar! Nós temos mesmo o costume de fazer jantar quando você não está! Claro que eu sou a mulher de Ercolano! Ah, por que não vai dormir por esta noite? É o melhor que você pode fazer!

Ocorre que no começo da noite alguns lavradores de Pietro tinham chegado com coisas da roça e posto os asnos numa pequena estrebaria que ficava ao lado do alpendre, mas não lhes deram água, e um dos asnos, com muita sede, soltou-se do cabresto e saiu da estrebaria, farejando tudo para ver se encontrava água; assim andando, topou com a cesta debaixo da qual estava rapaz. Este, que precisava estar de cócoras, tinha os dedos de uma das mãos um pouco estendidos no chão para fora da cesta, e tanta foi a sua sorte, ou azar, se quiserem, que o tal asno lhe pisou na mão; ele, sentindo dor imensa, soltou um grande grito.

Pietro, ouvindo aquilo, ficou muito espantado e percebeu que vinha de dentro de casa; por isso, saiu do quarto e, sempre ouvindo gemidos – pois o asno não tirava a pata de cima dos dedos do rapaz, ao contrário, continuava pisando com força –, Pietro disse:

– Quem está aí?

E, correndo até a cesta, levantou-a e viu o rapaz que tremia dos pés à cabeça, não só de dor nos dedos prensados pela pata do asno como também de medo de que Pietro lhe fizesse algum mal. Pietro, reconhecendo o rapaz, porque andara muito tempo atrás dele com suas perversões, perguntou-lhe:

– O que está fazendo aqui?

Mas ele, em vez de responder, suplicava que, pelo amor de Deus, não lhe fizesse nenhum mal.

Pietro então disse:

– Levante-se daí, não tenha medo, não vou lhe fazer nenhum mal; mas, diga uma coisa: como está aqui e por quê?

O jovem contou tudo, e Pietro, feliz com aquele encontro que deixara sua mulher tão triste, tomou-o pela mão e levou-o consigo até o quarto, onde ela o esperava com o maior medo do mundo.

Pietro, sentando-se diante dela, disse:

– Ora, ainda agorinha você estava amaldiçoando a mulher de Ercolano, dizendo que ela devia queimar na fogueira, que era uma vergonha para todas: por que não dizia isso de si mesma? Ou, se não queria falar de si mesma, como teve coragem de falar dela, sabendo que fez coisa igual? É que você foi induzida por uma única razão: vocês são todas iguais, que com as culpas alheias procuram encobrir as próprias faltas; pois que venha o fogo do céu e que todas queimem, raça ruim que vocês são!

A mulher, vendo que, já para início de conversa, ele não lhe fizera outro mal além de falar, tendo a nítida impressão de que ele estava todo derretido por segurar a mão de um rapaz tão bonito, criou coragem e disse:

– Tenho certeza de que você gostaria que caísse fogo do céu, e todas nós queimássemos, porque você gosta de nós tanto quanto os cachorros gostam de pauladas; mas, pela cruz de Deus, isso não vai acontecer. No entanto, eu gostaria de conversar um pouco com você para saber do que está se queixando. É certo que eu ficaria em vantagem se você me comparasse à mulher de Ercolano, que é uma velha papa-hóstias sonsa a quem ele dá tudo o que ela quer e gosta dela como se deve gostar de mulher, o que não acontece comigo. Porque, embora eu ande bem vestida e bem calçada, você sabe muito bem como ando de outras

coisas e há quanto tempo não dorme comigo; e eu preferiria vestir andrajos e andar descalça, sendo bem tratada na cama, a ter todas essas coisas e ser tratada como você me trata. Entenda muito bem, Pietro, que eu sou mulher como as outras e tenho vontade daquilo que as outras têm; e é por isso que, se eu me viro para ter o que não tenho de você, ninguém pode falar mal de mim: pelo menos lhe tenho suficiente consideração para não me meter com lacaios nem com tinhosos.

Pietro percebeu que ela não ia parar de falar a noite inteira e, pouco se importando com ela, disse:

– Agora chega, senhora; vou deixá-la bem satisfeita nesse ponto; faça o grande favor de nos dar alguma coisa para comer, pois tenho a impressão de que esse rapaz ainda não jantou, como eu também não.

– Claro que não – disse a mulher –, ele ainda não jantou, porque quando você apareceu em má hora, nós estávamos nos sentando à mesa para jantar.

– Então vá lá – disse Pietro –, sirva alguma coisa para jantarmos e depois eu vou arranjar as coisas de tal modo que você não terá por que se queixar.

A mulher levantou-se, percebendo que o marido estava contente e, mandando pôr a mesa rapidamente, serviu o jantar que estava pronto e jantou alegremente com o seu marido pervertido e o rapaz.

Depois do jantar, o que Pietro estava pensando em fazer para a satisfação dos três me fugiu da mente; só sei que na manhã seguinte o rapaz estava na praça sem saber ao certo a quem tinha feito mais companhia durante a noite, se à mulher ou ao marido. Por isso quero dizer-lhes, caras senhoras, que se deve retribuir na mesma moeda e, quando isso não é possível, que se guarde tudo na memória até que seja possível, pois assim o burro que bate na parede recebe de volta.

Terminada a história de Dioneu, de que as mulheres não tinham rido tanto, não por não terem achado graça, mas por pudor, a rainha, sabendo que chegara o fim de seu reinado, levantou-se, tirou a coroa de louros, colocou-a gentilmente na cabeça de Elissa e lhe disse:

– Cabe à senhora agora comandar.

Elissa, depois de receber a honra, fez aquilo que todos tinham feito antes dela: dispondo primeiramente com o senescal aquilo que era preciso fazer durante o período de seu reinado, disse, para contentamento do grupo:

– Muitas vezes já ouvimos dizer que com belas palavras, respostas prontas ou rápido engenho muitas pessoas souberam embotar, com a devida mordida, os dentes alheios ou livrar-se de algum perigo iminente; por isso, como o tema é

bonito e pode ser útil, desejo que amanhã, com a ajuda de Deus, as histórias girem em torno dele, ou seja, que falem de alguém que, tendo sido provocado, defendeu-se com palavras espirituosas ou escapou de perdas, perigos ou vexames valendo-se de uma pronta resposta ou de muito engenho.

Todos elogiaram muito o tema, por isso, a rainha se pôs em pé e dispensou-os todos até a hora do jantar. O honrado grupo, vendo que a rainha se levantara, também se pôs em pé e, como era costume, cada um foi fazer aquilo que mais lhe dava prazer.

Mas, quando as cigarras pararam de cantar, foram todos chamados para jantar; durante a ceia, que foi muito festiva, todos cantaram e tocaram. E, tendo já Emília, por ordem da rainha, dado início a uma dança, pediu-se a Dioneu que cantasse uma canção, e ele imediatamente começou *Dona Aldruda, levante o rabo, pois trago boas notícias*. Todas as mulheres começaram a rir, principalmente a rainha, que exigiu que ele deixasse aquela de lado e cantasse outra.

Dioneu disse:

– Senhora, se eu tivesse um pandeiro, cantaria *Levante a roupa, dona Lapa*; ou *Debaixo da oliveira há mato*; ou gostariam que eu cantasse *A onda do mar me faz tanto mal*? Mas não tenho pandeiro, então vejam o que querem destas outras. Gostariam de *Venha para fora ser cortado, como moita no campo*?

A rainha disse:

– Não, cante outra.

– Então – disse Dioneu – cantarei *Dona Simona empipa, empipa, e não é outubro ainda*.

A rainha disse rindo:

– Cruz-credo! Cante uma bonita, se quiser, pois não queremos essa.

Dioneu disse:

– Não, senhora, não me leve a mal: mas de qual afinal gosta? Eu sei mais de mil. Ou será que quer *Esta minha concha, se eu não bato*; ou *Ah, vai devagar, marido* ou *Comprei um galo com cem liras*?

A rainha então, um tanto irritada, embora todas as outras rissem, disse:

– Dioneu, pare de brincar e cante uma bonita; senão, vai ver como eu sei ficar brava.

Dioneu, ouvindo isso, deixou de brincadeiras e logo começou a cantar da seguinte maneira:

Amor, a linda luz
que vejo nos seus olhos cintilar

servidor dela e teu quis me tornar.
Partiu dos olhos dela o resplendor
que em mim as tuas chamas ateou,
pelos meus penetrando;
e até que ponto é grande o teu valor
o belo rosto dela demonstrou
quando, dele eu lembrando,
teu poder foi-me atando
para depois submisso me entregar
a quem razão me dá p’ra suspirar.
E assim foi que entre os teus tu me tiveste,
caro senhor, e espero obediente
do teu poder piedade,
mas do anseio que em meu peito puseste
não sei se saberás inteiramente,
nem se da lealdade
minha por quem me invade
tanto a mente, que paz não posso achar
senão nela, nem mais quero esperar.
Por isso eu te rogo, senhor meu,
que um pouco desse teu abrasamento
tu a faças sentir
a meu favor, e que ela veja que eu
já me consumo amando, e que o tormento
pode me destruir,
e hás de o dever cumprir:
a ela tu me irás recomendar
e eu saberei, por mim, recompensar.

Depois que Dioneu se calou, mostrando que sua canção terminara, a rainha pediu que cantassem muitas outras, apesar de ter elogiado muito a de Dioneu. Mas, depois que a noite avançou um pouco, e a rainha sentiu que o calor do dia fora vencido pelo frescor, ordenou que cada um fosse repousar como quisesse até o dia seguinte.

---

110 Ou seja, a uma distância semelhante à percorrida por uma flecha. (N.T.)

111 Possível corruptela de Mulá Abdala. (N.T.)
112 Ou Anagni. (N.T.)
113 Ou Ruggero di Lauria, famoso almirante da época. (N.T.)
114 No caso: natureza = sua condição essencial de nobre; acidente = aspecto casual ou fortuito em sua vida, ou seja, a sua condição de escravo. Condiz com as convicções da época, que associavam a nobreza a características intrínsecas da pessoa. (N.T.)
115 A edição de Vittore Branca registra *chiesetta*, igrejinha (*op. cit.*, p. 662); a da ed. Bietti (*op. cit.*, p. 290), *casetta*, casinha. Optei por "casinha" motivada pelo verbo que vem a seguir, *dimorare*, morar. (N.T.)
116 Atual Yumurtalik, que os italianos chamavam de Laiazzo. (N.T.)
117 A explicação é que, assim, estaria provado que não houvera violência, e o culpado repararia a falta cometida (*cf.* Vittore Branca, *op. cit.*, p. 667, nota 5). (N.T.)
118 Jovem fidalgo em geral ou aspirante a cavaleiro. (N.T.)
119 Essa metáfora era usada então para a homossexualidade. (N.T.)
120 Segundo consta, entraram na cela de Santa Viridiana duas serpentes que ela sabia terem sido enviadas por Deus para tentarem mortificá-la; por isso as manteve junto de si e as alimentou. (N.T.)
121 Boccaccio usa a forma popular *partefice* em vez de *participe* ("partícipe, participante"), que na fala popular provavelmente sofreu uma contaminação de *artefice* ("artífice"). (N.T.)

Termina a quinta jornada do Decameron*: começa a sexta, na qual, sob o reinado de Elissa, fala-se de alguém que, tendo sido provocado, defendeu-se com palavras espirituosas ou escapou de perdas, perigos ou vexames valendo-se de uma pronta resposta ou de muito engenho.*

SEXTA JORNADA

Estava a lua já no meio do céu, perdidos os seus raios, e a nova luz que chegava já clareava todas as partes do nosso hemisfério, quando a rainha se levantou, mandou chamar os outros e, com passadas um tanto lentas, afastou-se do belo palácio acompanhada por todos; e, passeando sobre a orvalhada, iam conversando sobre uma coisa e outra, discutindo a maior ou menor beleza das histórias contadas e também voltando a rir dos diversos casos narrados naquelas histórias, até que, começando o sol a ficar mais alto e mais quente, todos houveram por bem voltar a casa; então, dando meia-volta, para lá se dirigiram. Ali encontraram as mesas postas e tudo semeado de ervas cheirosas e de belas flores, e, antes que o calor aumentasse, por ordem da rainha todos começaram a comer. Depois da refeição festiva, antes de fazerem qualquer outra coisa, cantaram algumas canções belas e graciosas e, enquanto alguns foram fazer a sesta, outros foram jogar xadrez ou gamão; Dioneu e Lauretta começaram a cantar canções sobre Troilo e Criseida.

Quando chegou a hora de reunirem-se de novo, a rainha chamou seus acompanhantes e, como era costume, sentaram-se todos em torno da fonte; estava já a rainha querendo ordenar que se iniciasse a primeira história quando aconteceu algo que nunca antes acontecera, ou seja, a rainha e todos os outros ouviram muito barulho de criados e empregados na cozinha. Então mandou chamar o senescal e perguntou-lhe quem estava gritando e por que faziam tanto barulho, e ele respondeu que o barulho era de Licisca e Tíndaro, mas a razão não sabia qual era, pois tinha acabado de chegar para mandá-los ficar quietos quando fora chamado por ela. Então a rainha ordenou que ele mandasse chamar imediatamente Licisca e Tíndaro e, quando eles chegaram, perguntou qual era o motivo de todo aquele barulho.

Quando Tíndaro quis responder, Licisca, que já era madura e um tanto mandona, esquentada que estava com a gritaria, voltou-se para ele de cara feia e disse:

– Seu bestalhão, como você ousa falar antes de mim em minha presença? Deixe que falo eu.

E, voltando-se para a rainha, disse:

– Senhora, esse aí quer me ensinar como é a mulher de Sicofante e, sem mais nem menos, como se eu não convivesse com ela, quer me dizer que uma noite antes de Sicofante dormir com ela o senhor Pinto entrou no Monte Negro à força

e com derramamento de sangue; eu digo que não é verdade, que ele entrou pacificamente e para grande prazer de quem estava lá dentro. E é muito besta esse sujeito para acreditar piamente que as moças são tão bobas que ficam perdendo tempo indo na conversa do pai e dos irmãos que, de cada sete vezes, em seis demoram três ou quatro anos mais do que deveriam para casá-las. Meu amigo, estariam fritas se esperassem tanto! Pela fé de Cristo (eu devo saber o que estou dizendo quando juro): não tenho vizinha que tenha se casado donzela, e mesmo das casadas eu sei muito bem com quantas e quais artimanhas enganam os maridos: e esse bobalhão quer me fazer conhecer as mulheres, como se eu tivesse nascido ontem!

Enquanto Licisca falava, as mulheres davam tanta risada que seria possível arrancar todos os seus dentes, e a rainha a mandara calar a boca pelo menos seis vezes, mas de nada adiantara: ela só parou de falar quando já tinha dito tudo o que queria. Depois que ela pôs fim à sua fala, a rainha voltou-se rindo para Dioneu e disse:

– Dioneu, esse assunto é com você: por isso, quando nós tivermos terminado as nossas histórias, você deve dizer alguma sentença final sobre ele.

Dioneu imediatamente respondeu:

– Senhora, a sentença está dada, sem mais ouvir: digo que Licisca tem razão, e acho que as coisas são como ela diz; e que Tíndaro é uma besta.

Licisca, ouvindo isso, começou a rir e disse, voltando-se para Tíndaro:

– Bem que eu dizia: vá com Deus! Acha que sabe mais que eu, você, que ainda usa cueiros? Estou falando sério: não vivi à toa, eu, não.

E, não tivesse a rainha, muito sisuda, imposto silêncio e ordenado que ela parasse de falar e de fazer barulho se não quisesse levar umas varadas, mandando os dois embora, nada mais se teria feito em todo aquele dia a não ser ouvi-la. Depois que eles se foram, a rainha ordenou a Filomena que desse início às histórias; e assim ela começou, alegremente.

PRIMEIRA NOVELA

Um cavaleiro diz a madonna *Oretta que a carregará com uma história: mas, como a conta muito mal, ela diz que quer apear.*

– Jovens senhoras, assim como nas noites claras e serenas as estrelas são ornamento do céu, e na primavera o são as flores dos verdes prados e os frondosos arbustos das colinas, também os costumes louváveis e as conversações agradáveis são ornamentados por ditos espirituosos; que, sendo breves, caem muito melhor às mulheres que aos homens, porque é mais inconveniente às mulheres que aos homens o costume de falar muito. É verdade que, por qualquer razão, seja pela insuficiência de nosso engenho, seja pela singular hostilidade que os céus tenham pelos nossos tempos, hoje poucas mulheres há, ou nenhuma, que saibam no momento oportuno dizer algum ou, quando alguém o diz, entendê-lo como convém: o que é uma vergonha para todas nós. Mas, como Pampineia já falou muito sobre esse assunto, não pretendo dizer nada mais. Para que as senhoras percebam a grande beleza que há em dizê-los na hora certa, pretendo contar o modo cortês como uma dama impôs silêncio a um cavaleiro.

Como muitas das senhoras devem ter conhecido de vista ou de ouvir dizer, não faz muito tempo em nossa cidade viveu uma dama nobre e de bons costumes que falava muito bem, cujo valor não merece que seu nome seja omitido. Chamava-se ela *madonna* Oretta e foi casada com *messer* Geri Spina. Estava ela por acaso no campo, tal como nós estamos, e, indo de um lugar a outro a passeio, ao lado de outras senhoras e alguns cavaleiros que em sua casa haviam almoçado naquele dia, sendo um tanto longo o caminho que levava do lugar de onde saíam para aquele aonde pretendiam ir a pé, disse um dos cavaleiros do grupo:

– *Madonna* Oretta, se quiser, poderei levá-la em grande parte do caminho que precisamos percorrer a cavalo numa das mais belas histórias do mundo.[122]

A dama respondeu:

– Senhor, peço que o faça, pois isso me agradará muitíssimo.

O senhor cavaleiro, em quem talvez a espada assentasse tão mal na ilharga quanto as narrações na língua, ao ouvir isso começou uma história que por si mesma era muito bonita, mas que ele estragava completamente ao repetir três ou quatro vezes uma mesma palavra, ao voltar atrás e dizer às vezes: “Não foi como eu disse”, ao errar frequentemente os nomes, usando um pelo outro; isso para não dizer que ele explicava pessimamente as qualidades das pessoas e as ações

ocorridas.

Ouvindo, *madonna* Oretta muitas vezes sentia ondas de suor e um desfalecimento do coração que lhe dava a impressão de estar doente e prestes a finar-se; até que, não aguentando mais e percebendo que o cavaleiro tinha se metido num emaranhado do qual não conseguia sair, disse gentilmente:

– Senhor, esse seu cavalo tem um trote muito duro, por isso eu lhe peço que, por favor, me apeie.

O cavaleiro, que por sorte era melhor entendedor que narrador, compreendeu o chiste e aceitou-o na brincadeira e sem ofensa, passando a outras histórias e deixando de lado aquela que começara, prosseguira tão mal e não conseguira terminar.

SEGUNDA NOVELA

O padeiro Cisti, com uma só frase, faz messer *Geri Spina arrepender-se de uma pergunta impensada.*

Foram muito louvadas as palavras de *madonna* Oretta tanto pelas mulheres quanto pelos homens, e a rainha pediu que Pampineia prosseguisse; assim, ela começou:

– Belas senhoras, pessoalmente, não sei dizer o que é mais lastimável: se a natureza conjugar um corpo vil a uma alma nobre, ou a Fortuna conjugar um corpo dotado de alma nobre a um vil ofício, tal como pudemos ver em nosso concidadão Cisti e em muitos outros; do referido Cisti, provido de elevadíssimo espírito, a Fortuna fez padeiro. E sem dúvida eu amaldiçoaria tanto a natureza quanto a Fortuna, caso não soubesse que a natureza é discretíssima, enquanto a Fortuna tem mil olhos, embora muitos tolos a representem cega. E considero que elas, sendo muito prevenidas, fazem aquilo que os mortais frequentemente fazem, quando, apreensivos com acontecimentos futuros, enterram em lugares vis da casa, por serem menos suspeitos, as coisas mais valiosas para futuras ocasiões, e nas horas de maior necessidade as retiram daquele lugar vil que as conservou com mais segurança do que se estivessem num belo aposento. Assim, as duas ministras do mundo muitas vezes escondem suas coisas mais preciosas à sombra dos ofícios considerados mais vis, para irem buscá-las nas horas de necessidade, quando aparecem em todo o seu esplendor. E isso o padeiro Cisti demonstrou com coisa modesta, ao abrir os olhos da inteligência de *messer* Geri Spina (que me veio à memória quando se contou a história de *madonna* Oretta, que era sua mulher); é o que terei prazer de expor com uma história bem curta.

Digo, pois, que na época em que o papa Bonifácio (junto ao qual *messer* Geri Spina ocupava elevadíssima posição) mandou a Florença alguns dos seus nobres embaixadores para tratar de importantes negócios, estes se hospedaram em casa de *messer* Geri e, enquanto tratavam em conjunto dos assuntos do papa, seja lá por qual razão, esses embaixadores do papa e *messer* Geri passavam quase todas as manhãs a pé pela frente da igreja Santa Maria Ughi, onde o padeiro Cisti tinha seu estabelecimento e exercia pessoalmente o seu ofício. Embora tivesse reservado um ofício tão humilde a Cisti, a Fortuna lhe fora muito benévola nesse exercício, pois ele ficara riquíssimo e, sem nunca desejar trocar esse trabalho por outro, vivia de modo esplêndido, contando entre as várias boas coisas que tinha

os melhores vinhos brancos e tintos que era possível encontrar em Florença ou em sua região rural.

Cisti via todas as manhãs *messer* Geri e os embaixadores do papa passar diante de sua porta e, como fazia muito calor, achou que seria uma grande cortesia oferecer-lhes o seu bom vinho branco, mas, considerando a sua condição e a de *messer* Geri, não lhe parecia decente a presunção de convidá-los; contudo, imaginou um modo de induzir o próprio *messer* Geri a convidar-se. Vestindo sempre um gibão muito branco e um avental alvejado – o que lhe dava mais a aparência de moleiro que de padeiro –, todas as manhãs, na hora em que sabia que *messer* Geri e os embaixadores passariam por lá, mandava levar à frente de sua porta um balde novo e estanhado cheio de água fresca e uma pequena bilha bolonhesa nova, com o seu bom vinho branco, mais dois copos que pareciam de prata, tão brilhantes eram; sentava-se então e, quando eles passavam, depois de pigarrear uma vez ou duas, começava a beber o vinho com tanto gosto que teria dado vontade a um morto.

Messer Geri, vendo isso uma e duas manhãs, disse na terceira:

– Como é, Cisti? É bom?

Cisti, levantando-se rapidamente, respondeu:

– É, sim senhor, mas não posso dizer quanto é bom se o senhor não experimentar.

Messer Geri, que estava com sede quiçá pelo clima, pelo cansaço talvez maior que o costumeiro ou pelo gosto com que via Cisti beber, dirigiu-se aos embaixadores e disse sorrindo:

– Senhores, valeria experimentar o vinho desse bravo homem: talvez seja tão bom que não nos arrependeremos.

E foram todos em direção a Cisti. Este, mandando trazer imediatamente um bom banco de sua padaria, convidou-os a sentar-se; e aos empregados que já se aproximavam para lavar os copos, disse:

– Companheiros, não se incomodem, deixem que esse serviço eu mesmo faço, pois sei servir tão bem quanto sei enfornar; e não esperem provar nem uma gota!

E, dito isso, foi pessoalmente lavar quatro copos bonitos e novos e, mandando trazer uma pequena bilha do seu bom vinho, serviu diligentemente *messer* Geri e seus companheiros, e eles acharam que fazia muito tempo não tomavam vinho melhor; por isso, elogiaram muito e, enquanto os embaixadores estiveram em Florença, quase todas as manhãs *messer* Geri foi lá com eles tomar vinho.

Quando, terminada sua missão, os embaixadores deviam partir, *messer* Geri ofereceu um grande banquete para o qual convidou uma parte dos mais honrados cidadãos, inclusive Cisti, que não quis ir de maneira nenhuma. Então *messer* Geri disse a um de seus empregados que fosse buscar um frasco do vinho de Cisti e que servisse meio copo daquele vinho por pessoa junto com o primeiro prato. O empregado, talvez ressentido porque nem uma vez pudera tomar daquele vinho, levou um garrafão. Quando Cisti o viu, disse:

– Meu filho, quem o manda não é *messer* Geri.

O empregado repetiu várias vezes que sim, mas, não obtendo outra resposta, voltou a falar com *messer* Geri e contou-lhe o ocorrido; *messer* Geri lhe disse:

– Volte lá e diga que fui eu, sim; e, se ele responder a mesma coisa outra vez, pergunte a quem devo mandá-lo.

O empregado voltou e disse:

– Cisti, é mesmo *messer* Geri que me manda aqui.

Então Cisti respondeu:

– Claro que não é, meu filho.

– Então – disse o empregado –, a quem ele deve me mandar?

Cisti respondeu:

– Ao Arno.

Quando o empregado contou isso a *messer* Geri, logo se abriram os olhos de sua inteligência e ele disse ao empregado:

– Deixe-me ver que frasco você levou.

E, vendo, disse:

– Cisti tem razão.

E, depois de lhe dizer alguns impropérios, mandou levar um frasco apropriado. Quando Cisti viu, disse:

– Muito bem, agora é ele que o manda aqui.

E encheu o frasco com alegria. Naquele mesmo dia, providenciou um pequeno tonel de um vinho semelhante e mandou levá-lo com cuidado à casa de *messer* Geri, indo em seguida. Quando o encontrou, disse:

– Senhor, não queria que achasse que o garrafão de hoje de manhã me espantou; mas, achando que o senhor tivesse esquecido aquilo que eu quis demonstrar com as minhas pequenas bilhas, ou seja, que esse não é um vinho para criados, tive a ideia de recordá-lo. Agora, como não pretendo ser o guardião desse vinho, mandei trazer tudo o que tinha: daqui por diante faça com ele o que quiser.

Messer Geri apreciou muitíssimo o presente de Cisti, agradeceu-lhe da

melhor maneira que achou conveniente e daí por diante sempre teve por ele grande estima e amizade.

TERCEIRA NOVELA

Com uma pronta resposta monna *Nonna dei Pulci impõe silêncio ao gracejo não muito decoroso do bispo de Florença.*

Depois que Pampineia terminou sua história e todos elogiaram muito a resposta e a generosidade de Cisti, quis a rainha que Lauretta prosseguisse; e ela começou falando alegremente:

– Amáveis senhoras, antes Pampineia e agora Filomena disseram coisas verdadeiras sobre o nosso pouco talento e sobre a beleza dos ditos espirituosos; portanto, não preciso voltar a isso e, além daquilo que já se disse sobre o assunto, quero lembrar que é da natureza de tais ditos morder como a ovelha, e não como o cão: porque, se o dito espirituoso mordesse como o cão, não seria espirituoso, e sim insultuoso. E isso foi feito muito bem pelas palavras de *madonna* Oretta e pela resposta de Cisti. E é verdade que, se alguma coisa é dita como resposta e quem responde morde como o cão, se tiver sido antes mordido como cão não caberá repreensão, como se isso não tivesse acontecido; portanto, é preciso observar como, quando, com quem e onde se graceja. Um prelado de nossa cidade, observando pouco essas coisas, não recebeu mordida menor do que a que deu: é isso o que quero mostrar com uma pequena história.

Quando *messer* Antonio d'Orso, valoroso e sagaz prelado, era bispo de Florença, veio para a cidade um fidalgo catalão chamado Diego de la Rath, homem bonito e rematado namorador, que era marechal do rei Roberto; ocorre que, entre todas as mulheres florentinas, agradou-lhe uma que era muito formosa, neta de um irmão do referido bispo.

Ao ficar sabendo que o marido dela, embora de boa família, era cobiçoso e pervertido, fez com ele o trato de que lhe daria quinhentos florins de ouro se ele o deixasse dormir uma noite com sua mulher; então, mandou dourar popolinos123 de prata, que então eram usados, deitou-se com a mulher, mesmo contra a vontade dela, e deu as moedas ao marido. Quando isso chegou ao conhecimento de todos, o homem pervertido ficou em má situação e foi alvo de escárnio; o bispo, que era esperto, fingiu que não sabia de nada daquilo.

Assim, sendo frequente a convivência do bispo com o marechal, certo dia de São João os dois cavalgavam, um ao lado do outro, olhando as mulheres que passavam pelo caminho onde deveria haver a corrida do pálio124, quando o bispo viu uma jovem que já foi levada em idade madura pela atual peste, cujo

nome era *monna* Nonna dei Pulci, prima de *messer* Alesso Rinucci, que todas vocês devem conhecer: era ela então uma moça viçosa e bonita, falante e animada, que pouco tempo antes se casara em Porta San Piero. O bispo mostrou-a ao marechal e depois, aproximando-se da moça, pôs a mão no ombro do marechal e disse a ela:

– Nonna, o que lhe parece? Acha que ganha esse aí?

Nonna achou que aquelas palavras feriam um tanto a sua honestidade e poderiam macular a sua reputação na mente das muitas pessoas que as ouviram; por isso, não pretendendo limpar a mácula, mas sim retribuir taco a taco, respondeu imediatamente:

– Senhor, talvez ele não me ganhasse; mas eu iria querer moeda legítima.

Ouvindo essas palavras, o marechal e o bispo sentiram-se igualmente atingidos, um como autor da desonestidade na pessoa da neta do irmão do bispo, e o outro como aquele que recebeu o insulto na pessoa da neta de seu próprio irmão; então, envergonhados e calados foram embora, sem se olharem e sem dizerem mais nada à moça por aquele dia. Portanto, assim como ela foi mordida, não lhe caiu mal morder o outro com um dito espirituoso.

QUARTA NOVELA

Chichibio, cozinheiro de Corrado Gianfigliazzi, salva-se com uma frase oportuna, transformando a ira de Corrado em riso e escapando da desventura com que Corrado o ameaçara.

Lauretta já se calava, todos elogiavam muito Nonna, quando a rainha ordenou a Neifile que continuasse; e ela disse:

– Amorosas senhoras, embora o pronto engenho inspire amiúde aos eloquentes palavras rápidas, úteis e belas, de acordo com as circunstâncias, também a Fortuna, ajudando às vezes os medrosos, põe inopinadamente em sua língua palavras que nem mesmo o eloquente teria encontrado com mente tranquila: é isso o que a minha história pretende demonstrar.

Corrado Gianfigliazzi, como todas devem ter ouvido dizer ou conhecido de vista, sempre foi um cidadão notável de Florença, liberal e magnificente, que levava vida cavaleiresca e sempre apreciou muito cães e aves de cetraria, sem falar de suas ações de maior importância. Caçando com seu falcão um dia, perto de Peretola, matou um grou e, vendo que ele era gordo e novo, mandou-o a seu bom cozinheiro, que se chamava Chichibio e era veneziano, dizendo que o assasse e preparasse muito bem para o jantar. Chichibio, que parecia, e de fato era, um tremendo falastrão, preparou o grou, colocou-o no fogo e começou a cozinhá-lo com esmero. Quando o grou já estava quase cozido e exalava forte aroma, entrou na cozinha uma mulherzinha do campo, chamada Brunetta, por quem Chichibio estava muito apaixonado; sentindo o aroma do grou e vendo-o, ela pediu manhosamente a Chichibio que lhe desse uma coxa.

Chichibio respondeu cantando:

– De *mi* não a terá, dona Brunetta, de *mi* não a terá.

Dona Brunetta ficou muito irritada e disse:

– Juro por Deus, se você não der, nunca mais vai ter de mim nada que quiser.

Em suma, foram tantas as palavras que, no fim, Chichibio, para não irritar a sua senhora, arrancou uma das coxas do grou e lhe deu.

Quando o grou foi posto sem a coxa diante de Corrado e de algum hóspede seu, todos se admiraram; Corrado mandou chamar Chichibio e lhe perguntou o que havia acontecido com a outra coxa do grou. Então o veneziano mentiroso respondeu depressa:

– Senhor, os grous só têm uma coxa e uma pata.

Corrado, irritado, disse:

– Que diabo, como só têm uma coxa e uma pata? Será que este foi o único grou que eu vi na vida?

Chichibio prosseguiu:

– É o que eu estou dizendo; e, quando o senhor quiser, posso provar esse fato nos grous vivos.

Corrado, em respeito aos hóspedes que estavam lá, não quis continuar a discussão, mas disse:

– Já que você diz que vai provar esse fato nos vivos, coisa que eu nunca vi nem ouvi dizer que existe, quero ver amanhã de manhã, e então vou me dar por satisfeito; mas juro pelo corpo de Cristo que, se não for assim, vou mandar lhe dar tamanha surra, que você nunca mais vai se esquecer do meu nome enquanto viver.

Foi encerrada por aquela noite a discussão. Na manhã seguinte, assim que o dia surgiu, Corrado, cuja ira não desaparecera com o sono, acordou furioso e ordenou que lhe trouxessem os cavalos; mandando Chichibio montar num rocim, conduziu-o a um rio em cujas margens era possível ver muitos grous sempre ao amanhecer e disse:

– Logo vamos ver quem mentiu ontem, você ou eu.

Chichibio, vendo que a raiva de Corrado não se dissipara, e que precisava provar a mentira que dissera, sem saber como fazê-lo, cavalgava ao lado de Corrado com o maior medo do mundo, e, se pudesse, teria fugido, mas, não podendo, observava ora à sua frente, ora atrás, ora dos lados, e acreditava que tudo o que via eram grous sobre duas patas.

Mas, quando chegaram bem perto do rio, a primeira coisa que viram foi uma dúzia de grous, todos sobre uma única pata, tal como costumam fazer quando dormem; por isso ele logo os mostrou a Corrado, dizendo:

– Se o senhor olhar aqueles grous que estão lá, vai ver que ontem à noite eu disse a verdade, que os grous têm só uma coxa e uma pata.

Vendo-os, Corrado disse:

– Espere um pouco, que eu vou mostrar que eles têm duas.

E, aproximando-se um pouco deles, gritou: “ho, ho!”, e com esse grito os grous abaixaram a outra pata e, depois de darem alguns passos, levantaram voo; então Corrado voltou-se para Chichibio e disse:

– O que acha, espertalhão? Não acha que eles têm duas?

Chichibio, como se estivesse espantado, não sabendo nem ele mesmo de onde lhe veio a resposta, disse:

– Sim, senhor, mas o senhor não gritou “ho, ho!” para aquele de ontem à noite; porque, se tivesse gritado, ele teria posto a outra coxa e a outra pata para fora, como esses daí puseram.

Corrado gostou tanto da resposta, que toda a sua raiva se transformou em bom humor e risada; então disse:

– Chichibio, tem razão, eu deveria ter feito isso.

Assim, pois, com sua resposta pronta e divertida, Chichibio evitou a desventura e ficou em paz com seu patrão.

QUINTA NOVELA

Messer *Forese da Rabatta e mestre Giotto, pintor, vindo de Mugello espicaçam a má aparência um do outro.*

Assim que Neifile se calou, todas as senhoras manifestaram muita satisfação com a resposta de Chichibio; então Pânfilo, atendendo à vontade da rainha, disse:

– Caríssimas senhoras, assim como é frequente a Fortuna esconder grandes tesouros de virtude por trás de ofícios vis – conforme Pampineia mostrou há pouco –, também sob feiíssimas formas humanas se encontram admiráveis engenhos, ali postos pela Natureza. Isso ocorreu com dois cidadãos nossos, sobre os quais pretendo falar rapidamente. Um deles, que se chamava Forese da Rabatta, apesar de baixinho e disforme, com um rosto achatado e esborrachado que teria parecido feio a qualquer Baronci de cara deformada, teve tanto discernimento nas leis que foi considerado um repositório do direito civil por muitos homens de valor. O outro, cujo nome era Giotto[125], teve tanta excelência de engenho, que não havia coisa da Natureza – mãe e dispensadora de tudo, com o contínuo giro dos céus – que ele não pintasse com o uso de estilo, pena ou pincel de forma tão semelhante à própria Natureza, que aquilo que pintava não parecia ter com ela semelhança, mas ser dela mesma, a tal ponto que muitas vezes, diante do que ele fizera, o sentido da visão humana incidiu em erro, crendo ser de verdade o que era pintado. E, por ter trazido de novo à luz aquela arte que durante muitos séculos ficara sepultada sob os erros de alguns que, pintando, tinham em mira mais deleitar os olhos dos ignorantes do que comprazer o intelecto dos sábios[126], Giotto pode ser merecidamente considerado uma das luzes da glória florentina, sobretudo porque a conquistou em vida, quando, sendo mestre dos outros na arte, sempre se recusou a ser chamado de mestre. Esse título, por ele rejeitado, tanto mais resplendia nele quanto mais cobiçosamente era usurpado por aqueles que sabiam menos que ele ou por seus discípulos. Mas, embora sua arte fosse imensa, não era ele de corpo ou semblante nem um pouco mais bonito que *messer* Forese.

Passando, pois, à minha história, digo que *messer* Forese e Giotto tinham propriedades em Mugello e que, tendo *messer* Forese ido visitar as suas, na época de verão, quando os tribunais estão de férias, estava já de volta num rocim ordinário de aluguel quando se encontrou por acaso com o já referido Giotto, que

também tinha ido ver suas propriedades e voltava para Florença. Este não estava mais bem aparelhado que aquele, nem em cavalo nem em arreios, de modo que os dois, como velhos que eram, foram andando devagar, fazendo companhia um ao outro. Ocorreu, porém, que (tal como se vê frequentemente no verão) um súbito aguaceiro os surpreendeu, e eles fugiram correndo como puderam para a casa de um lavrador amigo e conhecido. Depois de certo tempo, como a chuva não dava sinais de querer parar, desejando chegar ainda de dia a Florença, eles tomaram de empréstimo ao lavrador dois mantos velhos de lã crua e dois chapéus puídos pelo tempo (pois não havia coisa melhor) e puseram-se a caminho.

Depois de andarem um pouco e de ficarem completamente encharcados e – graças aos respingos que os rocins lançam com as patas – bastante enlameados (coisas que não costumam conferir dignidade a ninguém), o céu clareou um tanto, e eles, que vinham calados fazia tempo, começaram a conversar. *Messer* Forese, cavalgando e ouvindo Giotto, que falava lindamente, começou a observá-lo de lado, de frente, por toda parte e, achando tudo tão deplorável e mirrado, sem considerar o seu próprio aspecto, começou a rir e disse:

– Giotto, se por acaso viesse neste momento ao nosso encontro algum forasteiro que não o conhecesse de vista, você acha que ele acreditaria que você é o melhor pintor do mundo, como é?

Giotto respondeu imediatamente:

– Acho que ele acreditaria no momento em que olhasse para o senhor e acreditasse que o senhor sabe o abecê.

Messer Forese, ouvindo isso, reconheceu seu erro e viu-se pago com a mesma moeda com que vendera sua mercadoria.

SEXTA NOVELA

Michele Scalza prova a alguns rapazes que os Baronci são os homens mais nobres do mundo e de mais além[127], e ganha um jantar.

As mulheres ainda riam da bela e rápida resposta de Giotto, quando a rainha ordenou a Fiammetta que prosseguisse, e esta começou a falar.

– Jovens senhoras, quando Pânfilo mencionou os Baronci, que talvez as senhoras não conheçam como ele, veio-me à memória uma história que mostra serem eles nobres, sem fugir ao nosso tema; por isso terei prazer em contá-la.

Não faz muito tempo houve em nossa cidade um jovem chamado Michele Scalza, que era o homem mais agradável e divertido do mundo e tinha sempre na ponta da língua as histórias mais extraordinárias; por esse motivo, os jovens florentinos gostavam muito de tê-lo consigo quando se reuniam em grupo. Um dia, em que ele estava com alguns outros em Montughi, teve início uma discussão que consistia no seguinte: quais eram os homens mais nobres e antigos de Florença. Alguns diziam que eram os Uberti, e outros, os Lamberti; uns defendiam este, outros, aquele, segundo a opinião que tivessem.

Scalza, ouvindo aquilo, começou a rir com sarcasmo e disse:

– Vá, vá, seus bobalhões, vocês não sabem o que estão dizendo; os mais nobres e antigos, não só de Florença, mas do mundo inteiro e mais além, são os Baronci, e nisso concordam todos os fisófolos[128] e qualquer um que os conheça como eu conheço; e, para não confundirem com outros, digo que são os Baronci seus vizinhos de Santa Maria Maggiore.

Ao ouvirem isso, os rapazes, que esperavam outra coisa dele, começaram a escarnecer e disseram:

– Está brincando conosco, como se nós não conhecêssemos os Baronci como você.

Scalza disse:

– Juro que não estou brincando, que estou falando sério; e se alguém aqui quiser apostar um jantar que deverá ser oferecido a quem ganhar e mais meia dúzia de companheiros à escolha, eu aposto; e faço mais: vou me submeter ao julgamento de quem vocês escolherem.

Um deles, que se chamava Neri Mannini, disse:

– Estou pronto para ganhar esse jantar.

Combinaram que o juiz seria Piero di Fiorentino, em casa de quem estavam;

foram falar com ele e todos os outros foram atrás, querendo ver Scalza perder e rir dele; contaram-lhe tudo o que fora dito.

Piero, que era judicioso, ouviu primeiro a argumentação de Neri, depois se dirigiu a Scalza, dizendo:

– E como vai demonstrar o que está afirmando?

Scalza disse:

– Como? Vou mostrar com tal argumentação que não só você, mas também esse aí que nega vão dizer que tenho razão. Vocês sabem que, quanto mais antigos os homens, mais nobres, e era o que diziam eles agora há pouco; e os Baronci são mais antigos que qualquer outro homem, portanto são os mais nobres; então, quando eu lhes mostrar que eles são os mais antigos, vou ganhar a discussão. Fiquem sabendo que os Baronci foram feitos por Nosso Senhor quando estava começando a aprender pintura; os outros homens foram feitos depois que Nosso Senhor aprendeu a pintar. Para saberem que eu estou com a razão, pensem nos Baronci e nos outros homens: como podem ver, enquanto todos os outros têm caras bem compostas e devidamente proporcionadas, entre os Baronci um tem cara comprida e estreita, outro tem cara muito mais larga que o conveniente; este tem nariz compridíssimo, aquele o tem curto; alguns têm queixo saliente e virado para cima, com mandíbulas que parecem de asno; e há até quem tenha um olho maior que o outro, ou então um mais para baixo que o outro, como as caras que as crianças fazem antes de aprenderem a desenhar. Por isso, como eu já disse, está bem claro que Nosso Senhor os fez quando estava aprendendo a pintar; portanto, eles são mais antigos que os outros; logo, mais nobres.

Piero, que era juiz, Neri, que apostara o jantar, e todos os outros lembraram-se disso e, depois de ouvirem o agradável argumento de Scalza, começaram a rir e a afirmar que Scalza tinha razão, e que ganhara o jantar, pois não havia dúvida de que os Baronci eram os homens mais nobres e mais antigos não só de Florença, mas do mundo inteiro e mais além.

Por isso Pânfilo, quando quis demonstrar a fealdade do rosto de *messer* Forese, disse que até um Baronci o teria achado feio.

SÉTIMA NOVELA

Madonna *Filippa, encontrada pelo marido com um amante, vai a julgamento e, com uma resposta pronta e agradável, livra-se e provoca uma mudança nas leis.*

Fiammetta já se calava e todos ainda riam do estranho argumento de Scalza para nobilitar os Baronci acima de quaisquer outros, quando a rainha ordenou a Filostrato que contasse uma história; e ele começou.

– Valorosas senhoras, é bonito saber falar bem em qualquer lugar, mas considero muito mais bonito saber falar quando a necessidade o exige. Foi o que soube fazer a dama de que tratarei, pois não só provocou divertimento e riso nos que a ouviam como também se livrou dos laços de morte infamante, conforme ouvirão.

Na cidade de Prato vigorou uma lei, na verdade tão reprovável quanto dura, que, sem nenhuma distinção, ordenava que fosse queimada viva tanto a mulher encontrada em adultério pelo marido quanto a que fosse encontrada com qualquer outro homem por dinheiro. E, na vigência dessa lei, uma fidalga formosa e mais que ninguém apaixonada, cujo nome era Filippa, foi encontrada certa noite em seu próprio quarto por Rinaldo dei Pugliesi, seu marido, nos braços de Lazzarino dei Guazzagliotri, belo e jovem fidalgo da cidade, que ela amava mais que a si mesma, sendo por ele amada. Rinaldo, ao ver aquilo, ficou tão furioso que por pouco não investiu contra eles e não os matou; é o que teria feito, cedendo ao impulso da ira, se não temesse por si mesmo. Conteve-se, portanto, por esse motivo, mas não conseguiu se abster de querer da lei de Prato aquilo que lhe era lícito, ou seja, a morte da sua mulher.

Assim, tendo como provar o delito da mulher com testemunho bem conveniente, tão logo raiou o dia, sem pensar duas vezes, ele acusou a mulher e pediu sua citação. A mulher, que era corajosa, como costumam ser as que estão apaixonadas de verdade, apesar de desaconselhada por muitos amigos e parentes, estava disposta a comparecer, preferindo confessar a verdade e morrer com brio a fugir covardemente e viver no exílio como rebelde, mostrando-se indigna de tão elevado amante como era aquele em cujos braços estivera na noite anterior. E, bem acompanhada por senhoras e varões, sendo por todos incentivadas a negar, compareceu perante o podestade e perguntou com expressão impassível e voz firme o que desejava dela. O podestade, olhando-a e vendo que era

belíssima, tinha maneiras muito distintas e, pelo que as suas palavras demonstravam, era dotada de grande ânimo, começou a ter compaixão dela, temendo que ela confessasse algo que o obrigasse a mandá-la para a morte, se quisesse conservar sua dignidade.

Contudo, não podendo deixar de fazer-lhe perguntas sobre aquilo de que era acusada, disse:

– Como pode ver, aqui está Rinaldo, seu marido, que apresentou queixa contra a senhora, dizendo que a encontrou com outro homem em adultério; por isso, solicita que, segundo quer uma lei desta cidade, eu lhe imponha a morte como punição; mas não poderei fazer isso se a senhora não confessar; portanto, atente bem para o que responde e diga-me se é verdade aquilo de que seu marido a acusa.

A mulher, sem se amedrontar, respondeu com voz agradável:

– É verdade que Rinaldo é meu marido, e que na noite passada ele me encontrou nos braços de Lazzarino, nos quais estive várias vezes, pelo bom e perfeito amor que lhe tenho; isso nunca negarei; mas, como tenho certeza de que o senhor sabe, as leis devem ser comuns e feitas com o consentimento daqueles a quem afetam. E isso não ocorre com essa, pois recai apenas sobre as pobrezinhas das mulheres, que bem melhor que os homens poderiam satisfazer a muitos; além disso, quando ela foi feita, não só não recebeu o consentimento de mulher alguma como também nenhuma mulher nunca foi chamada para isso; por tais razões, merece ser considerada injusta. E se, para grande prejuízo do meu corpo e de sua alma, o senhor quiser lhe dar execução, a decisão é sua, mas, antes de continuar julgando qualquer coisa, peço-lhe que me faça um pequeno favor, ou seja, que pergunte ao meu marido se a cada vez e em todas as ocasiões que ele quis, sem nunca dizer não eu me pus por inteiro à sua disposição ou não.

Rinaldo, sem esperar que o podestade perguntasse, logo respondeu que, sem dúvida alguma, a mulher sempre atendera a todos os seus pedidos.

– Portanto – prosseguiu imediatamente a mulher –, pergunto ao senhor podestade: se ele sempre tomou de mim aquilo de que precisava e com que se satisfazia, o que deveria ou devo eu fazer com as sobras? Jogar aos cães? Não é muito melhor servi-las a um homem nobre que me ama mais que a si mesmo, do que deixar que se percam ou estraguem?

Aquele interrogatório de mulher tão importante e famosa atraíra para lá quase todos os habitantes de Prato; estes, ouvindo resposta tão agradável, depois de muito rirem, gritaram quase em uníssono que a mulher tinha razão e dizia a verdade, e, antes de se irem, incentivados pelo podestade, modificaram a cruel

lei, de tal forma que ela passaria a ser aplicada apenas às mulheres que por dinheiro cometessem falta contra o marido. Rinaldo, saindo confuso daquela vã empresa, foi embora do julgamento; e a mulher, alegre e livre, como se ressuscitasse da fogueira, voltou para casa em triunfo.

OITAVA NOVELA

Fresco aconselha a sobrinha a não se olhar no espelho, se é que – como ela afirma – não gosta de ver gente desagradável.

A história contada por Filostrato de início infundiu certo pudor no coração das mulheres que o ouviam, o que foi denunciado pelo recatado rubor que lhes subiu ao rosto; depois, entreolhando-se e mal conseguindo deixar de rir, ouviram tudo sorrindo maliciosamente. Mas, depois que ele chegou ao final, a rainha voltou-se para Emília e ordenou-lhe que prosseguisse; esta, como se despertasse, começou suspirando:

– Jovens formosas, como fiquei muito tempo absorta em prolongada cisma, em obediência à nossa rainha me desincumbirei com uma história bem menor do que contaria, caso tivesse ficado atenta; falarei do erro tolo de uma jovem, que foi corrigido com palavras amenas por um tio, se é que ela foi capaz de entendê-lo.

Havia um homem cujo nome era Fresco da Celatico, que tinha uma sobrinha chamada carinhosamente de Cesca: esta, apesar de ter corpo e rosto bonitos – mas não daqueles angelicais que muitas vezes vemos –, considerava-se tão importante e nobre que adquirira o costume de reprovar homens, mulheres e todas as coisas que via, sem considerar sua própria pessoa, que era desagradável, enjoada e intratável como ninguém e não se satisfazia com nada que se fizesse. Além disso, era tão grande a sua arrogância que, fosse ela da casa real de França, ainda haveria de sobejo. E, quando andava pela rua, enjoava tanto com o cheiro de trapo[129] que vivia de nariz torcido, como se o fedor viesse das pessoas que ela via ou encontrava.

Ora, deixando de lado muitos dos outros modos desagradáveis e reprováveis da moça, direi que certo dia, voltando ela para casa, lá encontrou Fresco e, sentando-se ao lado dele cheia de manhas, não fazia outra coisa senão bufar; Fresco então lhe perguntou:

– Cesca, como se explica que você tenha voltado para casa tão cedo num dia de festa?

Então ela respondeu toda lânguida e afetada:

– É verdade que voltei cedo, pois acho que nessa cidade nunca houve tanto homem e tanta mulher desagradável e reprovável como hoje, e de todos os que passam pela rua eu fujo como se foge do azar. Acho que no mundo não há

mulher que ache mais aborrecido que eu ver gente desagradável e, para não ver essa gente, voltei tão cedo.

Fresco, a quem os modos antipáticos da sobrinha desagradavam tremendamente, disse:

– Minha filha, se você se aborrece tanto com as pessoas desagradáveis, como diz, e se quer viver feliz, nunca se olhe no espelho.

Ela, porém, mais oca que um caniço, achando que tinha a inteligência de Salomão, entendeu como um burro as verdades ditas por Fresco e até respondeu que queria olhar-se no espelho como as outras. E assim permaneceu na sua estupidez e ainda nela está.

NONA NOVELA

Guido Cavalganti, com palavras espirituosas, diz injúrias corteses a alguns cavaleiros florentinos que o haviam tomado de assalto.

A rainha, percebendo que Emília se desincumbira de sua história, e que só a ela agora incumbia contar uma, afora aquele que por privilégio contaria por último, começou da seguinte maneira.

– Embora as graciosas senhoras me tenham roubado hoje duas ou mais histórias de que eu pensava contar, resta-me uma, cuja conclusão contém palavras de tal cunho que talvez não tenham sido relatadas outras tão profundas.

Como devem saber, nos tempos passados havia em nossa cidade belos e louváveis costumes, dos quais não resta nenhum, em virtude da cobiça que cresceu ao lado das riquezas e aboliu todos os bons usos. Entre esses usos, ditava um que em diversos lugares de Florença se reunissem fidalgos vindos do campo, formando companhias de certo número, de tal modo que fosse possível arcar comodamente com as despesas e, um a cada dia, iam todos em ordem oferecendo um banquete a toda a companhia; nesses banquetes, os fidalgos frequentemente recepcionavam forasteiros, quando por acaso algum estivesse de passagem, bem como concidadãos. Além disso, vestiam-se do mesmo modo pelo menos uma vez por ano e, nas festas mais notáveis, cavalgavam juntos pela cidade e às vezes promoviam torneios, sobretudo nos feriados principais ou quando chegasse à cidade alguma boa notícia de vitória ou de outra coisa.

Entre tais companhias havia uma de *messer* Betto Brunelleschi, para a qual este e seus companheiros se empenhavam em atrair Guido de *messer* Cavalcante dei Cavalcanti, não sem motivos: além de ser ele um dos melhores lógicos do mundo e ótimo filósofo natural[130] (coisas com as quais a companhia pouco se importava), era também homem nobre, cortês, eloquente e sabia fazer melhor que qualquer outro tudo aquilo que compete a um fidalgo; era também riquíssimo, e não há palavras para expressar o modo como sabia honrar todo aquele que parecesse merecê-lo. Mas *messer* Betto nunca conseguira atraí-lo e, assim como seus companheiros, achava que isso acontecia porque Guido se afastara dos outros homens por especular demais. Além disso, pelo fato de acatar até certo ponto a opinião dos epicuristas, dizia o vulgo que essas suas especulações só tinham em vista tentar descobrir a possibilidade de Deus não existir.

Um dia, Guido partiu de Orto San Michele e percorreu o *corso* degli Adimari até San Giovanni – caminho que fazia com frequência, no qual havia grandes sepulcros de mármore que hoje estão em Santa Reparata e muitos outros em torno de San Giovanni. Quando se encontrava entre as colunas de pórfiro ali existentes, aqueles sepulcros e a porta de San Giovanni, que estava fechada, chegaram a cavalo pela praça de Santa Reparata *messer* Betto e sua companhia; vendo Guido entre aquelas sepulturas, disseram:

– Vamos mexer com ele.

E, esporeando os cavalos, foram em sua direção, fingindo um assalto; antes que ele se prevenisse, arremeteram e começaram a dizer:

– Guido, você se nega a entrar para a nossa companhia, mas, quando descobrir que Deus não existe, o que vai fazer?

Guido, vendo-se cercado, disse imediatamente:

– Senhores, em sua casa podem me dizer o que quiserem.

E, pondo a mão em cima de um daqueles sepulcros, que eram grandes, como tinha enorme agilidade, com um salto foi parar do outro lado e, livrando-se deles, se foi.

Estes ficaram olhando um para o outro e começaram a dizer que ele era um desmiolado, que o que tinha respondido não significava nada, porque eles não tinham com aquele lugar nenhuma relação, assim como nenhum outro cidadão, nem mesmo o próprio Guido.

Messer Betto então se dirigiu a eles, dizendo:

– Desmiolados são vocês, que não o entenderam: com elegância e em poucas palavras ele nos disse a maior ofensa do mundo, pois, se olharem bem, estes sepulcros são as casas dos mortos, porque aqui os mortos são postos e aqui ficam morando; e ele diz que estes sepulcros são nossa casa para mostrar que nós e os outros homens ignorantes e não letrados, em comparação com ele e com os outros homens de ciência, somos piores que mortos e, por isso, se estamos aqui, estamos em nossa casa.

Todos entenderam o que Guido quisera dizer e envergonharam-se; a partir de então, nunca mais mexeram com ele e consideraram *messer* Betto um cavaleiro sutil e inteligente.

DÉCIMA NOVELA

Frei Cebola[131] promete a alguns camponeses mostrar a pena do anjo Gabriel; encontrando carvão em lugar da pena, diz aos camponeses que com aquele carvão São Lourenço foi assado.

Todos já tinham se desincumbido de sua história quando Dioneu percebeu que chegara a sua hora de narrar; por isso, sem esperar nenhuma ordem solene, depois que se impôs silêncio àqueles que elogiavam as palavras judiciosas de Guido, começou:

– Graciosas senhoras, embora eu tenha como privilégio a possibilidade de falar daquilo que mais me agrada, hoje não pretendo afastar-me do assunto sobre o qual todos falaram tão adequadamente; ao contrário, seguindo suas pegadas, pretendo mostrar de que modo um dos frades de Santo Antônio, valendo-se sagazmente de uma rápida emenda, escapou do vexame que dois jovens lhe haviam preparado. Espero que não se apoquentem pelo fato de eu, para completar a história, precisar me delongar um pouco na narrativa, pois, se olharem para o sol, verão que ele ainda está no meio do céu.

Certaldo, como talvez tenham ouvindo dizer, é um burgo de Valdelsa situado em nossa região rural, que, embora pequeno, foi outrora habitado por pessoas nobres e abastadas. Como ali se encontrava bom pasto, um dos frades de Santo Antônio, cujo nome era frei Cebola, durante muito tempo teve o hábito de ir lá uma vez por ano recolher esmolas dadas pelos tolos; era visto por ali de bom grado talvez não menos pelo nome do que por qualquer outra devoção, uma vez que aquele solo produz cebolas famosas em toda a Toscana. Esse frei Cebola tinha baixa estatura, cabelos ruivos, semblante risonho e era o melhor camarada do mundo; além disso, apesar de não ter ciência alguma, era falante tão bom e pronto que quem não o conhecesse são só o consideraria um grande retórico como diria que ele era o próprio Túlio[132] ou talvez Quintiliano: quase todos os habitantes da região o tinham como compadre, amigo ou pessoa benquista.

Segundo era seu costume, foi lá uma vez no mês de agosto e, certo domingo pela manhã, no momento que lhe pareceu oportuno, adiantou-se e disse a todos os bons homens e mulheres das vilas dos arredores que tinham ido à missa:

– Senhores e senhoras, como sabem, é costume mandar todos os anos aos pobres do barão senhor Santo Antônio um pouco de trigo e aveia; uns mandam mais, outros menos, segundo as posses e a devoção de cada um, para que o bem-

aventurado Santo Antônio lhes guarde os bois, os asnos, os porcos, as ovelhas; além disso, os senhores costumam pagar, especialmente os que estão inscritos em nossa confraria, aquele pequeno valor que é pago uma vez por ano. Para recolher essas coisas, fui aqui mandado pelo meu superior, ou seja, o senhor abade; portanto, com a bênção de Deus, depois da nona hora, quando ouvirem o toque dos sinos, venham à parte de fora da igreja, onde farei a pregação, como é costume, e os senhores beijarão a cruz; além disso, como sei que todos são muito devotos ao barão senhor Santo Antônio, por graça especial vou mostrar-lhes uma bela e santíssima relíquia, que eu mesmo trouxe das terras santas de ultramar: trata-se de uma das penas do anjo Gabriel, que ficou nos aposentos da Virgem Maria quando ele foi fazer-lhe a anunciação em Nazaré.

Dito isso, calou-se e voltou à missa.

No dia em que frei Cebola dizia essas coisas, estavam na igreja, entre muitas outras pessoas, dois jovens astutos, um dos quais se chamava Giovanni del Bragoniera e o outro, Biagio Pizzini, que, depois de terem rido um bocado da relíquia de frei Cebola, embora fossem muito amigos e camaradas dele, combinaram que fariam alguma brincadeira com aquela pena. Sabendo que frei Cebola almoçaria na parte alta do burgo com um amigo, assim que perceberam que ele estava à mesa, desceram para as ruas e foram até a estalagem onde o frade se hospedara, com o seguinte plano: Biagio deveria entreter o criado de frei Cebola enquanto Giovanni procuraria aquela pena, fosse qual fosse, entre as coisas do frade e a roubaria, para ver o que ele diria ao povo depois sobre o fato.

Frei Cebola tinha um criado que alguns chamavam de Guccio Baleia, outros de Guccio Sujo, outros ainda de Guccio Porco[133]: era tão abjeto que sem dúvida nem mesmo Lippo Topo[134] jamais fez um igual. Frei Cebola tinha o costume de fazer chistes a seu respeito quando estava em grupo, dizendo:

– Meu criado tem em si nove coisas tais que, se alguma delas estivesse presente em Salomão, Aristóteles ou Sêneca, sua força estragaria todas as virtudes, toda a sensatez e toda a santidade deles. Imaginem então que homem deve ser esse, no qual não há virtude, sensatez nem santidade alguma, mas há nove coisas dessas!

Quando às vezes lhe perguntavam quais eram essas nove coisas, ele, que as pusera em rima, respondia:

– Vou dizer: ele é preguiçoso, seboso, mentiroso; negligente, desobediente, maledicente; descuidado, desmiolado, mal-educado; sem contar que tem mais alguns outros defeitinhos que é melhor calar. O que de mais ridículo ele faz é em todos os lugares querer arranjar mulher e alugar casa; tem barba comprida, preta

e ensebada, e, achando-se lindo e simpático, acredita que todas as mulheres que o veem se apaixonam por ele; quando abandonado, é capaz de correr atrás delas com o cinto a cair.135 É verdade que me ajuda muito, porque o que os outros querem falar comigo nunca é tão secreto que ele não deseje ouvir a sua parte; e, se alguém me pergunta alguma coisa, ele tem tanto medo que eu não saiba responder, que logo responde sim e não, como lhe pareça conveniente.

Quando o deixou na estalagem, frei Cebola ordenou-lhe que vigiasse muito bem, para que ninguém tocasse em seus pertences, especialmente nos alforjes, pois neles estavam as coisas sacras. Mas Guccio Sujo, que gostava mais de cozinhas do que o rouxinol gosta das verdes ramagens, sobretudo se pressentisse ali alguma criada, quando na cozinha da estalagem viu uma que era roliça e rotunda, de baixa estatura e feia corporatura, com um par de tetas que mais pareciam dois balaios de esterco e uma cara que puxava aos Baronci136, toda suada, engordurada e esfumaçada, deixou o quarto de frei Cebola aberto, com todas as coisas ao deus-dará e, tal como o abutre cai sobre a carniça, desceu para a cozinha; e, embora o mês fosse de agosto, sentou-se junto ao fogo e começou a puxar conversa com a criada, que se chamava Nuta, dizendo-lhe ser fidalgo por procuração, ter mais de nove zilhões de florins, sem contar os que precisava dar a outros, que eram nem mais nem menos, saber fazer e dizer tantas coisas que nem dómine não obstântibus. E – sem levar em conta seu capuz, que com a gordura que tinha podia temperar o caldeirão de Altopascio137, seu gibão roto e remendado, lustroso de sujeira no decote e nos sovacos, com mais manchas coloridas que os panos tártaros e indianos, suas sapatilhas rotas e suas calças rasgadas –, disse-lhe, como se fosse o grande senhor de Châtillon, que queria vesti-la, cobri-la de roupas novas e tirá-la daquela escravidão de viver em casa alheia, sem grandes haveres, dar-lhe esperança de melhor sorte e outras coisas mais: tudo isso, embora dito afetuosamente, voou com o vento, como ocorria com a maioria de suas investidas, e acabou em nada.

Portanto, os dois jovens acharam Guccio Porco ocupado a cortejar Nuta; contentes, pois isso lhes poupava metade do trabalho, encontraram aberto o quarto de frei Cebola e entraram sem nenhum empecilho. A primeira coisa que lhes ocorreu pegar para procurar foi o alforje no qual estava na pena; aberto o alforje, encontraram um grande embrulho de cendal a envolver um cofrinho; aberto a cofrinho, encontraram uma pena daquelas de rabo de papagaio, que logo imaginaram ser a que ele prometera mostrar aos certaldenses. Sem dúvida, naquele tempo ele podia fazê-los crer nisso facilmente, porque os luxos do Egito tinham entrado na Toscana em pequena quantidade, ao contrário do que ocorreu

depois, quando entraram em grande abundância em toda a Itália, para a sua ruína: e, se essas coisas eram pouco conhecidas em outros lugares, naquela região os habitantes quase nada sabiam delas; ao contrário, como ainda perdurava ali a rústica pureza dos antigos, eles não só nunca tinham visto papagaios como em sua grande maioria nem sequer haviam ouvido falar deles. Contentes, portanto, por terem encontrado a pena, os jovens a pegaram e, para não deixarem o cofrinho vazio, encheram-no com o carvão que encontraram num canto do quarto; e, depois de fechá-lo e de arrumá-lo do modo como o tinham encontrado, saíram alegres com a pena, sem serem vistos, e ficaram esperando para ver o que frei Cebola diria quando encontrasse carvão em lugar de pena.

Os homens e mulheres simples que estavam na igreja, ouvindo dizer que após a nona hora veriam a pena do anjo Gabriel, voltaram para casa depois da missa; então a notícia passou de um vizinho a outro e de uma comadre a outra, de modo que, logo depois do almoço, todos correram para a parte alta do burgo, onde homens e mulheres, tantos que mal ali cabiam, ficaram esperando ansiosamente para ver aquela pena. Frei Cebola, tendo almoçado bem e dormido um tempinho, levantou-se pouco antes da nona hora e, sabendo que uma grande multidão de camponeses tinha ido lá para ver a pena, mandou dizer a Guccio Sujo que subisse com os sinos e trouxesse seu alforje. Este, depois de arrancado a custo da cozinha e da companhia de Nuta, a custo subiu até lá com as coisas solicitadas: chegou ofegante (porque o excesso de água que bebera lhe estufara a barriga) e, a mando de frei Cebola, foi até a porta da igreja e começou a tocar os sinos com toda a força.

Ali, depois que todo o povo se reuniu, frei Cebola, sem perceber que qualquer de suas coisas tivesse sido mexida, começou a pregação e disse muitas palavras convenientes às suas intenções; depois, precisando mostrar a pena do anjo Gabriel, primeiro recitou o *confiteor* com grande solenidade, em seguida mandou acender duas tochas e, desembrulhando o cendal com toda a delicadeza, não sem antes tirar o capuz, pôs à mostra o cofrinho. E, dizendo primeiramente algumas palavrinhas de louvor e enaltecimento sobre o anjo Gabriel e sua relíquia, abriu o cofrinho. Quando o viu cheio de carvão, não achou que aquilo tivesse sido obra de Guccio Baleia, porque sabia que a tanto ele não chegava, nem o amaldiçoou por ter cuidado tão mal do objeto e permitido que outra pessoa fizesse aquilo, mas xingou-se de boca fechada por tê-lo incumbido de cuidar de suas coisas sabendo que ele era negligente, desobediente, descuidado, desmiolado. No entanto, sem nem sequer mudar de cor, ergueu o rosto e as mãos

para o céu e disse de tal modo que fosse ouvido por todos:

– Ó Deus, louvado seja o teu poder para sempre!

Depois, fechando o cofrinho, dirigiu-se ao povo dizendo:

– Senhores e senhoras, devem saber que, era eu ainda muito jovem, fui mandado por meu superior àqueles lugares onde o sol aparece, expressamente incumbido de procurar até encontrar os privilégios do Porcellana[138], que, embora nada custassem para ser selados, muito mais úteis são a outros que a nós. Por isso, pus-me a caminho: parti de Veneza, fui para o burgo dos Gregos e dali, cavalgando pelo reino de Algarve e por Baldacca, cheguei a Párion, de onde, não sem sede, depois de algum tempo cheguei à Sardenha. Mas por que estou lhes falando de todas as regiões nas quais fiz a busca? Depois do braço de São Jorge, fui dar em Trúfia e Búfia[139], lugares muito habitados e com grandes povos; dali cheguei à terra de Mentira, onde encontrei muitos de nossos confrades e gente de outras religiões, todos eles pelo amor de Deus aos incômodos fugindo, pouco preocupados com as labutas alheias desde que lhes resultassem vantagens, não gastando nenhuma outra moeda por lá, a não ser a que não é cunhada: dali passei para a terra de Abruzos, onde homens e mulheres andam de tamancos pelos montes, vestindo porcos com as próprias tripas; e um pouco além encontrei gente que carregava pão no pau e vinho no saco; de lá cheguei às montanhas dos bascos, onde todas as águas correm para baixo. Em suma, tanto me embrenhei que acabei bem no meio da Índia Pastinaca, onde eu juro pelo hábito que uso que vi os penados voando, coisa incrível para quem não viu; mas quanto a isso Maso del Saggio[140] não me deixa mentir, e o encontrei lá como grande mercador a espatifar nozes e vender cascas no varejo. Mas, não conseguindo encontrar aquilo que estava procurando, porque dali para além se vai por água, voltei atrás, e cheguei àquelas santas terras onde os pães se verão por quatro denários e se frio por nada. Lá encontrei o venerável padre *messer* Largameupédis Porfavóris, digníssimo patriarca de Jerusalém. Ele, em reverência ao hábito que sempre usei do barão senhor Santo Antônio, quis que eu visse todas as santas relíquias que tinha consigo; e tantas eram que, quisesse eu falar de todas, não conseguiria terminar em várias milhas; mesmo assim, para não os deixar desiludidos, vou falar de algumas. Ele primeiro me mostrou o dedo do Espírito Santo, inteiro e firme como nunca, o topete do serafim que apareceu a São Francisco, uma das unhas dos querubins, uma das costelas do Verbum-caro-fato-extra[141] e das vestes da Santa Fé católica, alguns dos raios da estrela que apareceu aos três Magos no oriente, um frasquinho com o suor de São Miguel quando lutou com o diabo, a mandíbula da Morte de São Lázaro e outras coisas. E, como eu lhe fiz

de graça uma cópia em língua vulgar das encostas de Monte Escuro e alguns capítulos de Caprezio142, que havia tempo ele procurava, fez-me ele partífice143 de suas relíquias: deu-me um dos dentes da Santa Cruz e, numa garrafinha, um pouquinho do som dos sinos do Templo de Salomão; também a pena do anjo Gabriel, da qual já lhes falei, bem como um dos tamancos de São Geraldo de Villamagna (que, não faz muito tempo, em Florença dei a Gherardo di Bonsi, que tem grande devoção por ele); e deu-me o carvão com o qual o beatíssimo mártir São Lourenço foi assado; essas coisas eu trouxe devotamente para cá e tenho-as todas. É bem verdade que o meu superior nunca permitiu que as mostrasse enquanto não ficasse certificado se são autênticas ou não; mas agora que, graças a alguns milagres por elas realizados e às cartas recebidas do Patriarca, ficou assentado que são autênticas, ele me concedeu licença de mostrá-las; mas eu, temendo confiá-las a outra pessoa, sempre as trago comigo. A verdade é que carrego a pena do anjo Gabriel, para não se estragar, num cofrinho, e o carvão com o qual São Lourenço foi assado, em outro; e os dois são tão parecidos que muitas vezes pego um pelo outro, e foi o que me aconteceu agora; de modo que, acreditando que tinha trazido o cofrinho em que estava a pena, trouxe aquele em que está o carvão. Mas não considero que tenha sido um erro; ao contrário, parece-me indubitável que foi vontade de Deus, e que Ele mesmo pôs o cofrinho do carvão nas minhas mãos, e eu me lembrei ainda agorinha que a festa de São Lourenço será daqui a dois dias. Por isso, querendo Deus que eu lhes mostrasse o carvão com o qual São Lourenço foi assado e assim reacendesse em suas almas a devoção que devem ter por ele, impediu-me de pegar a pena, como eu queria, e levou-me a pegar o abençoado carvão que foi apagado pelos humores daquele santíssimo corpo. Por isso, filhos benditos, descubram a cabeça e venham aqui vê-lo com devoção. Mas antes quero que saibam que todo aquele que receber deste carvão o toque em forma de sinal da cruz poderá viver seguro durante todo o ano de que não o abrasará fogo que não se sinta.

Depois de dizer isso, cantando um hino a São Lourenço, abriu o cofrinho e mostrou o carvão; e os tolos camponeses, após olhá-lo durante algum tempo com admiração e reverência, apinharam-se em torno de frei Cebola e, fazendo ofertas melhores do que costumavam, pediam que ele os tocasse com a relíquia. Então frei Cebola, segurando o carvão, começou a fazer as maiores cruzes que cabiam em jalecos brancos, gibões e véus de mulheres, afirmando que a parte do carvão que se desgastava quando eram feitas aquelas cruzes depois voltava a crescer dentro do cofrinho, conforme ele comprovara diversas vezes.

Desse modo, encruzando todo o povo de Certaldo, não sem grande lucro, ele burlou com sua astúcia aqueles que, roubando-lhe a pena, acreditavam tê-lo burlado. Estes, que estavam na pregação, ao ouvirem a insólita emenda de que ele se valeu, o modo como divagou e as palavras que usou, riram tanto que acharam que o queixo ia se soltar da cara. E, depois que o povo partiu, foram falar com ele e, com as maiores gargalhadas do mundo, revelaram o que tinham feito e lhe devolveram a pena; e esta, no ano seguinte, não teve menos serventia do que o carvão tivera naquele dia.

Essa história proporcionou grande prazer e divertimento a todo o grupo, e todos riram muito de frei Cebola, sobretudo de sua peregrinação e das relíquias, tanto as vistas quanto as trazidas. A rainha, percebendo que a história terminara, assim como o seu reinado, ficou em pé, tirou a coroa da cabeça e, rindo, colocou-a na de Dioneu, dizendo:

– Dioneu, chegou a hora de você sentir o peso de governar e guiar mulheres: portanto, seja rei agora e reine de tal modo que no fim só tenhamos que louvar o seu reinado.

Dioneu pegou a coroa e respondeu rindo:

– Várias vezes as senhoras já devem ter visto reis mais preciosos que eu, e estou falando dos reis do xadrez. Sem dúvida, se as senhoras me obedecerem como se deve obedecer a um rei de verdade, eu as farei gozar daquilo sem o que nenhuma festa pode ser totalmente alegre. Mas deixemos de lado essas coisas: reinarei como souber.

E, chamando o senescal, como de costume, ordenou-lhe pormenorizadamente tudo o que deveria ser feito enquanto durasse o seu reinado; depois disse:

– Valorosas senhoras, aqui já se falou tanto e de maneiras tão diversas sobre a astúcia humana e sobre vários acontecimentos que, não tivesse a dama Licisca vindo há pouco e me dado, com tudo o que disse, o assunto para as futuras histórias de amanhã, desconfio que teria penado muito para encontrar um tema. Como ouviram, ela disse que não tinha vizinha que se tivesse casado donzela e acrescentou muito bem quantas vezes e de que modo as mulheres casadas burlam os maridos. Mas, deixando de lado a primeira parte, que é coisa de crianças, considero que deverá ser agradável falar sobre a segunda; por isso quero que amanhã – visto que a dona Licisca nos deu o ensejo – se fale do modo como, por amor ou para salvar-se, as mulheres burlam seus maridos, percebam eles ou não.

Algumas das senhoras acharam que falar sobre esse assunto não lhes cairia bem e pediram-lhe que mudasse o tema proposto; a elas o rei respondeu:

– Senhoras, avalio aquilo que impus tanto quanto as senhoras, e aquilo que querem me mostrar não pode dissuadir-me de impô-lo, considerando-se que a época é tal que, desde que homens e mulheres se abstenham de agir desonrosamente, qualquer tema de conversa é permitido. Ora, acaso não sabem que, em virtude da perversidade destes nossos tempos, os juízes abandonaram os tribunais? Que as leis divinas e humanas se calam? E que é ampla a licença concedida a cada um para a conservação da própria vida? Porque, se a honradez das senhoras se afrouxar um pouco na fala, não para que daí decorra alguma ação reprovável, mas sim para proporcionar prazer e alegria a si mesmas e aos outros, não vejo que argumento plausível poderão usar os outros no futuro para repreendê-las. Além disso, o nosso grupo, desde o primeiro dia até este momento, foi honradíssimo, e, seja lá o que se tenha dito aqui, não me parece que ele se maculou por nenhum ato nem se maculará, com a ajuda de Deus. Além do mais, quem não conhece a honradez das senhoras? Honradez que nem as conversas divertidas nem o terror da morte acredito poderem deslustrar. E, para dizer a verdade, quem porventura soubesse que as senhoras se abstiveram de falar sobre essas ninharias talvez desconfiasse que nisso há alguma culpa, motivo pelo qual não quiseram falar sobre o assunto. Sem contar que seria uma bela honra para mim (que sempre obedeci a todos) agora, que me fizeram rei, quererem impor-me a lei e deixar de falar daquilo que impus como tema. Deixem, pois, de lado as suspeitas, mais condizentes com gente de má-fé do que conosco, e pense cada uma com bom ânimo em contar uma bela história.

Quando as senhoras ouviram isso, disseram que seria como ele quisesse: assim, o rei deu a todos permissão para que até a hora do jantar cada um fizesse aquilo que mais lhe agradasse.

O sol ainda ia muito alto, pois a contação de histórias fora breve; por isso, quando Dioneu começou a jogar gamão com os outros rapazes, Elissa chamou as outras senhoras à parte e disse:

– Desde que chegamos aqui tive vontade de levá-las a um lugar bem próximo deste, onde acho que nenhuma de vocês já foi; chama-se Vale das Damas, e até agora não encontrei ocasião de levá-las até lá, a não ser hoje, porque o sol ainda está alto; por isso, se quiserem ir, não duvido de que, quando chegarem, ficarão contentíssimas por terem ido.

As senhoras responderam que estavam dispostas; chamaram uma criada e, sem darem nenhum aviso aos rapazes, puseram-se a caminho: não tinham andado muito mais de uma milha quando chegaram ao Vale das Damas. Entraram nele por um caminho bastante estreito, de um lado do qual havia um

límpido regato, e, ao verem o vale, acharam-no mais bonito e aprazível do que se podia imaginar, especialmente naquela estação de grande calor. E, segundo uma delas me contou, a planície que havia no vale era redonda como se tivesse sido feita com compasso, embora parecesse artifício da natureza, e não do homem: tinha o perímetro de pouco mais de meia milha e era circundada por outeiros de não muita altura, vendo-se no cume de cada um deles um palácio quase na forma de um belo castelinho.

As encostas desses outeiros desciam para a planície em terraços, tal como vemos nos anfiteatros que, desde o alto até a parte mais baixa, vão descendo em degraus sucessivamente ordenados e estreitando a cada vez o seu círculo. Dessas encostas, as que estavam voltadas para as plagas do meio-dia144 cobriam-se inteiramente de videiras, oliveiras, amendoeiras, cerejeiras, figueiras e vários outros tipos de árvores frutíferas, sem que se perdesse um só palmo. As que estavam voltadas para o carro de tramontana145 eram todas de bosquezinhos de carvalho novo, freixo e outras árvores verdíssimas e eretas tanto quanto podiam ser. A planície, que não tinha outras entradas além daquela por onde as mulheres chegaram, estava cheia de abetos, ciprestes, loureiros e alguns pinheiros, tão bem compostos e organizados como se o melhor artífice os tivesse plantado: entre eles pouco sol ou nenhum, embora alto, penetrava até o solo, que era todo um prado de relva miudíssima e cheia de flores purpurinas e de outros tipos.

Além disso, o que mais deleitava era um regato que, saindo de um dos vales que dividia dois daqueles outeiros, ia caindo por saltos de pedra bruta e, na queda, emitia um ruído muito agradável de se ouvir; seus respingos pareciam de azougue quando, espremido por alguma coisa, forma esguichos miúdos; e a água, ao chegar lá embaixo, à pequena planície, depois de recolhida num belo canal, corria velocíssima até o meio do plano e ali formava um laguinho, como aqueles que às vezes são feitos nos jardins pelos cidadãos que para tanto tenham recursos. Esse laguinho não era mais profundo que a estatura de um homem até o peito; e, não havendo mistura alguma nele, o seu fundo límpido deixava à mostra um cascalho miúdo que quem não tivesse o que fazer, e quisesse, poderia inventariar por inteiro; na água quem olhasse não via apenas um fundo, mas também muitos peixes a nadarem daqui para lá, de modo que, além de prazer, sentia-se admiração. Não era o laguinho fechado por outra margem senão a do próprio solo do prado, que o circundava e se mostrava mais belo quanto mais umidade recebia dele. A água que extravasava de sua capacidade era recebida por outro pequeno canal e por ele saía do vale, correndo para as partes mais baixas.

Chegadas, portanto, àquele lugar, as jovens senhoras, depois de o olharem bem e elogiarem muito, em vista do forte calor, decidiram tomar um banho no laguinho que tinham diante de si, sem nenhum temor de serem vistas. E, ordenando à criada que ficasse junto ao caminho pelo qual tinham entrado, vigiando para ver se alguém vinha e, se isso ocorresse, lhes comunicasse, as sete se despiram e entraram na água, que não ocultava seus corpos cândidos mais do que faria um vidro fino a uma rosa encarnada. Estando elas no lago, sem que por isso a água em nada se turvasse, começaram a andar daqui para lá atrás dos peixes, que mal tinham onde se esconder, querendo pegá-los com as mãos. E, depois de terem pegado alguns em meio a muita folia, ficaram mais um pouco, saíram e vestiram-se; e, parecendo ter chegado a hora de voltar para casa, sem poderem elogiar o local mais do que já haviam elogiado, puseram-se a caminho e, a passos lentos, foram falando muito sobre a beleza do lugar.

Chegaram ao palácio bastante cedo e ali encontraram os rapazes ainda jogando, tal qual os haviam deixado; Pampineia disse-lhes rindo:

– Hoje fomos nós que os enganamos.

– Como? – disse Dioneu. – Estão começando pelos fatos e deixando para depois as palavras?

Pampineia disse:

– Sim, Majestade.

E contou-lhes demoradamente de onde vinham, como era o lugar, qual a distância dali e o que haviam feito lá.

O rei, ouvindo falar da beleza do lugar e desejando vê-lo, mandou logo servir o jantar e, depois que todos comeram com muito prazer, os três rapazes deixaram ali as senhoras e foram àquele vale com seus criados; lá, contemplando tudo aquilo que nenhum deles jamais havia visto, louvaram aquelas coisas como das mais belas do mundo. Depois de tomarem banho e de se vestirem, como já era muito tarde, voltaram para casa, onde encontraram as mulheres dançando uma carola sobre um verso que Fiammetta cantava; terminada a carola, os rapazes começaram a conversar com elas sobre o Vale das Damas, falando muito bem dele e tecendo louvores. Por esse motivo, o rei chamou o senescal e lhe ordenou que na manhã seguinte todas as coisas fossem lá aprontadas, e que ele mandasse levar ali algum leito, para o caso de alguém querer dormir ou ficar deitado ao meio-dia. Depois disso, mandou trazer luz, vinho e doces, e, estando todos revigorados, ordenou que dançassem. Pânfilo desejou conduzir uma dança, e o rei, voltando-se para Elissa, disse gentilmente:

– Bela jovem, hoje você me deu a honra da coroa, e eu quero nesta noite dar-

lhe a honra da canção; por isso, cante uma que seja mais do seu agrado.

Elissa respondeu sorrindo que tinha muito gosto e, com voz suave, começou da seguinte maneira:

Se dessas tuas garras me livrar,
Amor, não creio eu
que gancho mais algum vai me fisgar.
Muito jovem entrei em tua guerra,
achando que ela era doce paz,
e as armas minhas todas pus em terra,
como, seguro, quem confia faz.
Mas tua tirania acre e voraz
logo me acometeu
com teu cruel arpão a me agarrar.
Vi-me depois atada por cadeias,
e a quem nasceu p’ra me fazer morrer,
de lágrimas e dores sempre cheia,
deste-me presa e tens-me em seu poder.
E é tanta a crueldade em me prender,
que nunca o comoveu
dor ou lamento deste meu penar.
Ninguém me escuta, e vão-se com o vento
as graças que até hoje lhe roguei;
e a cada hora cresce o meu tormento,
pois, se viver me dói, morrer não sei.
Tem piedade, senhor, do que chorei,
faze o que não posso eu:
atá-lo nos teus elos, mo entregar.
Se não queres fazê-lo, então desata
os laços amarrados da esperança;
ai, Amor, por favor, meu rogo acata;
e assim terei ainda confiança
de ser bela como outrora era usança,
à dor dizer adeus
e de alvas, rubras flores me adornar.

Depois que Elissa terminou a canção com um suspiro comovente, embora todos se admirassem com suas palavras, não havia ninguém que pudesse

imaginar quem teria sido a razão de tal cantar. Mas o rei, que estava muito bem disposto, mandou chamar Tíndaro e lhe ordenou que trouxesse para fora a sua cornamusa, e ao som dela fizeram muitas danças. Depois, como já se passara boa parte da noite, ele disse a todos que fossem dormir.

Termina a sexta jornada do *Decameron*.

---

122 Ou seja, contando-se a história as pessoas andariam sem canseiras, como se estivessem a cavalo. (N.T.)
123 Moeda que valia 1/20 do florim, mas que, quando dourada, podia perfeitamente confundir-se com ele. (N.T.)
124 Competição equestre que ocorria no dia de São João em Florença. (N.T.)
125 Forese da Rabatta († 1348) foi jurisconsulto e lecionou em Pisa; foi prior, gonfaloneiro e embaixador de Florença nas negociações com Pisa. Os Baronci eram uma família cuja fealdade se tornou proverbial em Florença. Quanto a Giotto (1266-1337), é possível que Boccaccio o tenha conhecido pessoalmente em Nápoles. (N.T.)
126 Boccaccio refere-se ao ressurgimento dos preceitos da arte clássica, em oposição ao estilo bizantino que predominara até então (chamado por Vasari de “maneira grega”). (N.T.)
127 Para essa expressão, ver nota da p. 255, segunda novela, quarta jornada. (N.T.)
128 Forma popular, já presente na nona novela da segunda jornada. (N.T.)
129 Tinha-se o costume de ir buscar fogo no vizinho com um trapo e voltar com ele aceso para casa, donde o fedor. (N.T.)
130 Lógico = filósofo especulativo; filósofo natural = estudioso de ciências. (N.T.)
131 Em italiano, o nome é Cipolla. A explicação para o nome é dada por Bocaccio nas primeiras linhas da novela. De qualquer modo, “Cipolla” é um sobrenome comum na Toscana. (N.T.)
132 Cícero. (N.T.)
133 No original Guccio Baleia = Guccio Balena; Guccio Sujo = Guccio Imbratta; Guccio Porco = Guccio Porco. Guccio Sujo (Imbratta) é citado de passagem no fim da sétima novela da quarta jornada. (N.T.)
134 Lippo Topo ou Lippotopo, personagem proverbial, ao que tudo indica um pintor que se dedicava a retratar pessoas feias ou disformes. Aparece em várias outras obras da época. (N.T.)
135 Ao pé da letra, “perdendo o cinto”. Os comentadores em geral interpretam esse trecho como: ele iria tão desvairado atrás das mulheres que não perceberia que as calças estavam caindo. Mas sempre há a possibilidade de interpretar o trecho como um modo de indicar inelutável premência sexual. (N.T.)
136 Família proverbial pela feiura. Ver quinta e sexta novelas da quinta jornada. (N.T.)
137 Abadia onde se servia uma sopa duas vezes por semana. Essa expressão tornou-se proverbial. (N.T.)
138 Toda a fala que se segue é um misto de coisas sem sentido, nomes fictícios e cheios de ambiguidade. Porcellana era não só um hospital em Florença como também um dos apelidos de Guccio. Segundo se supõe, a palavra porcelana veio de *porcella*, porca. (N.T.)
139 Ou seja, lugar de trapaceiros (*truffa* = “trufa” = “trapaça”) e bufões. (N.T.)
140 Famoso burlador; a respeito, *cf*. oitava jornada, novelas três e quatro. (N.T.)
141 Deturpação de *Verbum caro factum est*; em italiano tem-se *Verbum-caro-fatti-alle-finestre*, literalmente verbum-caro-apareça-nas-janelas. (N.T.)
142 Em italiano Monte Morello, que remete a Monte Negro da introdução da sexta jornada; Caprezio é nome fictício. Considera-se que se trata de duas alusões eróticas. (N.T.)
143 Ver nota da p. 345 na décima novela da quinta jornada. (N.T.)
144 Para o sul. (N.T.)
145 Para a Ursa Maior = norte. (N.T.)

Começa a sétima jornada, na qual, sob o reinado de Dioneu, fala-se do modo como, por amor ou para salvar-se, as mulheres burlam seus maridos, percebam eles ou não.

SÉTIMA JORNADA

Todas as estrelas já tinham fugido para os lados do oriente, exceto aquela que chamamos Lúcifer, única que ainda brilhava na aurora alvorejante, quando o senescal se levantou e foi para o Vale das Damas com grande comboio, a fim de ali dispor tudo segundo ordem e mando de seu senhor. Não demorou muito para que o rei se levantasse, acordado que fora pelo estrépito dos carregadores e dos animais, e, já em pé, fez que as mulheres e os rapazes também se levantassem. Nem bem despontavam os raios do sol quando todos se puseram a caminho; e parecia-lhes nunca antes terem ouvido rouxinóis e outros pássaros cantar tão alegremente quanto naquela manhã; e por tais cantos foram acompanhados até o Vale das Damas, onde muitos outros os receberam, dando a impressão de que se alegravam com sua chegada. Ali, contornaram e reconsideraram todo o vale de novo, e ele lhes pareceu mais bonito que no dia anterior, pois aquela hora do dia era mais condizente com sua beleza. E, depois de quebrarem o jejum com bom vinho e doces, para que em matéria de canto não fossem sobrepujados pelos pássaros, começaram a cantar, e o vale, com eles, entoando sempre as mesmas canções que eles entoavam; e a estas todos os pássaros, como se não quisessem ser vencidos, somavam doces e novas notas.

Mas, quando chegou a hora de comer, foram as mesas postas debaixo dos virentes loureiros e de outras belas árvores próximas ao lindo lago, e, conforme quis o rei, todos se sentaram e, enquanto comiam, viam os peixes nadar pelo lago em grandes cardumes, o que lhes dava ensejo não só de olhar, mas às vezes também de comentar. Chegado o fim do almoço, retiradas as comidas e as mesas, eles, mais alegres que antes, começaram a cantar e em seguida a tocar e a dançar carolas. Depois, como em vários locais do pequeno vale o competente senescal mandara montar leitos circundados e fechados por cortinas de tecidos franceses e dosséis, com licença do rei quem quis pôde ir dormir; e quem não quis dormir pôde comprazer-se nos outros divertimentos costumeiros. Mas, quando chegou a hora de voltar a narrar, havendo todos se levantado, quis o rei que não muito distante do lugar onde haviam comido fossem estendidos tapetes sobre a relva e que todos se sentassem perto do lago. Então ele ordenou a Emília que começasse, e ela começou a falar alegremente.

PRIMEIRA NOVELA

Gianni Lotteringhi ouve certa noite baterem à sua porta; acorda a mulher, e ela o faz crer que é o papão146; vão esconjurá-lo com uma oração, e as batidas cessam.

– Majestade, eu teria ficado contentíssima se tivesse sido de seu gosto escolher outra pessoa para dar início a tão belo assunto, como esse de que devemos falar; mas, visto que é de seu agrado que eu estimule todas as outras, faço-o de bom grado. E me empenharei, caríssimas senhoras, para dizer algo que possa ser-lhes útil no futuro, porque, se as outras forem como eu, seremos todas medrosas, principalmente do papão, que, bem sabe Deus, não sei o que é nem encontrei ainda ninguém que soubesse, já que todas nós o tememos de modo igual. E, caso ele apareça, se observarem bem a minha história, poderão aprender uma santa e boa oração, muito eficaz para expulsá-lo.

Houve outrora em Florença, no bairro de São Pancrácio, um fabricante de estambre chamado Gianni Lotteringhi, homem mais feliz em sua arte que esperto em outras coisas, porque, tendo algo de simplório, era muitas vezes nomeado capitão dos cantores de laudes de Santa Maria Novella, com a incumbência de cuidar de seus exercícios e de outros pequenos encargos que recebia com bastante frequência e o faziam sentir-se importante; isso lhe advinha do fato de ser abastado e, por isso, dar amiúde boas gratificações aos frades. Estes, arrancando dele ora um par de calções, ora uma capa, ora um mantéu, ensinavam-lhe boas orações e davam-lhe o pai-nosso em língua vulgar, a canção de Santo Aleixo, o lamento de São Bernardo, a loa de dona Matilde e outras tantas bobagens, que ele prezava muito e guardava diligentemente, tudo pela salvação de sua alma.

Ora, tinha ele por esposa uma mulher belíssima e graciosa, que se chamava *monna* Tessa, filha de Mannuccio dalla Cuculia; era ela muito sagaz e experiente, e, conhecendo a simploriedade do marido e estando apaixonada pelo jovem, belo e viçoso Federigo di Neri Pegolotti, e ele por ela, acertou tudo com uma criada para que Federigo fosse vê-la numa linda propriedade que o referido Gianni tinha em Camerata, onde ela passava todo o verão. Gianni às vezes ia lá jantar e pernoitar, voltando pela manhã à sua loja e, quem sabe, às suas laudes. Federigo, que desejava demais esse encontro, aproveitou a oportunidade e, num dia combinado, foi lá em cima no fim da tarde e, como Gianni não apareceu

durante a noite, jantou e pernoitou com a mulher à vontade e com muito prazer; e, com ela nos braços durante a noite, ensinou-lhe meia dúzia de laudes do marido. Mas ela não pretendia que aquela primeira vez fosse a última, nem Federigo, e, para que a criada não precisasse ir todas as vezes falar com ele, ficou combinado entre os dois o seguinte expediente: sempre que ele estivesse indo para uma propriedade que possuía um pouco mais para cima, ou dela voltando, deveria prestar atenção a um vinhedo que ficava ao lado da casa dela e veria uma caveira de asno numa das estacas; se o focinho do asno estivesse voltado para Florença, sem dúvida e sem falta poderia ir lá quando já estivesse bem escuro e, se não encontrasse a porta aberta, deveria bater de mansinho três vezes, e ela abriria; mas, quando visse o focinho da caveira voltado para Fiesole, não deveria ir porque Gianni lá estaria. Agindo dessa maneira, encontraram-se muitas vezes.

Dentre as muitas vezes, porém, uma houve em que, devendo Federigo jantar com *monna* Tessa e tendo ela mandado cozinhar dois grandes capões, eis que Gianni, que não deveria ir, apareceu bem tarde. A esposa ficou muito aborrecida com isso, e ambos comeram um pouco de carne salgada que ela mandara cozinhar à parte. À criada ela pediu que levasse numa toalhinha branca os dois capões cozidos, muitos ovos frescos e um frasco de bom vinho para um pomar ao qual se podia chegar sem passar pela casa e onde ela costumava jantar com Federigo de vez em quando, e que pusesse tudo aquilo ao pé de um pessegueiro que ficava ao lado de um pequeno prado. E tamanha foi sua contrariedade que não se lembrou de dizer à criada que esperasse até Federigo chegar para lhe dizer que Gianni estava lá e que ele deveria pegar aquelas coisas do pomar. Assim, ela, Gianni e também a criada foram para a cama, e não demorou muito para que Federigo viesse e batesse uma vez de mansinho à porta, que ficava tão perto do quarto, que Gianni ouviu imediatamente, e a mulher também; mas, para que Gianni não tivesse nenhuma suspeita a seu respeito, ela fez de conta que estava dormindo.

Depois de esperar um pouco, Federigo bateu pela segunda vez, e Gianni, admirado, cutucou a esposa de mansinho, dizendo:

– Tessa, está ouvindo o que eu estou ouvindo? Parece que estão batendo na nossa porta.

A esposa, que tinha ouvido muito melhor que ele, fez de conta que estava acordando e disse:

– Como é que é? Hein?

– Estou dizendo que parece que estão batendo na nossa porta – disse Gianni.

A esposa disse:

– Batendo? Ai, Gianni meu bem, você não sabe o que é? É o papão, que me fez passar tanto medo nessas noites que, sempre que eu ouvia, cobria a cabeça e não tinha coragem de descobrir até que o dia clareasse.

Então Gianni disse:

– Que é isso, mulher, não tenha medo se for ele, porque eu rezei o "*Te lucis*" e a "*'ntemerata*"147 e muitas outras boas orações, quando nos deitamos, e até fiz em todos os cantos da cama o sinal da cruz em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, por isso a gente não precisa ter medo, porque por mais que ele tenha poder não pode nos fazer nenhum mal.

Para que Federigo não tivesse suspeitas e não brigasse com ela, a mulher decidiu que deveria levantar-se e dar-lhe a entender que Gianni estava ali; então disse ao marido:

– Então está bem, você diga lá as suas rezas; eu, por mim, não vou me considerar sã e salva se a gente não esconjurar o papão, já que você está aí.

Gianni disse:

– E como se esconjura ele?

A mulher disse:

– Eu sei fazer uma simpatia, porque no outro dia, quando fui a Fiesole pegar as indulgências, uma daquelas eremitas – Gianni meu bem, a coisa mais santa que só Deus sabe –, vendo que eu estava com tanto medo, me ensinou uma reza boa e santa, dizendo que tinha experimentado fazê-la várias vezes antes de ser eremita e sempre tinha funcionado. Mas só Deus sabe que eu nunca teria coragem de ir sozinha experimentar; mas, agora que você está aqui, quero ir com você fazer essa simpatia.

Gianni disse que concordava; então os dois se levantaram e foram devagarinho até a porta, junto à qual, do lado de fora ainda estava Federigo, já desconfiado, a esperar. Chegando lá, a mulher disse a Gianni:

– Você vai cuspir quando eu mandar.

Gianni disse:

– 'Tá bem.

E a mulher começou a reza, dizendo:

– Papão, papão, que pela noite vais, de rabo em pé vieste, de rabo em pé irás: vai ao pomar, ao pé do grande pessegueiro encontrarás um unto besunto e sem cocozinhos da minha galinha: põe a boca no gargalo e vai embora sem fazer mal a mim e a Gianni meu bem.

Depois, disse ao marido:

– Cospe, Gianni.

E Gianni cuspiu.

Federigo, que estava do lado de fora ouvindo tudo e já não sentia ciúmes, estava quase estourando de vontade de rir, apesar da tristeza, e, quando Gianni cuspia, dizia baixinho:

– Os dentes.

A mulher, depois de ter esconjurado o papão três vezes dessa maneira, voltou para a cama com o marido.

Federigo, que esperava jantar com ela e não tinha ainda comido, entendendo bem as palavras da reza, foi ao pomar e, encontrando ao pé do grande pessegueiro os dois capões, o vinho e os ovos, levou-os para casa e jantou à vontade; e, quando das outras vezes se encontrou com a mulher, riu muito com ela da simpatia.

É bem verdade que, dizem alguns, a mulher de fato tinha virado a caveira do burro para Fiesole, mas um lavrador de passagem pelo pomar lhe dera uma paulada que a fizera ficar girando até parar de focinho virado para Florença, motivo pelo qual Federigo, acreditando estar sendo chamado, foi até lá; e que a mulher rezara da seguinte maneira: “Papão, papão, vai com Deus. A cabeça do burro quem virou não fui eu, que te castigue Deus. Estou aqui com o Gianni meu”; por isso, ele foi embora, ficando sem pernoite e sem jantar. Mas uma vizinha minha, que era uma senhora bem idosa, disse-me que as duas versões são verdadeiras, segundo ela ficou sabendo na infância; mas que a última não aconteceu com Gianni Lotteringhi, e sim com certo homem chamado Gianni di Nello, estabelecido em Porta San Piero, não menos arrematado bobalhão que Gianni Lotteringhi. Por isso, caras senhoras, cabe-lhes escolher qual das duas preferem, ou podem ficar com as duas: elas têm enorme virtude para tais coisas, como ouviram por experiência: aprendam, pois ainda poderão ser úteis.

SEGUNDA NOVELA

Peronella põe o amante num tonel quando o marido volta para casa; como o marido vendera o tonel, ela diz que o vendeu a alguém que está lá dentro olhando se ele é sólido: o amante, pulando para fora, manda o marido raspar o tonel e depois o leva para casa.

A história de Emília foi ouvida com muitas risadas, e a reza foi elogiada por todos como santa e boa. Visto que a história chegara ao fim, o rei ordenou a Filostrato que prosseguisse; e ele começou:

– Caríssimas senhoras, os homens burlam tanto as mulheres, especialmente os maridos, que, se alguma vez ocorrer a alguma mulher burlar o marido, as senhoras não só deverão ficar contentes com o acontecimento, ou por terem sabido ou ouvido alguém contar, mas também deverão pessoalmente contar o fato em todos os lugares, para que os homens fiquem cientes de que, se eles sabem, as mulheres também sabem – o que só pode ser útil às senhoras porque, quando alguém sabe que o outro sabe, não se mete a enganá-lo com facilidade. Então, quem há de duvidar que, chegando ao conhecimento dos homens, aquilo que contarmos hoje sobre esse assunto não será bom motivo para que eles parem de enganá-las, sabendo que as senhoras também, se quiserem, saberão enganá-los? Minha intenção é então contar a ideia que uma jovenzinha, embora de baixa condição, teve quase que num instante para salvar-se.

Não faz muito tempo houve em Nápoles um homem pobre que se casou com uma jovem bela e graciosa chamada Peronella; ele, que era pedreiro de ofício, e ela, fiandeira, ganhavam muito mal e iam levando a vida da melhor maneira que podiam. Ocorre que um jovem, daqueles galanteadores, certo dia viu a referida Peronella, gostou muito dela, apaixonou-se e tanto a solicitou de uma maneira ou de outra que acabou por ganhar os seus favores. E, para poderem ficar juntos, combinaram o seguinte: como o marido se levantava bem cedinho para ir trabalhar e procurar serviço, o rapaz deveria ficar em algum lugar de onde o visse sair; como o bairro onde ela morava, chamado Avorio, era muito ermo, depois que o marido saía, ele entrava: foi o que fizeram várias vezes.

Mas, certa manhã, depois que o bom homem saiu e Giannello Scrignario (assim se chamava o rapaz) entrou em casa e ficou com Peronella algum tempo, voltou para casa aquele que não costumava voltar durante o dia inteiro; e, encontrando a porta fechada por dentro, bateu; e depois de bater começou a dizer

de si para si:

– Oh, Deus, sê sempre louvado, porque, embora me tenhas feito pobre, pelo menos me consolaste com boa e honesta mulher. Vê como ela fechou a porta por dentro assim que saí, para que ninguém pudesse entrar e molestá-la.

Peronella, ouvindo o marido, que ela reconheceu pelo modo de bater, disse:

– Ai de mim! Giannello, querido, estou perdida; chegou o meu marido, que Deus o castigue por ter voltado: e não sei o que quer dizer isso, porque nunca voltou a essa hora: talvez tenha visto quando você entrou! Mas, pelo amor de Deus, seja como for, entre neste tonel que está vendo ali, enquanto eu vou abrir, e vamos ver o que quer dizer essa história de voltar de manhã tão cedo para casa.

Giannello logo entrou no tonel, e Peronella foi até a porta, abriu-a para o marido e disse de cara feia:

– Ora, que novidade é essa, voltando tão cedo assim para casa? Pelo que estou vendo, hoje não quis fazer nada, pois está voltando com as ferramentas nas mãos: e se fizer isso, do que é que nós vamos viver? De onde vamos tirar o pão? Acha que eu vou aguentar que você fique empenhando minha saia e minhas outras roupinhas? Eu, que noite e dia só faço fiar, a tal ponto que a minha unha já desgrudou da carne, para pelo menos comprar azeite e acender a lamparina? Marido, marido, não há vizinha nossa que não se espante e não caçoe de mim, pelo tanto que eu trabalho e dou duro: e você me volta para casa com as mãos abanando, quando deveria estar trabalhando!

E, dizendo isso, começou a chorar e a falar de novo:

– Ai, pobre de mim, como sou coitada, maldita a hora em que nasci, em que má hora vim ao mundo! Eu, que poderia arranjar um moço de bem e não quis, para ficar com esse aí que não pensa naquela que levou para casa. As outras aproveitam o tempo com os amantes, e não há nenhuma que não tenha dois ou três, e se divertem mostrando ao marido água por vinho; enquanto eu, coitada, como sou boa e não gosto dessas coisas, me dou mal e tenho má sorte: não sei por que não arranjo um desses amantes como as outras. Escute bem direitinho, marido, se eu quisesse agir mal encontraria muito bem com quem, porque existem alguns bem bonitos que gostam de mim, que me querem bem e mandaram recado oferecendo muito dinheiro, perguntando se quero roupas e joias, mas meu coração nunca me permitiu fazer isso, porque não fui filha de mulher fácil: e você me volta para casa quando deveria estar trabalhando!

O marido disse:

– Ah, mulher, não fique triste, pelo amor de Deus! É verdade que eu saí para trabalhar, mas logo se vê que você não sabe, como nem eu mesmo sabia, que

hoje é dia de São Galeone e não se trabalha; por isso, voltei a esta hora para casa, mas, apesar disso, eu procurei e encontrei um modo de termos pão para mais de um mês, porque vendi a este aqui que está comigo aquele tonel que, você sabe, já faz muito tempo está atrapalhando no meio da casa; e ele vai me dar cinco florenciados.148

Peronella então disse:

– Tudo isso é causa do meu sofrimento: você, que é homem, vive por aí e deveria saber das coisas do mundo, vendeu por cinco florenciados um tonel que eu, que sou mulher, nunca saio, mas vejo o estorvo que é aquilo no meio da casa, vendi por sete a um bom homem que, quando você voltou, entrou dentro dele para ver se é forte.

O marido, ouvindo isso, ficou mais que contente e disse àquele que tinha ido com ele para fazer a compra:

– Bom homem, vá com Deus, está ouvindo que minha mulher vendeu por sete, ao passo que você só estava me oferecendo cinco.

O bom homem disse:

– Então sorte sua! – e foi embora.

Peronella disse ao marido:

– Venha aqui então, já que está em casa, e trate você mesmo dos nossos negócios com ele.

Giannello, que estava de orelha em pé, para saber se precisava temer ou tomar alguma providência, ao ouvir as palavras de Peronella, logo pulou para fora do tonel; e, como se não tivesse ouvido nada da volta do marido, começou a dizer:

– Onde está a senhora?

O marido, que já vinha chegando, disse:

– Estou aqui, o que quer?

Giannello disse:

– Quem é você? Gostaria de falar com a senhora com quem tratei sobre este tonel.

O bom homem disse:

– Pode tratar comigo, que sou marido dela.

Giannello então disse:

– O tonel me parece bem forte, mas tenho a impressão de que o senhor deixou borra dentro dele, porque está todo emporcalhado com uma coisa seca que não sei o que é e não consigo tirar com a unha, por isso eu só ficaria com ele se primeiro fosse limpo.

Peronella então disse:

– Não, não é por isso que não vamos fechar negócio; meu marido vai limpar tudinho.

O marido disse:

– Sim, claro.

E, largando suas ferramentas e pondo-se em mangas de camisa, mandou acender uma tocha, pediu uma rapadeira, entrou no tonel e começou a raspar. Peronella, como se quisesse ver o que ele estava fazendo, enfiou a cabeça pela boca do tonel, que não era lá muito larga, e também um dos braços e todo o ombro e começou a dizer: “Raspe aqui, ali e acolá” e “veja só, aqui ficou um pinguinho”.

E, enquanto ela assim estava ensinando e recordando tudo ao marido, Giannello, que naquela manhã ainda não tinha satisfeito plenamente o seu desejo quando o marido chegou, vendo que não podia ser como queria, deu um jeito de satisfazer-se como podia; e, encostando-se nela (que mantinha a boca do tonel fechada), tal como nos vastos campos os desenfreados garanhões acesos de amor assaltam as éguas de Pártia, levou a efeito o juvenil desejo; e quase num mesmo instante seu desejo se consumou, a raspagem do tonel terminou, ele se afastou, Peronella tirou a cabeça do tonel e o marido saiu.

Então Peronella disse a Giannello:

– Tome esta tocha, bom homem, e vá olhar se está limpo como quer.

Giannello olhou lá dentro, disse que estava bem e que tinha ficado contente; e depois de lhes dar sete florenciados, mandou levar o tonel à sua casa.

TERCEIRA NOVELA

Frei Rinaldo deita-se com a comadre; o marido o encontra no quarto com ela, e os dois o fazem crer que ele estava benzendo as lombrigas do afilhado.

Filostrato não conseguiu falar sobre as éguas partas de modo tão obscuro que as mulheres espertas não rissem, fazendo de conta que riam de outra coisa. O rei, percebendo que a história terminara, ordenou a Elissa que contasse a sua, e ela, disposta a obedecer, começou:

– Amáveis senhoras, a esconjuração do papão de Emília me trouxe à memória uma história de outra esconjuração, que, embora não seja tão bonita, vou contar porque não me ocorre outra que seja condizente com o nosso tema.

Como devem saber, em Siena houve outrora um rapaz muito formoso e de família honrada que se chamava Rinaldo; amava profundamente uma vizinha, mulher belíssima e esposa de um homem rico; tentando falar com ela sem levantar suspeitas, na esperança de obter tudo o que desejava, e não encontrando nenhum modo de fazê-lo, como a senhora estivesse grávida, ele resolveu tornar-se seu compadre; assim, aproximando-se do marido, falou com ele da maneira que lhe pareceu mais honrada, e foi feito o compadrio. Portanto, tendo-se tornado compadre de dona Agnesa e conseguindo ocasiões mais aceitáveis para falar com ela, Rinaldo revelou-lhe com palavras as suas intenções, que ela muito antes já percebera pela expressão do olhar dele; mas isso de pouco lhe valeu, embora não desagradasse totalmente à senhora tê-lo ouvido.

Ocorre que não muito tempo depois, fosse qual fosse a razão, Rinaldo tornou-se frade e, sabe-se lá que pasto encontrou, frade continuou. E, embora nesse período em que se tornou frade tivesse deixado de lado o amor que sentia pela comadre e algumas outras vaidades, com o passar do tempo voltou a tais coisas, mesmo sem deixar o hábito de frade, e começou a ter prazer em exibir-se, vestir-se com bons tecidos, andar arrumado e enfeitado em tudo, a fazer canções, sonetos e baladas e a cantar, além de outras coisas semelhantes.

Mas que estou dizendo de nosso frei Rinaldo? Qual deles não faz isso? Ai, infâmia deste mundo corrompido! Eles não se envergonham de mostrar-se gordos, de mostrar-se corados, de mostrar-se requintados nas roupas e em tudo o que usam; e não andam como pombos, mas como galos empertigados, com a crista levantada, com o peito estufado; e, deixando de lado o fato de terem as

celas cheias de albarelos repletos de eletuários e unguentos, caixas cheias de docinhos vários, frascos e garrafinhas com essências e óleos, garrafões transbordando de malvasia, vinho grego e outros vinhos preciosíssimos – de modo que quem olha não acha que está vendo celas de frades, mas boticas de herbanários ou perfumistas –, o pior é que eles não se envergonham de serem vistos como gotosos e acreditam que os outros não reconhecem nem sabem que com bons jejuns, comidas frugais e escassas e vida sóbria os homens se tornam magros, enxutos e, na maioria das vezes, saudáveis; e, mesmo que fiquem doentes, pelo menos não adoecem de gota, para cujo tratamento se costuma receitar a castidade e todas as outras coisas adequadas à vida de modesto frade. E acham que os outros não sabem que vida pobre, longas vigílias, orações e disciplina só podem tornar os homens pálidos e abatidos; e que São Domingos e São Francisco, que não tinham quatro capas cada um – não de lã tingida nem de outros tecidos nobres, mas de lã crua e cor natural –, vestiam-se para livrar-se do frio e não para se mostrar. E que Deus proveja a tais coisas, tal como necessitam as almas dos simples que os alimentam.

Assim, pois, frei Rinaldo voltou a seus antigos apetites e começou a visitar a comadre com muita frequência; e, tornando-se maior a sua audácia, ele começou a ser mais insistente que antes na solicitação daquilo que desejava. A boa mulher, vendo-se tão solicitada e achando frei Rinaldo talvez mais bonito que o costumeiro, num dia em que foi muito assediada recorreu àquilo que fazem todas aquelas que têm vontade de conceder o que é pedido, e disse:

– Como, frei Rinaldo! Os frades fazem essas coisas, é?

Frei Rinaldo respondeu:

– Senhora, na hora em que eu tirar de cima esta capa – e eu tiro depressinha –, vou parecer homem como os outros, e não frade.

A mulher esboçou um sorriso e disse:

– Ah, mas que pena! O senhor é meu compadre; como se pode fazer isso? Seria muito ruim; ouvi várias vezes que é um imenso pecado; se não fosse por isso, eu faria mesmo o que o senhor quer.

Então frei Rinaldo disse:

– Será tolice de sua parte não fazer por causa disso. Não digo que não seja pecado, mas Deus perdoa pecado maior a quem se arrepende. Mas, diga, quem é parente mais próximo de seu filho: eu que o batizei ou seu marido que o gerou?

A mulher respondeu:

– Parente mais próximo é meu marido.

– É isso mesmo – disse o frade –; e seu marido não dorme com a senhora?

– Dorme, sim – respondeu a mulher.

– Logo, se eu sou parente menos próximo de seu filho do que seu marido, devo poder dormir com a senhora tal como dorme seu marido – disse o frade.

A mulher, que não conhecia lógica e não precisava de muito estímulo, acreditou ou fez de conta que acreditou que o frade dizia a verdade e respondeu:

– Quem saberia responder às suas sábias palavras?

Depois, não obstante o compadrio, concordou em satisfazer seus desejos; o que não ocorreu só uma vez, porque, visto que o pretexto do compadrio lhes dava mais liberdade e despertava menos suspeita, ficaram juntos várias e várias vezes.

Numa das vezes, porém, em que frei Rinaldo foi à casa da senhora, vendo que ali não havia ninguém senão uma criadinha, bem bonita e engraçadinha, mandou seu companheiro ensinar-lhe o pai-nosso no pombal e entrou no quarto com a senhora, que segurava o filho pela mão; trancando-se por dentro, puseram-se num divã que lá havia e começaram a bolinar-se. E assim estavam postos quando o compadre voltou e, sem ser ouvido por ninguém, foi até a porta do quarto e bateu, chamando a senhora.

Dona Agnesa, ao ouvir, disse:

– Estou perdida, meu marido chegou; agora sim vai perceber por que temos tanta amizade.

Frei Rinaldo estava despido, ou seja, sem capa e sem mantéu, de tunicela; ao ouvir isso, disse:

– Tem razão: se pelo menos eu estivesse vestido, haveria algum remédio; mas, se abrir e ele me encontrar assim, não vai haver desculpa.

A mulher, acudida por ideia súbita, disse:

– Vista-se já; quando estiver vestido, pegue seu afilhado no colo e ouça bem o que vou dizer, para que as suas palavras concordem com as minhas, e deixe tudo comigo.

O bom homem ainda não parara de bater, quando a mulher respondeu:

– Estou indo.

Levantando-se, foi sorridente até a porta do quarto e disse ao abri-la:

– Marido, que bom que nosso compadre frei Rinaldo veio aqui, e foi Deus que o mandou, porque, se não tivesse vindo, hoje nós teríamos perdido nosso filho.

Quando o tonto santarrão ouviu isso, disse quase desfalecendo:

– Como?

– Oh, marido – disse a mulher –, agora há pouco lhe deu um desmaio

repentino, que eu achei que estava morto e não sabia nem o que fazer nem o que dizer; mas naquela mesma hora apareceu aqui o nosso compadre frei Rinaldo e o pegou no colo e disse: “Comadre, isso é lombriga que ele tem no corpo, e se chegar ao coração vai matá-lo de verdade; mas não tenha medo, que eu vou benzê-lo, matar todas e, antes de ir embora, a senhora vai ver o menino sadio como nunca viu”. E, como você precisava estar aqui para fazer certas rezas, mas a criada não conseguiu te encontrar, ele mandou o companheiro dele ficar no lugar mais alto da nossa casa, e ele e eu entramos aqui. E como não pode haver mais ninguém além da mãe da criança enquanto é feito esse serviço, a gente se trancou para não ser atrapalhado por ninguém, e ele ainda está com o menino no colo, e acho que só está esperando o companheiro acabar as rezas para dar por terminado, porque o menino já voltou totalmente a si.

O beato acreditou em tudo, e a afeição pelo filho o comoveu a tal ponto que ele não atentou para o engodo preparado pela mulher, mas, dando um suspiro profundo, disse:

– Quero ir vê-lo.

A mulher disse:

– Ainda não, senão vai estragar tudo o que foi feito; espere aí, vou ver se você pode ir e chamo.

Frei Rinaldo, que ouvira tudo e se vestira sem pressa, pegara o menino no colo e, assim que arrumou as coisas como quis, chamou:

– Ó comadre, é o compadre que estou ouvindo aí?

O beato respondeu:

– É sim, senhor.

– Então venham cá – disse frei Rinaldo.

O beato foi lá. Frei Rinaldo disse:

– Segure seu filho, que agora está sadio pela graça de Deus, mas eu não acreditava ainda agorinha que o veriam vivo no fim da tarde; e mandem pôr uma estátua de cera do tamanho dele para louvor de Deus diante da imagem de Santo Ambrósio, por cujo merecimento Deus lhes fez essa graça.

O menino, vendo o pai, correu até ele fazendo-lhe muitas festas, como fazem as criancinhas; o pai o pegou no colo e, chorando não menos do que se o tivesse tirado da cova, começou a beijá-lo e a agradecer ao compadre que o curara. O companheiro de frei Rinaldo, que ensinara à criadinha não um pai-nosso, mas talvez para lá de quatro, e lhe dera uma bolsinha de fio branco, presente de uma freira, tornando-a sua devota, ao ouvir o beato chamar junto ao quarto da mulher, descera devagarinho até um local de onde podia ver e ouvir o que acontecia; e,

percebendo que a coisa estava em bons termos, desceu até lá e entrou no quarto dizendo:

– Frei Rinaldo, aquelas quatro orações que o senhor mandou fazer eu rezei todas.

Frei Rinaldo lhe disse:

– Irmão, você tem fôlego e fez bem. Quanto a mim, quando meu compadre chegou, só tinha rezado duas; mas, juntando o seu esforço e o meu, Nosso Senhor nos fez a graça, e o menino está curado.

O beato mandou servir bons vinhos e doces e honrou o compadre e o companheiro com aquilo de que eles mais precisavam. Depois, saindo de casa com eles, recomendou-os a Deus; e, sem tardar, mandou fazer a estátua de cera e pendurá-la com outras diante da imagem de Santo Ambrósio, mas não aquele de Milão.

QUARTA NOVELA

Certa noite Tofano fecha a porta de casa e deixa a mulher para fora; esta, não conseguindo entrar por mais que suplique, faz de conta que se atira num poço, mas joga dentro dele uma grande pedra. Tofano sai de casa e corre até lá; ela entra em casa, fecha-a, deixando-o para fora, e se põe a xingá-lo em altos brados.

O rei, percebendo que a história de Elissa chegara ao fim, voltou-se sem demora para Lauretta, dando mostras de que gostaria que ela contasse uma história; e ela, sem tardar, assim começou:

– Ó Amor, quantas e quais são as tuas forças! Quantas ideias e quantas astúcias! Que filósofo, que artista jamais poderia ter ensinado os argumentos, as astúcias, as demonstrações que ensinas de repente a quem segue teus passos? Sem dúvida a doutrina de qualquer outro é lerda em comparação com a tua, como muito bem se pôde compreender das coisas anteriormente narradas. E a elas, amorosas senhoras, acrescentarei uma de que se valeu uma mulher simples, de modo que não sei quem mais poderia ter-lhe ensinado, a não ser o Amor.

Houve em Arezzo outrora um homem rico que se chamava Tofano. Foi-lhe dada por esposa uma belíssima mulher, cujo nome era *monna* Ghita, de quem ele, sem saber por quê, logo começou a sentir ciúmes. A mulher, quando o percebeu, ficou muito zangada e, embora várias vezes lhe perguntasse a razão de seu ciúme, ele nunca soube indicar-lhe nenhuma, a não ser motivos gerais e infundados, de modo que ocorreu à mulher fazê-lo morrer da própria doença que ele tanto temia sem razão. E, percebendo que era cortejada por um jovem muito distinto, segundo lhe parecia, começou a entender-se discretamente com ele. Quando entre os dois as coisas tinham avançado a tal ponto que só faltava levar a efeito as palavras com obras, a mulher ficou pensando em como encontrar meios também para isso. E, tendo já percebido entre os maus costumes do marido o gosto pela bebida, não só começou a elogiar esse hábito como também a incitá-lo astuciosamente a beber com muita frequência. E acostumou-se tanto a isso que, quase sempre que tinha vontade, fazia-o beber até embriagar-se. Quando o via bem bêbado, punha-o a dormir, e assim se encontrou com o amante pela primeira vez e depois continuou a encontrar-se várias outras em segurança. E tanta confiança tomou na embriaguez do marido que não só chegou ao atrevimento de levar o amante à sua casa como também de passar às vezes

grande parte da noite em casa dele, que não era muito distante da sua.

E dessa maneira continuou a agir a mulher apaixonada, até que o marido infeliz começou a perceber que ela, embora o incentivasse a beber, nunca bebia. Por isso, ficou desconfiado de que as coisas seriam o que de fato eram, ou seja, de que a mulher o embriagava para poder fazer o que bem quisesse enquanto ele estivesse dormindo. E, querendo ter uma prova do que acontecia, passou uma vez o dia inteiro sem nada beber e à noite voltou para casa dando mostras, no jeito de falar e nos modos, de que era o homem mais embriagado que podia haver; a mulher, acreditando e achando que ele não precisaria beber mais para dormir bem, levou-o depressa para a cama. Feito isso, saiu de casa, como era às vezes hábito seu, e foi para a casa do amante, onde ficou até meia-noite.

Tofano, quando percebeu que a mulher não estava em casa, levantou-se, foi até a porta, trancou-a por dentro e ficou à janela, esperando que ela chegasse para deixar bem claro que tinha percebido seu modo de agir; e ficou lá até que a mulher voltou. Esta, chegando e vendo-se do lado de fora com a porta trancada, ficou muito aflita e começou a tentar abrir a porta à força.

Tofano, depois de aguentar aquilo durante certo tempo, disse:

– Mulher, está se esforçando à toa, porque aqui não vai poder entrar. Vá, retorne ao lugar onde esteve até agora e pode ter certeza de que nunca mais vai voltar para cá enquanto eu não lhe tiver prestado a honra que lhe convém por seus atos, diante de sua família e dos vizinhos.

A mulher começou a suplicar pelo amor de Deus que lhe fizesse o favor de abrir, pois não estava vindo de onde ele achava, e sim da vigília, com uma vizinha, pois as noites eram longas, e ela não conseguia dormi-las por inteiro nem ficar acordada em casa sozinha. As súplicas de nada adiantavam, porque aquele burro estava disposto a fazer que todos os aretinos, que de nada ainda sabiam, ficassem sabendo de sua vergonha.

A mulher, vendo que suplicar não adiantava, recorreu a ameaças e disse:

– Se não abrir, eu vou torná-lo o homem mais infeliz que existe.

Tofano respondeu:

– E o que você poderia fazer?

A mulher, cujo engenho já fora aguçado pelas inspirações do Amor, respondeu:

– Prefiro me jogar nesse poço daqui de perto a ter de suportar a vergonha a que você quer me expor injustamente; e, quando eu for encontrada morta, ninguém vai acreditar que não foi você que me atirou lá dentro por bebedeira; e assim você vai precisar fugir e ficar sem nada do que tem, no exílio, ou então

vão lhe cortar a cabeça como meu assassino, que é o que você de fato terá sido.

Com tais palavras Tofano não se afastou de sua tola decisão. Por isso, a mulher disse:

– Chega, já não aguento mais esse aborrecimento; Deus que te perdoe; mande pôr no lugar esta roca que estou deixando aqui.

Estava a noite tão escura, que uma pessoa mal enxergaria outra na rua, e a mulher, depois de dizer isso, foi em direção ao poço, pegou uma pedra enorme que havia ao pé do poço e, gritando “Deus me perdoe”, deixou-a cair lá dentro.

Ao atingir a água, a pedra fez um tremendo barulho; Tofano, ouvindo, acreditou piamente que ela havia se atirado; então, pegando o balde com a corda, precipitou-se para fora de casa a fim de ajudá-la e correu ao poço. A mulher, que estava escondida perto da porta da casa, assim que o viu correr ao poço, fugiu para dentro, trancou-se, foi até a janela e começou a dizer:

– A água no vinho se põe na hora de beber, e não noite alta.

Tofano, ao ouvi-la, sentiu-se vexado e voltou para a porta; mas, não podendo entrar, começou a pedir-lhe que abrisse.

Ela, deixando de lado a fala mansa que usara até então, começou a dizer quase a gritar:

– Pela cruz de Cristo, bêbado insuportável, você não vai entrar esta noite; não aguento mais esses seus modos; quero mostrar a todo o mundo quem você é e a que horas volta para casa à noite.

Tofano, por outro lado, muito zangado, começou a xingá-la e a gritar. Os vizinhos, ouvindo o barulho, levantaram-se, e às janelas apareceram homens e mulheres a perguntarem o que estava acontecendo.

A mulher começou a dizer chorando:

– É um homem ruim, que volta bêbado à noite para casa ou fica dormindo nas tavernas e depois chega a esta hora. Já aguentei muito tempo, mas não adiantou, então, não suportando mais, quis fazê-lo passar por esse vexame de ficar fora de casa, para ver se ele se emenda.

Tofano, o burro, por outro lado, dizia o que havia acontecido e fazia grandes ameaças.

A mulher dizia aos vizinhos:

– Vejam só que homem é esse! O que diriam se eu estivesse na rua como ele, e ele estivesse em casa como eu? Por Deus, duvido que vocês acreditem que ele está falando a verdade. Por isso já podem conhecer o juízo que ele tem. Está dizendo que eu fiz exatamente o que eu acho que ele é que fez. Achou que ia me assustar jogando não sei o que no poço; mas, quisera Deus que ele tivesse se

jogado de verdade e tivesse se afogado, assim o vinho, que ele bebeu de sobra, ficaria muito bem aguado.

Os vizinhos, homens e mulheres, começaram a repreender Tofano, a culpá-lo e a xingá-lo pelo que estava dizendo à mulher; e rapidamente a notícia foi correndo de vizinho em vizinho, até que chegou aos familiares da mulher. Estes foram até lá e, depois de ouvirem a coisa de um vizinho e de outro, agarraram Tofano e deram-lhe tamanha surra que o deixaram moído. Depois entraram na casa, pegaram a mulher e suas coisas e voltaram para sua própria casa, ameaçando Tofano de fazerem pior. Tofano, vendo-se malparado e percebendo que o ciúme fora um mau conselheiro, como queria muito bem à mulher, pediu a alguns amigos que servissem de intermediários, e tanto fez que conseguiu levar a esposa em paz de volta para casa, prometendo-lhe que nunca mais seria ciumento; além disso, deu-lhe permissão para fazer tudo o que bem quisesse, mas com bastante cuidado, para que ele não percebesse. E assim, ao modo do insensato, depois do prejuízo fez o trato. Viva o amor, morte à guerra, viva toda a nossa companhia.

QUINTA NOVELA

Um ciumento disfarçado de padre toma a confissão da sua esposa, e ela o leva a crer que ama um padre que vai estar com ela todas as noites; então, enquanto o ciumento monta guarda às escondidas junto à porta, a mulher faz o amante entrar pelo teto e fica com ele.

Quando Lauretta terminou a sua narração e todos elogiaram a mulher, dizendo que ela tinha feito muito bem aquilo que convinha ao mau marido, o rei, para não perder tempo, voltou-se para Fiammetta e lhe impôs amavelmente o encargo de narrar; assim, ela começou:

– Nobilíssimas senhoras, a história anterior me traz à mente uma narrativa semelhante sobre um ciumento, considerando-se que é muito bem-feito o que lhes fazem suas mulheres, sobretudo quando o ciúme é infundado. E, se os autores das leis tivessem levado em conta todas as coisas, considero que nisso deveriam ter instituído para as mulheres a mesma pena que instituíram para todo aquele que fere para se defender – porque os ciumentos são agressores da vida das jovens senhoras e buscam diligentemente a morte delas. Elas passam a semana inteira fechadas em casa, cuidando das tarefas familiares e domésticas, desejando, como todos, ter nos dias de feriado algum consolo, algum sossego, poder ter algum divertimento, assim como têm os lavradores nos campos, os artífices nas cidades e aqueles que dirigem os tribunais, tal como Deus no sétimo dia descansou do seu trabalho e tal como querem as leis sacras e as civis, que, levando em conta a reverência a Deus e ao bem comum, distinguiram dias de trabalho e dias de repouso. Mas os ciumentos não permitem que elas façam nada disso; ao contrário, esses dias, alegres para as outras, são para elas mais míseros e tristonhos, porque então os maridos as mantêm mais trancadas e reclusas: a consunção que isso significa para as pobrezinhas só sabem aquelas que tiveram essa experiência. Por isso, para concluir, aquilo que uma mulher faz a um marido injustamente ciumento sem dúvida não deve ser condenado, mas louvado.

Houve em Rimini um mercador rico de propriedades e dinheiro que tinha uma belíssima esposa de quem ele se tornou extremamente enciumado; não tinha outra razão para isso senão a de que, por amá-la muito e achá-la linda, sabendo que ela se empenhava ao máximo para agradá-lo, acreditava que todos os homens a amavam, que a achavam bela, e que ela se empenhava para agradar os outros como a ele (argumento de gente ruim e de pouco sentimento). E, assim

enciumado, tomava tanto cuidado com ela e a mantinha tão vigiada que talvez muitos condenados à pena capital não sejam guardados com tanta vigilância por seus carcereiros. A mulher não só não podia ir a casamentos, festas ou igrejas nem pôr os pés para fora de casa de modo algum como também não ousava debruçar-se a nenhuma janela nem olhar para fora de casa por razão alguma; por esse motivo, sua vida era péssima, e aquela tristeza ela suportava com mais impaciência quanto menos culpada se sentia.

Por isso, sentindo-se injustamente maltratada pelo marido, para consolar-se imaginou algum modo – se é que algum modo haveria – de fazer que os maus-tratos tivessem razão de ser. Como não podia sair à janela e assim não tinha como mostrar-se contente pelo amor que alguém lhe tivesse demonstrado ao passar pelos arredores, sabendo que na casa ao lado havia um rapaz belo e agradável, imaginou que, se houvesse algum buraquinho na parede entre sua casa e a outra, poderia espiar por ele várias vezes até conseguir enxergar o rapaz e falar com ele para entregar-lhe o seu amor, caso ele quisesse recebê-lo; e, achando algum meio, talvez pudesse encontrar-se com ele umas vezes e dessa maneira ir passando a sua vida infeliz até que o tinhoso desencostasse de seu marido.

E, quando o marido não estava, olhando a parede da casa ora num lugar, ora noutro, descobriu por acaso num lugarzinho bastante escondido em que a parede estava um pouco aberta por uma rachadura; assim, espiando por ela, percebeu que a rachadura dava para um quarto e pensou: “Se esse fosse o quarto de Filippo (ou seja, do rapaz vizinho), eu já teria meio caminho andado”. E com cuidado pediu a uma criada, que tinha muita pena dela, que espiasse, e esta descobriu que, realmente, o rapaz dormia sozinho naquele quarto. Por isso, ela olhava pela rachadura com frequência e, quando percebia que o rapaz estava lá, deixava cair algumas pedrinhas e gravetinhos; assim, tanto fez que, para descobrir o que acontecia, o rapaz acabou indo até lá. Então ela o chamou em voz baixa, e ele, reconhecendo a voz, respondeu; ela, quando teve tempo, revelou-lhe todas as suas intenções. O rapaz ficou tão contente que alargou mais a rachadura do seu lado, mas de tal modo que ninguém conseguisse perceber: e ali frequentemente iam para conversar e tocar-se com as mãos, mas não era possível fazer mais que isso, em virtude da severa vigilância do ciumento.

Como estavam chegando as festas de fim de ano, a senhora disse ao marido que, por favor, gostaria de ir na manhã do dia de Natal à igreja para confessar-se e comungar-se como fazem os outros cristãos. O ciumento disse:

– E que pecados você cometeu, que quer se confessar?

A mulher disse:

– Como! Você acha que sou santa só porque me mantém reclusa? Você sabe muito bem que eu cometo pecados como todas as outras pessoas que vivem, mas não quero dizer a você quais são, pois você não é padre.

O ciumento desconfiou dessas palavras e ficou com vontade de saber que pecados ela teria cometido, imaginando um meio pelo qual isso pudesse ser feito. Respondeu-lhe, então, que estava contente com a confissão, mas não queria que ela fosse a outra igreja senão à capela deles, e queria que ela fosse pela manhã bem cedinho e se confessasse com o capelão deles ou com algum padre que o capelão indicasse, e não com outro, voltando imediatamente para casa. A mulher desconfiou de alguma coisa, mas sem dizer nada respondeu que faria o que ele mandava.

Na manhã do Natal, a mulher levantou-se com a aurora, aprontou-se e foi para a igreja que o marido lhe impusera. O ciumento, por sua vez, levantou-se e foi para aquela mesma igreja, aonde chegou antes dela. Depois de combinar com o padre lá dentro aquilo que queria fazer, vestiu rapidamente uma das batinas do padre e um grande capuz de faldas (como os que vemos que os padres usam), que ele puxou um pouco para a frente do rosto, e foi sentar-se no coro. A mulher chegou à igreja e solicitou o padre. O padre veio e, ao ouvir da mulher que ela queria se confessar, disse que não podia ouvi-la, mas que lhe mandaria um companheiro seu; saiu e mandou o ciumento para a desgraça. Ele apareceu muito solene, e, embora o dia não fosse muito claro e ele tivesse puxado o capuz bem para a frente dos olhos, não foi capaz de disfarçar-se tão bem que a mulher não o reconhecesse imediatamente; quando ela viu aquilo, pensou: “Louvado seja Deus porque o ciumento virou padre; mas deixe comigo, que eu vou lhe dar o que ele está procurando”. Fazendo de conta que não o reconhecia, sentou-se aos seus pés. O senhor ciumento tinha posto algumas pedrinhas na boca, para que estas lhe atrapalhassem a língua e a mulher não o reconhecesse pela fala, achando que em todo o resto estava tão bem disfarçado que ela não o reconhecia de modo algum. Iniciada a confissão, depois de informar que era casada, a mulher disse entre outras coisas que estava apaixonada por um padre que todas as noites ia deitar-se com ela.

Ao ouvir isso, o ciumento teve a impressão de que lhe davam uma facada no coração, e, não fosse ele dominado pela vontade de saber mais, teria abandonado a confissão e ido embora. Ficando firme, portanto, perguntou à mulher:

– E como? O seu marido não dorme com a senhora?

A mulher respondeu:

– Dorme, sim senhor.

– Então, como o padre pode dormir também? – disse o ciumento.

– Senhor – disse a mulher –, com que artes o padre faz isso eu não sei, mas sei que não há em casa porta tão fechada que não se abra assim que ele a toque. Diz ele que, quando chega junto à porta do meu quarto, antes de abri-la, profere algumas palavras que fazem o meu marido pegar no sono imediatamente e, quando percebe que ele está dormindo, abre a porta, entra e fica comigo: isso nunca falha.

O ciumento então disse:

– Minha senhora, isso está errado, e a senhora precisa deixar definitivamente de fazê-lo.

A mulher disse:

– Senhor, acho que isso eu nunca vou poder fazer, porque o amo muito.

– Então – disse o ciumento –, não posso absolvê-la.

A mulher respondeu:

– Lamento muito; não vim aqui para contar mentiras; se eu achasse que podia fazer isso, diria.

O ciumento disse então:

– Lamento realmente pela senhora, pois vejo que com essa decisão está pondo sua alma a perder; mas em seu benefício eu me darei o trabalho de fazer orações especiais a Deus em seu nome, e talvez elas lhe sejam úteis: de vez em quando vou enviar-lhe um dos meus coroinhas, e a senhora mandará dizer-me se elas estão adiantando ou não; e, se adiantarem, continuaremos.

A mulher disse:

– Senhor, não faça isso, não mande ninguém à minha casa, porque meu marido é tão ciumento que, se souber, o mundo inteiro não lhe tirará da cabeça que essa pessoa terá ido lá com más intenções, e eu não terei paz pelo resto do ano.

O ciumento disse:

– Não fique receosa, porque eu farei tudo de tal maneira que a senhora não vai ouvir nunca nenhuma palavra por parte dele.

Então a mulher disse:

– Se é isso o que o senhor tem vontade de fazer, então estou de acordo.

Rezado o confiteor e tomada a penitência, ela se levantou e foi assistir à missa. O ciumento, com sua desventura, foi fungando tirar a roupa de padre e voltou para casa, desejando descobrir uma maneira de encontrar o padre e a mulher juntos, para pregar uma peça em ambos. A mulher voltou da igreja e viu

muito bem no rosto do marido que lhe estragara o Natal; mas ele fazia o que podia para esconder o que fizera e o que achava saber.

Decidindo passar a noite junto à porta da rua à espera do padre, ele disse à mulher:

– Esta noite preciso jantar e dormir fora; por isso vou fechar bem a porta que dá para a rua, a do meio da escada e a do quarto, e quando você quiser pode ir dormir.

A mulher respondeu:

– Está bem.

Ela, assim que teve ocasião, foi até o buraco, fez o sinal costumeiro e, quando Filippo o ouviu, foi até lá imediatamente; então a mulher lhe disse aquilo que fizera pela manhã e o que o marido lhe dissera depois do jantar; depois disse:

– Tenho certeza de que ele não vai sair de casa, mas vai ficar de guarda junto à porta; por isso, encontre um jeito de vir esta noite pelo teto, para ficarmos juntos.

O jovem, muito contente com o fato, disse:

– Senhora, deixe comigo.

Quando caiu a noite, o ciumento foi com suas armas esconder-se num quarto do térreo; a mulher mandou trancar todas as portas, sobretudo a da escada, para que o ciumento não pudesse subir, e, quando a ocasião pareceu propícia, o rapaz veio cautelosamente de seu lado; indo para a cama, os dois se propiciaram mutuamente prazer e bons momentos; quando o dia chegou, o rapaz voltou para casa.

O ciumento, contrariado, sem jantar e morrendo de frio, passou quase toda a noite com suas armas ao lado da porta, à espera do padre; quando o dia começou a nascer, não aguentando mais ficar acordado, adormeceu no quarto térreo. Quando já chegava a hora terça, levantou-se e, como a porta da casa já estava aberta, fez de conta que vinha de fora, entrou em casa e comeu. Pouco depois mandou chamar um rapazinho, como se fosse o coroinha do padre que a confessara, para lhe perguntar se aquele que ela sabia tinha vindo de novo. A mulher, que reconheceu muito bem o mensageiro, respondeu que ele não tinha ido naquela noite, e que, se continuasse assim, talvez ela o tirasse da cabeça, embora não quisesse que ele lhe saísse da mente.

Que mais posso dizer? O ciumento passou muitas noites querendo surpreender o padre na entrada, enquanto o tempo todo a mulher passava bons momentos com o amante. No fim, o ciumento, que já não aguentava mais, com

expressão agastada perguntou à mulher o que ela dissera ao padre na manhã em que se confessara. A mulher respondeu que não queria dizer, porque não era coisa decorosa nem decente.

Então o ciumento disse:

– Sua ordinária, contra a sua vontade eu fiquei sabendo o que você disse, e é muito bom você logo dizer quem é o padre por quem está tão apaixonada, aquele que com suas magias vem dormir com você todas as noites, se não quiser que eu lhe corte as veias.

A mulher disse que não era verdade que estivesse apaixonada por padre nenhum.

– Como? – disse o ciumento. – Você não disse isso ao padre que tomou sua confissão?

A mulher disse:

– Nem parece que lhe contaram, parece mesmo é que você estava lá; pois bem, eu disse isso.

– Pois diga quem é esse padre e já – disse o ciumento.

A mulher começou a sorrir e disse:

– Fico muito feliz quando um homem sabido é conduzido por uma mulher simples do mesmo modo como se conduz um carneiro pelos chifres ao matadouro; se bem que sabido você não é, e não foi desde o momento em que deixou o espírito maligno do ciúme entrar no seu peito, sem saber por quê; e quanto mais tolo e burro você for menor será a minha glória. Você acha, meu marido, que sou cega dos olhos da cara assim como você é cego dos olhos da mente? Claro que não; logo que olhei percebi quem era o padre que me confessou, e sei muito bem que era você mesmo; mas tomei a decisão de lhe dar aquilo que você estava procurando, e dei. Mas, se você fosse tão sabido como acha que é, não teria tentado saber daquela maneira os segredos da sua boa mulher e, sem suspeitas vãs, teria percebido que aquilo que ela lhe confessava era a verdade, sem que ela tivesse cometido pecado algum. Eu disse que amava um padre: e por acaso você, que não merece o amor que lhe tenho, não estava disfarçado de padre? Eu disse que nenhuma porta da minha casa podia ficar fechada quando ele quisesse dormir comigo: e que porta desta casa alguma vez ficou fechada quando você quis ir aonde eu estava? Disse que o padre se deitava todas as noites comigo: e quando foi que você não se deitou comigo? E todas as vezes que você me mandou o seu coroinha, como sabe, nas vezes em que você não esteve comigo eu disse que o padre não tinha vindo. Qual o desmiolado, afora você, que se deixou cegar pelo ciúme, não teria entendido essas coisas? E

ficou em casa durante a noite montando guarda junto à porta e achando que eu acreditei que tinha ido jantar e dormir fora! Emende-se daqui por diante, volte a ser o homem que costumava ser, não permita que ria de você quem conhece suas maneiras como eu conheço e deixe de lado essa vigilância cerrada que me faz; pois juro por Deus que, se me desse vontade de lhe pôr chifres, mesmo que você tivesse cem olhos, e não dois como tem, eu decidiria satisfazer à minha vontade de tal modo que você nem perceberia.

O infeliz do ciumento, que achava ter-se inteirado astutamente do segredo da mulher, ao ouvir isso sentiu-se envergonhado; e, sem mais nada responder, considerou que tinha esposa boa e sábia; assim, quando mais precisava do ciúme, despiu-se dele, tal como o vestira quando dele não precisava. E a sábia senhora, como se tivesse obtido licença para os seus prazeres, deixou de fazer o amante vir pelo teto, como fazem os gatos, e este começou a vir pela porta, de modo que, agindo discretamente, passou depois bons momentos e vida boa com ele.

SEXTA NOVELA

Madonna *Isabella está com Leonetto e é visitada por certo* messer *Lambertuccio, que a ama; quando seu marido volta, ela manda* messer *Lambertuccio sair com um punhal na mão; depois o marido acompanha Leonetto de volta para casa.*

Todos apreciaram muitíssimo a história de Fiammetta e afirmaram que a mulher tinha agido otimamente, fazendo o que cabia àquele homem estúpido; mas, depois que terminou, o rei ordenou a Pampineia que prosseguisse. E ela começou, dizendo:

– Muita gente diz, de maneira simplória, que o Amor põe as pessoas fora de si e torna quase desatinado aquele que ama. Tola opinião, ao que me parece e já foi demonstrado suficientemente pelo que aqui se disse; também eu pretendo demonstrá-lo.

Em nossa cidade, que abunda em todos os bens, houve outrora uma jovem e fidalga senhora, bastante formosa, casada com um cavaleiro valoroso e distinto. E, assim como é frequente alguém não querer sempre o mesmo alimento, mas desejar às vezes variar, visto que o marido não lhe dava muita satisfação, essa mulher se enamorou de um rapaz chamado Leonetto, muito agradável e de bons costumes, embora não de alto nascimento; ele também dela se enamorou, e como – todos sabem – raramente deixa de ter efeito aquilo que é desejado pelas duas partes, para dar cumprimento àquele amor não foi preciso muito tempo.

Ocorre que ela, sendo bonita e atraente, despertou forte paixão num cavaleiro chamado *messer* Lambertuccio, mas, achando-o desagradável e maçante, não se dispunha a amá-lo por nada do mundo. Ele, depois de a solicitar muito por intermediários e não obtendo resultado algum, como era homem poderoso, mandou recado ameaçando-a de expô-la à vergonha caso não satisfizesse os seus desejos. Por isso a mulher, temerosa, por saber como ele era, resolveu fazer sua vontade.

Tendo essa senhora, que se chamava *madonna* Isabella, ido passar algum tempo numa belíssima propriedade de campo, como é nosso costume no verão, em certa manhã na qual o marido foi a cavalo para um lugar onde permaneceria alguns dias, ela mandou chamar Leonetto para ficar com ela, e ele, felicíssimo, foi imediatamente. *Messer* Lambertuccio, sabendo que o marido dela tinha se ausentado, montou sozinho a cavalo e foi bater à sua porta. A criada da mulher,

ao vê-lo, foi imediatamente até o quarto onde ela estava com Leonetto e, chamando-a, disse:

– Senhora, *messer* Lambertuccio está lá embaixo sozinho.

A senhora, ouvindo isso, sentiu-se a mulher mais infeliz do mundo; mas, como tinha muito medo dele, suplicou a Leonetto que não se importasse de ficar um tempinho escondido atrás da cortina da cama, até que *messer* Lambertuccio fosse embora. Leonetto, que menos medo não tinha, escondeu-se; e ela ordenou à criada que fosse abrir a porta para *messer* Lambertuccio: aberta a porta, ele apeou de um palafrém no pátio e, depois de amarrá-lo a um gancho, subiu. A mulher foi sorridente até o alto da escada e o recebeu com as palavras mais amáveis que pôde, perguntando o que andava fazendo. O cavaleiro abraçou-a e beijou-a, dizendo:

– Alma minha, fiquei sabendo que seu marido não está, por isso vim ficar um pouquinho com a senhora.

Depois dessas palavras, entraram no quarto, fecharam-se por dentro, e *messer* Lambertuccio começou a deleitar-se com ela.

E assim estavam quando, contrariando totalmente as expectativas da mulher, o seu o marido voltou; a criada, vendo-o já um tanto perto do palácio, correu depressa ao quarto da patroa e disse:

– Senhora, o patrão está voltando, e acho que já está lá embaixo no pátio.

Quando ouviu isso, a mulher achou que estava perdida, sabendo que tinha dois homens em casa, e que o cavaleiro não podia esconder-se por causa do palafrém que estava no pátio. No entanto, tomando uma decisão repentina, jogou-se da cama ao chão e disse a *messer* Lambertuccio:

– Se o senhor me quiser um pouquinho de bem e pretender me livrar da morte, faça o que vou lhe dizer. Desembainhe e empunhe seu punhal e com cara de muita raiva desça pelas escadas dizendo: “Juro por Deus que ainda o acho em algum lugar”; e, se meu marido quiser segurá-lo ou se perguntar alguma coisa, não diga mais nada, só isso que eu lhe disse, monte em seu cavalo e não se demore com ele de maneira nenhuma.

Messer Lambertuccio disse que o faria; então, desembainhou o punhal e, com o rosto afogueado tanto pela canseira recente quanto pela raiva que sentia com o retorno do cavaleiro, fez o que a mulher ordenou. O marido, que já apeara no pátio e se admirara com o palafrém, ao fazer menção de subir viu *messer* Lambertuccio descer e, espantado com as palavras e com o rosto dele, disse:

– O que é isso, meu senhor?

Messer Lambertuccio pôs o pé no estribo, montou e não disse outra coisa,

senão:

– Pelo corpo de Deus, eu o apanho em outro lugar.

E foi embora.

O fidalgo, subindo, encontrou a mulher no alto da escada toda assustada e amedrontada. Então lhe disse:

– O que foi isso? Aonde vai *messer* Lambertuccio com tanta ira e ameaças?

A mulher, indo em direção ao quarto para que Leonetto a ouvisse, respondeu:

– Senhor, nunca senti tanto medo como hoje. Um rapaz que não conheço fugiu aqui para dentro porque estava sendo seguido por *messer* Lambertuccio de punhal na mão; encontrou por acaso este quarto aberto e disse tremendo: “Minha senhora, pelo amor de Deus me ajude, não permita que eu caia morto nos seus braços”. Eu me levantei num pulo e, quando estava querendo perguntar quem era ele e o que estava acontecendo, eis que *messer* Lambertuccio vem subindo e dizendo: “Onde está você, traidor?”. Eu me postei diante da porta do quarto, ele queria entrar, mas eu impedi, e ele foi tão cortês que, vendo que eu não gostaria que ele entrasse aqui, disse mil coisas e desceu como o senhor viu.

O marido então disse:

– Fez bem: teria sido muito desonroso alguém ser morto aqui dentro; e *messer* Lambertuccio cometeu uma grande grosseria ao seguir alguém que fugiu aqui para dentro.

Depois perguntou onde estava o tal rapaz.

A mulher respondeu:

– Senhor, não sei onde ele se escondeu.

O cavaleiro disse:

– Onde está você? Saia sem medo.

Leonetto, que ouvira tudo, saiu do lugar onde se escondera todo amedrontado, como quem tivesse passado medo de verdade.

O cavaleiro então disse:

– O que há entre você e *messer* Lambertuccio?

O jovem respondeu:

– Nada de nada, meu senhor; por isso eu tenho absoluta certeza de que ele não está no seu juízo, ou então me confundiu com outro; porque, assim que me viu na estrada, não muito longe deste palácio, pegou o punhal e disse: “Traidor, considere-se morto”. Eu não parei para perguntar por quê, mas fugi o mais depressa que pude, vim parar aqui e, graças a Deus e a esta gentil senhora, me salvei.

O cavaleiro então disse:

– Coragem, não tenha medo; eu o levarei para casa são e salvo, e depois procure saber o que tem a ver com ele.

Depois de jantarem, ele o fez montar a cavalo e o levou de volta a Florença, deixando-o em casa. Leonetto, seguindo instruções dadas pela mulher, naquela mesma noite falou em particular com *messer* Lambertuccio e acertou com ele as coisas de tal modo que, por mais que se falasse do assunto, o cavaleiro nunca se deu conta de que tinha sido burlado pela mulher.

SÉTIMA NOVELA

Lodovico revela a madonna *Beatrice o amor que sente por ela; ela manda Egano, seu marido, para um jardim vestido como ela e deita-se com Lodovico; este depois se levanta e vai surrar Egano no jardim.*

A esperteza de *madonna* Isabella, narrada por Pampineia, foi considerada admirável por todo o grupo. Mas Filomena, a quem o rei ordenara que continuasse, disse:

– Amorosas senhoras, se não estiver enganada, acho que vou contar uma esperteza nada menor, e rapidamente.

Como devem saber, houve outrora em Paris um fidalgo florentino que, empobrecendo, se tornara mercador e se dera tão bem na mercancia que ficara riquíssimo; tivera com a mulher um único filho ao qual dera o nome de Lodovico e, para que este puxasse mais à sua nobreza do que ao seu mercadejo, não quisera metê-lo em nenhum armazém, mas o pusera com outros fidalgos a serviço do rei de França, onde ele aprendeu muitos bons costumes e ótimas coisas.

Enquanto estava lá, alguns cavaleiros que haviam voltado do Santo Sepulcro deram início a uma conversa de rapazes sobre as belas mulheres da França, da Inglaterra e de outros lugares do mundo; então um deles começou a dizer que, sem dúvida, de tudo o que visitara no mundo e de todas as mulheres que já vira, nunca encontrara beleza semelhante à da mulher de Egano dei Galluzzi de Bolonha, chamada *madonna* Beatrice; com isso concordaram todos os companheiros que haviam estado com ele em Bolonha e a haviam visto. Lodovico, que estava entre eles e ouvira tudo isso, não tendo ainda se apaixonado por ninguém, ficou tão inflamado pelo desejo de vê-la que não conseguia fixar o pensamento em outra coisa; e, decidido a ir até Bolonha para vê-la e a ali ficar, caso ela lhe agradasse, levou o pai a crer que queria ir para o Santo Sepulcro; coisa que obteve com muitíssima dificuldade.

Assumindo o nome de Anichino, chegou a Bolonha, e quis a Fortuna que no dia seguinte ele visse a mulher numa festa, quando ela lhe pareceu muitíssimo mais formosa do que havia imaginado; por isso, apaixonando-se ardentemente, decidiu que nunca partiria de Bolonha sem antes conquistar o seu amor. E, pensando nos meios que deveria adotar, deixou todos de lado e concluiu que, se conseguisse tornar-se fâmulo do marido dela, que tinha muitos, talvez fosse

possível fazer o que desejava. Assim, vendeu os cavalos, instalou os empregados de maneira que ficassem bem e lhes ordenou que fizessem de conta que não o conheciam; depois, travando amizade com seu hospedeiro, disse que gostaria de pôr-se a serviço de um senhor de bem, se conseguisse encontrar algum. Então o hospedeiro disse:

– Você é exatamente alguém de quem iria gostar um fidalgo desta cidade chamado Egano; ele tem muitos fâmulos e quer que todos tenham boa aparência, como você; vou falar com ele.

Fez o que disse que ia fazer e, antes de se despedir de Egano, já tinha com ele acertado a colocação de Anichino, que com isso ficou mais que feliz. Este, convivendo com Egano e tendo frequentes ocasiões de ver a mulher dele, começou a servi-lo tão bem e com tão boa vontade que Egano passou a estimá-lo muito, a ponto de não saber fazer nada sem ele; e incumbiu-o de cuidar não só de sua pessoa, como também de todas as suas coisas.

Certo dia em que Egano partiu para a cetraria e Anichino ficou em casa, *madonna* Beatrice – que ainda não se apercebera do amor dele, embora tivesse observado seus costumes e no íntimo os tivesse louvado e apreciado diversas vezes – pôs-se a jogar xadrez com ele; Anichino, que queria agradá-la, agindo com habilidade, sempre a deixava ganhar, coisa que a senhora festejava animadamente. E, quando todas as suas damas de companhia pararam de assistir ao jogo e os deixaram sozinhos, Anichino soltou um profundo suspiro.

A mulher o olhou e disse:

– O que há, Anichino? Dói-se porque estou ganhando?

– Senhora – respondeu Anichino –, a razão de meu suspiro é algo muito maior que isso.

A mulher disse então:

– Ah, diga o que é, pelo bem que me quer.

Quando se viu conjurado “pelo bem que me quer” por aquela que ele amava acima de tudo, Anichino soltou outro muitíssimo maior que o primeiro; por isso a senhora suplicou de novo que lhe fizesse o favor de dizer qual era a razão de seus suspiros. Anichino lhe disse:

– Receio muito que, se lhe disser, a senhora se aborreça; além disso, temo que diga a outra pessoa.

A mulher lhe disse:

– Claro que não vou ficar aborrecida, e pode ter certeza de que, seja lá o que me disser, nunca vou dizer a ninguém, a não ser que seja de seu agrado.

Então Anichino disse:

– Já que me promete, vou dizer.

Então, quase com lágrimas nos olhos, disse-lhe quem era, o que ouvira sobre ela, onde e como se apaixonara, como viera e por que fora trabalhar para seu marido; depois, humildemente, rogou-lhe que, por favor, se fosse possível tivesse piedade dele e lhe concedesse a satisfação daquele seu secreto e ardente desejo; e se, não quisesse fazê-lo, que o deixasse ficar da forma como estava e permitisse que ele a amasse.

Ó singular brandura do sangue bolonhês! Que louvável sempre foste em tais casos! Nunca foste amante de lágrimas nem de suspiros, e sempre te mostraste condescendente a rogos e transigente com desejos amorosos. Tivesse eu louvores dignos para enaltecer-te, nunca se saciaria a voz minha!

A gentil dama olhava Anichino enquanto ele falava e, dando inteira fé às suas palavras, acolheu com tanta força, diante dos rogos dele, aquele amor em sua mente, que também começou a suspirar e, depois de alguns suspiros, respondeu:

– Doce Anichino, anime-se; nunca houve presente, promessa nem galanteio de fidalgo, senhor nem nenhum outro (pois fui e ainda sou cortejada por muitos) que pudesse tocar meus sentimentos a ponto de amar algum deles; mas no pouco tempo que duraram suas palavras você fez que eu me tornasse mais sua do que sou minha. Considero que ganhou plenamente meu amor, que por isso lhe dou, e prometo que o farei gozá-lo antes que a noite de hoje chegue ao fim. E, para que isso aconteça, trate de vir por volta da meia-noite ao meu quarto; deixarei a porta aberta; você sabe de que lado da cama durmo; venha e, se eu estiver dormindo, toque-me até que eu acorde, e o consolarei de seu tão prolongado desejo; e, para que me acredite, quero dar-lhe um beijo como penhor.

E, pondo os braços em torno de seu pescoço, beijou-o amorosamente e por ele foi beijada.

Depois dessas palavras, Anichino deixou a senhora e foi executar algumas de suas tarefas, esperando com a maior felicidade do mundo que a noite chegasse. Egano voltou da caça e, depois de jantar, como estava cansado, foi dormir; a mulher foi depois e, como prometido, deixou a porta do quarto aberta. Na hora combinada, Anichino chegou, entrou devagarinho no quarto, fechou a porta por dentro, foi para o lado onde a mulher dormia, pôs a mão sobre seu peito e viu que ela não estava dormindo; ela, tão logo percebeu que Anichino viera, segurou a mão dele com suas duas mãos e, prendendo-a com força, tanto se virou na cama que acordou Egano e lhe disse:

– Ontem à noite não quis lhe dizer nada porque você parecia cansado; mas, diga uma coisa, e que Deus o guarde, Egano, entre os fâmulos que há em casa

qual você considera o melhor, o mais leal e o que mais gosta de você?

Egano respondeu:

– Que é isso, mulher, o que está perguntando? Por acaso não sabe? Não tenho nem nunca tive ninguém em quem tivesse tanta confiança e estima quanto tenho por Anichino; mas por que está fazendo essa pergunta?

Anichino, percebendo que Egano acordara e ouvindo que falavam dele, puxara várias vezes a mão para ir embora, temendo muito que a mulher quisesse enganá-lo; mas ela o tinha prendido e ainda prendia com tal força que ele não conseguira sair.

A senhora respondeu a Egano:

– Vou dizer. Eu achava que ele era como você está dizendo e que tinha por você mais lealdade que qualquer outro; mas me desiludiu, porque, quando você foi hoje caçar, ele ficou aqui e, aproveitando a ocasião, não teve vergonha de pedir que eu cedesse aos seus desejos; eu, para não precisar lhe mostrar esse fato com muitas provas e para fazê-lo tocar e ver tudo isso pessoalmente, respondi que concordava, e que hoje, depois da meia-noite, iria ao nosso jardim esperá-lo ao pé do pinheiro. Quanto a mim, não pretendo ir; mas, se você quiser conhecer a fidelidade de seu fâmulo, poderá fazer isso facilmente vestindo um dos meus garnachos, pondo um véu na cabeça e indo lá embaixo esperar para ver se ele vem, e estou certa de que sim.

Egano, ouvindo isso, disse:

– Essa eu preciso ver mesmo.

Levantou-se e, da melhor forma que pôde no escuro, vestiu um garnacho da mulher, pôs um véu na cabeça, foi para o jardim e, ao pé de um pinheiro, começou a esperar Anichino. A mulher, tão logo percebeu que ele se levantara e saíra do quarto, levantou-se e fechou a porta por dentro. Anichino, que nunca tinha passado por medo maior que aquele e tinha tentado ao máximo livrar-se das mãos da mulher, maldizendo-a cem mil vezes e ao seu amor e a si mesmo por ter confiado nela, ao perceber o que ela afinal fizera, sentiu-se o homem mais feliz do mundo; e, quando a mulher voltou para a cama, conforme ela quis, ele se despiu também, e juntos gozaram prazer e alegria por bom tempo. Depois, achando que Anichino não deveria ficar mais, ela o fez levantar-se e vestir-se; então lhe disse:

– Oh, lábios de mel, pegue um bom porrete, vá até o jardim e faça de conta que me cortejou só para me tentar; então comece a xingar Egano como se fosse eu e a lhe dar uma boa tunda com o porrete, porque com isso teremos depois muita alegria e prazer.

Anichino levantou-se e foi para o jardim com uma vara de vimeiro-verde na mão; quando estava perto do pinheiro, Egano o viu chegando, levantou-se imediatamente e, como se quisesse recebê-lo com muita alegria, foi ao seu encontro. Então Anichino lhe disse:

– Ai, sua ordinária, então veio mesmo, e acreditou que eu quisesse cometer essa falta contra o meu senhor? Pois que seja mil vezes escorraçada!

E, levantando a vara, começou a bater.

Egano, ouvindo isso e vendo a vara, pôs-se em fuga sem dizer nenhuma palavra, enquanto Anichino ia atrás, dizendo:

– Fora, que Deus lhe dê má sorte, mulher ruim, e amanhã de manhã eu vou contar tudo a Egano.

Egano, tendo recebido umas boas varadas, voltou ao quarto o mais depressa que pôde; quando chegou, a mulher perguntou-lhe se Anichino tinha ido ao jardim. Egano disse:

– Antes não fosse ele, porque, achando que eu era você, me moeu de pauladas e me disse as maiores ofensas que já se disse a uma mulher que não preste; bem que eu estava muito admirado de que ele tivesse dito aquelas coisas a você com intenção de fazer alguma coisa que me desonrasse; mas é que, como a via tão alegre e dada, quis colocá-la à prova.

Então a mulher disse:

– Louvado seja Deus por ter ele me posto à prova com palavras e a você com feitos, e acho que ele poderá dizer que eu suporto com mais paciência as palavras do que você os feitos. Mas, já que lhe é tão fiel, convém lhe ter estima e respeito.

Egano disse:

– Sem dúvida, você tem razão.

E, com base nesse argumento, acreditava firmemente que tinha a esposa mais leal e o servidor mais fiel que qualquer fidalgo já tivera. Por isso, como várias vezes depois ele e a mulher rissem do fato com Anichino, este e a senhora tiveram muito mais liberdade do que sem isso teriam para fazerem o que lhes dava deleite e prazer, o que durou enquanto Anichino houve por bem trabalhar para Egano em Bolonha.

OITAVA NOVELA

Um homem começa a ter ciúmes da mulher; ela, amarrando um barbante no dedo, à noite, sabe quando o amante vai procurá-la. O marido descobre e, enquanto segue o amante, a mulher põe outra em seu lugar na cama; o marido corta as tranças dessa outra e depois vai procurar os cunhados, que, achando que aquilo não era verdade, lhe dizem muitos impropérios.

Todos acharam que *madonna* Beatrice fora extraordinariamente esperta no modo de burlar o marido e afirmaram que devia ter sido imenso o medo de Anichino, enquanto era seguro com força pela mulher e a ouvia dizer que ele a requestara por amor; mas o rei, vendo que Filomena se calava, voltou-se para Neifile e disse:

– Sua vez de contar.

E ela começou, depois de sorrir um pouco.

– Belas senhoras, é grande o ônus de satisfazê-las com uma bela história, assim como as satisfizeram as que foram contadas antes; mas, com a ajuda de Deus, espero desonerar-me bem do encargo.

Como devem saber, houve outrora em nossa cidade um riquíssimo mercador chamado Arriguccio Berlinghieri, que, tal como ainda fazem os mercadores todos os dias, teve a tola ideia de tornar-se nobre por meio do casamento e tomou por esposa uma jovem fidalga bem pouco conveniente para ele; o nome dela era *monna* Sismonda. Como fazem todos os mercadores, ele viajava muito e ficava pouco tempo com a mulher, de modo que ela se apaixonou por um jovem chamado Ruberto, que fazia tempo a cortejava. Passando a ter intimidade com ele, da qual ela talvez tenha se aproveitado com pouca discrição – visto que ele lhe dava supremo deleite –, o fato é que Arriguccio, ou por ter ouvido alguma coisa, ou por seja lá o que fosse, transformou-se no homem mais ciumento do mundo, deixando de sair de viagem e de cuidar dos negócios, pondo todo o seu empenho em vigiar muito bem a esposa; e nunca adormecia se antes não percebesse que ela já estava na cama; por isso a mulher se sentia muito pesarosa, não podendo estar com seu Ruberto de jeito nenhum.

Ora, dando tratos à bola para encontrar algum meio de estar com Ruberto e sendo também muito solicitada por ele, teve a ideia de fazer o seguinte: como o seu quarto dava para a rua e, conforme ela percebera muitas vezes, Arriguccio

demorava bastante para pegar no sono, mas depois dormia pesadamente, imaginou pedir a Ruberto que por volta da meia-noite fosse até a porta de sua casa, que ela abriria para passarem algum tempo juntos enquanto o marido estivesse dormindo profundamente. E, para perceber quando ele chegasse, de modo que ninguém mais ficasse sabendo, imaginou pôr para fora da janela do quarto uma das pontas de um barbante, que chegaria até bem perto da calçada, enquanto a outra ponta ela faria descer até o assoalho, conduziria até sua cama e enfiaria por debaixo dos lençóis; quando ela estivesse na cama, o barbante ficaria amarrado ao seu dedão do pé. Mandou dizer isso a Ruberto e o instruiu a puxar o barbante quando chegasse: se o marido estivesse dormindo, ela soltaria o barbante e iria abrir a porta; e, se ele não estivesse dormindo, ela manteria o barbante preso e o puxaria para si, de modo que ele não esperasse. Ruberto gostou muito da ideia e foi lá várias vezes, conseguindo em algumas estar com ela, em outras, não.

Por fim, usaram continuamente esse artifício até que certa noite, estava a mulher dormindo, Arriguccio esticou a perna pela cama e topou com o referido barbante; segurando-o com a mão e descobrindo que estava atado ao dedo da mulher, disse de si para si: “Aqui decerto há tramoia”. E, percebendo depois que o barbante saía pela janela, não teve mais dúvidas; por isso, tirou-o devagarinho do dedo da mulher, prendeu-o ao seu e ficou atento, para descobrir o que queria dizer aquilo. Não muito tempo depois, Ruberto chegou e puxou o barbante como costumava; Arriguccio sentiu, mas não soubera amarrá-lo muito bem, de modo que Ruberto, ao puxar com força, ficou com o barbante na mão, entendendo que deveria esperar; e foi o que fez.

Arriguccio levantou-se bem depressa, pegou suas armas e correu à porta, para ver quem era e ferir quem fosse. Isto porque Arriguccio, apesar de mercador, era homem valente e forte. Quando chegou à porta, não a abriu com delicadeza, como costumava fazer a mulher; ao ouvir aquilo, Ruberto, que estava ali à espera, desconfiou que seria o que de fato era, ou seja, que quem abria a porta era Arriguccio, e imediatamente começou a correr, e Arriguccio a segui-lo. Por fim Ruberto, depois de ter fugido um bom tempo sem que o outro deixasse de segui-lo, como estava armado, sacou a espada e voltou-se, de modo que um começou a atacar e o outro a defender-se.

A mulher, que acordou quando Arriguccio abriu a porta do quarto, descobrindo que o barbante lhe fora tirado do dedo, logo percebeu que seu ardil tinha sido descoberto; e, vendo que Arriguccio saíra correndo atrás de Ruberto, levantou-se depressa e, imaginando o que poderia vir a acontecer, chamou sua

criada, que sabia de tudo, e tanto suplicou que conseguiu colocá-la na cama em seu lugar, pedindo-lhe que recebesse pacientemente a sova que Arriguccio lhe desse sem se dar a conhecer, porque em troca receberia tamanha recompensa que não teria motivos de queixa. E, apagando a luz que ardia no quarto, saiu e ficou escondida em um lugar da casa, à espera do que viesse a acontecer.

Enquanto Arriguccio e Ruberto lutavam, os vizinhos ouviram, levantaram-se e começaram a xingá-los; Arriguccio, temendo ser reconhecido, sem ter conseguido saber quem era o rapaz ou sem lhe ter causado nenhum ferimento, deixou-o estar e voltou para casa furibundo e raivoso; entrando no quarto muito irado, começou a dizer:

– Onde está, sua ordinária? Apagou a luz achando eu não a encontraria, mas enganou-se.

Foi até a cama e, acreditando pilhar a mulher, apanhou a criada e, enquanto pôde mexer mãos e pés, deu-lhe tantos socos e pontapés, que lhe quebrou toda a cara; por fim, cortou-lhe os cabelos, sempre dizendo as maiores ofensas que jamais se disse a mulher que não prestasse.

A criada chorava alto, e tinha por quê; e, embora às vezes dissesse: “Ai, piedade pelo amor de Deus!” ou “Chega!”, sua voz estava tão entrecortada pelo pranto, e Arriguccio estava tão ensurdecido pelo furor, que não conseguia distinguir que a voz era de outra mulher, e não de sua esposa. Dando-lhe portanto uma tremenda surra e cortando-lhe o cabelo, como dissemos, falou:

– Sua ordinária, não pretendo tocá-la de outro modo, mas vou procurar seus irmãos e contar a eles as suas boas obras; depois, eles que venham aqui buscá-la e façam o que acharem conveniente à honra deles, e que a levem daqui; porque uma coisa é certa: nesta casa você não fica mais.

Dito isso, saiu do quarto, fechou a porta por fora e foi embora sozinho.

Monna Sismonda, que estava ouvindo tudo, tão logo percebeu que o marido fora embora, abriu o quarto e, acendendo a luz, encontrou a criada toda machucada, a chorar muito; então a consolou como pôde, levou-a de volta ao quarto dela e, ordenando que fosse servida e tratada em segredo, do dinheiro do próprio Arriguccio deu-lhe uma quantidade tal que ela se considerou contente. Depois de pôr a criada no quarto, foi depressa fazer a cama do seu, arrumando e pondo tudo em ordem como se naquela noite ninguém tivesse ali dormido; reacendeu a luz, vestiu-se e arrumou-se, como se ainda não tivesse ido para a cama; depois, acendendo uma lamparina e pegando seus panos, sentou-se no alto da escada e começou a coser e a esperar para ver no que aquilo tudo ia dar.

Arriguccio, depois que saiu de casa, foi o mais depressa que pôde à casa dos

irmãos da mulher e ali bateu tanto que foi ouvido, e a porta se abriu. Os irmãos da mulher, que eram três, e a mãe dela, ouvindo que era Arriguccio, levantaram-se, mandaram acender luzes e foram ao seu encontro, perguntando o que ele estava fazendo ali àquela hora sozinho. Arriguccio contou-lhes tudo, a começar do barbante que encontrara amarrado ao dedão do pé de *monna* Sismonda, até a última coisa que descobrira e fizera; e, para lhes dar inteiro testemunho do que ocorrera, pôs nas mãos deles os cabelos que acreditava ter cortado à esposa, acrescentando que fossem buscá-la e fizessem com ela o que achassem mais cabível para sua própria honra, pois não pretendia nunca mais tê-la em casa. Os irmãos da mulher, muitíssimo aborrecidos com o que tinham ouvido e dando tudo por certo, ficaram indignados com ela, mandaram acender tochas e, com a intenção de lhe causar muito mal, puseram-se com Arriguccio a caminho de sua casa. A mãe deles, vendo isso, começou a segui-los chorando, pedindo ora a um, ora a outro, que não acreditassem naquelas coisas tão depressa, sem verem ou saberem de mais nada; pois o marido podia ter ficado zangado com ela e tê-la machucado por alguma outra razão, e agora estaria querendo lhe atribuir aquilo para se inocentar; dizia também que estava admirada com o ocorrido, porque conhecia muito bem a filha que ela tinha criado desde pequenina, e muitas outras palavras do gênero.

Chegaram, pois, à casa de Arriguccio, entraram e começaram a subir as escadas. Quando os ouviu chegar, *monna* Sismonda disse:

– Quem é?

Um dos irmãos respondeu:

– Você vai saber muito bem quem é, sua ordinária.

Monna Sismonda disse então:

– O que significa isso? Deus nos ajude.

E, pondo-se em pé, disse:

– Meus irmãos, sejam bem-vindos; que estão fazendo os três aqui a esta hora?

Eles, vendo-a sentada e costurando, sem nenhum sinal de surra no rosto, ao passo que Arriguccio dissera que a deixara toda machucada, já de início ficaram um tanto admirados e refrearam o ímpeto da ira, perguntando-lhe como tinha acontecido aquilo de que Arriguccio se queixava e fazendo-lhe muitas ameaças, caso não contasse tudo.

A mulher disse:

– Não sei o que devo dizer, nem do quê Arriguccio se queixou.

Arriguccio, ao vê-la, olhava-a como se estivesse transtornado, lembrando que

lhe dera uns mil socos na cara, que a arranhara e lhe causara todas as machucaduras do mundo, e agora a via como se nada daquilo tivesse acontecido. Em suma, os irmãos lhe disseram o que Arriguccio lhes contara, do barbante, da surra, de tudo. A mulher, dirigindo-se a Arriguccio, disse:

– Ai, marido, o que estou ouvindo? Por que me faz passar por mulher ordinária para sua vergonha, se não sou, e se faz passar por homem ruim e cruel, se não é? E quando esteve esta noite em casa, que não fosse comigo? E quando foi que me bateu? Eu pelo menos não me lembro.

Arriguccio começou a dizer:

– Como, sua ordinária? Por acaso à noite não fomos juntos para a cama? E não voltei para casa depois de correr atrás do seu amante? Não lhe dei uma surra e não lhe cortei o cabelo?

A mulher respondeu:

– Nesta casa você não dormiu esta noite. Mas vamos deixar isso de lado, porque a única prova que posso dar é a das minhas palavras sinceras, e vamos àquilo que você diz, que me bateu e cortou meu cabelo. Você nunca me bateu, e todos que estão aqui, e você também, reparem bem se tenho algum sinal de surra em todo o corpo. E eu o aconselharia a não ter a audácia de pôr as mãos em cima de mim porque, pela cruz de Cristo, eu o desfiguraria. E também não me cortou o cabelo, pelo menos que eu sentisse ou visse; mas você podia ter cortado sem que eu percebesse: deixe ver se estão cortados ou não.

E, tirando os véus da cabeça, mostrou que não estavam cortados, mas inteiros. Vendo e ouvindo tais coisas, os irmãos e a mãe começaram a dizer a Arriguccio:

– O que diz disso, Arriguccio? Não foi o que você contou que fez; e nem imaginamos como vai provar o resto.

Arriguccio estava como que alheado e queria falar, mas, vendo que o que acreditava poder mostrar não era nada daquilo, não se atrevia a dizer nada.

A mulher, dirigindo-se aos irmãos, disse:

– Meus irmãos, estou vendo que ele achou um jeito de me levar a fazer o que eu nunca quis fazer, que é contar as mazelas e as infâmias dele, e é o que vou fazer. Tenho absoluta certeza de que o que ele contou de fato aconteceu e ele fez; vou dizer como. Esse bravo homem, a quem vocês me deram por mulher para minha desgraça, que se diz mercador, que quer ter crédito e deveria ser mais sóbrio que um monge e mais sério que uma donzela, raras noites não se embebeda em tavernas, andando ora com esta mulher da vida, outra com aquela; e me deixa esperando até meia-noite e às vezes até de manhãzinha, do jeito

como me encontraram. Tenho certeza de que estava bem bêbado, foi dormir com alguma zinha, acordou, viu o barbante no pé dela, fez todas aquelas bravatas que contou e no fim retornou, bateu nela e lhe cortou o cabelo; e, como ainda não voltou direito a si, acreditou e sei que ainda acredita que fez essas coisas todas em mim; e reparem bem na cara dele: ainda está bêbado. De qualquer maneira, seja lá o que ele disse a meu respeito, quero que considerem como coisa de bêbado; e que o perdoem assim como eu perdoo.

A mãe, ouvindo essas coisas, começou a fazer um escarcéu, dizendo:

– Pela cruz de Cristo, minha filha, nada de perdoar; ao contrário, seria preciso matar esse cão nojento e ingrato, que não foi digno de receber uma filha como você. Essa é muito boa! Mas nem que ele tivesse tirado você da lama. O diabo que o carregue, você não precisa ficar ouvindo a conversa podre de um mercadorzinho de bosta de burro, desses que vêm do interior, saídos do meio da ralé, vestidos de lã crua, calças de sino149 e pena no cu150, que, quando ganham três soldos, já querem casar-se com as filhas dos fidalgos e das grandes damas, mandam fazer brasão e dizem: “Eu sou da família tal” e “Os da minha casa fizeram isto e aquilo”. Bem que eu queria que meus filhos tivessem seguido o meu conselho e a colocassem com todas as honras em casa dos condes Guidi com um naco de pão151, mas, não, quiseram dar você a essa bela joia, você, a melhor filha de Florença, a mais séria, que ele não teve vergonha de ir à meia-noite dizer que é uma puta, como se nós não a conhecêssemos; mas, juro por Deus, se fizessem caso do que digo, ele iria receber um corretivo que lhe federia para sempre.

E, voltando-se para os filhos, disse:

– Meus filhos, eu bem que dizia que isso não ia dar certo. Viram como o cunhado bonzinho trata a irmã de vocês? Mercadorzinho de dois vinténs que ele é! Ah, se eu fosse vocês e ele dissesse o que disse dela e fizesse o que faz, não ia me sentir contente nem satisfeita enquanto não o tirasse deste mundo; e se eu fosse homem em vez de mulher, não ia querer que ninguém me impedisse. Seja amaldiçoado, bêbado desgraçado sem vergonha na cara!

Os rapazes, vendo e ouvindo essas coisas, voltaram-se para Arriguccio e lhe disseram as maiores ofensas que já foram ditas a um homem que não preste; por fim disseram:

– Essa nós vamos perdoar porque você está bêbado; mas cuidado: se tiver amor à vida, daqui por diante não queremos ouvir mais essas histórias, e, se mais alguma coisa chegar aos nossos ouvidos, você vai pagar por esta e pela outra.

Dito isso, foram embora.

Arriguccio ficou como que atordoado, sem saber se o que fizera tinha acontecido de verdade ou se ele tinha sonhado; e, sem dar mais um pio, deixou a mulher em paz. Esta, com sua sagacidade, não só fugiu ao perigo iminente como também abriu caminho para no futuro fazer o que bem entendesse, já sem medo do marido.

NONA NOVELA

Lídia, mulher de Nicostrato, ama Pirro: para poder acreditar nesse amor, Pirro pede três coisas, e ela as faz todas; além disso, diverte-se com ele na presença de Nicostrato, fazendo que este acredite não ser verdade o que está vendo.

A história de Neifile agradou tanto que as mulheres não conseguiam parar de rir nem de falar sobre ela, apesar de o rei ter exigido silêncio várias vezes e ordenado a Pânfilo que contasse a sua. Depois que todos se calaram, finalmente, Pânfilo começou assim:

– Reverendas senhoras, não acredito que haja nada tão doloroso e perigoso que quem ama fervorosamente não ouse fazer; embora isso tenha sido demonstrado em várias histórias, acredito que poderei demonstrá-lo muito mais com uma que lhes contarei, na qual ficarão sabendo de uma mulher para cujas ações foi muito mais favorável a Fortuna do que a sensata razão. Por isso, não aconselharia ninguém a arriscar-se a seguir as pegadas daquela de quem pretendo falar, porque nem sempre a Fortuna está disposta, e nem todos os homens do mundo são tão desprovidos de discernimento.

Em Argos, antiquíssima cidade da Aqueia que, pelos seus reis passados, foi muito mais famosa que grande, houve outrora um nobre chamado Nicostrato, a quem, já próximo da velhice, a Fortuna concedeu por esposa uma grande dama não menos ousada que bela, cujo nome era Lídia. Sendo homem nobre e rico, tinha um grande número de fâmulos, cães e aves, sentindo muito prazer em caçar. Tinha entre seus fâmulos um rapaz cortês, airoso e belo, bem como destro em qualquer coisa que quisesse fazer, cujo nome era Pirro, de quem Nicostrato gostava mais do que qualquer outro e em quem confiava mais do que em si mesmo. Lídia apaixonou-se muitíssimo por ele, a tal ponto que de dia e de noite não conseguia pôr o pensamento em nada que não fosse ele. Mas Pirro mostrava não fazer caso disso, quer por não perceber, quer por não querer; por esse motivo, a dama trazia na alma um tormento intolerável.

Disposta a tudo para fazê-lo saber desse amor, chamou uma camareira, cujo nome era Lusca e na qual confiava muito, dizendo-lhe:

– Lusca, os benefícios que você recebeu de mim devem fazê-la obediente e fiel: por isso, atente bem porque o que eu vou lhe dizer agora não pode chegar ao conhecimento de ninguém jamais, a não ser daquele que vou indicar. Como você

pode ver, Lusca, sou jovem, viçosa, dotada e rica de todas aquelas coisas que qualquer uma pode desejar; disso tudo não posso me queixar, a não ser de uma coisa: é que a idade do meu marido é muito avançada, se comparada à minha, por isso vivo pouco contente com aquilo que dá mais prazer às mulheres jovens. No entanto, como meu desejo é igual ao das outras, faz muito tempo decidi cá comigo que, se a Fortuna foi tão pouco amiga quando me deu esse marido velho, eu não serei inimiga de mim mesma a ponto de não saber encontrar meio de satisfazer meus desejos e minha saúde. E, para ter plena satisfação destas e de outras coisas, decidi ser meu desejo que o nosso Pirro atenda a essas necessidades com os seus abraços, porque o considero mais digno do que qualquer outro, e apaixonei-me tanto por ele que não sinto nenhuma alegria a não ser quando o vejo ou quando nele penso; e se eu não conseguir me encontrar com ele o mais depressa possível, acho que vou morrer. Por isso, se você tiver algum apreço pela minha vida, assim que puder ir ter com ele, peço-lhe que, da melhor maneira que conseguir, lhe comunique o meu amor e lhe peça de minha parte que tenha a bondade de vir falar comigo.

A camareira disse que o faria de bom grado; e, assim que achou o momento e o lugar oportunos, chamou Pirro à parte e cumpriu da melhor maneira que soube a incumbência que a patroa lhe dera. Pirro, ao ouvir tais coisas, ficou muito admirado, demonstrando nunca ter percebido nada daquilo, e temeu muito que sua patroa estivesse mandando aquele recado para colocá-lo à prova; por isso, respondeu imediatamente e com rispidez:

– Lusca, não posso acreditar que essas palavras venham de minha patroa; por isso, veja bem o que está dizendo; e, mesmo que venham dela, não acredito que sejam sinceras; e, ainda que fossem, o meu patrão me honra mais do que mereço, e eu não cometeria esse ultraje contra ele, porque prezo muito a minha vida; por isso, trate de nunca mais vir falar comigo sobre essas coisas.

Lusca, sem se intimidar com aquelas expressões rudes, disse:

– Pirro, sobre essas e quaisquer outras coisas que minha patroa me ordenar eu vou lhe falar tantas vezes quantas ela mandar, goste você ou não, que não passa de um burro.

E, irritadinha com as palavras de Pirro, voltou para sua patroa que, ao ouvi-la, teve vontade de morrer; depois de alguns dias, voltou a falar com a camareira, dizendo:

– Lusca, você sabe que o carvalho não cai com a primeira machadada; por isso, acho que deve voltar a falar com aquele que, para minha desgraça, quer tornar-se estranhamente leal e, aproveitando a ocasião mais conveniente, mostre-

lhe todo o meu ardor e faça de tudo o que for possível para que a coisa tenha resultado; porque, se deixarmos tudo como está, eu poderia morrer, e ele continuaria achando que foi burlado; então, nós, que estamos procurando o seu amor, conseguiríamos o seu ódio.

A camareira animou a patroa, foi procurar Pirro e, encontrando-o alegre e bem-disposto, disse-lhe:

– Pirro, há poucos dias eu lhe mostrei como é grande o ardor de nossa patroa pelo amor que sente por você, e agora vou falar de novo sobre o assunto, pois, se você continuar com a mesma rigidez que demonstrou há alguns dias, pode ter certeza de que ela viverá pouco. Por isso, peço que tenha a bondade de satisfazer os desejos dela; e, se mesmo assim você continuar firme na sua obstinação, eu, que o considerava muito sabido, passarei a achar que você é um bobão. Deve sentir-se orgulhoso por uma mulher como aquela, bonita e nobre, gostar de você acima de qualquer outra coisa! Além disso, pense em como deve ser grato à Fortuna, que lhe oferece uma coisa dessas, capaz não só de atender aos desejos da sua juventude como também de servir de recurso para suas necessidades! Quem você conhece, na sua posição, que por via do prazer está melhor do que você estará, se for sabido? Quem mais você vai encontrar que, em matéria de armas, cavalos, roupas e dinheiro, pode estar como você estará, caso queira conceder seu amor a ela? Por isso, abra a mente para as minhas palavras e recobre o juízo: lembre que só uma vez na vida a Fortuna vem ao nosso encontro sorrindo e de braços abertos; e quem não souber recebê-la, depois, quando estiver pobre e mendigo, só poderá queixar-se de si mesmo, e não dela. Além do mais, entre empregados e patrões não se deve usar a mesma lealdade que é devida entre amigos e pares; ao contrário, naquilo que podem, os empregados devem tratá-los como são tratados por eles. Você acha que, se tivesse mulher, mãe, filha ou irmã bonita, de quem Nicostrato gostasse, ele iria pensar nessa lealdade que você quer observar em relação à mulher dele? Você será muito bobo se acreditar nisso: pode estar certo de que, se não bastassem lisonjas e pedidos, ele lançaria mão da força, seja lá o que você pensasse a respeito. Portanto, devemos tratá-los e tratar as coisas deles tal como somos tratados e como eles tratam as nossas. Tire proveito da bondade da Fortuna: não a expulse, vá ao encontro dela e acolha a sua vinda, porque é mais do que certo que, se você não fizer isso, vai se arrepender tantas vezes que desejará morrer; isso sem falar da morte de sua patroa, que sem dúvida ocorrerá.

Pirro, que havia pensado várias vezes nas palavras que Lusca lhe dissera, tomara a decisão de, caso ela voltasse, dar outra resposta e dispor-se totalmente a

satisfazer a dama, desde que conseguisse certificar-se de que não estava sendo posto à prova; por isso respondeu:

– Olhe, Lusca, eu sei que é verdade tudo isso que você está dizendo, mas, por outro lado, sei que o meu patrão é muito sagaz e esperto e, como pôs todos os seus negócios nas minhas mãos, tenho muito medo de que Lídia esteja fazendo isso para me pôr à prova por orientação e vontade dele; por isso, se ela fizer três coisas que vou pedir, para me deixar mais confiante, sem dúvida não haverá nada do que ela venha a me ordenar depois que eu não faça imediatamente. As três coisas que eu quero são estas: em primeiro lugar, que diante de Nicostrato ela mate o seu ótimo falcão; depois, que ela me mande um cacho da barba de Nicostrato; por fim, que ela me mande um dos dentes dele, e dos melhores.

Essas coisas pareceram graves a Lusca e gravíssimas à dama: mesmo assim, o Amor (que é bom estimulador e grande mestre de conselhos) levou-a a decidir-se por fazê-lo, e ela mandou sua camareira ir falar com ele e dizer-lhe que realizaria plenamente aquilo que ele havia pedido, e depressa; disse também que se divertiria com ele na presença de Nicostrato, que ele considerava tão esperto, levando-o a acreditar que o que fizessem não seria real.

Pirro, portanto, começou a esperar o que a fidalga faria. Poucos dias depois, Nicostrato ofereceu um lauto almoço a alguns fidalgos, como costumava fazer com frequência, e, tinham as mesas já sido retiradas, quando Lídia saiu de um aposento vestida de samito verde muito ornado e entrou na sala onde eles estavam; vendo Pirro e todos os outros, foi até o poleiro sobre o qual estava o falcão tão prezado por Nicostrato, soltou-o como se quisesse levá-lo sobre a mão, pegou-o pela avessada e arremessou-o contra a parede, matando-o.

E, quando Nicostrato gritou: “Ai, mulher, o que você fez?”, ela nada respondeu, mas, voltando-se para os fidalgos que tinham almoçado com ele, disse:

– Senhores, muito mal me vingaria eu de um rei que me desprezasse, se não tivesse a ousadia de me vingar por meio de um falcão. Os senhores devem saber que esse pássaro há muito vem roubando de mim todo o tempo que deveria ser usado pelos homens para dar prazer às mulheres; porque, assim que a aurora desponta, Nicostrato se levanta, monta a cavalo e com seu falcão na mão vai às planícies abertas para vê-lo voar; e eu, tal como me veem, fico sozinha e descontente na cama. Por isso, várias vezes tive vontade de fazer o que fiz agora, e ainda não tinha feito porque estava só esperando para fazê-lo diante de homens que pudessem ser juízes da minha queixa, como acredito que os senhores serão.

Os fidalgos que a ouviam, acreditando que sua afeição por Nicostrato não

fosse diferente do que levavam a crer as suas palavras, começaram a rir e, voltando-se para Nicostrato, que estava nervoso, assim diziam:

– Ah! Sua senhora fez muito bem em vingar a injúria com a morte do falcão!

E, com diversos gracejos acerca daquele assunto, depois que a mulher já tinha voltado aos seus aposentos, acabaram transformando em riso a zanga de Nicostrato.

Pirro, vendo isso, pensou consigo: “Foi um bom início o que a dama deu ao meu feliz amor; Deus queira que ela continue assim”.

Não muitos dias depois de matar o falcão, estava Lídia em seu quarto com Nicostrato a lhe fazer carinhos quando começou a brincar com ele, e ele, por brincadeira, lhe puxou um pouco os cabelos; isso deu ensejo à mulher de realizar o segundo pedido feito por Pirro: imediatamente ela pegou um pequeno tufo de barba dele e, rindo, puxou-o com tanta força que o despregou por inteiro do queixo. Quando Nicostrato reclamou, ela disse:

– Ora, o que há com você, fazendo essa cara só porque eu lhe puxei meia dúzia de pelos da barba? Você não sentiu o que eu senti quando me puxou os cabelos agora há pouco!

E assim, de conversa em conversa, continuando a brincadeira, a mulher guardou cuidadosamente o cacho da barba que arrancara e naquele mesmo dia o mandou ao seu querido amante.

Com o terceiro pedido a dama ficou mais preocupada; mesmo assim, como tinha alto engenho, e o Amor o elevava ainda mais, conseguiu imaginar um modo de realizá-lo. Nicostrato tinha em casa dois meninos dados pelos pais para aprenderem bons costumes, ainda que fossem fidalgos; enquanto Nicostrato comia, um deles lhe cortava os alimentos, e o outro lhe servia bebidas; a dama mandou chamá-los e afirmou que a boca deles fedia, ensinando-lhes que, quando fossem servir Nicostrato, puxassem a cabeça para trás o máximo que pudessem, e não dissessem isso a ninguém. Os rapazinhos, acreditando nela, começaram a comportar-se da maneira como lhes fora ensinado; até que uma vez ela perguntou a Nicostrato:

– Você percebeu o que os meninos fazem enquanto o servem?

Nicostrato disse:

– Percebi, sim, aliás, até quis perguntar por que estavam fazendo aquilo.

Então a mulher lhe disse:

– Não pergunte nada, eu sei dizer o que é, e durante muito tempo não disse nada para não o aborrecer: mas agora, percebendo que outras pessoas começam a sentir também, já não posso esconder. Isso está acontecendo simplesmente

porque a sua boca está fedendo demais, e não sei qual é a razão, porque não é algo que costumava acontecer; e é muito ruim, uma vez que você precisa conviver com fidalgos; portanto, seria preciso arranjar uma maneira de tratar.

Nicostrato disse então:

– Por que será? Será que eu tenho algum dente estragado?

Lídia disse-lhe:

– Talvez sim.

Levou-o até uma janela, pediu-lhe que abrisse a boca e, depois de olhar dos dois lados, disse:

– Oh, Nicostrato, como é que você pode ter sofrido tanto? Há um deste lado que, ao que parece, não só está cariado como também está todo podre e, sem dúvida, se você o mantiver mais um pouco na boca, ele vai acabar estragando os que estão ao lado: por isso, eu aconselharia a arrancar esse dente antes que a coisa avance.

Disse então Nicostrato:

– Se você acha que é assim, estou de acordo: mande sem demora chamar um médico para extraí-lo.

Então a dama disse:

– Deus nos livre de trazer aqui um médico só para isso: e do jeito como ele está, acho que, sem nenhum médico, eu mesma posso extraí-lo perfeitamente. Por outro lado, esses médicos são tão malvados quando fazem esses serviços, que meu coração não aguentaria vê-lo ou ouvi-lo nas mãos de nenhum deles; então, eu mesma quero fazer isso porque pelo menos, se doer muito, eu o largo imediatamente: eis aí uma coisa que o médico não faria.

Mandou então trazerem ferramentas para tal serviço, pôs para fora do quarto todas as pessoas e ficou apenas com Lusca; depois de se fechar por dentro, mandou Nicostrato deitar-se numa mesa e lhe pôs as tenazes na boca, agarrando um de seus dentes; e, apesar de seus fortes gritos de dor, enquanto uma o segurava firmemente, a outra lhe arrancava um dente com força bruta; esse dente foi guardado, e a ele foi mostrado um outro, tremendamente cariado, que Lídia tinha na mão; e enquanto ele estava meio morto, cheio de dor, ela dizia:

– Veja só o que você tinha na boca há muito tempo.

Ele acreditou e, embora tivesse aguentado uma dor terrível e se queixasse muito, vendo que o dente já estava fora, achou-se curado e, depois de reconfortado com uma coisa e com outra, sentiu que a dor diminuía e saiu do quarto. Imediatamente a mulher pegou o dente e o mandou ao seu amante: este, já certo de seu amor, declarou-se preparado a satisfazer todas as suas vontades.

A mulher, desejando deixá-lo mais seguro e não vendo a hora de estar com ele, quis cumprir a promessa que lhe fizera; fingiu-se então de doente e, ao ser visitada por Nicostrato certo dia depois do almoço, vendo que com ele só vinha Pirro, pediu-lhes que, para alívio de seu mal, a ajudassem a ir até o pomar. Assim, Nicostrato, amparando-a de um lado, e Pirro, de outro, levaram-na até lá e a puseram num pequeno prado ao pé de uma bela pereira; então, depois de ficarem algum tempo sentados, a dama, que já tinha informado Pirro daquilo que deveria ser feito, disse:

– Pirro, tenho muita vontade de comer uma dessas peras, por favor suba lá e jogue algumas aqui para baixo.

Pirro subiu imediatamente e começou a jogar algumas peras para baixo; e, enquanto as jogava, começou a dizer:

– Ei, patrão, o que está fazendo? E a senhora, não tem vergonha de deixar que ele faça isso na minha presença? Acham que sou cego? A senhora agorinha há pouco estava bem doente: como se curou tão depressa para fazer essas coisas? E se quiserem fazer isso, têm lindos quartos: por que não vão a algum deles? É mais decente do que fazer na minha presença.

A mulher, voltando-se para o marido, disse:

– O que é que Pirro está dizendo? Será que está delirando?

Pirro então disse:

– Não estou delirando, não senhora; acha que não estou vendo?

Nicostrato estava espantadíssimo. Disse:

– Pirro, eu acho sinceramente que você está sonhando.

Pirro respondeu-lhe:

– Patrão, não estou sonhando de jeito nenhum, nem vocês estão sonhando, aliás, estão se mexendo bastante, e se esta pereira se mexesse do mesmo jeito, não ia ficar uma só pera em cima dela.

A mulher então disse:

– O que será que está acontecendo? Será que ele acredita mesmo no que está dizendo? Se Deus me ajudasse e eu estivesse sadia como sempre fui, juro que subiria nessa pereira para ver que maravilhas são essas que ele diz que está vendo.

Pirro, de lá de cima da pereira, continuava com aquela conversa; então Nicostrato disse:

– Desça daí.

Quando ele desceu, Nicostrato lhe disse:

– O que é que você disse que estava vendo?

Pirro respondeu:

– Vocês devem achar que desatinei ou delirei: eu estava vendo o senhor em cima da sua senhora, já que é preciso dizer; e, depois, quando desci, vi o senhor se levantar e ir sentar aí onde está.

– Sem dúvida – disse Nicostrato –, desatinou mesmo, porque desde que subiu na pereira nós não nos movemos nadinha deste lugar onde está nos vendo.

Pirro lhe disse:

– Por que estamos discutindo? De qualquer modo eu vi; e, se vi, vi coisas que são lá com vocês.

Nicostrato ficava a cada momento mais admirado, até que disse:

– Bom, eu quero ver se essa pereira é encantada e se quem vai lá em cima vê coisas maravilhosas.

E subiu; assim que chegou lá em cima, a mulher e Pirro começaram a divertir-se; Nicostrato, vendo aquilo, começou a gritar:

– Ai, mulher ordinária, o que está fazendo? E você, Pirro, em quem eu mais confiava!

E, assim dizendo, começou a descer da pereira.

A mulher e Pirro diziam:

– Estamos aqui sentados.

E, vendo-o descer, os dois voltaram a sentar-se da mesma maneira como ele os havia deixado. Nicostrato, chegando lá embaixo e vendo os dois onde os deixara, começou a xingá-los.

Então Pirro disse:

– Agora realmente reconheço que, como dizia o senhor antes, enxerguei coisas falsas enquanto estava em cima da pereira; e sei disso simplesmente porque estou vendo que o senhor também enxergou coisas falsas; mas não tenho outro modo de provar que estou dizendo a verdade, a não ser considerando e indagando por qual motivo sua esposa, que é honestíssima e mais ajuizada que qualquer outra, caso quisesse ultrajá-lo desse modo, iria fazer tais coisas diante dos seus olhos; isso sem falar de mim mesmo, que preferiria ser esquartejado a sequer pensar, quanto mais fazer tais coisas em sua presença. Sem dúvida, a culpa dessas visões falsas deve ser da pereira, pois o mundo inteiro não me tiraria da cabeça que o senhor estava mantendo uma conjunção carnal com sua esposa, se eu não ouvisse o senhor mesmo dizer que achava que eu estava fazendo aquilo que eu sei que sem dúvida nem sequer imaginei e muito menos fiz.

A mulher, como se estivesse muito irritada, levantou-se e começou a dizer:

– Mas que desgraça você me julgar assim tão mal, como se, querendo fazer essas malvadezas que você viu, eu resolvesse fazê-las diante dos seus olhos. Pode estar certo de que eu, se por acaso tivesse vontade de fazer tais coisas, não viria aqui; acho que saberia ir para um de nossos aposentos, de tal modo e maneira que, tenho a impressão, seria um espanto se você por acaso viesse a sabê-lo.

Nicostrato, que achava serem verazes as palavras de ambos, de que ali diante dele jamais teriam cometido aquele ato, deixando de lado as conversas e as repreensões, começou a comentar a singularidade daquele fato e o milagre da modificação da visão de quem subia na árvore.

Mas a mulher, que se mostrava irritada com a opinião que Nicostrato demonstrara ter sobre ela, disse:

– Realmente, essa pereira não vai mais envergonhar desse modo nem a mim nem a outra mulher, se eu puder evitar; por isso, Pirro, vá correndo buscar um machado e corte-a, para nos vingar a ambos de uma só vez, se bem que muito melhor seria dar com o machado na cabeça de Nicostrato, que sem nenhuma consideração tão depressa se deixou ofuscar nos olhos do intelecto; porque, Nicostrato, embora os olhos que você tem na cara achassem que estava acontecendo aquilo que você disse, por motivo nenhum o julgamento de sua mente deveria compreender ou admitir que aquilo estava acontecendo.

Pirro foi mais do que depressa buscar o machado e cortou a pereira: quando a mulher a viu no chão, disse a Nicostrato:

– Agora que estou vendo derrubado o inimigo da minha honestidade, acabou-se a minha ira.

E perdoou bondosamente Nicostrato, que isso lhe pedia, fazendo-o prometer que nunca mais lhe ocorreria presumir uma coisa daquele tipo sobre aquela que o amava mais que a si mesma.

Assim, o pobre marido escarnecido voltou com ela e o amante ao palácio, onde muitas vezes depois Pirro recebeu, muito mais à vontade, grande prazer e deleite de Lídia, e ela dele. Deus nos dê o mesmo.

DÉCIMA NOVELA

Dois seneses amam uma mesma mulher que é comadre de um deles; o compadre morre e volta, segundo promessa feita, para contar ao companheiro como se vive no além.

Só restava ao rei contar uma história; este, quando viu que as mulheres se calaram, depois de se terem condoído porque a pereira fora cortada sem ter culpa, começou:

– Está mais do que claro que todo rei justo deve ser o primeiro a observar as leis que ele mesmo impôs e, se não fizer isso, deverá considerar-se servo digno de punição, e não rei: pecado e repreensão nos quais eu, que sou rei, de certo modo sou obrigado a incidir. É verdade que ontem decretei o tema das nossas histórias de hoje com a intenção de neste dia não usar meu privilégio, mas de me submeter como todos ao tema e falar sobre o que todos tivessem falado. No entanto, não só foi narrado aquilo que eu imaginara narrar, como também foram ditas muitas outras coisas bem mais bonitas do que essas que eu imaginara, de modo que, de minha parte, embora dê tratos à bola, não consigo me lembrar de nada nem imaginar dizer algo que se equipare ao que foi dito a respeito do assunto. Por isso, precisando transgredir a lei que eu mesmo ditei, sou digno de punição e declaro-me preparado desde já para quaisquer reparos que me sejam impostos; assim, volto ao meu costumeiro privilégio. Digo então, caríssimas senhoras, que é tamanha a força da história contada por Elissa sobre o compadre e a comadre e também da estupidez dos seneses que, deixando de lado as burlas impostas aos maridos pelas mulheres sabidas, sou levado a contar-lhes uma historinha sobre os seneses; esta, embora contenha muito daquilo em que não se deve acreditar, será agradável de ouvir.

Houve outrora em Siena dois jovens do povo, um dos quais se chamava Tingoccio Mini, e o outro, Meuccio di Tura, ambos moradores de Porta Salaia; quase sempre estavam juntos e, ao que tudo indicava, estimavam-se muito. Indo sempre a igrejas e a pregações, como se costuma fazer, ouviram várias vezes falar da glória ou da infelicidade que no outro mundo cabe às almas daqueles que morrem, segundo seus méritos. Querendo ter notícias seguras sobre tais coisas e não sabendo como, prometeram um ao outro que aquele que morresse primeiro, se pudesse, voltaria para dar informações àquele que tivesse ficado vivo sobre tudo o que este desejasse, e o selaram com um juramento.

Feita essa promessa, continuavam a andar juntos, como dissemos, quando ocorreu a Tingoccio tornar-se compadre de certo Ambruogio Anselmini, que morava em Camporeggi e era casado com uma senhora chamada *monna* Mita, de quem tivera um filho. O referido Tingoccio visitou algumas vezes com Meuccio aquela sua comadre, que era belíssima e graciosa, e, apesar do compadrio, apaixonou-se por ela; Meuccio, que gostara muito dela, ouvindo Tingoccio elogiá-la sempre, também se apaixonou. Ambos se abstinham de falar desse amor um ao outro, mas não pela mesma razão: Tingoccio não o revelava a Meuccio por causa da desonra que lhe parecia haver em amar a comadre, e ficaria envergonhado se alguém soubesse; Meuccio não se abstinha por essa razão, mas porque já percebera que Tingoccio gostava dela, e pensava: “Se eu lhe revelar esse amor, ele ficará com ciúmes de mim e, como pode falar com ela à vontade por ser seu compadre, se puder fará com que ela me odeie, e, assim, nunca mais poderei ter dela aquilo que quero”.

Ora, enquanto os dois jovens continuavam amando como dissemos, Tingoccio, que contava com mais facilidades para revelar seus desejos à mulher, tanto soube valer-se de atos e palavras que conseguiu a satisfação de seus desejos. Meuccio bem que notou e, embora muito contrariado, esperando em algum momento obter a satisfação de seus desejos, fazia de conta que não percebia, para que Tingoccio não tivesse motivo nem ocasião de estragar ou impedir qualquer de seus planos.

Continuaram assim amando os dois companheiros, um com mais felicidade que o outro, até que Tingoccio, encontrando solo ameno nas propriedades da comadre, tanto cavoucou e tanto lavrou que foi acometido por uma doença; esta se agravou tanto depois de alguns dias que, não podendo suportá-la, ele deixou esta vida. Três dias depois – talvez por não ter conseguido vir antes –, segundo promessa feita, apareceu certa noite no quarto de Meuccio, que estava dormindo, e o chamou.

Meuccio, acordando, disse:

– Quem é você?

Ele respondeu:

– Eu sou Tingoccio e, conforme promessa que lhe fiz, estou voltando para lhe dar informações sobre o outro mundo.

Ao vê-lo, Meuccio ficou um tanto assustado, mas depois, tranquilizando-se, disse:

– Seja bem-vindo, meu irmão.

E então lhe perguntou se estava perdido. Tingoccio respondeu:

– Perdidas estão as coisas que não são encontradas: como estaria eu aqui, se estivesse perdido?

– Ah – disse Meuccio –, não foi isso o que eu quis dizer; estava perguntando se você está entre as almas que penam no fogo atormentador do inferno.

Tingoccio respondeu-lhe:

– Não desse jeito, mas, por causa dos pecados que cometi, estou passando por duras penas e muitas angústias.

Então Meuccio perguntou pormenorizadamente a Tingoccio quais eram as penas impostas do lado de lá a cada um dos pecados cometidos do lado de cá, e Tingoccio contou-lhe todas. Depois Meuccio lhe perguntou se podia fazer alguma coisa por ele no lado de cá. Tingoccio respondeu que sim, que mandasse rezar missas, fazer orações e dar esmolas em seu nome, porque essas coisas são muito úteis aos do lado de lá; Meuccio disse que o faria com muito gosto.

Estava Tingoccio despedindo-se dele, quando Meuccio se lembrou da comadre e, erguendo um pouco a cabeça, disse:

– Agora me lembro, ó Tingoccio: pela comadre com quem você dormia quando estava do lado de cá que pena lhe foi dada do lado de lá?

Tingoccio respondeu-lhe:

– Meu irmão, assim que cheguei ao lado de lá, encontrei um sujeito que parecia ter todos os meus pecados na memória; ele me mandou ir a um lugar onde chorei dolorosamente as minhas culpas e encontrei muitos companheiros condenados àquela mesma pena; estava lá entre eles, lembrando aquilo que tinha feito com a comadre e, como esperasse, por esse pecado, pena muito maior do que a que me fora dada, tremia de medo dos pés à cabeça, embora estivesse numa fogueira grande e abrasadora. Um sujeito que estava ao meu lado, percebendo, perguntou-me: “O que tem você mais que os outros daqui para tremer tanto, mesmo estando no fogo?”, “Oh – disse eu –, meu amigo, estou morrendo de medo do julgamento que prevejo por um grande pecado que cometi”. Então ele me perguntou que pecado era esse. Eu lhe disse: “O pecado foi o seguinte: é que eu me deitava com uma comadre minha, e me deitei tanto que me estrepei”. Ele então, rindo, me disse: “O que é isso, seu bobo, não fique com medo, porque aqui ninguém liga para comadres!”; ouvindo isso fiquei bem mais tranquilo.

Dito isso, como o dia já chegava, ele disse:

– Meuccio, fique com Deus, porque eu não posso mais ficar com você.

E de repente foi embora.

Meuccio, depois de ouvir que do lado de lá ninguém liga para comadres,

começou a zombar de sua própria tolice, pois já tinha poupado várias comadres; assim, livrando-se da ignorância, tornou-se nisso muito sabido daí por diante. Se frei Rinaldo soubesse dessas coisas, não teria precisado silogizar tanto quando converteu a sua boa comadre aos seus prazeres.

O zéfiro se erguera com a aproximação do pôr do sol quando o rei, terminando a história e não restando a mais ninguém narrar, tirou a coroa da cabeça e a colocou sobre a de Lauretta, dizendo:

– Senhora, ponho sobre sua cabeça a coroa da senhora mesma152, como rainha de nosso grupo; a partir de agora comandá-lo-á como senhora, de modo que seja para todos motivo de prazer e consolo.

E voltou a sentar-se.

Lauretta, ao tornar-se rainha, mandou chamar o senescal e lhe ordenou que arranjasse uma maneira de pôr as mesas naquele agradável vale um pouco mais cedo, para que mais tarde eles pudessem voltar ao palácio com mais vagar; depois lhe disse tudo o que deveria fazer enquanto durasse o seu reinado. A seguir, voltando-se para o grupo, disse:

– Ontem Dioneu quis que falássemos hoje sobre o modo como as mulheres burlam os maridos; e, se não fosse porque não quero parecer ser da raça daqueles cãezinhos enfezados que por qualquer coisa querem se vingar, diria que amanhã poderíamos falar sobre o modo como os homens burlam suas mulheres. Mas, deixando isso de lado, peço que cada um pense em falar das burlas praticadas todos os dias por mulheres contra homens, por homens contra mulheres, ou por um homem contra outro; creio que com isso serão contadas histórias não menos agradáveis que as de hoje.

Dito isso, ela se levantou e dispensou o grupo até a hora do jantar.

Homens e mulheres, portanto, levantaram-se, e alguns começaram a andar descalços pela água límpida, enquanto outros saíram a passear entre as árvores belas e eretas que havia no verde prado. Dioneu e Fiammetta cantaram durante muito tempo juntos canções sobre Arcitas e Palêmon. Assim, divertindo-se de diversas maneiras, passaram o tempo com muito prazer até a hora do jantar, quando foram postas as mesas ao longo do pequeno lago, e então, ao som do canto de mil pássaros e sempre refrescados por uma brisa suave que provinha daquelas pequenas montanhas, sem nenhuma mosca, jantaram calma e alegremente. Tiradas as mesas, depois de darem uma volta em torno do agradável vale, como o sol ainda ia alto a meio entardecer, todos se puseram a caminho e, com passos lentos, foram em direção à morada habitual, como quis a rainha. Gracejando e brincando sobre mil coisas, tanto sobre aquelas de que

tinham falado durante o dia quanto sobre outras, chegaram ao belo palácio bem perto do anoitecer. Ali, com vinhos frescos e doces, livraram-se do cansaço da pequena caminhada e imediatamente foram dançar em torno da bela fonte, entoando carolas ora ao som da cornamusa de Tíndaro, ora de outros instrumentos. Mas ao fim a rainha ordenou que Filomena cantasse uma canção, e ela assim começou:

Ah! Triste é minha vida!
Poderei algum dia retornar
lá donde me tirou tua partida?
Não sei, mas o desejo fervoroso
em meu peito encerrado
é de voltar aonde está meu bem.
Ó querido amigo, único repouso
de todos meus cuidados,
a ti faço a pergunta, a mais ninguém,
nem saberia a quem.
Ah, meu senhor, consinta em consolar
com esperança esta alma tão dorida.
Não sei bem expressar por qual querer
fui eu tão inflamada
que noite e dia estou sem paradeiro.
Pois só os atos de ouvir, sentir e ver,
com força inusitada,
acenderam em mim brutal braseiro
em que ardo por inteiro;
somente podes tu me confortar
e dar-me a serenidade perdida.
Dize-me se virá, e quando, o dia
de ver-te uma vez mais
onde beijei teus olhos que me matam;
dize, meu caro bem, minha alegria,
quando enfim voltarás;
consola-me dizendo: “em breve data”.
E o tempo que maltrata
no vir se encurte e alongue no ficar:
a tal ponto o Amor me tem rendida.
E, se um dia de novo te tiver,

não sei se serei louca
de outra vez permitir que vás embora:
comigo ficarás, haja o que houver,
e a tua doce boca
há de saciar estoutra que enamoras.
Nada mais digo agora:
senão que venhas logo me abraçar,
pois tua lembrança ao canto me convida.

Essa canção fez todo o grupo imaginar que Filomena estivesse sob o domínio de um novo e prazeroso amor; como, pelas palavras da canção, parecia que do amor ela experimentara mais que simples visão, alguns que ali estavam, considerando-a mais feliz, sentiram inveja dela. Mas, terminada a sua canção, como a rainha lembrasse que o dia seguinte seria sexta-feira, disse amavelmente a todos:

– Como sabem as nobres senhoras e também os rapazes, amanhã é o dia consagrado à paixão de Nosso Senhor que, se bem se lembram, nós celebramos devotamente quando Neifile era rainha e suspendemos as nossas agradáveis narrações; e fizemos o mesmo no sábado seguinte. Por isso, desejando seguir o bom exemplo dado por Neifile, considero que seja uma boa coisa amanhã e depois, tal como fizemos da outra vez, deixarmos de contar nossas agradáveis histórias, trazendo à mente aquilo que aconteceu em tais dias pela salvação de nossas almas.

Todos gostaram das palavras devotas da rainha; e, dispensados por ela, como já se passara um bom pedaço da noite, todos foram descansar.

---

146 O original é *la fantasima*, com artigo definido, em geral traduzido por *um fantasma*, com artigo indefinido. No entanto, a acepção parece não ser a de aparição de um ser morto, pelo que nos dá conta Vittore Branca (*op. cit*. p. 789, nota 2): " '... é um animal semelhante a um sátiro, ou como um bicho-papão, que vagueia pela noite perturbando as pessoas; e há quem o chame *fantasima*' " (Passavanti, *Specchio*, p. 399). O *Vocabolario della Crusca*, 4ª edição (1729-1738), dá a mesma definição da palavra *fantasima*. A tradução por "papão", portanto, levou em conta esses dados. (N.T.)

147 *Intemerada*, hino em que há uma famosa antífona, *O intemerata Virgo* ("Ó intemerata virgem"). (N.T.)

148 No original, *gigliati*, que era uma moeda napolitana cunhada por Carlos de Anjou, por volta de 1300, com cerca de quatro gramas de prata; tinha esse nome por causa da cruz ornada com as flores-de-lis da França. (N.T.)

149 Seriam calções curtos, de boca larga, usados pelos pobres. (N.T.)

150 Os mercadores costumavam carregar um estojo com pena e tinteiro no bolso de trás. (N.T.)

151 Ou seja, com pouco dote. (N.T.)

152 Ela foi coroada com louro, em italiano, *lauro*, de onde derivaria o nome Lauretta. (N.T.)

Termina a sétima jornada do Decameron. *Começa a oitava jornada sob o reinado de Lauretta, na qual se fala das burlas praticadas todos os dias por mulheres contra homens, por homens contra mulheres, ou por um homem contra outro.*

OITAVA JORNADA

Domingo pela manhã, já surgiam os raios da luz nascente sobre os cumes dos mais altos montes e, dissipadas todas as sombras, as coisas já se mostravam claramente quando a rainha se levantou e, com seu grupo, foi andar um pouco pela relva orvalhada; depois, por volta de meia terça, visitaram uma igrejinha próxima e nela assistiram ao santo ofício. Voltaram para casa e, após comerem alegre e festivamente, cantaram e dançaram um pouco; dispensados em seguida pela rainha, pôde, quem quis, ir descansar. Mas, transpondo o sol o círculo do meio-dia, aprouve à rainha que todos fossem sentar-se perto da bela fonte para, como de costume, contarem histórias; então, por ordem dela, Neifile começou.

PRIMEIRA NOVELA

Gulfardo toma dinheiro emprestado de Guasparruolo e acerta com a mulher deste que dormirá com ela em troca do dinheiro; depois, em presença da mulher, diz a Guasparruolo que deu o dinheiro a ela, e ela diz que é verdade.

– Se foi da vontade de Deus que eu começasse esta jornada com minha história, fico contente. Por isso, amorosas senhoras, embora muito se tenha dito sobre as burlas praticadas pelas mulheres contra os homens, terei o prazer de contar agora uma que foi praticada por um homem contra uma mulher, não por pretender com ela censurar o que o homem fez ou dizer que a mulher não teve o que lhe era devido, mas para elogiar o homem e reprovar a mulher, mostrando que os homens também sabem burlar quem acredita neles, tal como são burlados pelas pessoas em quem acreditam. Se bem que o caso de que vou falar não deveria ser propriamente chamado de burla, e sim de merecimento, porque a mulher deve ser honestíssima e guardar sua castidade como à própria vida, sem chegar a contaminá-la por motivo nenhum, embora isso nem sempre seja possível totalmente, como conviria, em vista da nossa fragilidade; mas afirmo que é digna da fogueira aquela que comete tais atos por dinheiro, enquanto quem o faz por amor (e todos conhecem a enorme força dele) merece ser perdoada por um juiz não muito rígido, tal como Filostrato mostrou há alguns dias por meio de um caso ocorrido com *madonna* Filippa em Prato.

Houve outrora em Milão um alemão a soldo[153] cujo nome era Gulfardo, varão brioso e bastante leal para com aqueles a quem prestava seus serviços, o que raras vezes ocorre com os alemães. Como sempre se mostrara ótimo pagador em todos os empréstimos de dinheiro que lhe tinham sido feitos, vários mercadores lhe emprestariam qualquer quantidade de dinheiro a juros baixos. No tempo que passou em Milão, interessou-se por uma senhora muito bonita, chamada *madonna* Ambruogia, esposa de um rico mercador cujo nome era Guasparruolo Cagastraccio, que era seu conhecido e amigo; amando-a com bastante discrição, sem que o marido ou qualquer outra pessoa se apercebesse, mandou um dia alguém falar com ela, pedindo-lhe que fizesse a bondade de aceitar seu amor, pois de sua parte estava pronto a fazer tudo o que ela ordenasse. A mulher, depois de muita conversa fiada, chegou à conclusão de que estava disposta a fazer tudo o que Gulfardo quisesse, desde que se seguissem

duas coisas: uma era que o fato não fosse jamais revelado por ele a ninguém; a outra é que ela precisava de duzentos florins de ouro para alguma coisa e queria que ele, sendo homem rico, lhe desse esse dinheiro; depois disso, ela estaria sempre a seu dispor.

Gulfardo, percebendo a cobiça da dama, indignou-se com a vileza daquela que ele acreditava ser uma mulher de valor, de modo que seu fervoroso amor quase se transformou em ódio, e ele achou que deveria pregar-lhe uma peça. Então, mandou dizer-lhe que faria aquilo de bom grado, bem como qualquer outra coisa que ela quisesse e ele pudesse; também mandou dizer-lhe que, quando fosse de seu gosto que ele fosse ter com ela, lhe levaria o dinheiro, e nunca ninguém ficaria sabendo do fato, a não ser um companheiro em quem ele confiava muito e que sempre estava em sua companhia naquilo que ele fizesse. A senhora, aliás, a mulherzinha ruim, ao ouvir isso, ficou contente e mandou dizer que Guasparruolo, seu marido, dali a poucos dias iria para Gênova tratar de negócios, e então ela lhe comunicaria e mandaria chamá-lo.

Gulfardo, quando achou que a ocasião era propícia, foi falar com Guasparruolo e disse:

– Estou para fazer umas coisas e preciso de duzentos florins de ouro; gostaria que você me emprestasse esse dinheiro com os mesmos juros que me pediu de outras vezes.

Guasparruolo disse que o faria com gosto e imediatamente lhe entregou o dinheiro.

Depois de alguns dias, Guasparruolo foi para Gênova, tal como a mulher dissera; por isso, ela mandou dizer a Gulfardo que fosse ter com ela e levasse os duzentos florins de ouro. Gulfardo chamou seu companheiro e foi à casa da senhora; encontrando-a à sua espera, antes de mais nada pôs em suas mãos os duzentos florins de ouro diante dos olhos do companheiro, e disse:

– Senhora, pegue este dinheiro e entregue a seu marido quando ele voltar.

A mulher pegou o dinheiro e não desconfiou do motivo pelo qual Gulfardo dissera aquelas palavras, acreditando que aquilo fora feito para que seu companheiro não percebesse que o dinheiro lhe fora dado como pagamento. Por isso disse:

– Com muito gosto, mas antes quero ver quanto há aqui.

Espalhou tudo sobre uma mesa e, contando duzentos, foi muito contente guardar o dinheiro. Depois voltou até Gulfardo, levou-o para seu quarto e o satisfez com o seu corpo não só naquela noite, mas em muitas outras antes que o marido voltasse de Gênova.

Assim que Guasparruolo voltou, Gulfardo pôs-se à espreita, à espera de vê-lo com a mulher; quando isso aconteceu, foi falar com ele em presença dela, dizendo:

– Guasparruolo, o dinheiro, quero dizer, os duzentos florins de ouro que no outro dia você me emprestou, não me serviram, porque não consegui fechar o negócio para o qual pedi o empréstimo: por isso eu logo os trouxe aqui para a sua senhora e os entreguei; por favor, não lance esse valor em minha conta.

Guasparruolo voltou-se para a mulher e perguntou-lhe se os recebera; ela, que ali via a testemunha, não pôde negar, e disse:

– Ah, sim, claro que recebi, mas ainda não tinha me lembrado de dizer a você.

Guasparruolo então disse:

– Gulfardo, estou muito contente; pode ir com Deus, vou acertar direitinho a sua conta.

Depois que Gulfardo partiu, a mulher, vexada, entregou ao marido o desonesto preço de sua baixeza; assim, o amante sagaz gozou a mulher ambiciosa sem que nada lhe custasse.

SEGUNDA NOVELA

O padre de Varlungo dorme com monna *Belcolore e lhe deixa um tabardo como penhor; pede-lhe depois um morteiro emprestado e o devolve-o, solicitando o tabardo que deixara como penhor; a boa senhora o devolve com palavras sagazes.*

Homens e mulheres elogiavam igualmente aquilo que Gulfardo fizera à cobiçosa milanesa, quando a rainha se voltou para Pânfilo e, sorrindo, ordenou-lhe que prosseguisse; assim, Pânfilo começou:

– Belas senhoras, ocorre-me contar uma historieta contra aqueles que estão sempre a nos ofenderem sem que possamos ofendê-los do mesmo modo, ou seja, contra os padres, que desencadearam uma verdadeira cruzada contra nossas mulheres, achando que ganham pleno perdão por todas as culpas e penas quando conseguem submeter alguma delas, como se trouxessem o sultão acorrentado de Alexandria a Avignon.154 Isso os coitados dos seculares não lhes podem fazer, embora despejem sua ira sobre mães, irmãs, amigas e filhas daqueles, com não menos ardor que o deles quando assaltam as mulheres dos seculares. Por isso, pretendo contar-lhes um caso de amor passado no campo, digno de riso pela conclusão e não tão extenso em palavras; dele também será possível colher como fruto a conclusão de que nem sempre se deve acreditar nos padres.

Digo, pois, que em Varlungo, vilarejo bem próximo daqui – como as senhoras sabem ou podem ter ouvido dizer –, houve um bravo padre, muito bem-apessoado e disposto no serviço às mulheres, que, embora não soubesse ler muito bem, com um ótimo e santo palavrório recreava seus paroquianos ao pé do olmo155 todos os domingos; e, quando estes por acaso se ausentavam, ele visitava suas mulheres melhor que qualquer padre que já lá houvera, levando às vezes à casa delas prendas de festas paroquiais, água benta e algumas velas, dando-lhes a bênção.

Ora, ocorre que, entre as paroquianas de que ele mais gostara, uma sobrepujava todas as outras: chamava-se *monna* Belcolore e era mulher de um lavrador que atendia pelo nome de Bentivegna del Mazzo; na verdade, tratava-se de uma morenona rústica, rija, simpática e viçosa, mais apta que qualquer outra a manejar moinhos; além disso, sabia tocar pandeiro melhor que qualquer vizinha e cantar *A água corre pelo rego*, conduzindo a ciranda e o saltarelo, quando preciso, com um belo e elegante lencinho na mão. O senhor padre encantou-se

tanto com essas coisas que desatinou, e passava o dia inteiro rondando a esmo no afã de vê-la; aos domingos, quando percebia que ela estava na igreja, rezava o *Kyrie* e o *Sanctus* com tanta gana de se mostrar grande mestre de canto que mais parecia um asno a zurrar, ao passo que, quando não a via por lá, passava por cima essa parte do serviço; no entanto, sabia fazer a coisa de tal modo que não dava nada a perceber a Bentivegna del Mazzo nem a vizinha alguma dele. E, para poder ganhar mais familiaridade com *monna* Belcolore, de vez em quando lhe dava presentes: ora lhe mandava uma réstia de alhos frescos, pois os mais belos da região davam em sua horta, lavrada com suas próprias mãos, ora um cestinho de favas, ora uma réstia de cebolinho ou de chalota; e, quando tinha ocasião, olhava para ela um pouco com cara feia e lhe fazia alguma amorosa recriminação, enquanto ela, arisca, fingindo não perceber, seguia em frente desdenhosa; assim, o senhor padre não conseguia o que queria.

Um dia, estava o padre zanzando de um lado para o outro da vila com o sol a pino quando topou com Bentivegna del Mazzo, que vinha vindo com um asno carregado de coisas; puxando conversa, perguntou-lhe aonde ia. Bentivegna respondeu:

– Puxa, seu, e não é que eu vou indo até a cidade pra tratar de um causo? E vou levando essas coisas para seu Bonaccorri da Ginestreto, que vai me ajudar porque um percurador do juiz criminar mandou uma intimação parentória pra eu comparecer por causa de não sei o quê.

O padre disse contente:

– Faz muito bem, meu filho; agora vá com a minha bênção e volte logo; e, se por acaso encontrar Lapuccio ou Naldino, não se esqueça de dizer que me mandem aquelas correias para o mangual.

Bentivegna disse que o faria e se pôs a caminho de Florença; o padre então achou que chegara a hora de ir tentar a sorte com Belcolore; e, pondo o pé na estrada, não parou até chegar à casa dela; entrando, disse:

– Deus os abençoe: ó de casa!

Belcolore, que tinha subido ao desvão, disse quando o ouviu:

– Ô padre, seja bem-vindo: batendo perna com esse calor?

O padre respondeu:

– Deus que me ajude, vim ficar um pouquinho com você porque encontrei o seu homem indo para a cidade.

Belcolore desceu, sentou-se e começou a escolher sementes de couve que o marido debulhara um pouco antes. O padre começou a dizer:

– Bom, Belcolore, será que você faz questão de me matar desse jeito?

Belcolore começou a rir e disse:

– Ué, que foi que eu fiz?

O padre disse:

– Não me fez nada, mas não me deixa fazer o que eu gostaria de fazer e que Deus mandou fazer.

Disse Belcolore:

– Ah! Fale claro: padre faz dessas coisas?

O padre respondeu:

– Fazemos, sim, e melhor que os outros homens: por que não? E digo mais: fazemos um trabalho muito melhor; e sabe por quê? Porque o nosso moinho funciona com água represada: mas, na verdade, será para seu lucro, se você ficar quieta e deixar tudo comigo.

Belcolore disse:

– Oh, que lucro é que eu posso ter com isso? Vocês todos são mais sovinas que o tinhoso.

Então o padre disse:

– Que sei eu, peça você: quer um par de sapatos, quer uma tiara ou quer um belo cinto de estambre, ou o que quer?

Belcolore disse:

– Padre, deixe disso! Essas coisas eu tenho; mas, se me quer bem mesmo, por que não me presta um serviço e eu faço tudo o que o senhor quiser?

Então o padre disse:

– Todo o que você quiser eu farei com gosto.

Belcolore então disse:

– Sábado preciso ir a Florença entregar a lã que fiei e mandar consertar a minha roda de fiar: se o senhor me emprestar cinco liras, que eu sei que tem, vou pegar no usurário a minha saia púrpura e o rico cintilho de festas que trouxe de dote, porque, veja o senhor, não posso ir à igreja nem a nenhum bom lugar porque estou sem ele; e depois eu vou fazer o que o senhor quiser para sempre.

O padre respondeu:

– Deus sabe que não tenho isso agora; mas, pode crer, antes de sábado vou dar um jeito de lhe entregar, com muito gosto.

– Ah, sim – disse Belcolore –, vocês todos prometem muito e depois não cumprem: acha que vai fazer comigo o que fez com a Biliuzza, que ficou no palavrório? Juro por Deus que não vai fazer mesmo, porque foi por isso que ela virou mulher da vida: se não tiver o dinheiro, dê um jeito de arranjar.

– Ai! – disse o padre. – Não me faça agora ir até em casa, porque, veja só,

agora está tudo em pé, sem ninguém aqui, e, quando eu voltasse, talvez houvesse alguém para nos atrapalhar; e eu não sei quando é que tudo vai dar tão certo como agora.

Ela disse:

– Pois bem: se quiser ir, vá; se não quiser, problema seu.

O padre, vendo que ela não estava disposta a fazer nada do que ele quisesse, a não ser *salvum me fac*, enquanto ele queria fazer tudo *sine custodia*156, disse:

– Bom, você não acredita que eu vou lhe dar o dinheiro; para acreditar, vou lhe deixar como penhor este meu tabardo de pano turquês.

Belcolore levantou bem o rosto e disse:

– Sim, esse tabardo, quanto vale?

O padre disse:

– Como, quanto vale? Quero que saiba que ele é um *duagio*, que há até *triagio*, e alguns dos nossos usam *quattragio*157; e não faz nem quinze dias no brechó do Lotto ele me custou bem sete liras, e eu economizei umas cinco, pelo que me disse Buglietto d'Alberto que, como você sabe, entende muito bem dos tecidos turqueses.

– É mesmo? – disse Belcolore. – Deus que me ajude, eu nunca imaginaria: então me dê isso aí, antes de mais nada.

O senhor padre, que estava com a balestra carregada, tirou o tabardo e o entregou; ela, depois que o guardou, disse:

– Padre, vamos ali no barracão, onde nunca vai ninguém.

E foi o que fizeram.

Ali o padre, dando-lhe as mais doces beijocas do mundo e fazendo dela uma parente de Nosso Senhor, gozou por bom tempo; depois, de sotaina, parecendo que acabava de celebrar um casamento, foi embora para a igreja.

Lá, refletindo que todas as velas que coletava por ano como oferenda não valiam metade de cinco liras, achou que tinha feito mau negócio e arrependeu-se de ter deixado o tabardo; então começou a pensar num modo de reavê-lo sem custos. E, como era um tanto malicioso, imaginou muito bem um modo de fazê-lo, e foi o que fez; como no dia seguinte era feriado, mandou um menino seu vizinho à casa de *monna* Belcolore, pedindo-lhe que fizesse o favor de emprestar-lhe seu morteiro158 de pedra, porque iam almoçar com ele Binguccio dal Poggio e Nuto Buglietti, e ele queria fazer molho. Belcolore mandou o morteiro.

Na hora do almoço, o padre ficou espiando, para ver quando Bentivegna del Mazzo e Belcolore iam comer, chamou o coroinha e lhe disse:

– Pegue aquele morteiro, leve de volta a Belcolore e diga: “O padre mandou agradecer muito e pediu que a senhora mande de volta o tabardo que o menino deixou como penhor”.

O coroinha foi à casa de Belcolore com o morteiro e a encontrou à mesa almoçando com Bentivegna; ali depositou o morteiro e deu o recado do padre.

Belcolore, ouvindo que lhe pediam o tabardo, quis responder; mas Bentivegna olhou-a com cara feia e disse:

– Então você toma penhor do padre? Juro por Deus que eu tenho vontade de te dar um bofetão: devolve logo, que te pegue um cancro! E olha aqui: o que ele quiser, nem que seja o nosso burro, não pode ser negado.

Belcolore levantou-se resmungando, foi até uma arca, tirou o tabardo e deu-o ao coroinha, dizendo:

– Diga assim ao padre de minha parte: “Belcolore manda dizer que jura por Deus que o senhor nunca mais vai fazer molho no morteiro dela: o senhor não se mostrou nada agradecido”.

O coroinha voltou com o tabardo e deu o recado ao padre; o padre disse rindo:

– Diga a ela, quando a encontrar, que, se ela não me emprestar o morteiro, eu não lhe empresto o pilão; fica elas por elas.

Bentivegna acreditava que a mulher tivesse dito aquelas palavras porque ele lhe chamara a atenção, e não se preocupou. Mas Belcolore rompeu relações com o padre e ficou sem falar com ele até a vindima; depois, como o padre ameaçasse mandá-la para a goela de Lúcifer-mor, morrendo de medo, ela fez as pazes com ele na base do mosto e das castanhas quentes, e várias vezes depois encheram a pança juntos. E, em troca das cinco liras, o padre mandou forrar o pandeiro dela e pendurou-lhe um chocalho; ela ficou contente.

TERCEIRA NOVELA

Calandrino, Bruno e Buffalmacco159 descem o Mugnone160 em busca de heliotrópio, e Calandrino acha que o encontrou; volta para casa carregado de pedras; a mulher o xinga, e ele, irritado, bate nela; aos companheiros conta aquilo que estes sabem melhor que ele.

Terminada a história de Pânfilo, da qual as mulheres riram tanto que ainda estão rindo, a rainha deu a Elissa a tarefa que prosseguir; e ela começou, ainda rindo:

– Amáveis senhoras, não sei se com a minha historieta, que é tão veraz quanto agradável, eu as farei rir tanto quanto Pânfilo as fez com a sua, mas vou me esforçar.

– Em nossa cidade, sempre muito rica de usos diversos e pessoas singulares, houve, não faz ainda muito tempo, um pintor chamado Calandrino, homem simplório e de costumes singulares. A maior parte do tempo ele andava com dois outros pintores, um dos quais um se chamava Bruno, e o outro, Buffalmacco, homens muito folgazões, porém espertos e sagazes, que andavam com Calandrino porque frequentemente se divertiam com seus modos e sua simploriedade. Havia também então em Florença um jovem muitíssimo agradável em tudo o que fazia, astuto e hábil, chamado Maso del Saggio161, que, ouvindo falar da simploriedade de Calandrino, propôs que se divertissem com ele, aplicando-lhe alguma burla ou levando-o a acreditar em alguma coisa extraordinária.

Encontrando-o um dia por acaso na igreja de São João e vendo-o atento a olhar as pinturas e os baixos-relevos do tabernáculo que fica sobre o altar da referida igreja, ali colocado não muito tempo antes, acreditou estar no lugar e na hora propícia à sua intenção. E, informando um companheiro seu a respeito do que pretendia fazer, aproximaram-se os dois do lugar onde Calandrino estava sentado sozinho e, fazendo de conta que não o tinham visto, começaram a conversar sobre as virtudes de diversas pedras, sobre as quais Maso falava com a competência de um grande e rematado lapidador. Calandrino começou a prestar atenção àquelas conversas, levantou-se depois de algum tempo e, percebendo que não se tratava de assunto sigiloso, juntou-se a eles, para grande alegria de Maso; este deu prosseguimento à conversa até que Calandrino lhe perguntou onde se encontravam aquelas pedras tão prodigiosas. Maso respondeu que a

maioria delas se encontrava em Berlinzone162, terra dos bascos, numa região chamada Bengodi163, onde as videiras são amarradas com linguiça e é possível comprar um ganso por um denário, levando um pato de quebra; também havia lá uma montanha inteira de queijo parmesão ralado, sobre a qual as pessoas não faziam outra coisa senão macarrão e ravióli cozidos em caldo de capão, que eram depois jogados para baixo, e quem pegasse mais tinha mais; ali perto corria um regato do melhor vinho branco que já se bebeu, sem nenhuma gotinha de água.

– Oh! – disse Calandrino. – Esse sim é que é um lugar bom. Mas, me diga uma coisa, o que é que eles fazem com os capões que cozinham?

Maso respondeu:

– Os bascos comem tudo.

Calandrino então disse:

– Você já esteve lá alguma vez?

Maso respondeu:

– Você está perguntando se eu estive alguma vez lá? Eu estive não só uma vez, mas mil.

Calandrino disse então:

– A quantas milhas daqui?

Maso respondeu:

– Mais de trocentas, que a noite inteira enfrentas.

Calandrino disse:

– Então deve ser mais longe que Abruzos.

– Sim, claro – respondeu Maso –, um tantico.

Calandrino, simplório, vendo Maso dizer essas palavras com cara séria e sem rir, dava-lhes fé como se pode dar fé às verdades mais evidentes, e as tinha todas por verazes; então disse:

– É longe demais para mim; mas, se fosse mais perto, fique sabendo que eu iria uma vez com você nem que fosse para jogar aqui embaixo um daqueles macarrões e tirar a barriga da miséria. Mas, diga uma coisa, você que é tão sortudo, naqueles lugares não se encontra nenhuma daquelas pedras tão prodigiosas?

Maso respondeu:

– Sim, há dois tipos de pedra de enorme virtude. Uma consiste numas rochas de Settignano e de Montici, e a virtude delas é que, quando usadas para fazer mós, a gente faz farinha; por isso, naqueles lugares se diz que de Deus vêm as graças e de Montici, as mós; mas dessas rochas a quantidade é tão grande que

entre nós são pouco prezadas, como entre eles as esmeraldas, das quais há montanhas maiores que o Monte Escuro, e elas brilham à meia-noite que nem me pergunte. E fique sabendo que quem fizesse mós bonitas, amarradas com argolas antes de serem furadas, e levasse essas mós ao sultão obteria aquilo que quisesse. A outra pedra é uma que nós, lapidadores, chamamos heliotrópio, pedra de virtude muitíssimo grande porque qualquer pessoa que a carregar consigo, enquanto estiver com ela, não será vista por nenhuma outra pessoa onde não se encontra.

Então Calandrino disse:

– Grandes virtudes essas daí; mas esta última, onde se encontra?

Maso respondeu que costumavam ser encontradas no Mugnone.

Calandrino disse:

– De que tamanho é essa pedra? E de que cor que ela é?

Maso respondeu:

– De vários tamanhos, umas mais, outras menos, mas todas de cor quase preta.

Calandrino, tendo anotado no íntimo todas essas coisas, fez de conta que tinha outros afazeres e se despediu de Maso com a decisão de procurar aquela pedra; mas achou melhor não o fazer sem o conhecimento de Bruno e de Buffalmacco, de quem gostava muito. Por isso, empenhou-se em procurá-los, para saírem à cata da pedra sem demora e antes que qualquer outro o fizesse; e consumiu o restante da manhã a procurá-los. Finalmente, já passava da nona hora quando se lembrou de que ambos trabalhavam no mosteiro das freiras de Faenza, e, embora o calor fosse enorme, largou tudo o que estava fazendo, foi correndo procurá-los e, chamando-os, disse-lhes:

– Companheiros, se acreditarem em mim, nós vamos ser os homens mais ricos de Florença: porque eu ouvi de pessoa digna de fé que no Mugnone se encontra uma pedra que quem carrega não é visto por nenhuma outra pessoa; por isso eu acho que a gente deveria ir procurar essa pedra sem demora, antes que alguma outra pessoa procure. Sem dúvida nós vamos encontrá-la, porque eu a conheço; e, depois de encontrá-la, o que mais poderíamos fazer, a não ser colocá-la na escarcela e ir até as bancas dos cambistas que, como vocês sabem, estão sempre cheias de grossos[164] e florins, e tirar de lá tudo o que a gente quiser? Ninguém vai nos ver, e assim nós podemos enriquecer de uma hora para outra sem precisar ficar borrando paredes como se fôssemos lesmas.

Bruno e Buffalmacco, ouvindo-o, começaram a rir um para o outro e, entreolhando-se, fizeram de conta que estavam muito admirados e elogiaram a

decisão de Calandrino; mas Buffalmacco perguntou como se chamava aquela pedra.

Calandrino, que não tinha bom bestunto, já se esquecera do nome; por isso respondeu:

– O que importa o nome a quem conhece a virtude da pedra? Eu acho que nós deveríamos ir procurar sem demora.

– Está bem – disse Bruno –, como ela é?

Calandrino disse:

– Elas são feitas de todos os jeitos, mas todas são quase pretas; por isso eu acho que a gente deveria catar todas as pretas que encontrasse até dar com ela; então é bom não perder tempo, vamos logo.

Bruno disse:

– Espere um pouco.

E, voltando-se para Buffalmacco, disse:

– Acho que Calandrino tem razão, mas também acho que agora não é boa hora, porque o sol está alto, batendo em todo o Mugnone, e já enxugou todas as pedras; então, as que estão lá parecem brancas, ao passo que de manhã, antes de serem enxutas pelo sol, parecem pretas: além do mais, muita gente está lá por diversas razões, pois é dia de trabalho, e essas pessoas, nos vendo, poderiam adivinhar o que estaríamos fazendo e também fazer a mesma coisa; e então as pedras poderiam cair nas mãos de outras pessoas, e nós teríamos perdido o trote pela andadura. A minha impressão, veja se concorda, é que esse trabalho é melhor fazer de manhã, para poder distinguir melhor as pedras pretas das brancas, e em dia de feriado, quando não haja lá ninguém que nos veja.

Buffalmacco achou boa a ideia de Bruno, e Calandrino concordou: combinaram então que no domingo seguinte iriam os três juntos lá pela manhã procurar aquela pedra; mas, acima de tudo, Calandrino pediu que eles não dissessem nada daquilo a ninguém no mundo, pois era uma coisa que lhe tinha sido confiada em sigilo. Explicado isso, disse-lhes que ouvira falar de um lugar chamado Bengodi, afirmando e jurando que as coisas eram daquele modo. Depois que Calandrino se despediu, eles combinaram entre si o que deveriam fazer naquele caso.

Calandrino esperou ansiosamente a manhã do domingo; quando ela chegou, ele se levantou com o raiar do dia; chamou os companheiros e, saindo pela porta de San Gallo, foram até o Mugnone e começaram a descer em direção à foz, em busca da pedra. Calandrino, que era o mais entusiasmado, ia na frente apressado, saltando daqui para lá, lançando-se sobre alguma pedra preta que visse,

recolhendo-a e pondo junto ao peito. Os companheiros iam atrás e de vez em quando recolhiam esta ou aquela. Mas não demorou muito para que Calandrino ficasse com o peito coberto de pedras; por isso, levantando o girão da túnica, que não era feita à moda de Flandres165, improvisou um amplo avental e o prendeu ao cinto muito bem por todos os lados, de modo que não muito tempo depois já o tinha enchido; assim também, após algum tempo, transformando o manto em avental, encheu-o de pedras. Buffalmacco e Bruno, quando viram que ele estava carregado e que a hora de comer se aproximava, passaram a fazer o combinado, e este disse àquele:

– Onde está Calandrino?

Buffalmacco, que o via bem perto de si, voltou-se para todos os lados e, olhando de cá para lá, respondeu:

– Não sei, faz pouco tempo ele estava aqui na nossa frente.

Disse Bruno:

– Faz pouco tempo mesmo! Estou achando que ele agora está em casa comendo, e que nos deixou nessa loucura de procurar pedras pretas pelo Mugnone.

– Ah, como fez tudo direitinho! – disse então Buffalmacco. – Ele nos enganou e deixou aqui, porque fomos uns bobos de acreditar nele. Veja só! Quem seria tão tonto de acreditar que no Mugnone seria possível encontrar uma pedra tão prodigiosa? Só nós mesmos.

Calandrino, ouvindo essas palavras, imaginou que a tal pedra lhe tivesse caído nas mãos e que, em virtude dela, os dois não o viam, embora ele estivesse ali presente. Felicíssimo, portanto, com sua sorte, sem lhes dizer coisa alguma, achou de voltar para casa; e, fazendo meia-volta, começou a subir.

Vendo isso, Buffalmacco disse a Bruno:

– E nós, o que vamos fazer? Por que não vamos embora?

Bruno respondeu:

– Vamos, mas juro por Deus que Calandrino nunca mais vai me fazer uma dessa; e se eu estivesse perto dele agora como estive toda a manhã, ele ia levar tamanha pedrada nas canelas, que ia passar um mês lembrado desta brincadeira.

E dizer essas palavras, esticar o braço atirar a pedra nas canelas de Calandrino foram um único e mesmo ato, de modo que Calandrino, sentindo a dor, levantou o pé, começou a fungar, mas ficou calado e prosseguiu.

Buffalmacco, segurando um dos seixos que havia recolhido, disse a Bruno:

– Veja que seixo bonito! Ah! se eu pudesse atirá-lo nas costas de Calandrino!

Então arremessou a pedra e ela foi bater com toda a força nas costas dele; em

resumo, entre uma palavra e outra, foram desta maneira apedrejando Calandrino rio acima até a Porta San Gallo. Ali, jogaram no chão as pedras que tinham recolhido e foram falar um pouco com os guardas da aduana; estes, devidamente informados, fizeram de conta que não enxergavam Calandrino e o deixaram passar, do que ficaram rindo a mais não poder. E ele, sem parar em lugar algum, chegou à sua morada, que ficava perto de Canto alla Macina; e foram os acontecimentos tão propícios àquela burla, que, enquanto Calandrino foi subindo pela beira do rio e depois foi andando pela cidade, ninguém lhe dirigiu a palavra, mesmo porque poucas pessoas ele encontrou, pois estavam quase todos almoçando.

Assim, Calandrino entrou em casa carregado de pedras. Sua esposa, que se chamava *monna* Tessa, mulher bela e valorosa, estava por acaso no alto da escada e, um tanto irritada com toda aquela demora, ao vê-lo chegar começou a xingá-lo, dizendo:

– Até que enfim o diabo o traz de volta! Quando todo o mundo já almoçou é que você volta para almoçar.

Calandrino, ouvindo isso e vendo que estava sendo visto, muito zangado e aborrecido, começou a gritar:

– Ai, mulher ordinária, é você que está aí? Estragou tudo, mas juro por Deus que vai me pagar.

Então subiu até uma saleta e, depois de descarregar as muitas pedras que tinha recolhido, correu furioso até a mulher, pegou-a pelas tranças e jogou-a ao chão; ali, enquanto era capaz de mover braços e pés, deu-lhe tantos golpes, socos e pontapés, que na cabeça dela não ficou cabelo sem amarfanhar-se e no corpo não restou osso sem machucar-se; e de nada lhe adiantava pedir piedade com as mãos em cruz.

Buffalmacco e Bruno, depois de terem dado algumas risadas com os guardas da porta, começaram a seguir Calandrino com passos lentos, um tanto distanciados; chegando junto à porta da casa dele, ouviram a tremenda surra que ele estava dando na mulher e o chamaram como se chegados exatamente naquela hora. Calandrino, todo suado, vermelho e ofegante, apareceu na janela e pediu-lhes que subissem. Eles, mostrando-se um tanto nervosos, ao subirem viram a sala cheia de pedras e, a um dos cantos, a mulher descabelada, rasgada, pálida, de cara quebrada, a chorar dolorosamente; do outro lado, Calandrino estava sentado, desalinhado e sem fôlego, como quem está cansado.

Depois de olharem um pouco, disseram:

– O que é isso, Calandrino? Está querendo construir um muro? Para que

tantas pedras?

E acrescentaram:

– E *monna* Tessa o que tem? Parece que lhe deu uma surra: que história é essa?

Calandrino, cansado por causa do peso das pedras, da raiva com que havia surrado a mulher e da dor de achar que a sorte lhe tinha escapado, não conseguia ganhar fôlego para articular as palavras e dar resposta. Por isso demorava, e então Buffalmacco voltou à carga:

– Calandrino, se você estava nervoso por alguma outra coisa, nem por isso deveria ter zombado de nós como fez; porque, depois de nos assanhar com a história de sair à procura da pedra preciosa, sem dizer nada nem a Deus nem ao diabo, você nos deixou lá como dois bestalhões e veio embora, e nós não gostamos nada disso; mas essa vai ser a última que você nos faz.

Ao ouvir essas palavras, Calandrino fez um esforço e respondeu:

– Companheiros, não fiquem irritados, a coisa é bem diferente do que vocês estão achando. Ai, pobre de mim! Eu tinha encontrado aquela pedra; e querem uma prova de que eu estou dizendo a verdade? Na primeira vez em que um perguntou ao outro o que era feito de mim, eu estava perto de vocês, a menos de dez braços e, vendo que vocês estavam vindo e que não estavam me vendo, passei à frente e vim caminhando o tempo todo um pouco à frente.

E, começando do começo, contou até o fim o que eles haviam feito e dito, mostrando-lhes as costas e as canelas onde as pedras haviam batido; depois prosseguiu:

– Pois eu lhes digo que entrei pela porta com todas essas pedras que vocês estão vendo aí e ninguém me disse nada, pois vocês sabem como aqueles guardas costumam ser maçantes e aborrecidos, querendo ver tudo; além disso, encontrei pela rua muitos compadres e amigos, que sempre costumam puxar conversa comigo e convidar-me para beber, mas nenhum deles me disse palavra nem meia palavra, como se não me vissem. No fim, quando cheguei aqui em casa, esse diabo de mulher maldita apareceu na minha frente e me enxergou, porque, como vocês sabem, as mulheres destroem a virtude de todas as coisas: por isso eu, que podia me considerar o homem mais sortudo de Florença, acabei sendo o mais azarado; então bati nela enquanto minhas mãos me obedeceram, e não sei o que me segura que eu não lhe arranco as veias, pois maldita seja a hora em que a conheci e em que ela entrou nesta casa!

Então ficou de novo muito nervoso e já queria levantar-se para recomeçar a surra.

Buffalmacco e Bruno, ouvindo essas coisas, faziam de conta que se admiravam muito e frequentemente confirmavam aquilo que Calandrino dizia, quase explodindo de vontade de rir; mas, ao verem que ele se levantava furioso para voltar a bater na mulher, foram ao seu encontro e o seguraram, dizendo que a mulher não tinha culpa de nada daquilo, mas era ele que, sabendo que as mulheres põem a perder a virtude de todas as coisas, não lhe tinha dito que não aparecesse em sua frente naquele dia: precaução esta que Deus não lhe permitira, ou porque a sorte não devia ser sua, ou porque ele tinha em mente enganar os companheiros, pois, ao perceber que achara a pedra, deveria ter contado a eles que a encontrara. Depois de muita conversa e de não menos trabalho, reconciliaram a triste senhora com o marido e partiram, deixando o melancólico Calandrino com a casa cheia de pedras.

QUARTA NOVELA

O preboste de Fiesole ama uma viúva que não o ama; acreditando deitar-se com ela, na verdade se deita com a criada dela, e os irmãos da mulher arranjam as coisas para que o bispo descubra tudo.

Elissa chegara ao fim da história que contara para grande prazer de todo o grupo, quando a rainha se voltou para Emília e demonstrou querer que ela contasse a sua depois de Elissa; e ela começou imediatamente da seguinte maneira:

– Valorosas senhoras, lembro que aqui já se mostrou em várias histórias até que ponto padres, frades e os clérigos todos assediam a mente das mulheres; mas, como não é possível esgotar o assunto de tal maneira que nada mais reste para contar, pretendo narrar uma história sobre um preboste que, contra tudo e contra todos, queria que uma gentil viúva o amasse, quisesse ela ou não; mas ela, que era muito esperta, tratou-o como ele merecia.

Como todas sabem, Fiesole, cuja colina podemos avistar daqui, foi outrora uma cidade antiga e grande, embora hoje esteja bem decadente; nem por isso deixou jamais de ter um bispo, e o tem ainda. Ali próximo da igreja matriz, uma fidalga viúva, chamada *monna* Piccarda, tinha uma propriedade em que havia uma casa não muito grande; e, como não era a mulher mais abastada do mundo, passava ali a maior parte do ano; com ela moravam dois irmãos, jovens corretos e corteses. Essa senhora frequentava assiduamente a igreja matriz e, sendo ainda bastante jovem, bonita e agradável, despertou uma paixão tão forte no preboste da igreja que ele não enxergava nada que não fosse ela. Depois de algum tempo, chegou a tanto o seu atrevimento que lhe disse pessoalmente o que desejava e pediu-lhe que tivesse a bondade de aceitar o seu amor e de amá-lo tal como ele a amava.

Era o tal preboste bem avançado em anos, mas jovem de espírito, afoito e altivo, com presunção a importante, com modos e costumes cheios de afetação e indelicadeza, sendo tão molesto e enfadonho que não havia quem bem lhe quisesse; e, se havia alguém que lhe queria mal, essa pessoa era ela, que não só não lhe queria bem nenhum, como também o detestava mais que dor de cabeça; por isso, como era esperta, respondeu-lhe:

– Seu amor por mim é algo que muito aprecio; devo amá-lo e o amarei de bom grado; mas entre o seu amor e o meu nunca deverá ocorrer nada que seja

desonroso. O senhor é meu pai espiritual e é padre; além do mais, já está caminhando para a velhice, e essas são coisas que devem torná-lo honesto e casto; por outro lado, eu não sou mais criança, e essas paixõezinhas já não me caem bem: sou viúva, e o senhor sabe quanta honradez é necessária às viúvas; por isso, queira me desculpar, pois do modo como o senhor pede eu não o amarei jamais, nem quero ser assim amada pelo senhor.

O preboste, apesar de não ter conseguido arrancar-lhe nada daquela vez, não se intimidou nem se deu por vencido no primeiro assalto, mas, valendo-se de sua prepotente desfaçatez, solicitou-a diversas vezes com cartas, recados e mesmo pessoalmente, quando a via entrar na igreja; por isso, como a dama achasse aquele aguilhão penoso e aborrecido demais, pensou num modo de se livrar daquilo da maneira como ele bem merecia, visto que não conseguia de outro modo; mas não quis fazer nada antes de conversar com os irmãos. Dizendo-lhes o que o preboste estava fazendo com ela e o que ela pretendia fazer, obteve para tanto plena licença deles e, daí a poucos dias, foi à igreja como costumava; assim que o preboste a viu, aproximou-se dela e, como era seu hábito, começou a conversar com bastante familiaridade.

A dama, vendo-o chegar, olhou para ele sorridente; então, os dois foram conversar em particular e, depois que o preboste lhe disse muitas palavras do modo costumeiro, a dama soltou um grande suspiro e disse:

– Já ouvi dizer várias vezes que não há castelo tão forte que, sendo assaltado todos os dias, não acabe por ser conquistado; percebo que isso aconteceu comigo. Porque o senhor me cercou tanto com palavras doces, com esta ou aquela amabilidade, que acabou por me demover da minha resolução; então, já que o senhor gosta tanto de mim, estou disposta a ser sua.

O preboste disse, todo alegre:

– Obrigado; para dizer a verdade, até fiquei muito admirado com sua tão prolongada resistência, coisa que nunca me aconteceu com nenhuma outra: aliás, algumas vezes pensei: “Se as mulheres fossem de prata, não valeriam nenhum tostão, porque nenhuma resistiria ao martelo”.166 Mas, deixemos de lado isso por ora: quando e onde podemos nos encontrar?

A mulher respondeu:

– Oh, meu doce amigo, o quando poderia ser no momento que mais lhe agradasse, pois não tenho marido a quem precise dar explicações das minhas noites; mas quanto ao onde, não sei o que dizer.

O preboste disse:

– Como não? E em sua casa?

A dama respondeu:

– O senhor sabe que tenho dois irmãos jovens, e de dia e de noite eles recebem amigos; além do mais, minha casa não é muito grande, por isso, não seria possível ficar ali, a não ser sem dizer palavra nem dar um pio, como os mudos, e no escuro, como os cegos. Se quiser fazer isso, então será possível, porque eles não se metem no meu quarto, mas o quarto deles fica tão perto do meu que, por mais baixinho que se fale, eles não deixam de ouvir.

O preboste disse então:

– Que isso não seja empecilho para uma noite ou duas, enquanto eu penso onde poderíamos ficar mais à vontade.

A dama disse:

– O senhor é que decide, mas uma coisa eu lhe peço: que isso fique em segredo, e que nunca se saiba nada a respeito.

O preboste então disse:

– Não tenha medo e, se for possível, dê um jeito de nos encontrarmos esta noite.

A mulher disse:

– De pleno acordo.

E, combinando com ele como e quando devia ir, despediu-se e voltou para casa.

Essa senhora tinha uma criada, não muito jovem, porém com a cara mais feia e disforme que já se viu: tinha nariz esborrachado, boca torta, lábios grossos, dentões encavalados, tendia ao vesgo, nunca estava livre de dor d'olhos, tinha uma coloração verde-amarelada de quem não teria passado o verão em Fiesole, mas em Sinigaglia[167] e, além de tudo isso, era descadeirada e um tanto manca do lado direito; chamava-se Ciuta e, como tinha cara tão animalaça, era por todos chamada de Ciutaça[168]; e, embora tivesse tão má catadura, era um tantinho maliciosa. A dama chamou-a e disse-lhe:

– Ciutaça, se você me fizer um servicinho esta noite, vou lhe dar uma bela camisa nova.

Ciutaça, ouvindo a palavra camisa, disse:

– Patroa, se a senhora me der uma camisa, me jogo até no fogo, se quiser.

– Pois bem – disse a senhora –, quero que esta noite você durma com um homem na minha cama, que lhe faça carícias e tome o cuidado de não dizer nenhuma palavra, para não ser ouvida pelos meus irmãos, que você sabe que dormem ao lado; depois eu lhe darei a camisa.

Ciutaça disse:

– Não durmo com um, mas com seis, se preciso for.

Chegada a noite, o senhor preboste compareceu, conforme marcado, e os dois jovens ficaram no seu próprio quarto, como tinha sido combinado com a dama, fazendo-se ouvir bem. Por isso, o preboste entrou no escuro, foi para a cama, de acordo com o que ela dissera, e do outro lado deitou-se Ciutaça, que estava muito bem informada daquilo que deveria fazer. O senhor preboste, acreditando ter a dama a seu lado, estreitou Ciutaça em seus braços e começou a beijá-la sem dizer nada, sendo beijado por Ciutaça; desse modo, o preboste começou a divertir-se com ela, tomando posse dos bens há tanto tempo desejados.

Depois disso, a dama ordenou aos irmãos que fizessem o que faltava do que fora combinado; eles saíram silenciosamente do quarto, foram em direção à praça, e então a Fortuna lhes foi mais propícia naquilo que pretendiam fazer do que eles mesmo esperavam; porque o bispo, em vista do forte calor, perguntara já por aqueles dois jovens, querendo ir à casa deles passar bons momentos a beber. Vendo-os chegar, comunicou-lhes seu desejo e se pôs a caminho com eles; entraram num patiozinho fresco que havia na casa, com muitas luzes acesas, e ele bebeu com grande prazer um dos bons vinhos que os dois tinham.

Depois de beberem, os jovens disseram:

– Visto que o senhor nos deu a grande honra de se dignar visitar esta nossa casinha, para a qual estávamos indo convidá-lo, queremos que tenha a bondade de ver uma coisinha que gostaríamos de mostrar-lhe.

O bispo respondeu que o faria com muito gosto: assim, um dos jovens pegou uma pequena tocha acesa, seguiu à frente e, sendo seguido pelo bispo e por todos os outros, dirigiu-se para o quarto onde o senhor preboste dormia com Ciutaça. Este, para chegar logo ao destino, apressara-se na cavalgada e, antes que os outros para lá fossem, já tinha cavalgado mais de três milhas, motivo pelo qual, um tanto cansado, descansava com Ciutaça nos braços, apesar do calor. Ao entrar no quarto com uma luz na mão, o jovem mostrou ao bispo que vinha logo atrás e a todos os outros o preboste com a Ciutaça nos braços. O senhor preboste, acordando nesse momento e vendo a luz e toda aquela gente ao seu redor, ficou muito envergonhado e amedrontado, e enfiou a cabeça por baixo dos lençóis; o bispo disse-lhe grandes impropérios e mandou-o tirar a cabeça de baixo dos lençóis para ver com quem tinha dormido. O preboste, percebendo a burla da dama, sentiu-se o homem mais infeliz do mundo tanto por isso quanto pela vergonha; e, por ordem do bispo, vestiu-se e foi mandado para casa com boa guarda, a fim de se submeter a uma boa penitência pelo pecado cometido. Depois o bispo quis saber como o preboste afinal havia se deitado com Ciutaça.

Os rapazes lhe contaram tudo pormenorizadamente; o bispo, ao ouvir, elogiou muito a dama e também seus irmãos, porque, sem sujarem as mãos com o sangue dos padres, eles haviam dispensado ao preboste o tratamento de que era digno.

O bispo o fez chorar aquele pecado quarenta dias, mas o amor e o desdém fizeram-no chorar mais de quarenta e nove; sem dizer que, muito tempo depois, ele ainda não podia andar pela rua sem que fosse apontado pelos garotos, que diziam:

– Olhe aquele ali que dormiu com Ciutaça.

Isso o desgostava tanto que ele quase enlouqueceu. E foi desse modo que a brava dama se livrou do aborrecimento do petulante preboste, e Ciutaça ganhou a camisa.

QUINTA NOVELA

Três jovens arrancam as bragas de um juiz das Marcas em Florença enquanto ele ditava a justiça no tribunal.

Emília terminara a sua narrativa e, depois que a viúva foi elogiada por todos, a rainha olhou para Filostrato e disse:

– Agora é sua vez de contar.

Por isso ele respondeu imediatamente que estava pronto e começou:

– Adoráveis senhoras, o jovem que Elissa citou há pouco, ou seja, Maso del Saggio, me fará deixar de lado uma história que eu pretendia contar, para contar outra ocorrida com ele mesmo e alguns companheiros: não se pode dizer que essa história seja indecorosa, apesar de nela serem usados alguns vocábulos que costumam deixar as senhoras envergonhadas; apesar disso, dá tantos motivos de riso que vou contá-la.

Como todas devem ter ouvido dizer, à nossa cidade vêm com muita frequência podestades das Marcas, que geralmente são homens de espírito estreito e vida tão mesquinha e miserável; que tudo o que fazem é de extrema tacanhice: em vista dessa inata miséria e da sua avareza, trazem consigo juízes e notários que mais parecem homens arrancados ao arado ou tirados de uma sapataria do que das escolas de Direito. Entre esses podestades, veio um que trouxe vários juízes, entre os quais um que era chamado *messer* Niccola da San Lepidio e tinha mais aparência de ferreiro que de qualquer outra coisa; foi ele posto entre outros juízes para julgar questões criminais. É fato corriqueiro que alguns cidadãos, mesmo não tendo nada que fazer no Palácio do podestade, ali de vez em quando aparecem, e foi assim que Maso del Saggio certa manhã por lá apareceu à procura de um amigo; e, olhando por acaso o lugar onde o referido *messer* Niccola estava sentado, começou a contemplá-lo e a achá-lo com toda a aparência de ser um tremendo papalvo. Viu o arminho todo ensebado na cabeça, um tinteiro no cinto e a túnica mais comprida que a garnacha, além de outras coisas estranhas a qualquer homem educado e distinto. Entre tais coisas, viu uma que lhe pareceu a mais notável de todas: estava o juiz sentado, e, como sua roupa, que era estreita, se abria na frente, era possível perceber que o fundilho de suas bragas lhe chegava até metade da perna. Por isso, sem ficar muito olhando, deixou de lado tudo o que estava procurando e começou a fazer nova busca, encontrando dois companheiros seus, um dos quais se chamava Ribi, e o outro,

Matteuzzo, ambos não menos folgazões que Maso, e lhes disse:

– Se tiverem alguma estima por mim, venham comigo até o Palácio, pois vou lhes mostrar o mais tremendo pateta que já se viu.

E, indo com eles para o Palácio, mostrou-lhes o tal juiz e suas bragas. Os amigos, de longe, começaram a rir da coisa, e, aproximando-se mais do banco no qual o juiz estava sentado, viram que debaixo dele era possível entrar facilmente; além disso, viram que a tábua sobre a qual o meritíssimo apoiava os pés estava quebrada, de modo que com muita comodidade era possível ali enfiar a mão e o braço.

Então Maso disse aos companheiros:

– Quero que a gente arranque completamente essas bragas, porque dá muito bem para fazer isso.

Cada um dos companheiros já havia estudado como fazê-lo; por isso, depois de combinarem tudo o que fariam e diriam, voltaram na manhã seguinte. Estava o tribunal lotado, e Matteuzzo, sem que ninguém percebesse, entrou debaixo do banco e foi ficar bem debaixo do lugar onde o juiz apoiava os pés.

Maso aproximou-se por um dos lados do senhor juiz, segurou a barra de sua garnacha, enquanto Ribi se aproximava do outro lado e fazia o mesmo; então Maso começou a dizer:

– Meritíssimo, ó meritíssimo, peço-lhe pelo amor de Deus que, antes que esse larápio que está ao seu lado fuja daqui, o senhor o obrigue a me devolver meu par de borzeguins que ele surripiou, mas nega; eu vi, porém, há menos de um mês, que ele estava trocando o seu solado.

Ribi, do outro lado, gritava bem alto:

– Meritíssimo, não acredite nele, que não passa de um safado, que sabe muito bem que eu vim aqui reclamar uma mala que ele me roubou, e agora chega falando de umas botas que eu tinha lá em casa já faz um tempão. E se o senhor não acreditar em mim, eu posso trazer como testemunha a quitandeira minha vizinha e a tripeira Grassa, e também um sujeito que vive recolhendo o lixo da igreja de Santa Maria em Verzaia, que eu vi voltando da roça.

Maso, do outro lado, não deixava Ribi falar, ao contrário, gritava, e Ribi gritava mais ainda. E enquanto o juiz se levantava para ficar mais perto e ouvir melhor, Matteuzzo, aproveitando o ensejo, enfiou a mão pela rachadura da madeira, agarrou o fundilho das bragas do juiz e puxou com força: as bragas caíram imediatamente, porque o juiz era magro e desancado. Este, sentindo que alguma coisa ocorrera e não sabendo o que era, queria sentar-se e puxar a roupa para a frente e cobrir-se. Mas Maso, de um lado, e Ribi, do outro, continuavam a

segurá-lo e a gritar:

– Meritíssimo, é uma descortesia de sua parte não me dar razão, não me ouvir e ainda querer ir para outro lugar; nesta cidade não se faz intimação escrita por coisa pequena como essa.

E ficaram tanto tempo a segurá-lo pela roupa com essa conversa que todos os que estavam no tribunal acabaram percebendo que as bragas do juiz tinham sido arrancadas. Mas Matteuzzo, depois de tê-las segurado algum tempo, largou-as e saiu sem ser visto.

Ribi, achando que já tinha feito o suficiente, disse:

– Pois eu espero que Deus me ajude lá no sindicato.169

Maso, do outro lado, largou a garnacha e disse:

– Eu não, eu vou voltar aqui todas as vezes que for preciso até encontrar o senhor menos atabalhoado do que hoje.

E ambos partiram o mais depressa que puderam, um de cada lado.

O senhor juiz, puxando as bragas na frente de todos, como se acordasse de sono profundo, só então percebeu o que ocorrera e perguntou para onde tinham ido aqueles dois que faziam queixas sobre borzeguins e malas; mas, como não foram encontrados, ele começou a jurar pelas tripas de Deus que precisaria conhecer melhor as coisas e saber se em Florença era costume arrancar as bragas aos juízes que estivessem sentados no tribunal de justiça. O podestade, por outro lado, ao saber do caso, fez um grande escarcéu; depois, como seus amigos lhe mostrassem que aquilo fora feito apenas para demonstrar que os florentinos sabiam muito bem que, em vez de trazer juízes, ele estava trazendo gente bronca por ser mais barato, achou melhor calar-se, e a coisa não foi adiante por aquela vez.

SEXTA NOVELA

Bruno e Buffalmacco roubam um porco de Calandrino; para encontrarem o ladrão, fazem uma prova com bolas de gengibre e vinho branco; a ele dão duas, uma após outra, mas feitas com pimenta-d'água e revestidas de pasta de aloé, para parecer que o ladrão era ele; fazem-no pagar um resgate, para não dizerem nada à esposa dele.

Mal acabou a história de Filostrato, que provocou muitas risadas, a rainha ordenou a Filomena que prosseguisse; e ela começou:

– Graciosas senhoras, assim como Filostrato foi induzido pelo nome de Maso a contar a história que ouviram, também do mesmíssimo modo sou induzida pelos nomes de Calandrino e dos companheiros a contar uma outra sobre eles, que, acredito, será do seu agrado.

Quem foram Calandrino, Bruno e Buffalmacco nem é preciso dizer, pois as senhoras já ouviram ali em cima; por isso, adiantando-me, digo que Calandrino tinha, não muito longe de Florença, uma pequena quinta recebida como dote da mulher, da qual extraía, entre outras coisas, um porco por ano; e era costume dele e da esposa irem para lá, por volta de dezembro, matar o porco e mandar salgá-lo.

Ora, numa dessas vezes, não estando a esposa muito bem de saúde, Calandrino foi sozinho matar o porco; Bruno e Buffalmacco, sabendo disso e informados de que a mulher não iria, foram passar uns dias em casa de um padre amicíssimo deles, vizinho de Calandrino. Na manhã do dia em que eles chegaram, Calandrino tinha matado o porco; vendo-os com o padre, chamou-os e disse:

– São muito bem-vindos: quero que vejam que belo administrador eu sou.

E, levando-os para casa, mostrou-lhes o tal porco.

Os dois viram que o porco era lindo e ouviram Calandrino dizer que pretendia salgá-lo para a sua família. Bruno disse:

– Puxa! Como você é bobo! Venda o porco, vamos aproveitar o dinheiro e você diz à patroa que ele foi roubado.

Calandrino disse:

– Não, ela não acreditaria e me poria para fora de casa: não se metam, porque eu nunca faria isso.

Foram muitas as conversas, mas o resultado nenhum. Calandrino os convidou

para jantar com tanta má vontade, que eles não aceitaram e foram embora.

Bruno disse a Buffalmacco:

– Vamos roubar o porco esta noite?

Buffalmacco disse:

– E como é que a gente pode fazer isso?

Bruno disse:

– Como fazer eu vi muito bem, se ele não tirar o porco de lá onde estava agora há pouco.

– Então – disse Buffalmacco – vamos fazer isso; por que não faríamos? E depois a gente se regala aqui com o padre.

O padre disse que gostava da ideia. Então Bruno disse:

– Aí é preciso um pouco de arte: Buffalmacco, você sabe como Calandrino é avarento e como gosta de beber quando os outros pagam; vamos levá-lo à taverna; ali, o padre faz de conta que está pagando tudo só para nos obsequiar e não vai deixá-lo pagar nada; ele vai encher a cara, e aí a coisa vai ficar mais fácil, porque está sozinho em casa.

E, tal como Bruno disse, assim fizeram.

Calandrino, vendo que o padre não o deixava pagar, bebeu à vontade e, embora não fosse muito forte para o vinho, exagerou na dose. Já ia bem andada a noite quando saíram da taverna e ele, sem querer jantar, voltou para casa e, acreditando ter fechado a porta, deixou-a aberta e foi para a cama. Buffalmacco e Bruno foram jantar com o padre e, depois de comerem, pegaram suas ferramentas para entrar na casa de Calandrino pelo lugar imaginado por Bruno; foram silenciosamente para lá, mas encontraram a porta aberta, entraram, desengancharam o porco, levaram-no para a casa do padre e, depois de guardá-lo, foram dormir.

Calandrino, depois que o vinho lhe desceu da cabeça, levantou-se pela manhã; foi lá para baixo, olhou e não viu o porco, mas viu a porta aberta: assim, saiu perguntando a este e àquele se sabiam quem tinha levado o porco e, não descobrindo, começou a fazer um tremendo escarcéu: ai dele, pobre dele, tinham lhe roubado o porco. Bruno e Buffalmacco levantaram-se e foram para a casa de Calandrino, querendo ouvir o que ele dizia sobre o porco; este, quando os viu, chamou-os quase chorando e disse:

– Ai de mim, companheiros, meu porco foi roubado.

Bruno se aproximou dele e disse baixinho:

– Que espanto, pelo menos uma vez você foi esperto.

– Ai de mim – disse Calandrino –, estou dizendo a verdade.

– Diga isso – dizia Bruno –, grite bem algo para parecer mesmo que foi isso o que aconteceu.

Calandrino então gritava mais alto e dizia:

– Pelo corpo de Deus, estou dizendo a verdade, ele foi roubado.

E Bruno dizia:

– Muito bem, muito bem: você precisa dizer isso mesmo, gritar bem alto, para que todos ouçam, para que pareça verdade.

Calandrino disse:

– Você me faria dar a alma ao maligno! Estou dizendo e você não acredita, quero ser perdurado pela garganta se ele não foi roubado!

Bruno disse então:

– Puxa! Como pode ter acontecido isso? Eu o vi ontem mesmo aí. Está querendo me fazer acreditar que ele saiu voando?

Calandrino disse:

– É como eu estou dizendo.

– Puxa! – disse Bruno. – Como é que pode?

– É mesmo – disse Calandrino –, é assim, e eu estou perdido, não sei como vou voltar para casa: a patroa não vai acreditar e, mesmo que acredite, não vai me deixar em paz o ano inteiro.

Bruno então disse:

– Deus que me livre, é um malfeito, se for verdade; mas você sabe, Calandrino, que ontem eu lhe ensinei isso que você está dizendo, e não gostaria que você enganasse sua mulher e a nós duma vez só.

Calandrino começou a gritar, dizendo:

– Puxa, por que vocês me deixam desesperado? Me fazem praguejar contra Deus, os santos e tudo? Estou dizendo que o porco esta noite foi roubado.

Buffalmacco então disse:

– Se é verdade, é preciso dar um jeito de recuperá-lo como for possível.

– E que jeito podemos encontrar? – disse Calandrino

Buffalmacco então disse:

– Na certa ninguém veio da Índia até aqui para lhe roubar o porco: deve ter sido algum desses seus vizinhos; por isso, se você conseguisse reuni-los, eu sei fazer a experiência do pão e do queijo170, e aí vamos ver de uma vez quem pegou o porco.

– Ah, claro! – disse Bruno. – Você vai conseguir muita coisa com pão e queijo desses fidalgotes que vivem aqui na vizinhança! Tenho certeza de que, se algum deles roubou o porco, logo iria perceber a sua intenção e não viria.

– O que fazer então? – disse Buffalmacco.

Bruno respondeu:

– A gente precisaria fazer umas bolas171 de gengibre com bom vinho branco e convidá-los para beber: eles não iriam desconfiar de nada e viriam, e assim nós poderíamos benzer as bolas de gengibre como se benze o pão com queijo.

Buffalmacco disse:

– É mesmo, você tem razão; e você, Calandrino, o que acha? Vamos fazer isso?

Disse Calandrino:

– Peço que façam isso pelo amor de Deus, porque saber quem roubou já serve pelo menos de consolo.

– Então vamos em frente – disse Bruno. – Estou disposto a ir até Florença para lhe prestar esse serviço, se você me der o dinheiro.

Calandrino tinha cerca de quarenta soldos, e os deu. Bruno foi a Florença, à casa de um amigo herbanário, e comprou uma libra de boas bolas de gengibre e mandou fazer duas de pimenta-d'água, solicitando que as envolvesse com suco de aloé recém-espremido; depois pediu que as confeitasse com açúcar, tal como tinha feito com as outras, e, para não perdê-las nem trocá-las, pediu-lhe que fizesse certo sinalzinho por meio do qual ele as reconhecesse bem; depois de comprar uma garrafa de bom vinho branco, voltou para a casa de Calandrino e disse:

– Amanhã de manhã convide para beber com você todos aqueles de quem suspeitar: é festa, todos virão de boa vontade, e esta noite Buffalmacco e eu faremos o encantamento com as bolas que amanhã de manhã levarei à sua casa; e, por amor a você, eu mesmo as servirei, fazendo e dizendo aquilo que deve ser dito e feito.

Foi o que Calandrino fez. Depois de reunido um bom grupo formado por jovens florentinos que estavam no interior e por lavradores, na manhã seguinte, diante da igreja e ao redor do olmo, Bruno e Buffalmacco chegaram com uma caixa de bolas e um frasco de vinho. E, formando todos uma roda, Bruno disse:

– Senhores, preciso dizer a razão pela qual estão aqui, para que ninguém tenha motivos de queixar-se de mim caso venha a ocorrer algo que lhes desagrade. Calandrino, aqui presente, teve ontem à noite um porco seu roubado e não consegue descobrir quem cometeu o roubo; e como ninguém, além de nós que aqui estamos, poderia ter feito isso, para descobrir quem foi ele lhes servirá estas bolas, uma a cada um, e este vinho para beber; desde já devem saber que quem tiver roubado o porco não conseguirá engolir a bola; ao contrário, ela lhe

parecerá mais amarga que veneno, e será cuspida fora; por isso, em vez de passar essa vergonha na presença de tanta gente, talvez seja melhor aquele que roubou o porco dizê-lo em confissão ao padre, e eu me absterei de fazer isso.

Todos os que estavam lá disseram que queriam comer; por isso Bruno, os enfileirou e, pondo Calandrino entre eles, começou por uma das pontas a dar a cada um a sua bola; e, chegando à frente de Calandrino, pegou uma das de pimenta-d'água e a pôs em sua mão. Calandrino logo a pôs na boca e começou a mastigar, mas assim que sentiu na língua o aloé, não suportando o amargor, cuspiu tudo. Todos se entreolhavam para ver quem cuspiria, e Bruno, que não tinha ainda acabado a distribuição, fez de conta que não ouvia o que era dito atrás:

– Ei, Calandrino, o que significa isso?

Então, voltando-se imediatamente e vendo que Calandrino tinha cuspido a sua, disse:

– Espere, talvez ele tenha cuspido por algum outro motivo: pegue outra.

Pegou a segunda, pôs em sua boca e acabou de distribuir as outras, conforme lhe cumpria. Se a primeira parecera amarga a Calandrino, esta parecia amaríssima; mas, com vergonha de cuspi-la, mastigou-a um pouco e a manteve na boca; ao fazer isso, começou a gritar e a chorar lágrimas tão gordas que pareciam avelãs; finalmente, não aguentando mais, lançou fora aquela bola como fizera com a primeira.

Buffalmacco e Bruno estavam servindo bebida ao grupo, e todos, vendo o que estava acontecendo, disseram que sem dúvida o próprio Calandrino tinha roubado o porco; e começaram a repreendê-lo rudemente.

Depois que todos foram embora e Bruno e Buffalmacco ficaram com Calandrino, Buffalmacco começou a dizer:

– Eu sempre tive certeza de que você tinha ficado com ele e queria fazer a gente acreditar que tinha sido roubado para não nos oferecer bebida com o dinheiro que tivesse recebido.

Calandrino, que ainda não tinha cuspido todo o amargor do aloé, começou a jurar que não tinha sido ele.

Buffalmacco disse:

– Mas diga lá, sócio, com sinceridade, quanto você ganhou? Uns seis?

Calandrino, ouvindo isso, começou a ficar desesperado.

Bruno então lhe disse:

– Escute aqui, Calandrino, um sujeito aí do grupo que comeu e bebeu conosco contou que aqui por estas bandas você tem uma mocinha à sua

disposição, a quem você dá tudo o que consegue juntar; e disse ter certeza de que você deu a ela o tal porco. Mas você aprendeu mesmo a ser trapaceiro! Uma vez nos fez ir pelo Mugnone abaixo catando pedras pretas, e, depois de nos pôr naquela canoa furada, voltou para casa e quis que a gente acreditasse que havia encontrado a pedra! E agora também acha que com seus juramentos vai nos fazer acreditar que o porco, que você deu ou vendeu, foi roubado. Já estamos acostumados às suas trapaças e as conhecemos; você não conseguiria mais nos enganar! Para dizer a verdade, tivemos o trabalho de fazer o encantamento porque queremos que você nos dê um par de capões, senão vamos contar tudo a *monna* Tessa.

Calandrino, vendo que ninguém acreditava nele, sentindo-se muito acabrunhado e não querendo aguentar o destampatório da mulher, deu-lhes um par de capões; eles, depois de salgarem o porco e de o levarem a Florença, deixaram Calandrino com o prejuízo e com as burlas.

SÉTIMA NOVELA

Um erudito ama uma viúva, que está apaixonada por outro; em pleno inverno, ela o faz esperar uma noite inteira sob a neve; mais tarde, com uma orientação que lhe dá, ele a deixa um dia inteiro, em pleno mês de julho, nua no alto de uma torre, exposta às moscas, aos moscardos e ao sol.

As senhoras riram muito do pobre Calandrino e teriam rido ainda mais, caso não se apiedassem dele por lhe terem tomado os capões aqueles que já lhe haviam tomado o porco. Mas, terminada essa história, a rainha ordenou a Pampineia que contasse a sua; e ela logo começou da seguinte maneira:

– Caríssimas senhoras, frequentemente vemos a arte sendo escarnecida pela arte, por isso é sinal de pouca sensatez divertir-se em escarnecer os outros. Até agora, por meio de várias historietas, rimos muito das burlas aplicadas, mas ninguém narrou nenhuma vingança contra elas; por isso, pretendo despertar nas senhoras alguma compaixão por uma justa recompensa recebida por certa concidadã nossa, cuja burla recaiu sobre sua própria cabeça quando, ao ser burlada, quase pagou com a vida. Ouvir essa história não deixará de ter utilidade para as senhoras, porque desse modo se guardarão mais de burlar os outros, no que demonstrarão grande sensatez.

Não faz ainda muitos anos que em Florença viveu uma jovem bela de corpo, altiva de espírito e nobre de linhagem, convenientemente aquinhoada de bens pela Fortuna e chamada Elena. Ao ficar viúva, não quis casar-se novamente, e dela se apaixonou um jovem belo e galante, de seu gosto; como estava livre de quaisquer outros cuidados, com a ajuda de uma criada na qual confiava muito, encontrou-se com ele diversas vezes, passando ótimos momentos a colher maravilhoso prazer. Naquela época, um jovem nobre de nossa cidade, chamado Rinieri, que estudara muito tempo em Paris – não para depois vender sua ciência no varejo, como fazem muitos, mas para conhecer o motivo das coisas e sua razão de ser (o que condiz otimamente bem com fidalgos) –, voltou a Florença; aqui vivia de modo senhoril, sendo muito celebrado tanto por sua nobreza quanto por sua ciência.

Mas com ele ocorreu algo que se vê com frequência: quanto maior o conhecimento das coisas profundas, mais rápido o encabrestamento pelo amor. Pois certa vez, quando foi a uma festa, seus olhos depararam a referida Elena

vestida de preto, como costumam nossas viúvas, e ele a achou tão cheia de beleza e encantos que lhe parecia nunca ter visto nada igual em nenhuma outra; e lá consigo considerou que podia ser chamado de feliz aquele a quem Deus concedesse a graça de tê-la nua nos braços. Observando-a atentamente diversas vezes e percebendo que as coisas grandiosas e valiosas não podem ser conquistadas sem trabalho, decidiu que usaria do máximo esforço e empenho para agradá-la e, por via de agrados, conquistar o seu amor e assim receber muito dela.

A jovem senhora, que não tinha os olhos postos no inferno, mas se dava a devida importância e até demais, movendo-se com arte e olhando ao redor, logo percebia quem a observava com deleite; e, dando-se conta de Rinieri, disse de si para si a sorrir: “Hoje não vim aqui à toa, porque, se não me engano, esse peixe caiu na minha rede”. E, olhando-o de vez em quando com o rabo dos olhos, empenhava-se ao máximo em demonstrar que fazia caso dele, pensando, por outro lado, que, quanto mais homens fisgasse e prendesse com o seu encanto, mais valorizada seria a sua beleza, principalmente por aquele a quem ela a entregara junto com seu amor.

O sábio erudito, deixando os pensamentos filosóficos de lado, voltou para ela todo o seu espírito e, acreditando que poderia agradá-la, informou-se da casa onde ela morava, à frente da qual começou a passar, justificando essas passadas com diversos pretextos. A mulher, pela razão já dita, vangloriava-se intimamente disso e demonstrava muito gosto em vê-lo; por esse motivo, o erudito, quando encontrou ocasião, fez amizade com a criada dela, revelou o seu amor e pediu-lhe que intercedesse junto à patroa e tudo fizesse para que ele pudesse gozar os seus favores.

A criada fez grandes promessas e contou tudo à patroa; esta, com a maior risada do mundo, ouviu e disse:

– Está vendo onde esse aí vem perder o juízo que trouxe de Paris? Pois vamos lhe dar aquilo que está procurando. Quando ele vier falar de novo com você, diga que eu o amo muito mais do que ele me ama, mas que preciso resguardar o meu recato, para poder conviver com as outras mulheres de cabeça erguida; por isso, se for tão sábio quanto diz que é, precisa me dar ainda mais valor.

Ai, ai, ai, coitada! Não sabia bem, minhas senhoras, o que é meter-se com eruditos. A criada, quando o encontrou, fez o que a patroa ordenara. O erudito, feliz, passou a fazer solicitações mais ardorosas, a escrever cartas e a mandar presentes. Tudo era recebido, mas de volta só vinham respostas genéricas, e

desse modo ela o foi empalhando durante muito tempo.

Por fim, tendo contado tudo ao amante, que por isso se irritou algumas vezes e demonstrou certo ciúme, a viúva, para lhe mostrar que suas suspeitas eram infundadas, mandou a criada falar com o erudito, que continuava a solicitá-la muito, e dizer-lhe da sua parte que não tivera ainda tempo de fazer nada que lhe agradasse desde que o havia certificado de seu amor, mas que na época das festas de Natal, já próximas, esperava poder encontrar-se com ele; e pedia-lhe que, na noite seguinte ao Natal, tivesse a bondade e ir até o pátio de sua casa, aonde ela iria ter com ele assim que pudesse. O erudito, sentindo-se o mais feliz dos homens, foi à casa da mulher na hora estipulada e, sendo introduzido pela criada num pátio, que foi trancado, começou a esperar a dama.

Esta, que naquela noite chamara seu amante e com ele ceara alegremente, disse o que pretendia fazer e acrescentou:

– Você vai poder ver quanto amor eu sinto e senti por aquele de quem tem esse tolo ciúme.

O amante ouviu essas palavras com muito prazer, desejando ver realizado em obras aquilo que a mulher lhe dava a entender com palavras. Por acaso nevara muito durante o dia, e tudo estava coberto de neve; por isso, pouco tempo ficou o erudito no pátio até começar a sentir mais frio do que teria desejado; mas, com a esperança de recobrar-se depois, suportava aquilo pacientemente.

A mulher disse ao amante após algum tempo:

– Vamos até o quarto ver por uma janelinha o que está fazendo aquele de quem você tem ciúmes e o que ele vai responder à criada que mandei falar com ele.

Foram, portanto, até uma janelinha e, vendo sem serem vistos, ouviram a criada falar com o erudito de uma outra janela, dizendo:

– Rinieri, a minha patroa está sentindo a maior tristeza do mundo, porque esta noite veio aqui um de seus irmãos e ficou falando muito tempo com ela, depois quis jantar e ainda não foi embora; mas acho que logo vai; por isso, ela não pôde vir até agora, mas logo virá. Ela lhe pede que não se incomode de esperar.

O erudito, acreditando que aquilo era verdade, respondeu:

– Diga à minha senhora que não se inquiete por mim enquanto não lhe for cômodo atender-me, mas que o faça assim que puder.

A criada voltou para dentro e foi dormir. A mulher disse então ao amante:

– Pois bem, o que me diz? Acha que, se eu lhe quisesse tanto bem quanto você teme, ia aguentar vê-lo ali a enregelar-se?

Dito isso, foi para a cama com o amante, que já tinha por que estar contente, e passaram grande parte da noite em meio a regozijos e prazeres, rindo e escarnecendo do mísero erudito.

Este andava pelo pátio, exercitando-se para se aquecer e, não tendo onde se sentar nem onde se abrigar do sereno, amaldiçoava a demora daquele irmão; e tudo o que ouvisse ele acreditava ser alguma porta que a mulher abria para ele, mas em vão esperava.

A dama, que brincara com o amante até perto de meia-noite, disse-lhe:

– O que acha, alma minha, do nosso erudito? O que você acha maior: a sabedoria que ele tem ou o amor que tenho por ele? Será que o frio que eu o faço passar tirará do seu peito aquilo que nele entrou no outro dia com minhas palavras?

O amante respondeu:

– Coração do meu corpo, sim, estou percebendo muito bem que, assim como você é meu bem, meu repouso, meu deleite e toda a minha esperança, também eu sou tudo isso para você.

– Então – dizia a dama –, beije-me mil vezes para eu ver se está dizendo a verdade.

E o amante, a estreitá-la, não mil beijos, porém mais de cem mil beijos lhe dava.

E, depois de passarem algum tempo em tais conversas, disse a dama:

– Ah! Vamos nos levantar um pouco e ir ver se já se apagou o fogo no qual esse meu novo amante ardia o dia inteiro, segundo escrevia.

Levantando-se, foram até a janelinha e, olhando para o pátio, viram o erudito dançar miudinho sobre a neve, ao som do bater de dentes, uma carola tão cerrada e rápida como nunca tinham visto igual. Então a dama disse:

– O que diz, minha doce esperança? Você acha que eu sei fazer os homens dançar sem som de trombetas e cornamusas?

O amante, rindo, respondeu-lhe:

– Acredito, sim, meu grande deleite.

A dama disse:

– Vamos lá embaixo até a porta: você fica quieto, e eu falo com ele; vamos ouvir o que ele vai dizer e pode ser que seja mais divertido do que só ver.

Abriram o quarto e desceram silenciosamente até a porta: ali, sem abri-la, de um pequeno postigo que havia a dama o chamou com voz abafada.

O erudito, ouvindo que era chamado, deu graças a Deus e acreditou que logo estaria lá dentro; encostando-se à porta, disse:

– Aqui estou, senhora: abra pelo amor de Deus, que estou morrendo de frio.

A dama disse:

– Oh, sim, o que sei é que você é um friorento! E também que o frio está forte, porque há um pouco de neve! Mas também sei que em Paris a neve é muito mais forte. Ainda não posso abrir, porque esse meu maldito irmão que ontem veio aqui jantar comigo não foi embora ainda: mas logo vai, e eu imediatamente virei abrir. Agora há pouco precisei escapulir dele com muito trabalho, para vir animá-lo a ter a bondade de esperar.

O erudito disse:

– Ah! Senhora, eu lhe rogo pelo amor de Deus que abra a porta, para eu poder ficar abrigado aí dentro, pois agora há pouco começou a maior nevasca do mundo, e ainda está nevando; aí dentro eu espero o tempo que a senhora quiser.

A dama disse:

– Ai, que pena, minha doçura, eu não posso, porque esta porta faz um barulho tão grande quando se abre que meu irmão logo ouviria se eu abrisse para você; mas agora vou dizer a ele que vá embora, para poder depois voltar e abrir.

O erudito disse:

– Então vá logo; e peço-lhe que mande fazer um bom fogo, para que eu possa me aquecer assim que entrar, porque fiquei tão enregelado que mal sinto meu corpo.

A dama disse:

– Ah, não pode ser, se for verdade o que você me escreveu tantas vezes, que queima por inteiro no amor que sente por mim; por isso tenho certeza de que você está brincando. Agora vou indo: espere aí e coragem.

O amante, que ouvia tudo com supremo prazer, voltou com ela para a cama e pouco dormiram naquela noite; ao contrário, passaram quase o tempo todo a gozar e a escarnecer do erudito.

O pobrezinho do erudito, que quase tinha virado cegonha de tanto que tiritava, percebendo que havia sido burlado várias vezes, forçou a porta, tentando abri-la, e procurou alguma saída por outro lugar; não vendo como, ficou dando voltas pelo pátio como um leão na jaula e amaldiçoando a situação do clima, a perversidade da mulher, a extensão da noite e a sua ingenuidade, ao mesmo tempo que, muito indignado com ela, transformou de repente o prolongado e fervoroso amor em ódio cruel e acerbo, conjecturando inúmeras e variadas coisas para ver se descobria meios de vingança, que agora ele desejava muito mais do que antes houvera desejado estar com a mulher.

Depois de intensa e longa demora, a noite se avizinhou do dia, e a aurora

começou a surgir; então a criada, instruída pela patroa, desceu, abriu a porta do pátio e, dando mostras de ter compaixão dele, disse:

– Que azar ele ter vindo ontem! Ela ficou a noite inteira empatada com o irmão e te deixou congelando: mas sabe o quê? Aguente calado, porque o que não pôde ser esta noite poderá ser de outra vez: eu sei muito bem que nada poderia ter deixado minha patroa mais triste.

O erudito, indignado, mas pensando sabiamente que as ameaças nada mais fazem do que dar armas ao ameaçado, trancou dentro do peito aquilo que a vontade sem freios teria posto para fora e disse com voz baixa, sem se mostrar zangado:

– Na verdade, eu tive a pior noite da minha vida, mas percebi muito bem que sua patroa não teve culpa nenhuma, pois ela mesma, mostrando-se apiedada, veio até aqui embaixo pedir desculpas e me animar; e, como diz você, o que não pôde ser esta noite será de uma outra vez: dê-lhe minhas recomendações e fique com Deus.

E quase todo entorpecido voltou para casa como pôde; lá chegou cansado e morto de sono, deixou-se cair na cama para dormir e depois acordou com os braços e as pernas quase totalmente adormecidos. Por isso, mandou chamar um médico, contou-lhe o frio que passara, e tratou de cuidar da saúde. Os médicos, ajudando-o com os melhores meios e os remédios mais eficazes, só depois de algum tempo conseguiram curar seus nervos e fazê-los distender-se; e, não fosse ele jovem e não tivesse o tempo ficado mais quente, seu sofrimento teria sido muito maior. Mas, depois que recuperou a saúde, conservando por dentro aquele ódio, por fora dava mostras de estar cada vez mais apaixonado por sua viúva.

Ora, ocorre que depois de certo tempo a Fortuna deu ao erudito ocasião de satisfazer o seu desejo; porque o jovem que era amado pela viúva, sem nenhuma consideração pelo amor que ela lhe tinha, apaixonou-se por outra e, não querendo nem pouco nem muito dizer nem fazer nada que fosse do agrado dela, deixou-a consumindo-se em lágrimas e amarguras. Mas a criada, que tinha muita compaixão dela, não encontrando maneira de livrar a patroa da dor de ter perdido o amante, vendo o erudito passar ali pela frente, do modo costumeiro, teve uma ideia estúpida: achava ela que o amante da patroa poderia ser induzido a amá-la como antes por meio de alguma operação de nigromancia, coisa de que o erudito deveria ser grande mestre; e disse o que pensava à patroa. Esta, pouco sábia, não pensando que o erudito, caso soubesse alguma nigromancia, tê-la-ia empregado para si mesmo, deu fé às palavras da criada e logo lhe disse que fosse lhe perguntar se queria fazê-la, prometendo-lhe com segurança que, como

recompensa, ela faria tudo o que ele quisesse.

A criada transmitiu o recado com perfeição e diligência; o erudito, ao ouvi-la, disse lá consigo muito feliz: “Deus seja louvado: chegou a hora de, com Sua ajuda, punir a mulherzinha pérfida pela injúria que me fez, como recompensa pelo grande amor que eu tinha por ela”. E à criada disse:

– Diga à minha senhora que não se preocupe, porque, se o seu amante estivesse na Índia, eu o faria vir imediatamente pedir-lhe perdão pelo que tivesse feito para contrariá-la; mas o modo como ela vai precisar agir para conseguir isso eu pretendo dizer-lhe pessoalmente quando e onde ela preferir; diga-lhe isso e que de minha parte peço que se anime.

A criada transmitiu a resposta e combinou-se que eles se encontrariam na igreja de Santa Lucia dal Prato.

Quando se encontraram ali para conversarem sozinhos, a dama, não se lembrando de que quase o levara à morte, disse ao erudito francamente tudo o que lhe acontecia e o que desejava, suplicando-lhe por sua salvação. O erudito então disse:

– Senhora, é verdade que entre outras coisas que aprendi em Paris está a nigromancia, sobre a qual sem dúvida sei tudo; mas, como ela desagrada muito a Deus, jurei que nunca a empregaria nem para mim nem para outra pessoa. A verdade é que o amor que sinto pela senhora é tão forte que não sei lhe negar nada que me peça; portanto, se para isso eu precisasse ir sozinho à casa do diabo, estaria pronto a fazê-lo desde que a senhora quisesse. Mas devo lembrar-lhe que é uma coisa muito mais difícil de fazer do que a senhora por acaso imagina, principalmente quando uma mulher quer de volta o amor de um homem, ou um homem o de uma mulher, porque isso só pode ser feito pela própria pessoa interessada; e para fazer tais coisas é preciso que quem as faça tenha muita coragem, pois devem ser feitas à noite, em lugares ermos e sem companhia: não sei se a senhora está disposta a tanto.

A mulher, mais apaixonada que sensata, respondeu:

– O amor me aguilhoa de tal maneira que não há nada que eu não faça para reaver aquele que me abandonou injustamente; no entanto, por gentileza, mostre-me no que preciso ser corajosa.

O erudito, que tinha criado pelos no coração, disse:

– Precisarei fazer uma estátua de estanho com o nome daquele que a senhora quer reconquistar. Quando eu lhe mandar a estátua, em noite de lua minguante, a senhora precisará ir nua a um rio de águas correntes, sozinha, nas primeiras horas da noite, para banhar-se com ela sete vezes; depois, assim nua, deverá

subir numa árvore ou em alguma casa desabitada e, voltada para o norte, com a imagem na mão, deverá recitar sete vezes algumas palavras que lhe darei por escrito; assim que as tiver recitado, aparecerão duas mocinhas das mais formosas que a senhora já viu, elas a cumprimentarão e lhe perguntarão amavelmente o que quer que seja feito. A senhora deverá dizer com clareza e pormenores tudo o que deseja (cuidado para não dizer uma coisa por outra); depois que disser tudo, elas irão embora, e a senhora poderá descer para o lugar onde deixou as roupas, vestir-se e voltar para casa. E é certo que antes da meia-noite do dia seguinte o seu amante voltará chorando a lhe pedir perdão e misericórdia: e fique sabendo que a partir daí ele nunca mais a deixará por outra.

A dama ouviu essas coisas e deu-lhes inteira fé; e, com a impressão de que o amante já tinha voltado para seus braços, ficou meio alegre e disse:

– Não receie, porque farei essas coisas muito bem; e para isso eu tenho a maior facilidade do mundo, pois possuo uma propriedade pelos lados do Val d'Arno superior, que fica bem próxima da margem do rio; faz pouco tempo que começou o mês de julho, e tomar banho no rio vai ser agradável. E também lembro que não muito longe do rio há uma torrinha desabitada, exceto pelo fato de que de vez em quando alguns pastores sobem por umas escadas de galho de castanheira até uma laje que há lá em cima para ver se enxergam de lá seus animais desgarrados; é um lugar muito ermo e fora de mão; vou subir nessa torre e espero fazer da melhor maneira possível aquilo que você ordenar.

O erudito, que conhecia muito bem tanto a propriedade da dama quanto a torrinha, contente porque suas intenções se realizavam, disse:

– Nunca fui para aqueles lados, por isso não conheço a propriedade nem a torre; mas se for como que senhora diz, não pode haver melhor lugar no mundo. Por isso, quando se apresentar a ocasião, mando-lhe a imagem e a oração; mas eu lhe peço que, quando satisfizer o seu desejo e perceber que eu lhe prestei um bom serviço, não se esqueça de mim e cumpra o prometido.

A senhora disse que o faria sem falta; e, depois de despedir-se dele, voltou para casa.

O erudito, feliz porque seu plano parecia dar certo, fez uma imagem com umas carântulas e escreveu umas balelas como oração; e, quando lhe pareceu o momento oportuno, enviou-a à senhora, mandando dizer que na próxima noite, sem demora, deveria fazer aquilo que lhe dissera. Depois, foi secretamente com um criado seu à casa de um amigo, que morava bem perto da torrinha, para dar plena execução àquilo que tinha tencionado.

A mulher, por outro lado, pôs-se a caminho com a sua criada e foi à sua

propriedade; quando anoiteceu, fingiu que ia para a cama e mandou a criada dormir; na hora do primeiro sono, saiu silenciosamente de casa e foi para as proximidades da torrinha que ficava às margens do Arno, olhou para todos os lados e, não vendo nem ouvindo ninguém, despiu-se, escondeu as roupas debaixo de um arbusto, banhou-se com a imagem sete vezes e depois, nua e com a imagem na mão, dirigiu-se para a torrinha. O erudito, que ao cair da noite se escondera com o criado entre salgueiros e outras árvores que havia nas cercanias da torrinha, viu tudo e, quando ela passou quase ao seu lado, nua daquele jeito, quando ele a viu vencer as trevas da noite com a brancura de seu corpo, quando olhou seu peito e outras partes do corpo e viu que eram tão belas, pensou naquilo em que dentro em pouco elas se transformariam e sentiu alguma compaixão da mulher; por outro lado, o estímulo da carne o assaltou subitamente, pondo em pé aquilo que estava deitado e incentivando-o a sair do esconderijo, ir apanhá-la e satisfazer seus desejos: muito próximo esteve de ser vencido por este e por aquela. Mas, voltando-lhe à memória quem ele era, qual tinha sido a injúria recebida, por que e por quem, reacendeu-se nele a indignação, e a compaixão e o apetite carnal foram expulsos; ele continuou firme em sua resolução e deixou-a ir em frente. A mulher, depois de subir na torre e se voltar para o norte, começou a dizer as palavras que o erudito lhe dera por escrito; ele, entrando pouco depois na torrinha, devagarinho tirou em silêncio a escada que subia para o terraço onde a mulher estava e ficou à espera, para ver o que ela diria e faria.

A mulher, depois de dizer sete vezes a sua oração, começou a esperar as duas mocinhas; foi longa a espera, sem contar que sentia o tempo muito mais fresco do que teria desejado, até que viu a aurora surgir; por isso, pesarosa por não ter acontecido o que o erudito dissera que aconteceria, pensou: “Receio que ele tenha desejado me dar uma noite igual à que eu lhe dei; mas se tiver feito por isso, não soube se vingar, porque esta não chegou a um terço do que foi a dele, sem dizer que o frio foi de outra qualidade”. E, para que o dia não a surpreendesse ali, pensou em descer da torre, mas descobriu que escada não estava lá. Então, como se o chão se abrisse sob seus pés, ela perdeu os sentidos e caiu vencida sobre a laje da torre. Quando recobrou as forças, começou a chorar e a lamentar-se miseravelmente; e, percebendo muito bem que aquilo devia ter sido obra do erudito, começou a arrepender-se de ter ofendido outra pessoa e de ter depois confiado demais naquele que ela deveria com razão ter considerado inimigo; e nisso passou longuíssimo tempo.

Depois, olhando para ver se havia algum modo de descer, não encontrando nenhum, recomeçou a chorar e entregou-se a um amargo pensamento, dizendo

de si para si: “Oh, mulher infeliz, que dirão seus irmãos, os parentes, os vizinhos e, em geral, todos os florentinos, quando souberem que você foi encontrada aqui nua? Logo se saberá que a sua boa fama, que foi tanta, era falsa; e, se por acaso quisesse encontrar desculpas mentirosas para essas coisas – porque elas poderiam ser encontradas –, o maldito erudito, que sabe de toda sua minha vida, não a deixaria mentir. Ai, coitada, ao mesmo tempo terá perdido o malfadado amante e a própria honradez!”. E, depois dessas palavras, sentiu tanta dor que quase se jogou de cima da torre.

Quando o sol já estava bem alto, e ela se achegou um pouco a um dos lados do muro da torre, para ver se por acaso se aproximava de lá algum menino com seus animais, ao qual ela pudesse pedir que fosse chamar sua criada, o erudito, que dormira um pouco ao pé de um arbusto, acordou e a viu, sendo por ela visto. Então disse:

– Bom dia, senhora; as mocinhas já vieram?

A mulher, vendo-o e ouvindo-o, recomeçou a chorar muito e pediu-lhe que fosse até a torre, para poder falar com ele. Nisso o erudito foi bastante cortês.

A mulher, deitando-se de bruços na laje, deixando só a cabeça aparecer pela abertura do chão, disse chorando:

– Rinieri, sem dúvida eu lhe dei uma péssima noite, e você se vingou muito bem, porque, embora seja julho, nua assim esta noite eu achei que ia congelar; além disso, chorei tanto por tê-lo enganado e por ter acreditado em você que não sei como ainda tenho os olhos na cara. Por isso eu lhe peço, não por amor a mim, pois você não deve me amar, mas por amor a si mesmo, pois é um fidalgo, que a vingança pela injúria que eu lhe fiz termine com aquilo que você fez até agora, e mande alguém trazer minhas roupas para que eu possa descer daqui. E não queira tirar de mim aquilo que depois você não poderá devolver, mesmo querendo, ou seja, a minha honra, porque, se naquela noite eu tirei de você o direito de estar comigo, agora posso lhe devolver cem por uma, desde que você queira. Portanto, que isso lhe baste, e, como homem de valor, sinta-se satisfeito de ter conseguido vingar-se e de me ter feito saber disso. Não queira aplicar suas forças contra uma mulher: não é glória para a águia vencer uma pomba; por isso, por amor de Deus e por sua honra, tenha pena de mim.

O erudito, revolvendo com rancor a lembrança da injúria recebida e vendo-a chorar e suplicar, ao mesmo tempo sentia prazer e tristeza: prazer pela vingança que desejara mais do que qualquer outra coisa, tristeza porque sentia que sua humanidade o levava a sentir compaixão daquela miserável. No entanto, não podendo a humanidade vencer a força do desejo de vingança, ele respondeu:

– *Madonna* Elena, se naquela noite, em que eu estava morrendo de frio em seu pátio cheio de neve, as minhas súplicas – que eu na verdade não soube banhar de lágrimas nem tornar tão melosas como essas suas de agora – tivessem me valido ser colocado nem que fosse por pouco tempo debaixo de um abrigo, agora seria fácil atender aos seus pedidos. Mas, se agora a sua honra a preocupa mais do que no passado e lhe parece tão doloroso ficar aí em cima nua, dirija essas súplicas àquele em cujos braços não lhe pareceu grave estar nua naquela mesma noite de que você se lembra, enquanto me ouvia andar pelo seu pátio tiritando e pisoteando a neve; peça ajuda a ele, peça a ele que traga suas roupas, que ele venha trazer a escada pela qual você possa descer, trate de fazer que cuide ele da honra que por ele mesmo você não receou pôr em perigo agora e em outras mil vezes. Como não o chama para ajudá-la? A quem cabe mais essa tarefa do que a ele? Você é dele: do que ele cuidará e a quem ajudará se não cuida de você e não a ajuda? Chame-o, sua tola, e veja se o amor que você tem por ele e toda a sua esperteza unida à dele podem livrá-la da minha estupidez; a mesma que, brincando, você perguntou a ele o que achava maior: a minha estupidez ou o amor que sentia por ele. E não me faça agora cortesia daquilo que não desejo e que você não poderia negar se eu desejasse: reserve suas noites para seu amante, se por acaso sair viva daqui; que elas sejam suas e dele, pois uma já foi demais para mim e me basta ter sido escarnecido uma vez. Além disso, falando com astúcia, você tenta conquistar minha benevolência com elogios, dizendo que sou fidalgo e tenho valor, tentando fazer, no fundo, que a minha magnanimidade me impeça de puni-la pela sua malvadeza; mas as suas lisonjas não deslumbrarão os olhos do meu intelecto como as suas promessas desleais já deslumbraram; eu me conheço, e enquanto fiquei em Paris não aprendi tanto sobre mim mesmo quanto aprendi numa única das suas noites. Mas, pressupondo-se que eu fosse magnânimo, você não é daquelas pessoas nas quais a magnanimidade deva mostrar seus efeitos: o fim da punição (e também da vingança) nas feras selvagens como você precisa ser a morte, ao passo que nos seres humanos deve bastar aquilo que você disse. Porque, embora eu não seja águia, percebo que você não é pomba, mas serpente venenosa, que, como antiquíssimo inimigo, pretendo perseguir com todo o ódio e toda a força, se bem que aquilo que lhe estou fazendo não possa ser propriamente chamado de vingança, e sim de castigo, pois a vingança deve ultrapassar a ofensa, e isto não chegará à altura da ofensa: porque, se eu quisesse me vingar, considerando a situação em que você pôs a minha vida, não me bastaria tirar a sua nem cem outras iguais a ela, porque estaria matando uma mulherzinha vil, mesquinha e

ordinária. E com que diabos, afora esses dois palmos de rosto que em poucos anos se encherão de rugas, você vale mais do que qualquer pobre criadinha? E você não poupou esforços para levar à morte um homem de valor – como você mesmo me chamou agora há pouco –, cuja vida ainda poderá num só dia ser mais útil ao mundo do que cem mil vidas iguais à sua enquanto o mundo durar. Portanto, com esse sofrimento pelo qual você está passando vou lhe ensinar o que é escarnecer dos homens que têm algum sentimento e o que é escarnecer dos eruditos; e vou lhe dar motivo para nunca mais ceder a tal loucura, se você escapar. Mas, se tem assim tanta vontade de descer, porque não se atira ao chão? Assim, com a ajuda de Deus, quebrando-se o pescoço, você ao mesmo tempo vai se livrar do sofrimento pelo qual acha que está passando e me tornar o homem mais feliz do mundo. E agora não vou dizer mais nada: eu soube fazer você subir até aí; saiba agora você o que fazer para descer, assim como soube zombar de mim.

Enquanto o erudito assim falava, a pobre mulher não parava de chorar, e o tempo ia passando, o sol ia ficando mais alto; quando percebeu que ele se calou, ela disse:

– Ah! Homem cruel, se lhe pareceu tão grave aquela maldita noite, e se acha que o meu pecado é tão grande que nem a minha jovem beleza, nem as lágrimas amargas, nem as súplicas humildes despertam a sua piedade, que pelo menos o comova e abrande essa severa rigidez o simples fato de recentemente eu ter confiado em você e de lhe ter revelado todo o meu segredo, dando-lhe assim meios de satisfazer seu desejo de me tornar consciente do meu pecado; porque, se eu não tivesse confiado, você não teria encontrado meios de vingar-se, coisa que demonstra ter desejado com tanto ardor. Ah! Deixe de lado essa ira e perdoe-me! Se quiser me perdoar e me deixar descer daqui, estou disposta a abandonar totalmente o jovem desleal e tê-lo como único amante e senhor, ainda que você censure a minha beleza, mostrando que ela é breve e pouco valiosa; e ela, seja como for, tal como acontece com as outras, se por outro motivo não deve ser valorizada, que o seja pelo menos porque a vaidade, o jogo e o prazer são coisas da juventude dos homens: e você não é velho. E, mesmo sendo tratada com essa sua crueldade, não posso acreditar que você gostaria de me ver fazer algo tão desonroso como me atirar daqui qual uma desesperada, diante desses seus olhos, que – se você não era mentiroso como é agora –, eu já agradei tanto. Ah! Tenha pena de mim por Deus e por piedade! O sol já está ficando quente demais e, assim como o frio desta noite me fez mal, o calor também começa a me incomodar muito.

O erudito, que estava gostando de entretê-la com conversas, respondeu:

– A sua confiança não a entregou às minhas mãos por amor que tivesse por mim, mas sim para reconquistar o amor que perdeu, por isso, não merece coisa alguma, e sim maior mal: e será muita tolice de sua parte acreditar que esse foi o único meio, sem que houvesse nenhum outro, para dar ocasião à minha desejada vingança. Eu tinha mil outros meios, e, mostrando que a amava, espalhava ao seu redor mil armadilhas, e você necessariamente teria caído em alguma delas dentro de não muito tempo, caso isto não tivesse acontecido, e poderia ter caído em alguma que lhe causasse maior sofrimento e vergonha do que esta: utilizei este meio não para facilitar as coisas para você, mas para rir mais cedo. E, mesmo que me faltassem todos os meios, não me faltaria a pluma, com a qual eu teria escrito tantas, tais coisas e de tal maneira sobre você que, quando soubesse delas (e ficaria sabendo), desejaria mil vezes todo dia nunca ter nascido. A força da pluma é maior do que imaginam aqueles que não a experimentaram com o conhecimento. Juro por Deus (que Ele me deixe feliz com esta vingança até o fim, assim como deixou no começo) que eu escreveria coisas de que você se envergonharia não diante dos outros, mas diante de si mesma; a tal ponto que, para não se ver, furaria os olhos: por isso, não reprove o mar, se ele cresceu por causa de um pequeno riacho. Quanto ao seu amor e ao fato de ser minha, como já lhe disse, não faço caso: continue sendo daquele de quem foi, se puder; e, se um dia o odiei, atualmente gosto dele, tendo em vista aquilo que lhe fez. Vocês vivem se apaixonando e desejando o amor dos jovens, porque os veem com as carnes um tanto mais rijas, a barba mais escura, andando empertigados, dançando e participando de torneios: os mais maduros já tiveram essas coisas e também já sabem o que os mais jovens ainda têm de aprender. Além disso, vocês os acham melhores cavaleiros porque percorrem mais milhas por dia que os homens mais maduros. Admito que eles sacodem com mais força a samarra[172], mas os maduros, que têm mais conhecimentos, sabem melhor onde se encontram as pulgas, e não há a menor dúvida de que se deve preferir o pouco saboroso ao muito insípido; e trotar cansa e esfalfa, mesmo aos jovens, ao passo que com andadura suave, embora se chegue mais tarde à estalagem, chega-se mais repousado. Vocês não percebem, animais sem intelecto, quanto mal há escondido debaixo daquele pouco de bela aparência. Os jovens não se contentam com uma, mas desejam todas as que veem, pois se acham dignos de tantas; por isso o amor deles não pode ser estável, e você agora tem a prova disso, como testemunha irrefutável. Acham eles que são dignos de reverências e mimos por parte de suas mulheres, e não conhecem glória maior que a de se gabarem daquelas que eles

conseguiram: defeito esse que já fez muita mulher cair nas garras dos frades, que pelo menos guardam segredo. Embora você diga que os seus amores nunca chegaram ao conhecimento de outra pessoa além de sua criada e de mim, está mal informada, e sua crença é infundada, se acreditar mesmo nisso: em todo o bairro dele praticamente não se fala de outra coisa, e no seu também; mas na maioria das vezes aquele a que tais coisas dizem respeito é o último que fica sabendo. Além disso, as mulheres são roubadas pelos jovens, ao passo que recebem dos maduros. Portanto, você, que fez má escolha, fique com aquele a quem se entregou, e, quanto a mim, de quem escarneceu, deixe que ficarei com outra, pois encontrei mulher de muito mais valor, que me conheceu melhor do que você. E para que no outro mundo você possa ter mais certeza dos desejos dos meus olhos do que demonstra ter neste mundo sobre as minhas palavras, jogue-se agora mesmo daí de cima, e sua alma, que, segundo acredito, será logo recebida nos braços do diabo, poderá ver se os meus olhos se perturbaram ou não quando a viram cair de cabeça para baixo. Mas, como acredito que você não vai querer me alegrar com isso, digo que, se o sol começa a esquentá-la, lembre-se do frio que você me fez passar e, se o misturar a esse calor, com certeza vai senti-lo temperado.

A mulher desconsolada, vendo que as palavras do erudito se encaminhavam para um fim cruel, recomeçou a chorar e disse:

– Então, se nada o leva a ter pena de mim, tenha pena pelo menos em nome do amor que sente por essa mulher que encontrou e que diz ser mais sensata que eu, por quem você diz ser amado: pelo amor dela, perdoe-me e me dê a roupa, para eu poder me vestir, e deixe-me descer daqui.

O erudito começou então a rir; e, vendo que já passava bem da terça hora, respondeu:

– Pois bem, agora não sei dizer não, já que você pediu em nome daquela mulher: diga-me onde estão suas roupas, e eu irei buscá-las e a deixarei descer daí.

A mulher, acreditando, consolou-se um pouco e ensinou-lhe o lugar onde tinha deixado as roupas. O erudito, saindo da torre, ordenou ao criado que não fosse embora, mas, ao contrário, ficasse lá perto e impedisse ao máximo que alguém entrasse até que ele voltasse: depois de dizer isso, foi à casa de seu amigo, ali almoçou à vontade e, quando lhe pareceu oportuno, foi tirar a sesta.

A mulher, ficando no alto da torre, apesar de um pouco reconfortada pela tola esperança, extremamente pesarosa, procurando sentar-se foi para o lado do muro onde havia um pouco de sombra e pôs-se a esperar em meio a amargos

pensamentos. E, ora pensando, ora chorando, ora esperando e ora desesperando do retorno do erudito com suas roupas, saltando de um pensamento ao outro, pegou no sono vencida pela dor, mesmo porque não tinha dormido nada na noite anterior.

O sol, que estava tórrido e já a pico ao meio-dia, batia diretamente e sem obstáculos no tenro e delicado corpo dela, em sua cabeça, que não tinha nenhuma proteção, com tanta força que não só lhe queimou as carnes naquilo que se via, mas também a fendeu por inteiro; e as queimaduras foram tais que ela, apesar de dormir profundamente, foi obrigada a acordar.

E, sentindo que estava sendo cozinhada, começou a se mexer, mas parecia que, mexendo-se, toda a pele queimada se abria e rasgava, tal como se vê num pergaminho incendiado, quando repuxado; além disso, a cabeça lhe doía tanto que parecia a ponto de explodir, o que não era de admirar. E a laje da torre estava tão fervente que ela não conseguia encontrar lugar para pôr os pés; assim, sem conseguir ficar parada, ia se deslocando daqui para lá, a chorar. Ainda por cima, como não ventava, apareceu uma quantidade enorme de moscas e moscardos que pousavam na carne viva e a pungiam de tal forma que ela tinha a impressão de receber pontoadas de aguilhão, de modo que não parava de balançar as mãos para todos os lados, amaldiçoando o tempo todo a si mesma, a sua vida, o seu amante e o erudito. Assim, aguilhoada e lancinada pelo calor inenarrável, pelo sol, pelas moscas, pelos moscardos, mas também pela fome e muito mais ainda pela sede, angustiada ademais por mil pensamentos dolorosos, ficou em pé e começou a olhar para ver se via ou ouvia alguma pessoa pelas proximidades, totalmente disposta a chamá-la e pedir ajuda, fosse lá o que acontecesse. Mas até isso a Fortuna inimiga lhe negava.

Todos os lavradores tinham partido dos campos por causa do calor, se bem que naquele dia nenhum tinha ido trabalhar lá por perto, pois todos debulhavam cereais ao lado de suas casas; por isso, a única coisa que ela ouvia eram cigarras, e o que via era só o Arno, que, acendendo-lhe o desejo por suas águas, não lhe mitigava a sede, mas a exacerbava. Em vários lugares, ela via bosques, sombras e casas, coisas estas que também lhe davam a angústia do desejo. Que mais dizer sobre a desventurada viúva? O sol por cima, a fervura do chão por baixo e as ferroadas das moscas e dos moscardos por todos os lados a tinham avariado tanto que ela, se na noite anterior vencera as trevas com sua alvura, agora, vermelha como raiz de rúbia, toda manchada de sangue, pareceria a coisa mais feia do mundo a quem visse.

E, assim estava ela, sem resolução nem esperança de outra coisa que não

fosse a morte, quando depois da meia nona o erudito acordou da sesta e, lembrando-se de sua dama, voltou à torre para ver o que era feito dela e mandar seu criado comer, pois ainda estava em jejum; a dama, ao ouvi-lo, fraca e agoniada pelo grave sofrimento, foi até a abertura da escada e, sentando-se ali, começou a dizer em prantos:

– Rinieri, você se vingou além da medida, porque, se o fiz congelar de noite no meu pátio, você me pôs para assar, ou melhor, incendiar, de dia em cima desta torre e, o que é pior, me fazer morrer de fome e sede; por isso lhe peço pelo amor de Deus que suba aqui, e, já que eu não tenho coragem de me matar, mate-me você, pois desejo a morte mais que qualquer outra coisa, tamanho é o tormento que estou sentindo. E, se não quiser me fazer essa graça, pelo menos mande que me tragam um copo d'água, para eu poder molhar a boca, pois não bastam as minhas lágrimas, tanta secura e tanta ardência sinto por dentro.

Pela voz o erudito bem que reconheceu sua fraqueza; também viu parte do corpo todo queimado pelo sol; por tais coisas e pelas humildes súplicas teve um pouco de compaixão; mas, apesar disso, respondeu:

– Mulher malvada, pelas minhas mãos você não vai morrer já, mas sim pelas suas, se tiver vontade; e de mim terá tanta água para mitigar seu calor quanto foi o fogo que recebi de você para aliviar meu frio. O que muito lamento, pois os males causados em mim pelo frio precisaram ser tratados com o calor do esterco fedorento, ao passo que os do seu calor serão tratados com o frescor da água de rosa perfumada; e, enquanto eu estive a ponto de perder os nervos e a vida, você, depois de descascada por esse calor, não deixará de continuar bonita, como ocorre com a serpente quando despe o velho couro.

– Ai, pobre de mim! – disse a mulher. – Uma beleza conquistada desse modo, que Deus dê a quem me queira mal; mas você, que é mais cruel que qualquer fera, como pôde ser capaz de me atormentar dessa maneira? Que mais esperar de você ou de qualquer outra pessoa, se eu tivesse matado toda a sua família sob cruéis tormentos? Não sei de crueldade maior que se pudesse usar com um traidor que tivesse massacrado toda uma cidade do que esta de me deixar sendo queimada pelo sol e comida pelas moscas; e, ainda por cima, não querer me dar nem um copo d'água, se até os homicidas condenados pela justiça, quando estão indo para a morte, recebem vinho várias vezes, desde que peçam. Pois bem, como vejo que você está firme em sua terrível crueldade, e que o meu sofrimento não o comove nem em parte, vou me dispor a receber a morte com paciência, para que Deus tenha misericórdia da minha alma, a quem eu peço que veja estas suas ações com justos olhos.

Ditas essas palavras, arrastou-se duras penas para o meio da laje, sem esperanças de escapar a tão ardente calor; e não uma vez, mas mil, além das suas outras dores, acreditou que sucumbiria de sede, sempre chorando muito e queixando-se de sua desgraça.

Mas ao cair da tarde o erudito achou que já fizera o suficiente e, mandando buscar as roupas dela, depois de as embrulhar no manto do criado, foi até a casa da pobre dama e ali encontrou, desconsolada, triste e sem saber o que fazer, a criada sentada diante da porta; então lhe disse:

– Boa mulher, que é de sua patroa?

A criada respondeu:

– Não sei, não senhor; achava que hoje de manhã ia encontrá-la na cama para onde parece que a vi ir ontem à noite, mas não a encontrei lá nem em lugar nenhum, e não sei o que foi feito dela, e isso está me deixando muito aflita; mas vossa mercê saberia dizer alguma coisa?

O erudito respondeu:

– Antes estivesse você também com ela, ali onde eu a pus, para que sua culpa fosse punida como puni a dela! Mas pode estar certa de que não vai escapar das minhas mãos, que vai me pagar pelo que fez e nunca vai escarnecer de nenhum homem sem se lembrar de mim.

Depois dessas palavras, disse ao criado:

– Dê-lhe essas roupas e diga que vá encontrar a patroa, se quiser.

O criado cumpriu a ordem; então a criada, pegando a roupa e reconhecendo-a, depois de ouvir o que lhe era dito, sentiu muito medo de que a tivessem matado e mal conteve um grito; depois que o erudito partiu, saiu correndo com a roupa em direção à torre.

Naquele dia, por azar, dois porcos de um lavrador que trabalhava para aquela dama haviam se extraviado, e o dono, que saíra à cata deles, chegou à torrinha pouco depois da partida do erudito; enquanto ia olhando por todos os lados, para ver se encontrava os porcos, ouviu o mísero pranto da desventurada dama; então, subindo até onde conseguiu, gritou:

– Quem está chorando aí em cima?

A mulher reconheceu a voz de seu trabalhador e, chamando-o pelo nome, disse:

– Ah! Vá chamar a minha criada, peça a ela que venha até aqui em cima.

O trabalhador, reconhecendo-a, disse:

– Ai! Patroa! Quem levou a senhora aí em cima? A sua criada andou procurando o dia inteiro; mas quem ia imaginar que a senhora estava aí?

E, tomando os montantes da escada, começou a levantá-la onde deveria estar e a amarrar-lhe com cordões os paus de travessa. Nesse ínterim, chegou a criada, que, ao entrar na torre, não podendo mais reter a voz, começou a gritar e a dar-se tapas no rosto:

– Ai, minha doce patroa, onde está?

A mulher, ao ouvi-la, disse com a voz mais forte que pôde:

– Ó minha irmã, estou aqui em cima; não chore, me dê logo essas roupas.

Quando a criada a ouviu falar, foi subindo, quase totalmente reconfortada, pela escada que o lavrador ia acabando de consertar e, ajudada por ele, chegou à laje; lá, vendo a patroa, que já não parecia corpo humano, e sim uma estaca crestada, ali prostrada, debilitada, nua no chão, cravou as unhas no rosto e começou a chorar sobre ela, como se estivesse morta. Mas a mulher pediu que, pelo amor de Deus, se calasse e a ajudasse a vestir-se. E, sabendo por ela que nenhuma pessoa tinha conhecimento de onde ela estivera, a não ser aqueles que tinham levado as roupas e o lavrador que ali estava, consolando-se um pouco, suplicou por Deus que nunca dissessem nada daquilo a ninguém. O lavrador, depois de muita conversa, pegou a mulher no colo – pois ela não conseguia andar – e a pôs sã e salva fora da torre. A pobrezinha da criada, que ficara para trás, descendo com menos cautela, pôs um pé em falso, caiu da escada e quebrou a coxa; então, com a dor que sentia, começou a urrar como um leão.

O lavrador depositou a mulher num relvado e foi ver o que acontecera com a criada: encontrando-a com a coxa quebrada, também a levou para o relvado e a depositou ao lado da patroa. Esta, vendo aquele mal que vinha somar-se aos outros todos, que era o de ter-se quebrado a coxa daquela por quem ela esperava ser mais ajudada, sentiu-se tão triste e voltou a chorar tão miseramente que o lavrador não só não conseguiu consolá-la como também se pôs a chorar. Mas, estando já baixo o sol, para não serem surpreendidos pela noite, quis a desconsolada senhora que ele fosse para casa; ali, ele chamou dois irmãos seus mais a mulher, e todos voltaram com uma tábua sobre a qual ajeitaram a criada e a levaram para casa; a mulher, reconfortada com um pouco de água fresca e boas palavras, foi levada nos braços do lavrador e deixada em seu quarto. A mulher do lavrador deu-lhe pão ensopado, despiu-a, colocou-a na cama, e acertou-se tudo para que ela e a criada fossem levadas à noite para Florença; e assim se fez.

Ali a mulher, que tinha um grande repertório de embustes, contando uma grande mentira bem diferente do que realmente ocorrera, levou irmãos, irmãs e todas as outras pessoas a acreditarem que aquilo acontecera a si mesma e à criada por obra de artes demoníacas. Os médicos foram eficientes e, não sem

grande agonia e sofrimento da mulher, que várias vezes deixou toda a pele grudada nos lençóis, curaram-na de uma febre altíssima e de outros achaques, além de também curarem a coxa da criada. Foi assim que a mulher, esquecida do amante, daí por diante se absteve sabiamente de burlar e de amar. E o erudito, ao saber que a criada quebrara a coxa, achou que estava vingado e, contente, deixou passar sem dizer mais nada.

Foi isso, portanto, que ocorreu à tola jovem com suas burlas, por acreditar que podia brincar com um erudito do mesmo modo que faria com qualquer outro, não sabendo que eles – não digo todos, mas a maioria – sabem com quantos paus se faz uma canoa. Por isso, senhoras, abstenham-se de brincar com os outros, sobretudo se eruditos.

OITAVA NOVELA

Dois amigos estão sempre juntos; um se deita com a mulher do outro; o outro, percebendo, combina com a mulher e tranca o um numa arca, e, sobre a arca dentro da qual está o um, o outro se deita com a mulher do um.

Foi triste e doloroso para as senhoras ouvir os episódios da história de Elena; mas, como aquilo lhe ocorrera em parte por merecimento, elas os foram ouvindo um a um com compaixão mais moderada, conquanto considerassem rígido e ferozmente tenaz, aliás, cruel, o referido erudito. Mas, quando Pampineia chegou ao fim, a rainha ordenou a Fiammetta que prosseguisse, e ela, desejosa de obedecer, disse:

– Agradáveis senhoras, como me parece que a severidade do erudito ofendido as afligiu um pouco, considero conveniente abrandar os espíritos acerbados com algo mais ameno; por isso, pretendo contar-lhes uma historieta de um jovem que recebeu uma injúria com ânimo mais manso e a vingou com ação mais comedida. Com isso poderão compreender que, se alguém se põe a vingar uma injúria recebida, deve bastar-lhe – como ao asno que recebe de volta quando dá contra a parede – não injuriar além daquilo que seja adequado à vingança.

Como devem saber, em Siena, conforme ouvi dizer, houve dois jovens bastante abastados e de boas famílias plebeias, um dos quais se chamava Spinelloccio Tavena e o outro, Zeppa di Mino; ambos eram vizinhos no bairro de Cammollia. Esses dois rapazes estavam sempre juntos e, pelo que demonstravam, amavam-se tanto quanto se fossem irmãos, ou mais, e cada um deles tinha por esposa uma mulher muito formosa.

Ocorre que Spinelloccio, frequentando muito a casa de Zeppa, estando este ou não, criou tanta familiaridade com a mulher de Zeppa que começou a deitar-se com ela; e assim continuaram um bom período sem que ninguém percebesse. No entanto, com o passar do tempo, certo dia em que Zeppa estava em casa, mas sua mulher não sabia, Spinelloccio foi chamá-lo. A mulher disse que ele não estava, Spinelloccio subiu depressa e foi encontrá-la na sala; vendo que não havia outras pessoas, começou a abraçá-la e a beijá-la, no que foi correspondido. Zeppa, diante daquilo, não disse palavra, mas ficou escondido para ver no que a brincadeira ia dar; e em breve viu a mulher e Spinelloccio ir abraçados para o quarto e fechar-se lá dentro, o que o deixou muito nervoso. Mas, sabendo que

com barulho ou coisa assim a injúria não se tornaria menor, ao contrário, maior ficaria a vergonha, ele começou a pensar na vingança de que deveria valer-se, de modo que, sem que ninguém ficasse sabendo, seu espírito saísse satisfeito; e, depois de muito pensar, quando achou que descobrira o modo de fazê-lo, ficou escondido durante todo o tempo em que Spinelloccio ficou com a mulher.

Assim que este foi embora, Zeppa entrou no quarto, onde encontrou a mulher ainda arrumando na cabeça o toucado que, brincando, Spinelloccio derrubara e disse:

– Senhora, o que está fazendo?

A mulher respondeu:

– Não está vendo?

Zeppa disse:

– Estou, sim, e vi também outra coisa que não gostaria de ter visto.

E começou a falar sobre aquelas coisas; ela, com muito medo, depois de vários rodeios, confessou-lhe que realmente não podia negar sua intimidade com Spinelloccio e começou a chorar, pedindo-lhe perdão.

Zeppa então lhe disse:

– Escute aqui, senhora, fez muito mal e, se quiser perdão, trate de fazer direitinho o que vou mandar, que é o seguinte. Quero que você diga a Spinelloccio que amanhã cedo, por volta da terça hora, dê um jeito de se despedir de mim e vir até aqui; e, quando ele estiver aqui, eu volto; assim que me ouvir chegar, mande-o entrar naquela arca e feche-o lá dentro; depois disso, eu lhe direi o restante do que vai ser preciso fazer; e não fique com receio nenhum, pois eu lhe prometo que não vou fazer mal nenhum a ele.

A mulher, para satisfazê-lo, disse que o faria, e cumpriu.

No dia seguinte, Zeppa e Spinelloccio estavam juntos quando, perto da terça hora, Spinelloccio, que prometera à mulher ir vê-la àquela hora, disse a Zeppa:

– Hoje preciso almoçar com um amigo e não quero deixá-lo esperando; fique com Deus.

Zeppa disse:

– Ainda não está na hora de almoçar.

Spinelloccio disse:

– Não faz mal; é que eu preciso falar com ele sobre um negócio, então é bom chegar cedo.

Depois que se despediu de Zeppa, Spinelloccio deu uma volta e foi para a casa de Zeppa ver a mulher dele, e, não muito tempo depois que os dois tinham entrado no quarto, Zeppa voltou. Assim que a mulher ouviu, demonstrou estar

com muito medo e mandou Spinelloccio esconder-se na arca que o marido lhe indicara, fechou-o lá dentro e saiu do quarto. Zeppa, ao chegar lá em cima, disse:

– Minha senhora, já está na hora de almoçar?

A mulher respondeu:

– Sim, está.

Zeppa então disse:

– Spinelloccio foi hoje almoçar com um amigo e deixou a mulher sozinha; vá até a janela e chame-a, diga que venha almoçar conosco.

A senhora, que, temendo por si mesma, se tornara muito obediente, fez o que o marido ordenou. A mulher de Spinelloccio, depois de muita insistência da mulher de Zeppa, foi até lá, ao saber que o marido não iria almoçar em casa. Quando chegou, Zeppa recebeu-a com muito carinho e, tomando-a familiarmente pela mão, ordenou baixinho à mulher que fosse para a cozinha; depois levou a mulher de Spinelloccio para o quarto e, assim que entrou, voltou para a porta e trancou o quarto. Quando a mulher viu que ele trancava o quarto, disse:

– Puxa, Zeppa, o que quer dizer isso? Então me chamou aqui para isso? É essa a estima que você tem por Spinelloccio e a amizade leal que lhe dedica?

Zeppa, encostando-se à arca onde estava trancado o marido dela e segurando-a bem, disse:

– Antes de ficar aflita, ouça o que eu vou dizer: sempre estimei e estimo Spinelloccio como irmão, e ontem – ele não sabe – descobri que o resultado da confiança que eu depositava nele foi ele se deitar com a minha mulher assim como se deita com você. Ora, como eu gosto dele, não pretendo outra vingança senão pagar na mesma moeda: ele teve a minha mulher, eu pretendo ter você. Se você não quiser, vou precisar pegá-los em flagrante e, como não pretendo deixar essa injúria sem punição, vou colocá-lo numa situação tal que depois nem você nem ele nunca serão felizes.

A mulher, depois de ouvir isso e de muitas reconfirmações dadas por Zeppa, acreditou e disse:

– Zeppa querido, se é que essa vingança deve recair sobre mim, concordo, desde que o que vamos fazer não me impeça de continuar em paz com sua mulher, porque, apesar do que ela me fez, pretendo continuar em paz com ela.

Zeppa respondeu:

– Sem dúvida assim vai ser; além disso, vou lhe dar uma joia tão bonita e preciosa como nenhuma outra que você já teve.

Dito isso, abraçou-a, começou a beijá-la, deitou-a sobre a arca na qual estava

o marido dela trancado e lá em cima divertiu-se com ela, e ela com ele, tanto quanto quiseram.

Spinelloccio, que estava na arca e ouvira todas as palavras ditas por Zeppa e a resposta que sua mulher lhe dera, ouvia então a dança tarvisana[173] que se bailava em cima de sua cabeça, e por um bom tempo sentiu tal pesar que tinha a impressão de que morreria; e, se não fosse o temor que tinha de Zeppa, teria dito à mulher um monte de impropérios ali mesmo fechado como estava. Depois, refletindo melhor, viu que fora ele que cometera o primeiro ultraje, e que Zeppa tinha razão em fazer o que fazia, tendo sempre se comportado com humanidade e companheirismo para com ele; então decidiu no íntimo que queria ser mais que nunca amigo de Zeppa, desde que ele quisesse.

Zeppa, depois que ficou com a mulher tanto quanto quis, desceu da arca; quando a mulher lhe pediu a joia prometida, ele abriu o quarto e chamou a esposa, que não disse outra coisa, senão:

– A senhora me deu o troco na mesma moeda.

Disse isso rindo. Então Zeppa lhe ordenou:

– Abra esta arca.

Ela obedeceu, e na arca Zeppa mostrou à mulher o seu Spinelloccio.[174] Seria longo demais dizer qual dos dois se envergonhou mais, se Spinelloccio vendo Zeppa e sabendo que ele sabia do que ele fizera, ou se a mulher vendo o marido e sabendo que ele ouvira e sentira o que ela fizera por cima da cabeça dele.

Zeppa disse a ela:

– Essa é a joia que lhe dou.

Spinelloccio saiu da arca e, sem muita conversa, disse:

– Zeppa, estamos empatados; e, como você dizia há pouco à minha mulher, é bom continuarmos amigos como costumávamos ser; e, uma vez que entre nós dois tudo é compartilhado, menos as mulheres, que agora passemos a compartilhá-las também.

Zeppa ficou contente, e, na maior paz do mundo, os quatro almoçaram juntos. E a partir de então cada uma daquelas mulheres teve dois maridos, e cada um dos amigos teve duas mulheres, sem que jamais ocorresse nenhuma discussão ou briga por esse motivo.

NONA NOVELA

Mestre Simone, médico, convidado por Bruno e Buffalmacco para ir à noite a certo lugar fazer parte de uma companhia de corsários, é jogado por Buffalmacco numa fossa de imundícies e lá deixado.

Depois que as senhoras palraram um pouco sobre a partilha de mulheres entre os dois seneses, a rainha, única que ainda não contara uma história, para não cometer injustiça com Dioneu, começou.

– Amáveis senhoras, Spinelloccio mereceu a burla que lhe foi aplicada por Zeppa. Conforme Pampineia quis mostrar há pouco, não me parece digno de áspera repreensão quem burlar alguém que tenha feito por merecê-lo. Spinelloccio mereceu; e eu pretendo falar de uma pessoa que também fez por merecê-lo, e assim considero que quem o burlou não era digno de reprovação, mas de elogio. E o burlado era um médico, que, embora fosse um jumento, voltou de Bolonha a Florença coberto de arminho.

Todos os dias vemos cidadãos nossos voltando de Bolonha como juízes, médicos e notários, vestidos de roupas longas e largas, uns de escarlate vêm, outros de arminho, além de outros aspectos grandiosos, e os efeitos resultantes também vemos todo dia. Entre estes, certo mestre Simone da Villa, mais rico em bens paternos que em ciência, não faz muito tempo voltou vestido de escarlate com um grande chapeirão, doutor em medicina, segundo ele mesmo dizia, e foi morar na rua que hoje chamamos Via del Cocomero. Esse mestre Simone, recém-chegado, como dissemos, contava entre seus costumes notáveis o de perguntar a quem quer que com ele estivesse quem era qualquer pessoa que ele visse passar pela rua; e, como se com os atos das pessoas ele compusesse os remédios que deveria dar a seus doentes, em todos reparava e tudo gravava.

E entre outros em quem ele mais atentou estavam dois pintores, sobre os quais hoje se falou aqui duas vezes, Bruno e Buffalmacco, que andavam o tempo todo juntos e eram seus vizinhos. E, achando que os dois eram pessoas que se preocupavam menos que os outros com a vida mundana e mais que os outros viviam felizes, como ocorria de fato, perguntou a várias pessoas sobre as condições deles; e, ao saber por todos que eram pobres e pintores, pôs na cabeça que eles não poderiam viver assim tão felizes na pobreza, e imaginou – por ter ouvido dizer que eram homens astutos – que extrairiam lucros enormes de algum outro lugar não conhecido pelas pessoas; por isso começou a ter vontade de

pegar amizade, se não com os dois, pelo menos com um; e por acaso pegou amizade com Bruno. Bruno, percebendo nas poucas vezes em que esteve com ele que aquele médico era uma cavalgadura, começou a divertir-se muito a lhe contar suas histórias delirantes, e o médico também começou a ter enorme prazer de estar com ele. E, tendo sido convidado por ele algumas vezes para almoçar, acreditou por isso poder falar com familiaridade e lhe disse da admiração que tinha pelo fato de ele e Buffalmacco, apesar de pobres, viverem tão felizes; e pediu-lhe que ensinasse como faziam isso.

Bruno, ao ouvir o médico, achando aquela uma de suas perguntas tolas e insípidas, começou a rir e pensou em responder conforme convinha à sua basbaquice, dizendo:

– Mestre, eu não diria a muita gente o que fazemos, mas não vou deixar de dizer ao senhor, que é nosso amigo e sei que não dirá a ninguém. É verdade que meu companheiro e eu vivemos assim felizes e tão bem como lhe parece e até mais; com nossa arte e com qualquer outro fruto que possamos extrair de algumas propriedades não teríamos como pagar nem mesmo a água que usamos; também não quero que o senhor ache que saímos por aí roubando, mas a verdade é que praticamos o corso, e é disso que extraímos tudo o que nos dá gosto ou de que necessitamos, sem causar nenhum dano a ninguém; por isso é que vivemos assim alegremente como está vendo.

O médico, ao ouvir isso, não sabendo o que era, acreditou e ficou admiradíssimo; e imediatamente começou a ter imenso desejo de saber o que era praticar o corso; e, com muita insistência, pediu que ele lhe explicasse, afirmando que sem dúvida nunca diria a ninguém.

– Puxa! – disse Bruno. – Mestre, o que me pede? É grande demais o segredo que quer conhecer, é coisa capaz de me destruir e de me tirar do mundo; aliás, de me meter na boca do Lúcifer de San Gallo175, se outras pessoas soubessem; mas é tão grande a estima que tenho por vossa facultativa parvoíce de Legnaia e tamanha a confiança que tenho em vossa mercê, que não posso lhe negar nada que queira; por isso, direi, mas com a condição de que o senhor jure pela cruz de Montesone que nunca dirá a ninguém, conforme prometeu.

O mestre afirmou que não diria.

– Como deve saber, meu mestre amado – disse Bruno –, não faz muito tempo houve nesta cidade um grande mestre de nigromancia chamado Michele Scotto, porque era da Escócia, que foi muito honrado por vários fidalgos, poucos dos quais ainda estão vivos. Quando quis partir daqui, atendeu às instâncias desses fidalgos e deixou dois insignes discípulos seus, aos quais ordenou que

estivessem sempre dispostos a atender a quaisquer desejos desses tais fidalgos que o haviam honrado. Esses discípulos, portanto, serviam generosamente os referidos fidalgos em certos casos de amor e outras coisinhas; depois, gostando da cidade e dos costumes dos cidadãos, dispuseram-se a ficar para sempre e criaram fortes e estreitos laços de amizade com alguns, sem olharem quem eram, se mais nobres ou não nobres, se mais ricos que pobres, contanto que estivessem em conformidade com seus costumes. E, para comprazerem a esses seus amigos, organizaram uma sociedade de uns vinte e cinco homens, que pelo menos duas vezes por mês devem reunir-se em algum lugar combinado; e, ali chegando, cada um diz aos outros qual o seu desejo, e os outros imediatamente o atendem naquela noite. Como Buffalmacco e eu tínhamos forte amizade e familiaridade com dois deles, fomos admitidos nessa sociedade e nela estamos. E digo-lhe que, quando por acaso nos reunimos, é uma coisa maravilhosa ver as tapeçarias em torno da sala onde comemos, as mesas regiamente servidas e a grande quantidade de nobres e belos serviçais, tanto mulheres quanto homens, para atenderem às vontades de cada um que faça parte da sociedade, além de bacias, bilhas, frascos, taças e outras vasilhas de ouro e prata em que comemos e bebemos; e também os muitos e variados pratos que, segundo o desejo de cada um, vão sendo postos diante de cada pessoa no momento devido. Eu nunca saberia descrever quantos e quais são os deliciosos sons de infinitos instrumentos, os cantares cheios de melodia que se ouvem; nem poderia dizer quantas velas ardem nessas ceias, nem quantos doces são consumidos, ou como são preciosos os vinhos que ali bebemos. Mas eu não gostaria, ó seu cabeça de vento, que o senhor acreditasse que vamos lá com trajes como este ou com estas roupas que está vendo: lá não há ninguém tão pobre que não pareça um imperador, tão preciosas são as vestes e tão belas são as coisas com que nos ornamos. Mas, acima de todos os outros prazeres que ali há, está o das belas mulheres que, imediatamente, desde que alguém queira, são trazidas do mundo inteiro. Ali o senhor verá a dama dos barbânicos, a rainha dos bascos, a esposa do sultão, a imperatriz de Osbek, a balelissa da Norrueca, a semistanta de Berlinzone e a coicepotra de Nársias. Mas o que estou enumerando? Ali estão todas as rainhas do mundo, digo que até a esquinquimurra de Preste João: pois veja só o senhor! Então, depois de se beber e se comerem doces, dança-se uma ou duas vezes, cada uma vai para um quarto com aquele que solicitou sua presença lá. E saiba que aqueles quartos parecem um paraíso, só vendo, de tão lindos que são; e não são menos perfumados que os frascos de especiarias de sua botica, quando o senhor manda moer cominho, e há camas que lhe pareceriam

mais bonitas que a do doge de Veneza, e é nelas que vão repousar. Agora, o meneio que as tecelãs fazem com as premedeiras e o modo como puxam os pentes para fecharem a trama, isso é coisa que eu deixo para o senhor imaginar! Mas entre os que têm melhor situação, na minha opinião, estamos Buffalmacco e eu, porque Buffalmacco na maioria das vezes pede a vinda da rainha da França, e eu, a da Inglaterra, que são duas das mais belas mulheres do mundo; e soubemos agir tão bem que elas nos acham tão valiosos quanto os olhos da cara. Então, julgue por si mesmo se não podemos e devemos viver e andar mais alegres que os outros, considerando-se que temos o amor de duas rainhas dessas; sem contar que, quando queremos um ou dois mil florins delas, não os temos imediatamente.176 A isso chamamos vulgarmente praticar o corso; porque, assim como os corsários roubam as coisas dos outros, também nós o fazemos; com a diferença de que eles nunca as devolvem, e nós as devolvemos depois de usarmos. Agora, mestre intelijumento, o senhor entendeu o que significa quando dizemos que praticamos o corso; mas até que ponto isso precisa ficar em segredo é coisa que o senhor pode entender, por isso mais não digo nem peço.

O mestre, cuja ciência talvez não fosse além de medicar crostinhas de bebês, deu às palavras de Bruno a mesma fé que conviria dar a qualquer verdade; e sentiu desejo tão veemente de ser acolhido naquela sociedade quanto o que se tem por qualquer outra coisa mais desejável. Por isso, respondeu que, sem dúvida, não era de espantar que andassem tão alegres; e a muito custo se conteve, deixando de lhe pedir que o fizesse entrar nela, até que lhe prestasse mais honras e pudesse fazer esse pedido com mais confiança. Contendo-se, pois, passou a frequentá-lo mais continuamente, a convidá-lo para comer à noite e pela manhã, a dar-lhe demonstrações de desmesurada estima; e era tão grande e contínua essa convivência que sem Bruno parecia que o mestre não conseguiria nem saberia viver.

Bruno, achando que ia bem, para não parecer ingrato diante da honra que lhe era feita pelo médico, pintara na sala dele a quaresma177 e um *agnus dei* na entrada do quarto; e, acima da porta da rua, um urinol178, para que soubessem distingui-lo dos outros as pessoas que precisassem de uma consulta dele; e numa pequena galeria pintara a batalha dos ratos e dos gatos, que o médico achava uma coisa linda. Além disso, dizia ao mestre, quando jantava com ele:

– Esta noite fui à sociedade; como enjoei um pouco da rainha da Inglaterra, mandei chamar a gumedra do grão-cã de Altarise.

O mestre dizia:

– O que significa gumedra? Não entendo esses nomes.

– Ó mestre – dizia Bruno –, não me admira, porque já ouvi dizer que Porcócrates e Vainacena não dizem nada a respeito.

Disse o mestre:

– Você quer dizer Hipócrates e Avicena.

Bruno disse:

– Puxa! Não sei; entendo tão mal os seus nomes como o senhor os meus; mas gumedra, na língua do grão-cã, significa o mesmo que imperatriz na nossa. Ah, o senhor ia ver que bela mulheraça! Só sei dizer que ela o faria esquecer remédios, clisteres e emplastros.

E foi assim falando algumas vezes para entusiasmá-lo mais, até que o senhor mestre, certa noite em que ficou acordado a segurar a luz para Bruno pintar a batalha dos ratos e dos gatos, resolveu abrir-se por achar que já o conquistara com as honras que lhe fazia; e, visto que estavam sós, disse:

– Bruno, só Deus sabe que hoje em dia não existe ninguém por quem eu faria tudo o que faria por você; e, se você me mandasse ir andando daqui até Peretola[179], acho que iria; por isso, não quero que lhe admire o que vou pedir com amizade e confiança. Como sabe, não faz muito tempo que me contou sobre os costumes da sua alegre sociedade, então fiquei com tanta vontade de fazer parte dela que nunca ninguém desejou assim tanto qualquer coisa. E não é sem motivo, como você verá se por acaso ocorrer de eu ser admitido; e digo desde já que você poderá caçoar de mim quanto quiser se eu não chamar lá uma criada tão bonita como você não vê há muito tempo, alguém que eu conheci no outro ano em Cacavincigli[180], a quem quero todo o bem do mundo; e juro pelo corpo de Cristo que eu quis lhe dar dez grossos bolonheses[181] para ela me aceitar, mas ela não quis. Por isso eu lhe peço encarecidamente que me ensine o que preciso fazer para ser admitido, e que faça de tudo para isso; na verdade, terão em mim um companheiro bom, leal e honrado. Veja, principalmente, como sou um homem bonito, bem-apessoado e em forma, com um rosto que parece uma rosa; além disso, sou doutor em medicina, e acho que lá vocês não têm nenhum; e sei umas coisas bem bonitas, cançõezinhas lindas; vou cantar uma.

E, sem mais, começou a cantar.

Bruno tinha tanta vontade de rir que quase estourava; mas conteve-se. Terminada a canção, o mestre disse:

– Que achou?

Bruno disse:

– Sem dúvida, o senhor deixa para trás as cítaras dos pifarais, de tão altagoticamente que decanta.

O mestre disse:

– Eu digo que você não acreditaria, se não tivesse ouvido.

– Tem razão, mesmo – disse Bruno.

O mestre disse:

– Também sei outras, mas não vamos tratar disso agora. Deste jeito como você me vê, sou filho de pai fidalgo, se bem que do campo, e também por parte de mãe descendo da gente de Vallecchio; e, como você pôde ver, também tenho os mais belos livros e as mais belas roupas que um médico de Florença possa ter. Juro por Deus, tenho roupa que, contando tudo, custou quase cem liras de denários, já faz mais de dez anos. Por isso, eu lhe peço que por favor me ponha lá dentro; e juro por Deus que, se fizer isso, pode ficar doente à vontade, que nunca vou lhe cobrar um denário pelo meu serviço.

Bruno, ao ouvir isso, achou, como de outras vezes também achara, que ele era um pancrácio; disse:

– Mestre, ponha a luz um pouco mais para cá, e não se amole se eu responder só depois de terminar os rabos destes ratos.

Terminados os rabos, Bruno, dando mostras de que o pedido era muito grave, disse:

– Meu caro mestre, grandes coisas o senhor faria por mim, sei bem disso; no entanto, o que me pede, apesar de parecer coisa pequena para a grandeza do seu cérebro, para mim é imensa, e não conheço ninguém do mundo para quem, podendo, eu a faria, se não a fizesse ao senhor, tanto porque gosto do senhor quanto é devido, quanto por suas palavras, temperadas que são com tanta sensatez que arrancariam as devotas dos seus borzeguins, quanto mais a mim da minha decisão; e, quanto mais convivo com o senhor, mais o acho sábio. E digo também que, se não lhe quisesse bem por outra coisa, quereria bem por ver que está apaixonado de coisa tão bonita como disse. Mas quero dizer só isto: não tenho nisso o poder que o senhor imagina, portanto não posso fazer pelo senhor o que seria preciso; mas, se me prometer por sua grande e ressabida fé que vai guardar segredo, contarei de que modo o senhor deverá agir; e acho indubitável que, tendo tão lindos livros e outras coisas que acabou de dizer, vai conseguir o que quer.

O mestre então disse:

– Pode dizer com segurança: estou vendo que você não me conhece bem e ainda não sabe como sei guardar segredo. Poucas coisas *messer* Guasparruolo da Saliceto fazia, quando era juiz da podestade de Forlimpopoli, que não mandasse contar para mim, porque me achava um bom segredeiro. E quer saber como

estou dizendo a verdade? Eu fui o primeiro homem a quem ele disse que estava para se casar com Bergamina: veja só você!

– Então está bem – disse Bruno –, se aquele ali confiava, também posso confiar. O modo como o senhor deve agir é o seguinte. Temos nessa sociedade um capitão e dois conselheiros, que mudam de seis em seis meses; sem falta no dia primeiro do mês que vem Buffalmacco vai ser capitão, e eu, conselheiro, assim está estabelecido; e quem é capitão tem muito poder para pôr lá dentro e fazer que seja posto quem bem quiser; por isso, acho que o senhor, na medida do possível, deveria pegar amizade com Buffalmacco e obsequiá-lo. Vendo-o assim tão sábio, ele logo vai ficar gostando do senhor, e, depois de conseguir a amizade dele com a sua sensatez e com essas boas coisas que tem, vai poder fazer-lhe esse pedido: ele não saberá negar. Já conversei com ele sobre o senhor, e ele lhe quer muito bem; e, depois de fazer isso, deixe que eu trate com ele.

Então o mestre disse:

– Concordo plenamente com o que está dizendo; e, se ele for homem que sente prazer em falar com homens sábios, vou agir de tal modo que, se ele falar comigo nem que seja um pouco, depois vai sempre me procurar, porque minha sapiência é tão grande que eu poderia abastecer uma cidade e ainda continuar sapientíssimo.

Depois de combinarem tais coisas, Bruno contou tudo, tim-tim por tim-tim, a Buffalmacco; este não via a hora de fazer o que aquele mestre de borra andava procurando. O médico, que morria de desejos de ir ao corso, não descansou enquanto não se tornou amigo de Buffalmacco, o que não foi nada difícil. Então começou a oferecer-lhe as melhores ceias e os melhores almoços do mundo, e Bruno com ele; enquanto isso, os dois se refestelavam como grandes senhores, pois, sabendo que ele tinha ótimos vinhos, grandes capões e muitas outras coisas boas, estavam sempre por perto, sem precisarem de muitos convites e, dizendo o tempo todo que com outro não fariam aquilo, iam ficando.

No entanto, quando pareceu oportuno, o mestre fez o pedido a Buffalmacco tal como fizera a Bruno. Buffalmacco então se mostrou muito irado e gritou muito com Bruno, dizendo:

– Juro pelo altíssimo Deus de Passignano que não sei como me seguro e não lhe bato tanto na cabeça até o nariz cair nos calcanhares, seu traidor, porque só você pode ter contado essas coisas ao mestre.

Mas o mestre o inocentava de tudo, dizendo e jurando que soubera por outros meios; e, depois de muitas sábias palavras, apaziguou-o. Buffalmacco voltou-se para o mestre e disse:

– Meu caro mestre, está bem visível que o senhor esteve em Bolonha, e que a esta cidade trouxe a boca fechada; e digo mais, que não aprendeu a ler com maçãs, como muitos bobões querem fazer, mas sim com melões[182], que são bem compridos; e, se não me engano, foi batizado num domingo.[183] E, como Bruno me disse que o senhor estudou medicina, tenho a impressão de que estudou para aprender a apanhar os homens, coisa que sabe fazer melhor do que qualquer outro que eu já tenha visto, com sua sensatez e sua conversa.

O médico, interrompendo-o, disse a Bruno:

– Que coisa que é falar e conviver com sábios! Quem teria entendido tão depressa todas as particularidades do meu sentimento, como este bravo homem? Você não percebeu assim tão depressa tudo o que eu valia, como ele; mas pelo menos diga o que foi que eu disse quando você disse que Buffalmacco gostava de homens sábios: não acha que acertei?

Bruno disse:

– Demais.

Então o mestre disse a Buffalmacco:

– O senhor teria dito outra coisa se me tivesse conhecido em Bolonha, onde não havia grande ou pequeno, doutor ou estudante que não me quisesse o maior bem do mundo, pois a todos eu sabia satisfazer com meu arrazoado e minha sensatez. E digo mais: nunca disse palavra lá que não os fizesse rir, de tanto que gostavam de mim; e, quando parti, todos choraram o maior choro do mundo, pois queriam que eu permanecesse; e tanto faziam para que eu ficasse, que queriam me deixar sozinho ensinando medicina aos estudantes que lá havia; mas eu não quis, porque estava disposto a vir por causa de uma grande herança que tenho aqui, que sempre foi da minha família, e foi o que fiz.

Bruno então disse a Buffalmacco:

– O que acha? Você não acreditava, quando eu dizia. Pelos Evangelhos! Não há nesta cidade médico que entenda de urina de burro mais que ele, e tenho certeza de que você não encontraria outro igual a ele daqui até as portas de Paris. Agora diga que vai deixar de fazer o que ele quer!

O médico disse:

– Bruno tem razão, mas aqui não sou reconhecido. Vocês são pessoas um tanto ou quanto rústicas, mas eu gostaria que me vissem entre doutores, como costumo estar.

Então Buffalmacco disse:

– De fato, mestre, o senhor sabe muito mais do que eu teria jamais imaginado; por isso, falando como cabe falar aos sábios como o senhor,

retalhadamente lhe digo que vou conseguir sem falta o seu ingresso em nossa sociedade.

Os obséquios que lhes foram oferecidos pelo médico depois dessa promessa redobraram; eles, gozando-os, enfiavam-lhe pela goela os maiores disparates do mundo; prometeram dar-lhe por mulher a condessa de Civillari[184], que era a coisa mais bonita jamais vista em toda a culataria da espécie humana.

Quando o médico perguntou quem era essa condessa, Buffalmacco disse:

– Ó, meu nabo sementeiro, é uma dama muito imensa, e poucas casas há no mundo onde ela não tenha alguma jurisdição; e ninguém menos que os frades menores lhe rendem tributo batendo pandeiros. E só sei dizer que, quando ela sai por aí, nunca passa despercebida, mesmo que esteja bem trancada. Não faz muito tempo, passou pela porta da frente à noite, a caminho do Arno, para lavar os pés e tomar um pouco de ar; mas a sua morada fica, mais frequentemente, em Sentina. Por isso, muitas vezes seus funcionários andam em volta dela e, para demonstrarem o seu poder, todos portam vara e chumbo.[185] Seus barões estão por toda parte, como Trocisco da Porta, dom Tolete, Cabo de Vassoura, Corrença e outros, que acredito serem bem conhecidos do senhor, mas agora não se lembra. E essa grande dama, portanto, deixando de lado aquela de Cacavincigli, se muito não nos enganamos, nós a entregaremos aos seus braços amorosos.

O médico, que nascera e crescera em Bolonha, não entendia os vocábulos deles; portanto, disse que estava contente com a mulher. Não muito tempo depois dessa conversa fiada, os pintores foram dizer-lhe que ele fora admitido. E, chegada a data em cuja noite ocorreria a reunião, o mestre convidou os dois para almoçar; depois do almoço, perguntou-lhes de que modo deveria comportar-se quando se apresentasse à sociedade.

Buffalmacco disse:

– Veja bem, mestre, o senhor precisa ser muito firme, porque, se não for muito firme, poderá receber impedimento e nos causar um grande prejuízo; e agora vai saber no que deverá ser muito firme. O senhor deve dar um jeito de esta noite, no período do primeiro sono, trepar num daqueles sepulcros elevados que há pouco tempo foram construídos do lado de fora da igreja de Santa Maria Novella, vestindo alguma das suas roupas mais bonitas, para poder comparecer pela primeira vez honrosamente diante da sociedade, e também porque (pelo que disseram, pois não estávamos lá) o senhor é um fidalgo, e a condessa, às suas expensas, pretende torná-lo cavaleiro do banho; espere ali até que vá ao seu encontro aquele que mandaremos. E, para ficar informado de tudo, irá ter com o senhor uma besta negra e chifruda, não muito grande, que ficará assobiando e

pulando pela praça à sua frente, só para assustá-lo; mas, quando vir que o senhor não se assusta, vai se aproximar devagarinho; quando estiver encostada, o senhor deve descer do sepulcro sem nenhum medo e, sem se lembrar de Deus nem dos santos, deve montar nela, e, depois de bem montadinho, cruzar os braços sobre o peito, sem tocar na besta. Ela então, suavemente, se moverá e o levará até nós; mas até então, se o senhor se lembrar de Deus ou dos santos, ou se sentir medo, digo-lhe que ela poderá jogá-lo no chão ou escoiceá-lo onda a coisa vai feder; por isso, se não tiver coragem e não ficar bem firme, não vá, pois caso contrário vai ter um grande prejuízo e a nós não trará proveito algum.

O médico então disse:

– Vocês ainda não me conhecem; talvez fiquem reparando que uso luvas e roupas compridas. Se soubessem o que já fiz pelas noites lá em Bolonha, quando às vezes saía com companheiros atrás de mulheres, vocês iam ficar admirados. Juro por Deus, certa noite, quando uma delas não quis vir conosco (era uma mirradinha e, o que é pior, não media mais de um palmo de altura), primeiro eu lhe dei uns bons sopapos, depois a pus nas costas e acho que a carreguei quase um tiro de balestra, e, quando fiz isso, ela concordou em vir conosco. De outra vez lembro que estava sem ninguém, só com um criado, e um pouco depois da ave-maria passei ao lado do cemitério dos frades menores, no mesmo dia em que haviam enterrado uma mulher, e eu não tive medo nenhum; por isso, não receiem; porque firme e durão sou até demais. E digo que, para chegar honrosamente, vou pôr a beca escarlate com que me tornei doutor, e vocês vão ver se a sociedade vai ficar alegre quando me vir, e se logo logo não vou virar capitão. Vão ver também como as coisas vão correr quando eu estiver lá dentro, se, sem nem me ver, a condessa já está tão apaixonada que quer me fazer cavaleiro do banho; e vão ver se a cavalaria me cai mal, e se vou mantê-la mal ou bem! Deixem comigo!

Buffalmacco disse:

– Falou bem, mas cuidado para não nos pregar nenhuma peça, não vir ou não ser encontrado quando mandarmos procurá-lo; digo isso porque está fazendo frio, e os senhores médicos se resguardam muito.

– Deus me livre – disse o médico –, não sou desses friorentos; o frio não me dá cuidados; poucas são as vezes em que me levanto à noite para fazer necessidades, como de vez em quando é preciso, e visto algo mais que a samarra sobre o gibão; por isso vou estar lá, sem dúvida.

Depois que se separaram e a noite caiu, o mestre arranjou umas desculpas para dar em casa à mulher e, pegando às escondidas a sua bela beca, vestiu-a

quando lhe pareceu chegado o momento e foi pôr-se em cima de um dos referidos sepulcros; agachou-se sobre um daqueles mármores, pois fazia muito frio, e começou a esperar a besta. Buffalmacco, que era alto e robusto, arranjou uma daquelas máscaras que costumavam ser usadas em certos folguedos que hoje já não se fazem e, envergando uma samarra preta pelo avesso, ajeitou-se nela de tal forma que mais pareceria um urso, não fosse o fato de a máscara ser de diabo e ter chifres. E, assim arrumado, foi para a praça nova de Santa Maria Novella seguido por Bruno, que queria ver como a coisa andava. E, tão logo percebeu que o mestre estava lá, começou a saltitar e a fazer um tremendo escarcéu pela praça, assobiando, urrando, gritando como se estivesse endemoninhado.

Quando o mestre ouviu e viu aquilo, todos os pelos do seu corpo se arrepiaram, e ele começou a tremer da cabeça aos pés, pois era mais medroso que mulher; e houve um momento em que achou que teria sido melhor ficar em casa do que ir ali. No entanto, como já tinha ido, esforçou-se por criar coragem, dominado que estava pelo desejo de chegar a ver as maravilhas que os dois lhe tinham descrito. Buffalmacco, depois de se endemoninhar um bocado, como foi dito, fez de conta que serenava, aproximou-se do sepulcro sobre o qual estava o mestre e ali parou. O mestre, que tremia de medo, não sabia o que fazer: se montava nele ou se ficava onde estava. Por fim, temendo que ele lhe fizesse algum mal caso não montasse, expulsou com este segundo medo o primeiro, desceu do sepulcro dizendo baixinho “Deus me ajude”, e montou nele, ajeitando-se muito bem; e, sempre tremendo dos pés à cabeça, pôs as mãos em cruz sobre o peito, como lhe fora dito.

Então Buffalmacco começou a dirigir-se lentamente para Santa Maria della Scala e, andando de quatro, levou o mestre até as proximidades do convento de Ripole. Naquela região havia então algumas fossas para as quais os lavradores daqueles campos faziam escoar a condessa de Civillari, a fim de estercar suas plantações. Quando Buffalmacco se aproximou de tais fossas, encostou-se à beirada de uma delas e, a certa altura, pôs a mão sob um dos pés do médico e, empurrando, o alijou de si, fazendo-o cair de cabeça lá dentro; então começou a rosnar com toda a força e, pulando enfuriado, foi andando ao longo de Santa Maria della Scala em direção ao prado de Ognissanti, onde encontrou Bruno, que fugira porque não conseguia segurar o riso. Ambos, felicitando-se, puseram-se a ver de longe o que faria o médico lambuzado. O senhor médico, percebendo-se naquele lugar tão abominável, tentava manter-se em pé e fazia de tudo para sair, mas, caindo ora para um lado, ora para o outro, ficou lambuzado da cabeça aos

pés, até que, aflito e miserável, depois de engolir alguns gramas daquela coisa, conseguiu sair, deixando ali o capuz; e, limpando-se como podia com as mãos, não sabendo que outra decisão tomar, voltou para casa e ficou batendo até que lhe abrissem a porta.

Mal entrara ele fedendo daquele jeito, a porta fechou-se, e Bruno e Buffalmacco chegaram, para ouvir como o mestre era recebido pela esposa. E, atentos, ouviram a mulher dizer os maiores impropérios que alguém já disse a um infeliz:

– Ah, em que boa se meteu! Foi atrás de alguma mulher e queria aparecer todo pomposo com a beca escarlate. Eu não lhe bastava? Ah, meu amigo, eu daria conta de um povoado inteiro, quanto mais de você. Ah, aqueles que o atiraram lá onde você merecia ser atirado deviam tê-lo afogado. É isso o que dá, respeitável médico, ter esposa e sair à noite atrás das mulheres alheias!

E com essas e outras palavras, mandando o médico lavar-se muito bem, até a meia-noite a mulher não parou de atormentá-lo.

Na manhã seguinte, Bruno e Buffalmacco pintaram por debaixo da roupa manchas lívidas, como as que costumam ser provocadas por contusões, e foram à casa do médico, que encontraram já de pé. Quando entraram, sentiram que estava tudo empesteado, pois ainda não tinha sido possível limpar tudo, de modo que o fedor sumisse. O médico, vendo-os chegar, foi ao seu encontro, dizendo que Deus lhes desse um bom dia. Então Bruno e Buffalmacco, conforme haviam combinado, responderam com maus bofes:

– Isso nós não lhe dizemos; ao contrário, pedimos a Deus que lhe dê péssimos dias e que o senhor seja passado à espada, porque é o sujeito mais desleal e o maior traidor que já se viu; porque por sua causa, nós, que fizemos de tudo para lhe dar honra e prazer, por pouco não fomos mortos como cães. Por causa de sua deslealdade essa noite levamos tanta paulada que por muito menos um asno teria ido até Roma; sem dizer que estivemos a ponto de ser expulsos da sociedade na qual tínhamos arranjado tudo para o senhor ser recebido. E, se não acreditar, repare só como estão nossas carnes.

E, na iluminação bruxuleante que lá havia, abriram a roupa, mostraram os peitos pintados e fecharam a roupa bem depressinha.

O médico queria desculpar-se, falar de suas desgraças, de como e onde fora atirado. Então Buffalmacco disse:

– Eu queria que ele tivesse atirado o senhor da ponte no Arno: por que se lembrava de Deus ou dos santos? Não foi avisado antes?

O médico disso:

– Juro por Deus que não lembrava.

– Como? – disse Buffalmacco. – Não lembrava! Lembrava e muito, pois o nosso mensageiro disse que o senhor tremia como vara verde e não sabia onde estava. O senhor nos fez uma boa; mas nunca mais ninguém fará, e nós vamos lhe dar ainda a honra que lhe convém.

O médico começou a pedir perdão e a rogar-lhes por Deus que não o difamassem; e, com as melhores palavras que achou, empenhou-se em acalmá-los. E, com medo de que eles revelassem aquele seu vexame, se antes os obsequiara, daí por diante muito mais obsequiou e mimou com banquetes e outras coisas. Foi assim, pois, que se ensinou juízo a quem não o trazia de Bolonha, conforme ouviram.

DÉCIMA NOVELA

Uma siciliana rouba magistralmente a um mercador aquilo que ele levara a Palermo; ele, fingindo ter voltado com muito mais mercadoria que antes, pede-lhe dinheiro emprestado e a deixa com água e estopa.

Nem é preciso perguntar quanto a história da rainha provocou riso nas mulheres em diversas ocasiões: não houve nenhuma cujos olhos não se enchessem de lágrimas pelo menos uma dúzia de vezes, de tanto rir. Quando ela terminou, Dioneu, que sabia ter chegado sua vez, disse:

– Graciosas senhoras, está claro que mais prazer dão os ardis quanto mais ardiloso é aquele que com eles é ardilosamente burlado. Por isso, embora as senhoras tenham contado lindas coisas, pretendo contar uma história que agradará mais que qualquer outra já contada, porque a pessoa burlada era a maior mestra de burlas de todas as pessoas burladas que aqui já foram descritas.

Costumava haver (e talvez ainda haja), em todas as cidades marítimas que tenham porto, um costume segundo o qual todos os mercadores que nelas aportassem descarregavam suas mercadorias num entreposto que em muitos lugares se chama aduana e é mantido pela comuna ou pelo senhor da cidade. Ali eles davam por escrito aos encarregados do lugar uma lista de toda a mercadoria e seus respectivos preços, e estes punham à disposição do mercador um armazém no qual sua mercadoria era depositada; esse armazém ficava fechado à chave; e os referidos encarregados depois lançavam no livro da aduana, à conta do mercador, toda a sua mercadoria, cobrando-lhe direitos por toda ou por parte da mercadoria que ele viesse depois a retirar da aduana. Por esse livro da aduana às vezes os intermediários tinham informações sobre a qualidade e a quantidade das mercadorias que ali se encontrassem, sabendo também quem eram os mercadores que as possuíam, e, segundo lhes conviesse, tratavam com eles sobre trocas, permutas, vendas e outras transações.

Esse uso, tal como em muitos outros lugares, também existia em Palermo, na Sicília, onde ademais havia e ainda há muitas mulheres belíssimas de corpo, mas inimigas da honestidade; quem não conhecesse essas mulheres poderia, e pode, considerá-las eminentes e honradíssimas damas. No entanto, sua única profissão é fazer não apenas barba, mas também cabelo aos homens, e, quando veem um mercador forasteiro, vão informar-se pelo livro da aduana daquilo que ele tem e de quanto pode ganhar; depois disso, com atos agradáveis e amorosos e com

palavras dulcíssimas empenham-se em fisgar esses tais mercadores e em atraí-los para o seu amor; e muitos houve que elas atraíram para lhes tirar das mãos boa parte da mercadoria, quando não toda; e houve até quem lhes deixasse mercadoria, navio, carne e ossos, tamanha a suavidade com que a barbeira soube manejar a navalha.

Não faz muito tempo, um jovem florentino chamado Nicolò da Cignano, mas conhecido por Salabaetto, ali aportou, enviado por seus superiores; chegou com as peças de lã que lhe haviam sobrado da feira de Salerno, no valor aproximado de quinhentos florins de ouro. Depois de entregar a devida fatura aos aduaneiros, colocou tudo num armazém e, sem demonstrar muita pressa de negociar, começou a dar alguns passeios pela cidade. Como era branco, loiro, elegante e bem-apessoado, uma daquelas barbeiras, que atendia pelo nome de *madonna* Iancofiore, ao ficar sabendo algo sobre os negócios dele, deitou-lhe os olhos em cima. Ele percebeu e, achando que se tratava de uma grande dama, acreditou que caíra no agrado dela por ser bonito e pensou em levar adiante com muita prudência aquele amor; e, sem dizer nada a ninguém, começou a dar seus passeios diante da casa dela. Ela percebeu e, depois de tê-lo inflamado durante alguns dias com seus olhares, dando mostras de consumir-se por ele, mandou-lhe em segredo uma mulher que era ótima conhecedora da arte do rufianismo. Esta, quase com lágrimas nos olhos, depois de muita conversa fiada disse que, com a beleza e a simpatia que tinha, ele cativara sua patroa, e ela já não achava sossego nem de dia e nem de noite; por isso, desde que ele quisesse, ela não desejava outra coisa senão encontrar-se com ele em segredo num banho[186]; depois, tirou um anel da bolsa e lho entregou por parte da patroa. Salabaetto, ouvindo tudo aquilo, sentiu-se o homem mais feliz que já existiu, pegou o anel, esfregou-o nos olhos[187] e, depois de beijá-lo, enfiou-o no dedo e respondeu à boa mulher que, se *madonna* Iancofiore o amava, era bem correspondida, pois ele a amava mais que à sua própria vida e estava disposto a ir aonde quer que fosse do agrado dela, e a qualquer hora.

A mensageira voltou a falar com a patroa levando essa resposta, e pouco depois Salabaetto ficou sabendo em que banho deveria esperar no fim da tarde do dia seguinte. E foi correndo, na hora marcada, sem dizer nada de nada a ninguém, e lá ficou sabendo que o banho fora alugado pela dama. Não muito tempo depois, duas escravas chegaram carregadas de objetos: uma trazia um grande e belo colchão de algodão na cabeça, e a outra, um enorme cesto cheio de coisas; e, depois de estenderem o colchão num estrado que havia num dos quartos, sobre ele puseram um jogo de finíssimos lençóis listrados de seda e, em

seguida, uma alvíssima colcha de bisso cipriota e dois travesseiros com lavores de fantasia. Depois disso, despiram-se e entraram na banheira, lavando e esfregando tudo muitíssimo bem. Não demorou muito, veio a mulher ao banho com outras duas escravas e, tão logo teve ocasião, recebeu efusivamente Salabaetto e, com os maiores suspiros do mundo, depois de abraçá-lo e beijá-lo bastante, disse:

– Não sei quem mais ia me levar a fazer isto, só mesmo você, que botou fogo na minha arma188, toscano queridinho.

Depois disso, como quis ela, ambos entraram nus no banho, e, com eles, entraram duas das escravas. Ali, sem deixar que ninguém mais lhe pusesse as mãos em cima, ela mesma lavou maravilhosamente Salabaetto com sabonetes perfumados de almíscar e cravo; depois, deixou-se lavar e esfregar pelas escravas. Feito isso, as escravas trouxeram lençóis alvíssimos e finos, que exalavam tão forte aroma de rosas que tudo o que lá havia parecia ser rosa; uma delas envolveu Salabaetto em um deles, e no outro a outra escrava envolveu a mulher, e, tomando-os nos braços, levaram-nos ambos para o leito que haviam preparado. Ali, depois que eles pararam de transpirar, foram tirados daqueles lençóis pelas escravas e ficaram nus sobre os outros lençóis. E, retirando do cesto belíssimas anforetas de prata, uma com água de rosa, outra com água de flor de laranjeira, esta com água de jasmim, aquela com essência de flor de laranjeira, as escravas iam aspergindo-lhes todas aquelas águas; após isso, tiraram dos cestos caixas de doces e preciosíssimos vinhos, com que os dois se refizeram. Salabaetto tinha a impressão de estar no paraíso, e mil vezes observara a mulher, que sem dúvida era belíssima, parecendo-lhe cem anos cada hora que as escravas ficavam ali, sem que ele pudesse cair nos braços dela. Até que, atendendo a uma ordem da patroa, elas deixaram uma pequena tocha acesa no quarto e se foram; então Salabaetto a abraçou e foi por ela abraçado; e para imenso prazer de Salabaetto, que achava que ela morria de amor por ele, os dois passaram lá um bom tempo.

Mas, quando a mulher achou que estava na hora de se levantarem, chamou as escravas; então se vestiram e, depois de beberem e comerem doces outra vez para se refazerem, lavaram o rosto e as mãos com aquelas águas aromáticas e, quando estavam para partir, a mulher disse a Salabaetto:

– Sendo de seu agrado, eu ficaria muito grata se hoje você fosse cear e passar a noite comigo.

Salabaetto, que já fora cativado pela beleza e pela amabilidade ardilosa da mulher, acreditando piamente que ela o amava como se ele fosse o coração do

seu corpo, respondeu:

– Senhora, tudo o que lhe der prazer eu atenderei com muito gosto; por isso, esta noite e sempre pretendo fazer o que for de sua vontade e o que me for ordenado pela senhora.

Ao voltar para casa, a mulher mandou adornar muito bem o quarto com suas roupas e alfaias, e, depois de mandar preparar esplêndida ceia, ficou à espera de Salabaetto. Este, depois que escureceu um bocado, foi para lá e, sendo recebido com alegria e efusividade, ceou muito bem. Depois, quando entraram no quarto, ele sentiu um cheiro delicioso de madeira de aloé e de passarinhos de Chipre189, viu o leito riquíssimo e muitas roupas lindas dependuradas nas travessas. Essas coisas todas juntas e cada uma por si levaram-no a considerar que ela seria uma grande e rica dama. E, embora tivesse ouvido outro tipo de comentário sobre a vida dela, não quisera acreditar neles por coisa nenhuma do mundo; e, mesmo que acreditasse um pouco que ela já burlara alguém, não podia crer de modo algum que o mesmo lhe ocorreria. Então, deitou-se com ela durante a noite, o que lhe deu grande prazer e deixou-o ainda mais ardoroso.

Quando amanheceu, ela lhe cingiu um belo e elegante cintilho de prata com linda bolsa e lhe disse:

– Salabaetto, meu bem, não se esqueça de mim; e não só a minha pessoa está à sua disposição como também tudo o que existe aqui; e, no que eu puder, farei tudo o que você ordenar.

Salabaetto a abraçou e beijou muito feliz, saiu da casa e foi ao lugar frequentado por outros mercadores. Continuava a encontrar-se vez por outra com ela, sem que isso nada lhe custasse, e a enredar-se cada vez mais, quando vendeu sua mercadoria em espécie e com bons lucros; isso a boa mulher soube imediatamente, não por ele, mas por outros. Certa noite, em que Salabaetto foi à sua casa, ela começou a brincar e a mexer com ele, a beijá-lo e abraçá-lo, mostrando-se tão cheia de desejos que parecia estar querendo morrer de amor em seus braços; queria até lhe dar duas lindas taças de prata, que Salabaetto não queria aceitar, pois, entre uma coisa e outra, já recebera dela objetos no valor de uns trinta florins de ouro, sem nunca ter conseguido fazê-la aceitar dele nada que valesse sequer um grosso.190 No fim, depois de tê-lo inflamado bastante com tantas demonstrações de ardor e liberalidade, uma das suas escravas veio chamá-la, tal como lhe fora ordenado; então ela saiu do quarto, ficou um pouco lá fora e voltou para dentro a chorar e, atirando-se na cama de bruços, começou a soltar os mais dolorosos lamentos de que alguma mulher já foi capaz.

Salabaetto, admirando-se, estreitou-a nos braços e começou a chorar com ela

e a dizer:

– Ah, coração do meu corpo, o que aconteceu assim tão de repente? Qual é a razão dessa dor? Ah! conte, alma minha.

Depois de se fazer longo tempo de rogada, a mulher disse:

– Ai, meu doce senhor, não sei o que fazer nem o que dizer: acabei de receber umas cartas de Messina, meu irmão me escreve dizendo que devo vender e empenhar tudo o que tenho aqui, porque se daqui a oito dias eu não lhe mandar mil florins de ouro vão cortar a cabeça dele; e eu não sei o que devo fazer para ter esse dinheiro assim tão depressa; porque, se eu tivesse pelo menos quinze dias, dava um jeito de arranjá-lo em algum lugar onde devo ter muito mais, ou então de vender alguma das nossas propriedades; mas não dá, e queria morrer antes de receber uma má notícia dessas.

Dito isso, mostrando-se muitíssimo aflita, não parava de chorar. Salabaetto, em quem as chamas amorosas tinham embotado grande parte do devido discernimento, acreditando na veracidade daquelas lágrimas e achando que as palavras eram ainda mais verazes, disse:

– Não poderia lhe emprestar mil florins de ouro, mas quinhentos sim, desde que a senhora possa devolver dentro de quinze dias; foi muita sorte sua, porque justamente ontem meus tecidos foram vendidos; não fosse isso, não poderia lhe emprestar nem um grosso.

– Ai – disse a mulher –, então você ficou em apertos financeiros? Oh, por que não me pediu algum? Mesmo não tendo mil, eu tinha pelo menos cem e até duzentos para lhe dar; você me tirou toda a coragem de aceitar o empréstimo que está me oferecendo.

Salabaetto, ainda mais fisgado por essas palavras, disse:

– Não quero que por isso deixe de aceitá-lo; porque, se tivesse feito falta a mim como está fazendo à senhora, eu teria pedido.

– Ai de mim! – disse a mulher. – Salabaetto, meu bem, reconheço que o seu amor por mim é verdadeiro e perfeito, porque, sem esperar o meu pedido de quantidade tão grande de dinheiro, você me socorre generosamente neste momento de necessidade. E eu, que já era toda sua sem isso, com isso serei ainda muito mais; e nunca deixarei de reconhecer que a você devo a cabeça de meu irmão. Mas só Deus sabe que aceito contra a vontade, considerando que você é mercador, e os mercadores fazem todos os seus negócios com dinheiro; mas sou obrigada pela necessidade e tenho esperança de logo poder devolver; quanto ao resto, se não encontrar caminho mais rápido, empenho todas essas minhas coisas.

E, dizendo isso aos prantos, deixou-se cair sobre o rosto de Salabaetto. Salabaetto começou a confortá-la e, ficando à noite com ela, para mostrar-se seu liberalíssimo servidor, sem esperar que ela fizesse qualquer pedido, levou-lhe quinhentos belos florins de ouro, que ela pegou rindo com o coração e chorando com os olhos, enquanto Salabaetto se prendia a simples promessas.

Assim que a mulher pegou o dinheiro, o quadro começou a mudar: se antes Salabaetto tinha liberdade de ir vê-la quando bem quisesse, depois começaram a surgir razões pelas quais a cada sete vezes que tentava, ele sequer conseguia entrar uma; ademais, a expressão do rosto, as carícias, as efusões, nada daquilo existia mais como antes. E, visto que não só chegara a data de reaver o dinheiro, como também se passara um mês, e até dois, ao ir cobrá-la, ele recebia apenas palavras como pagamento. Foi então que Salabaetto se deu conta da artimanha da mulherzinha ordinária e da pouca sensatez dele; e, percebendo que seria inútil qualquer coisa que ele dissesse e ela não concordasse, pois não tinha nada escrito nem testemunha alguma, com vergonha de ir queixar-se com alguém – tanto porque fora antes avisado quanto por causa do ridículo que sua estupidez merecidamente levava a prever –, passou a sentir-se extremamente infeliz e a lamentar no íntimo a sua necedade. E, como recebera várias cartas de seus superiores, pedindo-lhe que fizesse o câmbio daquele dinheiro e lhes mandasse os valores – coisa que ele não podia fazer –, para que seu erro não fosse descoberto, decidiu partir, e, embarcando numa pequena nau, em vez de dirigir-se a Pisa, como deveria, foi para Nápoles.

Vivia ali naqueles tempos nosso compadre Pietro del Canigiano, tesoureiro da senhora imperatriz de Constantinopla, homem de grande intelecto e sutil engenho, grande amigo de Salabaetto e dos seus; era homem de muito tino, e Salabaetto queixou-se com ele depois de alguns dias, contando o que fizera, narrando aqueles tristes acontecimentos e pedindo-lhe ajuda e conselho, para que ele conseguisse ali ganhar a vida, pois afirmava que não pretendia jamais voltar a Florença.

Canigiano, muito pesaroso com aquelas coisas, disse:

– Agiu mal; comportou-se mal; não obedeceu aos superiores; gastou dinheiro demais de uma vez só em lascívias; mas fazer o quê? Se o fato está consumado, é preciso pensar em outra coisa.

E, como homem experiente que era, logo pensou no que era preciso fazer e o disse a Salabaetto; este gostou da ideia e quis correr o risco de pô-la em prática.

Como tinha algum dinheiro e Canigiano lhe emprestou um pouco mais, fez vários fardos muito bem amarrados e atados e comprou cerca de vinte tonéis de

azeite e os encheu; embarcando tudo, voltou para Palermo; entregou a fatura dos fardos e dos tonéis aos responsáveis pela aduana, pediu que tudo fosse lançado à sua conta e guardou as coisas nos armazéns, dizendo que, enquanto não chegasse outra mercadoria que ele estava esperando, não queria tocar naquela. Iancofiore, ao ser informada e ao ouvir dizer que aquilo que ele trouxera daquela vez valia bem uns dois mil florins de ouro ou até mais, sem contar o que ele ainda esperava receber, que valeria mais de três mil, achando que tinha lucrado pouco da outra vez, pensou em lhe restituir os quinhentos para poder conseguir a maior parte dos cinco mil, e mandou chamá-lo.

Salabaetto, agora malicioso, foi. Ela, fazendo de conta que não sabia nada daquilo que ele trouxera, fez-lhe muitas festas e disse:

– Será que você estava zangado comigo porque que eu não devolvi o dinheiro no prazo combinado?

Salabaetto começou a rir e disse:

– Na verdade, fiquei um pouco aborrecido, pois teria arrancado meu próprio coração para lhe dar, se achasse que isso a satisfaria; mas quero dizer-lhe como estou zangado. É tamanho e tal o amor que lhe tenho, que mandei vender a maior parte das minhas propriedades e trouxe para cá tanta mercadoria, que vale mais de dois mil florins, e estou esperando mais ainda do Poente, com valor superior a três mil; pretendo montar um entreposto nesta cidade e permanecer por aqui, para estar sempre perto da senhora, pois acho que estou melhor com o seu amor do que qualquer apaixonado possa estar com o seu.

A mulher então disse:

– Escute, Salabaetto, tudo o que lhe for cômodo é de meu agrado, por ser você a pessoa que amo mais que minha vida, e fico muito contente que tenha voltado com a intenção de ficar, pois espero ainda passar bons momentos ao seu lado; mas gostaria de lhe pedir desculpas porque, na época de sua partida, algumas vezes você quis vir aqui e não conseguiu, e de outras veio e não foi recebido com a alegria costumeira; além disso, também quero pedir desculpas por não ter devolvido o dinheiro no prazo prometido. Você deve saber que na época eu passava por profunda dor e enorme aflição, e quem está com essa disposição, por mais que ame alguém, não consegue ter boa cara nem atendê-lo sempre como ele gostaria; e deve saber também que é muito difícil para uma senhora conseguir encontrar mil florins de ouro, pois todos os dias lhe dizem mentiras e ninguém cumpre o que promete; por isso, nós também somos obrigadas a mentir. Foi por esse motivo, e não por outro, que não lhe devolvi o dinheiro; mas consegui o valor pouco depois da sua partida, e, se eu soubesse

para onde mandá-lo, pode ter certeza de que o teria mandado; mas como não sabia, guardei.

E, mandando buscar uma bolsa onde estava aquele mesmo dinheiro que ele lhe dera, colocou-a em sua mão e disse:

– Conte para ver se são quinhentos.

Salabaetto nunca se sentiu tão contente; ao contar e verificar que eram quinhentos, guardou-os de novo e disse:

– Reconheço que diz a verdade, mas já fez o suficiente; e digo que, pelo amor que lhe tenho, nunca haverá valor algum que a senhora me peça para qualquer necessidade, que eu, podendo arranjar, não lhe empreste; e, assim que eu me estabelecer, poderá ter a prova disso.

Renovando, portanto, seu amor com tais palavras, Salabaetto recomeçou astutamente a frequentá-la, e ela, a fazer-lhe as maiores amabilidades e a prestar-lhe as maiores honras do mundo, dando demonstrações de grande amor.

Mas Salabaetto queria punir com outra trapaça a trapaça dela. Assim, certa vez em que ela o convidou para jantar e dormir em sua casa, ele lá chegou melancólico e triste, parecendo que queria morrer. Iancofiore, abraçando-o e beijando-o, começou a perguntar por que toda aquela melancolia. Ele, depois de se fazer de rogado um bom tempo, disse:

– Estou arruinado porque o navio que carregava a mercadoria que eu estava esperando foi apanhado por corsários de Mônaco, e o resgate é de dez mil florins de ouro, dos quais eu tenho de pagar mil, e não tenho um tostão, porque os quinhentos que você me devolveu eu mandei imediatamente a Nápoles para investir em tecidos que deverão vir para cá; e, se eu quiser vender a mercadoria que tenho aqui agora, fora de época, só vou conseguir a metade do preço, e ainda não sou tão conhecido aqui para encontrar quem me arranje esse dinheiro; por isso não sei o que fazer nem o que dizer; e, se não mandar logo o dinheiro, a mercadoria vai ser levada para Mônaco, e não a recupero nunca mais.

A mulher, muito contrariada com isso, por achar que estava para perder tudo, imaginando um modo de evitar que a mercadoria fosse para Mônaco, disse:

– Só Deus sabe que me condoo muito por seu amor; mas de que adianta tanta aflição? Se eu tivesse esse dinheiro, sabe Deus que lhe emprestaria imediatamente; mas não tenho. Na verdade existe uma pessoa que faz uns dias me emprestou uns quinhentos que me faziam falta, mas pede juros altos; não faz menos por trinta por cento; se você quisesse empréstimo dessa tal pessoa, seria preciso dar garantia de um bom penhor, e de minha parte estou disposta a empenhar por você todas estas roupas e até a mim mesma pelo valor que ele

quiser emprestar, para poder atendê-lo, mas como você poderá dar garantias do restante?

Salabaetto percebeu a razão que a incentivava a emprestar-lhe aquele serviço e percebeu que dela viria o dinheiro emprestado, o que lhe agradou. Primeiro agradeceu e depois disse que não o dispensaria por causa do juro exorbitante, visto que era premido pela necessidade, e depois disse que daria como garantia a mercadoria que estava na aduana, pedindo que a registrasse na conta daquele que emprestasse o dinheiro; mas disse que queria ficar com a chave dos armazéns, tanto para poder mostrar a mercadoria, caso alguém pedisse, quanto para que nada fosse tocado, transferido ou trocado. A mulher disse que estava muito bem, e que a garantia era ótima. Por isso, quando clareou, ela mandou chamar um corretor em quem confiava muito e, depois de conversar com ele sobre esse fato, deu-lhe mil florins de ouro, que o corretor emprestou a Salabaetto e fez registrar na aduana em seu nome aquilo que Salabaetto tinha lá dentro; e, depois de fazerem juntos faturas e as contrafaturas, estando ambos de pleno acordo, foram cuidar de seus outros negócios.

Salabaetto, assim que pôde, embarcou num pequeno navio com mil e quinhentos florins de ouro e voltou para Nápoles, indo ao encontro de Pietro del Canigiano; e de lá enviou a Florença todos os devidos acertos de contas para os superiores que o haviam mandado com os tecidos; reembolsando Pietro e todas as outras pessoas a quem devia alguma coisa, riu um pouco mais com Canigiano da burla que haviam armado contra a siciliana. Depois, não querendo mais ser mercador, foi para Ferrara.

Iancofiore, quando viu que Salabaetto não estava em Palermo, ficou admirada e começou a desconfiar de alguma coisa; e, depois de ter esperado uns dois meses, vendo que ele não voltava, pediu ao corretor que arrombasse a porta do armazém. Primeiramente sondou os tonéis, que acreditava estarem cheios de azeite, mas descobriu que estavam cheios de água do mar, havendo em cada um, talvez, um barrilzinho de azeite em cima, perto do batoque. Depois, ao desfazer os fardos, viu que todos, com exceção de dois, que eram tecidos, estavam cheios de estopa; em suma, tudo o que havia não valia mais de duzentos florins. Iancofiore, sentindo-se enganada, chorou muito tempo os quinhentos que devolvera e, muito mais, os mil que emprestara, e várias vezes disse: “Quem tratar com florentino, precisa ter olho fino”. E assim, ficando com o prejuízo e com a burla, concluiu que espertos tinham sido uns e outros.

Assim que Dioneu terminou sua história, enquanto se elogiava a ideia de Pietro Canigiano, tão boa pelos efeitos que teve, e a sagacidade de Salabaetto,

que não foi menos louvável na execução, Lauretta, sabendo que chegara ao fim o prazo além do qual não lhe caberia reinar, tirou a coroa de louros da cabeça e a colocou na de Emília, dizendo em tom senhoril:

– Não sei quão agradável rainha teremos na senhora, mas sei que teremos uma muito bela; aja então de modo que as obras correspondam à beleza,

E voltou a sentar-se.

Emília ficou um pouquinho envergonhada, não tanto pelo fato de ter-se tornado rainha quanto por ouvir em público o elogio àquilo de que as mulheres costumam ser mais ciosas, e seu rosto tornou-se tal qual são as rosas desabrochadas na aurora. Mas, depois de baixar um pouco os olhos até que o rubor se desvanecesse, dispôs com seu senescal os afazeres pertinentes ao grupo e assim começou a falar:

– Amáveis senhoras, sempre vemos claramente que os bois, após terem trabalhado uma parte do dia sob o peso do jugo, são deste liberados, desamarrados e soltos pelos bosques para poderem sair livremente em busca de pasto onde mais lhes apetecer; também vemos que os jardins frondosos e cheios de variadas plantas não têm beleza menor, porém muito maior, que os bosques nos quais só haja carvalhos; por tais coisas e considerando os muitos dias em que nossas narrativas foram delimitadas por certas leis, julgo não só útil, mas também oportuno, vagar um pouco e, vagando, recuperar forças para voltarmos a nos submeter ao jugo, pois me parece que estamos precisando disso. Portanto, não pretendo restringir a nenhum assunto em especial aquilo de que amanhã se falará, no prosseguimento destes agradáveis colóquios, mas quero que cada um fale daquilo que mais lhe agradar, tendo em mente que a variedade dos assuntos naquilo que for contado não deverá ser menos graciosa do que quando se falou de um único assunto; e, após termos feito isso, quem reinar depois de mim se sentirá mais fortalecido e poderá restringir o tema com maior segurança dentro dos limites das leis usuais.

Dito isso, deu liberdade a todos até a hora do jantar. Foram muito elogiadas como sábias as palavras que a rainha dissera, e, levantando-se todos, cada um foi divertir-se a seu modo: as senhoras a fazerem grinaldas e a brincar, os rapazes a jogar e a cantar; e assim passaram o tempo até a hora da ceia. Quando esta chegou, comeram sentados ao redor da bela fonte com muita festividade e deleite; depois da ceia, divertiram-se um bom tempo do modo costumeiro, ou seja, cantando e dançando. No fim, para seguir o estilo dos predecessores, apesar das canções que por vários deles já haviam sido espontaneamente cantadas, a rainha ordenou a Pânfilo que cantasse uma. E ele assim começou:

Muito grande, Amor, é o bem
e a alegria que dás, de tal maneira
que sou feliz ardendo em tua fogueira.
Tamanho deleite em meu peito mora
desta graça que em mim nasce
graça que tu me tens dado,
que, não cabendo em mim, vem para fora,
e na transparente face
mostra bem o meu estado:
que estou eu enamorado
em posição tão nobre e altaneira,
que a dor de arder de amor é bem fagueira.
Eu não sei com meu canto descrever
nem desenhar com os dedos
todo o amor que me vai dentro;
soubesse eu, bem melhor era esconder,
pois, se sabido, o segredo
iria virar tormento:
é tal meu contentamento,
que a fala ia ser curta e passageira,
sem poder contar a alegria inteira.
Quem pode imaginar que com meus braços
atingi e enlacei
tão grande e querido bem?
Quem poderá saber de quem os traços
a que meu rosto encostei?
Por minha graça convém
que não o saiba ninguém
Nesta ventura estou como em braseira,
É onde o meu prazer se oculta e esgueira.

A canção de Pânfilo chegava ao fim, e, embora todos cantassem perfeitamente o seu refrão, não houve quem não deixasse de notar suas palavras com mais atenção do que caberia, empenhando-se em adivinhar no que ele cantava o que convinha esconder. E, embora muitos imaginassem várias coisas, ninguém chegou à verdade do fato. Mas a rainha, vendo que a canção de Pânfilo terminara, e que as jovens senhoras e os rapazes gostariam de descansar, ordenou que todos fossem dormir.

153 Soldado mercenário. (N.T.)
154 Na época, a corte papal estava instalada em Avignon. (N.T.)
155 As igrejas rurais costumavam ter ao lado um grande olmo, sob cuja sombra os camponeses se reuniam no verão (*cf.* Vittore branca, *op. cit.*, p. 896, n. 3). (N.T.)
156 Expressões usadas jocosamente. A primeira indica: “com garantia”; a segunda: “sem penhor como garantia”. (N.T.)
157 O *duagio* era um tecido de Douai, em Flandres. O padre se baseia numa falsa etimologia, segundo a qual o *du-* seria prefixo equivalente a *dois*. (N.T.)
158 A palavra *mortaio* (“morteiro”) indica, figuradamente, a genitália feminina. (N.T.)
159 Como essas três personagens são históricas e aparecerão em muitas novelas ainda, cabem algumas notas. Em Vasari se lê: “[...] Buonamico Buffalmacco, pintor florentino, celebrado pelo texto do senhor Giovanni Boccaccio em seu *Decameron*. Como se sabe, foi ele dotado de bom tino em pintura, queridíssimo companheiro dos pintores Bruno e Calandrino. No convento das monjas, extramuros, em Faenza (construção hoje derrubada para dar lugar ao castelo), trabalhou em toda a igreja”. E a seguir vêm relatos de sua personalidade excêntrica e brincalhona, além dos dados propriamente artísticos. (Giorgio Vasari, *Vidas dos artistas*, p.114-116, WMF. São Paulo: Martins Fontes, 2011, trad. Ivone Benedetti). Sobre Bruno sabe-se que se chamava Bruno di Giovanni e participava com Buffalmacco dos trabalhos feitos para as freiras de Faenza em 1314-1317; Nozzo (ou seja, Giovannozzo) di Pierino, vulgo Calandrino, é lembrado num documento de 20 de julho de 1301 e já estava morto em 17 de fevereiro de 1319. (N.T.)
160 Pequeno rio que deságua no Arno. (N.T.)
161 Essa personagem é apresentada como um famoso burlador por Sacchetti, Vasari, Baldinucci e Manni. Foi citado na décima novela da sexta jornada por frei Cebola como testemunha veraz de suas fantasias geográficas. Retornará na quinta novela da oitava jornada. (N.T.)
162 Fantasia geográfica que reaparece na nona novela da oitava jornada. (N.T.)
163 *Ben* (bem) + *godi* (goza). (N.T.)
164 Um tipo de moeda. (N.T.)
165 Ou seja, não era estreita como as usadas em Flandres. (N.T.)
166 Ou seja, com essa prata não seria possível cunhar moedas. (N.T.)
167 Sinigaglia, ou, atualmente, Senigallia, porto do Adriático, considerado lugar insalubre. (N.T.)
168 No original Ciutazza, com sufixação de cunho pejorativo, como o nosso *-aço*, *-aça*. (N.T.)
169 Em italiano, *sindacato*, espécie de conselho de magistratura, ao qual todos os juízes deviam prestar contas ao findar o prazo de sua função. (N.T.)
170 Era uma simpatia que consistia em fazer alguns sinais e benzer pedaços de queijo e pão, que eram oferecidos aos supostos ladrões, que deviam jurar inocência; depois de feitas algumas orações especiais, aqueles pedaços eram dados aos suspeitos; quem fosse culpado não conseguiria engoli-lo. (N.T.)
171 Bola ou bolo: pílula grande, de consistência pastosa e formato ovoide, usada em farmácia. (N.T.)
172 *Scuotere il pelliccione* foi aqui traduzido ao pé da letra. É expressão que aparece mais de uma vez no *Decameron*, com sentido ambíguo. Vale lembrar que a palavra *pelliccione* designava uma sobrecasaca forrada de pele e, em sentido figurado, a genitália feminina. Ver também conclusão da décima novela da décima jornada. (N.T.)
173 Dança não muito decorosa que, segundo consta, era de uso em Treviso na época. (N.T.)
174 Talvez seja oportuno lembrar que Spinelloccio seria o diminutivo de *spinello*, ou seja, espinélio, mineral usado como gema em joias. (N.T.)
175 Consta que na fachada do Hospital de San Gallo havia um Lúcifer com várias bocas. (N.T.)
176 A negativa faz parte do jogo de palavras, comum nessas falas fantasiosas. (N.T.)
177 Ou seja, a personificação da quaresma: mulher magra e penitente. (N.T.)

178 O exame de urina era dos meios mais comuns de diagnóstico. (N.T.)
179 Trajeto, aliás, que seria feito em uma hora. (N.T.)
180 Nome de uma ruela de Florença. É composto por duas palavras: *caca* (“caga”) + *vincigli* (“vime, vara de vimeiro”). Indicava sovinice (*cf.* Branca, *op. cit.*, p. 992, n. 9). (N.T.)
181 Moedas bolonhesas de prata. (N.T.)
182 Para ensinar as crianças, alguns professores traçavam letras em maçãs. Quando a criança acertava, ganhava a maçã. A referência ao melão (*mellone*) é uma alusão à palavra *mellonaggine*, burrice, idiotice. (N.T.)
183 Em Florença, aos domingos não se vendia sal, necessário ao batismo. Como se dizia que ao tolo faltava sal na cabeça... (N.T.)
184 Ruela de Florença onde eram depositados os excrementos humanos. (N.T.)
185 A vara e uma bola de chumbo posta na ponta de uma corrente serviam para desentupir esgotos. (N.T.)
186 Os banhos públicos eram local costumeiro de encontros. Ver sexta novela da terceira jornada. (N.T.)
187 Como sinal de afeição. (N.T.)
188 O original é realmente *arma*, por *anima*, “alma”. Trata-se de variante meridional italiana, que coincide com variantes regionais brasileiras. (N.T.)
189 Espécie de pasta aromática em forma de passarinhos, que ardia em queimadores em forma de gaiola. Essa interpretação encontra-se em Vittore Branca. No entanto, parece haver controvérsias. Segundo outra interpretação, seriam uma espécie de instrumento em forma de vários pássaros que, movimentados por certos mecanismos, emitiriam um som agradável. A primeira interpretação me parece mais plausível, sobretudo em vista da construção da frase. (N.T.)
190 Moeda de prata de baixo valor. (N.T.)

Termina a oitava jornada do Decameron. *Começa a nona jornada, na qual, sob o reinado de Emília, cada um fala daquilo que mais lhe agrada, da maneira que bem quiser.*

NONA JORNADA

A luz, de cujo esplendor a noite foge, já convertera em celeste o azulino de todo o oitavo céu, e as florezinhas já começavam a despontar nos prados, quando Emília se levantou e mandou chamar suas companheiras e os rapazes. Estes vieram e, seguindo os lentos passos da rainha, foram a um bosquezinho não muito distante do palácio. Quando lá entraram viram animais, como corças, cervos e outros que, não temendo os caçadores em virtude da avassaladora pestilência, davam a impressão de estar à espera deles como se se tivessem tornado mansos ou domesticados. E durante algum tempo o grupo se divertiu aproximando-se ora deste, ora daquele, quase os alcançando. Mas, quando o sol já ia alto, houveram todos por bem retornar.

Estavam todos engrinaldados de ramos de carvalho, com as mãos cheias ou de ervas aromáticas ou de flores; e quem porventura deparasse com eles nada mais poderia dizer, senão: “Ou não serão vencidos pela morte, ou com ela se irão felizes”. Assim, pois, voltando passo a passo, cantando, falando e brincando, chegaram ao palácio, onde estava tudo devidamente disposto, e eles encontraram os serviçais alegres e festivos. Ali descansaram um pouco e não se sentaram à mesa antes que as senhoras e os rapazes cantassem algumas canções, uma mais alegre que a outra; lavadas as mãos, o senescal distribuiu todos os convivas segundo a vontade da rainha, vieram os pratos e todos comeram alegres; depois de terminarem, dedicaram-se a dançar e a tocar por algum tempo, até que a rainha ordenou que quem quisesse fosse descansar. Mas, chegada a hora costumeira, cada um se dirigiu ao lugar da habitual reunião, onde a rainha, olhando para Filomena, ordenou-lhe que desse princípio às histórias daquele dia, e ela, sorrindo, começou da seguinte maneira.

PRIMEIRA NOVELA

Madonna *Francesca, amada por certo Rinuccio e por certo Alessandro, não ama nenhum deles; a um ordena que entre numa sepultura e ali fique como morto; ao outro, que de lá retire o primeiro como se fosse um morto; eles não conseguem cumprir a tarefa imposta, e ela sagazmente se livra dos dois.*

– Senhora, muito me agrada, se é de seu gosto, ser a primeira a entrar na liça neste campo aberto e livre de narrativas no qual a sua magnificência nos pôs; e, se me sair bem, não duvido de que os que me sucederem o farão bem e melhor. Muitas vezes, graciosas senhoras, mostramos em nossas histórias quantas e quais são as forças do amor; mas não creio que se tenha dito tudo, nem se diria jamais, mesmo que passássemos mais um ano sem falar de outra coisa; e, visto que ele não só conduz os amantes à iminência da morte, como também os induz a entrar na morada dos mortos como mortos, terei o prazer de contar sobre o assunto, além das que já foram contadas, uma história na qual não só entenderão o poder do amor como também ficarão conhecendo a sensatez de que uma valorosa senhora se valeu para livrar-se de dois homens que a amavam sem serem correspondidos.

Digo, pois, que na cidade de Pistoia viveu outrora uma belíssima viúva que era sumamente amada por dois florentinos que lá viviam por terem sido banidos de Florença; chamava-se um deles Rinuccio Palermini e o outro, Alessandro Chiarmontesi; um não sabia do enamoramento do outro, e cada um fazia o possível, com cautela, para tentar conquistar o amor da viúva. Essa fidalga, que se chamava *madonna* Francesca dei Lazzari, era com bastante frequência solicitada por meio de recados e pedidos de cada um deles, e, depois de lhes ter dado ouvidos várias vezes, não mui prudentemente, quis desvencilhar-se com prudência e, não podendo, teve uma ideia que lhe permitiria livrar-se daquele incômodo; e a ideia foi de lhes solicitar um serviço que, acreditava ela, nenhum dos dois conseguiria executar, ainda que ele fosse possível; assim, não sendo executado o serviço, ela teria um pretexto honroso para se negar a receber os seus recados; e a ideia foi a seguinte.

No dia em que ela teve essa ideia, morrera em Pistoia um sujeito que, embora tivesse antepassados fidalgos, era considerado o pior homem que já existira não só em Pistoia como em todo o restante do mundo; além disso, em vida, tivera um

rosto tão desfigurado e disforme, que infundiria medo a quem não o conhecesse e o visse pela primeira vez; tinha sido enterrado num sepulcro do lado de fora da igreja dos frades menores, o que a dama achou muito adequado ao seu plano.

Por isso ela disse a uma criada:

– Você sabe o aborrecimento e a irritação que sinto todos os dias quando recebo recados daqueles dois florentinos, Rinuccio e Alessandro; acontece que não estou disposta a lhes dar o meu amor, e, para me livrar deles, tomei a decisão – já que me fazem tantas ofertas – de submetê-los a uma prova que, tenho certeza, eles não cumprirão, e assim eu me livro dessa importunação: escute como. Você sabe que hoje de manhã foi enterrado no convento dos frades menores aquele Esganadeus (assim era chamado o malvado de que falamos acima), de quem os homens mais valentes desta cidade, só de olhar, já tinham medo estando ele vivo, que dirá morto; por isso vá procurar primeiro Alessandro em segredo e diga assim: "*Madonna* Francesca mandou dizer que chegou a hora de ter o amor dela, que você tanto desejou, e de estar com ela, onde você quiser, da seguinte forma. Por alguma razão que depois você saberá, esta noite um parente da minha patroa deverá levar à casa dela o corpo de Esganadeus, que hoje de manhã foi sepultado, e ela, que tem muito medo dele, assim morto como está, não o quer lá; por isso ela lhe pede, como um grande serviço, que lhe faça o favor de ir logo no começo da noite à sepultura onde Esganadeus está enterrado, lá entrar, vestir as roupas dele e ali ficar como se fosse ele, até que alguém vá buscá-lo e, sem dizer nada nem fazer movimento algum, deixar que o tirem de lá e seja levado à casa dela, onde ela o receberá, e você poderá ficar com ela e ir embora quando bem entender, deixando o restante a cargo dela". E, se ele disser que vai fazer, ótimo; mas se disser que não quer fazer, diga-lhe de minha parte que nunca mais apareça onde eu estiver, e, se prezar a própria vida, que trate de não me mandar mais mensageiro nem recados. Depois disso, vá falar com Rinuccio Palermini e diga o seguinte: "*Madonna* Francesca diz que está pronta a fazer tudo o que você quiser, desde que você lhe preste um grande serviço, ou seja, que hoje por volta da meia-noite vá ao túmulo onde hoje de manhã Esganadeus foi enterrado e, sem dizer palavra alguma de nada que ouça ou perceba, arraste o corpo devagarinho e o leve até a casa dela. Lá você vai saber o porquê desse pedido, e dela vai receber o que quer; e, se não concordar em fazer isso, ela desde já lhe diz que nunca mais lhe mande mensageiro nem recados".

A criada foi ter com ambos e lhes disse tudo pormenorizadamente, conforme lhe fora ordenado. Ambos lhe responderam que não iriam apenas a uma sepultura, mas ao próprio inferno, se fosse do gosto dela. A criada deu a resposta

à patroa, que ficou esperando para ver se eram de fato tão loucos para fazê-lo.

Chegada a noite, já nas primeiras horas do sono, Alessandro Chiarmontesi despiu a roupa de cima, ficando só de gibão, e saiu de casa para ir ocupar o lugar de Esganadeus na sepultura; a caminho, porém, vieram-lhe ao espírito pensamentos muito amedrontadores, e ele começou a pensar: “Ai, que besta eu sou! Aonde estou indo? Sei lá se os parentes dela, talvez percebendo que a amo e acreditando no que não houve, a obrigaram a fazer isso para me matarem naquela sepultura? Se isso acontecesse, o azar ia ser meu, e nunca ninguém ia ficar sabendo de nada que os prejudicasse. Sei lá se algum inimigo meu inventou essa, alguém que ela talvez ame e queira servir desse modo?” E depois pensava: “Mas suponhamos que não seja nada disso, e que os parentes dela de fato vão me levar para a casa dela: é de se crer que eles não queiram o corpo de Esganadeus para segurá-lo nos braços nem para depositá-lo nos braços dela; ao contrário, é de se crer que eles queiram fazer alguma mutilação no corpo dele, talvez porque ele os tenha prejudicado de algum modo. Ela mandou dizer que devo ficar quieto, sinta o que sentir. E se eles me furam os olhos ou me arrancam os dentes ou me amputam as mãos ou fazem alguma outra brincadeirinha dessas, o que será de mim? Como vou poder ficar quieto? E, se eu falar, vão me reconhecer e quem sabe me atacar; mas, mesmo que não me ataquem, eu acabo sem nada, porque eles é que não vão me deixar com a mulher; e a mulher depois vai dizer que não cumpri o que ela determinou e nunca vai fazer nada do que mais quero.

E, assim pensando, esteve a ponto de voltar para casa; no entanto, o grande amor o estimulou a prosseguir com argumentos contrários e tão fortes, que o conduziram ao sepulcro. Sepulcro que ele abriu e no qual entrou; ali, despiu Esganadeus, vestiu-se com as roupas dele, fechou o sepulcro acima de si, pôs-se no lugar de Esganadeus e então começou a lhe voltar à mente a lembrança de quem aquele sujeito tinha sido e de tudo o que já ouvira dizer das coisas que acontecem à noite, não só nas sepulturas dos mortos, mas em outros lugares também; então todos os pelos de seu corpo se arrepiaram, e a todo momento ele tinha a impressão de que Esganadeus se poria em pé e ali mesmo o esganaria. Mas, auxiliado por seu ardente amor, foi vencendo estes e outros pensamentos amedrontadores e, ficando ali como se fosse o próprio morto, começou a esperar o que haveria de ocorrer.

Rinuccio saiu de casa perto da meia-noite para fazer aquilo que a dama mandara dizer; e, a caminho, deu-se a muitos e vários pensamentos sobre as coisas possíveis de lhe ocorrerem; tal como cair nas mãos da Senhoria com o corpo de Esganadeus nas costas e ser condenado à fogueira como feiticeiro; ou,

caso aquilo chegasse ao conhecimento de todos, ser alvo do ódio dos parentes dele; e, pensando coisas semelhantes, por pouco não desistiu. Mas depois recobrou-se e disse: “Ah! Vou eu dizer não à primeira coisa solicitada por essa gentil dama, que tanto amei e amo, principalmente porque com isso vou conquistar seus favores? Não, nem que seja para morrer, não vou eu deixar de fazer o que prometi”. E, indo adiante, chegou ao sepulcro e o abriu com facilidade.

Alessandro, ouvindo a sepultura abrir-se, apesar do grande medo ficou quieto. Rinuccio entrou e, acreditando pegar o corpo de Esganadeus, pegou Alessandro pelos pés, puxou-o para fora e, colocando-o sobre seus ombros, começou a ir em direção à casa da dama; e, como ele andava sem o menor cuidado, várias vezes Alessandro batia ora num canto, ora noutro, de alguns bancos que ladeavam a rua; e a noite estava tão escura e tão tenebrosa que ele não conseguia enxergar por onde ia. Quando Rinuccio já estava junto à porta da dama – e esta já estava à janela com a criada, para ver se ele vinha trazendo Alessandro, pronta para mandar os dois embora –, ocorreu que os guardas da cidade, de tocaia naquele bairro no intuito de apanhar um bandido, ao ouvirem o tropel que Rinuccio fazia, de repente sacaram um archote para verem o que fazer e aonde ir, colheram escudos e lanças, e gritaram:

– Quem vai lá?

Rinuccio logo os reconheceu e, não tendo tempo para pensar muito, deixou Alessandro cair e deu sebo às canelas. Alessandro, levantando-se depressa, com toda a roupa do morto que tinha em cima – que era bem comprida – foi embora do mesmo jeito.

A mulher, graças à tocha usada pelos policiais, vira perfeitamente bem Rinuccio com Alessandro nas costas e também percebera que Alessandro estava vestido com as roupas de Esganadeus, causando-lhe muita admiração a grande ousadia dos dois; mas, apesar da admiração, riu bastante de ver Alessandro ser jogado ao chão e sair correndo. E, muito feliz com tal incidente e louvando a Deus que a livrara da importunação deles, voltou para dentro e foi para o quarto, afirmando para a criada que, sem dúvida alguma, cada um deles a amava muito, pois, como estava evidente, haviam feito aquilo que ela impusera.

Rinuccio, triste e maldizendo sua desventura, nem por isso voltou para casa, mas, depois que os guardas saíram daquele lugar, retornou para onde deixara Alessandro e, de gatinhas, começou a tatear para ver se o encontrava e assim podia terminar o serviço; não o encontrando e imaginando que os guardas o teriam levado, voltou triste para casa. Alessandro, não sabendo o que fazer, sem

ter reconhecido quem o carregara, triste com aquela desgraça, também voltou para casa.

Na manhã seguinte, quando a sepultura de Esganadeus foi encontrada aberta e ele não foi visto lá dentro, pois Alessandro o emborcara no fundo, toda Pistoia fez muitas conjecturas, tendo os tolos avaliado que ele fora levado embora por diabos. Entretanto, cada um dos dois amantes contava à mulher o que fizera e o que ocorrera inesperadamente, desculpando-se assim por não ter cumprido plenamente a sua ordem e lhe solicitando perdão e amor. Ela, dando mostras de não querer acreditar em nenhum dos dois, com uma resposta peremptória disse que não queria fazer nada mais por eles, pois não tinham feito aquilo que ela pedira, e assim se livrou de ambos.

SEGUNDA NOVELA

Uma abadessa levanta-se no escuro às pressas para surpreender na cama, com o amante, uma freira que lhe fora delatada; e, como com ela estava um padre, acreditando pôr na cabeça a touca, na verdade pôs as bragas do padre; a acusada, vendo aquilo e chamando a sua atenção, foi liberada do castigo e ficou à vontade com o amante.

Filomena se calava, e todos elogiavam a boa ideia da mulher para livrar-se daqueles que ela não queria amar, enquanto, ao contrário, consideravam que não era amor, mas loucura, a ousada presunção dos amantes, quando a rainha disse gentilmente a Elissa:

– Elissa, prossiga.

E esta começou prontamente.

– Caríssimas senhoras, *madonna* Francesca, como se disse, soube livrar-se com sabedoria daquilo que a aborrecia; mas uma jovem freira, ajudada pela Fortuna, falando com nobreza, livrou-se de perigo iminente. E, como sabem, há muitas pessoas que, apesar de parvas, se fazem de senhores e punidores dos outros; estes, como poderão entender por minha história, a Fortuna de vez em quando expõe a merecida vexação; e isso aconteceu com a abadessa, sob cuja obediência estava a freira de quem devo falar.

Como devem saber, na Lombardia há um convento famosíssimo por sua santidade e religião, que, entre suas freiras, contava uma jovem de sangue nobre e admirável beleza; seu nome era Isabetta e, certo dia, quando foi falar com um parente seu junto à grade, apaixonou-se por um belo jovem que com ele estava. Este, vendo-a belíssima e adivinhando seu desejo pelo olhar, também se tomou de amor por ela; e, não sem muito sofrimento, ambos suportaram esse sentimento infrutífero durante muito tempo. Finalmente, como os dois pensassem muito no assunto, o jovem acabou encontrando um modo de chegar às escondidas até sua freira; ela, muito contente, foi por ele visitada não só uma vez, mas muitas, para grande prazer de ambos.

Mas, enquanto continuavam assim as coisas, certa noite uma das freiras viu de lá de dentro o jovem despedir-se de Isabetta e ir embora, sem que nenhum dos dois se apercebesse. Essa freira contou o fato a algumas outras. A primeira decisão foi delatá-la à abadessa, que se chamava *madonna* Usimbalda, boa e santa mulher segundo a opinião das freiras e de quantos a conheciam; depois,

para não serem desmentidas, decidiram fazer que a abadessa a apanhasse com o jovem. Por isso, calaram-se e dividiram entre si secretamente as vigílias e as guardas para surpreendê-los no ato.

Isabetta, sem se precaver, pois não sabia de coisa alguma daquilo, certa noite o recebeu, o que foi logo visto por aquelas que estavam vigiando. Estas, quando pareceu oportuno, indo já alta a noite, dividiram-se em dois grupos: um ficou de guarda junto à porta da cela de Isabetta, e o outro foi correndo ao quarto da abadessa; bateram à porta e, enquanto ela respondia, já foram dizendo:

– Depressa, senhora, levante logo, nós descobrimos que Isabetta tem um rapaz na cela.

Naquela noite a abadessa estava acompanhada por um padre, que ela introduzia com frequência no convento dentro de uma arca. Ao ouvir aquilo, temendo que as freiras, por excesso de pressa ou zelo, empurrassem tanto a porta que ela se abrisse, levantou-se afoitamente, vestiu-se no escuro da melhor maneira que pôde e, acreditando alcançar certa touca cheia de pregas, a que dão o nome de “saltério”, acabou pegando as bragas do padre; e tanta foi a pressa que, sem perceber, em lugar da touca pinchou as bragas na cabeça, saiu e, fechando bem depressa a porta atrás de si, disse:

– Onde está essa amaldiçoada de Deus?

E com as outras, que, de tão fogosas e empenhadas em surpreender Isabetta em pecado, não percebiam o que a abadessa tinha na cabeça, chegou à porta da cela e a pôs abaixo ajudada por elas; entrando, encontraram na cama os dois amantes abraçados, que, aturdidos com aquela súbita aparição, sem saberem o que fazer, ficaram imóveis. A jovem foi imediatamente agarrada pelas outras freiras e levada ao capítulo por ordem da abadessa. O rapaz ficou; e, vestindo-se, esperava para ver que fim teria a coisa, com a intenção de acabar com quantas lhe caíssem debaixo das mãos, caso fizessem algum mal à moça, e levá-la embora consigo.

A abadessa, tomando assento no capítulo, em presença de todas as freiras, que só tinham olhos para a culpada, começou a dizer-lhe os maiores impropérios que já foram lançados contra qualquer mulherzinha, afirmando que ela contaminara a santidade, a honradez e a boa fama do convento com suas ações indecentes e vergonhosas, caso estas ficassem conhecidas lá fora; e aos impropérios acrescentava gravíssimas ameaças.

A jovem, envergonhada e tímida, achando-se culpada, não sabia o que responder e ficava calada, infundindo assim compaixão nas outras; mas, como a abadessa se estendia em falações, a jovem acabou levantando o rosto e viu o que

ela tinha na cabeça, bem como os cadarços que lhe pendiam aqui e ali. Então, percebendo o que era aquilo, disse-lhe segura de si:

– Madre, que Deus a ajude, amarre a touca e depois diga o que quiser.

A abadessa, que não entendia, disse:

– Que touca, ordinária? Ainda tem o descaramento de dizer gracinhas? Depois do que fez acha que é hora para chistes?

Então a jovem disse outra vez:

– Madre, por favor, amarre a touca e depois diga o que quiser.

Foi então que muitas das freiras levantaram o rosto para a abadessa, ela pôs as mãos na cabeça, e todos entenderam por que Isabetta dizia aquilo.

Assim a abadessa, percebendo que incorrera no mesmo pecado e vendo que todas viam o que não havia como encobrir, mudou de conversa e começou a falar de maneira totalmente diferente do que fizera até então, concluindo afinal que era impossível defender-se dos estímulos da carne; por isso, tal como fora feito até aquele dia, disse que cada uma se divertisse como pudesse, discretamente. E, liberando a jovem, voltou a dormir com seu padre, e Isabetta, com seu amante. Este voltou lá muitas outras vezes, para despeito das que lhe tinham inveja. As outras que não tinham amante procuraram obter essa ventura em segredo e da melhor maneira que souberam.

TERCEIRA NOVELA

Mestre Simone, a pedido de Bruno, Buffalmacco e Nello, faz Calandrino acreditar que está prenhe; este, para ter remédios, lhes dá capões e dinheiro, e se cura da prenhez sem parir.

Depois que Elissa terminou sua história, e todos deram graças a Deus por a jovem freira ter-se safado muito bem dos ataques das companheiras invejosas, a rainha ordenou a Filostrato que prosseguisse; este, sem mais esperar, começou:

– Belíssimas senhoras, o rústico juiz das Marcas, cuja história ontem lhes contei, tirou-me a ocasião de lhes narrar uma história de Calandrino que estava na ponta da língua. E, embora já se tenha falado muito sobre ele e seus companheiros, uma vez que aquilo de que essa história trata só poderá aumentar a alegria geral, vou contar agora aquela que ontem tinha em mente.

Acima se deixou bem claro quem eram Calandrino e os outros de quem falarei nesta história; por isso, digo sem mais que uma tia de Calandrino morreu e deixou-lhe duzentas liras de *piccioli*[191] em dinheiro vivo; então Calandrino começou a dizer que queria comprar uma quinta, e entrava em negociações com quantos corretores houvesse em Florença, como se tivesse dez mil florins de ouro para gastar, mas elas sempre davam em nada quando se chegava ao preço pedido pela propriedade. Bruno e Buffalmacco, que sabiam dessas coisas, já lhe haviam dito várias vezes que seria melhor desfrutarem juntos aquele dinheiro do que sair comprando terras, como se ele tivesse de fazer pelouros[192]; mas não conseguiram convencê-lo a tanto, nem sequer a convidá-los uma única vez para comer.

Um dia se queixavam disso quando apareceu um companheiro chamado Nello[193], pintor, e os três decidiram que deveriam encontrar um meio de comer à tripa forra às custas de Calandrino; e, sem muita demora, depois de combinarem o que deveriam fazer, na manhã seguinte Nello foi espiar quando Calandrino saía de casa; não tinha ele andado muito quando Nello foi ao seu encontro dizendo:

– Bom dia, Calandrino.

Calandrino respondeu que Deus lhe desse um bom dia e um bom ano. Depois disso, Nello se deteve um pouco e começou a olhar o rosto de Calandrino. Este perguntou:

– Está olhando o quê?

Nello disse:

– Por acaso sentiu alguma coisa esta noite? Você não parece o mesmo.

Calandrino logo começou a ficar temeroso e disse:

– Ai, como! O que você acha que eu tenho?

Nello Disse:

– Ah! Não sei o que dizer; mas você me parece bem mudado; talvez não seja nada.

E deixou-o ir.

Calandrino ficou assustado, mas, não sentindo nada, foi em frente. Buffalmacco, que não estava muito distante dali, vendo que Nello partira, foi ao encontro de Calandrino, cumprimentou-o o perguntou-lhe se não estava sentindo nada. Calandrino respondeu:

– Não sei, agorinha há pouco Nello disse que eu parecia muito mudado; será que eu não tenho alguma coisa?

Buffalmacco disse:

– Sim, pode ser alguma coisa, ou então nada: você parece meio morto.

Calandrino já achava que estava com febre. E eis que Bruno aparece e, antes de qualquer outra coisa, diz:

– Calandrino, que cara é essa? Está parecendo morto: sente alguma coisa?

Calandrino, ouvindo cada um deles dizer o mesmo, teve mais que certeza de que estava doente; então perguntou todo assustado:

– O que eu faço?

Bruno disse:

– Eu acho que você deveria voltar para casa, ir para a cama, cobrir-se bem e mandar a urina para mestre Simone, que é amigão da gente, como você sabe. Ele vai dizer imediatamente o que você precisa fazer, e nós vamos lá com você, e, se precisar fazer alguma coisa, nós fazemos.

E, juntando-se a eles Nello, foram todos para a casa de Calandrino; este, entrando todo abatido no quarto, disse à mulher:

– Venha cá, me cubra bem, estou me sentindo muito mal.

Depois de posto na cama, uma criadinha levou sua urina a mestre Simone, cuja botica ficava então em Mercato Vecchio sob o emblema do melão.194

E Bruno disse aos companheiros:

– Vocês ficam aqui com ele, enquanto eu vou saber o que o médico diz; e, se for preciso, trago-o aqui.

Calandrino então disse:

– Ai! Sim, companheiro, vá lá e veja se depois sabe dizer como estão as

coisas, porque estou sentindo não sei quê por dentro.

Bruno foi à botica de mestre Simone e, lá chegando antes da criadinha que vinha com a urina, informou-o do fato. Por isso, quando a criadinha chegou, mestre Simone olhou a urina e disse à criadinha:

– Pode ir e dizer a Calandrino que se mantenha bem quente, e que eu vou até lá neste instante e digo o que ele tem e o que vai precisar fazer.

A criadinha transmitiu o recado, e sem demora alguma o mestre e Bruno chegaram; o médico, sentando-se ao lado de Calandrino, começou a palpar-lhe o pulso e depois de certo tempo, estando ali presente a mulher, disse:

– Olhe, Calandrino, vou lhe falar como amigo, você não tem doença nenhuma, só está prenhe.

Ao ouvir isso, Calandrino começou a gritar e a dizer, muito aflito:

– Ai! Tessa, a culpa é sua, que só quer vir por cima: eu bem que dizia.

A mulher, que era muito recatada, ao ouvir o marido dizer aquilo, ficou vermelhinha de vergonha, abaixou o rosto e, sem responder nada, saiu do quarto.

Calandrino, continuando com suas lamúrias, dizia:

– Ai, pobre de mim! O que vou fazer? Como vou parir esse filho? Por onde ele vai sair? Estou vendo que vou morrer por causa do assanhamento dessa minha mulher, que Deus a faça infeliz como eu quero ser feliz; ah, estivesse eu bom, como não estou, me levantaria daqui e lhe daria tamanha surra que ela ia ficar toda arrebentada; se bem que é muito bem feito para mim, que nunca devia deixá-la vir por cima; mas uma coisa é certa: se eu escapo desta, ela pode morrer de vontade, que eu não deixo.

Bruno, Buffalmacco e Nello quase explodiam de vontade de rir ao ouvirem as palavras de Calandrino, mas continham-se; mestre Simão[195] ria tão espalhafatosamente, que daria para lhe arrancar todos os dentes. Mas, com o passar do tempo, Calandrino recomendou-se ao médico e pediu-lhe que lhe desse orientação e socorro naquele caso; o mestre disse:

– Calandrino, você não deve ficar apavorado, porque, louvado seja Deus, descobrimos cedo o fato e com pouco trabalho e em poucos dias vou livrá-lo disso; mas vai ser preciso gastar um pouco.

Calandrino disse:

– Ai de mim! Mestre, faça isso, sim, pelo amor de Deus. Tenho ali duzentas liras que queria usar para comprar uma quinta; se for preciso gastar tudo, pegue tudo, para eu não precisar parir, e nem sei como ia fazer isso, porque ouço as mulheres fazer uma tremenda gritaria quando estão parindo, mesmo tendo uma coisa bem grande para isso, que eu acho que, se sentisse aquela dor, morria em

vez parir.

O médico disse:

– Não se preocupe. Vou mandar fazer uma beberagem destilada, muito boa e muito agradável, que, em três manhãs, vai resolver tudo e deixá-lo mais sadio que um peixe; mas depois você vai precisar criar juízo e não fazer mais essas besteiras. Mas para essa beberagem vou precisar de três pares de capões bons e gordos; e para as outras coisas que vamos precisar, você deve dar a um desses aí cinco liras de *piccioli*, para comprá-las; deve mandar entregar tudo na minha botica, e eu, em nome de Deus, amanhã cedo lhe mando a tal beberagem destilada, e você deve começar a tomar um copo bem grande por vez.

Calandrino, depois de ouvir isso, disse:

– Mestre, deixo tudo em suas mãos.

E, dando cinco liras a Bruno e dinheiro para três pares de capões, pediu-lhe que por seu bem se desse o trabalho de fazer aquelas coisas.

O médico, depois que partiu, mandou preparar um pouco de hipocraz e o enviou a Calandrino. Bruno, depois de comprar os capões e outras coisas necessárias ao rega-bofe, comeu tudo com o médico e os companheiros. Calandrino bebeu hipocraz três manhãs, depois foi visitado pelos companheiros e pelo médico, que lhe palpou o pulso e disse:

– Calandrino, não há dúvida de que está curado; então, pode ir sossegado cuidar da vida, não é por isso que vai continuar em casa.

Calandrino levantou-se felicíssimo e foi cuidar da vida, louvando muito, onde quer que parasse para falar com alguém, o belo tratamento que mestre Simone lhe dera para em três dias, sem dor nenhuma, desemprenhar. Bruno, Buffalmacco e Nello ficaram contentes por terem engenhosamente burlado a avareza de Calandrino, se bem que *monna* Tessa percebeu tudo e rezingou muito com o marido.

QUARTA NOVELA

Cecco de messer *Fortarrigo joga em Buonconvento tudo o que tem, mais o dinheiro de Cecco de* messer *Angiulieri e, correndo atrás deste em mangas de camisa, diz que ele o roubara, fazendo-o pilhar pelos camponeses; veste suas roupas, monta seu palafrém e o deixa lá, em mangas de camisa.*

Com muita risada todo o grupo ouviu as palavras que Calandrino disse sobre sua esposa; mas, quando Filostrato se calou, Neifile começou, tal como quis a rainha.

– Valorosas senhoras, se, para os homens, não fosse mais difícil mostrar aos outros sua sensatez e virtude do que estultícia e vício, a muitos seria inútil tentar refrear suas próprias palavras; e isso ficou bem claro com a estultícia de Calandrino, que, para curar o mal em que sua simploriedade o levava a crer, não tinha nenhuma necessidade de expor em público os prazeres secretos de sua mulher. Isso me trouxe à mente algo totalmente contrário, ou seja, como a malícia de alguém sobrepujou a sensatez de outro, para grande dano e vexame deste último; é o que gostaria de lhes contar.

Há não muitos anos, havia em Siena dois homens já maduros, ambos chamados Cecco, sendo um de *messer* Angiulieri196, e o outro, de *messer* Fortarrigo.197 Os dois, embora pouco tivessem em comum em vários costumes, a tal ponto combinavam em uma coisa – ou seja, ambos odiavam o pai – que por isso se tornaram amigos e passaram a andar juntos com frequência. Mas Angiulieri, que era homem formoso e de bons costumes, achando que vivia mal em Siena com a provisão que lhe era dada pelo pai, ao ouvir dizer que em Marca d'Ancona fora como legado do papa um cardeal que o protegia muito, tomou a decisão de ir para lá, acreditando que assim melhoraria de condição. E, transmitindo essa decisão ao pai, com ele acertou de receber de uma só vez aquilo que lhe seria dado em seis meses, para poder vestir-se, munir-se de cavalgadura e ir decorosamente.

Estava ele em busca de alguém que fosse com ele para lhe prestar serviços, quando a notícia chegou aos ouvidos de Fortarrigo, que logo foi falar com Angiulieri e começou a pedir-lhe encarecidamente que o levasse consigo, e que queria ser seu criado, fâmulo e qualquer coisa, sem nenhum salário, além das despesas de sustento. Angiulieri respondeu que não queria levá-lo, não porque

não soubesse que ele era competente para qualquer serviço, mas porque ele jogava e, além disso, se embebedava de vez em quando. Fortarrigo respondeu que sem dúvida se absteria dessas duas coisas, afirmando-o com muitos juramentos, e tantas súplicas acrescentou que Angiulieri se deu por vencido e disse que concordava.

Pondo-se certa manhã a caminho, pararam para almoçar em Buonconvento. Como o calor era forte, Angiulieri depois do almoço pediu que lhe arrumassem uma cama na estalagem, despiu-se e, ajudado por Fortarrigo foi fazer a sesta, dizendo-lhe que o chamasse quando soasse a nona. Enquanto Angiulieri dormia, Fortarrigo foi para a taverna e ali, depois de beber um pouco, começou a jogar com uns sujeitos que em pouco tempo ganharam o dinheiro que ele trazia consigo, bem como toda a roupa que ele tinha no corpo; desejando reparar o prejuízo, em mangas de camisa como estava foi ao quarto onde Angiulieri dormia e, vendo que ela estava ferrado no sono, tirou-lhe da bolsa todo o dinheiro que lá havia, voltou ao jogo e o perdeu tal como as outras coisas.

Angiulieri acordou, levantou-se, vestiu-se e perguntou por Fortarrigo; como este não foi encontrado, Angiulieri imaginou que estaria dormindo bêbado em algum lugar, tal como fizera de outra vez. Por isso, resolvendo deixá-lo onde estava, mandou selar o palafrém e pôr sobre ele sua mala, pensando em arranjar outro fâmulo em Corsignano, mas, querendo pagar o estalajadeiro para ir embora, não encontrou tostão. Com isso se armou um grande escarcéu, criando-se muita confusão na casa do estalajadeiro, pois Angiulieri dizia que tinha sido roubado lá dentro e ameaçava levá-los todos presos a Siena. Eis então que Fortarrigo chega em mangas de camisa, para roubar as roupas, como fizera com o dinheiro. Vendo Angiulieri pronto para sair a cavalo, disse:

– Que é isso, Angiulieri? Precisamos ir embora já? Ah, espere um pouco: já, já deve vir aqui um sujeito com quem empenhei meu gibão por trinta e oito soldos; tenho certeza de que ele vai devolver o gibão por trinta e cinco contra pagamento.

Enquanto trocavam essas palavras, apareceu um sujeito que disse com certeza a Angiulieri que quem lhe roubara o dinheiro tinha sido Fortarrigo, mostrando-lhe a quantidade que ele havia perdido. Por isso Angiulieri, furiosíssimo, disse altas injúrias a Fortarrigo e, não tivesse ele maior temor aos homens que a Deus, teria chegado às vias de fato; e, ameaçando-o com a forca ou de conseguir que ele fosse banido de Siena, montou a cavalo.

Fortarrigo, não parecendo achar que Angiulieri falava com ele, mas com outro, dizia:

– Ah! Angiulieri, vamos deixar logo dessa conversa que não dá em nada e vamos tratar do seguinte: nós podemos reaver o gibão por trinta e cinco soldos, se ele for resgatado já, porque, se esperarmos até amanhã, vamos precisar de não menos de trinta e oito como ele me emprestou; e ele está fazendo esse favor, porque eu fiz a aposta a conselho dele. Ah! Por que não ganhamos esses três soldos?

Angiulieri, ouvindo-o falar desse modo, desesperava-se, principalmente por se perceber observado pelos circundantes, que, ao que parecia, não acreditavam que Fortarrigo tivesse apostado no jogo o dinheiro de Angiulieri, mas que Angiulieri ainda tivesse dinheiro dele, e dizia-lhe:

– O que é que eu tenho com o seu gibão? Você merece é a forca, porque, além de me roubar dinheiro para jogar, ainda por cima impediu a minha ida e está brincando comigo.

Fortarrigo continuava firme, como se aquilo não lhe dissesse respeito, e dizia:

– Ah, por que não quer me deixar ganhar três soldos? Acha que eu ainda não posso lhe emprestar? Ah, faça isso, se tiver estima por mim: por que toda essa pressa? Vamos chegar ainda esta noite a Torrenieri. Vamos, pegue a bolsa: fique sabendo que eu poderia procurar por toda Siena, e não encontraria um gibão que me caísse tão bem como aquele; e pensar que o entreguei àquele sujeito por trinta e oito soldos! Ele vale quarenta ou mais, de modo que você me prejudicaria de duas maneiras.

Angiulieri, pungido por profunda dor, vendo que fora roubado por aquele sujeito que agora o retinha com palavrórios, sem mais responder, voltou a cabeça do palafrém e tomou o caminho de Torrenieri. Fortarrigo, inspirado por sutil malícia, em mangas de camisa como estava, começou a trotar atrás dele; já tinham percorrido umas duas milhas durante as quais ele não parara de falar do gibão, quando Angiulieri acelerou para livrar os ouvidos daquela amofinação, e Fortarrigo, vendo alguns lavradores de um campo próximo da estrada à frente de Angiulieri, começou a gritar-lhes bem alto:

– Pega! Pega!

Então eles todos pararam na estrada diante de Angiulieri, uns com sapa, outros com enxada, crentes de que ele tinha roubado aquele que lhe vinha atrás, gritando em mangas de camisa; e assim o retiveram e prenderam. E pouco adiantava a Angiulieri dizer-lhes quem ele era e como tudo tinha acontecido. Fortarrigo, tendo já chegado, foi dizendo com cara feia:

– Não sei como não te mato, ladrão traidor, fugindo com o que é meu.

E, voltando-se para os camponeses, disse:

– Vejam, senhores, em que situação ele me deixou, partindo às escondidas, depois de ter perdido tudo no jogo! Posso dizer que, graças a Deus e aos senhores, eu recuperei pelo menos isto, e por isso sempre lhes serei grato.

Angiulieri também falava, mas suas palavras não eram ouvidas. Fortarrigo, com a ajuda dos camponeses, o apeou do palafrém, tirou-lhe as roupas e com elas se vestiu, montou a cavalo e, deixando Angiulieri em mangas de camisa e descalço, voltou para Siena, dizendo por toda parte que ganhara o palafrém e as roupas de Angiulieri no jogo. Angiulieri, que acreditava ir abastado encontrar-se com o cardeal em Marca, voltou pobre e sem roupas para Buonconvento, pois, envergonhado, por enquanto não ousava voltar a Siena; mas, com roupas emprestadas e montado num rocim que fora a cavalgadura de Fortarrigo, foi procurar os parentes em Corsignano e com eles ficou até voltar a receber o dinheiro do pai. E assim a maldade de Fortarrigo pôs a perder a boa decisão de Angiulieri, embora este, em lugar e tempo devidos, não a tenha deixado impune.

QUINTA NOVELA

Calandrino apaixona-se por uma jovem; Bruno lhe faz um bentinho; quando ele a toca com o bentinho, ela vai com ele; descoberto pela mulher, ambos têm séria e desagradável discussão.

Terminada a história de Neifile, que não foi longa, o grupo deixou-a passar sem demasiados risos nem comentários demais; a rainha voltou-se então para Fiammetta e lhe ordenou que prosseguisse; ela respondeu alegre que o faria com muito gosto e começou.

– Gentilíssimas senhoras, como acredito que saibam, nenhum assunto, por mais que seja comentado, deixará de agradar sempre, desde que a pessoa que pretender falar dele escolha devidamente o tempo e o lugar por ele exigido. Por isso, observando o motivo pelo qual estamos aqui (pois em busca de regozijo e alegria aqui estamos, e nada mais), considero que tudo o que nos possa dar regozijo e prazer tenha aqui lugar e hora devida; e, mesmo que se tenha falado mil vezes sobre dado assunto, só poderá deleitar falar dele outras mil vezes. Por isso, embora aqui se tenha falado amiúde dos feitos de Calandrino, tendo em vista que todos eles são engraçados (como há pouco disse Filostrato), ouso contar outra história sobre ele; e, quisesse eu afastar-me da verdade dos fatos, saberia compor e contar a história com outros nomes; mas, como afastar-se da verdade das coisas ao narrar é motivo de diminuir muito o prazer dos ouvintes, eu a contarei em sua forma própria, amparada pela razão acima.

Niccolò Cornacchini foi um nosso rico concidadão que, entre outras propriedades, tinha uma muito bonita em Camerata, onde construiu majestosa e bela mansão, cuja pintura foi toda contratada com Bruno e Buffalmacco; estes, em vista da grande quantidade de trabalho, chamaram também Nello e Calandrino, e puseram mãos à obra. Embora na casa houvesse alguns quartos com camas e outras coisas úteis, bem como uma criada velha que nela permanecia como guardiã do lugar, não havia outros criados, e um filho do referido Niccolò, chamado Filippo, que era jovem e sem esposa, costumava levar lá às vezes alguma mulher que lhe agradasse, ficar um ou dois dias com ela e depois mandá-la embora.

Numa das vezes, levou lá uma moça chamada Niccolosa, que um pulha chamado Mangione mantinha numa casa em Camaldoli à sua disposição para ser alugada. Tinha belo corpo, vestia-se bem e, em comparação com suas iguais,

ostentava bons costumes e falava direito. Num daqueles dias, em torno do meio-dia, saiu ela do quarto vestindo um roupão branco, com os cabelos enrolados ao redor da cabeça, e foi a um poço que ficava no pátio da mansão; estava a lavar as mãos e o rosto, quando Calandrino chegou em busca de água e a cumprimentou educadamente. Ela, ao responder, começou a reparar nele, mais porque Calandrino lhe parecia um tanto esquisito do que por algum outro interesse. Calandrino começou a reparar nela e, achando-a bonita, entrou a encontrar pretextos para ficar e não havia meio de levar a água aos companheiros; mas, como não a conhecia, não ousava dizer-lhe nada. Ela, que percebera os olhares dele, só por zombaria de vez em quando o olhava, soltando um que outro suspiro; foi motivo para que Calandrino imediatamente se embeiçasse, e só saiu do pátio depois que ela foi chamada de volta ao quarto por Filippo.

Calandrino, depois que voltou ao trabalho, não fazia outra coisa senão suspirar; Bruno, percebendo – pois estava sempre atento ao que ele fazia e divertia-se muito com seus feitos –, disse:

– Que diabo há com você, sócio? Não faz outra coisa, só suspira.

Calandrino disse:

– Sócio, se eu tivesse quem me ajudasse, eu me daria bem.

– Ajudar como? – disse Bruno.

Calandrino respondeu:

– Não conte para ninguém: ali embaixo eu vi uma moça que é mais bonita que uma sereia, e está tão caidinha por mim que você nem vai acreditar; percebi isso agora há pouco, quando fui buscar água.

– Ai, ai! – disse Bruno. – Veja bem se não é a moça de Filippo.

Calandrino disse:

– Acho que sim, porque ele chamou e ela foi lá para o quarto dele; mas o que é que isso quer dizer? Eu ferrava até Jesus Cristo por uma coisa daquelas, imagine o Filippo. Vou lhe dizer a verdade, sócio: eu gosto tanto dela que nem sei dizer.

Bruno então disse:

– Sócio, vou espiar para ver quem é; e se for a moça de Filippo, arranjo as coisas para você num piscar de olhos, porque tenho muita amizade com ela. Mas como é que a gente vai fazer para Buffalmacco não saber? Nunca vou conseguir falar com ela sem que ele esteja comigo.

Calandrino disse:

– Com Buffalmacco não me preocupo, mas é bom ter cuidado com Nello, que é parente da Tessa198 e poderia estragar tudo.

Bruno disse:

– Isso é.

Bruno sabia quem era ela, pois a vira chegar; além disso, Filippo o dissera. Portanto quando Calandrino se afastou um pouco do trabalho e foi vê-la, Bruno contou tudo a Nello e a Buffalmacco, e juntos combinaram, secretamente, o que deveriam fazer com aquela paixão.

Quando ele voltou, Bruno disse baixinho:

– Viu a moça?

Calandrino respondeu:

– Ai! Vi, ela me mata.

Bruno disse:

– Quero ir lá ver se ela é quem eu acho que é; se for, pode deixar comigo.

Bruno desceu e, encontrando Filippo e a moça, contou-lhes com pormenores quem era Calandrino e o que ele lhe dissera; então combinou com eles o que cada um deveria fazer e dizer, para poderem rir e divertir-se com a paixão de Calandrino. Voltando, disse a Calandrino:

– É ela mesma. Por isso é preciso fazer tudo com muito cuidado, porque, se Filippo descobre, nem toda a água do Arno lavaria da nossa culpa. Mas o que você quer que eu diga de sua parte, se por acaso eu falar com ela?

Calandrino respondeu:

– Puxa! Diga primeirão de tudo que eu gosto dela mil montões daquele bem bom de emprenhar; depois, que sou seu serviçal[199], e se ela quer alguma coisa; entendeu direitinho?

Bruno disse:

– Sim, pode deixar comigo.

Quando chegou a hora do jantar, os pintores deixaram a obra e desceram para o pátio, onde estavam Filippo e Niccolosa, que ficaram algum tempo por causa de Calandrino. Então Calandrino começou a olhar para Niccolosa e a fazer os gestos mais estranhos do mundo, que eram tais e tantos que até um cego perceberia. Ela, por outro lado, fazia de tudo que acreditava poder inflamá-lo e, segundo instruções recebidas de Bruno, divertia-se ao máximo com os modos de Calandrino; Filippo, Buffalmacco e os outros fingiam conversar e não notar o fato.

No entanto, depois de certo tempo, para grande pesar de Calandrino, despediram-se; na volta para Florença, Bruno disse a Calandrino:

– Pois lhe digo que ela se derrete por você como gelo no sol; pelo corpo de Cristo, se você pegar aquela sua rabeca e cantar um pouco para ela aquelas

canções apaixonadas, ela se atira da janela para cair nos seus braços.

Calandrino disse:

– Você acha, sócio? Acha que eu devo trazer?

– Claro – respondeu Bruno.

Então Calandrino disse:

– Você não acreditou hoje, quando lhe disse; claro, sócio, eu percebo que o que eu quero eu sei fazer melhor que qualquer outro homem. Quem mais ia saber fazer uma mulher daquelas ficar caída assim tão depressa? Esses mocinhos de tromba marinha200, que passam o dia todo para cima e para baixo e em mil anos não saberiam juntar três punhados de avelãs? Ah, mas eu quero que você me veja só com a rabeca; vai ver que beleza! E fique sabendo que não sou velho como pareço, ela bem que percebeu, ela sim; mas ela vai perceber mesmo se eu puser minhas garras em cima dela; pelo veraz corpo de Cristo, com a minha manha, ela vai ficar correndo atrás de mim que só louca.

– Oh – disse Bruno –, você vai enfiar suas presas nela: parece até que estou vendo você morder com esses seus dentes de cravelha aquela boca vermelhinha e aquelas bochechas que parecem duas rosas, depois comê-la inteirinha.

Calandrino, ouvindo essas palavras, parecia que já punha aquilo em prática, e ia cantando e saltando tão feliz que não cabia no próprio couro.

Mas no dia seguinte, quando levou a rabeca, para grande prazer de todo o grupo, cantou várias canções acompanhando-se com ela. Em suma, tirou tanta folga para ir vê-la com frequência que já não trabalhava, pois mil vezes por dia corria ora à janela, ora à porta, ora ao pátio para mirá-la; e ela, astutamente, seguindo instruções de Bruno, dava-lhe ótimas ocasiões. Bruno, por outro lado, respondia aos recados dele em nome dela e às vezes lhe trazia alguns da parte dela; quando ela não estava, o que ocorria na maior parte do tempo, ele lhe trazia cartas dela, que lhe davam grandes esperanças de satisfazer seus desejos, afirmando-se em tais cartas que ela estava em casa de parentes, onde ele não podia vê-la. E desse modo Bruno e Buffalmacco, que eram cúmplices na história, extraíam dos feitos de Calandrino o maior prazer do mundo, fazendo-o dar-lhes algumas coisas de vez em quando, como se solicitadas pela mulher: hoje um pente de marfim, amanhã uma bolsa, depois uma faquinha, bobagens desse tipo, e trazendo-lhe como retribuição uns aneizinhos de imitação, sem valor nenhum, com que Calandrino fazia enorme festa. Além disso, ganhavam dele umas boas merendas e outros agradinhos, para continuarem solícitos no trato de seus interesses.

Ora, as coisas foram mantidas uns dois meses dessa forma, sem que mais se

fizesse; Calandrino, vendo que o trabalho estava chegando ao fim e percebendo que, se não levasse a efeito o seu amor antes do término da obra, nunca mais conseguiria fazê-lo, começou a fazer muitas pressões e solicitações a Bruno. Por isso, quando a jovem foi lá, Bruno combinou antes com Filippo e com ela o que deveria ser feito e depois disse a Calandrino:

– Olhe, sócio, essa mulher já me prometeu mil vezes que faria o que você quisesse, e depois não fez nada; acho que ela está nos fazendo de bobos; por isso, já que ela não faz o que promete, vamos obrigá-la a fazer, querendo ou não, se você quiser.

Calandrino respondeu:

– Ah! Sim, pelo amor de Deus, vamos fazer isso logo.

Bruno disse:

– Você vai ter coragem de tocá-la com um bentinho que vou lhe dar?

Calandrino disse:

– Sim, claro.

– Então – disse Bruno –, dê um jeito de arranjar um pouco de pergaminho de animal ainda não nascido, um morcego vivo, três grãos de incenso e uma vela benta, e deixe tudo comigo.

Calandrino passou a noite inteira com suas artimanhas para apanhar um morcego e, quando afinal o pegou, levou-o com as outras coisas a Bruno. Este se fechou num quarto, escreveu naquele pergaminho umas bobagens com algumas carântulas, levou-lhe aquilo e disse:

– Calandrino, saiba que, se a tocar com este escrito, ela imediatamente virá atrás de você e fará o que você quiser. Por isso, se Filippo hoje for para algum lugar, chegue perto dela de algum modo, toque-a e vá para a casa de palha que fica ali ao lado, que é o melhor lugar que existe, porque lá nunca aparece ninguém; vai ver que ela irá também; quando ela chegar, você sabe muito bem o que tem de fazer.

Calandrino sentiu-se o homem mais feliz do mundo e, pegando o escrito, disse:

– Sócio, deixe comigo.

Nello, de quem Calandrino se guardava, divertia-se com aquilo tanto quanto os outros e era cúmplice deles na burla; por isso, tal como Bruno lhes ordenara, foi para Florença falar com a mulher de Calandrino e disse:

– Tessa, você sabe que surra levou de Calandrino sem motivo no dia em que ele voltou do Mugnone com as pedras; por isso faço questão que você se vingue dele, e, se não se vingar, nunca mais me considere seu parente nem seu amigo.

Lá em cima ele se apaixonou por uma mulher tão ordinária que se tranca com ele várias vezes: e agora há pouco marcaram um encontro e vão ficar juntos logo logo; por isso eu quero que você vá lá, que veja tudo e lhe dê um belo castigo.

Quando ouviu isso, a mulher levou a sério, levantou-se e começou a dizer:

– Ai! Ladrão descarado, fazer uma coisa dessas? Pela cruz de Cristo, essa não vai ficar assim, essa você me paga.

Pegou o manto e uma mulherinha por companhia, e com passo corrido foi até lá para cima com Nello. Quando Bruno a viu chegando de longe, disse a Filippo:

– Aí vem nosso amigo.

Então Filippo foi ao local onde Calandrino e os outros estavam trabalhando e disse:

– Mestres, preciso ir correndo a Florença: força aí no trabalho.

E, saindo, escondeu-se num lugar, de onde, sem ser visto, via o que fazia Calandrino.

Calandrino, quando achou que Filippo estava um pouco distanciado, desceu para o pátio, onde encontrou Niccolosa sozinha e puxou conversa com ela; ela, que sabia muito bem o que devia fazer, aproximou-se e deu-lhe um pouco mais de confiança do que tinha costume. Então Calandrino a tocou com o escrito; e, assim que a tocou, sem dizer nada, dirigiu-se para a casa de palha, indo atrás dele Niccolosa; e, assim que entraram, ela fechou a porta, abraçou Calandrino e o jogou ao chão, sobre a palha que ali havia; então, montando a cavalo nele e pondo-lhe as mãos sobre os ombros, sem deixar que ele se aproximasse de seu rosto, como que com grande desejo olhava para ele dizendo:

– Ó, meu doce Calandrino, coração do meu corpo, alma minha, meu bem, meu repouso, quanto tempo desejei ter você, ficar com você quanto quisesse! Gentil como é, você me pôs de quatro; engaiolou meu coração com a sua rabeca; será verdade que você é meu?

Calandrino, mal podendo mexer-se, dizia:

– Ah! Doce alma minha, deixe te beijar.

Niccolosa dizia:

– Ah, mas que pressa! Me deixe antes te olhar à vontade; me deixe fartar os olhos com esse teu rosto querido!

Bruno e Buffalmacco tinham-se juntado a Filippo, e os três viam e ouviam essas coisas. Estava já Calandrino quase a ponto de beijar Niccolosa, quando chegaram Nello e *monna* Tessa; Nello, chegando, disse:

– Graças a Deus estão juntos.

Quando chegaram à porta, a esposa, enfurecida, empurrou-a com as mãos e a

mandou longe; ao entrar, viu Niccolosa em cima de Calandrino; esta, assim que viu a esposa, levantou-se depressa e fugiu, indo para o lugar onde estava Filippo. *Monna* Tessa, correndo, foi enfiar as unhas na cara de Calandrino, que ainda não tinha se levantado, arranhou-o todo, agarrou-o pelos cabelos e, puxando de um lado para o outro, começou a dizer:

– Cão imundo sem-vergonha, então você me faz uma coisa dessas? Velho maluco, maldito seja o bem que eu lhe quis; então acha que não tem o suficiente para fazer em casa, e vai se apaixonando na dos outros? Que belo apaixonado! Não se enxerga, desgraçado? Não se enxerga, infeliz? Espremidinho, não ia sair sumo suficiente para um molho! Pela fé de Deus, então agora não era a Tessa aquela que te emprenhava201; que Deus a amaldiçoe, seja ela quem for, que deve ser coisa bem ruim para gostar dessa bela joia que você é.

Calandrino, quando viu a mulher chegar, ficou meio morto vivo, sem ousar oferecer resistência alguma; mas mesmo arranhado, esfolado e desgrenhado como estava, catou o capuz, levantou-se e começou a pedir humildemente à mulher que não gritasse, se não quisesse que o fizessem em pedacinhos, porque aquela que estava com ele era mulher do dono da casa. A mulher disse:

– Então que lhe caia em cima a praga de Deus.

Bruno e Buffalmacco, que já tinham rido à vontade com Filippo e Niccolosa, foram até lá como que atraídos pelo barulho; e, depois de muita conversa e de acalmarem Tessa, aconselharam Calandrino a ir para Florença e não mais voltar lá, para que Filippo não lhe fizesse algum mal, caso ficasse sabendo daquilo. Assim, então, Calandrino voltou para Florença triste e infeliz, todo arranhado e esfolado, não ousando mais ir lá para cima outra vez; e, molestado e afligido dia e noite pelas rezingas da mulher, pôs fim ao seu ardente amor, depois de ter dado motivo para que os companheiros, Niccolosa e Filippo dessem muitas risadas.

SEXTA NOVELA

Dois jovens se hospedam em casa de um homem: um vai deitar-se com a filha dele, e com o outro a mulher se deita inadvertidamente. Aquele que estava com a filha deita-se ao lado do pai dela e conta-lhe tudo, acreditando estar falando com o companheiro. Fazem um grande escarcéu. A mulher, percebendo tudo, entra na cama da filha e, depois, com algumas palavras, apazigua os ânimos.

Calandrino, que de outras vezes fizera o grupo rir, tinha feito o mesmo também daquela; depois que as mulheres pararam de comentar seus feitos, a rainha ordenou a Pânfilo que prosseguisse, e ele disse:

– Louváveis senhoras, o nome de Niccolosa, amada por Calandrino, trouxe-me à memória uma história de outra Niccolosa, que eu gostaria de contar porque nela verão como uma súbita inspiração de uma boa senhora evitou um grande escândalo.

Na planície do rio Mugnone, não faz muito tempo, havia um bom homem que dava aos viandantes comida e bebida em troca de dinheiro; e, sendo pobre e tendo casa pequena, às vezes, quando a necessidade apertava, hospedava algum conhecido, mas não qualquer pessoa. Era sua esposa uma mulher bastante formosa, da qual ele tinha dois filhos: uma jovenzinha bonita e graciosa, de quinze ou dezesseis anos, que ainda não tinha marido, e um menininho que ainda não tinha um ano e era amamentado pela própria mãe.

Pela jovem estava interessado um rapaz amável e agradável, fidalgo de nossa cidade, que andava muito pelo lugar; amava-a ardentemente. Ela, que se orgulhava muito de ser amada por um jovem daqueles, enquanto se esforçava por alimentar o amor dele com gestos agradáveis, também dele se enamorou; por vontade de ambas as partes, tal amor teria produzido efeitos, não fosse o fato de Pinuccio (pois esse era o nome do jovem) querer evitar desonra para a jovem e para si. Mas, como a cada dia redobrava-lhe o ardor, Pinuccio teve vontade de encontrar-se com ela, e acudiu-lhe ao pensamento a ideia de descobrir um modo de hospedar-se em casa de seu pai, por imaginar – visto conhecer a disposição da casa – que, se o fizesse, poderia conseguir ficar com ela sem que ninguém percebesse; e, tão logo teve a ideia, tratou de dar-lhe efeito sem demora.

Ele e um companheiro fiel, chamado Adriano, que sabia daquele amor, alugaram certo fim de tarde dois rocins, sobre os quais puseram duas malas,

talvez cheias de palha, e saíram de Florença; fazendo uma volta, já caíra a noite quando chegaram cavalgando à planície do Mugnone; então, como se estivessem voltando da Romanha, inverteram a direção, encaminharam-se para o povoado e bateram à porta da casa do bom homem; este, que conhecia muito bem os dois, abriu a porta depressa. Pinuccio lhe disse:

– Veja só, vai precisar nos alojar esta noite: achávamos que conseguiríamos entrar em Florença, mas não conseguimos nos apressar e estamos chegando aqui a uma hora destas, como vê.

O hospedeiro respondeu:

– Pinuccio, você sabe muito bem que tipo de comodidade eu tenho para hospedar homens como vocês; no entanto, já que estão chegando a esta hora, e não há tempo de ir a outro lugar, vou hospedá-los de bom grado, como puder.

Os dois rapazes apearam e entraram na pequena hospedagem; primeiramente, cuidaram dos rocins e depois, como haviam levado víveres, jantaram com o hospedeiro. Ocorre que o hospedeiro só tinha um quartinho bem pequeno, no qual havia três caminhas ajeitadas da melhor maneira que ele soubera, motivo pelo qual não sobrava muito espaço, visto que duas ficavam junto a uma das paredes do quarto, e a terceira, em frente do outro lado, de modo que só se podia andar por uma passagem estreita. Dessas três camas o hospedeiro mandou arrumar a menos ruim para os dois companheiros e convidou-os a deitar; depois de certo tempo – em que nenhum dos dois dormiu, embora fingissem dormir –, o hospedeiro mandou a filha deitar-se numa das outras duas que restavam, e na terceira ele se deitou com a esposa, que, ao lado da cama onde ia dormir, pôs o berço no qual mantinha o filhinho.

Foram as coisas dispostas dessa maneira, e Pinuccio, que vira tudo, depois de certo tempo, achando que todos dormiam, levantou-se devagar, foi para a caminha onde estava deitada a jovem amada e deitou-se ao seu lado; e pela jovem, ainda que a medo, foi alegremente acolhido, podendo assim receber dela aquele prazer que mais desejavam os dois. Estava Pinuccio com a jovem quando um gato derrubou certas coisas, e o ruído acordou a mulher; esta, temendo que se tratasse de alguma outra coisa, levantou-se e, tal como estava, foi no escuro até o lugar onde ouvira o barulho. Adriano, que não havia atentado para aquilo, levantou-se premido por alguma necessidade natural e, ao ir satisfazê-la, topou com o berço onde ele fora colocado pela mulher e, não podendo passar se não o tirasse dali, pegou-o, tirou-o de onde estava e o pôs ao lado da cama onde ele mesmo dormia; atendida a necessidade pela qual se levantara, ao voltar, sem se lembrar do berço, deitou-se em sua cama.

A mulher, depois de procurar e descobrir que o que caíra não era certa coisa, não se preocupou em acender nenhuma luz para enxergar melhor, mas, fazendo o gato chispar, voltou para o quartinho e, às apalpadelas, foi diretamente para a cama onde o marido dormia. Mas, não encontrando o berço, disse de si para si: “Ai, pobre de mim, olha só o que ia fazendo! Pelo amor de Deus, quase fui direto para a cama dos hóspedes”. E, indo um pouco mais para adiante e encontrando o berço, deitou-se na cama ao lado da qual este estava, junto com Adriano, acreditando deitar-se com o marido. Adriano, que ainda não tinha pegado no sono, ao senti-la deitar, recebeu-a muito bem e com alegria, e, sem dar um pio, subiu a bordo e enfunou todas as velas, para grande prazer da mulher.

Assim estavam quando Pinuccio, temendo ser surpreendido pelo sono com sua amada e tendo já recebido o prazer que desejava, levantou-se pelo lado para voltar à sua cama e dormir; a caminho da cama, encontrou o berço e acreditou que aquela seria a cama de seu hospedeiro; por isso, foi um pouco mais adiante e deitou-se com o hospedeiro, que, com a chegada de Pinuccio, acordou. Pinuccio, acreditando estar ao lado de Adriano, disse:

– Vou lhe dizer uma coisa: nunca vi nada tão gostoso como Niccolosa: pelo corpo de Cristo, tive com ela o maior prazer que algum homem jamais teve com mulher, e digo que subi o morro seis vezes, desde que saí daqui.

O hospedeiro, ouvindo essa conversa e não gostando muito dela, antes pensou lá consigo: “Que diabos esse sujeito está fazendo aqui?”. Depois, mais furioso que ponderado, disse:

– Pinuccio, você cometeu uma grande afronta, e não sei por que você me fez uma coisa dessas; mas, juro por Deus, que me paga.

Pinuccio, que não era o rapaz mais esperto do mundo, percebendo o erro, não tratou de emendá-lo da melhor maneira, mas disse:

– O que vou pagar? O que você poderia me fazer, você?

A mulher do hospedeiro, que acreditava estar com o marido, disse a Adriano:

– Ai! Ouça só os nossos hóspedes discutindo não sei de quê.

Adriano disse rindo:

– Deixe estar, que se danem: beberam demais ontem à noite.

A mulher, achando que tinha ouvido o marido gritar e ouvindo Adriano, imediatamente percebeu onde estivera e com quem; por isso, como era prudente, sem dizer palavra, levantou-se depressa, pegou o berço do filhinho e, como não houvesse iluminação nenhuma no quarto, levou-o para onde imaginava que estava a cama onde a filha dormia e com ela se deitou; e, fazendo de conta que

tinha acordado com o barulho feito pelo marido, chamou-o e perguntou o que estava discutindo com Pinuccio. O marido respondeu:

– Não está ouvindo o que ele disse que fez esta noite a Niccolosa?

A mulher disse:

– Ele está mentindo deslavadamente, porque com Niccolosa ele não se deitou, pois fui eu que me deitei aqui quando já não conseguia dormir mais; e você é um trouxa de acreditar. Vocês bebem tanto à noite que depois começam a sonhar e a ir daqui para lá sem saberem o que estão fazendo, e acham que fazem maravilhas: pena que não levam um tombo e não quebram o pescoço! Mas o que é que esse Pinuccio está fazendo aí? Por que não está na cama dele?

Por outro lado, Adriano, vendo que a mulher encobria prudentemente a sua vergonha e a da filha, disse:

– Pinuccio, eu já lhe disse mil vezes que pare de ficar circulando, que, com esse seu vício de se levantar dormindo e dizer as fábulas que sonha achando que são verdadeiras, algum dia você ainda ia se dar mal! Volte para cá, e que Deus lhe dê uma péssima noite!

O hospedeiro, ouvindo o que a mulher e Adriano diziam, começou a acreditar que Pinuccio de fato estivesse sonhando; por isso, agarrando-o pelos ombros, começou a sacudi-lo e a chamá-lo, dizendo:

– Pinuccio, acorde; volte para a sua cama.

Pinuccio, entendendo muito bem o que fora dito, começou a entrar noutros delírios, à maneira de quem sonha; e com isso o hospedeiro ria a mais não poder. Por fim, como sentia mesmo que o sacudiam, fez de conta que acordava e, chamando Adriano, disse:

– Já é de dia, você está me chamando?

Adriano disse:

– Sim, venha cá.

Pinuccio, disfarçando e dando mostras de estar bem sonolento, acabou por se levantar da cama do hospedeiro e voltou para a de Adriano. Ao amanhecer, o hospedeiro levantou-se e começou a rir e a zombar dele e dos seus sonhos. E assim, de conversa em conversa, os dois jovens arrumaram seus rocins, puseram sobre eles as malas, beberam com o hospedeiro, montaram suas cavalgaduras e voltaram para Florença, não menos contentes com o modo como a coisa ocorrera do que com o próprio efeito da coisa. Depois, por outros meios, Pinuccio e Niccolosa voltaram a encontrar-se; à mãe ela jurava de pés juntos que ele de fato tinha sonhado. Por tudo isso a mulher, lembrando-se dos abraços de Adriano, dizia de si para si que só ela tinha ficado acordada.

SÉTIMA NOVELA

Talano de Imola sonha que um lobo dilacera a garganta e o rosto de sua mulher; diz-lhe que tome cuidado; ela não toma, e o sonho se realiza.

Quando a história de Pânfilo terminou, e a esperteza da mulher foi elogiada por todos, a rainha disse a Pampineia que contasse a sua, e ela então começou:

– Amáveis senhoras, de outra vez já se falou entre nós das verdades mostradas por sonhos, de que muitas pessoas zombam; por isso, embora já se tenha dito, não deixarei de contar numa historieta bastante breve o que aconteceu a uma vizinha minha, há não muito tempo, por não acreditar num sonho que o marido tivera com ela.

Não sei se conheceram Talano de Imola, homem muito honrado. Tinha ele por esposa uma jovem chamada Margherita, bela entre todas as mulheres, porém mais que qualquer outra caprichosa, desagradável e geniosa, a ponto de nunca querer fazer a vontade de ninguém nem ser possível aos outros fazer as suas. Talano, embora achasse dificílimo suportar tudo isso, como não podia fazer nada, aguentava.

Certa noite, em que Talano estava com Margherita numa propriedade sua do campo, ao dormir sonhou que via a esposa andando por um belo bosque que possuíam não muito longe da casa, e, enquanto assim a via andar, de um dos lados do bosque saiu um lobo grande e feroz que prontamente se lançou à sua garganta e a atirou ao chão; ela, gritando por socorro, esforçava-se por se desvencilhar dele até que, ao se livrar de sua goela, parecia estar com toda a garganta e o rosto estraçalhado.

Assim que se levantou pela manhã, ele disse à esposa:

– Mulher, embora o seu mau gênio nunca tenha permitido termos um único dia de paz, eu ficaria muito triste se lhe acontecesse algum mal; por isso, se tiver a bondade de seguir meu conselho, não saia de casa hoje.

Quando ela lhe indagou o motivo, ele contou pormenorizadamente o seu sonho.

A mulher, virando a cabeça, disse:

– Quem mal nos quer, mal nos sonha; você se faz de bonzinho comigo, mas sonha aquilo que gostaria de ver me acontecer; e sem dúvida vou ter o cuidado, hoje e sempre, de nunca o deixar alegre nem com isso nem com nenhum outro mal que me aconteça.

Talano então disse:

– Eu sabia muito bem que você diria isso, pois essa é a gratidão que recebe quem penteia tinhoso; mas pense o que quiser; eu de minha parte lhe digo isso por bem e a aconselho de novo a ficar em casa hoje ou pelo menos a evitar andar pelo nosso bosque.

A mulher disse:

– Está bem.

Depois, começou a dizer de si para si: “Viu só como ele é malicioso, achando que me pôs medo de ir hoje ao bosque? Lá ele com certeza deve ter marcado encontro com alguma ordinária, e não quer que eu veja. Oh, está achando que sou cega e vou cair nessa, pois eu seria bem trouxa se não o conhecesse e acreditasse nele! Ah, mas essa ele não vai conseguir: nem que precise passar lá o dia todo, eu hei de ver que traficância deve ser essa que ele hoje quer aprontar”.

E, dizendo isso, quando o marido saiu por um lado da casa, ela saiu pelo outro e, esgueirando-se como pôde, foi sem demora para o bosque e escondeu-se na sua parte mais densa, onde ficou atenta, olhando para cá e para lá, tentando ver alguma pessoa. Enquanto assim estava, sem nenhum cuidado com lobos, eis que perto dela saiu da mata espessa um lobo grande e terrível; ela, ao vê-lo, mal pôde dizer “Deus me ajude”, e já o lobo se lançara à sua garganta e, prendendo-a com força, começou a levá-la embora como se puxasse um cordeirinho. Ela não conseguia gritar, tão apertada estava sua garganta, nem podia defender-se de alguma outra maneira; e assim ia sendo carregada pelo lobo, que sem falta a teria estrangulado se não tivesse deparado com alguns pastores que, gritando com ele, obrigaram-no a largá-la; e ela, pobre coitada, sendo reconhecida pelos pastores e levada para casa, só depois de muito esforço foi curada pelos médicos, mas não de todo, pois toda a garganta e uma parte do rosto foram de tal maneira danificadas que ela, antes bonita, depois ficou para sempre feia e disforme. Por isso, com vergonha de aparecer onde fosse vista, muitas vezes chorou miseramente o seu mau gênio e o fato de não ter dado fé à veracidade do sonho do marido quando aquilo nada lhe custava.

OITAVA NOVELA

Biondello engana Ciacco acerca de um almoço, e Ciacco vinga-se, mandando dar-lhe uma tremenda surra.

Para todos os integrantes do alegre grupo, o que Talano vira dormindo não fora sonho, mas visão, pois tudo ocorrera de maneira exata, sem que nada faltasse. Quando todos se calaram, a rainha ordenou a Lauretta que prosseguisse, e ela disse.

– Delicadíssimas senhoras, como quase todos os que falaram hoje antes de mim foram instigados por alguma coisa já narrada, também eu, instigada pela acerba vingança do erudito, narrada ontem por Pampineia, falarei de uma vingança bastante penosa para quem a sofreu, ainda que não tenha sido tão cruel.

Havia em Florença alguém que todos chamavam Ciacco, homem gulosíssimo, como nenhum outro houve jamais, que, apesar de não possuir condições para sustentar os gastos que sua glutonia exigia, era, por outro lado, muito polido e cheio de palavreado bonito e agradável; por isso, dedicou-se a um mister que não era propriamente de bufão, mas de motejador, passando a frequentar gente rica que gostava de comer coisas boas; e com eles amiúde ia almoçar e jantar, embora nem sempre fosse convidado. Havia também na época em Florença certo Biondello, homem baixinho, garrido como ele só e mais limpo que mosca, com sua touca na cabeça, cabeleira loura impecável, sem um único fio fora de lugar, que exercia o mesmo ofício de Ciacco. Biondello foi certa manhã de quaresma à venda de peixes e lá foi visto por Ciacco a comprar duas enormes lampreias para *messer* Vieri dei Cerchi; Ciacco, aproximando-se de Biondello, disse:

– O que significa isso?

Biondello respondeu:

– Ontem à noite foram mandadas outras três, muito mais bonitas que estas, e um esturjão a *messer* Corso Donati; como não eram suficientes para a refeição que vai oferecer a alguns fidalgos, ele me pediu que comprasse estas outras duas: você vai estar lá?

Ciacco respondeu:

– Claro que estarei.

Quando a hora lhe pareceu propícia, foi à casa de *messer* Corso e o encontrou com alguns vizinhos antes que o almoço fosse servido. *Messer* Corso lhe

perguntou o que estava fazendo ali, e ele respondeu:

– Vim almoçar com o senhor e com seus convivas.

Messer Corso disse:

– Seja bem-vindo; ainda dá tempo, adiante.

Sentaram-se à mesa e, primeiramente, foram servidos de grão-de-bico e conserva de barriga de atum; depois, de peixe frito do Arno, sem mais. Ciacco, percebendo a burla de Biondello, não ficou pouco agastado e decidiu que aquela ele ia pagar. Não muitos dias depois, encontrou-se por acaso com Biondello, que já fizera muita gente rir daquela brincadeira. Biondello, ao vê-lo, cumprimentou-o e perguntou, rindo, que tal estavam as lampreias de *messer* Corso; Ciacco respondeu:

– Antes que se passem oito dias você vai saber muito melhor que eu.

E, sem mais delongas, assim que se despediu de Biondello, acertou o preço com certo vigarista de primeira e, dando-lhe um garrafão de vidro, levou-o até as proximidades da galeria dos Cavicciuli e nela lhe mostrou um cavaleiro chamado *messer* Filippo Argenti, homem alto, musculoso e forte, truculento, iracundo e colérico como ele só, e disse-lhe:

– Vá lá falar com ele e leve este frasco na mão; diga o seguinte: “Senhor, quem me manda é Biondello para lhe pedir que tenha a bondade de arrubinar este frasco com o seu bom tinto, porque ele quer se divertir um pouco com seus brodistas”. Mas fique de olho para ele não lhe pôr as mãos em cima, porque ele estragaria o seu dia, e você estragaria os meus negócios.

O vagabundo disse:

– Preciso dizer mais alguma coisa?

Ciacco disse:

– Não. Vá lá; e, assim que disser isso, volte aqui com o frasco, e eu lhe pago.

O vigarista então foi até lá e deu o recado a *messer* Filippo. *Messer* Filippo, ao ouvi-lo, como era pessoa de pavio curto, imaginando que Biondello, que ele bem conhecia, estava querendo brincar com ele, logo ficou todo vermelho e disse:

– Que “arrubinar” e que “brodistas” são esses? Vão danar-se os dois, você e ele.

E, pondo-se em pé, esticou o braço para agarrar o vigarista; mas este, que estava bem atento, foi rápido e fugiu para os lados onde estava Ciacco, que vira tudo, e transmitiu-lhe o que *messer* Filippo dissera.

Ciacco, contente, pagou o vigarista e não sossegou até encontrar Biondello, a quem disse:

– Tem ido ultimamente à galeria dos Cavicciuli?

Biondello respondeu:

– Não. Por que está perguntando?

Ciacco disse:

– Porque ouvi dizer que *messer* Filippo está querendo falar com você, não sei o que ele quer.

Biondello disse:

– Bom, vou até lá e lhe dou uma palavrinha.

Quando Biondello partiu, Ciacco foi atrás dele, para ver como iriam as coisas. *Messer* Filippo, que não conseguira alcançar o vigarista, ficara muitíssimo irritado e se roía por dentro porque, das palavras ditas pelo outro, só conseguia imaginar que Biondello, instigado por sabe-se lá quem, estava querendo escarnecer dele. E, enquanto assim se remoía, Biondello apareceu. Tão logo o viu, Filippo foi em sua direção e deu-lhe um tremendo murro na cara.

– Ai! Senhor – disse Biondello –, o que é isso?

Messer Filippo pegou-o pelos cabelos, arrancou-lhe a touca da cabeça, atirou o capuz no chão e, continuando a sová-lo com força, dizia:

– Traidor, logo vai saber o que é. Que recado de “arrubinar” e de “brodistas” foi aquele? Acha que sou criança para brincadeirinhas?

E, assim dizendo, com seus punhos, que pareciam de ferro, quebrou a cara de Biondello e não lhe deixou na cabeça um único fio de cabelo em seu devido lugar; além disso, derrubou-o na lama e lhe rasgou toda a roupa; e dedicava-se a tais ações com tamanho afinco que nem uma vez, depois daquela primeira, Biondello conseguiu dizer uma só palavra ou perguntar por que ele fazia aquilo. Tinha ouvido muito bem “arrubinar” e “brodistas”, mas não sabia o que tais coisas queriam dizer. No fim, depois que *messer* Filippo bateu bastante, as pessoas que estavam ao redor conseguiram arrancá-lo com muito esforço das mãos dele, todo desgrenhado e desalinhado como estava; então lhe disseram por que *messer* Filippo fizera aquilo, repreendendo-o pelo que lhe mandara dizer e avisando que daí por diante deveria conhecer *messer* Filippo, que ele não era homem de pilhérias. Biondello, chorando, pedia desculpas e dizia que nunca tinha mandado ninguém pedir vinho a *messer* Filippo. Mas, depois de se recompor um pouco, triste e infeliz, voltou para casa, imaginando que aquela teria sido obra de Ciacco. Quando, depois de muitos dias, as equimoses já tinham sumido de seu rosto e ele começou a sair de casa, por acaso encontrou Ciacco, que lhe perguntou a sorrir:

– Biondello, que tal estava o vinho de *messer* Filippo?

Biondello respondeu:

– Tal como estavam as lampreias de *messer* Corso!

Então Ciacco disse:

– Agora só depende de você: sempre que quiser me dar de comer como deu, eu lhe darei de beber como dei.

Biondello, sabendo que contra Ciacco podia mais desejar o mal do que colocá-lo em prática, pediu-lhe que tudo ficasse na paz de Deus e daí por diante teve o cuidado de nunca mais escarnecer dele.

NONA NOVELA

Dois jovens pedem conselho a Salomão: um quer saber como pode ser amado; o outro, como castigar a mulher geniosa. A um ele responde que ame; ao outro, que vá à Ponte do Ganso.

Preservando-se o privilégio de Dioneu, a ninguém mais cabia narrar, senão à rainha; portanto, depois que as mulheres riram bastante do desventurado Biondello, ela começou a falar alegremente.

– Amáveis senhoras, se em sã consciência observarmos a ordem das coisas, facilmente perceberemos que toda a multidão universal das mulheres está submetida aos homens, quer pela natureza, quer pelos costumes, quer pelas leis, e que lhes convém orientar-se e governar-se segundo a discrição deles. Por isso, toda aquela que quiser ter sossego, satisfação e paz com os homens dos quais depende deve ser humilde, paciente e obediente, além de honesta: esse é o tesouro supremo e especial de toda mulher prudente. E, mesmo que nisso não fôssemos instruídas pelas leis – que têm em vista o bem comum em todas as coisas –, nem pelos usos e costumes, digamos – cujas forças são enormes e reverendas –, temos a natureza a mostrá-lo claramente, pois ela nos deu corpos delicados e suaves, ânimos tímidos e temerosos, mentes benignas e piedosas, forças físicas leves, vozes agradáveis e movimentos suaves dos membros: coisas todas que demonstram termos nós necessidade do governo alheio. E quer a razão que quem precise ser ajudado e governado seja obediente, submisso e reverente a quem o ajude e governe. E quem nos governa e ajuda, se não os homens? Portanto, aos homens devemos submeter-nos, honrando-os ao extremo; e aquela que disso se afasta considero mais que digna não só de séria repreensão como também de acerbo castigo. E a tais considerações, que, aliás, já fiz doutra vez, fui levada pela história contada há pouco por Pampineia sobre a rebelde mulher de Talano, a quem Deus mandou o castigo que o marido não soubera dar; por isso, a meu ver, como já disse, devem ser dignas de rígido e acerbo castigo todas aquelas que se neguem a ser agradáveis, benévolas e meigas, como querem a natureza, os usos e as leis. Portanto, terei o prazer de lhes contar um conselho dado por Salomão, como remédio apto a curar aquelas que são acometidas por esse mal. E quem não se achar digna de tal remédio não considere que isto será dito para si, a exemplo do provérbio usado pelos homens: “O bom cavalo, como o ruim, a espora requer; da vara precisam a má e a boa mulher”. Quem quisesse

interpretar essas palavras jocosamente facilmente concluiria que valem para todas; mas, mesmo a quem queira entendê-las moralmente, digo que são admissíveis. As mulheres todas são naturalmente instáveis e condescendentes; desse modo, para corrigir a ruindade das que se afastam demais dos limites que lhes são impostos é necessária a vara punidora; e, para sustentar a virtude das outras que não ultrapassam tais limites é necessária a vara que as apoie e assuste.

Mas, deixando de lado as pregações e indo àquilo que tenho a intenção de contar, digo que, correndo já por quase todo o mundo a eminente fama da prodigiosa sensatez de Salomão – de que ele dava generosas demonstrações a quem quer que quisesse certificar-se dela por experiência –, de diferentes regiões saíam muitas pessoas e corriam até ele em busca de orientação para situações complicadas e árduas; Entre tantos que o procuraram, foi para lá um nobre e rico rapaz nascido na cidade de Ajazo, onde também morava, cujo nome era Melisso. Ia ele cavalgando para Jerusalém quando, na saída de Antioquia, encontrou outro jovem chamado Josefo, que fazia aquele mesmo caminho e com quem cavalgou um bom pedaço; e, tal como é costume dos viandantes, começaram a conversar. Depois que Josefo pôs Melisso a par de sua condição e origem, este lhe perguntou aonde ele ia e por quê; a isso Josefo respondeu que ia procurar Salomão, para pedir orientação sobre o que deveria fazer com sua esposa, que era mais geniosa e ruim que qualquer outra mulher, pois nem com pedidos, nem com agrados, nem com coisa alguma conseguia amainar o seu mau gênio. Dito isso, perguntou também a Melisso de onde era, para onde ia e por quê; Melisso respondeu:

– Sou de Ajazo e, assim como você tem uma desgraça, eu tenho outra: sou rico e gasto meus bens oferecendo banquetes e obsequiando meus concidadãos; e o mais esquisito e estranho de se pensar é que com tudo isso não consigo encontrar ninguém que me queira bem; por isso vou aonde você vai, para receber conselhos do que devo fazer para ser amado.

Caminharam, pois, juntos os dois companheiros e, chegando a Jerusalém, por intermédio de um dos varões de Salomão foram levados perante ele; Melisso contou-lhe brevemente o que buscava. Salomão respondeu:

– Ama.

Dito isso, Melisso foi rapidamente posto para fora, e Josefo disse por que fora até lá. A ele Salomão nada mais respondeu, senão:

– Vai à Ponte do Ganso.

Dito isso, Josefo também foi retirado sem demora da presença do rei e encontrou Melisso, que estava à sua espera, dizendo-lhe o que tivera como

resposta.

Os dois, pensando nessas palavras e não conseguindo compreendê-las nem entender qual sua utilidade para o que precisavam, sentindo-se como que ludibriados, enveredaram pelo caminho de volta. E, depois de terem caminhado alguns dias, chegaram a um rio acima do qual havia uma bela ponte; e, como por lá estava passando no momento uma grande caravana de carga sobre mulos e cavalos, eles precisaram ficar esperando até que tudo aquilo atravessasse. Quando quase todos tinham passado, por acaso um mulo acuou (como se vê com muita frequência) e não queria de maneira nenhuma avançar; por esse motivo, um arreeiro pegou uma vara e de início começou a bater com bastante brandura para que ele passasse. Mas o mulo se atravessava ora de um lado do caminho, ora de outro, retrocedia até às vezes e de modo algum queria passar; por isso, o arreeiro ficou muito irado e começou a lhe dar as maiores varadas do mundo, ora na cabeça, ora nos flancos, ora na garupa; mas nada adiantava.

Melisso e Josefo, vendo aquilo, diziam várias vezes ao arreeiro:

– Ah! Malvado, o que está fazendo? Quer matá-lo? Por que não tenta conduzi-lo bem e com calma? Ele irá mais depressa do que apanhando desse jeito.

O arreeiro respondeu:

– Vocês conhecem os seus cavalos, eu conheço o meu mulo; deixem que eu cuido dele.

E, dito isso, recomeçou a bater, e deu tantas de um lado e de outro que o mulo passou adiante, de modo que o arreeiro ganhou a parada.

Quando os dois rapazes estavam para ir embora, Josefo perguntou a um bom homem que se sentava à cabeceira da ponte como ela se chamava. O bom homem respondeu:

– Senhor, aqui se chama Ponte do Ganso.

Josefo, ouvindo aquilo, imediatamente se lembrou das palavras de Salomão e disse a Melisso:

– Pois eu lhe digo, companheiro, que o conselho dado por Salomão pode ter sido bom e verdadeiro, porque estou vendo agora claramente que eu não sabia bater na minha mulher, mas esse arreeiro me mostrou o que devo fazer.

Alguns dias depois, quando chegaram a Antioquia, Josefo convidou Melisso a ficar em sua casa descansando alguns dias; e, sendo recebido friamente pela mulher, disse-lhe que mandasse preparar o jantar do modo como Melisso lhe dissesse; este, vendo que essa era a vontade de Josefo, desincumbiu-se da tarefa em poucas palavras. A mulher, tal como se acostumara no passado, não fez nada

conforme Melisso dissera, mas quase totalmente ao contrário; Josefo, vendo aquilo, disse irritado:

– Não lhe foi dito de que maneira deveria fazer o jantar?

A mulher, volvendo-se com orgulho, disse:

– Como assim? Ah! Por que não come, se quer comer? Disseram para fazer de outro jeito, mas eu quis fazer assim; se gostar, gostou; se não gostou, gostasse.

Melisso ficou admirado com a resposta da mulher e reprovou-a. Josefo, ouvindo isso, disse:

– Mulher, você continua a mesma; mas, acredite, vou fazê-la mudar.

E, voltando-se para Melisso, disse:

– Amigo, logo veremos que tal foi o conselho de Salomão; mas peço que não se incomode de ver o que vou fazer e que não ache que o faço de brincadeira. E, se quiser me impedir, lembre-se da resposta que o arreeiro nos deu quando sentimos piedade do mulo.

Melisso disse:

– Estou em sua casa, portanto não pretendo me opor à sua vontade.

Josefo encontrou um galho redondo de carvalho novo e foi ao quarto, para onde a mulher tinha ido resmungando depois de se levantar da mesa por birra; lá, pegando-a pelos cabelos, jogou-a a seus pés e começou a bater nela violentamente com o pau. A mulher primeiro começou a gritar, depois a ameaçar; mas, vendo que nem por isso Josefo parava, já bem machucada começou a pedir piedade pelo amor de Deus, que ele não a matasse, dizendo também que nunca mais deixaria de fazer o que ele quisesse. Josefo nem assim parava; ao contrário, batia cada vez com mais fúria, ora nas costas, ora nas ancas, ora nos ombros, batia forte, tosava-lhe todo o corpo, e só parou quando se cansou; em suma, não ficou osso nem parte alguma do corpo da boa mulher sem alguma pisadura. Feito isso, voltou para Melisso e disse-lhe:

– Amanhã veremos que resultado terá o conselho “Vá à Ponte do Ganso”.

Descansou um pouco e, depois de lavar as mãos, jantou com Melisso; chegada a hora de dormir, foram para a cama.

A mulher, pobrezinha, a muito custo se levantou do chão e atirou-se na cama, onde descansou como pôde; na manhã seguinte, levantou-se cedíssimo e mandou perguntar a Josefo o que queria para o almoço. Ele, rindo-se com Melisso, disse o que queria, e, quando voltaram na hora de comer, encontraram tudo feito muitíssimo bem e de acordo com a ordem que fora dada; desse modo, louvaram sumamente o conselho que antes não haviam entendido bem.

Depois de uns dias Melisso despediu-se de Josefo e voltou para casa; então contou a um conhecido, que era homem sábio, o conselho recebido de Salomão, e o homem lhe disse:

– Não podia lhe dar conselho melhor nem mais verdadeiro. Você sabe que não ama ninguém, e, se presta honras e obséquios, não o faz por amor aos outros, mas por ostentação. Ame, portanto, como lhe disse Salomão, e será amado.

Assim, pois, a geniosa foi castigada; e o jovem, amando, foi amado.

DÉCIMA NOVELA

Dom Gianni, por insistência de compadre Pietro, faz um feitiço para transformar sua mulher em égua; e, quando vai pregar o rabo, compadre Pietro diz que não quer rabo e estraga todo o feitiço.

Essa história contada pela rainha provocou algumas reclamações entre as mulheres e riso entre os rapazes; mas, depois que todos se aquietaram, Dioneu começou a falar.

– Graciosas senhoras, entre numerosas pombas brancas um corvo preto acrescenta mais beleza que um cisne alvo; assim, entre muitos sábios, às vezes alguém menos sábio acrescenta à maturidade deles não só esplendor e beleza como também prazer e divertimento. Por isso, como todas aqui são discretíssimas e moderadas, eu, que me inclino mais ao parvo e torno mais esplendorosa a virtude das senhoras com meu embotamento, devo ser mais prezado do que se tivesse mais valor e assim lhes empanasse esse brilho; por conseguinte, mais amplo arbítrio devo ter para mostrar-me tal qual sou, e aquilo que lhes disser deverá ser tolerado mais pacientemente pelas senhoras do que se eu fosse mais sábio. Contarei, pois, uma história não muito longa, com a qual entenderão como convém observar diligentemente as coisas impostas por aqueles que façam algo por força de feitiço, pois qualquer pequena falha cometida no enfeitiçamento estraga tudo o que tiver sido feito pelo feiticeiro.

Ano passado em Barletta havia um padre, chamado dom Gianni di Barolo, que, por ter igreja pobre, para se sustentar começou a carregar mercadoria com uma égua, comprando e vendendo pelas feiras da Apúlia. Nessas andanças, travou estreita amizade com um homem chamado Pietro da Tresanti, que se dedicava àquele mesmo ofício com um asno; e, em sinal de afeição e amizade, só o chamava de compadre Pietro, segundo o costume apuliano; e todas as vezes que este ia a Barletta, o padre o levava à sua igreja e ali o hospedava, recebendo-o com as honras que podia.

Compadre Pietro, por sua vez, apesar de ser paupérrimo e de ter em Tresanti uma casinha que mal dava para si, para sua jovem e bela esposa e para o asno, levava dom Gianni à sua casa todas as vezes que ele aparecia em Tresanti e o acolhia da melhor forma que podia, como reconhecimento pelas honras que recebia em Barletta. No entanto, no que se refere à hospedagem, compadre Pietro, possuindo só uma caminha na qual dormia com sua bela esposa, não

podia fazer-lhe as honras que queria; mas, como tinha um pequeno estábulo, lá, ao lado do seu asno, alojava a égua de dom Gianni, e este precisava deitar-se ao lado dela sobre alguma palha. A mulher, sabendo como o marido era honrosamente recebido em Barletta, por diversas vezes, estando o padre em sua casa, manifestou a vontade de ir dormir com uma vizinha chamada Zita Carapresa di Giudice Leo, para que ele dormisse com seu marido na cama, e disse-o várias vezes ao padre, mas este nunca aceitou; e, numa dessas vezes, ele disse:

– Comadre Gemmata, não se incomode por minha causa, eu estou bem, pois quando quero faço esta égua virar uma linda mocinha e fico com ela; depois, quando quero, faço-a virar égua, por isso não quero me separar dela.

A jovem ficou admirada e acreditou; depois contou ao marido, acrescentando:

– Se ele é tão amigo seu como diz, por que não pede que lhe ensine esse feitiço? Se me transformar em égua, você vai poder fazer os negócios com o asno e com a égua, e assim vamos ganhar o dobro, e, quando a gente voltasse para casa, você me faria virar mulher de novo, como sou.

Compadre Pietro, que era um tantinho bronco, acreditou nessa história e aceitou o conselho; então começou a insistir sem parar para que dom Gianni lhe ensinasse aquilo. Dom Gianni fez de tudo para lhe tirar aquela tolice da cabeça, mas, não conseguindo, disse:

– Pois bem, se é isso que quer, amanhã cedo nos levantamos, como de costume, antes do amanhecer, e eu lhe mostro como se faz. É verdade que o mais difícil da coisa é pôr o rabo, como você verá.

Compadre Pietro e comadre Gemmata pouco dormiram durante a noite (tanto era o desejo com que esperavam a coisa), e, perto do nascer do dia, levantaram-se e chamaram dom Gianni, que, em mangas de camisa, foi até o quartinho do compadre Pietro e disse:

– Não há ninguém no mundo, além de vocês, a quem eu tenha feito isso; mas, já que querem, faço; a verdade é que vão precisar fazer tudo o que eu disser, se quiserem que dê certo.

Eles afirmaram que fariam o que ele dissesse. Por isso dom Gianni pegou uma tocha e a pôs na mão de compadre Pietro, dizendo-lhe:

– Olhe bem como eu vou fazer, guarde bem na cabeça o que eu disser e, pelo que você mais preza no mundo, não ponha tudo a perder, porque, seja lá o que ouvir ou vir, não diga uma única palavra; e rogue a Deus para que o rabo prenda bem.

Compadre Pietro, segurando a tocha, disse que o faria.

Dom Gianni mandou comadre Gemmata ficar pelada como tinha vindo ao mundo e postar-se com as mãos e os pés no chão, do modo como ficam as éguas, dizendo-lhe também que, acontecesse o que acontecesse, ela não deveria dizer nada; e, começando a tocar-lhe o rosto e a cabeça, disse: “Seja esta uma bela cabeça de égua”; e, tocando-lhe os cabelos, disse: “Sejam estas belas crinas de égua”; e, tocando-lhe os braços, disse: “Sejam estas belas pernas e belas patas de égua”; depois, quando lhe tocou o peito e o sentiu firme e redondo, tendo despertado e levantado quem não fora chamado, ele disse: “Que este seja um belo peito de égua”; e o mesmo fez com as costas, o ventre, as ancas, as coxas e as pernas. Finalmente, quando nada mais restava para fazer, a não ser o rabo, levantou a camisa e, pegando a broca de plantar homens, enfiou-a rapidamente no sulco feito para isso e disse: “E este seja um belo rabo de égua”. Compadre Pietro, que até então olhara tudo atentamente, ao ver essa última ação e não gostando dela, disse:

– Ó dom Gianni, rabo eu não quero, rabo eu não quero.

Já sobreviera o úmido radical202, graças ao qual todas as plantas pegam, quando dom Gianni disse a retirá-lo:

– Ai, compadre Pietro, que foi que fez? Eu não disse que não deveria dizer nada, visse o que visse? A égua estava para ser feita, mas, falando, você estragou tudo, e não há mais jeito de refazê-la agora.

Compadre Pietro disse:

– Assim está bom, eu não queria aquele rabo, não. Por que o senhor não me disse: “Faça você o rabo”? Além disso, estava pondo o rabo baixo demais.

Dom Gianni disse:

– Porque da primeira vez você não ia saber pôr o rabo como eu.

A jovem, ouvindo essas palavras, pôs-se em pé, e disse de boa-fé ao marido:

– Ai, que besta você é, por que estragou tudo para você e para mim? Que égua você já viu sem rabo? Deus que me livre! Você é pobre, mas seria justo que fosse muito mais.

Portanto, não havendo modo de fazer a moça virar égua, por causa das palavras que compadre Pietro dissera, ela voltou a vestir-se pesarosa e melancólica, e compadre Pietro, tal como estava acostumado, voltou ao antigo ofício com um asno. E foi à feira de Bitonto com dom Gianni, porém nunca mais lhe pediu aquele serviço.

Quanta risada provocou essa história – mais entendida pelas mulheres do que desejava Dioneu – imagine quem ainda estiver rindo. Mas, como as narrações já

tinham terminado, e o sol já começara a entibiar-se, a rainha, sabendo que chegara o fim de seu reinado, levantou-se, tirou a coroa e a pôs na cabeça de Pânfilo, único que ainda não fora assim honrado; e disse-lhe sorrindo:

– Senhor, pesado é seu encargo, pois, sendo o último, precisará corrigir as minhas falhas e as dos outros que ocuparam antes o lugar que agora é seu; então peço que Deus lhe dê a mesma graça que me deu de fazê-lo rei.

Pânfilo, recebendo alegre essa honra, respondeu:

– A sua virtude e a dos outros meus súditos me tornarão digno de louvores, assim como tornaram os outros.

E, segundo o costume de seus predecessores, dispôs tudo o que era necessário com o senescal; depois, voltou-se para as senhoras que esperavam suas palavras e disse:

– Enamoradas senhoras, quis a sensatez de Emília, nossa rainha deste dia, que, para refrigério de nossas forças, tivéssemos a liberdade de falar sobre o que mais quiséssemos. Pois bem, já repousados que estamos, considero necessário retornar à lei costumeira; por isso, quero que amanhã cada um pense em falar sobre alguém que tenha sido generoso ou mesmo pródigo em relação aos fatos do amor ou outros. Essas coisas, ditas e feitas, sem dúvida lhes estimularão o ânimo, dispondo-o a agir valorosamente; pois nossa vida, que só pode ser breve no corpo mortal, se perpetuará na fama digna de louvor; e todo aquele que não vive apenas para servir ao ventre, como os animais, deve não só desejar tal coisa como também buscá-la e pô-la em prática.

O tema agradou ao alegre grupo, que, com licença do novo rei, levantou-se e entregou-se às costumeiras recreações, dedicando-se cada um àquilo a que seu desejo mais incitava; e assim ficaram até a hora do jantar. A este acorreram todos festivamente e foram servidos com diligência e ordem; terminado o jantar, levantaram-se todos para as danças costumeiras, e, depois de cantarem umas mil cançonetas mais engraçadas nas palavras que magistrais no canto, o rei ordenou a Neifile que cantasse uma em seu nome. E ela, com voz clara e jubilosa, começou assim, de modo agradável e sem demora:

Sou muito jovenzinha, e de bom grado
vivo alegre a cantar nesta estação,
mercê do amor e dos doces cuidados.
Eu vou por verdes prados procurando
lírios brancos, flores alvas e rosas
rubras nas galharias espinhosas,
e a todas eu vou sempre comparando

o semblante daquele a quem, amando,
me prendi, não querendo mais senão
o prazer que por ele me for dado.
E quando encontro alguma flor que seja
ou me pareça semelhante a ele,
recolho e beijo, a conversar com ele,
e o que em minh'alma trago se despeja,
revelando o que o coração deseja;
depois a ponho junto às que já estão
atadas na grinalda em fios dourados.
E o inteiro prazer que aquela flor
aos olhos dá é o mesmo que há em mim
tal como se em pessoa eu visse enfim
aquele que me abrasa em seu amor:
e o que me faz sentir o seu odor
não há como expressar com precisão,
só aos suspiros demonstrar é dado.
Mas estes nunca brotam do meu peito
como é comum nas outras: acres, graves;
fazem sentir-se tépidos, suaves,
e desse modo atingem meu eleito,
que, quando os sente, vem e dá efeito
ao meu prazer sem mais tardar, e então
sossega em mim o apelo angustiado.

A cançoneta de Neifile foi muito elogiada pelo rei e por todas as mulheres; depois, como a noite já avançara, o rei ordenou que todos fossem descansar até o dia seguinte.

---

191 A lira de *piccioli* tinha valor bem menor que a lira de *grossi*. (N.T.)
192 Balas de pedra ou terra para armas de artilharia. (N.T.)
193 Nello di Dino ou Bandino, também pintor. (N.T.)
194 O melão representava a burrice, a estupidez. (N.T.)
195 O italiano Simone equivale ao português Simão. Aqui Boccaccio deturpa o nome e usa *scimmione*, que significa macaco e estúpido. Nas duas circunstâncias, seria possível usar "Simão" em português. (N.T.)
196 Cecco Angiolieri (1258?-1313?), poeta senês, o maior dos burlescos realistas de seu tempo. (N.T.)
197 Cecco di Fortarrigo Piccolomini: condenado por homicídio em 1293, mas a sentença não foi cumprida (*cf.* Vittore Branca, *op.cit.*, p. 1054, n. 6). (N.T.)

198 A mulher de Calandrino. (N.T.)
199 Calandrino aqui faz uma incursão desastrada pela terminologia cortês, usando “serviçal” em vez de “servidor”. (N.T.)
200 A expressão *tromba marina* sempre causou discussões: literalmente tromba marinha, com o reforço do que vem dito depois, pode indicar um tipo de jovem inquieto, turbulento, mas sem conteúdo, que trombeteia suas conquistas. No entanto, houve outras interpretações, como a de jovens que usam mangas em forma de trombeta, além de outras menos plausíveis. Interessante notar que existe um instrumento musical chamado *tromba marina*, cuja contraposição à rabeca de Calandrino seria até saborosa; no entanto, embora o instrumento tenha origem medieval, seu uso se disseminou mesmo no fim do Renascimento; portanto, não é seguro que já fosse conhecido (e com esse nome) no tempo de Boccaccio. Além disso, pelo que se sabe, era usado sobretudo em conventos, por freiras. (N.T.)
201 Lembrar que na terceira novela desta mesma jornada, Calandrino, acreditando-se grávido, culpa a mulher. (N.T.)
202 Termo alquímico da época, usado jocosamente por Boccaccio. (N.T.)

Termina a nona jornada do Decameron. *Começa a décima e última jornada, na qual, sob o reinado de Pânfilo, se fala sobre alguém que tenha sido generoso ou mesmo pródigo em relação aos fatos do amor ou outros.*

DÉCIMA JORNADA

Ainda ruboresciam no ocidente algumas nuvenzinhas, enquanto as extremidades das do oriente já se haviam tornado brilhantes como ouro, graças aos raios solares que, muito próximos, as feriam, quando Pânfilo se levantou e mandou chamar as senhoras e seus companheiros. Estando todos reunidos, deliberou-se em conjunto o lugar onde poderiam recrear-se e, indo o rei à frente a passos lentos, acompanhado por Filomena e Fiammetta, todos os outros seguiram atrás; e, falando, dizendo e respondendo muitas coisas sobre a futura vida, ficaram durante muito tempo a passear. Como tinham dado uma grande volta e o sol já começava a esquentar, retornaram ao palácio. Ali, ao redor da límpida fonte, depois de enxaguarem os copos, houve quem quisesse beber um pouco d’água. A seguir, ficaram a divertir-se entre as agradáveis sombras do jardim até a hora de comer. E depois de comerem e dormirem, como costumavam fazer, reuniram-se onde foi do agrado do rei, e ali este ordenou que a primeira história fosse contada por Neifile, que começou alegremente.

PRIMEIRA NOVELA

Um cavaleiro serve o rei da Espanha; acha-se mal recompensado, e o rei, com uma prova irrefutável, mostra-lhe que a culpa não fora dele, e sim da Fortuna, e depois o recompensa generosamente.

– Digníssimas senhoras, devo considerar imensa graça ter o nosso rei me incumbido de algo tão elevado como narrar alguma liberalidade, pois, assim como o sol é beleza e ornamento de todo o céu, a liberalidade é claridade e luz de todas as outras virtudes. Contarei, portanto, uma historieta bastante ligeira que, a meu ver, só poderá ser útil recordar.

Devem, pois, saber que, entre os vários cavaleiros valorosos que há muito tempo viveram em nossa cidade, houve um, talvez o melhor, chamado *messer* Ruggieri di Figiovanni; era rico e ardoroso e, percebendo que, em vista da qualidade de vida e dos costumes da Toscana, se aqui ficasse, pouco ou nada poderia mostrar do seu valor, tomou a decisão de passar algum tempo junto ao rei Afonso da Espanha, cujo valor tinha a fama de sobrepujar o de todos os outros senhores daqueles tempos. Assim, foi para a Espanha magnificamente munido de armas, cavalos e homens, sendo recebido com muita cortesia pelo rei.

Messer Ruggieri, portanto, ali ficou, vivendo esplendidamente e cometendo admiráveis atos de bravura, com o que logo se tornou conhecido como homem valoroso. Depois que já havia por lá ficado bom tempo, observando de perto os costumes do rei, achou que este dava castelos, cidadelas e baronias a este e àquele com pouco discernimento, pois os dava a quem não os merecia. Por isso ele, que tinha clara consciência de sua importância, considerando que o fato de nada lhe ser dado em muito deslustraria sua fama, decidiu partir e pediu licença ao rei. O rei a concedeu e deu-lhe uma das melhores e mais belas mulas jamais cavalgadas, o que foi muito prezado por *messer* Ruggieri, em vista do longo caminho que tinha para percorrer. Depois disso, o rei incumbiu um fâmulo discreto de arranjar tudo da melhor maneira possível para conseguir cavalgar durante o primeiro dia com *messer* Ruggieri, sem dar a impressão de ter sido mandado pelo rei e memorizando muito bem tudo o que ele dissesse, para saber depois repeti-lo, e que na manhã seguinte o mandasse fazer meia-volta e ir ter com o rei. O fâmulo ficou atento e, assim que *messer* Ruggieri saiu da cidade, passou a acompanhá-lo de maneira bastante pertinente, dando-lhe a entender que vinha em direção à Itália.

Ia, pois, *messer* Ruggieri cavalgando a mula dada pelo rei, conversando com o homem sobre uma coisa e outra, quando, ao se aproximar a terça hora, disse:

– Acho que faríamos bem em dar estábulo a estes animais.

E, entrando numa estala, ali todos os animais estercaram, menos a mula. Depois disso, continuaram cavalgando, indo o fâmulo sempre atento às palavras do cavaleiro, até que chegaram a um rio onde puseram a montaria para beber água, e a mula estercou no rio. *Messer* Ruggieri, vendo aquilo, disse:

– Ah! Deus que te castigue, besta igualzinha ao rei que a deu.

O fâmulo guardou bem essas palavras e, das muitas que foi ouvindo enquanto caminharam durante todo o dia, não ouviu nenhuma outra que não fosse de supremo louvor ao rei. Na manhã seguinte, quando montaram para cavalgar rumo à Toscana, o fâmulo transmitiu-lhe a ordem do rei, e *messer* Ruggieri retornou imediatamente.

O rei, depois que soube o que ele dissera sobre a mula, mandou chamá-lo e, recebendo-o risonho, perguntou por que o comparara à mula, ou a mula a ele.

Messer Ruggieri lhe disse com franqueza:

– Comparei-os porque, assim como Vossa Majestade dá quando não convém e quando conviria não dá, também ela quando convinha não estercou, e sim quando não convinha.

Então o rei disse:

– *Messer* Ruggieri, o fato de não o ter regalado como fiz a muitos que, em comparação com o senhor, nada são não ocorreu por não ter eu reconhecido que o senhor é valorosíssimo cavaleiro, digno de grandes dádivas; a culpa disso é de sua Fortuna, que não me permitiu fazê-lo, e não minha; e mostrarei claramente que estou dizendo a verdade.

Messer Ruggieri respondeu:

– Não estou agastado por não ter recebido nenhum presente de Vossa Majestade, pois não o desejava para ficar mais rico, e sim por não ter Vossa Majestade reconhecido de nenhum modo o meu valor; contudo, acolho sua escusa como boa e honesta, e estou disposto a ver o que lhe aprouver, embora acredite no que disse sem necessidade de provas.

O rei o levou a uma grande sala, onde, conforme ordenara previamente, havia dois grandes cofres fechados; e, em presença de muitos, disse:

– *Messer* Ruggieri, em um desses cofres estão minha corona, o cetro real, o globo crucífero, muitos belos cinturões, broches, anéis e todas as outras joias preciosas que tenho; o outro está cheio de terra: pegue um deles, e o que pegar será seu, e poderá ver quem foi ingrato com o seu valor, eu ou sua Fortuna.

Messer Ruggieri, vendo que aquele era o desejo do rei, pegou um deles, que o rei mandou abrir; e viu-se que estava cheio de terra. Então o rei disse, rindo:

– Bem pode ver, *messer* Ruggieri, que é verdade o que digo da Fortuna; mas sem dúvida o seu valor merece que eu me oponha às forças dela. Sei que não pretende tornar-se espanhol, por isso não quero dar-lhe aqui castelo nem cidadela, mas, a despeito da Fortuna, quero que seja seu o cofre que ela lhe negou, para que possa levá-lo à sua terra e, diante de seus concidadãos, orgulhar-se merecidamente de seu valor, com o testemunho de meus presentes.

Messer Ruggieri o pegou e, depois de agradecer ao rei da maneira como convinha a tamanho presente, voltou com ele feliz para a Toscana.

SEGUNDA NOVELA

Ghino di Tacco prende o abade de Cluny e trata-lhe a dor de estômago; depois o solta, ele volta para a corte de Roma, reconcilia-o com o papa Bonifácio e o faz cavaleiro hospitalário.

Já fora louvada por todos a magnificência com que o rei Afonso tratara o cavaleiro florentino, quando o rei, que gostara muito da história, ordenou a Elissa que prosseguisse, e ela começou prontamente.

– Delicadas senhoras, não se pode dizer que o fato de um rei ter sido generoso e de ter usado sua generosidade com alguém que o servira não seja coisa admirável e louvável; mas que dizer quando alguém conta que um eclesiástico deu mostras de admirável liberalidade para com alguém que ele poderia ter tratado como inimigo sem incorrer na reprovação de ninguém? Certamente só se poderia dizer que a liberalidade do rei foi virtude, e a do eclesiástico, milagre, pois é notório que todos eles são muito mais avaros que as mulheres e inimigos figadais de qualquer liberalidade. E, embora todos os homens naturalmente desejem vingar as ofensas recebidas, todos sabem que os eclesiásticos, conquanto preguem a paciência e, acima de tudo, recomendem o perdão das ofensas, são os que mais ardorosamente à vingança se entregam. E que houve um eclesiástico generoso é algo que poderão saber claramente pela história que a seguir contarei.

Ghino di Tacco[203], famoso pela ferocidade e pelos roubos que cometeu, sendo expulso de Siena e tornando-se inimigo dos condes de Santa Fiore, sublevou Radicofani contra a Igreja de Roma e, ali permanecendo, fazia seus mesnadeiros roubar quem quer que passasse pelas cercanias. Ora, quando Bonifácio VIII era pontífice em Roma, o abade de Cluny, que se acredita ser um dos prelados mais ricos do mundo, foi à corte de Roma e ali começou a sofrer do estômago, motivo pelo qual foi aconselhado pelos médicos a ir aos balneários de Siena, onde sem dúvida se curaria. Assim, o papa lhe fez essa concessão e, sem cuidar da fama de Ghino, o abade se pôs a caminho com grande pompa de equipagem, carga, cavalos e fâmulos.

Ghino di Tacco, ao saber da vinda do abade, montou sua cilada e, sem deixar escapar um mínimo cavalariço, encurralou o abade, toda a sua comitiva e sua bagagem num estreito. Depois disso, mandou, bem acompanhado, o seu homem mais sagaz para dizer cortesmente ao abade, de sua parte, que ele fizesse a

bondade de ir hospedar-se com Ghino no castelo. O abade, ao ouvir o recado, respondeu furiosíssimo que não faria nada daquilo, porque não tinha nada para tratar com Ghino, mas continuaria em frente, e queria ver quem o impediria de prosseguir.

O mensageiro, falando com humildade, respondeu:

– Monsenhor veio para estas bandas onde, afora a força de Deus, não há nada que nos cause temor, e onde excomunhões e interditos estão interditados; por isso, faça a gentileza de atender Ghino da melhor maneira que for possível.

Enquanto essas palavras iam sendo ditas, todo o lugar se circundava de mesnadeiros; assim, o abade, vendo-se preso com seus homens, tomou, indignadíssimo, o caminho do castelo com o mensageiro, sendo acompanhados por toda a comitiva e sua bagagem. Apeando, como quis Ghino, o abade foi instalado totalmente só num pequeno aposento escuro e descômodo de um palácio, enquanto os outros homens iam sendo bem acomodados no castelo, segundo a qualidade de cada um; os cavalos e toda a bagagem foram postos em lugar seguro, sem que nada fosse tocado.

Feito tudo isso, Ghino foi ter com o abade e disse-lhe:

– Ghino, de quem o senhor é hóspede, manda-me pedir-lhe que tenha a bondade de informar aonde vai e por qual razão.

O abade, experiente, já deixara de lado a altivez e informou para onde ia e por quê. Ghino, ao ouvi-lo, saiu achando que poderia curá-lo sem banhos, e, deixando sempre a arder fogo alto no aposento bem vigiado, não voltou lá até a manhã seguinte, ocasião na qual lhe levou, numa alvíssima toalha, duas fatias de pão torrado e um grande copo de *vernaccia* de Corniglia[204], do próprio abade, dizendo-lhe o seguinte:

– Ghino estudou medicina quando era mais jovem e, segundo diz, aprendeu que não há remédio melhor para a dor de estômago do que este que lhe dará, e estas coisas que aqui estou trazendo são apenas o começo; por isso, tome-as e reconforte-se.

O abade, que tinha mais fome que vontade de falar, mesmo com raiva comeu o pão, bebeu o vinho e, após isso, disse coisas arrogantes, perguntou muitas outras, aconselhou outras tantas e, especialmente, disse que queria ver Ghino. Das palavras que ouviu, Guino deixou passar algumas por serem vãs e a outras respondeu com cortesia, afirmando que, tão logo pudesse, Ghino viria visitá-lo. Dito isso, partiu e só voltou no dia seguinte com outro tanto de pão torrado e outro tanto de vinho; e assim manteve o abade por vários dias, até perceber que ele comera as favas secas que haviam sido ali deixadas de propósito, às

escondidas.

Então lhe perguntou, da parte de Ghino, como se sentia do estômago; e o abade respondeu:

– Acho que estaria muito bem, se não estivesse nas mãos dele; além disso, a maior vontade que tenho é de comer, já que seus remédios me curaram tão bem.

Ghino então mandou os serviçais do abade arrumar um belo quarto com sua própria bagagem e mandou preparar um grande banquete, com a participação de todos os fâmulos do abade e muitos homens do castelo; na manhã seguinte, foi ter com ele e disse:

– Monsenhor, já que se sente bem está na hora de sair da enfermaria.

E, tomando-o pela mão, levou-o para o quarto preparado e, deixando-o ali com seus homens, foi cuidar para que o banquete fosse magnífico.

O abade festejou com os seus e contou-lhes como tinha sido sua vida; os outros disseram que, ao contrário, haviam sido maravilhosamente tratados por Ghino. Chegada a hora de comer, o abade e todos os outros foram servidos em ordem de boas comidas e bons vinhos, sem que Ghino ainda se desse a conhecer. Mas, depois que o abade passou alguns dias dessa maneira, Ghino mandou pôr toda a sua bagagem numa sala, e a um pátio que ficava abaixo dela mandou levar todos os seus cavalos, até o mais mísero rocim; então foi falar com o abade e perguntou-lhe como se sentia, se achava que estava forte para cavalgar. O abade respondeu que estava bem forte, que o estômago estava bem curado e que ele estaria bem desde que se livrasse das mãos de Ghino.

Ghino levou o abade à sala onde estavam sua bagagem e seus fâmulos e, chamando-o até uma janela de onde podia ver todos os seus cavalos, disse-lhe:

– Saiba o senhor abade que não foi por maldade, mas sim por ser fidalgo empobrecido e expulso de casa, com inimigos poderosos e numerosos, necessitando defender a própria vida e a sua nobreza, que Ghino di Tacco, este que ora lhe fala, se tornou ladrão de estradas e inimigo da corte de Roma. Mas, como o senhor me parece um bravo varão, que curei do estômago, não pretendo tratá-lo como faria a outro que, estando em minhas mãos como está, seria por mim privado de parte dos haveres, conforme me parecesse melhor; no seu caso, minha intenção é levá-lo a considerar minha necessidade e, com parte de suas coisas, fazer a meu favor aquilo que quiser. Elas estão todas aí, diante de seus olhos; desta janela pode ver seus cavalos ali no pátio; por isso, pegue parte disso ou tudo, como quiser, e doravante esteja à vontade para ir ou ficar.

O abade admirou-se que um salteador de estrada usasse palavras tão generosas e, agradando-se muito delas, de repente abandonou a ira e o desdém

que, aliás, se transformaram em benevolência, e ele, sentindo amizade por Ghino no fundo do coração, correu para abraçá-lo, dizendo:

– Juro por Deus que, para ganhar a amizade de um homem como você, tal como agora o julgo, suportaria injúria muito maior do que a que até agora achei que me estava sendo feita. Maldita seja a Fortuna que o força a ofício tão prejudicial!

Depois disso, mandando pegar poucas coisas necessárias entre as muitas que tinha e fazendo o mesmo com os cavalos, deixou o restante e voltou para Roma.

O papa soubera da captura do abade e, embora tivesse lamentado muito, ao vê-lo perguntou-lhe que proveito tinha tirado dos banhos. O abade respondeu sorrindo:

– Santo padre, em lugar mais próximo que o dos banhos encontrei um médico competente que me curou muito bem.

E contou-lhe como. O papa riu. O abade, prosseguindo em seu relato, movido por grande magnanimidade, solicitou uma graça.

O papa, acreditando que ele pediria outra coisa, disse sem impor condições que faria o que ele pedisse. Então o abade disse:

– Santo padre, o que pretendo pedir é que conceda sua graça a Ghino di Tacco, meu médico, porque sem dúvida ele é um dos homens mais valorosos e dignos de apreço que já conheci; e o mal que faz considero decorrer muito mais da má Fortuna do que dele; e, se Vossa Santidade lhe der algo com que ele possa voltar a viver de acordo com seu estado, essa Fortuna poderá ser mudada, e não duvido de que em pouco tempo será também sua a impressão que tenho dele agora.

O papa, que era magnânimo e sempre admirara os homens valorosos, disse que o faria de bom grado, se é que ele era tão digno como dizia o abade, e que o fizesse vir em segurança. Ghino, portanto, foi para Roma em segurança, como quis o abade; pouco tempo foi necessário para que o papa o reputasse valoroso e, reconciliando-se com ele, deu-lhe um grande priorado dos Hospitalários, do qual o fez cavaleiro. E ele o manteve enquanto viveu, como amigo e servidor da Santa Madre Igreja e do abade de Cluny.

TERCEIRA NOVELA

Mitrídanes, invejando a cortesia de Natan, vai matá-lo e, sem o conhecer, depara com ele; informado por ele mesmo sobre o que deve fazer, encontra-se com ele num bosque, conforme fora combinado, e, reconhecendo-o, envergonha-se e torna-se seu amigo.

Todos tinham a impressão de ter ouvido algo da natureza do milagre, ou seja, um eclesiástico agir de forma magnânima. Quando a conversa das senhoras amainou, o rei ordenou a Filostrato que prosseguisse, e ele logo começou.

– Nobres senhoras, foi grande a magnificência do rei da Espanha e quiçá inaudita tenha sido a do abade de Cluny; mas não lhes parecerá talvez menos admirável o relato de alguém que, usando de liberalidade com outro homem que desejava seu sangue, aliás, seu espírito, se dispôs habilmente a dar-lhe o que queria; e tê-lo-ia dado se o outro quisesse tomá-lo, tal como pretendo demonstrar com uma historieta.

É fato comprovado (a dar-se fé às palavras de alguns genoveses e outros homens que estiveram naquelas regiões) que pelos lados de Cattaio205 houve outrora um homem de nobre linhagem, incomensuravelmente rico, cujo nome era Natan; morava ele perto de uma estrada pela qual necessariamente passavam todos os que quisessem ir do Poente ao Levante ou vir do Levante ao Poente. Como era magnânimo e liberal e desejava ser conhecido por suas obras, contando com muitos artífices, mandou construir em curto espaço de tempo um dos mais belos, amplos e ricos palácios que já se viu, munindo-o perfeitamente de todas as coisas necessárias para receber honrosamente quaisquer fidalgos; e, contando com grande e belo corpo de fâmulos, recebia e honrava com amabilidade e júbilo todos os que iam ou vinham. Durante tanto tempo perseverou nesse louvável costume que sua fama se espalhou não só pelo Levante, como também por quase por todo o Poente.

Mesmo avançado em idade, não estando ainda cansado de exercer a cortesia, eis que sua fama chegou aos ouvidos de um jovem chamado Mitrídanes, de região não muito distante da sua; este, percebendo que não era menos rico que Natan e sentindo inveja de sua fama e de sua virtude, decidiu anular ou ofuscar a liberalidade deste com outra maior. E, mandando construir um palácio semelhante ao de Natan, começou a dar mostras da mais descomedida hospitalidade jamais vista a quem quer que passasse por ali, indo ou vindo, e

desse modo se tornou sem dúvida muito famoso em pouco tempo.

Um dia, estava o jovem sozinho no pátio de seu palácio quando uma velhinha entrou por uma das portas e lhe pediu esmolas, recebendo-as; voltando pela segunda porta, pediu-lhe de novo esmolas, e outra vez as recebeu; e assim sucessivamente, até a décima segunda; ao voltar na décima terceira vez, Mitrídanes disse:

– Boa mulher, como são insistentes seus pedidos.

Mesmo assim deu-lhe a esmola.

A velhinha, ouvindo essas palavras, disse:

– Ó liberalidade de Natan, como és maravilhosa! Porque entrei pelas trinta e duas portas que há em seu palácio, como neste, pedi-lhe esmolas, ele nunca deu mostras de me reconhecer e sempre deu a esmola; aqui, aonde só vim treze vezes, fui reconhecida e reprovada.

E, assim falando, deu as costas e partiu sem mais voltar.

Mitrídanes, ouvindo as palavras da velha, considerou que o que se dizia da fama de Natan diminuía a sua, e, tomado de raivosa ira, começou a dizer:

– Ai de mim! Quando alcançarei a liberalidade de Natan nas grandes coisas, para não dizer ultrapassá-la, como quero, se nas pequeníssimas não consigo aproximar-me dele? Realmente, todos os meus esforços serão vãos se eu não o tirar deste mundo; e, visto que a velhice não o carrega, hei de eu sem demora fazê-lo com minhas próprias mãos.

E, erguendo-se com esse ímpeto, sem comunicar sua decisão a ninguém, montou a cavalo com pouca comitiva e três dias depois chegou ao local onde Natan morava. Como houvesse ordenado aos companheiros que não dessem mostras de estar com ele nem de conhecê-lo, e que obtivessem hospedagem até receberem outras ordens dele, ao chegar ali ao cair da tarde, ficou só e, não muito longe do belo palácio, encontrou Natan sozinho, a passear sem nenhum traje pomposo; como não o conhecia, perguntou-lhe se podia indicar onde Natan morava.

Natan respondeu alegre:

– Meu filho, não há neste lugar ninguém melhor que eu para indicar-lhe isso; portanto, eu o levarei até lá quando quiser.

O jovem disse que aquilo o deixava muito contente; mas que, se fosse possível, não queria ser visto nem conhecido por Natan. Natan disse:

– Também farei isso, já que assim o quer.

Mitrídanes apeou e foi a pé até o belo palácio em companhia de Natan, que entabulou com ele agradabilíssima conversa. Ali Natan ordenou que o cavalo do

jovem fosse levado por um de seus serviçais e, aproximando-se deste, disse-lhe ao ouvido que avisasse prontamente todos os moradores da casa de que ninguém deveria dizer ao jovem que ele era Natan; e assim foi feito. No interior do palácio, Mitrídanes foi posto num belíssimo aposento, onde ninguém ia vê-lo, a não ser aqueles que tinham sido incumbidos de servi-lo, e, atendendo-o com todas as honras, o próprio Natan lhe fazia companhia.

Durante aquela convivência, Mitrídanes, apesar de tratá-lo com a reverência devida a um pai, perguntou-lhe quem era ele. Natan respondeu:

– Sou um humilde servidor de Natan; da infância à velhice vivi com ele, e ele nunca fez nada para modificar o estado em que me vê; por isso, embora todos lhe façam muitos louvores, eu mesmo pouco posso louvá-lo.

Essas palavras deram a Mitrídanes alguma esperança de conseguir levar a efeito suas perversas intenções com mais ajuda e segurança. Então Natan lhe perguntou cortesmente quem ele era, e que motivo o levava lá, oferecendo-lhe orientação e auxílio no que lhe fosse possível. Mitrídanes demorou um pouco para responder e, por fim, decidindo confiar nele, com muitos rodeios pediu-lhe um juramento e depois orientação e ajuda; a seguir revelou inteiramente quem era, por que fora lá e o que o motivava.

Natan, ouvindo as palavras e as cruéis intenções de Mitrídanes, perturbou-se muito no íntimo, mas, sem hesitar, respondeu com decisão e rosto impassível:

– Mitrídanes, seu pai foi um homem nobre, e você não quis mostrar-se inferior a ele, pois a tão alta empresa se dedicou, qual seja, a de ser liberal com todos; e muito louvo a inveja que sente da virtude de Natan, porque, se de tais invejas houvesse muitas, o mundo, que é misérrimo, logo se tornaria bom. A intenção que me revelou permanecerá oculta sem dúvida, e para tanto posso dar-lhe útil orientação, mais que grande ajuda; e é o seguinte. Daqui, como pode ver, a cerca de meia milha há um bosquete por onde Natan, quase todas as manhãs, passeia sozinho por um bom tempo; ali será fácil encontrá-lo e fazer com ele o que quiser. Se o matar e quiser voltar sem obstáculos para casa, não pegue o caminho por onde chegou, mas vá por aquele que sai à esquerda do bosque, porque, embora seja um pouco mais selvagem, leva-o mais depressa à sua casa e é mais seguro.

Depois de receber a informação e de se despedir de Natan, Mitrídanes avisou cautelosamente os companheiros, que também estavam lá dentro, onde deveriam esperá-lo no dia seguinte. Mas, quando o novo dia raiou, Natan, não pretendendo fazer nada diferente do conselho que dera a Mitrídanes e não o modificando nem em parte, foi sozinho ao bosque, para morrer.

Mitrídanes levantou-se, pegou o arco e a espada – pois não tinha outras armas –, montou a cavalo e foi para o bosquete, onde viu de longe Natan passeando sozinho; então, decidido a vê-lo e ouvi-lo falar antes de atacar, correu até ele e, segurando-o pelo turbante que tinha na cabeça, disse:

– Velho, considere-se morto.

Natan nada respondeu, senão:

– Portanto, mereci.

Mitrídanes, ouvindo a voz e olhando o rosto, subitamente reconheceu ser aquele o homem que o recebera com benevolência, acompanhara amistosamente e aconselhara com lealdade; imediatamente o furor e a ira, arrefecidos, converteram-se em vergonha. Largando a espada, que já havia sacado para feri-lo, apeou do cavalo e, chorando, lançou-se aos pés de Natan, dizendo:

– Reconheço claramente sua liberalidade, caríssimo pai, ao ver com quanta sabedoria veio entregar-me seu espírito, de que me mostrei sequioso perante o senhor mesmo, e sem nenhuma razão; mas Deus, mais atento ao meu dever do que eu mesmo, no momento de maior necessidade abriu-me os olhos do intelecto, que a mísera inveja havia fechado. Por isso, na mesma medida em que o senhor se mostrou pronto a me comprazer, eu me reconheço merecedor de penitência por meu erro; use, pois, contra mim a vingança que considerar mais conveniente ao meu pecado.

Natan fez Mitrídanes ficar em pé e o abraçou e beijou com ternura, dizendo:

– Meu filho, para o seu ato, queira você dar-lhe a qualificação de malvado ou outra, não é preciso pedir nem dar perdão, pois você não queria executá-lo por ódio, e sim para poder ser mais considerado. Viva, pois, sem nada temer de mim, e esteja certo de que não há ninguém no mundo que o ame tanto quanto eu, por considerar a grandeza de suas intenções, que não é a de acumular dinheiro, como fazem os mesquinhos, mas a de gastar o que foi acumulado. E não se envergonhe de ter querido matar-me para tornar-se famoso, nem acredite que isso me admira. Os supremos imperadores e os grandes reis quase não se valeram de outra arte, senão a de matar (não um homem, como queria você, mas infinitos), a de incendiar terras e destruir cidades para ampliar seus reinos e, por conseguinte, sua fama; por isso, se para tornar-se mais famoso você quis matar a mim somente, não estava fazendo nada extraordinário, e sim algo muito usual.

Mitrídanes, não escusando seu desejo perverso, mas elogiando a honesta desculpa encontrada por Natan para ele, em conversa conseguiu dizer que estava extremamente admirado como Natan pudera dispor-se àquilo, dando-lhe meios e orientações. Então Natan disse:

– Mitrídanes, não quero que você se admire com minha orientação e minha disposição, porque, desde que me tornei dono de meu arbítrio e me dispus a fazer aquilo que você mesmo empreendeu fazer, nunca ninguém chegou à minha casa pedindo algo que eu não atendesse no que estivesse em meu poder. Você chegou desejando a minha vida e, por isso, quando ouvi seu pedido, para que não fosse o único a sair daqui sem ser atendido, logo decidi dá-la, e, para que pudesse tê-la, dei-lhe o conselho que acreditei ser bom para você ter a minha vida sem perder a sua; por isso digo-lhe de novo e peço-lhe que a tome, se quiser, para sair satisfeito: não conheço modo melhor de deixá-la transcorrer. Já a empreguei oitenta anos, usando-a em prazeres e consolações; e sei que, a seguir-se o curso da natureza, como fazem os outros homens e, em geral, todas as coisas, dela me sobrará pouco tempo; por isso, julgo muito melhor dá-la, como sempre dei e gastei meus tesouros, do que querer conservá-la por certo tempo até que ela me seja tolhida contra a vontade pela natureza. Doar cem anos é coisa pouca; doar seis ou oito anos que me restam é muito menos! Tome-a, portanto, se ela lhe agrada, eu lhe peço; porque, enquanto vivi, não encontrei ninguém que a desejasse, e não sei quando virei a encontrar alguém que a peça, se você não a levar. E, mesmo que por acaso encontre alguém, sei que, quanto mais a mantiver, mais ela perderá valor; por isso, antes que se torne barata demais, leve-a, por favor.

Mitrídanes, muito envergonhado, disse:

– Deus me livre de lhe tirar e tomar algo tão precioso como é sua vida, e até mesmo de desejá-la, como há pouco; ao contrário, se pudesse, eu não só não diminuiria seus anos como até os aumentaria, somando-lhes alguns meus.

Natan respondeu imediatamente:

– Se pudesse, gostaria de somar anos seus e me obrigar a fazer-lhe o que nunca fiz a ninguém, ou seja, pegar algo que é seu, se nunca peguei nada de ninguém?

– Sim – disse depressa Mitrídanes.

– Então – disse Natan – vai fazer o que eu lhe disser. Ficará em minha casa, jovem como é, e se chamará Natan; enquanto isso, irei para a sua casa e passarei a atender pelo nome de Mitrídanes.

Então Mitrídanes respondeu:

– Se eu soubesse fazer tudo tão bem como o senhor sabe e sempre soube, aceitaria sem muita hesitação aquilo que me oferece; mas, como me parece mais que certo que minhas obras serviriam para diminuir a fama de Natan, não pretendo estragar em outra pessoa aquilo que não sei arrumar em mim.

Essas e muitas outras palavras agradáveis foram sendo trocadas entre Natan e Mitrídanes até que Natan houve por bem voltarem juntos para o palácio; ali Natan hospedou Mitrídanes ainda por vários dias, com todas as honras, estimulando-o com seu engenho e saber a prosseguir em seu excelso e grandioso intento. Quando Mitrídanes quis retornar com sua comitiva, Natan deu-lhe a devida licença, depois de lhe ter dado a entender muito bem que em liberalidade nunca poderia sobrepujá-lo.

QUARTA NOVELA

Messer *Gentile de' Carisendi, chegando de Módena, tira da sepultura sua amada, que fora ali posta como morta; esta, depois de restabelecida, dá à luz um filho, e* messer *Gentile restitui a mulher e o filho a Niccoluccio Caccianimico, marido dela.*

A todos pareceu maravilhoso que alguém fosse liberal com seu próprio sangue; e afirmaram que Natan realmente sobrepujara a liberalidade do rei da Espanha e do abade de Cluny. Mas, depois de serem ditas muitas e diversas coisas, o rei olhou para Lauretta e lhe deu a entender que ela deveria prosseguir; assim, Lauretta começou prontamente.

– Jovens senhoras, foram magníficas e belas as coisas contadas, e a tal ponto foram alcançadas todas as alturas da generosidade, que parece não haver restado nada que possamos dizer neste nosso percurso de narrativas, a não ser que lancemos mão dos feitos de amor, que em todos os temas oferecem material abundante para narrativas. Assim, tanto por isso quanto, principalmente, pelo fato de nossa idade a tanto nos induzir, terei o prazer de contar um ato de magnanimidade de um apaixonado, que, a considerar-se tudo, não parecerá talvez menor que alguns aqui mostrados, se for verdade que é comum dar tesouros, esquecer inimizades e expor a mil perigos a própria vida, a honra e a fama, o que é muito mais, para conseguir ter a coisa amada.

Houve em Bolonha, nobilíssima cidade da Lombardia, um cavaleiro insigne em virtude e nobreza de sangue chamado *messer* Gentile Carisendi, que, ainda jovem, se apaixonou por uma fidalga chamada *madonna* Catalina, esposa de certo Niccoluccio Caccianimico; quase desesperado por não ser correspondido, ao ser nomeado podestade de Módena, para lá se foi.

Entrementes, Niccoluccio ausentou-se de Bolonha, e a esposa, que estava prenhe, ficou em uma de suas propriedades, a cerca de três milhas da cidade, onde, subitamente, foi acometida por um violento mal, de tal índole e tamanha força, que extinguiu nela qualquer sinal de vida, motivo pelo qual foi considerada morta também por algum médico; suas parentes mais próximas, dizendo que ela ainda não tinha atingido tempo de prenhez suficiente para a perfeição da criança, sepultaram-na sem outros cuidados, tal qual estava, num sepulcro de uma igreja próxima, depois de a prantearem.

O fato foi logo informado por um amigo a *messer* Gentile, que, apesar de tão

miseramente recompensado com os favores dela, sofreu muito e por fim pensou:

– Pois bem, *madonna* Catalina está morta; enquanto viveu, nunca consegui um único olhar seu; por isso, agora que não poderá defender-se, preciso roubar-lhe pelo menos um beijo, assim morta como está.

Dito isso, quando já era noite, dispôs tudo para que sua ida fosse secreta, montou a cavalo com um fâmulo e não parou enquanto não chegou ao local onde a mulher estava sepultada; aberta a sepultura, entrou com todo o cuidado e deitou-se ao lado dela, encostou seu rosto ao da mulher e beijou-o várias vezes, derramando muitas lágrimas. Mas, como o desejo dos homens – bem o sabemos – não tem limite para a satisfação e sempre quer mais e mais, especialmente o dos amantes, quando já tinha decidido que não ficaria mais, pensou de si para si: "Ah! Por que não lhe toco um pouco o peito, já que estou aqui? Nunca mais deverei tocá-la e nunca a toquei".

Vencido, portanto, por esse desejo, pôs a mão em seu seio e, mantendo-a lá por um pouco de tempo, teve a impressão de sentir que o coração batia um pouco. Então, desfazendo-se totalmente do medo, passou a procurar com mais atenção e descobriu que ela sem dúvida não estava morta, embora a vida fosse pouca e fraca. Por isso, com o máximo cuidado que pôde, ajudado por seu fâmulo, tirou-a do sepulcro e, pondo-a na parte da frente do cavalo, levou-a secretamente para sua casa em Bolonha.

Ali estava a mãe dele, valorosa e experiente senhora, que, ao ouvir tudo em pormenores, sentiu muita piedade e, calmamente, valendo-se do calor do fogo e de alguns banhos, restituiu a vida que na mulher definhava. Ao voltar a si, esta suspirou profundamente e disse:

– Ai de mim! Onde estou?

A brava senhora respondeu:

– Tranquilize-se, está em bom lugar.

Recobrando-se, olhou ao redor sem reconhecer bem onde estava e, vendo *messer* Gentile à sua frente, muito admirada pediu à mãe dele que lhe dissesse de que maneira tinha chegado lá; *messer* Gentile então lhe contou tudo. Ela, lamentando muito, depois de lhe agradecer da melhor maneira que pôde, pediu-lhe em nome do amor que ele já sentira por ela e em nome de sua cortesia que em casa dele ela não recebesse nada que deslustrasse sua honra e a do marido, e que, tão logo amanhecesse, a deixassem voltar para casa.

Messer Gentile respondeu:

– Qualquer que tenha sido meu desejo no passado, e ainda que Deus me tenha concedido a graça de trazê-la da morte à vida (sendo a razão disso o amor

que lhe tive), não pretendo agora nem nunca no futuro, nem aqui nem em outro lugar, tratá-la de outro modo que não seja como irmã querida; mas o beneficio que lhe fiz esta noite merece alguma recompensa; por isso, gostaria que a senhora não me negasse um favor que lhe pedirei.

A mulher respondeu benevolamente que estava preparada, desde que estivesse ao seu alcance e o pedido fosse decoroso. *Messer* Gentile disse:

– Todos os seus parentes e todos os bolonheses acreditam e têm por certo que a senhora está morta, portanto ninguém mais a espera em casa; por isso, peço-lhe a gentileza de fazer-nos o favor de ficar em segredo aqui com minha mãe até que eu volte de Módena, o que ocorrerá em breve. E a razão de lhe pedir isso é que, diante dos melhores cidadãos desta cidade, pretendo oferecê-la a seu marido como um precioso e solene presente.

A mulher, sentindo-se reconhecida ao cavaleiro e percebendo que o pedido era decoroso, embora desejasse muito alegrar os parentes mostrando que estava viva, dispôs-se a fazer o que *messer* Gentile pedia e prometeu fazê-lo. Mal tinham acabado de trocar essas palavras, ela sentiu que chegara a hora do parto; assim, com a terna ajuda da mãe de *messer* Gentile, não demorou muito para que ela desse à luz um belo menino, o que mais que multiplicou a alegria de *messer* Gentile e dela. *Messer* Gentile dispôs todas as coisas que se faziam necessárias e, ordenando que a servissem como se fosse sua própria mulher, voltou secretamente para Módena.

Cumprido o tempo de seu ofício, ele preparou tudo para que, na manhã em que tivesse de entrar em Bolonha, fosse oferecido em sua casa um grande e belo banquete a muitos fidalgos da cidade, entre os quais Niccoluccio Caccianimico. Nessa manhã voltou, apeou e, encontrando-se com muitos deles, vendo também que a mulher estava mais bonita e mais sadia que nunca e que seu filho passava bem, com alegria incomparável levou seus convivas à mesa e serviu-lhes magnificamente diversos pratos.

Quando se aproximava o fim da refeição – tendo ele já antes dito à mulher o que pretendia fazer e combinado com ela o modo como devia comportar-se –, começou a dizer o seguinte:

– Senhores, lembro-me de ter ouvido dizer certa vez que na Pérsia há um uso, a meu ver muito agradável, que é o seguinte: quando alguém quer honrar eminentemente um amigo, convida-o para ir à sua casa e ali lhe mostra uma coisa, a mulher, uma amiga ou uma filha, ou seja, algo que considere muito precioso, afirmando que, se pudesse, assim como lhe mostra aquilo, lhe mostraria seu coração; esse uso eu pretendo observar aqui em Bolonha. Portanto,

quero fazer aos senhores, que gentilmente compareceram ao meu banquete, as honras da casa à moda persa, mostrando-lhes a coisa mais prezada que tenho no mundo ou que virei jamais a ter. Mas, antes de fazer isso, peço-lhes que me digam o que pensam de uma dúvida que lhes exporei. Digamos que alguém tenha em casa um bom e fidelíssimo servidor, e que este fique gravemente doente; essa pessoa, sem esperar o fim do criado doente, manda que o ponham no meio da rua, sem lhe dispensar mais cuidados; passa um estranho, fica condoído, leva o doente para casa e com grande solicitude e gastos restitui-lhe a saúde. Eu gostaria de saber agora se o primeiro senhor tem o direito de queixar-se ou de reclamar do segundo se este conservar o criado e usar seus serviços e não quiser devolvê-lo caso o primeiro o peça de volta.

Os fidalgos, depois de trocarem ideias, chegaram todos a uma mesma conclusão, e Niccoluccio Caccianimico, que sabia falar com beleza e ornamento, foi incumbido de dar a resposta. Este, depois de elogiar o costume da Pérsia, disse que, assim como os outros, era de opinião de que o primeiro senhor não tinha mais direito algum ao seu criado, pois não só o abandonara naquela situação como também o jogara na rua; e que, em vista dos benefícios feitos pelo segundo senhor, parecia justo que a ele passasse a pertencer o criado, porque mantê-lo não representava dano, violência ou injúria para o primeiro. Os outros todos que estavam às mesas, homens de valor, disseram unanimemente que concordavam com o que Niccoluccio respondera.

O cavaleiro, contente com a resposta e com o fato de ela ter sido dada por Niccoluccio, afirmou que aquela também era sua opinião; depois disse:

– Chegou a hora de obsequiá-los conforme prometi.

E, chamando dois criados, mandou-os ir ter com a mulher (que ele fizera vestir e ornar maravilhosamente) e pedir-lhe que fizesse o favor de vir alegrar os fidalgos com sua presença. Ela, tomando nos braços o lindo filhinho e acompanhada por dois criados, veio até a sala e, conforme quis o cavaleiro, sentou-se ao lado de um bravo homem; então ele disse:

– Senhores, é isto o que tenho de mais valioso e pretendo ter; olhem e digam se não tenho razão.

Os fidalgos, reverenciando-a e elogiando-a muito, disseram ao cavaleiro que devia tê-la por preciosa, e começaram a observá-la; muitos lá teriam dito quem ela era de fato, caso não achassem que estaria morta. Quem mais a olhava, porém, era Niccoluccio, que estava ansioso por saber quem era, e, havendo o cavaleiro se afastado um pouco, não podendo conter-se, perguntou-lhe se era bolonhesa ou estrangeira. A mulher, ao ouvir a pergunta do próprio marido, a

muito custo se absteve de responder e, para obedecer à ordem que lhe fora dada, calou-se. Um outro lhe perguntou se aquele menino era seu filho, e outro, se ela era mulher de *messer* Gentile ou alguma sua parenta; e ela não deu resposta a nenhuma dessas perguntas.

Quando *messer* Gentile voltou, alguns dos convivas disseram:

– Senhor, ela é belíssima, mas parece muda; é muda mesmo?

– Senhores – disse *messer* Gentile –, o fato de não ter falado agora é um sinal nada pequeno de sua virtude.

– Diga então o senhor – prosseguiu o outro – quem ela é.

O cavaleiro disse:

– Vou dizer de bom grado, mas devem prometer-me que, diga eu o que disser, ninguém se moverá do seu lugar até eu terminar o que tenho para contar.

Depois que todos prometeram, as mesas foram retiradas, e *messer* Gentile, sentando-se ao lado da mulher, disse:

– Senhores, esta mulher é como aquele leal e fiel servidor, sobre o qual há pouco fiz a pergunta; pouco prezada pelos seus, jogada no meio da rua como algo sem valor e utilidade, foi por mim recolhida, e por meus esforços e obras arrebatada às mãos da morte; e Deus, considerando minha boa afeição, livrou-a do assustador estado cadavérico e a tornou assim bela. Mas, para que os senhores entendam melhor como isso aconteceu, esclarecerei tudo em poucas palavras.

E, começando pelo amor que sentia por ela, contou o que ocorrera até então, para grande admiração dos ouvintes; depois acrescentou:

– Por todas essas coisas, se não tiverem mudado de opinião, principalmente Niccoluccio, essa mulher merece ser minha, e ninguém terá o direito de pedi-la de volta.

A isso ninguém respondeu; aliás, todos esperavam o que ele deveria dizer depois. Niccoluccio, alguns dos presentes e a mulher choravam de emoção; mas *messer* Gentile, pondo-se em pé, tomando a criancinha nos braços e a mulher pela mão, foi em direção a Niccoluccio e disse:

– Levante-se, compadre, não lhe devolvo a esposa, que seus parentes e os dela atiraram fora; mas venho entregar-lhe esta mulher que é minha comadre, com o filhinho que, estou seguro, foi gerado por você e eu batizei com o nome de Gentile; e peço-lhe que não a preze menos por ter ela estado em minha casa quase três meses; pois juro-lhe pelo mesmo Deus que talvez tenha infundido em mim a paixão por ela – para que o meu amor fosse, como de fato foi, razão de sua salvação – que ela nunca viveu com mais honradez junto ao pai, à mãe ou ao

marido do que tem vivido junto à minha mãe em minha casa.

E, dito isso, voltou-se para a mulher e disse:

– Senhora, está dispensada da promessa que me fez e livre para ficar com Niccoluccio.

E, entregando a mulher e a criança nos braços de Niccoluccio, voltou a sentar-se.

Niccoluccio recebeu a mulher e o filho com muito afeto e com uma felicidade tanto maior quanto menor era a esperança de revê-los; depois, agradeceu ao cavaleiro da melhor forma que pôde e soube; e os outros, que choravam de emoção, louvaram-no muito por aquilo, e seu ato foi elogiado por todos quantos souberam dele. A mulher foi recebida em casa com muita festa e, como se tivesse ressuscitado, foi olhada com admiração durante muito tempo pelos bolonheses; e *messer* Gentile continuou amigo de Niccoluccio, de seus parentes e dos parentes da mulher.

Que dirão as benevolentes senhoras? Acharão que um rei que deu o cetro e a coroa, um abade que, sem nada gastar, reconciliou um malfeitor e o papa ou um velho que pôs o pescoço ao alcance do cutelo do inimigo podem ser equiparados a *messer* Gentile naquilo que ele fez? Porque ele, sendo jovem e ardente, achando ter direito àquilo que por displicência alheia tinha sido jogado fora e que, por sorte, ele recolhera, não só temperou com honestidade o seu ardor como também restituiu generosamente, quando já o tinha, aquilo que ele costumava desejar e se empenhava em roubar. Sem dúvida, nenhuma das histórias já contadas me parece semelhante a esta.

QUINTA NOVELA

Madonna *Dianora pede a* messer *Ansaldo um jardim de janeiro bonito como de maio.* Messer *Ansaldo lhe dá esse jardim, assumindo compromisso com um nigromante. O marido dá à mulher licença para satisfazer o desejo de* messer *Ansaldo, que, ao saber da liberalidade do marido, a libera da promessa; e o nigromante, sem querer nada, libera Ansaldo.*

Todos da feliz companhia já tinham alçado *messer* Gentile ao céu, com grandes louvores, quando o rei impôs a Emília que prosseguisse, e ela começou animadamente, como que ansiosa por narrar.

– Delicadas senhoras, ninguém terá razão em afirmar que *messer* Gentile não agiu com magnanimidade, mas, se alguém quisesse dizer que é impossível magnanimidade maior que a sua, não será difícil mostrar que é possível; é o que pretendo contar com uma historieta.

Em Friuli, terra um tanto fria, aprazível e cheia de belas montanhas, rios e límpidas nascentes, há uma cidade chamada Udine, onde viveu outrora uma mulher bela e nobre, chamada *madonna* Dianora, esposa de um homem riquíssimo cujo nome era Gilberto, de aparência agradável e alegre. A referida mulher, por seu valor, mereceu ser amada com fervor por um nobre e importante varão chamado *messer* Ansaldo Gradense, homem de alta condição, conhecido em todos os lugares por seus feitos nas armas e por sua cortesia. Amando-a ardentemente, fazia tudo o que podia para ser também amado e, para tanto, em vão se esforçava, solicitando-a frequentemente por intermediários. A mulher, achando penosas as solicitações do cavaleiro e vendo que, apesar de negar tudo o que ele lhe pedia, nem por isso ele deixava de amá-la e de solicitá-la, imaginou livrar-se dele com um novo pedido, a seu ver impossível de ser atendido.

Certo dia disse a uma mulher que ia à sua casa com frequência:

– Boa mulher, você me disse várias vezes que *messer* Ansaldo me ama acima de todas as coisas e ofereceu-me maravilhosos presentes de sua parte; quero que ele fique com esses presentes, pois por eles eu nunca iria amá-lo nem satisfazer seus desejos; e, se eu pudesse ter certeza de que ele me ama tanto quanto você diz, sem dúvida passaria a amá-lo e a fazer o que ele quisesse; por isso, se ele quisesse comprovar esse amor com o que eu lhe pedisse, estaria pronta a atender às suas ordens.

Disse a boa mulher:

– O que quer que ele faça, senhora?

A mulher respondeu:

– O que desejo é o seguinte. Quero, no próximo mês de janeiro, nas proximidades desta cidade, um jardim cheio de relva verde, flores e árvores frondosas, exatamente como se fosse maio; e, se ele não fizer isso, que nunca mais me mande aqui você nem ninguém; porque, se continuar insistindo, eu, que até agora escondi tudo de meu marido e de meus parentes, iria me queixar a eles e faria de tudo para livrar-me dele.

O cavaleiro, ouvindo o pedido e a oferta da mulher, embora achasse aquilo difícil e quase impossível de fazer e tivesse certeza de que a solicitação tinha como único objetivo acabar com todas as suas esperanças, propôs-se tentar, apesar de tudo, fazer o que fosse possível; e mandou gente a várias partes do mundo, procurando saber se era possível encontrar alguém que lhe desse ajuda ou orientação; então, chegou-lhe às mãos alguém que, se bem pago, se oferecia para fazer aquilo por meio da arte da nigromancia. *Messer* Ansaldo, combinando com ele um preço altíssimo, esperou alegre o prazo fixado. Chegada a data marcada, quando o frio estava forte e tudo se enchia de neve e gelo, o competente homem, com suas artes, obrou de tal modo durante a noite anterior às calendas de janeiro que pela manhã surgiu, num belíssimo prado perto da cidade (o que foi pessoalmente testemunhado por muitos), um dos mais belos jardins que jamais se viu, com relva, árvores e frutos de todos os tipos. Quando *messer* Ansaldo o viu, felicíssimo, mandou colher dos mais belos frutos e das mais belas flores que lá havia e, às escondidas, mandou-os de presente à mulher, convidando-a a ir ver o jardim que pedira, para que assim tivesse certeza de que ele a amava, pudesse lembrar-se da promessa feita e selada com juramento, e, como leal mulher que era, procurasse cumprir a promessa.

A senhora, que já tinha recebido de muita gente a notícia do maravilhoso jardim, vendo as flores e os frutos, começou a se arrepender da promessa. Mas, apesar do arrependimento, desejosa de ver coisas extraordinárias, foi com muitas outras mulheres da cidade apreciar o jardim e, elogiando-o com muita admiração, voltou para casa triste como ninguém, pensando no que era obrigada a fazer por causa daquilo. E a dor foi tamanha, que não se escondeu muito bem no seu íntimo e acabou vindo para fora; o marido, percebendo, quis de todas as maneiras saber qual a razão daquilo. A mulher, por vergonha, calou durante muito tempo até que, no fim, foi obrigada a contar-lhe tudo pormenorizadamente.

Gilberto, ao ouvir, primeiramente ficou muito irritado; depois, considerando a pureza de intenções da mulher, pensou melhor, livrou-se da ira e disse:

– Dianora, não é atitude de mulher prudente e honesta dar ouvidos a mensageiros desse tipo nem negociar em condição nenhuma e com ninguém a própria castidade. As palavras que pelos ouvidos entram no coração têm muito mais força do que muitos imaginam, e aos amantes quase tudo se torna possível. Portanto, fez mal primeiramente em ouvir e depois em fazer tratos; mas, como conheço a pureza de suas intenções, para livrá-la do vínculo da promessa, vou lhe permitir fazer o que talvez nenhum outro permitiria, também induzido pelo medo do nigromante, que, a pedido de *messer* Ansaldo, poderia nos tornar infelizes, caso você o burlasse. Quero que você vá ter com ele e que, de algum modo, tente fazer que ele a dispense dessa promessa e preserve a sua honradez; e, se isso não for possível, que desta vez você lhe conceda o corpo, mas não a alma.

A mulher, ouvindo o marido, chorava e se negava a aceitar dele aquela concessão. Apesar de tanta recusa da mulher, Gilberto quis que fosse daquele modo. Por isso, quando amanheceu, no romper da aurora, sem se adornar muito, saindo com dois fâmulos à frente e uma camareira atrás, a mulher foi para a casa de *messer* Ansaldo.

Este, ao saber que ela vinha ter com ele, ficou muito admirado e, levantando-se e chamando o nigromante, disse:

– Quero que veja o grande bem que sua arte me permitiu conquistar.

E, indo ao seu encontro, sem se deixar vencer por nenhum desejo descontrolado, recebeu-a com reverência e honradez, entrando todos num belo aposento em que havia uma grande lareira; e, pedindo-lhe que sentasse, disse:

– Se o prolongado amor que sempre nutri pela senhora merecer alguma recompensa, peço-lhe que não se aborreça de me revelar a verdadeira razão pela qual veio aqui a esta hora e com semelhante companhia.

A mulher, envergonhada e quase com lágrimas nos olhos, respondeu:

– Não é amor que sinta pelo senhor nem promessa feita que me trazem aqui, mas sim a ordem de meu marido; pois ele, tendo mais respeito pelos esforços de seu descontrolado amor que à sua própria honra e à minha, obrigou-me a vir; e por ordem dele estou disposta a atender desta vez todas as suas vontades.

Messer Ansaldo, se antes se admirava, ao ouvir a mulher começou a admirar-se muito mais; e a comoção com a liberalidade de Gilberto fez seu fervor começar a transformar-se em compaixão; e ele disse:

– Se é como diz a senhora, não permita Deus que eu seja responsável por

deslustrar a honra de quem tem compaixão de meu amor; por isso, pelo tempo em que desejar ficar aqui, ficará tal qual se minha irmã fosse, e, quando tiver vontade de ir, poderá partir livremente, com a condição de agradecer a seu marido, da maneira que acreditar ser mais conveniente, a grande cortesia de que usou, dizendo-lhe que deverá ter-me sempre no futuro como irmão e servidor.

A mulher, ao ouvir essas palavras, mais feliz que nunca, disse:

– Considerando os seus costumes, nada jamais poderia levar-me a crer que de minha vinda aqui resultaria algo diferente daquilo que o vejo fazer, e por isso eu lhe serei sempre grata.

E, despedindo-se, voltou para Gilberto honrosamente acompanhada e contou-lhe o que acontecera; e isso o uniu a *messer* Ansaldo com estreitíssima amizade.

O nigromante, a quem *messer* Ansaldo se preparava para dar a prometida recompensa, ao ver a liberalidade de Gilberto para com *messer* Ansaldo e a de *messer* Ansaldo para com a mulher, disse:

– Não permita Deus que eu deixe de também ser liberal com a minha recompensa, depois de ter visto a liberalidade de Gilberto com sua honra e a sua com seu amor; e por isso, sei que é justo que essa recompensa fique com o senhor.

O cavaleiro vexou-se muito e tentou por todos os meios fazê-lo ficar com tudo ou com parte; mas esforçou-se em vão; o nigromante, depois do terceiro dia, retirou o seu jardim e, havendo por bem ir embora, recomendou-o a Deus. E, extinto no coração de *messer* o amor concupiscente pela mulher, nele se acendeu o afeto honesto.

Que dizer neste caso, amorosas senhoras? Preferiremos a mulher quase morta e o amor já arrefecido pela tíbia esperança a essa liberalidade de *messer* Ansaldo, que amava mais ardentemente que nunca e estava sendo mais inflamado pela esperança ao ter nas mãos a presa que tanto perseguira? Acho que seria uma tolice acreditar que aquela liberalidade possa ser comparada a esta.

SEXTA NOVELA

O rei Carlos, o Velho, vitorioso, apaixona-se por uma jovenzinha; envergonhado do seu pensamento insensato, casa honrosamente a jovem e uma de suas irmãs.

Quem poderia contar todos os vários argumentos trocados entre as senhoras, para saber de quem fora a maior liberalidade, se de Gilberto, se de *messer* Ansaldo ou se do nigromante, em torno dos eventos de *madonna* Dianora? Seria longo demais. Mas, depois de permitir que se discutisse um pouco, o rei olhou para Fiammetta e ordenou-lhe que, contando sua história, pusesse fim àquela discussão; e ela, sem demora, começou.

– Esplêndidas senhoras, sempre fui de opinião de que nos grupos como o nosso se deve conversar com muita largueza, para que a excessiva restrição do assunto tratado não dê ensejo a disputas, o que é muito mais conveniente em escolas, entre estudiosos, do que entre nós, a quem bastam a roca e o fuso. Por isso eu, que talvez tivesse em mente alguma história capaz de suscitar discussões, vendo as senhoras em disputa pelas que já foram narradas, deixo-a de lado e passo a contar uma, não sobre um homem de pouca importância, e sim sobre um rei valoroso, narrando o que ele fez generosamente sem deslustrar de modo algum a sua honra.

Cada uma das senhoras deve ter ouvido frequentes menções ao rei Carlos, o Velho, ou Primeiro, cujos magníficos cometimentos, com gloriosa vitória sobre o rei Manfredo, posteriormente, expulsaram os gibelinos de Florença e trouxeram de volta os guelfos. Por esse motivo, um cavaleiro, chamado *messer* Neri degli Uberti, saiu de Florença com toda a família e muito dinheiro, e, não desejando ir para outro lugar senão para onde ficasse sob a proteção direta do rei Carlos, foi para Castellammare di Stabia, lugar ermo onde viveria sossegado até o fim da vida; ali, a uma distância de aproximadamente um tiro de balestra das outras habitações da cidade, entre oliveiras, amendoeiras e castanheiras, que na região abundam, comprou uma propriedade na qual construiu uma bela e confortável mansão, instalando ao lado dela um jardim aprazível, em cujo centro – como havia muita água corrente – fez, à moda florentina, um belo e límpido viveiro, enchendo-o facilmente de muitos peixes.

E a nada mais se dedicava, senão a tornar mais bonito o seu jardim a cada dia, quando o rei Carlos foi a Castellammare para descansar um pouco no tempo

quente; ali, ouvindo falar da beleza do jardim de *messer* Neri, teve vontade de vê-lo. E, ao saber de quem era, conjecturou que, sendo o cavaleiro do partido contrário ao seu, mais amizade com ele deveria criar; assim, mandou dizer-lhe que na noite seguinte iria com quatro acompanhantes, sem nenhuma pompa, jantar com ele em seu jardim. *Messer* Neri ficou muito feliz, preparou tudo magnificamente e, dispondo com todos os serviçais o que deveria ser feito, recebeu o rei em seu belo jardim da maneira mais alegre que pôde e soube. O rei, depois de ver e elogiar todo o jardim e a casa de *messer* Neri, lavou as mãos e sentou-se a uma das mesas que haviam sido postas ao lado do viveiro, ordenando ao conde Guido di Monforte, que era um de seus acompanhantes, que se sentasse ao lado dele, e a *messer* Neri, do outro lado; aos outros três que com ele tinham ido ordenou que fossem servidos segundo as disposições de *messer* Neri. Os alimentos eram delicados, e os vinhos, ótimos e preciosos, com um serviço primoroso e admirável, sem ruídos nem incômodos; o rei elogiou muito.

Estava ele a comer feliz, sentindo o prazer daquele lugar solitário, quando entraram no jardim duas jovenzinhas de aproximadamente quatorze anos cada uma, sobre cujos cabelos, louros como fios de ouro, encaracolados e soltos, havia uma pequena e leve guirlanda de pervinca; seus rostos pareciam mais de anjos que de outra coisa, tão delicados e belos eram; cada uma usava sobre a pele um vestido de linho finíssimo, branco como neve, estreitíssimo da cintura para cima e largo da cintura para baixo, como se fosse um pavilhão, longo até os pés. A que vinha na frente trazia nos ombros um par de enxalavares, seguros com a mão esquerda, e na direita trazia um pau comprido. A outra, que vinha atrás, trazia no ombro esquerdo uma frigideira, debaixo daquele mesmo braço um pequeno feixe de lenha, na mão esquerda uma trempe e na outra mão um vaso de azeite e uma tochinha acesa. O rei, ao vê-las, admirou-se e ficou esperando para ver o que aquilo queria dizer.

As jovens, adiantando-se com recato e timidez, fizeram reverência ao rei; depois, foram para o lugar por onde se entrava no viveiro, e aquela que levava a frigideira a depositou no chão junto com as outras coisas, pegou o pau que a outra levava, e ambas entraram no viveiro, cuja água lhes chegava ao peito. Um dos criados de *messer* Neri prontamente acendeu o fogo ali, apoiou a frigideira na trempe, pôs nela azeite e começou a esperar que as jovens lhe jogassem peixes. Enquanto isso, uma delas esquadrinhava os lugares onde sabia que os peixes se escondiam, e a outra punha a postos os enxavalares; assim, para enorme prazer do rei, que olhava aquilo atentamente, em pequeno espaço de tempo pegaram muitos peixes e os jogaram ao criado, que os punha quase vivos

na frigideira; depois, cumprindo instruções que lhes haviam sido dadas, elas começaram a pegar os peixes mais bonitos e a jogá-los sobre a mesa, diante do rei, do conde Guido e do pai. Os peixes deslizavam por sobre a mesa, e o rei, que com aquilo tinha imenso prazer, pegava alguns e os jogava de volta cortesmente às moças; e assim algum tempo brincaram, até que o criado cozeu todos os peixes que lhe haviam sido dados, o que foi posto diante do rei, conforme ordenado por *messer* Neri, mais para servir de petisco do que de prato precioso ou requintado.

As garotas, vendo o peixe cozido, depois de pescarem muito, saíram do viveiro com quase todo o fino vestido grudado ao corpo, sem que se ocultasse quase nada de suas delicadas formas; e, retomando cada uma as coisas que haviam trazido, passaram timidamente diante do rei e voltaram para casa. O rei, o conde e os outros que serviam haviam observado muito as jovenzinhas, e todos as louvavam no íntimo pela beleza do rosto e do corpo, bem como por serem amáveis e educadas; no entanto, era o rei que mais tinha gostado delas. Examinara tão atentamente todas as partes do corpo das duas, enquanto saíam da água, que, se porventura naquele momento alguém lhe desse uma ferroada, ele não teria sentido. E, relembrando-as, sem saber quem eram nem como, sentiu que no coração lhe nascia um ardente desejo de agradá-las, percebendo assim que se apaixonaria, se não tomasse cuidado, e nem sabia sequer de qual das duas gostava mais, tão parecidas eram ambas em tudo.

Mas, depois de cismar certo tempo nessas coisas, voltou-se para *messer* Neri e lhe perguntou quem eram as duas donzelas; *messer* Neri respondeu:

– Essas são minhas filhas, nascidas de um mesmo parto; uma se chama Ginevra, a Bela, e o outra, Isotta, a Loura.

O rei as elogiou muito, incentivando-o a casá-las. *Messer* Neri escusou-se de não poder fazer mais que aquilo.

Entrementes, como nada mais faltava à ceia, senão as frutas, as duas jovenzinhas vieram envergando belíssimas túnicas de cendal e trazendo nas mãos duas enormes bandejas de prata, cheias de frutos vários da estação, que depositaram na mesa diante do rei. Feito isso, afastaram-se um pouco e começaram a cantar uma canção, cujas primeiras palavras são:

“Aonde cheguei, Amor,

contar não poderei tão longamente,”

com tanta meiguice e de forma tão agradável que o rei, olhando-as e ouvindo-as com deleite, tinha a impressão de que todas as hierarquias angelicais haviam ali descido para cantar. E, dizendo isso, ajoelharam-se e reverentemente

pediram licença para retirar-se; o rei, apesar de contrariado com a partida delas, deu-lhes licença alegremente. Terminada a ceia, o rei e seus acompanhantes montaram a cavalo, despediram-se de *messer* Neri e, conversando sobre uma coisa e outra, voltaram à régia morada.

O rei, apesar de ocultar seus sentimentos, por mais que sobreviessem acontecimentos importantes, não conseguia esquecer a beleza e a amabilidade de Ginevra, a Bela, graças a cujo amor amava também a irmã, que tanto se parecia com ela; e de tal modo ficou preso no visco do amor que quase não conseguia pensar em outra coisa; e, pretextando diversas razões, mantinha estreita amizade com *messer* Neri e visitava com bastante frequência seu belo jardim para ver Ginevra. E, como já não conseguisse aguentar, sem saber encontrar outro modo de agir, veio-lhe à mente a ideia de arrebatar ao pai não só uma das jovens, mas as duas; então revelou seu amor e sua intenção ao conde Guido.

Este, que era homem de valor, disse-lhe:

– Muito me admira o que diz Vossa Majestade, e em mim o espanto é maior do que em qualquer outro por achar que conheci melhor que ninguém os seus costumes desde a juventude até esta data. E, por me parecer que, na sua juventude, quando o amor deveria fincar-lhe as garras com mais facilidade, Vossa Majestade nunca conheceu esse tipo de paixão, ouvi-lo dizer, agora já tão próximo da velhice, que está tomado de amor soa-me tão extraordinário e tão estranho, que quase me parece um milagre; e, se me coubesse repreendê-lo, sei muito bem o que lhe diria, considerando que ainda está em pé de guerra no reino recém-conquistado, em meio a um povo não conhecido e cheio de enganos e traições, inteiramente entregue a graves cuidados e importantes questões, sem ter nem sequer ainda conseguido sentar-se, e mesmo assim, em meio a tantas coisas, deu lugar ao amor lisonjeiro. Isso não é atitude de rei magnânimo, mas de jovem pusilânime. Além disso – o que é muito pior –, Vossa Majestade se diz decidido a arrebatar as duas filhas ao pobre cavaleiro, que o recebeu em casa com honras superiores às suas posses, e que, para honrá-lo ainda mais, mostrou-lhe as duas filhas quase nuas, provando que lhe tinha inteira confiança, e que acreditava piamente estar diante de um rei, e não de um lobo rapace. Ora, terá sumido tão depressa de sua memória que foram as violências cometidas por Manfredo contra as mulheres que lhe abriram as portas deste reino? Que traição se terá cometido mais digna de eterno suplício que essa, de roubar honra, esperança e consolo a quem o venera? O que se diria de Vossa Majestade, se isso fosse feito? Talvez lhe pareça escusa suficiente dizer: “Fiz isso porque ele é gibelino”. Ora, acaso é da justiça dos reis tratar assim aqueles que recorrem à sua proteção,

sejam eles quem forem? Lembro-lhe, Majestade, a imensa glória que foi vencer Manfredo e derrotar Corradino, porém muito maior glória é vencer a si mesmo; por isso, Vossa Majestade, que deve reinar sobre os outros, precisa vencer-se a si mesmo e refrear esse ímpeto, sem pôr a perder com essa mácula aquilo que conquistou tão gloriosamente.

Essas palavras feriram amargamente a alma do rei e tanto mais o afligiram quanto mais verdadeiras sabia que eram; por isso, depois de um ardente suspiro, ele disse:

– Conde, sem dúvida considero que, para o guerreiro bem treinado, qualquer inimigo, por mais forte que seja, é mais fraco e fácil de vencer que seus próprios desejos; mas, embora o sofrimento seja grande e a força precise ser incalculável, suas palavras me pungiram de tal modo que não se passarão muitos dias para que lhe mostre com ações que, assim como sei vencer os outros, também sei impor-me a mim mesmo.

Não muitos dias depois dessas palavras, o rei voltou a Nápoles e, fosse com o fim de não ter ensejo para ações vis, fosse para premiar o cavaleiro pelas honras recebidas em sua casa, por mais duro que lhe parecesse dar a outrem aquilo que ele mais desejava para si, dispôs-se a casar as duas jovens, não como filhas de *messer* Neri, e sim como suas próprias filhas. E, para grande alegria de *messer* Neri, ele as dotou magnificamente sem demora, casando Ginevra, a Bela, com *messer* Maffeo dei Palizzi, e Isotta, a Loura, com *messer* Guiglielmo della Magna, nobres cavaleiros e altos varões, ambos; e, entregando-lhes as duas, partiu para a Apúlia sentindo uma dor inenarrável, e com labutas contínuas tanto e de tal modo mortificou seu atroz desejo que, despedaçadas e rebentadas as cadeias amorosas, pelo tempo que ainda viveria ficou livre daquela paixão.

Talvez haja quem diga que nada há de grandioso em um rei casar duas jovens; e eu concordo; porém direi que sua ação foi muito grandiosa se considerarmos que quem a cometeu foi um rei apaixonado, casando com outrem aquela que ele amava, sem tentar extrair do seu amor fronde, flores ou frutos. Desse modo, o rei magnânimo agiu premiando dignamente o nobre cavaleiro, honrando louvavelmente as jovens amadas e vencendo a si mesmo arduamente.

SÉTIMA NOVELA

O rei Pedro, percebendo o ardente amor de Lisa por ele, que a faz adoecer, vai confortá-la e lhe dá um fidalgo por marido; e, depois de beijá-la na fronte, passa a ser seu cavaleiro.

Quando Fiammetta chegou ao fim de sua história, foi muito elogiada a viril magnanimidade do rei Carlos (menos por uma delas, que era gibelina e não desejava elogiá-lo), e então Pampineia começou, após receber ordem do rei.

– Respeitáveis senhoras, não haveria pessoa atilada que não dissesse o que estão agora dizendo sobre o bom rei Carlos, a não ser esta, que lhe quer mal por outros motivos; mas acode-me à memória um ato talvez não menos elogiável que esse, realizado por um adversário dele para com uma nossa jovem florentina, e é isso o que gostaria de lhes contar.

No tempo em que os franceses foram expulsos da Sicília, havia em Palermo um boticário florentino chamado Bernardo Puccini, homem riquíssimo que tivera de sua mulher uma única filha, belíssima e já em idade núbil. Foi quando o rei Pedro de Aragão, tornando-se senhor da ilha, deu uma festa em Palermo com a presença de seus barões. Estava ele nessa festa participando de torneios à moda catalã quando a filha de Bernardo, cujo nome era Lisa, o viu em meio à justa, de uma janela onde estava com outras mulheres, e gostou dele de um modo tão extraordinário que, olhando-o mais outras vezes, acabou por apaixonar-se perdidamente.

Terminada a festa, ela voltou para a casa do pai, onde não conseguia pensar em outra coisa, senão naquele seu magnífico e nobre amor. E o que mais a magoava nisso tudo era a consciência da sua ínfima condição, que não lhe permitia ter esperança de final feliz; mas nem por isso queria desistir de amar o rei e, temendo maior sofrimento, não ousava manifestá-lo. O rei não o percebera, nem se preocupava com nada disso, o que lhe causava uma dor intolerável, maior que tudo o que se possa imaginar. Foi desse modo que, crescendo nela incessantemente aquele amor e somando-se uma melancolia à outra, a bela jovem não resistiu e ficou doente, consumindo-se a olhos vistos dia após dia, como neve ao sol. O pai e a mãe, sofrendo muito com esse acontecimento, ajudavam-na como podiam, dando-lhe conforto contínuo, médicos e remédio, mas tudo em vão, pois ela, desesperando de seu amor, decidira que deixaria de viver.

Foi então que o pai lhe disse que faria todas as suas vontades, e ela teve a ideia de arranjar uma maneira adequada de, antes de morrer, levar ao conhecimento do rei seu amor e sua decisão; por isso, um dia lhe pediu que mandasse chamar Minuccio d'Arezzo. Naquela época, Minuccio era considerado excelente cantor e tocador, muito benquisto pelo rei Pedro, e Bernardo achou que Lisa queria ouvi-lo tocar e cantar um pouco; por isso, mandou-lhe o recado, e ele, que era muito amável, foi até lá imediatamente; e, depois de confortá-la durante algum tempo com palavras carinhosas, tomou da viola206 e tocou delicadamente algumas estampidas, cantando depois algumas canções; e essas coisas, com que ele acreditava consolar a jovem, eram fogo e chama para o seu amor.

Após isso, a jovem disse que queria dizer-lhe a sós algumas palavras; e, quando todos saíram, ela lhe disse:

– Minuccio, eu o escolhi como fidelíssimo depositário de um segredo meu e espero, em primeiro lugar, que você não o revele jamais a ninguém, a não ser àquele que lhe indicarei; em segundo lugar, que você me ajude no que lhe for possível: é o que lhe peço. Fique sabendo, meu caro Minuccio, que no dia em que nosso rei Pedro ofereceu a grande festa de sua ascensão ao trono, estava ele a justar quando o vi num momento fatal, de modo que na alma se me acendeu um tal amor por ele que me levou a este estado em que você me vê; e, sabendo eu quanto é inconveniente sentir pelo rei um amor que não consigo sequer diminuir, quanto mais expulsar de mim, amor que se tornou extremamente penoso e difícil de suportar, escolhi a morte como sofrimento menor, e é o que farei. Mas a verdade é que eu partiria muito desconsolada se ele não ficasse sabendo de nada; e, como não conheço pessoa mais apropriada que você para levar ao conhecimento dele esta minha decisão, quero encarregá-lo disso e peço-lhe que não se negue a fazê-lo e, fazendo-o, que isso chegue ao meu conhecimento, para que eu possa morrer consolada e livrar-me deste penar.

E, dizendo isso a chorar, calou-se.

Minuccio, admirado com a grandeza de ânimo e com a cruel decisão da moça, muito condoído, teve de imediato ideia de como poderia atendê-la decentemente; então lhe disse:

– Lisa, dou-lhe minha palavra, e pode ter certeza de que nunca será enganada; além disso, eu a elogio pela alta empreitada que é ter o ânimo voltado para tão grande rei e ofereço-lhe minha ajuda, com a qual espero – desde que você se anime – atuar de tal modo que, antes de três dias, acredito poder trazer-lhe notícias que lhe serão sumamente gratas; e, para não perder tempo, quero ir

já começar.

Lisa, repetindo suas súplicas e prometendo animar-se, disse-lhe que fosse com Deus.

Minuccio, depois de partir, encontrou-se com certo Mico da Siena, excelente versejador daqueles tempos, e insistiu tanto que ele fez a cançoneta que segue:

Anda, Amor, vai dizer ao meu senhor
que não existe dor que eu não suporte,
que estou nas mãos da morte,
ocultando o que sinto por temor.
Piedade, Amor, de mãos juntas eu clamo:
vai ter com meu senhor onde ele mora,
diz que muito o desejo e muito o amo,
que a sua doce imagem me enamora;
e que na labareda em que me inflamo
morrer eu temo e já não vejo a hora
de livrar-me da dor que se demora,
que por ele suporto, desejando,
temendo e me vexando.
Ah, fala-lhe deste meu mal, Amor.
Pois só me deste medo e timidez
desde o momento em que me enamorei.
queria pelo menos uma vez
revelar meu desejo, mas não sei,
a quem atormentada assim me fez;
morrendo, dói saber que morrerei!
e quem sabe se contente o farei
falando de meu forte sentimento,
ganhando o atrevimento
de torná-lo de tudo sabedor.
Amor, já que não foi do teu agrado
dar-me toda a precisa confiança
de mostrar em pessoa ou por recado
minha alma ao meu senhor sem mais tardança,
peço-te que, de mim apiedado,
com ele vás falar, dando lembrança
do dia em que o vi de escudo e lança
com outros cavaleiros tornear:

quando me pus a olhar,
perdeu-se o coração de tanto ardor.

Essa letra Minuccio musicou imediatamente com uma melodia suave e pungente, tal como exigia o tema, e no terceiro dia foi à corte, quando o rei Pedro ainda estava comendo; este então lhe pediu que cantasse algo com sua viola, e ele começou a tocar e cantar a sua canção com tanta suavidade, que todos os que se encontravam na régia sala pareciam enfeitiçados, de tal modo ficaram todos calados e atentos a ouvir, e o rei até mais que os outros.

Depois que Minuccio acabou de cantar, o rei lhe perguntou de onde vinha aquilo, que ele achava nunca ter ouvido.

– Majestade – respondeu Minuccio –, não faz ainda três dias que a letra e a música foram feitas.

E, quando o rei perguntou para quem, Minuccio respondeu:

– Ouso revelar somente a Vossa Majestade.

O rei, desejando ouvi-lo, conduziu-o aos seus aposentos depois que as mesas foram retiradas, e lá Minuccio contou-lhe pormenorizadamente tudo o que ouvira. O rei demonstrou grande regozijo e elogiou muito a moça, dizendo que era preciso ter compaixão de tão valorosa jovem; por isso, que Minuccio fosse ter com ela e a confortasse, de sua parte, dizendo-lhe que naquele mesmo fim de tarde iria visitá-la.

Minuccio, felicíssimo por ser portador de tão grata notícia, foi sem demora falar com a moça, levando sua viola e, na conversa a sós com ela, contou-lhe tudo e cantou-lhe a canção, acompanhando-se da viola. Com isso a jovem ficou tão alegre e contente que imediatamente apareceram sinais importantes e evidentes de recuperação da saúde; assim, com grande anseio e sem que ninguém da casa soubesse ou imaginasse o que acontecia, ela começou a esperar o fim da tarde, quando veria o seu senhor. O rei, que era liberal e benigno, depois de pensar várias vezes nas coisas que ouvira de Minuccio e conhecendo muito bem a jovem e sua beleza, sentiu ainda mais piedade dela; e, montando a cavalo ao cair da tarde, fez de conta que ia passear, mas dirigiu-se à casa do boticário; ali, pedindo que lhe abrissem um belíssimo jardim que na casa havia, entrou, apeou e, depois de algum tempo, perguntou a Bernardo como estava sua filha, se já a havia casado.

Bernardo respondeu:

– Majestade, não está casada; aliás, estava e ainda está muito doente; é verdade que desde a nona hora melhorou admiravelmente.

O rei entendeu de imediato o que aquela melhora significava e disse:

– Sinceramente, seria muito danoso o mundo vir a perder tão formosa pessoa; gostaríamos de visitá-la.

E, com dois companheiros apenas e Bernardo, foi ao quarto dela; ao entrar, aproximou-se da cama onde a jovem o esperava ansiosa, com a cabeça já mais erguida, e, tomando-a pela mão, disse:

– Senhora, o que quer dizer isto? É jovem, deveria incutir ânimo às outras e deixa-se assim abater: queremos pedir-lhe a gentileza, pelo amor que tem por nós, de animar-se para logo ficar curada.

A jovem, sentindo-se tocada pelas mãos daquele que ela amava acima de todas as coisas, embora se envergonhasse um pouquinho, tinha na alma o mesmo prazer que teria se estivesse no paraíso; e respondeu como pôde:

– Meu senhor, foi por querer submeter minhas pequenas forças a pesos grandes demais que tive esta enfermidade, da qual cada dia Vossa Majestade logo me verá livre.

Só o rei entendia o falar indireto da jovem e lhe dava cada vez mais valor, maldizendo várias vezes no íntimo a Fortuna que a fizera filha de tal homem; e, depois de ficar algum tempo com ela e de confortá-la ainda mais, partiu. Esse ato de humanidade do rei foi muito elogiado e atribuído, para grande honra, ao boticário e à sua filha; esta ficou tão contente quanto qualquer outra mulher já ficou contente com o amante; e, ajudada por maior esperança, curou-se em poucos dias e tornou-se mais bela que nunca.

Mas, depois que ficou curada, o rei deliberou com a rainha a recompensa que deveria ser-lhe dada por tanto amor e, montando um dia a cavalo com muitos dos seus barões, foi à casa do boticário e, entrando no jardim, mandou chamar o boticário e a filha. Enquanto isso também chegaram a rainha e várias damas, e a jovem foi por elas recebida, dando-se início a uma maravilhosa festa. Depois de algum tempo, o rei e a rainha chamaram Lisa, e o rei disse:

– Valorosa donzela, o grande amor que sentiu angariou-lhe uma grande honra, com a qual desejamos que se sinta contente, por amor a nós; e a honra é que, estando a senhora em idade de casar-se, queremos que tome por marido aquele que designarmos, embora pretendamos, apesar disso, ser sempre chamado de seu cavaleiro, sem esperar de tanto amor mais que um simples beijo.

A jovem, que tinha ficado ruborizada de vergonha, fazendo sua a vontade do rei, respondeu da seguinte maneira, em voz baixa:

– Meu senhor, tenho certeza de que, se todos soubessem que estou apaixonada por Vossa Majestade, a maioria das pessoas me consideraria insana, acreditando, talvez, que eu tivesse perdido o juízo e não reconhecesse minha

condição e, ademais, a de Vossa Majestade; mas bem sabe Deus, que vê o coração dos mortais, que no momento mesmo em que me enamorei reconheci ser rei o senhor, e eu, filha do boticário Bernardo, e que não era adequado dirigir o ardor de meu ânimo a tão elevadas alturas. Mas, como sabe o senhor muito melhor que eu, ninguém se enamora segundo a escolha que lhe é devida, mas segundo o desejo e o prazer; lei esta à qual minhas forças se opuseram várias vezes e, quando não mais resistiram, eu o amei e amo e amarei sempre. E a verdade é que, assim como me senti tomada de amor pelo senhor, também me dispus a ter sua vontade como minha, e por isso não só aceitarei de bom grado e estimarei o marido que lhe aprouver me dar (e que me trará honra e elevada condição) como também digo que, se Vossa Majestade me mandasse ficar numa fogueira, eu ficaria com prazer, por acreditar ser isso de seu agrado. Ter um rei como cavaleiro, sabe o senhor quanto a mim isso se ajusta, portanto a tal não mais respondo; e o beijo, única coisa que quer do meu amor, sem licença da senhora rainha não lhe será concedido. E de toda a benevolência que Vossa Majestade e a rainha têm para comigo, que Deus por mim lhes dê o agradecimento e a recompensa; pois eu não os posso dar.

E aí se calou.

A rainha gostou muito da resposta da jovem, e ela lhe pareceu tão atilada quanto lhe fora dito pelo rei. Este mandou chamar o pai e a mãe da moça e, sabendo que eles estavam contentes com o que ele pretendia fazer, mandou chamar um rapaz que era fidalgo, porém pobre, e se chamava Perdicone; então, pondo-lhe alguns anéis na mão, ordenou-lhe que se casasse com Lisa, e ele não se recusou.

E, além das muitas joias valiosas que o rei e a rainha deram à moça, o rei imediatamente lhes deu Ceffalù e Calatabellotta, dois ótimos e rentáveis feudos, dizendo:

– Isso damos como dote da esposa; o que lhe faremos, você verá com o passar do tempo.

E, dito isso, voltou-se para a moça e disse:

– Agora queremos o fruto que devemos receber de seu amor.

E, tomando-lhe a cabeça com as duas mãos, beijou-lhe a fronte.

Perdicone, o pai e a mãe da Lisa, bem como ela mesma, ficaram também contentes, fizeram grandes festejos e celebraram alegres núpcias. E, segundo afirmam muitos, o rei cumpriu perfeitamente o que combinara com a jovem, porque, enquanto viveu, sempre se denominou seu cavaleiro e nunca participou de nenhum torneio usando outra insígnia que não fosse a enviada por ela.

Assim agindo é que se conquista a boa vontade dos súditos, dá-se ensejo às boas ações alheias e obtém-se a fama eterna. Fato para o qual hoje poucos voltam a mente, ou mesmo ninguém, pois em sua maioria os senhores se transformaram em tiranos cruéis.

OITAVA NOVELA

Sofrônia, acreditando ser mulher de Gisipo, torna-se mulher de Tito Quinto Fulvo e com ele vai para Roma. Gisipo chega pobre a Roma e, acreditando ser desprezado por Tito, para morrer afirma ter matado um homem. Tito, reconhecendo-o, acusa-se para salvar Gisipo; vendo isso, aquele que de fato havia matado tal homem manifesta-se, e desse modo todos são libertos por Otaviano; Tito dá a irmã por esposa a Gisipo e com ele divide todos os seus bens.

Depois que Pampineia parou de falar e todos elogiaram o rei Pedro (mais a gibelina que as outras), Filomena, obedecendo ao rei, começou a falar.

– Magníficas senhoras, quem não sabe que os reis, quando querem, têm poder para fazer coisas grandiosas, e que especialmente deles se espera magnanimidade? Portanto, age bem todo aquele que, tendo poder, faz o que lhe incumbe; mas não deve isso ensejar a grande admiração e as altas loas que ensejariam os mesmos feitos, se realizados por aquele que, tendo poucas posses, não daria motivo para exigi-los. Por isso, se as senhoras exaltaram com tantas palavras as obras dos reis que lhes pareceram louváveis, não duvido de que apreciarão e elogiarão muito mais as obras de nossos pares, quando estas forem semelhantes ou superiores às dos reis; por isso, decidi contar-lhes um ato louvável e magnânimo entre dois cidadãos comuns, que eram amigos.

No tempo em que Otaviano César ainda não era chamado de Augusto, mas governava o império de Roma como integrante do triunvirato, houve em Roma um homem nobre chamado Públio Quinto Fulvo que tinha um filho a quem deu o nome de Tito Quinto Fulvo; este era dotado de admirável engenho, e o pai o enviou a Atenas para aprender filosofia, recomendando-o com empenho a um nobre da cidade chamado Cremes, amigo seu de longuíssima data. Cremes alojou Tito em sua própria casa em companhia de um filho seu chamado Gisipo, e assim Tito e Gisipo foram confiados por Cremes à doutrina de um filósofo chamado Aristipo.

Os dois jovens, com a convivência, acabaram por ter costumes tão afins que a fraternidade e a amizade nascidas entre ambos nunca foram desfeitas depois por nenhuma ocorrência, senão pela morte. Nenhum deles se sentia bem nem tinha repouso, a não ser quando estavam juntos. Tinham começado juntos os estudos e, sendo ambos dotados de engenho igualmente elevado, ascendiam às

gloriosas alturas da filosofia com os mesmos progressos e admiráveis louvores; e perseveraram nessa vida por cerca de três anos, para imenso prazer de Cremes, que quase não distinguia como filho um mais que o outro. Ao cabo desse tempo, como acontece com todas as coisas, ocorreu que Cremes, já velho, deixou esta vida, o que causou igual sofrimento aos dois, como se o pai fosse comum, de modo que os amigos e os parentes de Cremes não distinguiam qual deles devia ser mais consolado naquele caso.

Passados alguns meses os amigos e os parentes de Gisipo foram falar com ele e, ao lado de Tito, animaram-no a casar-se; para tanto, encontraram uma jovem de admirável beleza, descendente de família nobre e cidadã de Atenas, cujo nome era Sofrônia, com cerca de quinze anos. Como se aproximasse a data das futuras núpcias, certo dia Gisipo pediu a Tito que fosse vê-la com ele, pois ainda não a vira; foram à sua casa e, enquanto ela se sentava entre os dois, Tito, à guisa de avaliador da beleza da noiva do amigo, começou a olhá-la com a máxima atenção e então, gostando demais de todas as partes de seu corpo, começou a louvá-la intimamente com tanto entusiasmo que, apesar de não dar mostras, apaixonou-se por ela mais que qualquer outro amante jamais de apaixonou por mulher alguma. E, depois de ficarem algum tempo com ela, os dois se despediram e voltaram para casa.

Tito, quando ficou sozinho em seu quarto, começou a pensar na jovem que tanto lhe agradara, inflamando-se cada vez mais à medida que se demorava a pensar. Dando-se conta disso, depois de muitos suspiros ardentes, começou a dizer de si para si:

– Ai! triste vida a sua, Tito! Onde e em que está depositando seus pensamentos, seu amor e sua esperança? Por acaso não sabe que deve reverenciar essa jovem como irmã, em virtude tanto das honras recebidas de Cremes e de sua família quanto da sincera amizade que há é entre você e Gisipo, de quem ela é noiva? Quem você está amando? Para onde está deixando que o transporte esse amor enganoso? Essa esperança ilusória? Abra os olhos do intelecto e reconheça o seu lugar, miserável; ceda à razão, refreie o apetite concupiscente, modere os desejos malsãos e dirija para outra coisa os seus pensamentos; combata no início a lascívia e vença a si mesmo, enquanto há tempo. Não lhe convém querer isso, não é honesto; o que você se dispõe a seguir, mesmo que houvesse a certeza de atingir (e não há), é algo de que deveria fugir, levando em consideração o que a verdadeira amizade exige e é seu dever. Então o que vai fazer, Tito? Vai abandonar o amor inconveniente, se quiser fazer o que é devido.

Depois, lembrando-se de Sofrônia, convertia tudo em seu contrário e estragava tudo, dizendo:

– As leis do Amor são mais fortes que algumas outras: vencem não só as leis da amizade, como até as divinas. Quantas vezes já houve pai que amasse a filha? o irmão à irmã? a madrasta ao enteado? Coisas mais monstruosas que um amigo amar a mulher do outro, que já ocorreu mil vezes. Além disso, sou jovem, e a juventude está inteiramente submetida às forças amorosas. Portanto, o que agradar ao Amor também a mim precisa agradar. As coisas honestas convêm aos mais maduros; eu só posso querer aquilo que o Amor quer. A beleza dela merece ser amada por todos; e, se eu a amo, sendo jovem, quem poderá ter razão em censurar-me? Não a amo porque ela pertence a Gisipo, mas a amo porque a amaria fosse ela de quem fosse. Aí o erro é da Fortuna, que a concedeu a Gisipo, meu amigo, e não a outro; e, se ela deve ser amada (e merece sê-lo por sua beleza), Gisipo, se souber, deverá ficar mais contente por ser eu que a amo, e não outro.

E, passando desse raciocínio ao seu contrário, burlando a si mesmo, indo disto àquilo e daquilo a isto, transcorreu não só aquele dia e a noite seguinte como vários outros dias, até que, perdendo a fome e o sono, foi obrigado a ficar de cama por fraqueza.

Gisipo, que o vira vários dias pensativo e agora o via doente, estava muito pesaroso e tentava animá-lo com habilidade e solicitude, sem nunca se afastar dele e perguntando com frequência e insistência a razão dos seus pensamentos e da enfermidade. Várias vezes Tito deu a Gisipo mentiras por resposta, e este as reconheceu como tais, de modo que, sentindo-se constrangido, Tito lhe respondeu a chorar e suspirar:

– Gisipo, se fosse da vontade dos deuses, eu teria preferido a morte a continuar vivo, pensando que a Fortuna me levou a uma situação na qual precisei dar prova de minha virtude, e ela, para minha imensa vergonha, saiu vencida; mas é certo que disso espero logo a recompensa que me convém, ou seja, a morte, mais desejável para mim do que viver com a lembrança da minha vileza; e, como não posso nem devo esconder-lhe nada, contarei tudo, não sem enrubescer.

E, começando do início, revelou o motivo dos seus pensamentos, quais eram esses pensamentos, a guerra entre eles e, finalmente, de qual deles era a vitória, dizendo que morria por amor a Sofrônia e afirmando que, por saber quanto esse amor era inconveniente, como penitência decidira morrer, e que, segundo achava, logo o conseguiria.

Gisipo, ouvindo isso e vendo o seu pranto, primeiro passou algum tempo refletindo, por também estar cativado pelos encantos da bela jovem, se bem que mais moderadamente, mas sem demora decidiu que deveria prezar mais a vida do amigo do que Sofrônia; e assim, convidado pelas lágrimas do outro a também chorar, respondeu em prantos:

– Tito, se você não estivesse tão necessitado de consolo como está, eu me queixaria de você por ter violado nossa amizade, escondendo-me durante tanto tempo essa sua imensa paixão; e, embora ela não lhe parecesse decorosa, nem por isso devem as coisas indecorosas ser ocultadas aos amigos, tal como não o devem as decorosas, pois quem é amigo se alegra com o amigo pelas coisas decorosas, assim como se empenha em afastar-lhe da mente as que não o sejam; mas dessa queixa me abstenho no momento, para tratar daquilo que percebo ser mais necessário. Que você ame ardentemente Sofrônia, minha noiva, não me causa admiração; mais me admiraria que assim não fosse, pois conheço a beleza dela e essa sua nobreza de caráter, tanto mais apto a suportar uma paixão quanto mais excelente for a coisa que lhe agrade. E, ao mesmo tempo que tem razões para amar Sofrônia, queixa-se sem razão da Fortuna – embora não o diga expressamente – por esta tê-la concedido a mim, achando você que amar Sofrônia seria decoroso se ela fosse de outro, e não minha. Mas, se você for atilado como costuma ser, responda: além de mim, a quem poderia a Fortuna tê-la concedido que lhe desse mais motivos de gratidão? Qualquer outro que a tivesse, por mais que o seu amor fosse decoroso, iria querê-la para si mesmo, e não para você, coisa que não deve esperar de mim, se me considerar amigo como de fato sou; e a razão é que, desde que somos amigos, não me lembro de nada que, sendo meu, não fosse seu também. E, se a coisa estivesse tão avançada que não pudesse ser modificada, eu faria com ela o que fiz com as outras coisas; mas ainda está em tais termos que posso torná-la somente sua, e é o que farei; pois não sei de que lhe valeria minha amizade, se, em algo que pode ser feito decorosamente, eu não soubesse fazer a sua vontade em vez da minha. É verdade que Sofrônia é minha noiva, que eu a amava muito e que esperava as bodas com júbilo; mas, visto que você, melhor entendedor que eu, deseja com mais fervor algo tão valioso como ela, pode estar seguro de que ela não será minha mulher, mas sua, no meu quarto. Por isso, deixe de estar tão pensativo, livre-se da melancolia, recobre a saúde perdida, o consolo e a alegria, e passe a esperar de agora em diante as recompensas do seu amor, muito mais digno que o meu.

Enquanto Gisipo falava desse modo, Tito sentia na mesma medida o prazer que a esperança lisonjeira lhe dava e a vergonha que a justa razão lhe

proporcionava, mostrando que, quanto maior a liberalidade de Gisipo, maior a inconveniência de aceitá-la. Por isso, sem parar de chorar, respondeu com dificuldade:

– Gisipo, sua amizade generosa e verdadeira me mostra com clareza o que me cabe fazer. Deus me livre de receber como minha aquela que Ele lhe deu, por ser você mais digno que eu. Tivesse Ele julgado que a mim ela convinha, não acredite você nem ninguém que ela lhe seria dada. Tire proveito, portanto, dessa escolha, do discreto discernimento e de tal dádiva e deixe que eu me consuma nas lágrimas que Ele preparou para mim, que sou indigno de tanto bem: se eu as vencer, você ficará contente; se elas me vencerem, estarei livre deste penar.

Gisipo disse:

– Tito, se a nossa amizade pode me dar a licença de forçá-lo a acatar uma vontade minha e de induzi-lo a aceitá-la, é neste caso sobretudo que pretendo usá-la; e, se você não anuir de bom grado aos meus pedidos, farei que Sofrônia seja sua usando a força que se deve usar para fazer o bem a um amigo. Conheço o poder das forças do amor e sei que elas conduziram os amantes a uma morte infeliz não só uma vez, mas várias; e vejo que você está tão perto disso, que não conseguiria voltar atrás e vencer as lágrimas, mas prosseguiria, acabaria vencido e sucumbiria, e eu, sem dúvida alguma, logo o seguiria. Portanto, mesmo que eu não o amasse por qualquer outro motivo, prezo sua vida porque dela dependo para viver. Então Sofrônia será sua, pois você não encontraria facilmente outra de quem gostasse tanto, ao passo que eu, dedicando meu amor facilmente a outra, terei contentado a nós dois. Talvez eu não fosse assim tão generoso se as mulheres fossem tão raras ou difíceis de encontrar quanto os amigos; por isso, como posso encontrar facilmente outra mulher, mas não outro amigo, prefiro cedê-la a perder você – não digo perdê-la, pois não a perderei dando-a a você, mas a cederei de tal modo que ela passará do bom para o melhor. Por isso, se algum poder têm sobre você as minhas súplicas, suplico-lhe que saia dessa aflição, que se console, consolando-me também, e que com esperança se disponha a gozar a alegria que o seu ardente amor deseja da pessoa amada.

Embora Tito se envergonhasse de aceitar que Sofrônia se tornasse sua mulher e por isso continuasse a resistir, vendo-se de um lado puxado pelo amor e, de outro, impelido pelos estímulos de Gisipo, disse:

– Gisipo, não sei se devo dizer que estou fazendo mais a sua vontade ou a minha, ao fazer o que me pede e diz ser de seu agrado; e, visto que sua generosidade é tão grande que se impõe à minha justa vergonha, farei o que me pede. Mas esteja certo de que não o farei sem a consciência de que estou

recebendo de você não só a mulher amada, mas também, com ela, a própria vida. Que os deuses permitam, se for possível, que com honra e benefícios para você eu ainda lhe possa mostrar quanto sou grato por aquilo que está fazendo, ao sentir por mim mais piedade que eu mesmo.

Depois dessas palavras Gisippo disse:

– Tito, para que isso dê certo acho que deveremos fazer o seguinte. Como sabe, depois de demorados acordos entre os meus parentes e os de Sofrônia, ela se tornou minha noiva; por isso, se eu fosse agora dizer que não a quero por esposa, provocaria um enorme escândalo e perturbaria minha família e a dela; coisa que não me afligiria, caso eu visse que com isso ela seria sua; mas temo que, deixando-a dessa maneira, a família dela acabe por dá-la imediatamente a outro, que talvez não seja você, e assim você terá perdido aquilo que não terei conquistado. Por isso me parece – caso você concorde – que devo seguir adiante com o que já comecei, levá-la como minha noiva para casa e celebrar as bodas; depois, às escondidas, do modo como soubermos, você se deitará com ela como marido e mulher. Mais tarde, no lugar e na hora oportuna, revelaremos o fato; se eles gostarem, muito bem; se não gostarem, já estará feito e, não sendo possível voltar atrás, precisarão forçosamente contentar-se.

Tito gostou da ideia; assim, Gisipo a recebeu em casa como sua esposa, quando Tito já estava curado e bem-disposto; depois de uma grande festa, quando anoiteceu, as mulheres deixaram a recém-casada no leito do marido e foram embora.

O quarto de Tito ficava ao lado do de Gisipo, e era possível passar de um ao outro; assim, quando entrou no quarto, Gisipo apagou todas as luzes e, indo silenciosamente para o quarto de Tito, disse-lhe que fosse deitar-se com sua mulher.

Tito, ao ver isso, vencido pela vergonha e a ponto de arrepender-se, recusava-se a ir; mas Gisipo, que de todo o coração, e não só com palavras, estava disposto a satisfazer o amigo, conseguiu mandá-lo para lá depois de longa discussão. Tito, ao deitar-se na cama, tomou a jovem e, como que brincando, perguntou-lhe baixinho se queria ser sua mulher. Ela, acreditando tratar-se de Gisipo, respondeu que sim; então ele lhe pôs no dedo um anel bonito e valioso, dizendo:

– E eu quero ser seu marido.

Assim, consumado o casamento, durante muito tempo ele desfrutou com ela do prazer amoroso, sem que Sofrônia nem ninguém nunca percebesse que quem se deitava com ela não era Gisippo.

Estava, pois, nesses termos o casamento de Sofrônia e Tito quando Públio, pai de Tito, deixou esta vida; por esse motivo, escreveram-lhe de Roma, dizendo que ele deveria voltar sem demora para lá, a fim de cuidar de seus interesses; assim, ele decidiu com Gisipo ir embora e levar Sofrônia. Mas, sem que a situação fosse revelada, isso não devia nem podia ser levado a cabo. Então, um dia, os dois a chamaram ao quarto e lhe revelaram inteiramente os fatos, e Tito dissipou suas dúvidas citando muitos incidentes ocorridos entre ambos. Ela, depois de olhar para um e para outro um tanto indignada, começou a chorar copiosamente, queixando-se de ter sido enganada por Gisipo; e, antes de dizer sequer uma palavra a respeito em casa de Gisipo, foi para a casa de seu pai e ali contou a ele e à mãe o modo como haviam todos sido enganados e afirmou que era mulher de Tito, e não de Gisipo, como eles acreditavam. O fato pareceu gravíssimo ao pai de Sofrônia, que se queixou demoradamente aos seus parentes e aos de Gisipo, e foram muitos os comentários e os desentendimentos. Gisipo passou a ser alvo do ódio da família de Sofrônia e da sua, e todos diziam que ele era digno não só de repreensão, como também de um grande castigo. Mas ele afirmava que fizera algo honesto, e que a família de Sofrônia deveria ser-lhe grata por estar ela casada com alguém melhor que ele.

Tito, por outro lado, sentia e suportava tudo com muito sofrimento; e, sabendo que era costume dos gregos exceder-se em falatórios e ameaças enquanto não encontrassem quem lhes desse uma resposta, mas que, depois disso, se tornavam não só humildes, como também covardes, concluiu que não devia continuar suportando seus comentários sem lhes responder nada; e, como tinha caráter romano e sensatez ateniense, convidou da maneira mais apropriada os parentes de Gisipo e de Sofrônia a se reunirem num templo e nele entrou acompanhado apenas por Gisipo, dizendo o seguinte aos presentes:

– É crença de muitos filósofos que tudo o que fazem os mortais é disposto e providenciado pelos deuses imortais; por isso, afirmam alguns que é de necessidade tudo o que se faz ou fará jamais, embora outros atribuam essa necessidade apenas àquilo que já está feito. Se essas opiniões forem consideradas com algum discernimento, será fácil ver que reprovar algo que não possa ser desfeito nada mais é que querer mostrar-se mais sábio que os deuses, que, devemos crer, dispõem de nossos destinos e os governam com razão eterna e sem erro; por isso, podem ver facilmente que é presunção insana e estúpida criticar as operações dos deuses, e que merecem ser acorrentados aqueles que se deixam levar a tanto pelo atrevimento. Entre estes, a meu ver, estão os senhores todos, se for verdade o que entendo que devem ter dito e continuam dizendo

sobre o fato de ter-se tornado minha mulher aquela que os senhores haviam dado a Gisipo, sem considerarem que *ab eterno* estava disposto que ela não deveria ser de Gisipo, mas minha, tal como efetivamente se sabe que é agora. Mas, visto que falar da secreta providência e da intenção dos deuses parece a muitos coisa de compreensão árdua e penosa, pressupondo que eles não se ocupam com nossas questões, prefiro descer às razões puramente humanas; e, ao tratar delas, preciso fazer duas coisas totalmente contrárias aos meus costumes: uma é tecer elogios a mim mesmo, e a outra é criticar um pouco ou rebaixar outras pessoas. Mas o farei porque em nenhuma dessas duas situações pretendo me afastar da verdade e também porque o presente assunto assim o exige. Em suas queixas, incitadas mais pela fúria que pela razão, os senhores insultam, criticam e condenam Gisipo com incessantes murmúrios, aliás, clamores, por ter ele tomado a decisão de me dar por mulher aquela que os senhores tinham tomado a decisão de dar a ele, mas nisso eu considero que ele deve ser sumamente louvado; e as razões são as seguintes: uma é que ele fez o que um amigo deve fazer; a outra é que ele o fez com mais sabedoria que os senhores. O que as santas leis da amizade querem que um amigo faça a outro não é minha intenção explicar agora e me darei por satisfeito com lhes ter lembrado somente que os elos da amizade prendem muito mais que os do sangue ou do parentesco; isto porque temos os amigos que escolhemos e os parentes que nos são dados pela Fortuna. Por isso, se Gisipo deu mais valor à minha vida que à benevolência dos senhores, sendo eu seu amigo, como me considero, ninguém deve admirar-se. Mas vamos à segunda razão, que impõe demonstrar com mais insistência que ele foi mais sábio que os senhores, pois parecem não entender nada da providência dos deuses e muito menos conhecer os efeitos da amizade. Digo que o discernimento, a determinação e a deliberação dos senhores deram Sofrônia a Gisipo, jovem e filósofo; os de Gisipo a deram a um jovem e filósofo; foi determinação dos senhores dá-la a um ateniense, a de Gisipo foi de dá-la a um romano; a dos senhores, a um nobre, a de Gisipo, a alguém mais nobre; a dos senhores, a um jovem rico, a de Gisipo, a um riquíssimo; a dos senhores, a um jovem que não só não a amava, como também mal a conhecia; a de Gisipo, a um jovem que a amava acima de sua felicidade e mais que sua própria vida. E, para saber se o que digo é verdade e se é mais louvável do que fizeram os senhores, basta olhar coisa por coisa. Que sou jovem e filósofo como Gisipo, meu rosto e os estudos podem deixar claro sem que eu precise falar muito: ele e eu temos a mesma idade, e nos estudos progredimos *pari passu*. É verdade que ele é ateniense, e eu, romano. Se for para discutir a glória da cidade, direi que sou de

cidade livre, e ele, de tributária; direi que sou de uma cidade que é senhora do mundo todo, e ele, de cidade submetida à minha; direi que sou de uma cidade pujante em armas, império e estudos, ao passo que da sua ele só poderá elogiar os estudos. Além disso, embora os senhores me vejam aqui como estudante humilde, não nasci da ralé do populacho de Roma; as casas de minha família e os locais públicos de Roma estão cheios de antigas imagens de meus antepassados, os anais romanos se encontram repletos dos muitos triunfos trazidos pelos Quintos ao Capitólio romano, e a glória do nosso nome não está fenecida pela velhice; ao contrário, hoje floresce mais que nunca. Silencio, por modéstia, as minhas riquezas, tendo em mente que a pobreza honesta é antigo e amplo patrimônio dos nobres cidadãos de Roma; mas esta é condenada pela opinião do vulgo, que louva os tesouros, dos quais tenho em abundância, não por ser cobiçoso, mas por ser amado pela Fortuna. Sei muito bem que aqui havia – e só podia haver e deve haver ainda – quem dava muito apreço ao parentesco com Gisipo; mas não há razão alguma para que me deem menos apreço em Roma, considerando que lá terão em mim um ótimo hospedeiro, além de protetor útil, solícito e poderoso, tanto nas ocasiões públicas quanto nas necessidades particulares. Quem, então, deixando de lado a vontade pessoal e considerando tudo com os olhos da razão, haverá de louvar mais as decisões dos senhores do que as do meu amigo Gisipo? Por certo ninguém. Portanto, Sofrônia está bem casada com Tito Quinto Fulvo, nobre, antigo e rico cidadão de Roma e amigo de Gisipo; portanto, quem reclamar disso não estará fazendo o que deve nem sabe o que está fazendo. Alguns talvez digam que não reclamam do fato de Sofrônia ser mulher de Tito, e sim do modo como ela se tornou sua mulher: às escondidas, furtivamente, sem que nenhum amigo ou parente soubesse de coisa alguma. Não se trata de milagre nem de algo que aconteça raramente. Não pretendo falar daquelas que escolheram marido contrariando a vontade dos pais; nem daquelas que fugiram com seus amantes, tendo sido antes amásias que esposas; nem daquelas que tiveram o matrimônio revelado pela prenhez e pelo parto, e não pela fala, fazendo que assim a situação fosse necessariamente aceita; nada disso aconteceu com Sofrônia, que, ao contrário, foi dada por Gisipo a Tito com ordem, discrição e decoro. Dirão outros que ela foi casada por aquele a quem não competia casá-la. Tolas e feminis lamentações são essas, derivadas de pouca reflexão. Não é esta a primeira vez que a Fortuna lança mão de caminhos diferentes e de instrumentos extraordinários para conduzir as coisas aos efeitos determinados. Que me importa se foi um sapateiro, e não um filósofo, que decidiu algum assunto meu segundo o seu julgamento, às escondidas ou

abertamente, se o fim tiver sido bom? Cabe-me, sim, evitar que o sapateiro, não sendo judicioso, venha a fazê-lo de novo, e agradecer-lhe o que está feito. Se Gisipo deu bom casamento a Sofrônia, ficar assim a reclamar dele é uma tolice supérflua. Se não confiarem no seu juízo, evitem que ele possa vir a casar mais alguém, e agradeçam-lhe por esta vez. No entanto, precisam saber que não busquei com astúcia nem com fraude impor nenhuma mácula à honradez e à nobreza do sangue dos senhores na pessoa de Sofrônia; e, embora eu a tenha feito minha mulher às escondidas, não vim como raptor tirar-lhe a virgindade, nem quis tê-la desonestamente como inimigo, recusando seus laços de família, mas o fiz por estar ardentemente enamorado de sua encantadora beleza e de sua virtude; e sabia que, caso a tivesse solicitado da maneira como talvez queiram dizer-me que devia tê-lo feito, eu não a teria conseguido porque, sendo ela muito amada pelos senhores, todos temeriam que eu a levasse para Roma. Por isso, usei uma artimanha oculta que agora pode ser revelada, e fiz Gisipo consentir em meu nome com aquilo a que ele não estava disposto a fazer; e depois, embora a amasse ardentemente, não busquei conjunção com ela como amante, mas como marido, e não me acerquei dela sem antes desposá-la com as devidas palavras e com uma aliança (como ela mesma pode confirmar), perguntando-lhe se me queria por marido, ao que ela respondeu que sim. Se por acaso se sente enganada, não cabe a mim a repreensão, mas a ela, que não me perguntou quem era eu. É esse, portanto, o grande mal, o grande pecado, o grande erro cometido por meu amigo Gisipo e por mim, apaixonado, ou seja, Sofrônia tornou-se secretamente mulher de Tito Quinto; por isso os senhores o criticam, ameaçam e insidiam. O que fariam se ele a tivesse dado a um camponês, a um vagabundo, a um servo? Quais cadeias, que cárceres, que cruzes nos bastariam? Mas deixemos isto por ora: chegou o momento que eu não esperava, ou seja, meu pai morreu e eu preciso voltar a Roma; então, querendo levar Sofrônia comigo, revelei-lhes aquilo que talvez continuasse mantendo oculto; e, se forem sensatos, aceitarão esse fato com alegria, porque, tivesse eu desejado enganá-los ou ultrajá-los, poderia tê-la deixado aqui, escarnecida; mas não permita Deus que o espírito romano possa jamais abrigar tanta vileza. Ela, portanto, ou seja, Sofrônia, por consentimento dos deuses, por força das leis humanas, pela louvável sensatez do meu amigo Gisipo e por minha amorosa astúcia, é minha; e parece que os senhores, considerando-se talvez mais sábios que os deuses ou que os outros homens, condenam estupidamente esse fato de duas maneiras extremamente penosas para mim. Uma é reter Sofrônia, sobre a qual não têm direito algum, salvo no que eu permitir; a outra é tratar Gisipo como inimigo, ao passo que ele

deveria merecer sua gratidão. Não pretendo agora mostrar-lhes mais como estão agindo tolamente em todas essas coisas, mas aconselhar-lhes como amigo que larguem mão de ressentimentos e deixem rancores de lado, restituindo-me Sofrônia, para que eu parta alegre como parente e viva sempre como amigo dos senhores; e estejam seguros de que, agradando-lhes ou não o que foi feito, se pretenderem agir de outro modo, eu lhes tirarei Gisipo e, sem falta, chegando a Roma, recuperarei aquela que é minha de direito, queiram os senhores ou não; e, hostilizando-os sem parar, eu os farei conhecer por experiência a força da animosidade dos romanos.

Depois de dizer isso, Tito se levantou com expressão irada, tomou Gisipo pela mão e, dando mostras de se importar pouco com os que estavam no templo, saiu acenando ameaçadoramente com a cabeça.

Os que ficaram lá dentro, em parte induzidos pelas razões de Tito a tê-lo por parente e amigo, em parte assustados com suas últimas palavras, decidiram de comum acordo que seria melhor ter Tito como parente, já que Gisipo não quisera sê-lo, do que ter Gisipo como parente perdido e Tito como inimigo conquistado. Por esse motivo, foram ter com Tito e lhe disseram que concordavam que Sofrônia fosse sua e que queriam tê-lo por parente prezado e a Gisipo por bom amigo; e, depois de festejarem entre parentes e amigos, foram-se e lhe mandaram Sofrônia de volta. Esta, que tinha juízo, fez da necessidade virtude, e logo reverteu para Tito o amor que tinha por Gisipo; e com Tito se foi para Roma, onde teve honrosa recepção.

Gisipo ficou em Atenas, pouco estimado por quase todos, e não muito tempo depois, em razão de algumas dissensões entre cidadãos, tornou-se pobre e desventurado, sendo expulso da cidade e condenado ao exílio perpétuo com toda a sua família. No exílio, Gisipo, que se tornara não só pobre como também mendigo, veio como pôde a Roma, para verificar se Tito se lembrava dele; e, sabendo que este estava vivo e era benquisto por todos os romanos, informou-se sobre o seu endereço e foi postar-se à frente de sua casa, esperando-o chegar; no entanto, em vista da miséria em que estava, não ousou dirigir-lhe a palavra, mas esforçou-se por deixar-se ver, para que Tito o reconhecesse o mandasse chamá-lo; então, como Tito seguiu em frente, dando a impressão de que tinha visto Gisipo, mas o evitara, este, lembrando-se de tudo o que outrora fizera por ele, partiu indignado e desesperado.

À noite, sem comer e sem dinheiro, não sabendo para onde ir e desejando morrer mais que qualquer outra coisa, ele acabou numa região selvagem da cidade, onde viu uma grande gruta e nela se enfiou para pernoitar; ali, exausto e

vencido pelo prolongado pranto, adormeceu no chão nu. Ao amanhecer, dois homens que tinham saído juntos à noite para roubar chegaram à gruta com o produto do roubo e, desentendendo-se, o que era mais forte matou o outro e foi embora. Gisipo, vendo e ouvindo tudo, achou que encontrara o caminho para a desejada morte sem precisar matar-se; por isso, não foi embora e ficou lá até que chegaram os esbirros da corte, já cientes do fato, e, com muita violência, o levaram preso. Interrogado, Gisipo confessou que matara o homem e não conseguira sair da gruta; por isso o pretor, que se chamava Marcos Varrão, ordenou que ele morresse na cruz, tal como era costume então.

Naquela hora Tito tinha ido por acaso ao pretório e, olhando o rosto do pobre condenado e sabendo do motivo da condenação, subitamente reconheceu Gisipo e ficou muito admirado com sua miserável sorte e com o modo como ali chegara; então, desejando ardentemente ajudá-lo e não vendo outro meio de salvá-lo senão o de acusar-se e inocentá-lo, logo se adiantou e gritou:

– Marcos Varrão, chame de volta o pobre homem que condenou, pois ele é inocente. Fui eu que com minha culpa ofendi os deuses, matando aquele que seus esbirros encontraram morto esta manhã, e não quero agora com a morte de outro inocente ofendê-los ainda mais.

Varrão ficou admirado e lamentou que todo o pretório o tivesse ouvido; e, não podendo, honrosamente, deixar de fazer o que determinavam as leis, mandou Gisipo voltar e, diante de Tito, lhe disse:

– Como foi tão louco de confessar o que nunca fez, sem nenhuma tortura, expondo-se a perder a vida? Disse que era a pessoa que esta noite matou o homem, e este agora vem dizer que não foi você, e sim ele que o matou.

Gisipo olhou e viu que era Tito, percebendo que ele fazia aquilo para salvá-lo, como agradecimento pelo favor que já recebera dele. Assim, chorando de emoção, disse:

– Varrão, na verdade eu o matei, e a piedade de Tito pela minha salvação chegou tarde.

Tito, por outro lado, dizia:

– Pretor, como está vendo, ele é estrangeiro e foi encontrado sem armas ao lado do morto; como se pode ver, é a miséria que lhe dá motivos para querer morrer; por isso, solte-o e imponha a mim a punição, pois a mereço.

Varrão estava muito admirado com a insistência dos dois e, já presumindo que nenhum deles era culpado, estava pensando no modo de absolvê-los quando chegou certo Públio Ambusto, jovem irrecuperável e notório ladrão para todos os romanos, que realmente tinha cometido o homicídio; sabendo que nenhum

dos dois era culpado daquilo de que se acusavam, o coração do jovem foi invadido por tamanha ternura pela inocência dos dois que, muito compadecido, ele se apresentou a Varrão e disse:

– Pretor, quer o meu fado que eu decida a difícil discussão desses dois, e não sei que deus dentro de mim me incita e atormenta, levando-me a confessar-lhe meu pecado; por isso, fique sabendo que nenhum desses dois é culpado daquilo de que cada um se acusa. Fui eu que realmente matei aquele homem hoje, ao alvorecer, e esse pobrezinho aí eu vi dormindo lá, enquanto dividia o produto do roubo com aquele que matei. Tito eu não preciso inocentar: a fama dele é conhecida em toda parte, e sabe-se que ele não é homem dessa condição; portanto, solte-os e aplique em mim a pena que as leis impõem.

Otaviano, que ficou sabendo daquilo, mandou chamar os três e quis saber por qual razão cada um deles queria ser condenado, e cada um contou a sua. Otaviano libertou os dois, por serem inocentes, e o terceiro, por amor aos outros dois.

Tito, tomando o amigo Gisipo, depois de o repreender por sua timidez e desconfiança, festejou-o muito e levou-o para sua casa, onde Sofrônia o recebeu como irmão, vertendo comovidas lágrimas; e, após restaurar suas forças e vesti-lo, dando-lhe os trajes devidos à sua qualidade e nobreza, Tito primeiramente compartilhou com ele todos os seus tesouros e propriedades e em seguida lhe deu por esposa uma de suas irmãs, jovenzinha chamada Fúlvia; então lhe disse:

– Gisipo, cabe a você decidir se quer ficar aqui comigo ou voltar para Aqueia com tudo o que lhe dei.

Gisipo, compelido, por um lado, pelo exílio a que estava condenado e, por outro, pelo amor que sentia merecidamente pela grata amizade de Tito, concordou em tornar-se romano. Assim, ele com sua Fúlvia e Tito com sua Sofrônia sempre viveram felizes numa casa durante muito tempo, e a cada dia tornaram-se mais amigos, se é que isso era possível.

Santíssima, portanto, é a amizade, não apenas digna de singular reverência, mas também de louvores eternos, por ser judiciosa mãe da magnanimidade e da honestidade, irmã da gratidão e da caridade, inimiga do ódio e da cupidez, amizade que, sem esperar pedidos, está sempre pronta a fazer virtuosamente por outrem aquilo que gostaria fosse feito para si mesma. Mas seus sagrados efeitos hoje são vistos raríssimas vezes em duas pessoas, por culpa e vergonha da mísera cupidez dos mortais que, tendo em vista somente sua própria utilidade, a mantêm relegada a exílio perpétuo fora dos extremos limites da terra. Que amor, que riqueza, que parentesco, senão a amizade, teria feito o fervor, as lágrimas e

os suspiros de Tito penetrar com tanta eficácia no coração de Gisipo, a ponto de levá-lo a ceder a Tito a bela, nobre e amada noiva? Que leis, que ameaças, que medo, senão a amizade, teriam feito os juvenis braços de Gisipo abster-se dos abraços da bela e talvez aliciante jovem em locais ermos, em locais escuros ou no próprio leito? Que poderes, que recompensas, que ganhos, senão a amizade, teriam feito Gisipo não se importar de perder seus parentes e os de Sofrônia, não se importar com os murmúrios maliciosos do populacho, não se importar com zombarias e sarcasmos, para satisfazer o amigo? Por outro lado, quem, senão a amizade, teria levado Tito a buscar imediatamente a própria morte, sem hesitar, para livrar Gisipo da cruz que ele mesmo procurava, quando podia fingir dignamente nada ter visto? Quem, senão a amizade, teria feito Tito compartir, generosamente e sem demora, o seu imenso patrimônio com Gisipo, a quem a Fortuna arrebatara o seu? Quem, senão a amizade, teria feito Tito, com confiança e fervor, dar a própria irmã por mulher a Gisipo, quando o via paupérrimo e a viver em extrema miséria?

Que os homens então desejem uma multidão de parentes, uma turba de irmãos e grande quantidade dos filhos, que com seu dinheiro aumentem o número de serviçais, sem verem que qualquer um deles tem mais temor de qualquer mínimo perigo que o ameace do que disposição para afastar de grandes perigos o pai, o irmão ou o senhor, ao passo que o amigo faz exatamente o contrário.

NONA NOVELA

Saladino, disfarçado de mercador, é recebido honrosamente por messer *Torello. Vem a cruzada;* messer *Torello dá à mulher um prazo após o qual ela pode casar-se de novo; é preso; sua fama de amestrador de pássaros chega ao conhecimento do sultão; este, reconhecendo-o e dando-se a reconhecer, presta-lhe grandes honras;* messer *Torello adoece e por arte de magia é levado numa noite a Pávia, quando eram celebradas as núpcias de sua mulher; é reconhecido por ela e com ela volta para casa.*

Filomena já chegara ao fim de suas palavras, e a magnífica gratidão de Tito fora igualmente elogiada por todos, quando o rei, reservando o último lugar a Dioneu, começou a falar do seguinte modo:

– Graciosas senhoras, sem dúvida alguma Filomena está com a verdade naquilo que diz sobre a amizade, e com razão lamentou, no fim das suas palavras, que hoje ela seja tão pouco apreciada pelos mortais. E, se estivéssemos aqui para corrigir os defeitos do mundo, ou pelo menos para repreendê-los, eu daria prosseguimento às suas palavras com um prolixo sermão; mas, como é outra a nossa finalidade, veio-me à mente mostrar-lhes com uma história talvez bastante longa, mas agradável em tudo, uma das magnificências de Saladino, para que as coisas ouvidas mostrem que, se nossos vícios não permitem conquistar plenamente a amizade de alguém, pelo menos devemos ter prazer em servir, esperando que, a qualquer momento, disso nos advenha alguma recompensa.

Digo, pois, que, segundo afirmam alguns, no tempo do imperador Frederico primeiro, os cristãos organizaram uma ampla cruzada para reconquistar a Terra Santa. Saladino, valoroso senhor e então sultão de Babilônia, sabendo disso algum tempo antes, decidiu ver pessoalmente os preparativos dos senhores cristãos para aquela cruzada, a fim de tomar melhores providências. E, acertando tudo no Egito, fez de conta que saía em peregrinação e se pôs a caminho disfarçado de mercador com dois de seus homens mais velhos e experientes e três fâmulos apenas. Depois de investigar muitas províncias cristãs, ia cavalgando pela Lombardia para transpor as montanhas quando, no caminho de Milão a Pávia, ao cair da tarde, deparou com um fidalgo cujo nome era *messer* Torello di Strà da Pavia, que ia com fâmulos, cães e falcões pernoitar numa bela propriedade que possuía às margens do Ticino.

Ao vê-los, *messer* Torello percebeu que eram fidalgos e estrangeiros e desejou obsequiá-los. Por isso, quando Saladino perguntou a um de seus fâmulos quanto havia de lá a Pávia e se conseguiriam chegar em tempo de entrar na cidade, Torello não deixou que o fâmulo respondesse, mas respondeu em seu lugar:

– Os senhores não conseguirão chegar a Pávia em tempo de poder entrar.

– Então – disse Saladino –, tenha a bondade de informar onde podemos nos hospedar melhor, pois somos estrangeiros.

Messer Torello disse:

– Com muito gosto; estava ainda agorinha pensando em mandar um destes meus homens até as proximidades de Pávia para fazer algumas coisas; eu o mandarei com os senhores, e ele os levará a um lugar onde serão hospedados com bastante comodidade.

E, aproximando-se do mais esperto dos seus homens, ordenou-lhe o que deveria fazer e mandou-o com eles; enquanto isso, dirigiu-se bem depressa à sua propriedade e, da melhor maneira que pôde, mandou preparar uma boa ceia e pôr as mesas num jardim; feito isto, foi à porta esperá-los. Seu fâmulo, conversando com os fidalgos sobre diversas coisas, desviou por algumas estradas e, sem que eles percebessem, conduziu-os à propriedade de seu senhor.

Quando *messer* Torello os viu, foi ao encontro deles a pé e disse sorrindo:

– Senhores, sejam muito bem-vindos.

Saladino, que era muito sagaz, percebeu que aquele cavaleiro desconfiara de que eles não teriam aceitado o convite caso este tivesse sido feito no momento em que se encontraram; então, para que não pudessem se negar a passar a noite com ele, conduzira-os com astúcia à sua casa; então, respondeu à saudação, dizendo:

– Se fosse cabível reclamar dos homens corteses, nós nos queixaríamos do senhor, não por ter nos desviado um tanto do nosso caminho, mas porque, sem que merecêssemos sua benevolência por qualquer outra razão, a não ser por uma simples saudação, quase nos obriga a aceitar tão grande cortesia, como é a sua.

O cavaleiro, sábio e bem falante, disse:

– Senhores, essa cortesia que recebem de mim é pequena se comparada à que lhes conviria, pelo que posso julgar de sua aparência; mas, na verdade, fora de Pávia os senhores não poderiam encontrar nenhum bom lugar; peço então que não fiquem agastados por terem encompridado um pouco o caminho para terem um pouco menos de desconforto.

E, enquanto ia assim dizendo, seus serviçais os cercaram e, tão logo eles

apearam, seus cavalos foram acomodados. Então *messer* Torello levou os três fidalgos aos aposentos preparados para eles, onde os fez descalçar as botas e refazer-se um pouco com fresquíssimos vinhos, entretendo-os com conversas agradáveis até a hora de poderem cear.

Saladino, companheiros e fâmulos, todos sabiam italiano e por isso entendiam e eram entendidos muito bem; e todos eles achavam que aquele cavaleiro era o homem mais agradável, mais educado e de melhor conversa que já tinham conhecido. *Messer* Torello, por outro lado, tinha a impressão de que eles eram homens magnificentes e muito mais importantes do que avaliara antes, motivo pelo qual lamentava no íntimo não poder homenageá-los naquela noite com boa companhia e com um banquete mais solene; então teve a ideia de remediar esse fato na manhã seguinte e, informando um dos seus fâmulos do que queria fazer, mandou-o falar com sua esposa (mulher extremamente sensata e magnânima) em Pávia, que ficava bem perto dali e onde porta alguma jamais se fechava.

Depois disso, levou os fidalgos ao jardim e lhes perguntou cortesmente quem eram, de onde vinham e para onde iam; a isso Saladino respondeu:

– Somos mercadores cipriotas, estamos vindo de Chipre e vamos tratar de negócios em Paris.

Então *messer* Torello disse:

– Quisera Deus que esta nossa região produzisse fidalgos iguais aos mercadores que, como estou vendo, Chipre produz.

E, depois de passarem algum tempo a conversar sobre essas e outras coisas, chegou a hora de cear; então ele os convidou a dar-lhe a honra de sentar-se à mesa, nas quais foram servidos muito bem e em boa ordem, apesar de ser uma ceia improvisada. Depois de tiradas as mesas, ficaram lá não muito tempo, até que *messer* Torello, percebendo que eles estavam cansados, levou-os a repousar em ótimos leitos, indo também dormir pouco depois.

O empregado enviado a Pávia deu o recado à sua senhora, que, com ânimo régio, e não feminino, assim que mandou chamar muitos amigos e servidores de *messer* Torello, ordenou que se preparasse tudo o que era necessário a um grande banquete e, à luz de tochas, mandou convidar muitos dos mais nobres cidadãos; além disso, mandou pegar roupas, sedas e peles, pondo em completa ordem tudo o que o marido lhe mandara dizer.

Quando amanheceu, e os fidalgos se levantaram, *messer* Torello montou a cavalo com eles e, mandando buscar seus falcões, levou-os a uma lagoa próxima, onde lhes mostrou como eles voavam. Mas, quando Saladino

perguntou se havia alguém que pudesse levá-los à melhor estalagem de Pávia, *messer* Torello disse:

– Eu os levo, pois preciso ir para lá.

Acreditando, eles ficaram contentes e puseram-se a caminho com Torello; já soara a terça hora quando chegaram à cidade, e eles, acreditando que estavam sendo levados à melhor estalagem, chegaram com *messer* Torello à sua casa, onde já se encontravam uns cinquenta dos mais insignes cidadãos para receber os fidalgos, que rapidamente foram por eles cercados e ajudados com arreios e estribos.

Quando Saladino e os companheiros viram aquilo, perceberam muito bem o que estava acontecendo e disseram:

– *Messer* Torello, não foi isso que lhe pedimos; o senhor já fez demais ontem à noite, muito mais do que merecemos, por isso poderia ter-nos deixado seguir caminho sem nenhum inconveniente.

Messer Torello respondeu:

– Do que lhes foi feito ontem à noite sou mais grato à Fortuna que aos senhores, pois ela os surpreendeu a caminho numa hora em que necessitaram ir para a minha pobre casa; quanto a esta manhã, sinto-me grato aos senhores e, assim como eu, todos estes fidalgos que estão ao seu redor; e, se lhes parecer cortesia negar-se a almoçar com eles, podem fazê-lo, se quiserem.

Dando-se por vencidos, Saladino e companheiros apearam e, recebidos alegremente pelos fidalgos, foram levados a seus aposentos, que estavam riquissimamente preparados para eles; e, depois de descarregarem a bagagem e de se refazerem um pouco, foram para a sala, onde tudo estava esplendidamente preparado. Depois de lavarem as mãos e de se sentarem à mesa, que estava posta de maneira grandiosa e bela, foram-lhes magnificamente servidas muitas iguarias, a tal ponto que, se o próprio imperador lá estivesse, não teria sido possível prestar-lhe maior homenagem. Saladino e companheiros, embora fossem grandes senhores e estivessem acostumados a ver coisas grandiosas, admiraram-se com aquelas, que lhes pareciam das maiores, considerando-se a qualidade do cavaleiro, que, como sabiam, era simples cidadão, e não um grande senhor.

Quando terminaram de comer, e as mesas foram retiradas, falou-se durante algum tempo sobre assuntos elevados, mas, como o calor era grande, quis *messer* Torello que os fidalgos de Pávia fossem descansar. Ficando com seus três hóspedes, ele os levou a um aposento e, para que nada do que tivesse de valioso deixasse de ser visto por eles, mandou ali chamar sua brava esposa. Ela, que era

formosíssima e alta, compareceu diante deles ornada de ricos trajes, entre seus dois filhinhos, que pareciam dois anjos, e os cumprimentou amavelmente. Quando a viram, eles se levantaram e a receberam com reverência; e, pedindo que se sentasse entre eles, festejaram muito seus dois belos filhos. Mas, depois de entabular agradável conversa com eles, quando *messer* Torello se retirou por um momento, ela perguntou cortesmente de onde eles eram e para onde iam; a essa pergunta os fidalgos responderam o mesmo que haviam dito a *messer* Torello.

Então a mulher disse sorridente:

– Então vejo que minha percepção feminina será útil, por isso lhes peço que tenham a bondade de não recusar nem considerar indigno esse presentinho que mandarei trazer para os senhores; mas, considerando que as mulheres, por terem coração pequeno, dão coisas pequenas, aceitem-no levando mais em conta a boa intenção de quem o dá do que o valor do presente.

E, mandando trazer para cada um dois trajes (um forrado de seda, e o outro, de petigris, que não eram coisa de cidadãos comuns nem de mercadores, mas de grandes senhores), mais três gibões de cendal e linho, disse:

– Aceitem isto: meu senhor veste roupas iguais a estas; quanto às outras coisas, embora valham pouco, talvez lhes possam ser úteis, considerando que estão distantes de suas mulheres, que é longo o caminho que já fizeram e o que ainda está por fazer, e que os mercadores são pessoas limpas e de costumes delicados.

Os fidalgos se admiraram e perceberam claramente que *messer* Torello não queria se abster de nenhum tipo de cortesia que lhes pudesse fazer, e, ao verem a nobreza dos trajes, nada próprios a mercadores, desconfiaram de que talvez tivessem sido reconhecidos por *messer* Torello; mesmo assim, um deles respondeu à mulher:

– São coisas valiosíssimas que não deveríamos aceitar facilmente, se a tanto não nos obrigasse o seu pedido, que não podemos negar.

Feito isso, depois que *messer* Torello voltou, a mulher os recomendou a Deus e despediu-se, tomando providências para que os fâmulos também recebessem coisas semelhantes, mas condizentes com sua posição. *Messer* Torello insistiu para que eles passassem todo aquele dia com ele; assim, depois da sesta, eles envergaram seus trajes e foram cavalgar algum tempo com *messer* Torello pela cidade, até que, chegada a hora devida, cearam magnificamente com muitos insignes companheiros.

Chegado o momento, foram dormir e, quando o dia raiou e eles se

levantaram, em lugar de seus rocins cansados, encontraram três grandes e ótimos palafréns, assim como cavalos novos e fortes para seus fâmulos. Quando Saladino viu aquilo, voltou-se para os companheiros e disse:

– Juro por Deus que nunca vi homem mais perfeito, cortês e prevenido que este; e, se os reis cristãos forem reis como esse cavaleiro é cavaleiro, é melhor o sultão da Babilônia não ficar à espera de um só deles, muito menos de todos quantos se preparam para lhe caírem em cima.

Mas, sabendo que não teriam como recusar, agradeceram-lhe cortesmente e montaram.

Messer Torello e vários companheiros os acompanharam por um bom trecho do caminho fora da cidade; e Saladino, embora sentisse despedir-se de *messer* Torello (a tal ponto se lhe afeiçoara), precisando apertar o passo, pediu-lhe que regressasse. Este, apesar de achar duro despedir-se deles, disse:

– Farei o que desejam, mas quero dizer-lhes uma coisa: não sei quem são, nem quero saber mais do que lhes agrade dizer; porém, sejam quem forem, não foi desta vez que me fizeram acreditar que são mercadores; e que Deus os acompanhe.

Saladino, que já se despedira de todos os companheiros de *messer* Torello, respondeu-lhe da seguinte maneira:

– Quem sabe um dia ainda lhe mostraremos nossa mercadoria, de modo que o senhor passe a acreditar; vá com Deus.

Depois de partirem, Saladino e companheiros iam com grande disposição de prestarem um dia a *messer* Torello honras nada inferiores às que ele lhes fizera, caso continuassem vivos e a guerra que previam não o impedisse; e conversaram muito sobre ele, sua mulher e todas as suas coisas, atos e feitos, sempre elogiando tudo. Mas, depois de investigar por todo o Poente, não sem grande canseira, Saladino fez-se ao mar com os companheiros e retornou a Alexandria, onde, plenamente informado, se preparou para a defesa. *Messer* Torello voltou para Pávia e passou muito tempo pensando em quem aqueles três poderiam ser, sem nunca alcançar a verdade, nem sequer se aproximar.

Chegada a hora da cruzada, com grandes preparativos por todos os lugares, *messer* Torello fez questão de ir, não obstante as súplicas e as lágrimas da esposa; e, depois de preparar tudo, quando já estava para sair cavalgando, disse à mulher, que ele amava sumamente:

– Como está vendo, vou para essa cruzada tanto pela honra de minha pessoa quanto pela salvação da alma; recomendo-lhe todas as nossas coisas e a nossa honra; e, embora esteja seguro da ida, não tenho certeza nenhuma da volta, que

mil acasos podem obstar; por isso, peço-lhe um favor: aconteça o que acontecer, se não receber notícia segura de que estou vivo, espere-me um ano, um mês e um dia sem se casar, a começar deste dia de minha partida.

A mulher, que chorava muito, respondeu:

– *Messer* Torello, não sei como suportarei a dor em que me deixa com sua partida; mas, caso a minha vida seja mais forte que a dor e algo lhe venha a ocorrer, viva e morra certo de que viverei e morrerei esposa de *messer* Torello e de sua memória.

A isso *messer* Torello respondeu:

– Estou absolutamente seguro de que, no que lhe diz respeito, ocorrerá isso que está me prometendo; mas você é jovem, bonita e de alta estirpe; além do mais, suas qualidades são muitas e conhecidas de todos; por tudo isso, não tenho dúvidas de que muitos homens poderosos e nobres pedirão sua mão a seus irmãos e parentes, se por acaso houver suspeitas de minha morte; então não vai poder resistir à sua insistência, por mais que queira, e será obrigada a fazer a vontade deles; essa é a razão pela qual lhe dou esse prazo, e não mais.

A mulher disse:

– Farei o que puder daquilo que lhe prometi; e, ainda que precise fazer outra coisa, sem dúvida lhe obedecerei nisso que me ordena. Peço a Deus que não leve nenhum de nós a tais extremos nesse momento.

Terminadas essas palavras, a mulher abraçou *messer* Torello a chorar e, dando-lhe um anel que tirara do dedo, disse:

– Se por acaso eu morrer antes de revê-lo, lembre-se de mim quando olhar para ele.

Ele pegou o anel, montou em seu cavalo e, despedindo-se de todos, deu início à viagem; chegando a Gênova com os acompanhantes, embarcou numa galera e foi embora; em pouco tempo chegou a Acre, onde se uniu a outro exército cristão. Quase imediatamente começou a grassar nesse exército uma grande e mortal epidemia, durante a qual Saladino, por astúcia ou acaso, capturou sem enfrentar resistência quase todo o remanescente dos cristãos que haviam escapado da doença, sendo todos distribuídos por muitas cidades; entre os prisioneiros estava *messer* Torello, que foi encarcerado em Alexandria. Lá, não sendo conhecido e temendo dar-se a conhecer, foi obrigado pela necessidade a adestrar falcões, coisa em que era grande mestre; quando essa notícia chegou a Saladino, este mandou tirá-lo da prisão e o tornou seu falcoeiro. *Messer* Torello, que Saladino não conhecia por outro nome senão pelo de cristão (pois ele não reconhecera o sultão nem este o reconhecera), só tinha pensamentos para Pávia e

várias vezes tentara fugir, mas não conseguira; por isso, quando viu que estavam de partida certos embaixadores genoveses, que tinham ido tratar com Saladino do resgate de alguns de seus concidadãos, *messer* Torello pensou em escrever à mulher, dizendo que o esperasse, porque ele estava vivo e voltaria para ela assim que pudesse; e foi o que fez, pedindo encarecidamente a um dos embaixadores, conhecido dele, que fizesse as cartas chegar às mãos do abade de San Pietro in Ciel d'oro, que era seu tio.

Estava *messer* Torello nessa situação quando, certo dia, conversando com Saladino sobre seus falcões, começou a sorrir e fez com a boca um gesto que Saladino notara muito quando estava em sua casa, em Pávia. Esse gesto trouxe à mente de Saladino a imagem de *messer* Torello, de modo que começou a olhá-lo fixamente, com a impressão de que era ele; então, mudando de assunto, disse:

– Diga, cristão, você é de que lugar do Poente?

– Meu senhor – disse *messer* Torello –, sou lombardo, de uma cidade chamada Pávia, homem pobre e de baixa condição.

Quando ouviu isso, Saladino teve quase certeza daquilo de que desconfiava, e pensou alegre: "Deus me deu tempo de mostrar a ele quanto me foi grata a sua cortesia". E, sem dizer mais nada, mandou pôr todos os seus trajes num aposento e, levando-o para lá, disse:

– Olhe, cristão, se entre essas roupas há alguma que você já viu alguma vez.

Messer Torello começou a olhar e viu as que sua mulher dera a Saladino, mas achou que não poderiam ser as mesmas; apesar disso, respondeu:

– Meu senhor, não conheço, se bem que aquelas duas se parecem com umas que vesti com três mercadores que estiveram em minha casa.

Então Saladino, não conseguindo conter-se, abraçou-o afetuosamente, dizendo:

– O senhor é *messer* Torello di Strà, e eu sou um dos três mercadores aos quais sua esposa deu essas roupas; e agora chegou a hora de fazê-lo acreditar na minha mercadoria, como lhe disse eu que poderia ocorrer quando me despedi do senhor.

Messer Torello, ao ouvir isso, começou a sentir alegria e vergonha; alegria por ter recebido um hóspede daqueles; vergonha, por lhe parecer que o recebera pobremente. Então Saladino lhe disse:

– *Messer* Torello, já que Deus o mandou aqui, considere-se doravante senhor, e não eu.

E, depois de muito se rejubilarem, Saladino deu-lhe trajes régios e, levando-o à presença de todos os seus mais insignes varões, disse muitas coisas elogiosas

sobre seu valor, ordenando a todos os que lhe tivessem apreço que prestassem a *messer* Torello as mesmas honras que eram prestadas à sua pessoa. E daí por diante todos observaram essa ordem, porém muito mais aqueles dois senhores que haviam estado em sua casa com Saladino. A altura da súbita glória em que *messer* Torello se viu afastou um pouco a Lombardia de sua mente, sobretudo porque ele acreditava firmemente que suas cartas chegariam às mãos do tio.

No campo, ou seja, no exército dos cristãos, no dia da captura por Saladino, fora morto e sepultado um cavaleiro provençal de baixa estirpe, cujo nome era *messer* Torel de Dignes; por isso, como *messer* Torel207 di Strà era conhecido por todo o exército graças à sua nobreza, todos os que ouviram dizer "*messer* Torel morreu" acreditaram tratar-se de *messer* Torel di Strà, e não de Dignes; e o incidente da captura, que sobreveio, não tirou do engano aqueles que estavam enganados; por isso, muitos italianos voltaram com essa notícia, e entre eles havia até alguns tão presunçosos que ousavam dizer que o haviam visto morto e tinham presenciado seu enterro. Quando chegou ao conhecimento de sua esposa e dos parentes, a notícia causou enorme e indescritível pesar, e não só a eles, mas também a todos os que o haviam conhecido.

Muito extenso seria narrar a dor, a tristeza e o pranto de sua mulher, que depois de passar vários meses a penar em incessante aflição começou a lamentar-se menos e passou a ser requisitada pelos mais importantes homens da Lombardia, motivo pelo qual os irmãos e os outros parentes começaram a pedir-lhe que se casasse de novo. Mas a isso ela se negou muitas vezes, vertendo copioso pranto, até que, coagida, acabou por concordar em fazer o que desejava sua família, mas com a condição de ficar sem casar-se durante todo o prazo prometido a *messer* Torello.

Enquanto em Pávia estavam nesses termos os assuntos de sua esposa, faltando cerca de oito dias para a data do casamento, em Alexandria *messer* Torello avistou certo dia um homem que ele vira embarcar com os embaixadores genoveses na galera que vinha para Gênova; então, chamando-o, perguntou como havia sido a viagem e quando tinham eles desembarcado em Gênova. O homem disse:

– Meu senhor, a galera fez má viagem, pelo que fiquei sabendo em Creta, onde desembarquei; pois estava ela próxima da Sicília, quando se ergueu perigosa tramontana que a fez bater nos baixios da Berberia, sem que escapasse ninguém, e entre os que pereceram estavam dois irmãos meus.

Messer Torello, dando fé às suas palavras, que eram verazes, e lembrando-se de que dentro de poucos dias terminaria o prazo solicitado à esposa, imaginou

que nada devia ser conhecido em Pávia sobre a sua situação e deu por certo que a mulher se casara de novo; com isso, foi tomado de tanta dor, que perdeu o apetite e caiu de cama, decidido a morrer. Quando soube disso, Saladino, que o estimava demais, foi ter com ele, e, depois de muitos rogos, ficou sabendo a razão daquela dor e daquela enfermidade; então o repreendeu muito por não lhe ter dito nada antes, pedindo-lhe que se animasse e afirmando que, se o fizesse, ele encontraria um modo de fazê-lo estar em Pávia no prazo marcado, e disse como. *Messer* Torello, dando fé às palavras de Saladino, pois ouvira dizer com frequência que aquilo era possível e fora feito várias vezes, começou a consolar-se e a pedir a Saladino que aquilo fosse providenciado. Saladino então ordenou a um seu nigromante, cuja arte já experimentara, que encontrasse um meio de levar *messer* Torello a Pávia sobre uma cama, em uma noite; o nigromante respondeu que aquilo seria feito, mas que, para o bem dele, o mandasse dormir.

Depois de acertadas essas coisas, Saladino voltou a falar com *messer* Torello e, encontrando-o totalmente disposto a estar em Pávia na data marcada ou, se isso não fosse possível, a morrer, disse-lhe o seguinte:

– Se o senhor ama com tanta afeição sua esposa e teme que ela venha a pertencer a outro, Deus sabe que não o censuro por isso de modo algum, pois entre todas as mulheres que me parece ter visto foi nela que notei os costumes, as maneiras e o comportamento (sem falar da beleza, que é flor que fenece) mais dignos de louvores e de apreço. Eu teria ficado muito contente – já que a Fortuna aqui o mandou – se no governo deste reino passássemos lado a lado, como senhores, o tempo que ainda temos para viver; e, embora isso não deva ser concedido por Deus, já que é sua decisão morrer ou estar em Pávia dentro do prazo marcado, eu teria desejado sabê-lo a tempo, para fazê-lo regressar à sua casa com as honras, a grandeza e o séquito que sua virtude merece; mas, visto que isso não me é concedido, e o senhor quer estar lá imediatamente, vou mandá-lo do modo como posso, da forma como lhe disse.

Messer Torello disse:

– Meu senhor, mesmo sem suas palavras, os fatos já me deram suficientes demonstrações de sua benevolência, que nunca mereci em tão supremo grau, e viverei e morrerei seguríssimo daquilo que o senhor diz, mesmo que não o dissesse; mas, uma vez que tomei essa decisão, eu lhe rogo que faça depressa aquilo que me diz que fará, pois amanhã é o último dia em que serei esperado.

Saladino disse que aquilo seria feito sem falta; e no dia seguinte, tencionando mandá-lo embora à noite, ordenou que num grande salão fosse montado um belíssimo e rico leito acolchoado, como é uso deles, totalmente de veludo e

tecidos bordados de ouro; mandou pôr em cima uma colcha com lavores espaçados de pérolas graúdas e de valiosas pedras preciosas (que depois foi considerada aquém-mar um tesouro inestimável) e dois travesseiros condizentes com tal leito. Feito isso, ordenou que *messer* Torello, que já estava restabelecido, envergasse uma túnica à moda sarracena (a coisa mais rica e mais bela que alguém já viu) e que na cabeça, também à moda deles, enrolasse uma daquelas suas compridíssimas faixas. E, estando a hora já bem adiantada, Saladino foi com muitos dos seus varões ao quarto onde estava *messer* Torello e, sentando-se ao seu lado, começou a dizer quase chorando:

– *Messer* Torello, aproxima-se a hora em que precisarei me separar do senhor, e, como não posso acompanhá-lo nem dar-lhe companhia, pois a qualidade do caminho que há para fazer não o consente, preciso despedir-me do senhor aqui no quarto, e para isso vim. Portanto, antes de o recomendar a Deus, peço-lhe, em nome da estima e da amizade que há entre nós, que se lembre de mim, e, se possível, antes que terminem nossos dias, depois de ter posto em ordem seus negócios na Lombardia, venha ver-me pelo menos uma vez, para que então me alegre por revê-lo e possa reparar a falta que agora, por pressa, preciso cometer; e, enquanto isso não ocorre, não se acanhe de visitar-me com cartas e de pedir-me todas as coisas que quiser, pois eu as farei com mais gosto pelo senhor do que por qualquer outro homem que exista.

Messer Torello não conseguiu reter as lágrimas; por isso, impedido por elas, respondeu com poucas palavras que era impossível jamais esquecer seus benefícios e seu valor, e que sem falta faria o que ele lhe pedia, sempre que tivesse ensejo. Então Saladino o abraçou e beijou com ternura, dizendo entre lágrimas: “Vá com Deus”; e saiu do quarto. Os outros todos se despediram também e foram com Saladino para a sala onde ele mandara aprontar o leito.

Mas, como já era tarde e o nigromante estava à espera, se apressando as despedidas, veio um médico com uma beberagem e explicou a *messer* Torello que lhe dava aquilo para fortificá-lo e pediu-lhe que bebesse; não passou muito tempo, ele adormeceu. E assim dormindo foi levado ao belo leito, por ordem de Saladino, sobre o qual este colocou uma coroa grande e bonita, de grande valor, marcando-a de tal modo que ficasse claro estar ela sendo mandada por Saladino à esposa de *messer* Torello. Depois, pôs no dedo de *messer* Torello um anel no qual estava incrustado um carbúnculo tão reluzente que parecia uma tocha acesa, cujo valor mal se podia estimar; em seguida, cingiu-o com uma espada, cuja guarnição não seria fácil avaliar; além disso, mandou prender-lhe no peito um broche no qual havia umas pérolas que nunca antes se viu nada igual, com outras

muitas pedras valiosas; depois, de cada lado dele, mandou pôr duas grandes vasilhas de ouro cheias de dobrões e, ao redor dele, muitas redinhas com pérolas, mais anéis, cintos e outras coisas, que seria demorado enumerar. Feito isso, beijou de novo *messer* Torello e disse ao nigromante que fizesse o que era preciso; assim, diante de Saladino o leito com *messer* Torello foi imediatamente arrebatado, e Saladino ficou falando dele com seus varões.

Messer Torello já havia pousado na igreja de San Pietro in Ciel d'oro de Pávia com todas as joias e os ornamentos mencionados, conforme solicitara, e ainda estava adormecido quando, havendo soado o sino para as matinas, o sacristão entrou na igreja com uma luz na mão e, vendo subitamente o rico leito, não só se admirou como também sentiu muito medo e voltou correndo; o abade e os monges, vendo-o fugir, admiraram-se e perguntaram a razão daquilo. O monge contou.

– Oh – disse o abade –, você já não é criança nem é novo nesta igreja para se assustar tão facilmente; vamos lá ver o que lhe deu tanto medo.

Então, acendendo mais luzes, o abade e todos os monges entraram na igreja e viram aquele leito tão maravilhoso e rico sobre o qual dormia o cavaleiro; e, enquanto olhavam as nobres joias, amedrontados e tímidos, sem se aproximarem do leito, a virtude da beberagem se esgotou, e *messer* Torello acordou, lançando um profundo suspiro. Os monges, ao verem aquilo, gritaram assustados "Deus me ajude" e fugiram, e o abade com eles. *Messer* Torello, abrindo os olhos e olhando em torno de si, percebeu claramente que estava no lugar que solicitara a Saladino, o que o deixou muito contente; assim, sentou-se na cama e ficou olhando todas as coisas que estavam ao seu redor, e, embora já antes tivesse reconhecido a magnificência de Saladino, agora ela lhe parecia ainda maior. No entanto, mesmo não fazendo nenhum outro movimento, ouviu que os monges fugiam e percebeu por quê; então, começou a chamar o abade pelo nome e a pedir-lhe que não tivesse medo, pois ele era Torello, seu sobrinho. O abade, ao ouvir isso, ficou mais amedrontado, pois o dava por morto havia vários meses; mas, depois de algum tempo, tranquilizado por argumentos verazes e ouvindo que ele o chamava, fez o sinal da santa cruz e foi até lá.

Messer Torello disse:

– Ó meu pai, do que tem medo? Estou vivo, graças a Deus, e voltando de ultramar.

Apesar de *messer* Torello estar com a barba crescida e em trajes árabes, o abade o reconheceu depois de certo tempo e, totalmente tranquilizado, tomou-lhe a mão, dizendo:

– Meu filho, seja bem-vindo.

E prosseguiu:

– Não deve admirar-se com o nosso medo, porque na cidade não há quem não acredite piamente que você está morto; tanto, que só sei dizer que *madonna* Adalieta, sua esposa, vencida pelos pedidos e pelas ameaças da família, aceitou casar-se contra a vontade; o enlace deve ocorrer esta manhã, e está tudo pronto para as bodas e para a festa.

Messer Torello, levantando-se do rico leito e cumprimentando jubilosamente o abade e os monges, pediu a todos que não comentassem com ninguém sobre o seu retorno até que ele resolvesse certo assunto. Depois, guardando as ricas joias em lugar seguro, contou ao abade tudo o que lhe acontecera até aquele momento. O abade, feliz com a sua ventura, agradeceu a Deus junto com ele. Depois disso, *messer* Torello perguntou ao abade quem era o novo marido da sua esposa. O abade disse.

Então *messer* Torello disse:

– Antes que meu retorno fique sendo conhecido, pretendo ver que comportamento minha mulher tem nessas núpcias; por isso, embora não seja costume as pessoas do clero irem a esse tipo de banquete, gostaria que, pelo amor que me tem, o senhor desse um jeito de irmos.

O abade respondeu que o faria de bom grado; e, quando o dia clareou, mandou um mensageiro ao noivo dizendo que gostaria de ir com um companheiro às suas núpcias; o fidalgo respondeu que o receberia com gosto. Chegada, portanto, a hora de comer, *messer* Torello, usando aquele mesmo traje, foi com o abade à casa do noivo, sendo observado com admiração por todos os que o viam, mas sem ser reconhecido por ninguém; e o abade dizia a todos que ele era um sarraceno mandado pelo sultão como embaixador ao rei da França. *Messer* Torello, posto a uma mesa que ficava bem em frente à de sua mulher, olhava-a com extremo prazer, e, pela expressão do rosto, achava que ela estava agastada com aquelas núpcias. Ela também o olhava de vez em quando: não por motivo de reconhecimento, pois a barba comprida, o traje estranho e a firme crença em sua morte impediam que isso ocorresse, mas por causa da estranheza da roupa. Mas, quando *messer* Torello achou que estava na hora de colocá-la à prova, para ver se ela se lembrava dele, pegou o anel que lhe fora dado pela mulher no momento da partida, mandou chamar um jovenzinho que servia a mesa dela e lhe disse:

– Diga de minha parte à noiva que na minha terra, quando algum forasteiro (como sou eu aqui) participa do banquete de alguma noiva (como é ela), é

costume dar um sinal de satisfação com a vinda dele para comer: a noiva manda ao forasteiro, cheia de vinho, a taça em que está bebendo, e o forasteiro, depois de beber na taça a quantidade que quiser, volta a cobri-la, e a noiva bebe o restante.

O jovenzinho deu o recado à mulher, e esta, que era educada e atilada, para mostrar que tinha gosto com a presença daquele homem que acreditava ser um importante dignitário, ordenou que uma grande taça dourada que tinha diante de si fosse lavada, enchida de vinho e entregue ao fidalgo; e assim foi feito. *Messer* Torello, que pusera o anel dela na boca, ao beber fez que ele caísse na taça, sem que ninguém percebesse, e, deixando pouco vinho, cobriu-a de novo e mandou-a à mulher. Ela a pegou e, para observar o costume dele, descobriu-a, levou-a aos lábios e viu o anel; então ficou a olhá-lo durante certo tempo sem dizer nada e, reconhecendo que era aquele que dera a *messer* Torello na hora da partida, pegou-o e, olhando fixamente o homem que acreditava ser forasteiro, reconheceu-o e, como se estivesse fora de si, lançou ao chão a mesa que estava à sua frente e gritou:

– Este é o meu senhor; este é *messer* Torello, de verdade.

E, correndo à mesa à qual ele estava sentado, sem se importar com a roupa ou com as coisas que havia na mesa, lançou-se em sua direção o quanto pôde e abraçou-o com força, e, por mais que dissessem ou fizessem os presentes, ela não se soltava do pescoço dele, até que *messer* Torello lhe disse que se controlasse um pouco, pois ainda teria muito tempo para abraçá-lo.

Então ela se recompôs, mas as núpcias já tinham sido perturbadas e em parte estavam mais alegres que antes, com a recuperação de tal cavaleiro; então, a pedido de *messer* Torello, todos se calaram, e ele contou aos presentes o que lhe ocorrera desde o dia da partida até aquele momento, dizendo, para concluir, ao fidalgo que lhe tomara a mulher para casar-se com ela por acreditá-lo morto, que não se importasse se ele, estando vivo, a tomava de volta. O noivo, embora um tanto ressentido, respondeu com franqueza e amizade que ele fizesse o que mais lhe agradasse com suas coisas. A mulher deixou ali os anéis e a coroa ganhos do noivo e, tirando o anel que estava na taça, enfiou-o no dedo e pôs na cabeça a coroa enviada pelo sultão; e, saindo da casa onde estavam, foram com todo o séquito das núpcias à casa de *messer* Torello; ali, os amigos e os parentes desconsolados, bem como todos os cidadãos, olhando-o como se fosse um milagre, consolaram-se com uma festa longa e alegre.

Messer Torello, após dar uma parte de suas valiosas joias àquele que arcara com as despesas das núpcias e uma parte ao abade e a muitos outros, mandou

por vários mensageiros a notícia de sua feliz repatriação a Saladino, declarando-se seu amigo e servidor; depois viveu vários anos com a sua brava esposa, usando de mais cortesia que nunca.

Foi esse, portanto, o fim dos pesares de *messer* Torello e de sua cara esposa, e foi tal a recompensa por suas alegres e prontas cortesias. Cortesias que muitos se esforçam por fazer, e, embora tenham meios para tanto, fazem-nas tão mal que, antes mesmo de fazê-las, cobram por elas mais do que valem, motivo pelo qual, se não lhes resulta recompensa, nem eles nem ninguém devem admirar-se.

DÉCIMA NOVELA

O marquês de Saluzzo, para atender ao pedido de seus súditos, é obrigado a casar-se e, querendo achar esposa a seu modo, toma a filha de um camponês, da qual tem dois filhos, que ele finge matar. Depois, dando mostras de repudiá-la e de estar disposto a desposar outra mulher, traz de volta à sua casa a própria filha como se fosse sua noiva e expulsa a esposa vestida com uma camisa; como vê que ela suporta tudo pacientemente, ele a traz de volta para casa, mais prezada que nunca, mostra-lhe os filhos grandes, honrando-a e fazendo que todos a honrem como marquesa.

Terminada a longa história do rei, que, ao que tudo indicava, tinha agrado muito a todos, Dioneu disse rindo:

– O bom homem, que esperava à noite abaixar o rabo em pé do papão208, não teria dado mais de dois denários por todos os louvores que estão fazendo a *messer* Torello.

Depois, sabendo que a ele competia contar uma história, começou.

– Minhas sereníssimas senhoras, pelo que me parece, o dia de hoje foi dedicado a reis, sultões e gente desse tipo; por isso, para não ficar muito atrás, vou falar de um marquês, mas não vou contar nenhuma magnificência, e sim uma estupidez insana, se bem que com um bom final. E não aconselho que ninguém o imite, pois foi muita pena que ele se desse bem.

Há já muito tempo, entre os marqueses de Saluzzo, o mais velho da família era um jovem chamado Gualtieri, que, não tendo mulher nem filhos, não dedicava tempo a outra coisa que não fossem a cetraria e a caça, sem a menor intenção de casar-se ou de ter filhos, pelo que devia ser considerado muito esperto. Mas seus súditos, que não gostavam nada daquilo, pediram-lhe várias vezes que tomasse esposa, para não ficar ele sem herdeiros nem seus súditos sem senhor; e ofereciam-se para encontrar uma que fosse boa e descendesse de pai e mãe bons, o que lhes daria boas esperanças e o deixaria muito contente.

Gualtieri lhes respondeu:

– Amigos, vocês me obrigam a fazer o que eu não estava disposto a fazer jamais, considerando que é muito difícil encontrar quem se ajuste aos nossos costumes, que são abundantes os casos contrários e que é dura a vida do homem que topa com uma mulher que não se ajuste bem a ele. E é tolice dizer que

acreditam conhecer as filhas pelos costumes dos pais e das mães, argumentando assim serem capazes de achar uma que me agrade; porque não sei como podem conhecer os pais, nem como saber os segredos das mães; se bem que, mesmo os conhecendo, frequentemente as filhas são diferentes dos pais e das mães. Mas, visto que querem prender-me nessas cadeias, estou disposto a concordar; e, para que eu não venha a ter por que me queixar de outra pessoa, senão de mim mesmo em caso de escolher mal, quero ser aquele que encontrará essa mulher, e lhes afirmo que, seja ela quem for, se vocês não lhe prestarem honras devidas a uma senhora, vão experimentar, para seu desgosto, como me é penoso tomar mulher contra a vontade, só para atendê-los.

Os bravos homens responderam que concordavam, desde que ele se decidisse a casar-se.

Já fazia um bom tempo Gualtieri apreciava os costumes de uma mocinha pobre que morava num povoado próximo à casa dele; como a achava bem bonita, concluiu que com ela poderia levar uma vida bastante feliz; por isso, sem mais buscar, decidiu casar-se com ela; e, mandando chamar seu pai, que era paupérrimo, acertou com ele tomá-la por esposa.

Feito isso, Gualtieri reuniu todos os amigos que tinha no lugar e lhes disse:

– Amigos, vocês sempre quiseram e querem ainda que me disponha a tomar mulher, e eu me dispus a isso mais para satisfazê-los do que por desejo meu de casar-me. Lembram-se do que me prometeram, ou seja, de que ficariam contentes e respeitariam como senhora aquela com quem me casasse, fosse quem fosse; portanto, chegou a hora de cumprir minha promessa, e quero que vocês cumpram a sua. Encontrei uma moça que está a meu gosto, bem perto daqui; pretendo tomá-la por esposa e trazê-la para cá dentro de poucos dias; por isso, providenciem para que a festa de núpcias seja linda e vejam com que honras podem recebê-la, para que eu possa dar por cumprida a sua promessa, assim como vocês podem dar a minha por cumprida.

Os bons homens responderam, alegres, que estavam satisfeitos, e que, fosse quem fosse a noiva, eles a considerariam senhora e a respeitariam em tudo como tal. Depois, todos se dispuseram a fazer uma festa bonita, grandiosa e alegre; o mesmo fez Gualtieri. Mandou preparar bodas grandiosas e belas, convidou muitos amigos, parentes e grandes fidalgos, de lá e das redondezas; além disso, mandou cortar e costurar vários vestidos lindos e ricos segundo as medidas de uma jovem que lhe parecia ter o mesmo corpo daquela com quem se propusera casar; também preparou cintos, anéis e uma rica e bela coroa, bem como tudo o que é necessário a uma noiva.

Quando chegou o dia marcado para as núpcias, Gualtieri montou a cavalo no começo da manhã junto com todos os que tinham ido prestar-lhe homenagem; e, depois de organizar tudo o que era oportuno, disse:

– Senhores, está na hora de ir buscar a noiva.

E, pondo-se a caminho, ele e seu séquito chegaram ao povoado. Ao se aproximarem da casa do pai da moça, viram-na de volta da fonte, trazendo água com muita pressa, para depois ir com outras as mulheres assistir à vinda da noiva de Gualtieri; quando a viu, Gualtieri a chamou pelo nome, ou seja, Griselda, e perguntou onde estava seu pai; ela respondeu com timidez:

– Senhor, ele está em casa.

Então Gualtieri apeou e, ordenando a todos que o esperassem, entrou sozinho na casa pobre, onde encontrou o pai dela, que se chamava Giannucole, e disse:

– Vim para desposar Griselda, mas antes, em sua presença, quero perguntar algumas coisas a ela.

E perguntou-lhe se, caso ele a tomasse por esposa, ela se empenharia em satisfazê-lo em tudo, em nunca se zangar com o que quer que ele dissesse ou fizesse, se seria obediente, e várias outras coisas semelhantes; a todas ela respondeu que sim.

Então Gualtieri tomou-a pela mão e, levando-a para fora e ordenando que a deixassem nua diante de todo o seu séquito e de todas as outras pessoas, quis que trouxessem as roupas que mandara confeccionar e que a vestissem e calçassem rapidamente; em seguida, pôs uma coroa sobre os seus cabelos despenteados como estavam, e disse a todos os presentes, que se admiravam muito com aquilo:

– Senhores, é esta que pretendo ter por mulher, desde que ela me queira por marido.

E, dirigindo-se a ela, que estava muito envergonhada e acanhada, perguntou:

– Griselda, aceita-me por marido?

E ela respondeu:

– Sim, senhor.

Então ele disse:

– E eu a quero por mulher.

E em presença de todos a desposou. E, fazendo-a montar um palafrém, levou-a para casa em honrosa companhia. Ali as núpcias foram belas e grandiosas, e a festa não teria sido diferente se ele tivesse desposado a filha do rei da França.

Parece que a noiva trocou de ânimo e costumes junto com as roupas. Ela era,

como já dissemos, bonita de corpo e rosto, e, tanto quanto era bonita, tornou-se também tão cativante, agradável e educada que não parecia filha de Giannucole e pastora de ovelhas, mas filha de algum nobre senhor; com isso, causava admiração a todos os que antes a haviam conhecido. Além do mais, era tão obediente ao marido e tão prestativa, que ele se considerava o mais homem contente e satisfeito do mundo; também para com os súditos do marido ela era tão cortês e benevolente, que não havia mais ninguém que não a amasse e não a respeitasse de bom grado, e todos faziam votos por seu bem, por sua prosperidade e por seu engrandecimento; e os que costumavam dizer que Gualtieri agira como pessoa pouco sábia ao tomá-la por mulher agora diziam que ele era o homem mais sábio e atilado do mundo, pois ninguém mais, senão ele, teria conseguido reconhecer a alta virtude oculta sob as roupas pobres e sob o traje de aldeã. Em suma, não só no seu marquesado, mas em todos os lugares, antes que se passasse muito tempo, ela soube agir tão bem que levou todos a comentarem seu valor e suas boas obras, transformando no contrário o que porventura se dissera contra seu marido pelo fato de tê-la desposado.

Não fazia muito tempo que estava com Gualtieri quando emprenhou e, no momento devido, deu à luz uma menina, com o que Gualtieri muito se rejubilou. Mas, pouco depois, ao espírito dele ocorreu um estranho intento, qual seja, o de pôr à prova a paciência dela com prolongada experiência e com coisas intoleráveis; primeiramente feriu-a com palavras, mostrando-se irado e dizendo que seus súditos estavam muito descontentes com ela, por causa de sua baixa condição, especialmente depois que viram que ela concebia filhos; e, muito aborrecidos com a filha que lhe nascera, nada mais faziam senão murmurar.

Ao ouvir essas palavras, a mulher disse, sem mudar de expressão nem de intenção:

– Senhor, faça de mim o que achar melhor para a sua honra e seu consolo, pois ficarei contente com tudo, por saber que valho menos que eles, e que não era digna desta honra em que me pôs por cortesia.

Gualtieri gostou muito da resposta por perceber que ela não se deixara levar pela soberba, em virtude das honras que ele e outros lhe tivessem prestado.

Pouco tempo depois, dizendo com palavras vagas à mulher que os súditos não suportavam aquela menina que dela nascera, instruiu um fâmulo seu, que foi ter com ela, dizendo-lhe com expressão sofredora:

– Senhora, se eu não quiser morrer, preciso fazer o que meu senhor me ordenou. E ele ordenou que eu pegue essa sua filha e que eu... – e mais não disse.

A mulher, ouvindo essas palavras e vendo a expressão do fâmulo, lembrou-se das palavras do marido e entendeu que este ordenara ao homem que a matasse; então, foi rapidamente pegar a filha no berço e, depois de a beijar e abençoar, apesar do grande sofrimento que sentia no coração, depositou-a nos braços do homem sem mudar de expressão e disse-lhe:

– Tome: faça exatamente o que o seu senhor, e meu, lhe ordenou; mas não a deixe onde as feras e os pássaros possam devorá-la, a não ser que ele o ordene.

O empregado pegou a menina e comunicou a Gualtieri o que a mulher dissera; este, muito admirado com a constância dela, mandou o homem levar a menina a uma parente sua em Bolonha, com o pedido de que a criasse e educasse diligentemente, sem nunca dizer de quem ela era filha.

Ocorre que depois a mulher emprenhou de novo e, no momento devido, deu à luz um menino, o que deixou Gualtieri felicíssimo; mas, não lhe bastando o que já fizera, ele feriu a mulher de maneira mais pungente, dizendo-lhe um dia com semblante irado:

– Mulher, depois que gerou este menino, não consigo conviver de maneira alguma com meus súditos, pois eles reclamam demais que um neto de Giannucole venha a tornar-se senhor deles depois de mim; por isso, se não quiser ser expulso daqui, temo precisar fazer com ele o que fiz da outra vez e, por fim, deixá-la para me casar com outra mulher.

A mulher o ouviu com paciência e respondeu apenas:

– Senhor, trate de fazer o que o deixar contente e satisfeito e não pense em mim, pois uma coisa me deixa feliz só quando vejo que lhe dá prazer.

Depois de não muitos dias Gualtieri mandou buscar o filho da mesma maneira que mandara buscar a filha, e igualmente fingiu que o mandava matar, mas o enviou a Bolonha, para ser criado, como fizera com a menina; diante disso, a mulher não manifestou pela expressão do rosto nem por palavras nada diferente do que fizera no caso da menina; Gualtieri, muito admirado, afirmava no íntimo que nenhuma outra mulher faria o que ela fazia; e, se não percebesse que ela era apegadíssima aos filhos, durante o tempo que ele permitia, teria acreditado que ela agia daquele modo para não precisar cuidar deles, e por isso percebia que ela o fazia por ser sensata. Os súditos, acreditando que ele mandara matar os filhos, censuravam-no veementemente e o consideravam cruel, sentindo grande compaixão da mulher; e ela, quando as outras mulheres se condoíam dos seus filhos mortos daquela maneira, nunca dizia nada, a não ser que sua vontade era a vontade daquele que os havia gerado.

Mas, passados vários anos após o nascimento da menina, Gualtieri, achando

que chegara a hora da última prova de tolerância da esposa, disse a muitos de seus súditos que já não aguentava mais ter Griselda por esposa, e que reconhecia ter agido mal e imaturamente quando se casara com ela, motivo pelo qual queria fazer todo o possível para obter dispensa do papa e assim poder tomar outra mulher e deixar Griselda; muitos de seus bons homens o repreenderam por isso, mas ele nada respondeu, a não ser que assim era preciso que fosse. A esposa, ouvindo tais coisas e achando que seria de se esperar o seu retorno à casa do pai para talvez pastorear ovelhas como já fizera, enquanto outra mulher ficaria com aquele a quem ela queria tanto bem, sentia no íntimo um grande pesar; no entanto, assim como suportara as outras injúrias da Fortuna, dispôs-se a suportar mais aquela com rosto impassível.

Não muito tempo depois, Gualtieri mandou vir cartas falsas de Roma e deu a entender a seus súditos que com aquelas cartas o papa lhe dera a dispensa, podendo ele casar-se com outra mulher e deixar Griselda. Então, chamando-a à sua presença, disse-lhe diante de muitas pessoas:

– Mulher, por concessão feita pelo papa, posso tomar outra esposa e deixá-la; e, como os meus antepassados foram fidalgos e senhores desta terra, ao passo que os seus sempre foram lavradores, não pretendo mais tê-la por esposa, devendo você voltar para casa de Giannucole com o dote que trouxe, e eu para cá trarei outra que encontrei e que é adequada à minha pessoa.

A mulher, ao ouvir essas palavras, com muito esforço conteve as lágrimas, contrariando a natureza das mulheres, e respondeu:

– Sempre reconheci que minha baixa condição de modo algum se adequava à sua nobreza, e aquilo que tive aqui eu reconhecia provir de Deus e do senhor e nunca o fiz meu nem considerei meu, como algo dado, e sim como algo emprestado. Agora quer reavê-lo, e eu devo querer e de fato quero devolver; aqui está o anel com o qual o senhor me desposou; pegue-o. Está ordenando que eu volte com o dote que trouxe: para tanto não vai precisar de pagador nem eu vou precisar de bolsa nem de besta de carga, pois não me esqueci de que me recebeu nua; e, se achar decoroso que seja visto por todos o corpo no qual carreguei os filhos que o senhor gerou, irei embora nua; mas peço-lhe, como recompensa pela virgindade que para aqui eu trouxe, mas não levo de volta, que pelo menos me permita levar apenas uma camisa além do dote que eu trouxe.

Gualtieri, apesar de ter mais vontade de chorar que de outra coisa, disse com semblante duro:

– Então leve uma camisa.

Todos os que estavam ao seu redor pediram-lhe que ele lhe desse um vestido,

para que aquela que havia sido sua esposa durante treze anos ou mais não fosse vista a sair de sua casa tão pobre e vexada, como era sair coberta por uma camisa; mas foram vãs as súplicas; por isso a mulher, vestindo uma camisa, descalça e sem nada na cabeça, depois de recomendá-lo a Deus, saiu de casa e voltou para o pai em meio às lágrimas e ao pranto de todos os que a viram. Giannucole, que nunca pudera acreditar que Gualtieri realmente ficasse com sua filha como esposa e todos os dias esperava esse acontecimento, guardara o vestido que ela despira naquela manhã em que Gualtieri a desposara; portanto, entregou-lhe a roupa, e ela a vestiu, voltando a dedicar-se aos pequenos serviços da casa paterna, como costumava fazer, suportando com ânimo forte o cruel assalto da Fortuna inimiga.

Depois do que fez, Gualtieri disse aos súditos que desposaria uma das filhas de um dos condes de Pánago; e, mandando fazer preparativos para uma grande festa de núpcias, mandou chamar Griselda e, quando ela veio, disse-lhe:

– Vou trazer essa senhora que recentemente tomei por esposa e pretendo recebê-la com honras nessa sua primeira vinda; e você sabe que em casa não tenho nenhuma mulher que saiba arrumar os quartos nem fazer muitas coisas que uma festa dessas exige; então, você que sabe melhor que qualquer outra pessoa essas coisas de casa, ponha em ordem tudo o que é preciso, convide as senhoras que achar conveniente e receba-as como se fosse a dona; depois de realizadas as núpcias, pode voltar para casa.

Embora essas palavras fossem punhaladas no coração de Griselda, que não conseguira renunciar ao amor que sentia por ele como renunciara à boa Fortuna, ela respondeu:

– Meu senhor, estou pronta e preparada.

E, entrando com suas roupinhas de pano rústico e grosseiro naquela casa de onde pouco antes saíra vestindo uma camisa, começou a varrer e a arrumar os quartos, a pôr tapeçarias e bancais nas salas, a preparar a cozinha e a cuidar pessoalmente de todas as coisas, como se fosse uma criadinha da casa; e não descansou até arrumar e organizar tudo como era preciso. Depois, mandando convidar todas as senhores do lugar em nome de Gualtieri, começou a esperar a festa. Quando chegou o dia das núpcias, apesar de estar vestindo roupas pobres, recebeu sorridente, com ânimo e porte senhoril, todas as mulheres que compareceram.

Gualtieri, que providenciara para que os filhos fossem diligentemente criados em Bolonha por sua parente casada com um dos condes de Pánago, mandou uma mensagem a esse seu parente em Bolonha, pedindo-lhe que fizesse a bondade de

vir para Saluzzo com sua filha e seu filho (ela já com doze anos – a coisa mais linda que já se viu, e ele com seis), trazendo consigo um belo e honroso séquito e dizendo a todos que vinha com a menina que seria sua mulher, sem revelar a ninguém nada sobre quem ela era. O fidalgo, fazendo o que o marquês pedia, pôs-se a caminho e, depois de alguns dias, chegou a Saluzzo na hora do almoço com a menina, o irmão e nobre séquito, e lá encontrou todos os moradores do lugar e muitos outros das cercanias, à espera daquela nova esposa de Gualtieri. As senhoras a receberam e, quando a menina entrou na sala onde as mesas estavam postas, Griselda foi alegre ao seu encontro, tal como estava, dizendo:

– Seja bem-vinda, minha senhora.

As mulheres (que haviam suplicado, mas em vão, que Gualtieri mandasse Griselda ficar num quarto ou lhe emprestasse algum dos vestidos que tinham sido seus, para que ela não se apresentasse daquele modo diante dos convivas) foram convidadas a sentar-se à mesa e começaram a ser servidas. A menina era observada por todos os homens, que diziam que Gualtieri fizera boa troca; mas, entre todos, Griselda tecia muitos louvores, a ela e a seu irmãozinho.

Gualtieri, achando que já vira tudo o que desejava da paciência da esposa, percebendo que a estranheza dos acontecimentos em nada a modificava e estando seguro de que aquilo não acontecia por parvoíce dela, pois sabia que ela era muito atilada, achou que chegara a hora de tirá-la do amargor que, segundo acreditava, ela escondia por trás do semblante inabalável. Então, chamando-a, perguntou-lhe diante de todos:

– O que acha de nossa noiva?

– Senhor – respondeu Griselda –, parece-me uma ótima escolha; e, se ela for sensata como é bonita, e acho que é, não duvido que o senhor viverá com ela como o mais feliz marido do mundo; mas peço-lhe encarecidamente que não inflija a essa esposa os tormentos que impôs à outra, pois mal posso acreditar que ela os suportaria, tanto por ser mais jovem quanto por ter sido criada com requintes, ao passo que a outra desde pequena viveu em meio a contínuos trabalhos.

Gualtieri, vendo que ela acreditava piamente que aquela seria sua esposa, mas nem por isso deixava de dizer nada que não fosse bom, convidou-a a sentar-se ao seu lado e disse:

– Griselda, está na hora de você colher os frutos de sua longa paciência, de todos os que me consideraram cruel, iníquo e estúpido saberem que o que eu fazia visava a um fim antevisto, pois eu queria ensiná-la a ser mulher, mostrar a eles como escolher e manter uma esposa e, ao mesmo tempo, obter sossego

perene enquanto tivesse de viver com você. Quando decidi tomar esposa, tive muito medo de que isso não acontecesse, por isso, para prová-la, sabe de quantas maneiras eu a feri e atormentei. E, como nunca a vi contrariar a minha vontade com palavras ou feitos, achando que de você recebo o consolo que tanto desejava, pretendo devolver-lhe em uma hora aquilo que em muitas lhe roubei e curar com extrema afeição as feridas que lhe causei; por isso, acolha com espírito alegre essa que você acha ser minha noiva e o irmão dela: são nossos filhos, que você e muitas outras pessoas acreditam há muito tempo que mandei matar cruelmente; e eu sou seu marido, que a ama acima de todas as coisas e acredita poder gabar-se de que ninguém pode estar tão contente como ele com sua mulher.

E, dizendo isso, abraçou-a e beijou-a; então, levantando-se com ela, que chorava de alegria, foram os dois até onde a filha estava sentada, a ouvir estupefata aquelas coisas, e a abraçaram afetuosamente, fazendo o mesmo ao irmão, e desse modo esclareceram o engano em que estavam a menina e muitas outras pessoas ali presentes. As mulheres se levantaram felicíssimas de suas mesas e foram com Griselda para o quarto, onde, com os melhores augúrios, tiraram-lhe as roupinhas e vestiram-na com um de seus trajes nobres, e como senhora (que ela sempre parecera, apesar dos andrajos) levaram-na de volta para a sala. Ali, ela se regozijou com os filhos, o que causou muita alegria a todos, de modo que os divertimentos e os festejos se multiplicaram e se estenderam por vários dias. Todos consideraram que Gualtieri fora atilado, embora considerassem excessivamente amargas e intoleráveis as provas a que ele submetera a esposa; mas, acima de tudo, acharam que Griselda fora mais que atilada.

O conde de Pánago voltou depois de alguns dias a Bolonha, e Gualtieri, tirando Giannucole do trabalho pesado, deu-lhe, na qualidade de sogro, uma situação excelente, na qual ele viveu com honra e tranquilidade durante toda a velhice. Depois, casando a filha com um fidalgo, ainda viveu muito tempo tranquilo com Griselda, honrando-a sempre ao máximo.

Que dizer desse caso, a não ser que nas casas pobres também caem do céu espíritos divinos, assim como nas régias caem uns que seriam mais dignos de guardar porcos que de exercer o poder sobre seres humanos? Quem, senão Griselda, teria conseguido suportar as rígidas e inauditas provas impostas por Gualtieri, não só sem lágrimas como também com um sorriso no rosto? Se bem que talvez não tivesse caído mal a Gualtieri topar com uma que, ao ser expulsa de casa só com uma camisa, tivesse arranjado outro que lhe sacudisse a samarra

e lhe desse um belo vestido.

A história de Dioneu terminara, e as senhoras já haviam falado bastante sobre ela, umas defendendo um lado, outras defendendo o outro, estas reprovando uma coisa, aquelas louvando-a, quando o rei, erguendo o rosto para o céu e vendo que o sol já estava baixo e entardecia, sem se levantar começou a falar da seguinte maneira:

– Lindas senhoras, como creio que sabem, os homens eminentes consideram que a sabedoria dos mortais não consiste apenas em ter as coisas passadas na memória ou em conhecer as presentes, mas em usar estas e aquelas para saber antever as futuras. Como é de seu conhecimento, amanhã faz quinze dias que saímos de Florença para termos alguma distração que nos servisse de amparo à saúde e à vida, pondo fim a melancolias, dores e angústias a que assistimos sem cessar em nossa cidade desde que tiveram início esses tempos de peste; coisa que, segundo meu juízo, fizemos com honradez; pois, se eu tiver bem observado, embora tenham sido contadas histórias alegres e talvez capazes de despertar a concupiscência, embora tenhamos continuamente comido bem, bebido, tocado e cantado, coisas estas de índole a incitar as mentes frágeis a coisas menos decorosas, não chegaram ao meu conhecimento atos ou palavras, enfim, nada que fosse censurável, nem da parte das senhoras nem da nossa; contínuo decoro, contínua concórdia, contínua familiaridade fraterna: foi isso o que me pareceu ver e ouvir. E isso, sem dúvida, me agrada dizer para honra e mérito das senhoras e de mim. Assim, para que a convivência demasiado longa não se converta em algo que possa dar origem a aborrecimentos e para que ninguém venha a tecer cavilações sobre nossa permanência demasiado prolongada, considerando que cada um de nós já recebeu em sua respectiva jornada a parte da honra que em mim ainda permanece, julgo que, desde que seja do agrado de todos, seria conveniente voltarmos agora ao lugar de onde partimos. Sem contar que, se observarem bem, o nosso grupo, que já é conhecido por vários outros ao redor, poderia crescer tanto que nossa tranquilidade acabaria. Por isso, se aprovarem minha proposta, ficarei com a coroa até nossa partida, que pretendo ocorra amanhã cedo; mas, se decidirem em contrário, já tenho pronto o nome de quem deverá ser coroado no dia seguinte.

Foram muitas as conversas entre as senhoras e os rapazes, mas finalmente todos acharam útil e justa a opinião do rei e decidiram fazer o que ele dissera. Assim, ele mandou chamar o senescal e com ele conversou sobre o modo como deveriam ser feitas as coisas na manhã seguinte; depois, dispensando o grupo até a hora do jantar, pôs-se em pé.

As senhoras e os outros se levantaram e, não deixando de observar seu costume, uns e outros entregaram-se a divertimentos diferentes. E, chegada a hora do jantar, todos se dirigiram às mesas com extremo prazer e, depois de comerem, começaram a cantar, tocar e dançar carolas; e, enquanto Lauretta conduzia uma dança, o rei ordenou a Fiammetta que cantasse uma canção, e ela, amavelmente, começou a cantar assim:

Não viesse o ciúme com o amor,
não sei de alguém na vida
mais feliz do que eu, seja quem for.
Se deve a juventude
em belo amante a mulher contentar,
ou fama de bravura,
ousadia ou virtude,
ou sensatez, costumes, bem falar,
ou grande formosura,
feliz então eu sou, estou segura:
tais coisas reunidas
os dons de meu amado vêm compor.
Mas, vendo como vejo,
que as outras são também muito atiladas,
o pior temo e penso,
pois o mesmo desejo
nelas percebo e as vejo interessadas
naquele a quem pertenço.
Assim, quem meu prazer só faz imenso
torna-me entristecida,
ao me encher de ansiedade e dissabor.
Se eu sentisse leal
meu senhor, quanto o sinto denodado,
ciúme não teria,
mas é tamanha e tal
a tentação que espreita o ser amado,
que em ninguém se confia.
Isso me aflige e disso eu morreria.
E que alguma, atraída,
um dia o leve embora é meu temor.
Peço a cada mulher

que não caia, por Deus, na tentação
de fazer-me essa afronta,
porque, se alguma houver,
que, com ditos, sinais e adulação,
um dano de tal monta
quiser ou conseguir, estarei pronta,
e à tal intrometida
farei pagar bem caro o impudor.

Quando Fiammetta terminou a canção, Dioneu, que estava a seu lado, disse rindo:

– A senhora faria uma grande cortesia se o desse a conhecer a todas, para que ninguém lhe arrebatasse a posse dele por falta de informação, o que a deixaria muito irada.

Depois dessa canção cantaram-se mais outras, e, quando a noite já se aproximava da metade, quis o rei que todos fossem dormir.

Quando surgiu o novo dia, eles se levantaram e, havendo o senescal já despachado todas as suas coisas, regressaram a Florença guiados pelo prudente rei. E os três jovens, depois de deixarem as sete senhoras em Santa Maria Novella, de onde tinham partido com elas, despediram-se e foram cuidar de seus outros prazeres; e elas, quando acharam oportuno, voltaram para casa.

---

203 Fidalgo de Siena que, após ser banido, se tornou mesnadeiro. (N.T.)
204 Vinho branco seco produzido em Corniglia, numa região denominada Cinque Terre, na província de La Spezia. (N.T.)
205 Mantive a grafia original porque há controvérsias quanto à precisão geográfica desse nome. Em geral é aceito como Catai, ou seja, antiga denominação da China no Ocidente. (N.T.)
206 No caso, instrumento de arco, ancestral da atual viola clássica. (N.T.)
207 A forma Torel era usada em paralelo a Torello. (N.T.)
208 O bom homem = o noivo. Sobre essa alusão ao papão, ver primeira novela da sétima jornada. (N.T.)

CONCLUSÃO DO AUTOR

Nobilíssimas jovens, para cujo consolo me entreguei a tão longo trabalho, creio que, com a ajuda da divina graça (a mim concedida pelas piedosas súplicas das senhoras, e não já por meus méritos), cumpri devidamente aquilo que prometi fazer no início desta obra; por isso, agradecendo primeiramente a Deus e depois às senhoras, está na hora de dar repouso à pena e à mão cansada. Mas, antes de conceder-lhes esse repouso, pretendo responder brevemente a algumas coisinhas, que talvez algumas das senhoras ou outras pessoas possam objetar, como se fossem perguntas tácitas (embora me pareça estar certíssimo de que estas novelas não deveriam ter privilégio especial, mais que outras coisas; aliás, lembro-me de ter mostrado no princípio da quarta jornada que de fato não têm).

Algumas das senhoras talvez digam que, ao escrever estas novelas, usei de demasiada licença, fazendo às vezes as mulheres dizer e frequentemente ouvir coisas que a senhoras honestas não convém muito dizer nem ouvir. Discordo, pois nada há tão indecoroso que, sendo dito com vocábulos decorosos, seja inconveniente a qualquer pessoa; e isso eu creio ter feito adequadamente aqui.

Mas, suponhamos que assim seja: não pretendo discutir com as senhoras, pois sairia vencido. Digo, para responder por que o fiz, que me acodem imediatamente várias razões. Em primeiro lugar, se alguma licença há, é porque a índole das novelas o exigiu, e, se os entendedores olharem com o olho da razão, perceberão claramente que eu não poderia contá-las de outro modo, se não quisesse desfigurá-las. E, mesmo que haja alguma parcela de licença, alguma palavrinha mais liberal do que talvez conviria a certas carolas (que dão mais peso às palavras que aos atos e se empenham mais em parecer do que em ser bondosas), digo que não me cabe mais censura por tê-las escrito do que em geral cabe censura a homens e mulheres que dizem todos os dias *buraco*, *prego*, *morteiro*, *pilão*, *linguiça*, *salsicha*[209] e um monte de coisas semelhantes. Sem contar que à minha pena não se deve conceder menos autoridade que ao pincel do pintor, que sem nenhuma censura, ou pelo menos sem justa censura, põe São Miguel a ferir a cobra com a espada ou com a lança, São Jorge a ferir o dragão onde bem queira, faz Cristo homem e Eva mulher, e Aquele mesmo que quis morrer na cruz pela salvação da espécie humana ele prega pelos pés à cruz com um prego ou dois.

Em segundo lugar, é fácil perceber que essas coisas não são ditas na igreja, cujas coisas devem ser proferidas com intenções e vocábulos muitíssimo

decorosos, se bem que em suas histórias, bem diferentes das escritas por mim, se encontrem muitas delas; também não são ditas nas escolas dos filósofos, onde se exige decoro não menos que em qualquer outra parte; portanto, não são ditas entre eclesiásticos nem entre filósofos, mas nos jardins, em lugar de entretenimento, entre pessoas jovens, embora amadurecidas e não influenciáveis por novelas, num tempo em que fugir com as bragas na cabeça[210] não desconvinha aos mais decorosos.

Tais coisas, sejam elas quais forem, podem ser prejudicais ou proveitosas, assim como todas as outras coisas, dependendo de quem as ouve. Quem não sabe que o vinho é ótimo para os mortais, segundo Cinciglione, Scolaio[211] e vários outros, e nocivo a quem tem febre? Mas só porque faz mal a quem tem febre diremos que é ruim? Quem não sabe que o fogo é utilíssimo, aliás, necessário aos mortais? Mas só porque incendeia casas, aldeias e cidades diremos que é ruim? As armas defendem a vida daqueles que querem viver pacificamente, mas também matam com frequência, não por causa de sua própria maldade, mas daqueles que as usam com maldade.

Nenhuma mente corrompida jamais entendeu saudavelmente palavra alguma; e, assim como as palavras honestas não lhe são úteis, as que não são lá muito honestas não podem contaminar as mentes bem formadas, como o lodo não contamina os raios solares, nem as imundícies da terra contamina as belezas do céu. Que livros, que palavras, que letras são mais santas, mais dignas, mais veneráveis que as das Santas Escrituras? No entanto, houve muitos que, entendendo-as perversamente, delas extraíram sua própria perdição e a alheia. Cada coisa em si mesma é boa para algo, mas quando mal empregada pode ser nociva para muitas outras coisas; o mesmo digo de minhas novelas. Quem delas quiser extrair má orientação ou más ações não será por elas impedido, se é que elas contêm tais coisas ou são distorcidas e forçadas a tê-las; e a quem quiser extrair delas utilidade e frutos elas não os negarão; e nunca deixarão de ser vistas ou consideradas úteis e decorosas, se forem lidas no tempo ou pelas pessoas para os quais foram contadas. Quem quiser desfiar rosários, ou fazer bolo de castanha ou torta para seu confessor, que faça: minhas novelas não correrão atrás de ninguém para serem lidas; se bem que as carolas dizem e também fazem certas coisinhas de vez em quando.

Algumas senhoras também dirão que aqui se encontram algumas novelas que bem melhor seria se não se encontrassem. Que seja. Mas eu só podia e devia escrever as que foram narradas, e por isso quem as contou deveria contá-las bonitas, e eu as teria escrito bonitas. Mas, mesmo que se pressuponha que fui

inventor e autor delas (o que não fui), digo que não me envergonharia se nem todas fossem bonitas, pois não existe mestre, afora Deus, que faça tudo bem e perfeitamente; e Carlos Magno, que foi o primeiro fazedor de paladinos, não soube criá-los em número suficiente para com eles fazer um exército.

Na multidão das coisas é preciso encontrar coisas de diferentes qualidades. Nenhum campo jamais foi tão bem cultivado que nele não se encontrasse urtiga, tríbulo ou algum espinheiro misturado às ervas melhores. Sem contar que, para falar a simples mocinhas, como é a maioria, seria tolice sair procurando e esforçar-se por encontrar coisas muito rebuscadas, tendo o cuidado de falar com todas as medidas. No entanto, quem vai lendo tais novelas que deixe de lado as que ofendem e leia as que deleitam. Para que ninguém se sinta enganado, todas elas trazem na fronte aquilo que têm escondido no seio.

Creio que também haverá quem diga que há novelas longas demais. A essas pessoas digo que a quem tiver outra coisa para fazer é loucura ler tais novelas, ainda que fossem breves. E, apesar de ter-se passado muito tempo desde que comecei a escrever até este momento em que chego ao fim de meu trabalho, nem por isso me fugiu da memória que ofereci este meu afã às ociosas, e não às outras; e a quem lê para passar o tempo nenhuma história pode ser longa, pois está cumprindo o fim para o qual é usada. As coisas breves são muito mais adequadas aos estudiosos (que não se esforçam para passar o tempo, mas sim para empregá-lo de maneira útil) do que às senhoras, que têm tanto mais tempo de sobra quanto menos tempo despendem nos prazeres amorosos. Além do mais, como nenhuma das senhoras vai estudar em Atenas, Bolonha ou Paris, convém falar-lhes mais extensamente do que se fala a quem refinou a mente nos estudos.

E não duvido que para outras as coisas ditas pareçam excessivas, cheias de chistes e balelas, não sendo conveniente a um homem de peso e cheio de gravidade tê-las escrito dessa maneira. A essas sou obrigado a agradecer e agradeço, pois seu bom zelo as leva a preocupar-se com minha fama. Mas a essas me oponho com a seguinte resposta: confesso que sou de peso, e muitas vezes na vida o fui; por isso, falando àquelas que não me pesaram, afirmo que não tenho gravidade; ao contrário, sou tão leve que flutuo na água; e, considerando que as pregações feitas pelos frades, para encherem as pessoas de remorsos por suas culpas, na maioria das vezes estão hoje cheias de chistes, balelas e pilhérias, considerei que essas mesmas coisas não ficariam mal em minhas novelas, escritas que foram para afugentar a melancolia das mulheres. No entanto, se por isso estas rirem demais, o lamento de Jeremias, a paixão do Salvador e as lamúrias de Madalena poderão curá-las facilmente.

E quem poderá duvidar de que haja também aquelas segundo as quais minha língua é má e venenosa, pois em lugar algum escrevo a verdade sobre os frades? Às que dizem isso cabe o perdão, pois não é de se crer que sejam movidas por outra coisa que não seja a justa razão, uma vez que os frades são boas pessoas que fogem do desconforto por amor a Deus, põem o moinho a funcionar sempre com água represada[212] e não dão com a língua nos dentes; e, não fosse porque todos cheiram um pouco a bode, seria bem mais agradável o seu comércio.

Admito, porém, que as coisas deste mundo não têm estabilidade alguma, que estão sempre mudando, e é isso o que poderia ter acontecido com a minha língua; pois, embora eu não acredite nos meus julgamentos – que evito ao máximo quando se trata de mim mesmo –, há não muito tempo uma vizinha me disse que minha língua é a melhor e mais doce do mundo; na verdade, quando isso aconteceu, faltavam poucas novelas para serem escritas. Então, para as que dizem tais coisas com animosidade, quero que isto lhes baste como resposta.

Então, deixando que cada uma diga e creia como quiser, está na hora de pôr fim às palavras, agradecendo humildemente Àquele que, depois de tão longo trabalho, conduziu-me, com sua ajuda, ao fim desejado. E que as amáveis senhoras, com Sua graça, fiquem em paz e se lembrem de mim, se algum pouco lhes tiver valido a leitura destas novelas.

Aqui termina a décima e última jornada do livro chamado Decameron, *cognominado príncipe Galeauth.*

---

209 Palavras todas que na época tinham sentido ambíguo. (N.T.)
210 Ver segunda novela da nona jornada. (N.T.)
211 Dois beberrões da época. (N.T.)
212 Para essa metáfora, ver também segunda novela da oitava jornada. (N.T.)

Texto de acordo com a nova ortografia.

Título original: *Decameron*

Capa: Ivan Pinheiro Machado. *Ilustração*: Boccaccio lê o *Decameron* para a rainha Giovanna de Nápoles, 1849. Óleo sobre tela de Gustaf Wappers (1803-1874), Musées Royaux des Beaux-Arts, Bruxelas, Bélgica. © akg-images/Akg-Images/Latinstock
Tradução: Ivone C. Benedetti

Introdução: Carlos Berriel

Revisão: Lia Cremonese e Patrícia Yurgel

CIP-Brasil. Catalogação na Fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

B643d

Boccaccio, Giovanni, 1313-1375
Decameron / Giovanni Boccaccio; tradução Ivone C. Benedetti. – 1. ed. – Porto Alegre, RS: L&PM, 2013.

Tradução de: *Decameron*
ISBN 9978.85.254.2985-8

1. Romance italiano. I. Benedetti, Ivone C. II. Título.
13-03374 CDD: 853
CDU: 821.131.3-3

© da tradução, L&PM, 2013
Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores

Rua Comendador Coruja, 314, loja 9 – Floresta – 90220-180
Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777

Pedidos & Depto. comercial: vendas@lpm.com.br

Fale conosco: info@lpm.com.br
www.lpm.com.br

Table of Contents

Introdução
Prefácio
Primeira jornada
- Primeira novela
- Segunda novela
- Terceira novela
- Quarta novela
- Quinta novela
- Sexta novela
- Sétima novela
- Oitava novela
- Nona novela
- Décima novela

Segunda jornada
- Primeira novela
- Segunda novela
- Terceira novela
- Quarta novela
- Quinta novela
- Sexta novela
- Sétima novela
- Oitava novela
- Nona novela
- Décima novela

Terceira jornada
- Primeira novela
- Segunda novela
- Terceira novela
- Quarta novela
- Quinta novela
- Sexta novela
- Sétima novela
- Oitava novela
- Nona novela
- Décima novela

- Quarta jornada
  - Primeira novela
  - Segunda novela
  - Terceira novela
  - Quarta novela
  - Quinta novela
  - Sexta novela
  - Sétima novela
  - Oitava novela
  - Nona novela
  - Décima novela
- Quinta jornada
  - Primeira novela
  - Segunda novela
  - Terceira novela
  - Quarta novela
  - Quinta novela
  - Sexta novela
  - Sétima novela
  - Oitava novela
  - Nona novela
  - Décima novela
- Sexta jornada
  - Primeira novela
  - Segunda novela
  - Terceira novela
  - Quarta novela
  - Quinta novela
  - Sexta novela
  - Sétima novela
  - Oitava novela
  - Nona novela
  - Décima novela
- Sétima jornada
  - Primeira novela
  - Segunda novela
  - Terceira novela
  - Quarta novela
  - Quinta novela

- Sexta novela
- Sétima novela
- Oitava novela
- Nona novela
- Décima novela

Oitava jornada
- Primeira novela
- Segunda novela
- Terceira novela
- Quarta novela
- Quinta novela
- Sexta novela
- Sétima novela
- Oitava novela
- Nona novela
- Décima novela

Nona jornada
- Primeira novela
- Segunda novela
- Terceira novela
- Quarta novela
- Quinta novela
- Sexta novela
- Sétima novela
- Oitava novela
- Nona novela
- Décima novela

Décima jornada
- Primeira novela
- Segunda novela
- Terceira novela
- Quarta novela
- Quinta novela
- Sexta novela
- Sétima novela
- Oitava novela
- Nona novela
- Décima novela

Conclusão do autor